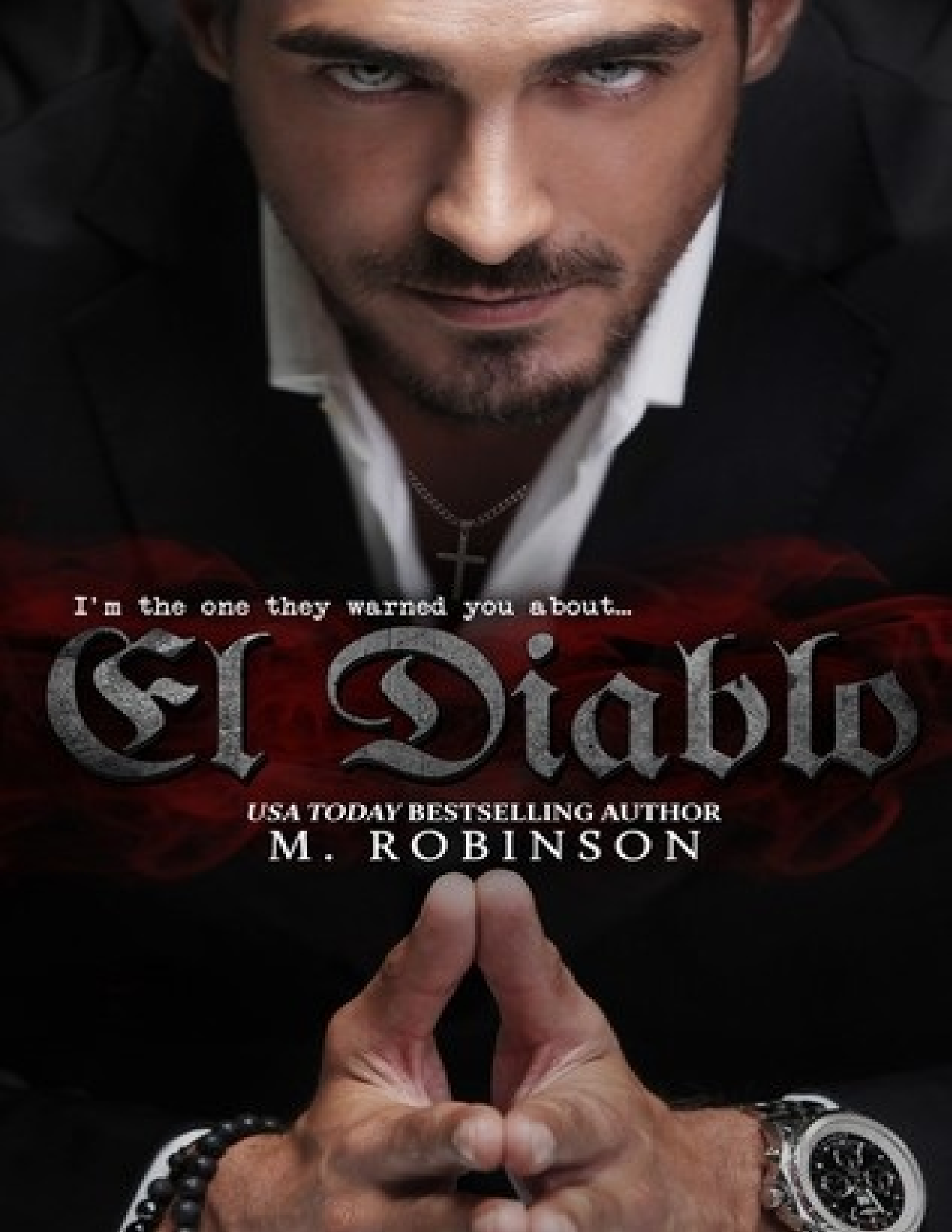

I'm the one they warned you about...
El Diablo
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
M. ROBINSON

El Diablo

Série the Devil #01

Spin off da Série The Good Ol' Boys

M. Robinson


Rhealeza

STAFF

TRADUÇÃO: SELENE

REVISÃO FINAL: DIANA/ PERSEFONE

LEITURA FINAL: HERA /CIBELE

FORMATAÇÃO: SELENE/CIBELE

DISPONIBILIZAÇÃO: CIBELE

09/2016

SINOPSE

EU ERA IMPLACÁVEL. EU ERA TEMIDO.

EU TINHA SACRIFICADO. A MIM MESMO. A ELA. TUDO...

VIVER EM UM MUNDO ONDE EU VALIA MAIS MORTO DO QUE VIVO ERA UMA ESCOLHA. EU ERA UM HOMEM MAU, NUNCA REIVINDIQUEI SER QUALQUER OUTRA COISA. JÁ FIZ COISAS QUE EU NÃO ME ORGULHO. VI COISAS QUE NÃO PODEM SER ESQUECIDAS.

EU CAUSEI DOR QUE EU NÃO POSSO REMEDIAR.

FOI TUDO MINHA ESCOLHA.

CADA DECISÃO. CADA ORDEM.

CERTO E ERRADO NUNCA IMPORTOU.

ATÉ ELA.

ELA ESTAVA SOB A MINHA PROTEÇÃO, ATÉ QUE ELA SE TORNOU MINHA OBSESSÃO.

MAS QUEM A SALVARIA... DE MIM. EU. O PRÓPRIO DIABO.

O DESTINO NOS UNIU. O DESTINO NOS DESTRUIU.



PRÓLOGO

Martinez

Eu me inclinei para trás, indiferente, colocando minhas mãos nos bolsos da minha calça. Olhei para cima e para baixo com uma pose ameaçadora. —Você já segurou uma arma antes? — Eu zombei, inclinando a cabeça para o lado.

—Por favor... Martinez... Por favor... Simplesmente pare...

Eu maliciosamente sorri. Não havia nenhuma maneira no inferno que eu fosse parar. Eu estava apenas começando, porra, começando. —Suas mãos estão tremendo. Primeira regra ao segurar uma arma. Nunca deixe seus inimigos verem o seu medo. Isso só faz de você um maldito maricas. Então, qual é o seu próximo passo? Estou bem aqui. —Eu ergo meus braços para os lados. Estufo meu peito para frente. —Esta é a sua chance de se livrar de mim. Faça! Puxe a porra do gatilho! Faça! —Eu violentamente joguei a isca. Não dando mais importância.

—Pare! Por favor! Porra, pare!

—Eu sou um homem mau! Eu fiz coisas imperdoáveis. Aqui está sua chance! Porra, pegue a chance! E me envie direto para o inferno do caralho! Agora!

Eu sempre soube que esse dia chegaria. Eu tinha cometido tantos malditos erros ao longo da minha vida, mas esse momento nunca seria um deles. Eu vivi muito mais tempo do que eu jamais pensei que conseguiria. Sempre esperando que eu conhecesse o criador por mãos amorosas, mas nem sempre conseguimos o que queremos.

Eu tinha matado.

Eu tinha vingado.

Eu tinha amado.

Eu tinha destruído vidas, e agora era a minha vez de pagar por ser a porra do Anjo da Morte, tirando vidas que não pertenciam a mim. Eu nunca pensei que minha vida acabaria assim.

Deitado em uma poça do meu próprio sangue maldito.

Provocando o meu assassino para puxar a porra do gatilho.

PARTE 1

Capítulo 1

Martinez

—Vamos, Martinez. As meninas estão esperando por nós. —Meu amigo Leo grita pela décima vez, porra.

—Tudo bem, mantenha a boca fechada. Estou chegando. Além disso, você sabe que elas vão esperar por nós a noite toda. —Eu respondi com um sorriso arrogante enquanto eu caminhava em direção à porta dos fundos, cuidando para garantir que os guarda-costas e câmeras que foram instaladas em toda a casa não nos vissem.

—Alejandro! Você não tem permissão para sair. Papai avisou. Ele não gosta que você saia de casa quando ele não está por perto, especialmente sem levar um guarda-costas com você. —Amari me repreendeu enquanto agarrava o meu braço, me impedindo de sair.

Minha irmã mais velha, Amari, sempre foi um perfeito anjinho. Eu, por outro lado, era o diabo. Eu acho que meu pai ficava secretamente orgulhoso quando eu agia assim, mas ele nunca manifestou isso e nunca deixou isso transparecer, mantendo o fingimento, que era o que ele tinha de melhor. Ele me criou e me moldou para assumir seu império desde o dia em que nasci, como todas as gerações dos homens Martinez antes de mim. Eu tinha quatorze anos, quase quinze anos, mas ser uma criança não estava nas cartas para mim. Foi por isso que aproveitei todas as oportunidades para fazer o que diabos eu quisesse, especialmente quando não havia alguém constantemente na minha bunda me dizendo o que eu não podia fazer. Eu não dava a mínima se fosse castigado. Eu sabia que tinha apenas alguns anos para viver uma vida seminormal, e eu aproveitei cada chance que eu pude.

Amari era um ano e meio mais velha do que eu, embora isso não tivesse nenhuma importância. Ela sempre agiu como se fosse mais jovem do que sua verdadeira idade. Ela sempre fugia para minha cama

desde que eu conseguia me lembrar, porque cada pequeno som na noite a assustava. Eu não tinha o luxo de estar com medo. O medo não era uma parte da vida que era esperada que eu conhecesse. Era apenas uma questão de tempo até que eu fosse o único que a assustaria também.

Exatamente como nosso pai.

Ele chamava isso de respeito, mas eu sabia que não era nada mais do que intimidação. Amari sempre foi fraca, e isso incomodava nosso pai, de maneira que eu tinha que compensar. Eu tinha que protegê-la mesmo que eu fosse mais jovem.

—Eu não quero você se metendo em confusão, Alejandro. — Sophia murmurou alto o suficiente para eu ouvir.

Eu sorri. Virando a atenção para longe de Amari, meus olhos encontraram Sophia que estava de pé no final do hall de entrada.

Sophia era a melhor amiga da minha irmã. Eu sempre pensei que sua amizade não era convencional, porque ela tinha a minha idade. Seus olhos verde-claro, lábios carnudos, e cabelo castanho escuro longo, estavam causando coisas em mim desde a primeira vez em que a vi há alguns anos. Ela morava num bairro mais pobre, por assim dizer. Ela estudou na nossa escola particular em Nova Iorque com uma bolsa oferecida a um número seleto de habitantes de baixa renda, crianças com notas excepcionais. Minha irmã a acolheu imediatamente. Odiava ouvir as piadinhas pretensiosas em nossa escola.

Amari e eu tínhamos isso em comum.

Leo e eu tínhamos sido amigos desde o primeiro dia de escola. Ele era um garoto nerd que estava sendo atormentado por todos os meus chamados *amigos*. Um dia, estávamos todos de pé na frente de nossos armários antes do primeiro sino tocar para a aula, apenas conversando. Os meninos estavam discutindo sobre quem chegava mais longe com Catherine “Grandes Tetas” St. James. Eu estava muito focado em assistir Sophia tentando alcançar a prateleira de cima de seu armário no corredor, não lhes dando qualquer atenção.

—Bem, olha o que temos aqui, meninos. —Jimmy anunciou. Tínhamos ido para a escola juntos desde que éramos pequenos. Virei-me para ver de quem ele estava falando. Cinco armários adiante estava um garoto magricela com óculos. Parecia que ele não pertencia à nossa escola. Jimmy foi correndo até ele, batendo nos livros de suas mãos.

—Você está perdido? A escola para crianças menos privilegiadas está do outro lado da cidade.

Leo o ignorou, pegando seus livros.

O sino tocou, avisando para ir para a aula. Jimmy e alguns outros caras empurraram Leo para dentro de seu armário, o fecharam, e foram embora rindo. Não preciso dizer que Jimmy e os meninos não estavam rindo quando a aula terminou. Fiz questão de colocar todos em seus devidos lugares, e ordenei a eles para não foderem com Leo nunca mais. Senão... Havia algo sobre esse garoto, e até hoje eu não sei o que me fez ir em seu socorro.

Depois disso, ele se tornou um elemento permanente em minha vida. Ele ainda era um garotinho nerd, mas já não importava. Minha amizade era o seu escudo. Ninguém se atreveria a ferrar com ele. Mesmo com aquela idade, eu nunca vacilava ao tomar uma decisão. Eu tinha certeza do queria quando falava, e eu falava exatamente o que eu queria. Eu nunca me desculpei por quem eu era ou minhas ações. As pessoas poderiam pegar ou largar. Eu não dava a mínima. Minha atitude de não dar importância só fazia as pessoas quererem se aproximar mais, quando na realidade, elas deveriam ficar o mais longe possível de mim.

Todo mundo sabia quem era meu pai, e eles me temiam por causa disso.

Eu nunca tinha sido um fã daqueles que caçavam os fracos. Talvez fosse porque eu visse tanta fraqueza na minha irmã. Eu sacrificaria tudo, só para protegê-la, se necessário. Meu pai sabia que Amari não era como nós, e era por isso que eu nunca tinha permissão para sair de casa quando eles não estavam por perto. Isso nunca fez qualquer sentido aos meus olhos. Sempre havia guarda-costas em todos

os lugares, apenas esperando para puxar o gatilho, se a merda batesse no ventilador. Presumi que estavam sendo pagos com uma porrada de dinheiro para fazerem um trabalho que meu pai parecia mais inclinado a me dar.

—Amari, eles não vão estar de volta até tarde. Se eles ainda voltarem para casa. Eles foram na inauguração de alguém ou alguma merda assim. —Eu respondi, puxando meu braço para fora do seu alcance.

—Você não está cansado de ser castigado o tempo todo? Porque você não pode apenas ouvir? Não é tão difícil. —Ela falou, agitando as mãos no ar.

—Basta manter a boca fechada. Se eles chegarem em casa, você não me viu.

—Eu sou uma mentirosa terrív...

—*Carajo, Amari! Haga lo que le digo pues*. —Eu gritei. —Caralho, Amari! Faça o que eu mandei. —Eu estava irritado com sua persistência.

Ela suspirou, olhando para longe de mim.

Ela odiava quando eu gritava com ela. Nosso pai fazia isso o suficiente. Ele acreditava no amor bruto. Abraços e beijos eram poucos e distantes entre si. Nós raramente ouvíamos as palavras “eu te amo” de sua boca. Nossa mãe era a única pessoa que nos mostrava amor, ternura e carinho.

Dei um passo em direção à Amari, agarrando levemente seu queixo, forçando-a a olhar para mim novamente. Ela olhou para mim através de seus cílios. Eu sabia o que significava realmente. Ela temia que algo fosse acontecer comigo. Ela se preocupava constantemente sobre tudo. Especialmente que o mal pudesse vir a ela se eu não estivesse por perto.

—Eu vou ficar bem. Você vai ficar bem. Eu prometo, você tem novos capangas do papai aqui. Eu não vou voltar tão tarde.

Eu beijei sua testa, olhando uma última vez para Sophia antes de me virar e sair. Eu poderia dizer que ela queria perguntar aonde eu ia, mas ela sabia bem. Eu pisquei para ela com um sorriso malicioso, e ela cautelosamente sorriu. Não foi até mais tarde naquela noite que eu desejei nunca ter saído de casa, e pela expressão no rosto de Sophia, ela sabia que minha irmã me esperaria por um longo tempo.

* * *

—Seu fodido, estou tão atrasado. Se meu pai me pega, é minha bunda que ele vai colocar para fora, Leo. —Eu disse, lhe dando um olhar mortal.

Essas meninas definitivamente não valiam a merda na qual eu estaria, se meus pais chegassem em casa antes de mim. Claro, minha mãe tentaria me defender como sempre fazia, mas não importava. No final do dia, o que meu pai dizia era o que contava, fim da história. A palavra do marido era a lei em casamentos hispânicos. A esposa era subserviente ao seu marido. Ela criava as crianças, fazia com que a casa estivesse limpa, e o jantar estivesse sobre a mesa todas as noites. Agora, adicione o fato de que meu pai era um chefe do crime, e você verá a imagem. Ele era um dos homens mais temidos e odiados no mundo, mas para a minha mãe, ele era Deus.

Ele riu, jogando a cabeça para trás enquanto nós pedalávamos nossas bicicletas o mais rápido que podíamos.

—Sente esse cheiro? — Leo perguntou com um sorriso convencido.

—Cheiro de quê?

—Pra mim cheira a maricas. —Ele riu.

—Eu sou um maricas? Quem teve que salvar sua bunda pesarosa uma vez a muito tempo? Eu com certeza não era um maricas, então, além disso, você não saberia o cheiro de uma buceta nem se ela estivesse sentada em seu rosto, porra.

—Relaxe, eles não estão em casa, e só passou das duas horas da

manhã. Eu nunca vi seu pai sair de uma festa antes dela terminar. Ele sabe que não se deve virar as costas a ninguém. —Ele riu. —Tudo bem, *bro*, esta é a minha rua. Falo com você amanhã.

Leo desapareceu na escuridão enquanto eu pedalava ainda mais forte e mais rápido. Orando que eu chegasse a tempo. Meu coração estava batendo forte no meu peito, suor escorrendo em minhas têmporas. Minha mente já estava acelerada, imaginando cada punição que isso poderia trazer para mim.

Abri a porta do lado da garagem, dando um suspiro aliviado quando vi que sua limusine ainda estava ausente. Olhando para o meu relógio, eu calculei onde as câmeras estariam focando naquela área. Eu tinha escapado vezes o suficiente para saber que elas estavam em uma rotação de quinze minutos. Eu calmamente entrei, certificando-me de que nenhum dos idiotas do meu pai estivesse ao redor. Quando a barra estava limpa, eu corri até a escada dos fundos, dando três passos de cada vez até o quarto de Amari. Eu queria que ela soubesse que eu estava em casa, seguro, uma vez que ela provavelmente tinha passado a maior parte da noite se preocupando comigo.

—Amari? Sophia? —Eu sussurrei, levemente batendo na porta do quarto algumas vezes. —Estou em casa. —Eu falei, batendo novamente antes de abrir a porta. —Eu estou entrando. Vocês estão acordadas?

Mais silêncio.

Olhei ao redor do quarto escuro e não as encontrei em qualquer lugar. Sua cama ainda estava arrumada desde esta manhã. —Onde diabos elas estão?

— Perguntei a mim mesmo.

Amari odiava ficar acordada até tarde, ela sempre foi uma madrugadora. Algo não estava certo. Um sentimento perturbador inquietante, que eu não podia descrever, tomou conta de mim. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, meu corpo virou, movendo-se por vontade própria. Eu corri para fora do quarto, passando pelo corredor longo e estreito em direção ao meu quarto. Tudo o que eu podia ouvir

eram os sons dos meus passos ecoando nas paredes. Meus sapatos batiam no chão, um após o outro. Eu não podia chegar ao meu quarto rápido o suficiente.

—Amari! — Eu estava gritando seu nome antes de eu sequer ter entrado em meu quarto. —Amari, onde diabos você está? —Eu gritei, quando encontrei o meu quarto vazio, também.

Nossa casa era enorme, mas nós nunca nos afastamos muito para longe dos nossos quartos. Eles eram os únicos cômodos da casa sem as câmeras que observavam cada movimento nosso. Pelo menos isso é o que nossa mãe nos disse. Quem sabe se era verdade. Eu corri para fora do meu quarto como um morcego fugindo do inferno, precisando desesperadamente descobrir onde minha irmã e Sophia estavam. Se algo de ruim acontecesse com elas, eu seria responsável. Eu fui a pessoa que fez a escolha de deixá-las em casa sozinhas com os guarda-costas.

A sensação de mal estar no estômago intensificou a cada pensamento ameaçador cruzando minha mente. Eu corri mais rápido, só parando para verificar os cômodos. O silêncio era ensurdecedor em torno de mim. Eu nunca percebi o quão tranquila nossa casa era à noite, ou como cada pequena sombra simplesmente aumentava a escuridão à espreita em cada esquina em que eu passava correndo. Os únicos sons que podiam ser ouvidos, eram da respiração saindo do meu corpo. Minha adrenalina derramava forte em mim, enquanto cada cômodo que eu olhava estava vazio.

—Amari! Sophia! —Eu gritei, sabendo que era inútil. As paredes em nossa casa eram todas à prova de som.

Parei na sala de estar, curvando com as mãos sobre os joelhos, arfando ao ponto de dor. Depois de verificar cada polegada da casa, não havia ninguém para ser encontrado.

Não havia guarda-costas.

Sem Sophia.

Sem Amari.

Apenas eu.

—Que porra é essa? —Eu respirei, olhando ao redor da sala, confuso, como se elas fossem aparecer, de repente, no ar.

Senti meu rosto pálido. Todo o sangue foi drenado do meu corpo, causando arrepios em tudo. Estremeci, de repente, com frio. Os cabelos em meus braços estavam em pé quando eu percebi que a única sala que eu não tinha verificado era o escritório do meu pai. Recebemos a ordem de nunca ir lá, a menos que ele solicitasse nossa presença. Antes que eu pensasse mais, eu corri para o outro lado da casa. Freneticamente tentando ignorar a sensação nervosa e o medo que eu sentia na boca do estômago, e me concentrei na tarefa em mãos.

Meu coração batia tão forte que eu achei difícil respirar. Minha mente corria, e meu peito arfava a cada momento que passava, aumentando a cada passo, trazendo-me mais perto de seu escritório. O pânico começou a se estabelecer, e eu não conseguia mais controlar meus pensamentos. Eu ansiosamente tentei encontrar a minha determinação.

Eu era um Martinez.

Não a porra de um maricas.

Mas eu ainda era uma criança que tinha pavor de deixar algo acontecer com minha irmã e Sophia. Não haveria como voltar atrás. Eu sabia disso antes de chegar ao seu escritório. Tudo passou em câmera lenta como se fosse um sonho. Corri para a porta, alcancei a maçaneta, girei-a e abri a porta com força. Ela fez um baque forte, uma vez que ricocheteou na parede de trás. Eu parei quando vi a cena brutal na minha frente.

Minha noite rapidamente se transformou em meu pior pesadelo do caralho.

Capítulo 2

Martinez

Dois pares de olhos escuros e sem alma se voltaram para a minha direção quando eu foquei na imagem que sempre me assombraria. Na penumbra, pude ver Sophia se debatendo no chão de madeira no meio da sala. Sua delicada estrutura pequena era refém contra sua vontade pelos dois homens que deveriam estar nos protegendo. Um guarda-costas estava prendendo suas mãos no chão e cobrindo a boca para abafar seus gritos. O outro pairava sobre ela, abrangendo suas coxas com sua calça abaixada em suas pernas.

Bile imediatamente subiu na minha garganta, enquanto eu estava prestes a testemunhar a sua inocência sendo grosseiramente arrancada dela. Seus olhos estavam fechados como se ela estivesse tentando fingir que estava em outro lugar. Seu belo rosto estava vermelho e inchado com hematomas já se formando. Lágrimas escorriam pelo seu rosto espancado enquanto ela lutava para se libertar. Sua camisa estava rasgada revelando seu sutiã branco, manchado de sangue. Uma alça estava rasgada e pendurada em seu braço. Sua calcinha e short estavam amassados em seus tornozelos, restringindo-a de fazer qualquer movimento com as pernas.

Levei segundos para olhar sobre cada polegada de seu corpo quebrado. Era como se eu quisesse enraizar isso em minha memória. Os olhos do guarda-costas ficaram focados em mim naquele momento, e meus olhos ficaram presos nela. Desesperadamente esperando que tudo isso fosse apenas um sonho ruim, desejando que eu acordasse. Só que eu sabia no meu coração que não era, e eu permiti que isso acontecesse.

A mão do guarda afastou-se da boca de Sophia, permitindo que um grito devastador escapasse. Senti o som entranhar dentro dos meus ossos, ressoando e fazendo deles sua própria casa.

—Ajude-me! Alguém por favor, me ajude! —Ela gritou alto o suficiente para causar dor nos meus ouvidos. —Amari! Por favor, me ajude!

—Cale a boca! —O guarda-costas que segurava os pulsos dela rosnou.

—Você está pedindo para ela ajudá-la?! Estúpida, puta! Você não vê? Ela é tão fraca e assustada, ela não pode nem mesmo se ajudar. Merda, não tive que sequer amarrá-la. Vou te contar um pequeno segredo, nós a pegamos antes, mas ela não foi divertida. Você, por outro lado, é tão mal-humorada. Um brinquedo muito melhor para brincar. Mas não se preocupe, a sua vez está chegando. Depois que cuidar do seu irmão maricas.

Engoli em seco. Juro que meu coração parou de bater quando eu lembrei que ainda não tinha encontrado minha irmã. Meu olhar atravessou a sala, procurando freneticamente por ela nos cantos escuros deste inferno. Não demorou muito para eu encontrá-la. Ela estava sentada no canto mais distante da sala com os braços envolvidos em torno de suas pernas, agarrando-as forte contra o peito. Ela parecia tão pequena e assustada, como se ela estivesse tentando moldar-se na parede e no chão. Ela balançava muito, mas seu olhar petrificado nunca vacilava de Sophia. Lágrimas manchadas de sangue escorriam pelo seu rosto machucado. Meus olhos rapidamente digitalizaram seu corpo, imediatamente percebendo que suas roupas ainda estavam intactas. Por um segundo, isso me deu uma falsa sensação de segurança, que eles não tinham tocado nela... Ainda.

Ela não tinha percebido que eu estava na sala, o que me fez pensar que ela estava em choque. Ao vê-la neste estado, me deu a coragem que eu precisava para continuar. Meu olhar voltou para os homens que estavam congelados no lugar, ambos tentando descobrir qual era o meu próximo passo. Eu não conseguia ler as expressões neutras no rosto dos bastardos. Era como se eles não tivessem uma alma, uma consciência, ou uma grama de remorso ou compaixão para com o que estavam fazendo.

Foi a primeira vez na minha vida que eu testemunhei o mal na

forma verdadeira. Sophia e a inocência de Amari não foram as únicas coisas tomadas naquela noite.

Eu não era mais um menino.

Um garoto.

Uma criança.

Raiva rapidamente substituiu cada sentimento, cada emoção e cada pensamento que já tinha passado pela minha cabeça em um flash, como se nunca tivessem existido nada antes.

E tudo que eu vi foi vingança.

—Cai fora de cima dela. —Eu apertei a mandíbula. Meus punhos fecharam a ponto de doer em meus lados.

Os olhos de Sophia se abriram quando ela ouviu a minha voz ressoar através da sala, levantando a cabeça do chão para me ver. Ela começou a chorar mais forte quando deixou cair a cabeça para trás, incapaz de segurá-la por muito tempo.

—Que porra você vai fazer, rapaz? — O guarda-costas que pairava sobre Sophia rosnou, levantando-se e enfiando seu pau na calça. Eu resisti à vontade de olhar para Sophia, revoltado com o que veria entre suas pernas.

—Marco, deixe-a ir. —Ele ordenou ao cara que segurava os pulsos de Sophia.

Marco cumpriu, liberando suas mãos. Sophia ficou de quatro, rastejando o mais rápido que podia até Amari, que ainda não se moveu ou fez nenhum som. Eu soltei um suspiro de alívio, sabendo que Sophia estava segura por agora.

—Você cometeu um grande erro ao voltar aqui esta noite. A diversão estava apenas começando, menino. Não era, John? —Marco zombou, de pé ao lado do outro filho da puta.

Eu era mais alto, e não recuei. Eu tinha 1,75 de altura e pesava 73

quilos. Eu era forte como meu pai, e maior do que a maioria dos rapazes da minha idade, o que me dava uma vantagem.

—Por que você apenas não foge, menino. —John zombou. —Ou espere, melhor ainda. Marco, agarre-o, eu acho que devemos mostrar a este pequeno merdinha como um homem de verdade fode.

Eu não vacilei. —Um homem de verdade não teria de estuprar uma menina. Mas, a julgar pelo tamanho do seu pau, eu posso ver por que as mulheres da sua idade não vão voluntariamente foder com você.

—Seu pequeno merdinha. —John rosnou, caminhando até as meninas.

Eu estava em cima dele em quatro passos, esquivando-me das mãos de Marco que estava tentando me segurar. Bem diante da face de John, eu rosnei.

—Você as toque uma vez mais, porra, e eu vou...

—O que? Você o quê? O que você vai fazer, rapaz? Seu pai não está por perto para salvar qualquer um de vocês, desculpe. Ele já ligou, dizendo que não voltará para casa hoje à noite. Agora, feche a boca para que eu possa ter um gostinho da pequena buceta doce da sua irm...

Meu punho encontrou sua mandíbula antes que ele terminasse a última palavra. Sua cabeça foi jogada para trás, tirando seu equilíbrio pelo meu golpe inesperado em seu rosto. Ele cambaleou, segurando o queixo, antes de ele olhar para mim, cuspindo sangue no chão. Avaliando-me, pela primeira vez. Eu fazia kickboxe desde que aprendi a andar. Ninguém fodia com um Martinez, meu pai certificava-se disso.

—Você vai pagar por isso, seu pequeno filho da puta. —Advertiu, vindo para cima de mim, mas parou quando um tiro foi disparado, atingindo-o direto na perna.

O som de Amari e Sophia gritando e gemendo com toda força, trouxe a minha atenção para elas, encolhidas no canto, antes que eu pudesse descobrir de onde o tiro veio. Elas berraram mais forte e se abraçaram, colocando seus rostos no peito uma da outra.

John caiu no chão, segurando a ferida aberta na perna que jorrava sangue no chão.

—Filho da puta! —Ele gemeu em agonia.

Do canto do meu olho, eu vi Marco levantando as mãos no ar em um gesto de rendição, recuando lentamente. Um olhar de puro medo rapidamente apareceu. Virei-me, seguindo a direção de seu olhar petrificado.

—Que porra é essa? —Eu rosnei, travando os olhos em meu pai, que parecia fora do ar. Ele estava de pé na porta de seu escritório, ainda vestido com o smoking, com uma arma em cada mão. Uma delas estava apontada para Marco, a outra para John.

—Tsc, tsc, tsc. —Ele sussurrou, balançando a cabeça em desapontamento.

—Vocês não prestaram atenção, rapazes. Não estou pagando muito dinheiro? Vocês dois seus fodidos nem sequer me ouviram chegando. Oh, *yo lo sé*.

—Ele disse. —Oh, eu sei.

Ele olhou para as meninas sem emoção alguma. Ambas sentadas lá, abatidas e quebradas, e ele nem sequer perguntou se elas estavam bem. Você poderia pensar que sendo uma delas a sua própria carne e sangue, ele teria consolado sua filha, demonstrado algum tipo de emoção, mas não o meu pai. Ele estava lá como um bastardo de coração frio, como se ele não desse a mínima para quem elas eram. Ele podia ver com o que eu me deparei. Estava o olhando descaradamente na cara, mas ele se manteve calmo e recolhido. Imperturbável, como se visse esse tipo de cena na frente dele o tempo todo. Foi quando isso me atingiu como uma tonelada de tijolos. Este não era o meu pai, este era o chefe do crime que todo mundo temia. Eu nunca tinha realmente testemunhado a verdadeira natureza do meu pai até este momento.

Eu não aprenderia até mais tarde na vida, que você nunca deve permitir que seus inimigos vissem seus pontos fracos. Você poderia estar queimando por dentro, mas tinha que permanecer frio e sem

coração do lado de fora. Mesmo se toda a sua vida estivesse acabando na sua frente.

—Você gosta de pequenas meninas, idiota? Humm... *A usted le gustan las peladitas, cabron*? —Perguntou meu pai, repetindo a si mesmo e me trazendo de volta ao presente. —Eu lhe fiz uma pergunta. Por duas vezes, filho da puta. Não haverá uma terceira.

Marco baixou os braços. —Senhor, nós...

—Se você mover suas mãos novamente, eu vou dar um tiro em sua boca, porra. Agora, faça o que eu digo ou eu vou deixar os manos do Bronx fazerem um revezamento em seu *culo*. Você sabe o que é isso? Pensando bem, eu ainda posso. —Ele soltou uma risada gutural que ecoou pelas paredes do escritório.

—Chupa meu pau, Martinez. —John falou, cuspindo sangue na direção de meu pai. —Javier, ele envia seus cumprimentos.

Meu pai lentamente inclinou a cabeça para o lado com um sorriso, como se o nome significasse algo para ele.

Isso era retaliação por alguma coisa?

Ele casualmente caminhou até ele. Só parando quando estava a um pé de distância do rosto de John.

—Você gosta de estuprar meninas? Estuprar jovens bucetas? É essa a sua? Seu filho da puta nojento. —Ele não vacilou, chutando-o na garganta. John recuou, imediatamente ofegando por ar, debatendo-se sem saber se segurava a garganta ou a perna.

Amari e Sophia soltaram um grito, surpresas com as ações de meu pai. Dei um passo para frente para ir até elas, e ele apontou a arma em minha direção, me impedindo.

—Agora não é o momento, *hijo*. —Ele repreendeu, me chamando de filho, antes de virar a arma de volta para John. —Então, onde estávamos? Oh sim, você disse que queria que eu chupasse seu pau. Isso é o que você disse, certo? Para eu chupar seu pau?

John choramingou. —Não.

Meu pai se agachou ao seu nível, apontando o cano de ambas as armas em seu rosto.

—O que? Você não disse isso? Você disse que queria que eu chupasse seu pau. Foi o que você disse. Você está me chamando de mentiroso? Eu sou um mentiroso? Eu acredito que suas palavras exatas foram: “Chupa meu pau, Martinez”. Alejandro, este pedaço de merda me disse para chupar seu pau?

Fiquei ali balançando a cabeça, incapaz de encontrar a minha voz.

—O que ele disse, *hijo*?! —Ele gritou para eu responder-lhe.

—Ele disse, “Chupa meu pau, Martinez”.

—Isso é o que eu pensava. — Ele moveu as armas para o seu pau. —Puxe sua calça para baixo, John. Eu vou ser agradável. Mais agradável do que você foi com minha filha e sua amiga. Eu prometo que não vou atirar em seu pau. Eu vou deixá-lo com uma porra de bola. Vou até deixar você escolher. Faça uma escolha do lado. Você me diz, a direita ou à esquerda?

—Sinto muito, eu estou tão arrependido. —John gemeu.

—Você sabe que dizer “sinto muito” é um sinal de fraqueza? Onde está o homem que queria levar a virtude da minha filha e de sua amiga? Hã? Onde foi ele John? O cara que me disse para chupar o pau dele, ele se foi? *Eh coño*?

Do nada, eu vi o braço do meu pai balançar para cima e atrás dele, e seu rosto não desviou de John. Pisquei, seguindo a direção que ele estava apontando, quando outro tiro foi disparado, acertando em Marco diretamente na porra da testa. Espirrando os miolos pela parte de trás de sua cabeça, fazendo respingar no chão e nas paredes.

O tempo apenas parecia ter parado, nada se movia, inclusive eu. Bile queimava a parte de trás da minha garganta, ameaçando vir à tona. Sangue e morte pairavam no ar, um cheiro que sempre me assombraria.

Eu nunca tinha testemunhado alguém ser assassinado. Eu me lembraria dessa imagem pelo resto da minha vida.

Não havia como voltar, era agora uma parte de mim, gravado em minha vida, se eu quisesse ou não.

Seu corpo caiu no chão com um baque. Meu pai nem sequer se preocupou em virar-se para ver o que ele tinha acabado de fazer. Ele atirou, sem olhar, em um homem na cabeça, executando-o sem hesitação, sem aviso prévio, e sem qualquer remorso ou vergonha. Eu o invejava naquele momento. Ao vê-lo exercer todo o seu poder, me fez querer também, mas uma parte de mim estava com medo, e eu não estava pronto. Tantas emoções conflitantes surgiram em questão de segundos. Eu ainda não entendia o meu papel como um Martinez.

A vida que eu deveria levar um dia.

Os gritos das meninas ecoaram pelas paredes, vibrando através de cada fibra do meu ser. Eu queria me mover. Eu queria pegar minha irmã e Sophia e correr. Eu queria me esconder, mas meus pés estavam colados no chão maldito abaixo de mim.

—Seja homem, filho. Se recomponha. —Meu pai rugiu enquanto me entregava a arma. —Um já foi, mais um para ir, Alejandro.

Olhei dele para a arma nas minhas mãos trêmulas. Foi ali mesmo que eu soube que minha vida estava prestes a mudar para sempre.

—Você me olha nos olhos quando eu estiver falando com você.

Meu corpo começou a tremer quando olhei para os olhos verdes e vagos do meu pai, tentando como o inferno controlar o medo correndo por mim.

—Isso é o que fazemos, *hijo*. Nós protegemos o que é nosso por qualquer meio necessário. Não importa o que. A família vem primeiro.

Olhei para Amari e Sophia, que ainda estavam encolhidas como duas bolas no canto. Ambas olhavam fixamente para mim, esperando. Eu nunca tinha testemunhado um medo como esse antes, e eu não

sabia se era dirigido a mim ou ao que elas passaram esta noite.

Meus lábios começaram a tremer enquanto eu segurava as emoções que tentavam aflorar. Eu queria que o bastardo pagasse pelo que ele tinha feito para minhas meninas. Eu queria que ele sofresse como elas tinham. Eu não sei se isso me fazia um herói ou um vilão nesta história feia, mas, no final, isso não importava. Eu sabia o que queria fazer. Eu sentia no meu núcleo o que eu tinha que fazer, não pelo meu pai, e não pelas meninas...

Por mim.

—Olho por olho, Alejandro. Justiça é sempre feita assim na porra da rua.

John e eu encontramos nossos olhares. Pela primeira vez desde que este pesadelo começou, uma sensação de calma caiu sobre mim. Substituiu qualquer dúvida ou temor. As vozes da minha consciência foram silenciadas. Tudo que eu ouvia era o som da respiração de John a distância.

Eu sempre soube o meu destino, mas esta foi a primeira vez que eu realmente queria abraçá-lo.

O olhar em seus olhos me mostrou tudo o que eu precisava ver.

Eu levantei minha arma com a mão firme, fazendo com que seus olhos arregalassem, apontando-a diretamente para a testa.

—Você vai queimar no inferno por isso, rapaz. —John rosnou, cuspindo sangue novamente.

Eu sorri. —Bem, então, me guarde a porra de um assento.

Eu não pensei duas vezes, inclinei a arma e puxei o gatilho.

Silêncio.

As meninas não gritaram. Elas não fizeram um som. Elas apenas me olharam como se soubessem que John estava certo. Eu não me movi. Eu não ousava nem respirar. Tentando como o inferno me manter

firme. Até que Amari fechou os olhos, balançando a cabeça como se a matasse olhar para mim. Eu caí de joelhos, me curvando, ainda segurando a arma. A realização do que eu fiz foi como um balde frio de gelo sendo derramado sobre o meu corpo ardente. Meu pai não vacilou, mas aproximou-se e agarrou meu queixo, me fazendo olhar bem em seus olhos.

Eu nunca vou esquecer as palavras que saíram de sua boca.

—Você é um Martinez agora.

E eu era.

Capítulo 3

Martinez

As próximas semanas pareceram se arrastar, prolongando os pesadelos que assolavam minha mente desde que eu matei alguém. Era meu aniversário de quinze anos, e minha mãe convidou toda a nossa família e amigos para comemorar. Cada aniversário, a minha irmã e eu o transformávamos em uma grande festa, extravagante, mais para os nossos pais do que para nós. Nós nunca discutimos o que aconteceu naquela noite no escritório do meu pai. Fomos obrigados a seguir em frente. O incidente foi enterrado junto com os corpos, a sete palmos. Nestas últimas semanas, tudo mudou na minha vida.

Começando com a forma como a minha irmã olhava para mim, tão insensível e fria. Toda noite eu esperava que ela viesse ao meu quarto e buscasse proteção em mim como sempre fazia. Mas ela nunca veio. Eu não sei se ela me odiava porque eu a deixei naquela noite, ou porque matei alguém enquanto ela observava. De qualquer maneira, não havia como voltar atrás.

Nem para ela.

Nem para mim.

Nem para qualquer um.

Meu destino foi selado naquela noite.

Nós mal nos falávamos, não que eu tivesse muito tempo para falar com ela, de qualquer maneira.

Meu pai começou a me levar para suas reuniões. Negócios, era como ele chamava. Eu tinha que ver exatamente o que ele fazia do momento em que ele saía, até o momento em que ele chegava em casa, e até depois. Experimentar outra vida, outro mundo. Nada disso ainda chegava perto do que passava pela minha cabeça sobre o que ele fazia. Quando ele entrava em uma sala, todos se viravam e fechavam suas

malditas bocas. Esperando que ele se sentasse e falasse. Ele sempre estava sentado à cabeceira da mesa, e ninguém se atrevia a desafiá-lo por isso. Levava muito tempo para conhecer um homem, e nas últimas semanas, eu tinha aprendido muito sobre o meu pai, mas eu mal tinha começado a entender ou compreender algo disso.

Quando ele falava, todos escutavam.

Quando se movia, todos se afastavam.

Meu pai era deus em um mundo que não era nada, a não ser o inferno. A ironia não passou despercebida por mim.

—*Mi amor, aquí tienes*. —Disse minha mãe. — Meu amor, aqui está você.

—Quando ela me entregou seu presente.

—*Mamá*, você não tem que me dar nada. A festa foi o suficiente.

—Alejandro, que tipo de mãe eu seria se eu não comprasse ao *mi bebe* um presente? —Ela questionou em seu *Spanglish* (Espanhol e Inglês) que ela sempre falava.

—Eu não sou um bebê. —Eu simplesmente disse, balançando a cabeça.

Ela acariciou o lado do meu rosto com nada além de amor e devoção em seus olhos. Minha mãe era a mulher mais forte que eu já conheci. Tudo que faltava em meu pai sobrava em minha mãe. Eu acho que era por isso que o casamento deles funcionava tão bem. Eles tinham o equilíbrio perfeito.

—Você sempre será meu bebê, Alejandro. Mesmo quando você estiver casado e tiver seus próprios niños, *mi bebe para siempre*. —Acrescentou ela. —Meu bebê para sempre. —Com um sorriso carinhoso. —Agora, abra seu presente.

Eu rasguei o papel de embrulho e tirei a tampa de uma caixa de jóias quadrada. Um bracelete de contas negras estava colocado perfeitamente no centro.

—É para proteção. —Disse ela do nada.

Olhei para ela, confuso, sem entender o que ela queria dizer.

—Quando voltamos para casa na Colômbia neste verão, eu fui a uma *Santero*, uma santa. Eu pedi um bracelete abençoado para você. *Para tu protección*. —Ela declarou: — Para sua proteção.

Minha família era extremamente religiosa. Como a maioria dos colombianos, que eram católicos, tanto Amari quanto eu fomos batizados quando éramos bebês e fizemos a nossa primeira comunhão e crisma. Mamãe era definitivamente a mais religiosa de todos nós. Ela ia à igreja muitas vezes, provavelmente rezando pela alma de seu marido e agora a minha. Ela nos levava para a igreja todos os domingos. Às vezes meu pai aparecia, mas na maioria das vezes não. Ela sempre usava uma cruz de prata esterlina em volta do pescoço, sempre a acariciando enquanto orava. Em todos os meus anos de vida, eu nunca a tinha visto tirá-la.

Ela chamava de sua proteção.

Com as pessoas em torno dela, ela precisava disso mais do que qualquer um poderia imaginar.

—Eu queria esperar para dar a você em seu aniversário. Você nunca o tire, isso irá mantê-lo seguro, Alejandro.

—Mamãe, eu não... — O olhar em seu rosto me impediu de terminar o que eu ia dizer.

Eu honestamente não sabia em que acreditar mais, mas eu ainda me encontrava rezando todas as noites para aqueles que eu amava. Se isso lhes dava paz de espírito, então quem era eu para lhe dizer não? Eu manteria a minha palavra e a guardaria em meu coração.

Eu balancei a cabeça, sorrindo. Tirando a decepção no rosto. Peguei o bracelete da caixa, e ela me ajudou a colocá-lo no pulso direito. Ela fez o sinal da cruz no meu rosto e corpo, como sempre fazia.

—*Que Dios te bendiga y te acompañe*. —Ela sussurrou: — Que Deus o abençoe e te acompanhe. — Ela me puxou para um abraço

apertado, beijando o topo da minha cabeça. —Agora, vai desfrutar da sua festa. Mesmo que Sophia não esteja aqui.

Levantei uma sobrancelha. Sophia não tinha estado por aqui. Ela não tinha retornado à escola também. Eu não sei como meu pai lidou com a situação com seus avós, e eu não perguntei também, sabendo que eu não conseguiria uma resposta direta.

—Seu pai cuidou dela. Dê tempo a isso.

Eu balancei a cabeça novamente, sem saber como responder.

A festa estava terminando, e eu finalmente fui capaz de ir para Amari. Ela estava sentada na borda da piscina, com os pés balançando na água.

—Feliz aniversário, Alejandro. —Ela desejou, olhando para frente, sem se preocupar em virar.

—Como você sabia que era eu? —Perguntei, em pé atrás dela com as mãos enfiadas nos bolsos da minha calça.

—Eu posso sentir seu cheiro a uma milha de distância. Você cheira como o pai. Você se veste como ele agora, também. —Acrescentou em um tom triste.

Olhei para a minha camisa de botão preta e calça preta. Tínhamos que usar roupas semelhantes como esta para a escola, mas desde que eu vinha gastando todo o meu tempo livre com meu pai, eu não encontrei uma razão para me trocar quando eu chegava em casa.

—Você quer ser como ele agora? Você não é mais meu irmão?

Isso foi mais do que ela tinha falado para mim durante as últimas semanas.

—Você acha que eu tenho uma escolha, Amari? Você sabe quem é o nosso pai.

—Você sempre tem uma escolha, Alejandro. Você querendo enxergar ou não, ela está lá, se você prestar atenção o suficiente.

—Quando eu fecho meus olhos, mesmo que seja apenas por alguns segundos, eu ainda as vejo.

Sua respiração falhou e ela imediatamente fechou os olhos. Minhas palavras eram demais para ela aguentar.

—Eu ainda a vejo escondida em um canto. Quebrada e espancada. Com sangue seco e lágrimas escorrendo pelo seu rosto. O olhar de terror, enquanto você observava Sophia, sabendo que era a próxima. Sua vida estava pendurada por um fio. Você não foi a única que perdeu sua inocência naquela noite, Amari. A única diferença é que você pode adquirir a sua de volta. Eu não posso.

—Você se arrepende?

Sem hesitar, respondi: —Não. Eu faria isso novamente se eu tivesse que fazer.

Ela balançou a cabeça, decepcionada com a minha resposta. —Dois erros não fazem um acerto, Alejandro.

Eu não disse nada. O que eu poderia dizer sobre isso?

—Eu não quero perder você, Alejandro. Você é tudo o que tenho. —Ela murmurou, com a voz embargada.

Abaixei-me, beijando a parte de trás de sua cabeça, deixando meus lábios ficarem alguns segundos ali. —Eu sempre serei seu irmão. Eu sempre vou te proteger, não importa o que você acha das minhas escolhas. —E com isso eu me virei para sair.

Meu pai estava me esperando. Ele disse que faríamos um passeio depois da festa. Ele ainda tinha que me dar o meu presente.

—Por agora. Você é meu irmão, por agora.

Eu parei, sentindo seu olhar intenso nas minhas costas.

—Mesmo o diabo foi um anjo uma vez, Alejandro. É apenas uma questão de tempo até você se tornar *El Diablo*, também.

Eu podia sentir seu olhar queimando um buraco entre as minhas omoplatas, esperando que eu comentasse. Eu não fiz. Eu só voltei para dentro, deixando-a sozinha sem nada, além da verdade que permanecia entre nós.

—*Hijo*, pegue seu paletó. A limusine está esperando lá fora. —Papai ordenou, beijando minha mãe nos lábios antes de sair pela porta.

Eu tentei fingir que não vi a preocupação e interesse claros escritos em seu rosto. Em vez disso, me inclinei e beijei sua bochecha, seguindo meu pai para a limusine, sem olhar para trás. Seu motorista e guarda-costas estavam do lado à nossa espera. Tomamos nossos acentos na limusine. Não conseguia me lembrar da última vez em que o vi dirigir seu próprio carro. Minha mãe, por outro lado, recusava-se, dizendo que ela não vinha do *el barrio* na Colômbia para ser conduzida por aí. *El barrio* era o bairro. Ela era muito pobre enquanto crescia, não tinha nada, além das roupas esfarrapadas nas costas. De certa forma, eu acho que você poderia dizer que meu pai a salvou.

Trazendo-a para uma vida extravagante, onde ela não tinha que passar necessidade de qualquer coisa. Tudo o que havia para ela, em uma bandeja de prata. Qualquer parente que ainda tinha na Colômbia estava cuidado e seguro. Não apenas porque ela se casou com o dinheiro, mas porque ela também se casou com o poder. A mais alta autoridade no país para ser exato.

Meu pai.

Eles se mudaram para os Estados Unidos alguns anos depois que se casaram. Os homens Martinez vieram para fazer negócios nos Estados Unidos por décadas. Ele foi o único que decidiu que era hora de mudar e conquistar. Minha irmã e eu nascemos em Nova York, e tínhamos viajado por todo o mundo com eles desde que nascemos.

—Você teve o seu primeiro gosto de sangue, protegendo o que era seu, e justamente por isso... —Papai declarou, tirando-me dos meus pensamentos. A limusine parou em nosso destino, um edifício localizado no centro de Manhattan.

—Você é um homem agora, Alejandro. É hora de você colher os benefícios de se tornar um Martinez.

Ele abriu a porta e saiu da limusine antes que eu tivesse a chance de responder. Segui o seu exemplo e fui para o edifício que eu não reconhecia, junto com seus seis guarda-costas que nunca deixavam seu lado. Nós entramos em um elevador privativo que exigia um cartão para acesso. Um dos guarda-costas passou o cartão e digitou um código para a cobertura. As portas se abriram para uma sala de estar grande e totalmente mobiliada com janelas do chão ao teto, que tinha vista para Manhattan.

Eu saí do elevador, passando pelo meu pai e caminhando ao redor da sala. Havia uma cozinha à esquerda com todos os aparelhos de aço inoxidável e uma ilha com tampo de granito, com dez banquetas. À direita havia uma escada em espiral, que eu assumi que levava para a suíte máster. A decoração era simples, mas elegante, com várias peças de arte que pareciam custar uma pequena fortuna. Não havia uma coisa fora do lugar, tudo era novo e em ordem.

—Esta é uma das minhas coberturas. —Papai respondeu, lendo minha mente enquanto eu parava junto à janela, olhando para fora a vista panorâmica, única que Manhattan poderia proporcionar.

Eu podia sentir fisicamente a energia da cidade que nunca dorme. Respirando fundo, apreciei a sensação correndo por mim, absorvendo tudo ao meu redor.

—Você está me dando uma cobertura pelo meu aniversário? —Perguntei, virando-me para olhar para ele.

Ele arqueou uma sobrancelha, apontando para que um de seus capangas apertasse o botão do elevador.

—Eu estou dando-lhe algo muito melhor, *hijo*.

Dizendo isso, minha atenção foi atraída para uma jovem mulher vestida em um sutiã vermelho e calcinha, entrando na sala com nada além de saltos e um sorriso brilhante.

—Uma trepada. —Acrescentou com um sorriso diabólico.

Meu olhar voltou para meu pai, eu sacudi a cabeça, confuso.

—Feliz aniversário, Alejandro. Ela é sua por esta noite inteira. Você pode fodê-la de três maneiras até domingo. Eu pago por cada buraco desse corpo. Eu sugiro que você tente cada um.

Com isso, ele se virou e saiu. Deixando dois guarda-costas para ficarem perto da porta. Voltei minha atenção para a loira que agora estava sentada no sofá como a prostituta que era. O sutiã e calcinha que ela usava não deixava nada para a imaginação, as mamas dela eram erguidas para acentuar sua cintura pequena e rabo gostoso. Seus lábios vermelhos carnudos me fizeram imediatamente querer colocar meu pau entre eles. Era como se seu corpo fosse feito apenas para foder.

Seu cabelo loiro caía em cascata nos lados de seu rosto, e seu corpo brilhava contra a pouca iluminação da sala. Sua pele branca cremosa parecia tão convidativa quando as pernas foram abertas largamente, enquanto ela se inclinava para trás nas almofadas.

Esperando.

Nós encontramos nossos olhares.

Seus olhos azuis sensuais caíram sobre mim enquanto ela lambia os lábios tão devagar, fazendo meu pau se contorcer. Pela expressão de seu rosto, ela gostou do que viu.

A sensação era mútua.

—Você parece muito mais velho do que quinze anos. —Ela disse, quebrando o silêncio enquanto ela me fodia com os olhos. —Seu pai pagou um monte de dinheiro para me ter aqui esta noite. Nós temos mais em comum do que você pensa, Alejandro. Eu sou um prodígio também. Um dia, eu vou ser a Madam e você vai ser Deus.

Apertei os olhos para ela, sem entender.

—Eu sou uma VIP[1]. Uma buceta de luxo. Sou a melhor que você

vai foder em sua vida, e eu vou mostrar-lhe tudo, aniversariante. Então, a questão realmente é, em que buraco você quer me foder primeiro? — Ela murmurou, sugando seu lábio inferior.

Eu lentamente fui até ela, mas fora do seu alcance. Uma mão eu coloquei no bolso, tentando esconder minha emoção, e a outra esfreguei o queixo, contemplando meu próximo passo. Absorvendo cada polegada de seu corpo, até sua vagina exposta. Foi a minha vez de lamber os lábios, querendo desesperadamente cair de joelhos e devorá-la.

—Você não fala muito, não é? —Ela perguntou, trazendo meu olhar de volta para o dela.

—Qual o seu nome?

—Qualquer coisa que você queira que eu seja.

—Não foi isso que eu perguntei.

Ela sorriu. —Lilith. Meu nome é Lilith.

—Que apropriado. Quantos anos você tem, Lilith?

—Velha o bastante. Além do que uma dama nunca conta sua idade.

—Bem, então, isso é uma coisa boa, que você não é uma dama. —Eu zombei, inclinando a cabeça. Tentando adivinhar.

Ela conteve um sorriso. —Eu sou um pouco mais velha do que você. Acho que vamos ser muito bons amigos um dia, Alejandro. —Ela ronronou, ficando de quatro e rastejando para mim.

Ela me olhou através de seus cílios longos, escuros, e embora ela fosse linda, não era quem eu queria que fosse. Mas quem era eu para impedi-la quando ela puxou meu pau e o enfiou em sua garganta, como a maldita profissional que era. Deixando um anel de batom vermelho brilhante em torno do meu eixo.

Passei o resto da noite transando com ela em todas as posições possíveis conhecidas pelo homem. Eu perdi minha virgindade com uma

prostituta, tudo porque meu pai estava orgulhoso de mim, por ter assassinado um homem. Se isso não era fodido...

Então eu não sabia o que era.

Capítulo 4

Martinez

—Amari? Você está aqui? —Eu chamei, subindo a escada para o sótão.

Estávamos habituados a brincar lá em cima quando éramos crianças, e à medida que ficamos mais velhos, ele se transformou em um lugar seguro para escapar da vida. Mesmo que apenas por alguns minutos. Era o nosso porto seguro.

Dizem que o tempo cura todas as feridas, e eu comecei a acreditar. Seis meses passaram desde o meu aniversário, e ao longo das últimas semanas, Amari começou a se sentir confortável o suficiente para ficar perto de mim novamente. Casualmente iniciava conversas comigo que não eram forçadas, me pedindo ajuda em seu trabalho de casa, e até mesmo entrando no meu quarto para assistirmos a filmes juntos. Pequenas coisas como essa me davam esperança de que talvez um dia ela fosse olhar para mim do jeito que ela costumava fazer.

Com amor.

Ela estava encostada na parede oposta, olhando pela janela. Uma margarida pendurada em seus dedos, com suas pétalas espalhadas aos seus pés. Era sua flor favorita desde que éramos crianças.

—Ele me ama, ele não me ama. —Eu a ouvi sussurrar.

Eu não precisava perguntar em quem ela estava pensando, era Michael, um rapaz branquelo com quem fomos para a escola durante toda a nossa vida. Sua primeira paixão real. Ela o amava por tanto tempo quanto eu poderia lembrar. Corando como uma pequena colegial a qualquer momento que ele olhava para ela. Eles tinham ficado oficialmente juntos a um ano, para desgosto de meu pai. Levou anos para finalmente aceitar que Amari não sairia com qualquer um dos caras que continuava trazendo para ela.

Todos sabiam que ele queria que ela tivesse um casamento arranjado. Nosso pai não se importava se sua filha seria amada, ou se o marido seria fiel. Não, nada disso importava. Nosso pai se preocupava com o que poderia oferecer à nossa família. Mais poder, mais territórios, mais soldados.

Mais, mais, mais.

Nossa mãe constantemente o lembrava de que ele se casou por amor, e ele precisava dar a Amari e a mim a mesma chance. Depois de anos constantemente indo e voltando com ela, ela finalmente foi autorizada a começar a namorar Michael.

—Hey. —Ela me cumprimentou quando me sentei ao lado dela, inclinando-me para descansar os braços sobre os joelhos.

Dei-lhe outra margarida do vaso ao meu lado. Ela sorriu, agarrando-a da minha mão para girar ao redor de seus dedos. Seu sorriso desvaneceu-se rapidamente, enquanto observava a dança da margarida na mão. O silêncio encheu o espaço entre nós.

—Por que a cara triste?

—Nós não somos mais crianças, somos Alejandro? —Ela perguntou, olhando de volta para mim.

—Fomos alguma vez?

—Eu gostaria de acreditar que sim. Você costumava sorrir, rir e brincar. Agora, você é tão sério o tempo todo. É como se você tivesse passado de 15 para 50 anos em questão de meses. Parece que passou uma eternidade desde que eu vi você feliz. Onde está meu irmão? Onde ele foi?

Eu encontrei o seu olhar por alguns segundos antes de decidir olhar para frente. Para evitar ver a dor em seus olhos.

—Eu estou com você agora.

—Isso não responde à minha pergunta.

—Parecia mais uma afirmação para mim, Amari.

—Papai o deixou fora de sua coleira?

Eu sorri, olhando para ela, rindo silenciosamente para mim mesmo.

Ela sorriu, cutucando meu ombro. —Ali está ele. Meu Alejandro.

—O que você está fazendo aqui? —Perguntei, mudando de assunto.

—Onde está o seu namorado babaca?

Ela deu de ombros, não se importando com meu xingamento. Ela estava acostumada a isso. Ninguém jamais seria bom o suficiente para a minha irmã. Especialmente um cara branquelão e gringo.

—Michael e eu estamos... Eu não sei. Nós estamos brigados, eu acho. E não... Eu não preciso que você vá atrás dele.

—Eu disse uma palavra? — Eu respondi com minhas mãos levantadas.

—Não me olhe assim, irmão. Eu sei que isso funciona com suas pequenas vadias, mas não funciona comigo. Você já falou com Sophia?

—Nós estávamos falando sobre Michael. —Eu simplesmente declarei.

—Eu não quero te dizer. Eu não quero que você o odeie mais do que você já faz.

—Você me dizendo ou não, eu vou descobrir. Então, que tal você economizar meu tempo e falar logo?

Ela revirou os olhos para mim sabendo que eu estava certo. Eu nunca gostei de Michael. Francamente, eu gostaria que o filho da puta desaparecesse. Eu o tinha visto olhando para Sophia mais vezes do que gostaria de contar. O fato de que ele desrespeitava minha irmã na sua cara, tornava fácil para mim não gostar dele. Eu nunca disse nada para

Amari, porque ela estava alheia a isso, e a última coisa que eu queria era perder a minha irmã por causa de algum imbecil.

Ela suspirou. —Você promete manter a calma? Você não vai dizer nada a ele? Ou machucá-lo?

Eu balancei a cabeça, mesmo que eu estivesse mentindo. Se ele a machucou, eu quebraria a porra de seu rosto sem qualquer hesitação.

—Você está mentindo. Eu não acredito em você.

—Minha palavra é tudo o que tenho, Amari.

Ela mordeu o lábio, pensando se deveria me dizer ou não. Ela balançou a cabeça. —Tudo bem... Estávamos saindo após o jogo de futebol na noite passada, e um cara de outra escola começou a falar comigo enquanto Michael estava falando com seus amigos. Então...

—Ele deixou você sozinha? —Interrompi, colocando a mão para interrompê-la. Precisando de esclarecimento.

—Não. O que? Ele estava louco, porque eu estava falando com outro cara. Nós tivemos uma briga enorme sobre isso. Ele está chateado comigo. Eu não sei o que fazer para tornar isso melhor. Disse a ele que estávamos só conversando. Isso não quis dizer nada, mas ele disse que eu estava flertando ou alguma merda assim. Eu não quero Michael pensando que eu sou uma vagabunda ou uma provocadora de pau.

—Um, ele não deveria ter deixado você sozinha se ele é tão inseguro. Dois, se ele te chamou de puta, eu vou rasgar a porra do seu...

—Oh meu Deus, ele não me deixou sozinha. Estávamos em uma festa. Veja, é por isso que eu não queria falar com você sobre isso. Você vai colocar toda a culpa em cima dele. Você deveria estar me ajudando, não apontando o dedo.

—Eu poderia quebrar seus dedos. Mas, ao invés disso eu estou aqui apenas ouvindo.

—Alejandro...

—Amari, não lamente. É irritante. —Eu zombei, chateado que ela o estivesse defendendo.

Ela estreitou os olhos para mim. —Sabe, para alguém que afirma ser uma espécie de cara que “toma conta”, você ainda é o número dois, e você com certeza foge de relacionamentos...

—Fujo de relacionamentos? A única coisa que eu faço com bucetas é foder. Você quer que eu lhe diga o que eu estou pensando agora? Minha opinião? Porque, querida, você não vai gostar.

—Você é mau. —Ela falou, levantando-se de onde estava sentada. Eu fiz o mesmo, não recuando.

—Eu sou honesto. Seu namorado é um puto inseguro, que prefere chamá-la de puta a se aproximar de você e reivindicar o que ele acha que é seu. Ele quer transar com você, Amari. E o fato de que ele está agindo tão possessivamente só pode significar uma coisa: Você não abriu as pernas para ele, ainda.

Ela arregalou os olhos com a minha revelação, de sua verdade.

—Que tal essa honestidade?

Ela balançou a cabeça, me afastando. Eu agarrei seu pulso e a impedi.

—Não se atreva a se afastar de mim. Fale, Amari. Porra, fale.

—Solte-me. —Ela disse entre dentes, tentando arrancar seu braço do meu alcance. —Você acha que é tão grande e poderoso, Alejandro! Mas você está aqui, como um mascote do meu pai. Marchando em fila com cada coisa que ele diz. Você não é nada, além de sua cadelinha.

—Pelo menos eu não sou fraco, Amari. —Eu reagi, e a soltei.

Ela não vacilou. —Eu prefiro ser fraca a ser condenada a esta vida do inferno. Eu não posso esperar até que eu seja velha o suficiente para sair. Eu não quero ter nada a ver com esta vida. Eu passarei por aquela porta e para fora deste purgatório, logo que eu puder.

—Com Michael? — Eu zombei num tom condescendente, de pé, perto dela. —Você acha que ele pode protegê-la? De mim? Sua própria carne e sangue. Eu sempre serei seu irmão, e eu não vou a lugar nenhum. Mesmo que você pense que sim.

Seu peito subia e descia com cada palavra que saía da minha boca.

—Eu não tenho medo de você, Alejandro. Eu sei quem você realmente é, aqui. —Ela fez uma pausa, colocando a mão sobre o meu coração. —Então pare de fingir que eu não sei. Você não me intimida. Você precisa se preocupar com sua própria vida e ficar fora da minha. Você fez suas próprias escolhas, agora você precisa me deixar fazer as minhas. Talvez seja hora de você parar de fugir do que está bem na sua maldita cara a um longo tempo. Que tal você reivindicar o que quer que seja seu? Uma vez que é tão fácil para você —Chega, Amari. —Eu pedi, colocando a mão na minha frente. Ela empurrou para longe de seu rosto.

—Ela está esperando por você. Você sabe disso, certo? Ela acha que você é o seu herói, seu salvador desde aquela noite. Ela te ama desde o primeiro dia em que pôs os olhos em você, e eu estou certa de que o sentimento é mútuo. Talvez seja hora de você criar coragem e realmente fazer algo sobre isso. Ela vai estar aqui em poucos minutos.

—Sai da minha frente!

—A verdade dói, não é, irmão? — Ela sorriu antes de se virar para sair, sem olhar para trás.

Fiquei ali sozinho por não sei quanto tempo, analisando tudo o que ela tinha acabado de dizer. Respirei profundamente, tentando não deixar meu temperamento conseguir ganhar de mim. Era um traço dos Martinez. Podíamos ir de zero a sessenta em questão de segundos. Meu pai já me avisou várias vezes que eu precisava aprender a manter minhas emoções sob controle. Proteger o que é meu, sem demonstrar qualquer fraqueza. Nunca recuar. Precisava apenas de um movimento errado nesta vida para acabar com uma bala na maldita cabeça.

Seus inimigos não poderiam feri-lo se eles não soubessem o que

você está sentindo. O que você está pensando.

Era o código de vida.

Uma linha fodida muito fina entre estar morto ou vivo.

Tomei outra respiração profunda quando um sentimento irreconhecível tomou conta de mim. Era uma força enorme, uma força me puxando, me fazendo flutuar em direção à janela. Minhas mãos firmemente caíram nos bolsos da minha calça, esfregando os dedos. Um gesto calmante que eu tinha adquirido em algum lugar ao longo do caminho. Eu a senti antes de vê-la.

Sophia.

Ela começou a vir mais no último mês. Eu a tinha visto algumas vezes na escola entre as aulas, sempre lutando com seu armário. Ela me pegou olhando para ela em mais de uma ocasião, e sorria timidamente para mim a distância. Eu sempre olhava para longe, não correspondendo, me virando e caminhando na direção oposta.

Eu queria lembrar a forma como ela costumava olhar para mim, ao invés do jeito que ela olhava para mim agora.

Ela estava no campo das margaridas atrás de nossa casa. Amari estava longe, mas eu sabia que ela a encontraria. Não tinha como tirar os olhos dela. Eu não podia, e eu não queria. Ela estava incrivelmente bonita, sentada lá em um vestido azul-petróleo. Suas longas pernas estavam esticadas na frente dela, inclinada para trás com suas mãos para se apoiar. Seu cabelo castanho escuro brilhava sob os raios do sol, soprando suavemente com a brisa. Sua suave pele cremosa sem imperfeições. Eu podia ver seus olhos verdes brilhando, apesar da distância entre nós. Ela parecia um sonho.

Meu sonho.

Antes que eu pudesse pensar, eu fui até ela. Descendo a escada do sótão dois degraus de cada vez. Esperando que ela ainda estivesse sentada ali sozinha no momento em que chegasse lá embaixo. Ela não virou na minha direção, ou mesmo percebeu que eu estava lá. Ela

estava em seu próprio mundinho. Um mundo que eu queria desesperadamente fazer parte. Sentei-me ao seu lado, olhando para o perfil de seu rosto bonito. Eu queria que ela dissesse alguma coisa, mas seus olhos permaneceram olhando para frente e no centro em direção à ponte de Manhattan a distância, enquanto os meus se mantiveram em cima dela.

—Faz tempo. —Ela disse alto o suficiente para eu ouvir, quebrando o silêncio. Seu tom cheio de preocupação. —Sua irmã me deixou entrar. Ela disse para eu vir até aqui que você me encontraria. Eu sei o que você está pensando, mas eu não estou aqui por Amari, eu estou aqui por você.

—Por quê? — Perguntei, segurando o desejo de estender a mão e tocá-la, sabendo que só a assustaria.

—Você nunca me deu a chance de dizer obrigada depois daquela noite horrível. Eles estavam prestes a me estuprar, e Deus sabe mais o quê. Levei meses para trabalhar isso na minha cabeça. Eu tenho tentado me curar, tanto física quanto mentalmente. Quando você nos encontrou, eu me lembro de pensar que Deus nos enviou um anjo. Você salvou a minha vida, Alejandro. —Ela fez uma pausa, deixando suas palavras penetrarem. —Eu não posso começar a dizer o quanto sou grata. Obrigada por...

—Agora, me diga por que você está realmente aqui. —Eu interrompi, precisando saber.

Isso tudo era muito emocionante, mas eu estava cansado de treta. Eu tive o suficiente disso na minha vida.

Ela imediatamente virou-se para olhar para mim, segurando nossos olhares. Seu olhar intenso me incendiou de uma maneira que eu nunca tinha experimentado antes. Eu nunca quis beijar alguém tanto quanto eu quis beija-la naquele momento. Havia tantos “ses” correndo pela minha mente em um instante, tantas consequências e cenários que poderiam acontecer, tantas opções de merda que poderiam ser certas ou erradas. Ela precisava ficar longe de mim. Essa era a coisa certa a fazer. Eu não era bom para ela.

Ela me via como um salvador, seu herói, quando eu era qualquer outra coisa, menos isso.

Estendi a mão e acariciei o lado de seu rosto. Ela se inclinou como se estivesse esperando eu fazer isso no momento em que me sentei ao lado dela. Meu polegar moveu-se para os lábios carnudos, raspando o batom que ela usava para mim.

Eu não queria que ela fingisse ser qualquer coisa, só ser o que era. Ela fechou os olhos, fundindo-se com o meu toque.

Sua respiração falhou quando eu puxei seu lábio inferior. Minha mão, de repente, moveu-se para segurar a parte de trás do seu pescoço e trazê-la para mim.

Eu sabia que isso estava errado.

Eu sabia que deveria ter parado.

Eu sabia que não havia como voltar depois disso.

Eu gentilmente beijei seus lábios, convidando-os a abrirem-se para mim. Ela o fez, lançando um gemido quando sentiu a minha língua em sua boca.

Veja, eu também sabia que eu ia para o inferno.

Eu nunca imaginei...

Que a levaria comigo.

Capítulo 5

Martinez

—Quantos fuzis estão nas caixas? — Papai perguntou ao traficante de armas do mercado negro durante uma reunião em um de seus armazéns no centro.

Ele me fez assistir mais e mais reuniões durante o ano passado, moldando-me como o filho prodígio. Sempre me lembrando de que isso tudo seria meu um dia.

Como se eu pudesse esquecer.

Todos nós sentamos ao redor de uma mesa de mogno retangular no meio de um amplo espaço aberto. Parecia uma cena de um filme de mafiosos. Meu pai estava na cabeceira da mesa, é claro, eu estava sentado ao lado dele. Os dois traficantes estavam sentados na minha frente, com olhares presunçosos em seus rostos. Havia três guarda-costas atrás do meu pai, e um atrás de mim. Mais dois ficaram observando da porta.

Se os dois filhos da puta tentassem fazer alguma coisa, eles não sairiam de lá vivos.

—Quatro ou cinco. —Ele respondeu com um sotaque russo.

—Ou são quatro ou cinco. Qual será? Eu não tenho tempo para suas besteiras.

—Normalmente, quatro.

—*Usted lo que esta dicendo es*... — Papai retrucou. — Então o que você está dizendo... É que você estava tentando me foder quando você já sabia que haviam quatro. Você só queria que eu pagasse por cinco?

—Não, isso é...

Ele colocou a mão no ar, o silenciando. —Isso não foi uma pergunta. Minha reputação fala por si. Você gostaria que eu o lembrasse de como sou conhecido, *hijos de putas*? —Papai zombou. —Filhos da puta.

Os traficantes de armas se entreolharam com desconfiança, depois de volta para o meu pai. Pelo olhar em seus rostos, eles queriam dizer a ele para ir se foder, mas sabiam o que era melhor para eles. Papai ficou sentado ali, com a cabeça inclinada para o lado, analisando os homens. Preguiçosamente girando a *Glock* na frente dele como uma roleta. Parando um pouco a cada vez que ele apontava para os russos.

—Quero mil cartuchos de munição para cada um desses rifles.

—Nós podemos dar quinhentos.

Ele não vacilou, argumentando. —Se eu quisesse quinhentos, eu teria dito quinhentos. Quatro fuzis de assalto por caixa. Eu quero uma centena de caixas. Vou pagar-lhe dois mil por caixa, quinhentos por rifle e cinquenta mil pela munição. Isso é um total de 250.000.

—Isso é muito pouco. Nós precisamos...

A arma girou uma última vez, e antes que eu percebesse, ele estava fora da mesa, a segurando casualmente na frente dele.

—As caixas precisam de transporte seguro até descarregar no centro do porto. Vou pagar metade agora, metade quando elas forem entregues.

—Vamos negoci...

—Se você quiser negociar, então, dê o fora do meu escritório, *pedazos de mierda*. —Papai rugiu. —Pedaços de merda.

—Estamos correndo alto risco fazendo isso e você está oferecendo...

—Um quarto de milhão. É uma oferta que você não deve recusar. Seu risco é bem compensado. Estes são rifles em atacado. Eu vou manda-los para as ruas. Os números de série devem ser raspados, por

isso vai me custar dinheiro. Se você não quer aceitar o negócio, eu posso pedir aos albaneses. Você não é o único idiota de quem eu posso comprar, é pegar ou largar. Mas da próxima vez que tentar entrar aqui, não desperdice a porra do meu tempo com desculpas de merda. Não estamos vendendo biscoitos *Girl Scout*, filhos da puta. Nós estamos num negócio de fazer as coisas acontecerem. Ou você faz isso acontecer, ou eu vou encontrar alguém que faça.

O traficante limpou a garganta. —Certo... Vamos entregá-los na próxima semana.

Meu pai bateu a mão que segurava a arma sobre a mesa. Os três guarda-costas atrás de dele deram um passo à frente.

—Quinta-feira. —Ele rosnou.

Isso era daqui a três dias a partir de hoje, em seguida, ele casualmente se levantou, abotoando o paletó. Eu fiz o mesmo. Pelo silêncio, a reunião havia terminado.

Eles assentiram, apertando suas mandíbulas. —Quinta-feira, amigo.

Meu pai balançou a cabeça com um sorriso arrogante. —Eu não sou seu amigo.

Agarrando a mala que estava debaixo da mesa, meu pai colocou na frente deles. Ele abriu as fechaduras, revelando pilhas de notas de cem dólares perfeitamente colocadas em uma fileira. Preenchendo toda a pasta de cima a baixo.

—Já que você pensa que eu sou seu amigo, eu estou supondo que você não precisa contar. —Papai grosseiramente rosnou, fechando a pasta e deslizando sobre a mesa. O braço do traficante a interceptou.

—Vocês estão interessados em mulheres? Eu tenho uma mãe e filha. Mulheres bonitas com grandes mamas e bundas voluptuosas. Temos outras mulheres, todas jovens. Frescas. Já tivemos nosso tempo com elas. Elas estão prontas para serem transportadas. Se vocês estiverem...

—Não. —Papai o interrompeu sem perder tempo.

Apertei os olhos em confusão para os doentes fodidos sentados na minha frente.

—Você tem certeza? Elas fazem um bom trabalho. Vocês fariam um monte de dinheiro...

—Será que eu falei grego, porra? Levem o seu dinheiro e deem o fora. Os meus homens vão encontrá-los na quinta-feira.

—Como é que nós...

—Eles vão saber.

Eles se levantaram. Eu os assisti saírem sem darem um segundo olhar para trás.

—Diga. —Papai ordenou, me lendo como um livro maldito assim que as portas se fecharam atrás deles.

—Você os deixou traficar essas mulheres?

—Eu não os deixei merda nenhuma. Eu não trafico mulheres, Alejandro. Mas alguns dos homens que eu conheço, o fazem. Todo mundo tem uma mãe ou uma criança. Essas são duas coisas com as quais eu não brinco. Você me entende?

Olhei para a mesa. —Sim.

Minha mente estava girando com o que aconteceria a essas mulheres. Tudo o que eu conseguia pensar era em Amari e Sophia, e que eu mataria alguém que tentasse levá-las. Eu já provei que isso era verdade.

—Você me olhe nos olhos quando eu estiver falando com você, *hijo*. Minha paciência está se desgastando muito com a necessidade de lembrá-lo.

Olhei para cima, olhando em seus olhos escuros, frios e assustadores, que nunca mostravam qualquer emoção. Houve

momentos como estes, onde tudo o que eu queria era saber o que ele estava pensando, o que estava sentindo.

Especialmente, para saber se ele me amava ou não. Sempre me senti como se eu fosse apenas mais uma carta que ele trazia para a mesa.

Poder.

—Algumas pessoas podem não gostar de mim, e eu nunca vou me importar. Tudo que eu faço, faço por todos vocês. No final do dia, a família é tudo o que importa.

Apertei os olhos para ele, absorvendo suas palavras.

—O respeito não é dado, é conquistado. A partir desse dia, você vai me olhar nos olhos quando eu estiver falando com você. Um dia, você vai ficar onde estou, e vai me agradecer por fazer de você quem é.

Voltamos para casa em silêncio. Olhei pela janela da limusine todo o caminho de casa, contemplando tudo o que eu tinha aprendido naquele dia. Quando chegamos em casa, meu pai foi direto para seu escritório como sempre fazia, e eu fui para o meu quarto. Passei o resto da noite olhando para o teto, pensando em minha vida e como Sophia se encaixava nela. Ela nunca esteve longe dos meus pensamentos. Ela sabia como era minha família. O que o futuro reservava para mim. Nós não discutimos o assunto, mas não era preciso. A verdade estava descaradamente nos olhando no rosto. Exceto quando eu estava com ela, eu não queria estar em outro lugar. Era como viver uma vida dupla. O Alejandro de Sophia, o garoto de dezesseis anos de idade, e Alejandro Martinez, filho do notório chefe do crime.

Destinado a assumir um dia.

Durante o último ano, Sophia e eu tínhamos ficado mais próximos. Próximos de forma que eu nunca imaginei que seria possível. Eu tinha bucetas se atirando para mim a torto e à direita. Mulheres, literalmente, se jogavam no meu pau quando me viam andando com meu pai. Isso era tudo o que precisava para elas quererem ficar de joelhos e chupar o meu pau.

Tudo que eu queria era Sophia.

Ninguém mais existia aos meus olhos. Ela estava lá quando eu precisava dela, e mesmo quando não. Eu tentei esconder essa parte da minha vida privada do meu pai. Eu sabia que ele estava suspeitando, já que eu nunca aceitei a oferta daquelas mulheres, como eu já tinha feito antes. Fodendo cada uma delas, sem pensar duas vezes sobre isso. Agora eu só me preocupava que ele tentaria tirá-la de mim.

Ele não podia.

Não havia uma chance do caralho que eu o deixaria fazer isso. Ela era minha. Fim da história.

Poucos dias depois, eu finalmente tive algum tempo livre, e cheguei a passar esse tempo a sós com Sophia. Meu rosto estava na palma da sua mão, e eu suavemente a beijei. Estávamos deitados na minha cama, sem prestar atenção ao filme passando no fundo. Os meus pais tinham saído. Era seu aniversário de casamento, e meu pai levou minha mãe para sair. Desde o incidente com John e Marco, meu pai estava mais diligente com quem contratava para nos proteger. Sempre havia guarda-costas extras na equipe agora, especificamente em torno de mim. Papai disse que eu tinha me tornado um alvo, com inimigos querendo colocar uma bala na porra da minha cabeça, no segundo em que eu entrasse em uma reunião com ele.

Comecei a apreciar a vida, ou o que diabos eu estava vivendo, porque nada estava garantido.

Especialmente minha vida.

Sophia veio para uma festa do pijama com Amari, e Michael passou por aqui pouco tempo depois. Com a minha total desaprovação.

Aos olhos dos avós de Sophia, meu pai era o seu salvador. Não sei que história ele contou a eles sobre o que aconteceu naquela noite, e eu não dava a mínima, porque a minha menina estava na minha cama.

—Você parece cansado. —Ela murmurou, coçando minha cabeça que estava deitada em seu colo. —Seu pai está fazendo você trabalhar

muito.

Eu lentamente virei o rosto no seu colo, aninhando meu nariz com a parte interna da coxa. Olhei para ela enquanto eu passava meus braços em volta da sua cintura. Em um movimento rápido, eu puxei seu corpo minúsculo em minha direção, a fazendo gritar. Eu levemente coloquei meu corpo em cima do dela, apoiando meu peso com os braços de cada lado do seu rosto. Minha boca estava agora a polegadas da dela.

—Eu não quero falar sobre o meu pai, *cariño*.

Ela sorriu, enquanto eu gentilmente roçava meus lábios ao longo de sua boca. Amando a sensação deles contra os meus.

Tão macios.

Tão quentes.

Tão meus, porra.

—Ah é? Então sobre o que você quer falar?

—Quem disse que eu quero falar? — Eu disse asperamente, passando os lábios pelo seu pescoço. Querendo sentir seu pulso batendo contra os meus lábios.

Até hoje, eu ainda agradecia por ela estar viva. Eu parei em um certo lugar sob sua orelha que a deixava louca. Movi seu cabelo para o outro lado do pescoço, nunca deixando minhas carícias em sua pele. Eu podia sentir o efeito que eu estava causando nela, ela não tinha me parado, ainda.

—Alejandro... —Ela gemeu.

Meu coração acelerou, e meu pau estremeceu, ouvindo meu nome rolar de sua língua. Eu nunca tinha ouvido aquele tom vindo dela antes. Sophia sempre tinha sido uma boa menina, pura e inocente. Isso não me impedia de querer ser o primeiro cara a senti-la no interior, provar cada polegada de seu corpo perfeito. Fazê-la gozar no meu pau e me implorar para parar.

Nós não tínhamos feito nada mais do que beijar. Eu estava doente, meu pau estava ansioso para afundar em sua buceta doce. Eu nunca a pressionaria a fazer qualquer coisa que ela não estivesse pronta, mas isso não significava que eu não poderia deixá-la louca de desejo. Levando-a até o limite, deixá-la excitada e molhada.

Eu posso ter me apaixonado por ela, mas eu não era um maldito santo.

Eu era um homem.

Eu tinha necessidades e eu precisava dela.

—O que, baby?

Eu sensualmente beijei do seu pescoço até sua clavícula, descendo até mais perto de seus seios. Indo para a direita em seu mamilo duro que estava cutucando através de sua blusa de algodão fino. Eu não queria nada mais do que tomar seus seios na minha boca, e fazê-la gozar só com essa sensação. Ela sabia que não devia subir em minha cama sem vestir um sutiã.

—Você precisa parar. —Ela ronronou, arqueando as costas da minha cama.

—Não, eu não preciso. —Falei honestamente, continuando minha descida.

Seu peito subia e descia com cada movimento dos meus lábios chegando mais perto de seu mamilo.

—Nós não devemos fazer isso.

—Não é certo, *cariño*?

Eu levemente acariciei seu mamilo com a língua através de sua blusa, sorrindo enquanto eu olhava para ela. Ela estava se desfazendo debaixo de mim, gemidos suaves escapando de seus lábios carnudos. Agarrei seus pulsos com uma das mãos, e os coloquei suavemente acima de sua cabeça. Minha outra mão desceu de seu peito até o quadril, enquanto eu roçava meu pau duro contra sua buceta sensível.

Empurrando ainda mais para o limite.

—Você é tão bonita. —Eu gemi, precisando desesperadamente tomar o que eu queria que fosse meu.

A boca dela separou-se, e ela lambeu os lábios enquanto eu lentamente puxava a parte superior da blusa. O cheiro e a proximidade dela estavam em torno de mim, me fazendo queimar com o desejo de reivindicar cada polegada dela. Eu tinha feito muito mais do que qualquer garoto de dezesseis anos de idade deve sequer saber, mas nunca me senti assim. Com ela.

Nem mesmo perto.

Nem uma vez.

Eu queria capturar esse momento, e guarda-lo por tanto tempo quanto eu pudesse. Eu queria me lembrar dela apenas assim.

Para mim.

Minha.

E eu não poderia segurar por mais tempo. —Eu amo você, Sophia. Você me possui. Sou seu. *Para siempre*. —Eu confessei. —Para sempre.

Ela levantou a cabeça do meu travesseiro. Seu olhar cheio de luxúria foi rapidamente substituído por choque enquanto seus olhos se arregalavam, olhando para mim e em direção à porta do meu quarto. Virei-me para ver o que arruinou o nosso momento. Michael estava em pé no corredor.

Assistindo.

Capítulo 6

Martinez

—Alejandro, meu escritório. *Ahora*! —Papai ordenou. — Agora! — Em um tom que eu não apreciei.

Ele passou direto pela sala de jantar, nem mesmo cumprimentando qualquer um de nós, que estávamos esperando ele voltar para casa para comer. Mamãe tinha convidado Sophia e Michael para jantar. Ela tinha ficado o dia inteiro na cozinha, preparando a refeição favorita do meu pai. Ele não deu um olhar em sua direção para dizer um simples olá ou obrigado. Ele só entrou chateado com Deus sabe o que, e eu estava prestes a receber sua ira.

Mamãe e Amari olharam uma para a outra e, em seguida, de volta para mim. Suas expressões preocupadas eram iguais. Eu simplesmente empurrei a cadeira para trás e calmamente me levantei, sorrindo. Inclinei sobre a mesa, eu apertei a mão de minha mãe em um gesto de amor antes de me desculpar.

Ninguém disse uma palavra, mas não era preciso. Seus rostos falavam tudo.

Quando entrei em seu escritório, ele estava sentado atrás de sua mesa. Seus braços estabelecidos na frente dele, com a cabeça inclinada para o lado, esperando para desencadear sua fúria em mim.

Ele balançou a cabeça em direção à porta. Eu entendi seu gesto silencioso para fechá-la. Eu o fiz, permitindo bater um pouco, recebendo um olhar que eu costumava temer. Eu casualmente me aproximei e me sentei em uma das cadeiras na frente de sua mesa. Inclinando para frente, coloquei meus braços nas minhas pernas, segurando minhas mãos juntas na minha frente. Olhando-o nos olhos.

Eu arqueei uma sobrancelha, esperando.

—Eu vou perguntar-lhe isso uma vez, porra, Alejandro. Uma vez.

—Enfatizou, levantando o dedo na frente dele. —Você acha que eu não descobriria sobre Sophia?

—Eu não...

—Eu sugiro que você não minta para mim. Eu estou te dando um aviso porque você é meu filho.

Engoli em seco. Contemplando meu próximo passo. Se eu lhe mostrasse medo, se eu desse a ele o que queria, o que ele esperava, eu estaria para sempre em seu maldito alcance.

Sob seu controle até o dia que ele morresse.

Era agora ou nunca mais.

Eu me inclinei para trás em minha cadeira, cruzando os braços sobre o peito, e não recuando.

—Desde quando você se importa com quem fodo, velho? —Rebati, colocando todas as minhas cartas perfeitamente na mesa.

Era o único jogo que meu pai jogava. E eu estava preparado para usar contra ele. Esperando que ele não fosse usá-lo contra mim.

Seus olhos brilharam, foi rápido, mas eu vi. Ele sorriu, inclinando-se para trás na cadeira. —Se você só estivesse transando com ela, você não estaria sentado na minha frente com um sorriso satisfeito na sua cara.

—Achei que você quisesse que eu apreciasse uma buceta. Não era o que você queria ao me arranjar uma prostituta?

—*Carajo*. —Ele suspirou. —Caralho. —Com uma expressão que eu nunca tinha visto antes. —Você a ama? —Ele afirmou como uma pergunta, balançando a cabeça em desapontamento. —Você a ama, porra...

Eu sabia que não levaria muito tempo para ele descobrir isso. Eu não tinha que lhe dizer a verdade. Ele podia sentir o cheiro em mim.

—É uma espécie de coincidência, não acha? A menina do bairro pobre faz com que o menino rico e poderoso se apaixone...

—Ela não me obrigou a fazer qualquer coisa... —Eu travei minha mandíbula, o interrompendo.

Antes que eu tivesse a última palavra, sua cadeira voou para trás, colidindo com a parede com um baque. Seu punho bateu contra a mesa, fazendo-me saltar.

—Seu estúpido, filho da puta! A mudança em seus olhos, a sua compostura, a queda repentina de suas malditas bolas, para falar assim comigo. Comigo. Seu pai. Você quer trazê-la para esta vida? Então é melhor você aprender essa porra e esconder as emoções, *hijo*. Eu posso ver através de você. Posso vê-la atrás de seus olhos. Eu posso senti-la correndo em sua corrente sanguínea. Ela está derramando de você. Ela é sua fraqueza, a sua sentença de morte do caralho. Ela seria a primeira coisa que usariam contra você. Você acha que ela é forte o suficiente para lidar com o nosso estilo de vida? Seu futuro?

Eu não vacilei. Eu não podia. Se eu vacilasse, eu perderia.

Eu a perderia.

—É por isso que tentou matá-la? — Eu violentamente rosnei, finalmente dizendo o que eu vinha pensando desde aquela noite.

—Você acha que eu sou capaz de fazer isso? Preciso lembrá-lo que minha filha estava lá naquela noite?

—Foi muito conveniente que Amari mal foi tocada. Apenas agredida um pouco. Sophia, por outro lado, estava a dois segundos de ser estuprada e espancada até a morte. Então, sim, eu acho que você é capaz de qualquer coisa.

—Isso é sério?

—Sim, é sério.

Ele casualmente acenou com a cabeça, contornando sua mesa para caminhar ao redor da sala. O silêncio era ensurdecedor em torno

de nós, cada passo que dava, eu esperava que ele atacasse. Gritasse, ameaçasse ou me punisse, mas seu silêncio era maior do que sua raiva. Segui todos os seus movimentos, sentindo como se cada passo me trouxesse mais perto de minha morte.

Ele girou, travando os olhos comigo. Colocando as mãos nos bolsos casualmente. —Eu paguei todas as despesas médicas dessa menina. Certifiquei-me de que seus avós não passassem necessidades pelo resto de suas vidas. Inclusive recebendo seus documentos legais, você sabia que eles eram imigrantes ilegais? Eu não os impedi de ir para a polícia, a única mentira que eu disse foi que alguém invadiu. Eu mesmo estou pagando por seu colégio. Ela já não é uma estudante de bolsa de estudos. Eu dei à outra pessoa a oportunidade de obter uma educação na escola para a qual você e sua irmã não dão a mínima.

Eu zombei. —Suborno? Isso deveria me impressionar? Vamos lá, meu velho, você pode fazer melhor do que isso.

Ele sorriu, balançando a cabeça. —Não é o suficiente, não é? E sobre os dois corpos dos homens que eu, pessoalmente, coloquei fogo, não deixando um rastro de suas vidas nesta terra. Este é um momento perigoso para a nossa família. Espero retaliação do lado de Javier. Você acha que é o melhor momento para trazer uma namorada em sua vida? Se você a ama muito, então você deve deixá-la ir. É a coisa certa a fazer.

Eu estava colocando as mãos nos bolsos, espelhando o seu comportamento. Olhando direto em seu rosto, argumentei. —Você não sabe a coisa certa a fazer mesmo se estivesse na sua cara e dissesse Olá. Você está me dizendo que não tinha ideia de quem eram aqueles homens? Porque eu sei que você praticamente faz seus homens se curvarem antes de contratá-los. Assim, você pode ver como eu achei a sua história difícil de acreditar.

Eu nunca esqueceria as próximas palavras que saíram da boca do meu pai pelo resto da minha vida. Foi a primeira, mas não a última vez que presenciei...

Humanidade.

Seus olhos estavam vidrados com tanta emoção que isso quase me bateu na bunda.

—Eu cometi um erro, Alejandro. —Confessou, inclinando a cabeça de vergonha.

Eu recuei, o impacto de suas palavras foi demais para eu aguentar.

—Mas eu cuidei disso, *hijo*. Porra, eu cuidei disso. Os mortos não podem falar, eu me certifiquei disso.

Eu estava prestes a dizer algo sobre a sua confissão, mas ele limpou a garganta, olhando de volta para os meus olhos. Se eu tivesse piscado, eu teria perdido. Isso foi o quão rápido sua guarda férrea voltou para seu lugar habitual. Mais uma vez, o durão que sempre foi estava ali, encerrando suas emoções como se nunca tivessem existido, para começar.

Ele acariciou minhas costas, voltando-se para deixar seu escritório, sem dizer uma palavra.

—Você pode ter traçado meu destino, mas não me diga quem eu posso amar. —Eu declarei, o parando. —Essa é a minha escolha. E a minha escolha é ela.

Não havia mais nada a dizer, tudo foi reduzido a cinzas.

Exatamente como seus corpos.

Eu não lhe dei uma chance para responder, querendo ter a última palavra. Deixei-o ali com nada, além da verdade, apenas o advertindo.

Todos os olhos estavam em mim quando entramos na sala de jantar, provavelmente chocados ao verem que eu voltei inteiro. Era como se todos eles estivessem prendendo a respiração durante todo o tempo que eu tinha saído. Meu pai foi até a minha mãe, beijou-a na bochecha antes de tomar o seu lugar na cabeceira da mesa.

Sophia me deu um sorriso tranquilizador enquanto eu puxava minha cadeira. Ela era tão bonita. Então eu não pensei duas vezes. Fui

até ela em quatro passos, agarrando os lados de seu rosto. Beijei-a profundamente, pela primeira vez na frente de todos. Precisando mostrar o que eu queria.

Para mostrar ao meu pai.

E a Michael.

Que eu não dava a mínima para o que eles queriam.

Levei Sophia para casa mais tarde depois que assistimos um filme. Voltando e esperando pegar o filho da puta antes que ele deixasse minha casa, eu fiquei de pé ao lado do carro de Michael, contando os minutos até que eu visse o seu maldito rosto. Querendo nada mais do que manda-lo desaparecer. Mas por respeito a minha irmã, eu lhe daria a porra de um aviso.

Apenas um.

—Bem, olhe quem está aí? O filho prodígio. —Michael zombou, andando pela calçada em direção a mim. —Que porra você quer, Martinez? Por que você está esperando por mim?

Eu não hesitei, chegando bem perto de seu rosto, o empurrando ligeiramente para trás. Ele gaguejou um pouco, mas não vacilou muito.

—Eu sei que foi você, filho da puta. Você foi para o meu pai como a puta que você é. Seja homem. Seja a porra de um homem diga na minha cara que você não lhe contou sobre Sophia e eu. —Eu zombei, minhas mãos fechando em punhos em meus lados. Louco para arrancar o sorriso de seu rosto.

Ele riu, balançando a cabeça. —Foda-se você, idiota. Eu não quero suas sobras. Eu já tenho uma menina. Você a conhece, ela é a porra da sua irmã.

—Você tem bolas. —Eu rosnei, agarrando-o pela camisa, e empurrando-o contra o meu carro. —Eu vejo a maneira como olha para Sophia. Eu vejo o jeito que você sempre olhou para ela. Você tem sorte de eu não quebrar suas pernas do caralho por desrespeitar a minha

irmã, cada vez que seus olhos errantes caem na minha menina. —Eu disse entre dentes. —E se você ficar nos espiando novamente, a próxima coisa que você vai olhar é para o teto em seu maldito quarto de hospital.

—Eu não sei do que você está falando. Eu não contei a sua merda para seu pai. Talvez você devesse tentar manter o seu pau em suas calças, assim ele não teria que te alertar. —Ele deu de ombros, começando a se afastar em direção ao seu carro.

—Está com ciúmes? —Eu gritei, o parando.

Ele passou as mãos pelo cabelo em um gesto frustrado, antes de caminhar de volta para mim, empurrando seu dedo no meu peito.

—Você não é bom para ela, cara. Ela é uma boa menina. Tudo o que você vai fazer é trazê-la para baixo com você. Eu estou tentando salvá-la de seu inferno. Exatamente do jeito que eu estou tentando salvar a sua irmã. —Ele apontou para a casa. — Eu sou o mocinho aqui.

—Você é um lobo fodido em pele de cordeiro. Eu não posso fazer você ficar longe de Amari, mas tenha certeza que vou machucar você, se perturbar a minha irmã. É apenas uma questão de tempo até que ela veja quem você realmente é. Eu espero que seja antes tarde do que nunca.

—Isso é uma ameaça, Martinez?

—Não, filho da puta. Vou colocar uma bala em sua cabeça sem piscar um olho. Isso é uma ameaça. Fique longe de Sophia e comece a olhar para a minha irmã como se ela fosse a única que você realmente quer foder. Você afirma amar Amari, então, me mostre o seu valor.

Seu peito arfava. O ar era tão espesso entre nós que ele deu um passo para trás e para longe de mim. Recuando como o maricas que ele era.

—Eu amo a sua irmã. Eu a amo mais do que qualquer coisa. Não interprete mal a minha preocupação com Sophia para algo que não é. Você não me conhece, Martinez. Eu sei que você...

—Você não sabe nada sobre merda nenhuma.

—Eu sei que sua irmã está com medo de você. Quanto tempo você acha que vai demorar até que Sophia esteja também?

—Amari está com medo de tudo. Isso não significa nada para mim. Você deixe que eu me preocupe com Sophia. Você mantenha o meu pai fora disso. Ela é minha. Você ouviu? Minha. Você não venha falar comigo, como um maricas, então saia andando com o seu pau enfiado entre as pernas para tentar ser um escoteiro.

—Pela última vez, eu não disse nada para o seu pai. Por que você automaticamente assumiu que foi eu? Eu não sou o único que sabe. — Disse ele, dando um passo em direção a mim novamente.

Eu sabia o que ele estava insinuando, eu não conseguia segurar por mais tempo. Agarrei à frente da sua camisa, puxando-o para mim. Meu rosto estava agora a polegadas do dele.

—Você tem bolas de bronze, porra, jogando minha irmã na linha de fogo para salvar sua bunda gorda. Amari não me traiu. Nem minha mãe. Isso se chama lealdade, seu fodido. A você parece que falta a porra dessa característica. —Eu o soltei, olhando-o de cima a baixo. — Eu não vou avisá-lo novamente.

E eu não o faria.

Capítulo 7

Martinez

—Está pronta, *cariño*?

Sophia suspirou, olhando para mim através do espelho de corpo inteiro na frente dela.

—Você é o homem mais impaciente no mundo. Você sabia? —Ela reclamou, revirando os olhos enquanto continuava a aplicar o batom, não me dando qualquer atenção.

Porra, eu odiava essa merda, e ela sabia disso.

Ela era naturalmente bonita.

Eu estava ao lado dela com três passos, agarrando seu pulso, e virando seu rosto para mim. —Você está me desrespeitando, baby? —Perguntei, limpando o batom que ela tinha acabado de aplicar.

Ela revirou os olhos para mim novamente enquanto minhas mãos avançavam em direção a sua bunda. —Não é desrespeito quando é verdade. —Ela zombou.

Eu bati na sua bunda com força e a agarrei, fazendo-a choramingar. —Ai! Não! Isso doeu.

Sorri quando ela empurrou contra o meu peito, tentando sair do meu alcance. Não adiantava. Ela não iria a lugar nenhum, a menos que eu quisesse que fosse, mas ainda era divertido pra caralho vê-la tentar.

—É meu aniversário. Eu estou autorizado a fazer o que diabos eu quiser hoje.

—Qual é a sua desculpa para o resto do ano? —Ela riu enquanto eu lentamente movia minhas mãos na parte interna das suas coxas. Não demorou muito para fazê-la se contorcer, ela era sensível em todos os lugares. Fazia questão de tocá-la toda vez que podia, só para ouvi-la rir.

Ela tentou golpear minhas mãos. —Pare, faz cócegas. — Ela riu, jogando a cabeça para trás rindo.

Ela engasgou quando, de repente, eu a levantei, colando suas costas contra a parede com um ligeiro baque. Envolvi suas pernas em volta da minha cintura e os braços ao redor do meu pescoço. Ela mordeu o lábio enquanto eu olhava em seus grandes olhos verdes que eu sabia que mostravam o meu futuro.

—Para alguém que é tão impaciente, com certeza está tornando difícil eu ficar pronta. Achei que você quisesse ir? —Ela respondeu asperamente enquanto eu beijava ao longo do seu pescoço. Fazendo um pequeno gemido escapar de seus lábios.

—Tudo o que eu quero, tudo que eu preciso, está aqui em meus braços. —Eu disse, continuando meu ataque. Beijando cada ponto que eu sabia que a deixava louca.

Ela estava usando uma camiseta com decote baixo que eu não queria nada mais do que rasgar. Sua respiração engatou quando cheguei ao topo do seu decote que estava em plena exibição. Tudo o que eu sabia era que quando seu corpo estava pressionado contra o meu, levava toda a força de vontade que eu tinha para não enfiar meu pau até as bolas em sua buceta doce. Nós tínhamos brincado algumas vezes, mas continuei com essa besteira de preservá-la.

Ela não estava pronta para o que eu queria desesperadamente fazer com ela. Ainda não.

Eu deliberadamente empurrei meu pau duro contra o seu núcleo para que ela pudesse sentir a minha necessidade por ela. Continuando minha descida, eu dei um passo adiante. Minhas mãos começaram a percorrer, a partir de seu quadril para sua cintura, passando pelo seu seio, tirando outro gemido de sua boca.

—Shhh... Seus avós estão em casa. —Eu gemi, esfregando meu pau ao longo de seu calor novamente. Fazendo suas pernas envolverem mais forte em volta da minha cintura.

Ela queria sentir cada polegada do nosso contato.

Minhas mãos trabalhavam sob a camiseta, precisando sentir sua pele macia contra meus dedos calejados. Olhei em seus olhos. Nossa conexão tinha sido sempre impecável e fácil. Nunca foi um fardo ou uma obrigação estar com ela. Acima de qualquer coisa, ela era minha salvação. A única coisa boa que eu tive na minha vida.

Amor e desespero.

Desejo e culpa.

Meus sentimentos eram tão conturbados que eu questionei minha decisão de não possuí-la contra a parede.

Quando suas mãos pequenas e delicadas começaram a se mover do meu pescoço para baixo em meu peito, eu imediatamente agarrei seus pulsos, trazendo-os acima de sua cabeça. Mantendo-os ao meu alcance.

—Eu disse que você poderia me tocar? — Provoquei, roçando meus lábios levemente sobre os dela.

Ela balançou a cabeça negativamente, esfregando seu nariz em mim.

—Bem, eu não me lembro de ter dito que *você* poderia me tocar. —Ela respondeu, inclinando a cabeça, tentando me beijar.

Eu ri contra sua boca. —Quando você possui alguma coisa, você pode tocá-la sempre que quiser. Você pertence a mim, *cariño*. —Eu sussurrei, bicando seus lábios. Dando a ela o que ela queria.

—Seu coração pertence a mim, não é? —Ela simplesmente respondeu.

—Mmm, humm... —Eu aprofundei o nosso beijo, me perdendo no sentimento de sua língua aveludada.

Ela afastou-se primeiro, e eu imediatamente senti falta dos seus lábios. Sorrindo para mim através de seus cílios, ela ronronou. —Assim como suas bolas, amigo. — Tirando uma de suas mãos da minha, ela estendeu a mão para o meu menino.

Eu a interceptei, beijando a palma da mão antes de reivindicar sua boca novamente. Lenta, profunda e apaixonadamente. —Não, querida. —Eu a persuadi entre beijos.

Sem aviso, eu soltei suas mãos e recuei. Fazendo-a cair a seus pés inesperadamente. Ela choramingou com a perda do meu toque. Olhando para mim enquanto ajustava a roupa.

Falei com convicção. —Isso ainda é meu. Agora pegue suas coisas. Vamos. Eu tenho o pior caso de bolas azuis conhecido na humanidade.

E com isso eu saí, a ouvindo rir à distância.

Nós nos despedimos de seus avós. Ela lhes disse que ia dormir com a minha irmã durante o fim de semana, e que estaria de volta no domingo. Eu joguei a mala no porta-malas do meu carro e abri a porta do passageiro para ela.

—Eu tenho uma surpresa para seu aniversário. —Ela anunciou enquanto eu saía da garagem.

—É mesmo?

Ela assentiu com a cabeça, olhando para fora da janela, corando. —Sim. Vamos para o centro.

Porra, eu odiava surpresas. No mundo em que eu vivia, surpresas nunca eram uma coisa boa. Mas eu a deixaria fazer isso desta vez, porque o simples rubor em suas bochechas fez meu pau contrair, querendo saber o que mais poderia fazer com que ela corasse assim.

Nós dirigimos em um silêncio confortável enquanto eu segurava a mão dela no meu colo. Trazendo-a até meus lábios de vez em quando, gentilmente acariciando-a. A sensação de sua carne macia, suave, sedosa na minha boca era uma das minhas sensações favoritas. Eu gostava de senti-la. Seu aroma de baunilha e mel, que sempre permanecia em torno dela, me deixava louco, e era como um sinal direto para a porra do meu pau.

Eu tinha discutido com meus pais por semanas sobre não querer fazer do meu décimo sétimo aniversário um calvário. Claro, eles não escutaram. Especialmente ainda mais porque caía no fim de semana. Eu consegui convencer a minha mãe para mudar a festa para o dia depois do meu aniversário, para que eu pudesse passar o dia com Sophia. Ela concordou, com relutância.

—Vire à direita nesse estacionamento.

—Por que estou estacionando no Hyatt, *cariño*? —Perguntei, olhando para ela.

Ela deu de ombros, voltando a olhar para mim com um sorriso enorme no rosto. —Basta estacionar o carro, amigo. Tenho tudo sob controle.

Eu levantei uma sobrancelha com uma expressão severa.

—Por favor. —Ela acrescentou com um beicinho.

Eu balancei a cabeça, rindo. Colocando o meu Chevelle 67 em ponto morto, eu puxei o freio de mão, abri o porta malas, e saí. Desde que eu conseguia lembrar, eu tinha uma coisa com carros esportivos. O Chevelle foi o presente de aniversário dos meus pais no ano passado. Eles substituíram o motor por um 396 a um ano.

Sophia pegou sua bolsa, mas não foi rápida o suficiente. Joguei a alça por cima do meu ombro. Agarrando a mão dela, comecei a andar.

Ela nos levou até o elevador, sem se preocupar em parar na recepção do hotel. Ela não estava de brincadeira quando disse que tinha cuidado de tudo. O elevador fez um ***ping*** quando chegamos ao piso superior e as portas se abriram. Ela pegou uma chave e me levou para o corredor até o quarto 2406.

—Feche seus olhos.

Eu não fechei.

—Oh vamos lá. Você não confia em mim? Eu prometo que não vou roubar sua virtude. Nós não temos que fazer qualquer coisa que

você não queira, baby. —Brincou ela em um tom sarcástico que eu não apreciei, porra.

Estreitando os olhos para ela, eu disse: —Que bonitinha. É melhor você abrir o olho, querida. Você pode acabar com uma surpresa por causa de sua própria boca atrevida. —Eu disse, apontando para o meu pau.

Ela mordeu o lábio, olhando para mim através de seus cílios. Algo brilhou em seus olhos que eu nunca tinha visto antes. Sem se virar, ela empurrou para baixo a maçaneta e a porta se abriu. Eu estaria mentindo se eu dissesse que não fiquei completamente cativado por ela e onde isso possivelmente estava me levando. Ela pegou minha mão e me puxou, sem tirar o olhar do meu. Nós dois estávamos perdidos em nossos próprios pensamentos enquanto caminhávamos através do hall de entrada da suíte para a sala de estar.

Eu não dei qualquer importância ao nosso entorno, apenas segui Sophia para onde diabos ela me levava.

—Como você conseguiu esse quarto?

—Amari. —Ela simplesmente declarou. —Ela me ajudou a planejar tudo isso. —Disse gesticulando ao redor da sala.

—E o que exatamente é isso?

Continuando, nós caminhamos para o quarto. As cortinas estavam fechadas, mas a porta de vidro deslizante à minha direita estava aberta, permitindo que uma brisa quente nos rodeasse. Soltando sua mão, eu andei ao redor do quarto, sobre as pétalas de rosa espalhadas no chão e na cama. As velas acesas nas mesinhas de cabeceira e uma única cômoda enfatizavam o fascínio romântico para o que ela tinha feito.

Pela primeira vez na minha vida, fiquei sem palavras. Eu segui as pétalas de rosa que levavam para a varanda. Encontrei uma mesa para dois, colocada perfeitamente perto do parapeito, com mais velas iluminando o espaço pequeno. Uma vista impressionante de Manhattan brilhava atrás dela.

Fiquei ali por alguns minutos perdidos em meus pensamentos. Minhas emoções, que eu estava supostamente tentando manter sob controle em todos os momentos, estavam ganhando de mim. O pensamento de que ela tinha feito isso nesta noite, me fez amá-la um pouco mais. Eu não conseguia segurar a sensação de que ela era a única para mim.

Minha menina.

Eu me afastei das cortinas para caminhar para dentro. —Sophia, isso é.... — Eu parei quando a vi.

Ela estava vestindo uma das minhas camisas brancas de colarinho. Deixando-a ligeiramente desabotoada, levemente expondo seus seios e estômago. Havia uma fita vermelha amarrada na cintura, segurando a minha camisa no lugar. Ela sentou-se no centro da cama king-size com suas pernas dobradas debaixo dela, parecendo pequena pra caralho. Seu cabelo em cascata caia ao lado de seu rosto e corpo. O brilho suave da luz das velas dançava em sua pele lisa e cremosa.

Ela era de tirar o fôlego.

Em toda a minha vida, eu nunca tinha visto nada tão bonito antes. E eu agora via, ali mesmo.

Eu estava acabado.

Capítulo 8

Martinez

Eu apoiei meu ombro contra a porta de correr, com os braços cruzados sobre o peito. Inclinando a cabeça para o lado, absorvendo cada polegada de seu corpo.

A memória que eu valorizaria e levaria para a minha sepultura.

Sorrindo, eu murmurei. —É hora de dormir, *cariño*?

—Por que você não vem aqui e desembrulha o seu presente, menino aniversariante? Posso garantir que sono será a última coisa em sua mente. —Ela ronronou, dando tapinhas na cama.

Eu não precisei ser mandado duas vezes. Eu me afastei da moldura da porta com passos precisos e calculados, até que eu estava de pé na beira da cama. Pairando sobre seu corpo seminu. Ela trouxe as pernas na frente, em um gesto tipo, se submetendo. Seus olhos estavam dilatados, esperando minha próxima jogada.

Eu lentamente me inclinei para frente, sem tirar os olhos de cima dela. Com um movimento rápido, eu agarrei seus tornozelos e a puxei para mim. Ela veio sem esforço, sem fôlego e atordoada. Pega de surpresa com o rumo dos acontecimentos. Corri minhas mãos para cima em suas longas pernas, deixando arrepios em seu rastro. Querendo senti-la em todos os sentidos possíveis.

—É isso o que você quer? É por isso que me trouxe aqui esta noite? Transar com você? Porque uma vez que eu estiver dentro de você, eu não vou me segurar. Eu não vou parar até ter explorado cada polegada de seu corpo. —Eu admiti, necessitando que ela soubesse no que ela estava se metendo. —Eu não faço amor, Sophia. Eu fodo. Eu fodo muito. Eu fodo forte. Quero transar com você. E estou usando cada gota de controle dentro de mim agora para não possuí-la dessa maneira. É tudo o que sei. Nunca fiz amor, baby. Mas eu quero... com você.

Cada fibra do meu ser se rebelava para tocá-la, mas meu coração estava na minha garganta. Meu pulso acelerou, esperando que ela dissesse alguma coisa, qualquer coisa. Com medo de que eu causasse medo nela.

Sophia era a última pessoa no mundo que eu queria com medo de mim.

Ela lambeu os lábios, lentamente ficando de joelhos na borda da cama, a polegadas de distância de onde eu estava. Nossos olhos nunca vacilaram um do outro enquanto ela estendia a mão para tocar meu coração, que eu juro, estava batendo a mil por hora.

—Eu sei que você não vai me machucar. Eu confio em você com a minha vida, Alejandro. Eu te amo.

Essa foi a primeira vez que ela disse essas três palavras para mim. Eu nunca as repeti após o momento perdido naquela noite no meu quarto.

Não encontrei outro momento para dizer novamente.

—Eu não sei o que o amanhã trará, Sophia. Nada na minha vida é garantido. Eu não sei que tipo de vida posso lhe oferecer. Ou que tipo de homem vou me transformar. Tudo o que sei é que eu te amo, e eu vou te proteger com a minha vida. Dando meu último suspiro se for preciso.

Seus olhos lacrimejaram e seu lábio tremia com a verdade da nossa história de amor.

—Eu não posso imaginar minha vida sem você. Prefiro morrer a viver um dia sem ver seu belo rosto. Eu preciso de você, e isso é uma coisa terrível para um homem como eu. Eu não deveria trazê-la para esta vida, este mundo, mas eu não posso deixar você ir. Eu não vou. Você é a única coisa que faz sentido para mim, a única coisa que é só minha e de mais ninguém. Eu não vou ficar aqui e te enrolar. Eu não sou um homem bom, Sophia, mas você me faz querer ser.

Lágrimas deslizaram pelo seu rosto enquanto ela ouvia cada palavra que saía da minha boca. Usando os polegares, limpei suas

lágrimas. Segurando toda a minha vida entre as mãos.

—Eu quero me casar com você assim que se formar. Eu quero que você leve o meu sobrenome e quero te reclamar como minha. —Eu acariciava os lados de seu rosto, me vendo refletido em seus olhos brilhantes. —Você não tem que responder agora, *cariño*. Eu só precisava que você soubesse que eu não vou a lugar nenhum. *Mi vida es tuya*. — Eu honestamente falei. — Minha vida é sua.

Ela não disse uma palavra, mas não precisava. Seus olhos me mostravam tudo o que eu precisava ouvir. Querendo viver esse momento com ela, eu não vacilei e, lentamente, puxei as pontas da fita que seguravam a minha camisa. Desfazendo e deixando cair na cama. Minha camisa caiu para os lados, expondo seu corpo perfeito. Eu a observei pela primeira vez com um olhar predador, dos seios empinados, à sua pequena cintura e quadris estreitos. Deixando meus olhos permanecerem ali, antes de descerem para onde eu queria mais olhar.

Suas coxas finas expunham os lábios bonitos de sua buceta, que tinha uma pista de pouso no topo.

—Jesus Cristo, você é tão bonita, porra. — Eu olhei nos olhos dela, e ela sorriu timidamente. Suas bochechas ficaram no meu tom favorito de vermelho.

Nunca quebrando o contato dos olhos, eu trouxe a minha mão até a boca, lambendo meus dedos indicador e médio. Deixei-os molhados antes de colocar em sua vagina. Ela engasgou quando eu puxei a pele para trás para expor seu clitóris. Um rugido profundo escapou do seu interior.

Eu agarrei a parte de trás do seu pescoço e a puxei para mim, minha boca colidindo com a dela. Seus lábios se separaram contra os meus, enquanto eu trabalhava seu cerne de forma que suas pernas se abrissem ainda mais, e os quadris balançassem contra a minha mão. Agarrando a parte de trás do pescoço dela, eu nos aproximei, mas não perto o suficiente. Enfiei a língua em sua boca à espera, eu não queria espaço ou distância entre nós. Saboreei cada toque, cada empurrar e puxar, cada movimento dos meus dedos contra sua buceta. Os meus

lábios contra sua boca.

Como se ela fosse feita apenas para mim.

Só para mim.

Seu corpo começou a tremer, quando ela jogou a cabeça para trás. Quebrei o nosso beijo, a nossa conexão. Eu sabia que ela estava perto. Seus olhos fechados me atingiram de maneira que eu nunca pensei ser possível. Minhas bolas doíam para estar dentro dela. Ela ainda não tinha tocado meu pau, e eu podia senti-la toda.

Tão intenso.

Tão consumidor.

Tão alucinante

—Isso é bom, *cariño*? — Eu murmurei com voz rouca.

—Por favor, não pare. —Ela implorou, inclinando-se para meu toque. Colocando as mãos nos meus ombros para se apoiar.

Sorrindo, eu movi de um lado a outro em seu clitóris. —Não parar o quê? O que você não quer que eu pare?

—O que você está fazendo... Por favor...

—Aqui? — Eu perguntei, mudando o ângulo dos meus dedos.

—Sim... —Ela gemeu, desmoronando enquanto revirava os olhos

Não dando a ela uma chance de se recuperar, eu puxei suas pernas, caindo de volta na cama.

Ela gritou, surpresa.

Coloquei meus braços em volta de suas coxas e a puxei para mim, trazendo sua bunda para perto da borda da cama. Eu imediatamente caí de joelhos, colocando as pernas sobre os meus ombros, enterrei meu rosto em sua buceta cor de rosa perfeita, que eu não fiz nada além de sonhar. Ela se contorceu enquanto eu lambia sua

abertura até o clitóris, chupando forte antes de voltar para sua abertura e fode-la com a minha língua. Suas costas arquearam para fora da cama, querendo mais e eu prontamente dei.

Ela era o meu maldito novo sabor favorito.

Eu não aguentava mais. Meu pau pulsava contra a minha calça. Eu soltei meu cinto, deixando minha calça cair no chão. Segurei meu pau duro na palma da minha mão, uma vez que saltou livre. Masturbei-me enquanto eu continuava a fazer amor com ela com a minha boca. Levando-nos ao ponto de nos desfazer.

—Porra... —Ela ofegava em um tom arrojado, trazendo minha atenção de volta para ela.

Ela estava apoiada em seus cotovelos e me olhando com os olhos arregalados, me observando devorá-la enquanto eu acariciava simultaneamente meu pau. Seu olhar intenso fez o meu corpo já em brasas pegar fogo.

Quando suas pernas começaram a tremer, e seus olhos fecharam, eu sabia que ela estava perto novamente. Eu não vacilei, colocando meu dedo médio em sua abertura. Eu precisava deixá-la pronta para tomar o meu pau. A última coisa que eu queria fazer era machucá-la. Não havia nenhuma maneira no inferno que eu pudesse dar tudo de mim se eu a machucasse. Seu corpo instantaneamente travou quando sentiu meu dedo.

Eu chupei seu clitóris mais forte, movendo a cabeça de um lado a outro e para cima e para baixo, até que seu corpo afundou no colchão, e suas coxas se soltaram. Lentamente empurrei meu dedo mais fundo, indo direto para seu ponto G. Ela era tão apertada, e seu clímax a deixou ainda mais apertada.

Ela choramingou com a intrusão repentina. A dor misturada com o prazer fez meu pau doer para estar dentro dela.

—Quase lá, baby. —Eu gemi, lambendo seu clitóris. —Eu estou bem aqui...

Ela gemeu alto quando eu pressionei contra seu ponto G, apertando as pernas com a nova sensação.

—Oh Deus! Eu não posso... Eu não posso...

—Relaxe, eu vou cuidar de você. Apenas deixe-se levar, *cariño*.

—É muito... Oh meu Deus...

Seu corpo tremia tanto que eu tive que soltar meu pau e colocar o meu braço em torno de suas pernas, segurando-a no lugar.

Segundos depois ela gozou forte, gritando meu maldito nome.

Sacudindo minha língua uma última vez em seu clitóris, eu a deixei montar seu orgasmo no meu rosto até que seu corpo ficou frouxo. Fiquei lambendo seu orgasmo dos meus lábios. Saboreando o gosto dela. Os olhos dela se arregalaram instantaneamente quando ela viu meu pau duro pela primeira vez.

—Alejandro, essa coisa nunca vai...

—Vai. —Interrompi, tentando aliviar sua preocupação enquanto eu desabotoava a camisa, sorrindo para ela.

—Ele vai me matar...

—Ele não vai. — Eu joguei a camisa na cadeira.

—Você está certo...

—Eu estou. —Chutei meus sapatos e calça que estavam amontoados em meus tornozelos, agarrando minha carteira antes de jogá-la de lado também.

—Nós não precisamos disso. —Ela me informou quando me viu tirando um preservativo. —Estou tomando a pílula. E eu confio em você.

Sorri novamente, rastejando sobre seu corpo. Beijei sua pele enquanto subia para o rosto dela. Eu a enjaulei com os meus braços, segurando-a. —Eu sempre vou cuidar de você. Quando você estiver comigo, Sophia, deixe-me preocupar com tudo. —Eu sussurrei, contra

seus lábios.

No segundo em que minha língua tocou a dela, isso se transformou em um momento único. Nós estávamos no nosso próprio mundo. Minhas pernas abriram as dela, e eu prontamente apoiei todo o meu peso sobre meus braços que estavam embalando seu rosto.

Olhei fundo nos olhos dela, murmurando. —Eu nunca fiz sem nada antes.

Ela sorriu, seu sorriso iluminando seu rosto inteiro. Era tão contagioso. Eu não pude deixar de sorrir para ela. Comecei colocando beijos suaves em seu decote e contra seu mamilo enquanto ainda olhava para ela. Querendo testemunhar o efeito que eu causava. Eu chupei seu mamilo em minha boca, girando minha língua enquanto minha mão acariciava o outro seio, deixando-a sem fôlego debaixo de mim.

Colocando a ponta do meu pau em sua abertura, eu gentilmente mordi seu mamilo, dando-lhe exatamente o que ela desejava.

—*Te amo*. —Eu sussurrei. — Eu te amo. —Precisava que ela ouvisse.

—Eu também te amo. —Ela repetiu, movendo os quadris, me convidando a continuar. Baixei a mão para o seu clitóris, brincando com seu broto já estimulado. Lentamente, comecei a penetrá-la.

—Humm...

—Você está bem? —Eu gemi em sua boca.

Ela assentiu com a cabeça, tentando se concentrar enquanto eu empurrava mais e mais profundo. Nada comparava ou até mesmo chegava perto do que era ter Sophia. As sensações que só ela provocava dentro de mim. Lentamente eu empurrei polegada por polegada, deixando sua buceta se ajustar ao meu pau. Empurrei através de sua barreira até que eu estava bem no fundo.

Um gemido escapou dos meus lábios quando ela gemeu de dor.

—Você é minha, Sophia. —Eu a lembrei, fazendo-a sorrir apesar do desconforto.

Eu levei um momento quando eu estava totalmente dentro dela, apreciando sua sensação pela primeira vez, não parando o atrito dos meus dedos contra seu clitóris. Eu comecei aos poucos a conduzir para dentro e para fora, esfregando os dedos mais rápido e com mais determinação. Seu corpo começou a se mover em perfeita sincronia com o meu enquanto eu agarrava seu traseiro, empurrando mais e mais para dentro o meu eixo.

Ela era tão apertada, molhada pra caralho, tão perfeita.

Beijei-a novamente, saboreando a sensação sedosa da minha boca dizendo que ela era minha. Antes de descansar minha testa na dela, empurrei um pouco mais rápido.

Um pouco mais profundo.

Um pouco mais forte.

Suas costas arquearam para fora da cama em um frenesi de dor e prazer. Não demorou muito até que ela começou a combinar com minhas estocadas, movendo seus quadris contra o meu. Suas pernas abriram ainda mais para mim.

—Eu quero te foder tão forte agora, baby. Eu quero que você me sinta aqui na parte da manhã. Eu quero que você me sinta o dia todo porra, mas você é tão apertada e eu vou me segurar, tanto quanto eu puder. —Rosnei.

Ela não disse nada, apenas levantou os quadris. Fazendo um apelo silencioso para toma-la ainda mais. Posicionando meu joelho mais acima, sua perna inclinou com a minha. Sua respiração acelerou, e eu sabia que eu estava batendo em seu ponto G com esse ângulo. Eu agarrei a parte de trás do seu pescoço para manter os nossos olhos se encontrando. Minha testa pairava acima da dela quando igualamos nossa respiração, tentando encontrar um ritmo unificado. Eu mais uma vez trouxe seus lábios para encontrar os meus. Empurrando minha língua, aleguei até a última maldita polegada dela.

Meus movimentos tornaram-se mais fortes e mais ásperos, seu corpo respondendo a tudo o que eu estava dando a ela.

Tudo o que eu estava tomando...

Seus olhos estavam dilatados de prazer, mas também de dor. Eu imediatamente lambi seus seios, não sendo possível conseguir o suficiente dela, e querendo tirar sua atenção da dor para se concentrar no êxtase. Me voltando para o rosto dela, nossas bocas estavam agora se separando enquanto nós dois ofegávamos muito, incapazes de controlar os movimentos do nosso corpo.

—Oh, Deus... Eu vou... Eu acho que vou gozar...

Eu empurrei mais rápido, movendo os dedos apressadamente.

—Sim... Alejandro... Sim... —Ela respirou, culminando no meu eixo, me levando direto ao clímax com ela.

Eu gozei forte pra caralho dentro dela, beijando-a com paixão e segurando-a mais forte até que não havia mais nada dentro de mim.

—Te amo, *cariño*.

Nós ficamos assim por não sei quanto tempo. Apreciando a sensação de nossa pele em contato pela primeira vez. Eu beijei todo seu rosto, seu pescoço, costas e voltei ao seu rosto novamente.

Ela era minha.

Pelo resto da minha vida, eu nunca a deixaria ir.

E eu não o fiz.

Capítulo 9

Martinez

No último ano e meio, Sophia realmente se tornou parte da nossa família. Ela ajudou a minha mãe a planejar minha festa de aniversário de 18 anos há alguns meses. Elas foram a todos os lugares juntas por semanas, certificando de que tivesse bolo, comida e entretenimento perfeitos. Acho que minha mãe a viu mais do que eu. A festa foi um show do caralho. Minha mãe queria que fosse muito especial porque eu era oficialmente um adulto agora. Um homem, foi como ela me chamou, não mais seu bebê.

Ela e Sophia tinham se aproximado no ano passado. Elas se amavam. Sendo que Sophia tinha perdido sua mãe em uma idade jovem, minha mãe a colocou sob sua asa. Sophia estava interessada em coisas que Amari não dava a mínima, e minha mãe aproveitava qualquer chance que pudesse surgir. Ela ensinou Sophia como cozinhar todas as minhas refeições favoritas, que tipo de especiarias espanholas ela precisava ter em todos os momentos, e outras merdas aleatórias, tipo como dobrar minhas roupas.

Do mesmo jeito que ela tinha cuidado de meu pai, ela estava tentando moldar Sophia para ser como ela, então quem diabos eu era para reclamar?

Eu a deixaria ter isso.

Eu acho que ela tentou fingir que eu não tinha visto certas coisas. Como se meu pai não estivesse me mostrando mais e mais violência com o passar dos dias. Como se o mundo realmente fosse um lugar bom. Ver derramamento de sangue tornou-se regra para mim. Minha mãe, Sophia e Amari, pareciam o outro lado do espectro, quando eu vinha para casa com as juntas dos dedos e as camisas manchadas de sangue.

Meu pai sujava as mãos em tudo, desde drogas, a armas e nos

clubes. Ele era a definição de crime organizado, havia muito pouco que ele não possuía ou operava. Os políticos, policiais, agentes do FBI, eram todos corruptos e todos estavam no seu bolso. Nada poderia ser rastreado até ele. Ele construiu um império filho da puta do nada, além das merdas obscuras.

A escuridão que estava em torno de nossa família só me arrastava mais e mais para o abismo.

Mamãe não quis saber do presente que ele me deu no meu aniversário, não querendo ter nada a ver com isso. Duas Glocks 9mm que eu tinha que usar sob o meu paletó, em todos os momentos. Nunca era autorizado a sair de casa sem elas. Sophia não estava muito feliz com isso também, mas não disse uma palavra para mim. Ela sabia que tipo de vida eu estava levando. O olhar em seu rosto falou muito na primeira em vez que ela colocou os braços em volta de mim e sentiu as armas entre nós.

A ironia não foi perdida por mim.

Poucas semanas antes da formatura, eu levei Sophia para esse mesmo quarto onde eu tirei sua virgindade. Pensando em minha promessa, eu nunca lhe dei um anel, então eu tive que me redimir. Eu queria que ela soubesse que eu estava falando sério. A última vez, ela não me deu uma resposta, o seu “aceito” foi não dito, mas eu precisava ouvir a palavra: “Sim”. Ela animadamente aceitou enquanto eu colocava um anel de ouro branco com borda infinita em seu dedo. Fazendo outra promessa de que eu o substituiria por um de diamante depois que dissesse ao meu pai que estávamos noivos. Eu não queria ter que responder a ele tão cedo. Eu só queria desfrutar do nosso noivado por tanto tempo quanto eu pudesse.

Não havia como esconder isso da minha mãe. Ela notou o dedo com o anel brilhante, logo que entramos. Tudo o que ela fazia era sorrir para si mesma enquanto se afastava de nós. Eu sabia que tinha a sua bênção. Mas não era com ela que eu estava preocupado.

Quando eu coloquei o anel no dedo de Sophia, eu também prometi a ela que não teria que se preocupar com nada, uma vez que ela

fosse minha esposa. Eu tomaria conta de nós.

Ela disse que tudo o que ela queria era uma família.

Eu a deixei saber que eu ficaria feliz em fazer isso acontecer na noite do nosso casamento, se era isso o que ela queria. O baile de formatura era em poucas semanas e a graduação não estava muito atrás disso. Eu não podia esperar para dar o fora da escola. Eu não iria para a faculdade, como a maioria. Eu nem sei por que eu me incomodei em terminar o colegial, a não ser pelo fato de que isso fez a minha mãe feliz. Ela queria o meu diploma para pendurar junto ao de Amari na parede ou alguma merda assim. Amari se formou no ano passado, juntamente com Michael. Eu pensei sobre o que ela disse há alguns anos no sótão, o tempo todo. Sobre dar o fora daqui, logo que ela se formasse e fosse velha o suficiente.

Ela ainda vivia na casa quase um ano depois. Eu tinha esperanças de que talvez ela aceitasse que esta era a sua vida e, que apesar de tudo...

Éramos sua família.

—Alejandro Eduardo Martinez de la Cruz! — Minha mãe gritou meu nome inteiro, me tirando dos meus pensamentos. Ela caminhou até mim e ficou na frente da televisão. Gritando com as mãos no ar. —*Tu le dijistes a Sophia que no sabes bailar?* —Ela gritou, acrescentando: —Você disse a Sophia que você não sabe dançar?

Porra.

Sophia tinha me enchido a paciência sobre as canções para o casamento, e a música da dança entre mãe e filho. Eu apenas disse que não sabia dançar, e que ela poderia escolher o que ela quisesse para parar de me azucrinar.

—*Mamá, estoy viendo una película*. —Eu respondi: —Eu estou assistindo a um filme. — Movendo a cabeça para vê-la com uma expressão severa. —Não agora.

Ela não vacilou e logo se virou para desligar. Do canto do meu

olho, eu peguei Sophia rindo, com as mãos sobre a boca enquanto observava minha mãe me repreender.

—O que é tão engraçado, *cariño*?

Sua cabeça caiu para trás com riso. Ela definitivamente pagaria por isso mais tarde.

—Eu lhe ensinei como *bailar*, a dançar, no momento em que você ficou de pé. —Mamãe me lembrou em tom autoritário com uma das mãos em seu quadril, e a outra na frente dela, agitando um dedo dessa forma de mãe hispânica.

Se ela fosse qualquer outra pessoa, além da minha mãe, eu nunca teria permitido.

—Por que você mentiu para Sophia?

Ela não me deu uma chance para explicar antes de continuar sua explosão.

—Você sabe dançar, especialmente salsa e merengue. Eu me certifiquei disso. —Ela deu um tapinha no peito, se movendo em direção ao som no canto da sala.

Eu sabia exatamente o que ela faria, e eu temia cada segundo disso. Sophia não podia parar de rir e desistiu de tentar esconder. Ela se inclinou contra o sofá com os braços cruzados sobre o peito, apreciando o show.

"*Mi gente"* de Héctor Lavoe saiu pelos alto-falantes, uma de suas canções favoritas. Eu respirei fundo, tentando acalmar a sensação de onde isso chegaria. Ela desfilou até mim, movendo seu corpo ao ritmo da salsa.

—*Ven*. —Ela disse. — Venha. — Esticando as mãos para mim.

—*Mamá*... —Eu avisei.

—Você não me diga não. *Ven*. —Ela repetiu, me puxando para ela.

—Mostre a Sophia como você se move. Faça a sua *Mama* orgulhosa. —Ela colocou uma das mãos no meu ombro e outra ao lado, esperando eu entrar em posição. —Pronto?

—Eu acho que tenho que estar. —Retruquei, dando um passo mais perto, tomando a mão da minha mãe e envolvendo a outra em torno da parte superior das costas.

Nós começamos a nos mover. Dei um passo para frente enquanto ela recuava e vice-versa. Meus quadris balançavam com a batida da música, fazendo um passo básico de salsa. Repeti isso mais algumas vezes, para me acostumar com o movimento até que encontramos o nosso sincronismo. Eu assumi a liderança, agarrando sua mão direita para ela dar um giro uma vez, enquanto os nossos pés mantinham o ritmo básico.

Não demorou muito para nos perdermos na música, quase nos esquecendo de que Sophia estava assistindo.

Nós nos movemos facilmente ao redor da sala. Eu trouxe os nossos braços para cima em uma volta cruzando nossos braços, girando-a e, em seguida, a mim mesmo, sempre retornando ao nosso passo básico. Nossos pés nunca perderam o ritmo enquanto eu puxava seu corpo contra o meu, girando-nos três vezes pelo chão em direção à Sophia. Ela ficou ali, assistindo cada movimento nosso com luxúria em seus olhos. Girei minha mãe uma última vez e a inclinei para um mergulho, pegando-a de surpresa. Fazendo-a rir. Era o segundo melhor som do mundo. Eu adorava vê-la assim, tão despreocupada.

Bloqueei meus olhos em Sophia enquanto eu puxava minha mãe, abraçando-a contra o meu peito. Beijando a cabeça dela antes de deixá-la ir.

Mamãe dançou em direção à Sophia, que deu alguns passos para trás, colocando as mãos na frente dela. Sacudindo a cabeça. —Eu não sei dançar isso. —Ela riu.

—*Ven*, vem. —Insistiu ela, agarrando as mãos de Sophia e puxando para ela. —Você aprende. Você precisa dançar assim em seu

casamento. —Mamãe piscou, girando-a em minha direção, deixando-a cair em meus braços. O rosto de Sophia empalideceu, chocada com minha mãe mencionando o casamento.

—Alejandro vai te ensinar. Mostre a ela, Alejandro. Eu quero buscar uma câmera para tirar fotos.

—Não, mamãe. Nada de câmera. Eu acho que você me envergonhou o suficiente por um dia.

—Vá em frente, e a ensine. Eu já volto. —Ela era uma mulher muito persistente que ia atrás do que ela queria.

—*Muy bien, cariño*. —Eu a elogiei... —Muito bem. —Quando eu a trouxe contra meu peito. Amando a sensação dela em meus braços. Eu nunca poderia ter o suficiente disso.

—Eu não posso acreditar que ela está bem com isso. Nós casando tão jovens? —Ela questionou com preocupação em seus olhos.

—Ela se casou com o meu pai quando tinha apenas dezessete anos. Meus avós tiveram de assinar documentos para que eles tivessem uma cerimônia. Meu pai é vinte anos mais velho do que ela.

Ela arregalou os olhos em descrença.

—Ela ama você, Sophia. É difícil não amar. Ela teria o prazer de chamá-la de sua filha.

Ela sorriu.

Coloquei seu braço esquerdo no meu ombro, minha mão em volta dela trás, as outras mãos entrelaçadas ao nosso lado. Ela engasgou quando eu inesperadamente trouxe a minha perna direita entre as dela, para que ficasse praticamente montando minha coxa.

Eu não queria nenhuma distância entre nós.

—Eu não me lembro de você e sua mãe dançando tão perto, amigo. Você está invadindo meu espaço pessoal.

—É mesmo? —Eu levantei minha perna um pouco mais alto, roçando suas coxas, polegadas longe de sua buceta, sentindo seu calor.

Eu sorri, avisando. —Segure-se firme.

—O que...

Eu nos levei em círculos rápidos, roçando os quadris contra os dela. Parando apenas quando a música permitia. Eu girei em torno dela e a trouxe de volta para mim, nossos peitos colidindo.

—Whoa. —Ela suspirou.

—Boa menina.

Eu repeti os mesmos passos algumas vezes até que ela pegou, e eu pude mostrar alguns novos. Ela estava sorrindo e rindo o tempo todo, sem fôlego. Seu rosto era assim tão belo enquanto eu mostrava os passos básicos de salsa, e enquanto ela balançava o rabo gostoso junto com a música. Nunca pensei que eu realmente gostaria de fazer isso com ela.

Eu odiava dançar, mas dançar com ela, eu estava amando.

—*Mira los*! — A mãe gritou... — Olhe para vocês. — Tirando foto após foto com sua câmera até que eu me desculpei e saí. Eu podia ver que minha mãe queria um momento privado com a minha garota.

—Sophia. —A mãe murmurou, segurando meu mundo entre suas mãos.

Eu fiquei encostado na parede com as mãos nos bolsos, e elas não tinham notado que eu ainda estava lá. A música continuava flutuando no ar enquanto a minha mãe ficava cara a cara com Sophia.

—Você trouxe vida ao meu filho. Você trouxe luz e amor em seu coração. Você é um anjo. Eu nunca o vi assim antes. Este mundo, Sophia... É muito difícil. É tão fácil cair na escuridão. Eu vi meu marido transformar-se em um homem que eu não conheço. Há alguns dias... — Ela parou o que ela ia dizer.

Baixei as sobrancelhas, confuso. Pego de surpresa com o que ela acabou de insinuar.

—Eu não posso salvar o meu bebê dele. Tanto quanto eu gostaria de poder... Não posso. Está fora das minhas mãos agora. Está nas suas. Você o ame. Você o ame com todo seu coração. Sempre. Mostre a ele que a luz vive dentro de você. Você nunca deixe a escuridão em sua casa. Não há como voltar atrás, uma vez que está lá. Você me entende?

Sophia franziu a testa, balançando a cabeça. Seus olhos se encheram de lágrimas.

—Prometa-me. Prometa-me. —Mamãe repetiu, com a voz embargada.

—Eu prometo, Sra. Martinez.

—Chega desse absurdo de Sra. Martinez. Você pode me chamar de mãe. Você é da família agora.

Mamãe deu um suspiro de alívio e beijou sua testa. Passamos o resto da tarde dançando, rindo e curtindo a companhia um do outro. Foi um dos dias mais felizes da minha vida.

Eu não conseguia parar de pensar sobre o que minha mãe disse. Nunca percebendo que aquelas palavras sempre me assombrariam.

Capítulo 10

Martinez

Os convidados encheram o salão de banquetes da nossa festa de noivado. Todo mundo estava dançando, conversando e apreciando a noite que provavelmente custou a meus pais uma pequena fortuna.

O tilintar de um copo ecoou pela sala. —Senhoras e senhores, posso ter sua atenção por apenas um minuto? Como padrinho, eu gostaria de fazer um brinde ao casal feliz. —Leo anunciou, levantando-se de seu assento. —Eu conheço Martinez desde que tínhamos doze anos de idade, e ele me salvou no primeiro dia de escola. Temos sido amigos desde então. —Ele riu, piscando para mim. —Ele era um filho da puta arrogante naquela época, e como todos sabem, não mudou muita coisa.

A sala irrompeu em gargalhadas, Sophia concordando com a cabeça.

—Eu nunca o vi, da maneira como ele é com Sophia, com mais ninguém. Eu não poderia estar mais feliz por ele. Você finalmente encontrou seu par. Sophia, se divirta com ele, e desejo a melhor sorte. —Ele apontou para nós, e eu agradeci. —Todos, por favor, levantem suas taças e me ajudem a desejar a este belo casal uma vida de felicidade. *Salute*. —Leo ergueu a taça, e os nossos convidados seguiram o exemplo, todos nos desejando o melhor.

—Uau, eu não posso acreditar que você conhece todas essas pessoas. Nosso casamento vai ser tão grande, também? —Sophia sussurrou com espanto.

Eu balancei a cabeça, deixando escapar uma pequena risada pelo olhar em seu rosto. Puxei-a para um abraço apertado e beijei sua cabeça. —Se minha mãe tiver alguma coisa a ver com isso, sim. —Eu respondi, olhando para o lado de seu rosto, enquanto ela continuava a olhar no mar de familiares, amigos, colegas e inimigos.

Meu pai sempre manteve seus amigos perto, mas seus inimigos ainda mais perto. Era outra mentalidade que o manteve vivo. Nós finalmente dissemos a ele que nos casaríamos, alguns dias depois que nos formamos, há três meses. Ele recebeu a notícia do nosso compromisso melhor do que esperávamos. Apanhou a todos nós de surpresa quando ele nos deu a sua bênção. Não que eu tivesse lhe dado uma escolha no assunto.

Mamãe insistiu em roubar Sophia, andando com ela ao redor da sala da nossa festa para apresentá-la a todos. Ela era a rainha do baile, e isso fez com que todos os amigos ricos da minha mãe babassem com cada palavra que ela dizia. Beijando a bunda dela, sabendo quem ela era para mim. Uma parte de mim sabia que, tanto quanto Sophia estava com medo desta vida, ela também estava secretamente atraída por ela. Era difícil não estar. Desse outro lado estava uma vida glamorosa.

Quando na realidade era o inferno na Terra.

Uma vez que eu finalmente consegui Sophia de volta de minha mãe, eu a levei para a pista de dança. Segurando-a firme, cantarolando a melodia suave em seu ouvido.

—Eu não posso acreditar que você me fez pensar que eu perdi o meu anel. —Ela olhou para baixo, para o diamante de três quilates que eu tinha adicionado ao seu anel do infinito. Colocando a pedra no centro do símbolo.

Eu a surpreendi naquela manhã, e ela passou o resto do dia me agradecendo por isso.

—Eu ainda estou chocada por seu pai ter reagido com tanta calma ao nosso compromisso. Talvez ele não seja tão ruim, Alejandro. —Admitiu ela do nada.

Assim que essas palavras saíram de sua boca, eu parei de dançar. —Olhe para mim. —Eu pedi em um tom áspero. —Ele é o diabo, Sophia. Ele é o maldito Diabo. Eu nunca quero que você pense que ele é algo menos do que isso.

Ela baixou as sobrancelhas. —E você? O que isso faz de você?

—O sucessor na fila. —Eu respondi sem hesitar, começando a me mover com ela novamente.

Ela fez uma careta, seguindo o meu exemplo. —Você vai mudar quando assumir? Eu não vou saber mais quem você é? —Ela perguntou o que a vinha incomodando desde o dia em que fez a minha mãe essa promessa.

Eu estaria mentindo se eu dissesse que eu não tinha notado uma mudança nela depois daquele dia.

Mais perguntas em seus olhos.

Mais preocupação em seu tom.

Mais incerteza em suas ações.

Mais. Mais. Mais.

Eu rocei sua bochecha com o dorso dos dedos, fazendo-a relaxar. Prometendo a mim mesmo, aqui e agora, que eu nunca mentiria para ela.

—Você está linda, *cariño*.

—Você não respondeu minha pergunta.

—Você não deve fazer perguntas que você não quer saber as respostas.

Ela se afastou, ferida, dando um passo para longe de mim.

—Eu sou quem eu sou, Sophia.

Ela não vacilou e deixou escapar. —Você matou alguém, Alejandro? Quero dizer, depois daquela noite. Há mais sangue em suas mãos?

—O que eu faço não é da sua preocupação.

—Então isso é um sim. —Ela bufou, balançando a cabeça em descrença.

—Não é um não.

Ela recuou ainda mais para longe de mim, a minha declaração a fazendo estremecer. Pela primeira vez, ela olhou para mim como se não me conhecesse. Um brilho de desgosto espalhou sobre seu rosto. Matou-me não mentir para ela. Eu odiava que eu não pudesse dizer a ela o que ela queria ouvir. Teria sido fácil puxá-la em meus braços e aliviar sua preocupação.

Eu não fui feito assim.

Eu posso ser um monte de coisas.

Mas um mentiroso não era uma delas.

Ela virou as costas para mim, envolvendo os braços em torno de si mesma em um gesto reconfortante. Precisando fugir da verdade que estava descaradamente olhando-a no rosto.

Eu.

Eu permiti o espaço que ela precisava, mesmo que eu odiasse isso. Passei minhas mãos pelo meu cabelo em um gesto frustrado, travando os olhos com meu pai do outro lado da sala. Ele estava fumando um charuto com seus associados em volta dele. Levantou o copo de uísque na frente dele em um gesto de parabéns.

Peguei um copo em cima da mesa na minha frente, balançando a cabeça, retornando o sentimento. Eu rapidamente bebi o conteúdo antes de me virar para sair. Desesperadamente precisando de um pouco de ar e espaço para mim mesmo. Sentindo como se a sala estivesse se fechando sobre mim. Eu precisava limpar a minha cabeça do medo que senti no meu coração e os pensamentos que desordenavam minha mente.

Meu presente e meu futuro colidindo.

Peguei uma garrafa de Bourbon do bar e saí. Tomando um gole logo que passei pela entrada de trás do salão de banquetes. Eu queria ficar sozinho. Eu queria afogar minhas mágoas. Eu queria ficar perdido

em meus próprios pensamentos.

Minhas próprias compulsões.

Meu próprio inferno.

O líquido de fogo queimou enquanto eu tomava outro gole, acolhendo a dor que ressoava no meu peito. Eu queria fingir que os últimos dez minutos não tinham acontecido. O meu mundo inteiro não havia caído por terra a minha volta, com um olhar que eu nunca quero experimentar novamente. Eu sabia que era só uma questão de tempo antes de Sophia querer respostas que eu não poderia fornecer.

Logo, toda a sua vida estaria mudando, e não para melhor. Eu tomei essa decisão. Ninguém mais além de mim. As palavras de Michael me assombravam a cada passo sobre o cascalho que me tirava da minha própria festa. Não dando a mínima para onde eu estava indo, apenas andando sem rumo. Tentando, esperando, rezando para que eu estivesse fazendo a coisa certa.

Que amá-la não fosse sua destruição.

Sem nunca perceber que poderia ser a minha.

Eu me virei procurando a área arborizada que me rodeava, de repente, sentindo a perda da luz que ela sempre trouxe para a minha vida. Com o canto dos meus olhos eu vi sombras na distância. Levei um segundo para perceber que era a minha mãe. Ela estava em pé na frente de seu guarda-costas Roberto em um gazebo. Eu me aproximei para ver melhor, e foi então que eu notei que ela parecia irritada.

Nada parecido com a mulher vibrante, radiante que ela tinha sido a noite toda.

Foi-se o sorriso e a atitude feliz.

Ela jogou as mãos no ar, furiosamente sacudindo a cabeça. Apontando para o corredor, ela exagerou suas palavras.

Dizendo algo que eu não podia distinguir. A expressão em seu rosto fez a minha mente correr. Roberto disse algo com um olhar de

remorso, deixando-a tensa e virando as costas para ele. Ela olhou para longe com os braços cruzados sobre o peito.

Eu estava prestes a ir em direção a eles quando ouvi Sophia chamando meu nome. Virei-me quando ela estava caminhando até mim.

—Ei... —Ela suspirou. —Eu estive procurando por você. Achei que você tivesse me deixado aqui.

—Nunca.

Ela sorriu. —Sinto muito, Alejandro. Eu não... Quer dizer, eu não estava tentando... É só que... —Ela fez uma pausa, suspirando. Tentando reunir seus pensamentos quando os meus ainda estavam na minha mãe.

—Eu acho que eu estou aprendendo o meu papel em tudo isso. Em sua vida. —Ela falou, trazendo minha atenção de volta para ela.

—Você vai ser minha esposa. A pessoa mais importante na minha vida. Nada vai mudar isso.

—Não é tão simples assim.

—Você está tornando isso mais difícil. Baby, somos diferentes. O que temos é diferente. —Eu dei um passo em direção a ela, tomando seu rosto em minhas mãos.

—Eu não quero perder você. Eu não quero que você mude. Eu te amo. Pelo homem que é agora. Você entendeu? —Lágrimas enchiam seus olhos.

—Eu não tenho escolha, Sophia. Você entendeu? —Rebati.

Ela assentiu com a cabeça, chegando a envolver os braços em volta do meu pescoço. Inclinei-me para segurá-la em meus braços.

—Sim. Eu não quero brigar. Você já tem o suficiente disso, por nós dois.

—Ela riu, tentando quebrar a tensão entre nós. Nossa briga

acabou.

Por agora.

—*Te amo*. —Eu murmurei contra seu ouvido. —Eu te amo.

—Eu também te amo. Vamos. Vamos voltar para a nossa festa. —Ela se afastou, agarrando minha mão.

Quando olhei por cima do ombro em direção ao gazebo, eles tinham ido embora.

Passei a próxima semana pensando sobre o que eu testemunhei. Observando minha mãe passear, ir em frente com sua vida diária como se nada estivesse errado. Mesmo que eu soubesse o contrário. Em várias ocasiões, eu presenciei, ela e meu pai, sussurrando um com o outro, tendo conversas intensas. Eles nunca brigaram. Algo não estava bem, e eles com certeza não diriam a Amari e a mim.

Uma tarde, Sophia, minha mãe e Amari decidiram que começariam a olhar ao redor por locais para o casamento. Aproveitei a oportunidade para falar com meu pai. Determinado a obter algumas respostas para o que diabos estava acontecendo com a minha mãe.

—Entre. —Papai anunciou depois que eu bati na porta de seu escritório.

—Você tem alguns minutos? —Perguntei, espreitando minha cabeça pela porta.

Ele fez um gesto com a mão para eu entrar e para o seu guarda-costas sair. Fechei a porta atrás dele, querendo um pouco de privacidade. Tomei um assento em uma das cadeiras na frente de sua mesa, onde ele estava sentado com pilhas de papéis na frente dele.

—Tudo vai bem com os italianos? —Ele perguntou, olhando para os documentos, não me dando qualquer atenção.

—Eu lidei com isso. —Eu simplesmente disse, me inclinando para trás na cadeira, o olhando.

—Bom. Então, o que foi?

—Há algo que você não está me dizendo?

Ele olhou para cima de sua papelada, colocando a pilha de volta em sua mesa. —Se importa em explicar?

—Eu vi mamãe irritada na festa de noivado. O que diabos está acontecendo?

Ele zombou. —Sua mãe fica irritada sempre. Você vai se casar, Alejandro. Foi um dia difícil para ela. Seu menino está se tornando um homem. Realizando outro marco importante. Ela sabe que você vai embora em breve. Amari provavelmente será a próxima na forma como as coisas parecem ir com ela e Michael.

—Eu não sou cego. Eu sei o que vi. Aconteceu alguma coisa? Mamãe está em perigo?

—Ela está sempre em perigo. É parte de ser um Martinez.

—Não brinca. Eu vi vocês cochichando. Você está escondendo alguma coisa. Ela está doente? Se ela está doente, você precisa me dizer. Eu...

—Eu não preciso fazer nada, Alejandro.

Apertei os olhos para ele com uma expressão sincera. —Estou aqui por causa da preocupação pela minha mãe.

Ele respirou fundo, contemplando o que diria. —Eu estou cuidando de tudo. Javier... Eu estou lidando com isso.

—Tem sido quase quatro anos. Quatro malditos anos, e esse filho da puta ainda está andando. Ele já deveria ter sido cuidado. Que porra é essa espera?

—Você está questionando minha autoridade? —Ele rosnou, olhando-me de cima a baixo.

—Quando se trata da segurança de minha mãe, eu questionaria a

autoridade de Jesus Cristo.

Ele bateu seus punhos sobre a mesa. —Eu nunca deixaria nada acontecer com sua mãe. Minha esposa. Você está me ouvindo? Nunca mais me desrespeite, insinuando isso.

Eu imediatamente me levantei, me inclinando para frente. Colocando as mãos sobre a mesa, eu o olhei nos olhos e falei com convicção. —Se você não colocar a porra de uma bala em sua cabeça, eu vou.

E eu quis dizer cada palavra.

Capítulo 11

Martinez

—Você está pronto? —Perguntou Amari, quando ela se sentou ao lado de Sophia, que tinha uma pilha de revistas de noivas sobre a ilha da cozinha. Ela tinha procurado vestidos e decoração, durante a última hora. Combinando cores e organizando o que ela gostava e o que não.

—Por que eu tenho que ir para isso de novo? —Perguntei, irritado. Elas estavam me arrastando junto com elas para fazer merdas de casamento. —As mulheres devem ser aquelas que lidam com tudo isso. Eu fiz o meu trabalho. Propus e coloquei o anel em seu dedo.

—Isso foi uma resposta muito machista, irmão. —Ela respondeu, virando as páginas. Apontando o que ela gostava.

—Chame do que você quiser. Eu sou um homem ímpar. A última vez que verifiquei, eu tinha um pau, Amari.

Sophia riu, e minha irmã revirou os olhos.

—Alejandro, você é um comedor exigente. Você precisa vir e experimentar a comida para a recepção. Então nós temos que fazer a degustação do bolo às duas horas. Depois disso, você pode voltar a não se preocupar com o nosso casamento. —Acrescentou Sophia ainda não olhando para cima de sua maldita revista nupcial.

—Baby, não é que eu não me importe com o casamento. Eu só me preocupo com a noite de núpcias e a lua de mel. Eu me ofereci para ajudá-la a escolher a sua lingerie. Isso tem que contar para alguma coisa, certo?

—Você só se preocupa com o sexo. —Amari entrou na conversa.

—Tão romântico. —Sophia acrescentou, fechando sua revista e agarrando a bolsa para sair.

—Eu sou um homem. —Eu dei de ombros, agarrando Sophia pela

cintura e puxando para o meu lado.

—Você é um porco. Michael nunca iria...

—Michael é um maldito maricas.

Sophia me deu um tapa no meu peito e Amari revirou os olhos novamente de pé. —E por falar nisso, vamos. *Mamá* vai nos encontrar no centro após a consulta com seu médico. Se chegarmos atrasados, serão suas bolas na reta, porque você sabe que eu vou colocar a culpa em você.

A limusine que meu pai insistiu que eu precisava começar a utilizar, nos aguardava do lado de fora, junto com cinco guarda-costas.

—Eles sempre estarão com a gente? — Sophia sussurrou ao meu lado. Mesmo depois de todos esses anos, os homens que nos protegiam ainda a assustavam. Cicatrizes permanentes daquela noite.

Amari olhou por cima do ombro, sem hesitar. —Acostume-se a isso. Conhecendo Alejandro, você terá mais do que o necessário.

Eu olhei para ela e ela sorriu, entrando na limo primeiro. No momento em que chegamos ao centro, estávamos atrasados para o nosso compromisso.

—Relaxe, Mamá ainda não está aqui. Seu carro não está no estacionamento. —Eu anunciei, saindo da limusine.

Ambas olharam ao redor. —Como você sabia disso? Nós acabamos de chegar aqui. —Sophia disse, olhando para mim.

—Eu estou sempre consciente do meu entorno, baby. Vamos. — Eu balancei a cabeça em direção aos guardas para fazer suas verificações, e liderei o caminho em direção ao elevador na garagem.

Amari parou quando as portas se abriram. —Talvez devêssemos esperar por ela. Ela se perde em todos os lugares, Alejandro. Você sabe que ela não tem senso de direção. —Ela lembrou. —Aposto que é por isso que ela está atrasada. Ela provavelmente deu a Roberto o endereço errado.

Ela era notória em se virar, especialmente quando estava por conta própria.

—Eu não quero perder o horário. —Sophia gemeu, puxando minha mão para ir. —Nós já estamos tão atrasados. Tivemos de programar isso semanas atrás e....

—*Cariño*, você sabe que eu odeio quando você fica lamentando assim.

—Eu a puxei para mim, envolvendo os braços em volta da sua cintura.

Elegant Edge servia aos ricos e famosos. O edifício tinha uma entrada privada e estacionamento localizado no beco. Privacidade era uma necessidade quando se tratava de celebridades e casamentos de luxo. Minha mãe sempre quis o melhor para seus filhos, não importa a que custo.

—Relaxe. Nós não vamos perder o horário, vou me certificar disso. Mas Amari está certa. Nós provavelmente devemos esperar por ela.

Ela sorriu, olhando para mim com adoração. —Oh sim? Você acha que seus olhos verdes e sorriso diabólico funcionam com todas as mulheres, né?

—Eu sei que sim. —Eu sorri apenas para provar meu ponto. Sussurrando em seu ouvido. —Os dois melhores dos meus três atributos.

—Qual é o terceiro?

—Meu pau. —Eu respondi, esfregando meu pau contra ela só para provar meu ponto novamente.

—Alejandro. — Ela corou, batendo em meu peito. Tentando me afastar.

Eu a segurei mais forte, rindo. —Eu te amo.

—Tudo bem, seus dois pombinhos apaixonados. —Amari interrompeu, trazendo a nossa atenção para ela. —Não é o carro de Mamá? —Ela fez um gesto atrás de nós.

Nós todos nos viramos para ver Roberto dirigindo-se ao beco com Mamá no banco de trás, acenando e apontando em nossa direção. Eu podia ver seu sorriso. Todos podiam. Em sua excitação, ela estava prestes a renunciar o protocolo, abrindo a porta sem o guarda ao lado dela.

Eu me lembraria da próxima sequência de eventos pelo resto da minha vida.

Meu pai me disse uma vez que os homens Martinez não se agarram a memórias de nossas mentes. Elas são queimadas no fundo de nossas almas, onde ficam dormentes. Eu nunca entendi o que ele queria dizer com isso até agora. Exceto que esta foi uma daquelas cenas que não importa o quanto eu tentasse, o quanto eu me sacrificasse, quanto tempo orasse, eu nunca seria capaz de esquecer. Assombraria-me eternamente. Minha mente ficaria para sempre com essa marca. Meu coração quebrado para sempre. Meu futuro imoralmente condenado.

O momento em que uma parte de mim morreu.

Um SUV preto com vidros escuros veio por trás do carro da minha mãe no beco, vindo em direção a nós. Do nada, um SUV igual derrapou na rua lateral à esquerda. Parando na frente de Roberto, fez com que ele pisasse no freio. Bloqueando o caminho para a garagem, mas não o nosso ponto de vista. As janelas do SUV na frente deles rolaram para baixo, expondo dois rifles. Roberto entrou em ação, jogando seu corpo sobre a minha mãe.

O restante passou em câmara lenta. Um pesadelo que eternamente me assombraria. Eu nunca vou esquecer o olhar no rosto da minha mãe quando os tiros soaram. Seu sorriso sem preocupações rapidamente transformou-se em um olhar de puro horror. Como se ela soubesse que era o momento em que ela morreria.

Sua hora tinha chegado.

Um dia inevitável que ela estava esperando a vida toda. Sabendo de tudo. A consequência de amar um homem Martinez.

—NÃO! —Eu gritei com tudo em mim enquanto o som de tiros ricocheteando no metal e vidro soava como gritos ecoando no beco.

Balas voaram por toda parte, decorando o carro com buracos.

Dois guarda-costas abordaram Amari no chão, protegendo-a. Enquanto eu agarrei Sophia em meus braços, jogando-a sobre o pavimento áspero atrás de um carro estacionado. Ela enfiou a cabeça no meu peito, enquanto as minhas mãos eram esfoladas contra o asfalto, parando a nossa queda. Protegendo seu corpo com o meu. Segundos depois, senti o peso dos meus guarda-costas em cima de nós. O ar cheio de fogo rápido estrondou de longe, com Sophia e Amari gritando e chorando ao mesmo tempo. Ela tremia pra caralho em meus braços, seu corpo em convulsão de medo.

—Leve-a! —Eu pedi, empurrando os homens de cima de mim. —Você a proteja com a sua vida de merda! Você me entende!? Com sua vida, porra!

Eles acenaram enquanto Sophia energicamente sacudia a cabeça. —Não! Não! Não vá! Por favor! Não vá! Não me deixe! —Ela gritou, me agarrando como se sua vida dependesse disso.

—Leve-a, agora! Tire-as daqui! —Eu pedi, arrancando-a de cima de mim.

Ela foi tirada dos meus braços, chutando e gritando, dando aos homens um inferno de uma briga. Seu rosto era uma tela em branco, mas seus olhos retratavam sua dor.

Afirmei. —Te amo! Vamos! —Enquanto os guardas levavam as meninas para dentro do elevador para a cobertura. Ainda ouvi os apelos de Sophia para não ir enquanto as portas se fechavam.

De pé, sem um segundo pensamento, eu acenei para os três

guardas que ficaram para trás comigo. Instantaneamente arranquei minhas armas dos coldres dentro do meu paletó. Nós corremos pelo estacionamento, caminhando para os veículos. Abri fogo imediatamente, interceptando o SUV. Balas atingiram o aço, rompendo o vidro matizado.

Quatro homens abriram fogo contra nós, acertando um dos meus homens várias vezes no peito. Derrubando-o no chão, matando-o instantaneamente. Os outros dois tentaram me cobrir da melhor forma que podiam, mas um fluxo interminável de balas continuou vindo até nós de todas as direções. Senti uma bala raspando e queimando meu ombro e, em seguida, novamente ao lado de meu estômago. Sangue voou por toda parte, sem saber se era deles ou o meu.

A adrenalina corria em minhas veias, pulsando através do meu sangue. Tomando conta de cada polegada de meu corpo. Meu coração batia forte contra o meu peito enquanto eu tentava chegar até a minha mãe. Orando para que ela estivesse viva sob o corpo imóvel de Roberto. Minha visão afunilou, não vendo nada além do vermelho quanto mais perto chegava de seu carro.

—Merda, patrão! Você foi baleado! —O guarda à minha direita gritou enquanto se escondia atrás de uma van nas proximidades. Balas ainda voavam em todas as direções.

Olhei para o meu corpo tentando descobrir onde eu tinha sido atingido. O sangue estava escorrendo pela minha camisa branca. —Merda! Eu estou bem!

Gritei, recarregando a arma. Apenas tendo balas suficientes para mais uma rodada. Jogando minha outra pistola no chão, eu estava ainda tendo cobertura atrás da van. Eu levantei a minha mão esquerda e apliquei pressão no meu lado.

—Chefe, deixe que nós...

—Cale a boca. Vamos!

Tiro após tiro irrompeu de nossas mãos. Era um atrás do outro, uma imagem impiedosa da morte, o cheiro de sangue em torno de nós enquanto almas estavam sendo arrastadas para o inferno. Sirenes

podiam ser ouvidas ao longe, fazendo com que os SUVs cessassem imediatamente o fogo, e arrancassem em direções opostas. Embora isso não importasse. Os policiais fodidos levariam uma eternidade para descobrir a nossa localização exata. Um edifício alto de tijolos, cercado pelo beco, fazia com que o barulho ecoasse em todas as direções.

Tornando mais difícil identificar de onde as balas e o caos vinham.

—Patrão! Espere!

Eu corri.

Corri pra caralho, ignorando a dor aguda no meu lado e o sangue que estava perdendo no processo. Corri em direção a seu carro, não dando importância se a minha vida ainda estava em perigo. Apenas a necessidade de chegar até ela o mais rápido que pude. Não importava a que o custo.

Era a minha vida ou a dela.

Eu escolhi a dela.

Capítulo 12

Martinez

Quando me deparei com o metal mutilado, eu imediatamente vi o corpo de Roberto largado sobre o banco de trás. Eu não podia ver o corpo pequeno. Pânico e medo pela minha mãe imediatamente agrediram meus sentidos. Afundando profundamente em meus poros antes que eu tivesse aberto a porta do carro.

—Por favor, Deus! Por favor! Por favor, Deus! —Eu implorei ao Senhor enquanto abria a porta. Sabendo que eu não tinha o direito de pedir aos céus para ajudar um homem como eu.

Isso era minha culpa.

Eu fiz isso.

Ninguém mais além de mim.

Ela era uma alma inocente em todo esse caos. Ser pega no fogo cruzado, na vida que os homens Martinez levavam. Sendo punida pelas escolhas que fizemos. As vidas que havíamos tomado. Nossas lutas diárias entre o bem contra o mal, quando o mal sempre vencia no final.

Ela era o único amor que eu tinha conhecido durante a maior parte da minha vida. A única luz que rodeava a escuridão que vivia dentro de nós. Orei a Deus, aos santos e os anjos que eles vissem tudo o que ela representava. Que soubessem que ela não merecia isso. Que esta não era a maneira como ela deveria morrer, por meio de um ato de vingança destinado ao meu pai e a mim. Eu rezava para que lhe dessem clemência pelo seu bondoso coração, seu espírito puro, devoção eterna e amor para os homens em sua vida. Mesmo que nós não merecêssemos.

Eu empurrei o corpo mole de Roberto, encontrando minha mãe debaixo dele no assoalho, com falta de ar. Desesperadamente agarrando a cruz que ela nunca tirava do pescoço. Sua proteção. Seu

corpo lutando incontrolavelmente a cada respiração forçada que escapava de seu peito.

—Jesus Cristo. —Eu implorei, sem saber onde tocá-la, abraçá-la, ou confortá-la.

Havia sangue por toda parte, espalhado em cada superfície do carro. Suas roupas estavam encharcadas de vermelho. Eu não poderia dizer se era dela ou dele.

Provavelmente, ambos.

—Mamá. —Murmurei, encontrando dificuldade para respirar, lutando para me manter de pé quando tudo que eu queria fazer era morrer junto com ela. Meu coração se partiu em mil pedaços. Caindo sobre o massacre na minha frente.

Despedaçado.

Morrendo.

Experimentando a dor e agonia como eu nunca tinha antes.

Estendi a mão para ela, agarrando a mão fria em um gesto reconfortante. Um gemido escapou de seus lábios. Os olhos fechados por causa da dor excruciante que eu tinha certeza que ela estava experimentando.

—Mamá, está tudo bem. Estou aqui. Seu bebê está aqui. Você vai ficar bem. —Eu chorava, minha voz embargada. —Mas porra, fica comigo. Você me ouve? Fica comigo! Estou aqui. Estou aqui, mamãe! Eu estou aqui!

Eu gentilmente passei meus braços em torno da parte superior do tronco, puxando seu corpo ferido para longe dos destroços. Tomando cuidado para não lhe causar mais sofrimento. Uma quantidade incessante de sangue jorrava de seu peito e estômago. Penetrando em cada fibra do meu ser. Eu deslizei para o lado do carro quando minhas pernas cederam, ignorando o tormento das minhas próprias feridas, me inclinando contra ele enquanto eu segurava minha mãe morrendo em

meus braços.

Minha alma encharcada de culpa.

—Mamá, não! Por favor, Deus! Por favor! Alguém nos ajude! Alguém por favor, nos ajude! Ela está morrendo! Ela está morrendo, porra! —Eu gritei. Lágrimas incontroláveis escorriam pelo meu rosto, caindo sobre seu corpo abaixo de mim. Tremendo. Meu corpo tremia tão forte quanto o dela. Segurei-a tão forte, tão perto do meu coração. Precisando sentir seu coração contra o meu peito. Lembrando a ela o quanto eu a amava, e como eu me sentia.

—Alejandro... —Ela tossiu sangue, seu corpo convulsionando em meus braços.

Segurei-a mais perto, beijando todo o rosto ensanguentado. —Shhh... Mamá... shhh... Está tudo bem... —Eu chorei com os lábios trêmulos. Acariciando seu rosto com os nós dos dedos da minha mão.

—Eu te amo, *mi bebe para siempre*. —Ela tremia. — Meu bebê para sempre.

Eu tremia, meu peito arfava, cansado de chorar tão forte. Meus olhos estavam borrados de lágrimas, mal me permitindo ver seu rosto.

—Eu nunca vou vê-lo casar. Eu nunca vou chegar a ver seus bebês e mimá-los. —Ela engasgou, lutando para colocar a mão sobre o meu coração. —Você proteja e cuide de sua irmã, eu sempre vou proteger e cuidar de vocês. Eu sempre estarei com você, *mi bebe*. Aqui... —Ela disse entre suspiros, estabelecendo a mão no meu coração.

Eu fervorosamente concordei, pegando sua mão. Beijando-a. Deixando meus lábios trêmulos colados a seu pulso batendo fraco.

Caos era tudo o que nos rodeava. Guarda-costas corriam com seus fones de ouvido, gritando ordens. Espectadores ainda se escondiam atrás de carros. Sirenes estavam ficando cada vez mais perto.

—Alguém me ajude! Por favor! Alguém porra, me ajude! —Eu olhei para ela, agarrando a parte de trás de sua cabeça, segurando contra o meu peito. Tentando evitar seu tremor enquanto ela se partia em meus braços. Ela tremia mais rápido e mais forte, vibrando contra o meu peito. Enfiando seu rosto debaixo do meu queixo, eu a embalei nos meus braços tremendo. Balançando-a para frente e para trás. —Você vai ficar bem, Mamá. Os guarda-costas. Eles estão buscando ajuda. A ajuda está a caminho. Ouve essas sirenes. Eles estão vindo... Você está bem. Você vai ficar bem. Apenas espere, tudo bem... Por favor, Mamá. Eu estou te implorando. Apenas aguente... Por favor, não me deixe... Não me deixe... Eu te amo... Eu te amo tanto. Por favor! Por favor, Deus... Não faça isso. Não faça isso comigo!

Ela sugou mais algumas respirações, ofegando por mais ar.

—Shhh... eu estou aqui com você. Está tudo bem... Você vai ficar bem...

—Fechei meus olhos, me lembrando da última vez em que a vi feliz. Nós estávamos dançando com Sophia. Ela estava rindo. Ela estava sorrindo. Ela estava respirando. Ela era tão cheia de vida. Eu não sabia como consolá-la, então eu comecei a cantarolar sua canção de ninar favorita, a que ela costumava cantar para nós quando éramos crianças: —*Me Niños Bonitos*.

Seu corpo ficou frouxo.

Eu a estava perdendo.

—Mamá. —Eu sussurrei, meu corpo de repente agitando. —Mamá. —Eu repeti, lentamente, puxando-a para longe do meu peito.

Sua boca estava aberta e seus olhos já não tinham a luz que eles costumavam ter.

Fechei os olhos, apertando-a com força contra o meu peito. —NÃO! NÃO! NÃO! —Eu gritei até que minha garganta ardia e meu peito doía. Chorei como um bebê recém-nascido. —NÃO! NÃO! Por favor, Deus, não! ME LEVE! PORRA, LEVE A MIM! ESTOU AQUI! ME LEVE!

Eu estava perdido.

Silenciosamente xingando Deus. Esperando que este fosse um pesadelo que eu logo acordaria. A porra de um sonho horrível.

Alguma coisa…

Qualquer coisa…

Diferente do que realmente estava acontecendo.

Deitei-a na calçada. Fechando seu nariz, eu respirei em seus lábios azuis. Seu peito subia. —Um, dois, três. —Eu bombeei minhas mãos contra o peito encharcado de sangue. —Não! Fique comigo! Porra, fique comigo! —Soprei em sua boca novamente. —Um dois três. Não! Não! Não! —Eu soluçava, meu corpo em convulsão quando peguei no corpo da minha mãe morta na minha frente.

Curvando a cabeça de vergonha.

Naquele momento, eu teria vendido minha alma para o diabo se isso significasse trazê-la de volta. Sentei-me de joelhos, olhando para o céu com as mãos na minha frente.

—EU TE ODEIO! VOCÊ ME OUVIU? EU ODEIO VOCÊ! —Eu gritava para o Senhor por levar a minha mãe para longe de mim.

Eu olhei ao meu redor. Através da minha visão afunilada, vi vultos correndo em direção a cena. Gritando palavras incoerentes. Com o canto dos meus olhos eu vi Amari e Sophia entrarem em foco. Amari estava lutando contra os guardas, tentando correr em direção a mim. Sophia ficou congelada no lugar, em estado de choque. Os papéis daquela noite há tantos anos agora estavam invertidos.

—Alejandro! O que você está fazendo?! Porra, salve-a! Faça alguma coisa! Você vai deixá-la morrer! É melhor não deixá-la morrer. —Ela gritou, batendo nos braços do guarda. Esticando as mãos, ela implorou. — Por favor, não a deixe morrer! Você precisa fazer alguma coisa! Traga-a de volta! Traga-a de volta, porra! —Ela histericamente lamentou, fugindo do alcance do guarda e caindo de joelhos.

Despedaçando na minha frente.

Meu estômago embrulhou. Meu coração estava agora na minha garganta, bile subindo, mas eu engoli de volta. Sophia tinha um olhar de horror em seu rosto, olhando o sangue que parecia uma cena de um filme de terror. Amari continuava a chorar tão forte, arfando tanto que mal conseguia respirar. Eu não podia me mover, eu não podia ir confortá-las. Eu não podia olhá-las nos olhos, sabendo que eu falhei com elas.

Sabendo que eu falhei com a minha mãe.

Tudo o que eu pude fazer foi sussurrar “eu sinto muito” de longe, enterrando meu rosto em minhas mãos. A memória de seus rostos desesperados foi adicionada às imagens que sempre me assombrariam. Não haveria um dia em que eu não me lembraria delas assim.

Desmoronando na minha frente.

Nem. Um. Dia.

Puxei o ar, meu peito arfando com meus próprios soluços. Um som tão estranho, mas tão real. Meu coração estava ferido, e eu senti uma dor que eu nunca na minha vida senti antes, uma parte de mim se foi.

—Mamá. —Eu choraminguei uma última vez, olhando para ela através de uma nuvem de lágrimas, através de uma memória marcada a fogo dolorosamente no fundo da minha alma.

—Eu prometo a você que eles vão pagar por isso. Vou fazê-los pagar. —Eu sussurrei em seu ouvido enquanto eu suavemente fechei seus olhos e fiz o sinal da cruz sobre o rosto bonito sem vida. Do jeito que ela tinha feito um milhão de vezes para mim, beijei sua testa uma última vez.

Eu queria gritar o mais alto possível nas ruas escuras, eu queria morrer, e.... Eu queria o que todos os homens Martinez queriam.

Vingança.

A sensação de sangue em minhas mãos que não fosse o da minha mãe.

Ela não era a única pessoa que morreu naquele dia...

Tudo o que ela fez, também.

Capítulo 13

Martinez

—Quantos guardas estão lá fora? —Perguntei, verificando a segurança antes da missa.

—Temos quinze na frente da igreja, dez na parte de trás e cinco em cada entrada lateral. —Victor, meu chefe de segurança respondeu.

—Nem a imprensa é para passar por essas portas. Você me entende? Se o fizerem, é sua bunda que estará na reta. —Eu falei, apontando o dedo na cara dele.

Ele balançou a cabeça, sem vacilar ao meu aviso. A semana passada tinha sido uma tempestade de merda. Entre os jornais, estações de tv, repórteres e policiais, todos queriam respostas em relação ao tiroteio. Nossos advogados estavam trabalhando dia e noite para tirar este problema do olho público.

Falhando em fazê-lo.

Eu fui o último da nossa família a chegar à igreja. Sophia, Amari e Michael vieram juntos, escoltados por guarda-costas. Meu pai veio com seus homens, dizendo que tinha algumas coisas para cuidar antes da missa. Passei toda a semana planejando o velório, funeral e recepção que aconteceria a seguir em nossa casa. Estávamos todos cautelosos, mais agora do que nunca. O nome Martinez estava na linha de fogo pela primeira vez. Meu pai segurava o negócio, certificando-se de manter tudo em ordem, enquanto tudo à nossa volta parecia que estava caindo aos pedaços.

Ele parecia que tinha envelhecido vinte anos durante uma noite, a perda de sua esposa foi quase demais para ele suportar. Foi a primeira vez que senti simpatia por ele. Uma emoção que eu não estava acostumado, em relação ao meu pai.

Eu entrei na catedral vazia, precisando de um minuto para me

sentar antes que os convidados começassem a chegar. Meus sapatos ecoavam no piso abaixo de mim, imitando meu coração, enquanto eu caminhava até o último conjunto de bancos. Querendo estar o mais distante possível do corpo de minha mãe. Ela estava deitada em um elegante caixão de mogno vermelho ao lado do altar.

Nos últimos dois dias, a família e amigos prestaram suas condolências, se despedindo do corpo que jazia descansando. Eu não tinha a visto ainda. Uma parte de mim queria se lembrar da mulher que ela costumava ser, tão cheia de vida e não a irreconhecível deitada lá sem vida.

Vi de longe.

A imagem de seu corpo morto era a única coisa que eu via em minha mente todos os dias. Eu me sentia como se não tivesse dormido desde o dia em que ela morreu em meus braços. Eu estava emocionalmente e mentalmente esgotado, meu corpo fisicamente gasto. Eu me movia como se estivesse no piloto automático.

Se eu parasse, eu não seria capaz de me recuperar.

—Hey. —Sophia anunciou, vindo atrás de mim. Esfregando minhas costas enquanto eu inexpressivamente olhava para minha frente. —Você parece exausto. Você dormiu? Pelo menos um pouco? Mesmo que tenha sido apenas por alguns minutos? Você levou um tiro. Precisa descansar. Quando foi a última vez que você tomou seus remédios? Você terá uma infecção, se não começar a cuidar de si mesmo.

—Onde está Amari? —Eu respondi, ignorando suas perguntas. Eu sofri ferimentos leves durante o tiroteio. Apenas alguns arranhões no meu ombro e no lado do meu estômago. Alguns pontos, alguns medicamentos, e eu estava pronto para ir. Meu corpo se curaria com o tempo, mas o meu coração nunca se emendaria.

Sophia suspirou. —Ela está na sacristia com Michael. Alguns dos membros da sua família acabaram de chegar. Você precisa de mim para...

—Certifique-se de que Amari coma hoje. Ela parecia tão pálida

como um fantasma durante todo o dia de ontem. Eu não confio em Michael para cuidar dela.

—E você? Hã? Você precisa me deixar cuidar de você também. Você não é feito de aço, Alejandro. Não há problema em chorar.

Olhei para ela. —Obrigado por parecer tão bonita para mim hoje.

—Baby... —Ela deu a volta e se agachou na minha frente. Colocando as mãos nos joelhos para se apoiar, me olhando diretamente nos olhos. —Não há problema em falar comigo. Eu estava lá, também. Eu não posso imaginar o que você está passando, mas você não pode se fechar assim. Você tem que desligar, Alejandro. Não é saudável. Estou aqui. Você pode...

Eu coloquei meu polegar sobre seus lábios, silenciando-a. —Sem mais conversa, *cariño*. Isso não é o que eu preciso agora. —Esfregando meu polegar ao longo de seus lábios carnudos, eu limpei o batom.

—Ale... — As portas se abriram atrás de nós e os convidados começaram a chegar para a missa que ocorreria antes do funeral. Agradeci a interrupção, sabendo para onde esta conversa iria.

Eu puxei Sophia, envolvendo o meu braço em torno de sua cintura. Balançando a cabeça para os convidados que acabaram de entrar. Fomos em direção a Amari na sala da congregação da igreja. Ela estava sentada em uma cadeira com Michael agachado na frente dela, olhando para baixo. Sua pele estava muito mais pálida do que estava nesta manhã.

—*Carajo*, Amari. Você precisa comer. —Eu disse em um tom mais duro do que eu pretendia. Agarrando seu braço, puxando-a para ficar na minha frente. Eu ergui seu queixo com o dedo para que ela pudesse olhar para mim. —Você me entende? Você precisa comer.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto abatido. —Eu não posso fazer isso, Alejandro. Eu não posso ir lá e dizer adeus. Eu não sou forte como você, eu nunca fui. Meu coração está cheio de dor. Eu não posso respirar. Eu sinto que eu não posso respirar.

Michael tentou afasta-la dos meus braços, dando um passo como se não desse a mínima para os sentimentos dela. Eu olhei para ele como um aviso. Sua mandíbula travou e ele esfregou suas costas em vez disso.

—Eu estarei lá com você, Amari. Você pode confiar em mim. Comprometo-me a segurá-la. Você precisa me prometer que vai comer. Deixe-me preocupar com todo o resto. OK?

—Será que ela realmente se foi? Isto não é apenas um pesadelo, do qual nós vamos acordar? Isso está realmente acontecendo? Ela está morta e eu nem sequer disse adeus? Por favor... Diga-me que é apenas uma piada cruel. Eu continuo pensando que a qualquer segundo ela aparecerá de pé, por aquelas portas e vai nos dizer que era tudo uma piada de mau gosto. Que isso não é real. Por favor... Alejandro... Eu te imploro... Diga-me que isso não é real. —Ela gritou, com os lábios trêmulos.

Eu segurei seu rosto entre as mãos e foi como se estivesse olhando nos olhos de minha mãe. —Eu gostaria de poder acordar, também. Eu gostaria de poder mentir para você e dizer que tudo vai ficar bem. Mas esta é a vida, Amari. Não há garantias, não há promessas de amanhã. Nós temos o hoje. E hoje nós temos que dizer adeus a nossa luz. Nossa amada mãe. —Eu beijei a testa dela, apertando-a em meus braços. Ela se derreteu contra mim.

Sophia colocou os braços ao redor da cintura dela, em um gesto reconfortante, me observando enquanto eu estava consolando minha irmã de luto.

Nosso pai e o padre entraram para nos dizer que era hora de ir. Amari olhou para cima do meu peito e limpou o rosto, caminhando até Michael. Papai foi alcançá-la, mas ela empurrou suas mãos e o olhou com um olhar que eu não consegui decifrar. Apanhando todos nós de surpresa por sua mudança drástica no comportamento em relação a ele. Se olhares pudessem matar, esse seria o funeral do meu pai, não de minha mãe. Ele limpou a garganta, ligeiramente inclinando a cabeça, abrindo o caminho para sair pela porta.

Amari colocou seu corpo no canto do braço de Michael e saiu. Agarrei a mão de Sophia e trouxe até meus lábios enquanto íamos à mesma direção. Todos nós caminhamos juntos pela entrada lateral da catedral. A seguir, o sacerdote foi em direção ao altar e tomou um assento na primeira fila, mais próximo do caixão.

Eu tentei fingir que não me incomodou, como se eu não estivesse morrendo por dentro. Eu ignorei o sermão que o padre recitou, cada verso lido pela família, cada memória de seus amigos compartilhada.

Perdi-me no abismo que agora residia em minha alma.

Meu pai estava de pé, trazendo a minha atenção de volta para o presente enquanto ele subia no pódio para dizer seu adeus. Ele olhou para a multidão de pessoas com uma expressão devastada. Cada fila de cadeiras na catedral estava lotada com todos os que amavam nossa mãe.

Mesmo que isso não me concedesse a paz.

Ele abaixou a cabeça por alguns segundos, precisando ganhar a compostura. —Adriana, minha esposa, foi o amor da minha vida. Meu passado, meu presente, e ela teria sido meu futuro. —Anunciou ele.

Assim que as palavras saíram de sua boca, eu senti Amari tensa ao meu lado.

—Antes de começar, gostaria de agradecer a todos por terem vindo aqui hoje para honrar e celebrar as realizações de minha esposa. Obrigado pela simpatia e apoio que têm mostrado aos meus filhos e a mim durante nosso tempo de necessidade. Eu não posso começar a dizer o quanto eu gostaria que minha esposa estivesse aqui. Bem aqui ao meu lado, testemunhando o quão amada ela realmente era.

Amari zombou, sussurrando. —Inacreditável.

—Passei vinte e dois maravilhosos e felizes anos casado com a mulher que era minha alma gêmea. Ela tinha apenas trinta e nove anos de idade e tinha muito mais vida para viver. Eu nunca imaginei que seria um viúvo com cinquenta e oito anos de idade, e ter de passar o resto da

minha vida sozinho quando nós deveríamos passar juntos. Jurei para sempre mantê-la segura. Para sempre protegê-la.

—Mentiroso. —Amari deixou escapar um pouco alto demais, chamando a atenção das pessoas sentadas em torno de nós.

—Amari. —Eu avisei, olhando para ela. Ela fez uma careta, apertando os olhos para mim quando ele continuou seu discurso. —Chega. —Acrescentei em tom exigente. Ela apenas balançou a cabeça com um olhar de desgosto em seu rosto. Espiando de volta em nosso pai.

—Eu sei que minha mulher está olhando para nós, hoje, com nada além de amor em seus olhos. Grata pelos anos compartilhados e as crianças que fizemos. Orgulhosa por ter nos chamado sua família. Ter...

—Jesus... Sinto muito, mamãe. Por favor, me perdoe, mas eu não posso ouvir isso por mais tempo. —Amari interrompeu, ficando de pé abruptamente, saindo da fileira de bancos, e indo imediatamente em direção à saída lateral.

Eu estava tentando agarrar o braço dela, mas eu estava muito atrás, ela estava fora de alcance. —Amari. —Eu chamei atrás dela.

—Por favor, perdoe a minha filha. Ela está sofrendo muito. Ela não só perdeu sua mãe, mas sua melhor amiga e todos estamos aflitos de maneiras diferentes.

Amari parou, seu corpo tremendo com as emoções que não podia controlar. Seu peito arfava enquanto as mãos se fechavam em punhos em seus lados. Como se estivesse lendo minha mente, Michael se levantou para ir consolá-la. Ele passou um braço em volta da sua cintura, levando-a até a porta. Ela se inclinou em seu abraço, chorando enquanto eles saíam juntos.

Sem olhar para trás.

Meu pai acenou para um dos guardas segui-los para fora, e depois travou os olhos em mim. Ele estava preocupado com a explosão de Amari, sem saber o que alimentou isso. Sentei-me de volta e ele

continuou com seu adeus. Compartilhando memórias do amor que tinha por uma mulher que ele nunca veria novamente. Em um ponto ele teve que parar, inclinando a cabeça a ponto de se desligar. Ele se recompôs, e a cada palavra que saía de sua boca, meu coração se partia por ele um pouco mais.

O resto da missa continuou sem um problema, cheio de nada além de tristeza e lágrimas. Amari já estava na limusine quando saímos, esperando por nós para ir ao cemitério para colocar oficialmente a nossa mãe para descansar.

Nós dirigimos em silêncio, todos nós perdidos em nossos próprios pensamentos. Olhando para fora das janelas enquanto a chuva descia imitando o desespero de todos.

—Alejandro, não há problema em chorar. —Sophia sussurrou, esfregando minhas costas enquanto estávamos na frente de seu túmulo.

Estendi a mão e segurei a dela, apertando firmemente. Assistindo através dos meus óculos escuros enquanto eles baixavam a minha mãe ao chão. Meu pai foi o primeiro a atirar uma única rosa branca sobre o caixão. Fazendo o sinal da cruz, afastando-se de sua esposa pela última vez. Lágrimas escorriam pelo seu rosto quando ele entrou em sua limo.

Envolvi meu braço em torno de Amari, apoiando-a enquanto cada um de nós jogava mais duas rosas brancas. Sophia e Michael seguiram. Amari estava fisicamente caindo aos pedaços em meus braços, e eu não podia fazer nada para tirar sua dor. Eu não podia trazer de volta a nossa mãe. Seus olhos tinham tanta tristeza, raiva e desgosto, tudo misturado.

No momento em que chegamos de volta em casa, ela estava cheia, principalmente dos que participaram do funeral. Se Amari ouvisse “eu sinto muito” mais uma porra de vez, ela ia enlouquecer. Ela estava pendurada por um fio que estava pronto para se romper a qualquer momento. Eu dei muita atenção a ela a tarde inteira, me certificando de que Sophia ou eu estivéssemos perto dela em todos os momentos. Fazendo que comesse e ajudando a ser um pouco social. Quando tudo o que ela queria fazer era ir até seu quarto e se afogar em sua tristeza.

Eu gostaria de poder dizer a ela que eu estava esperando o que aconteceu em seguida...

Mas não o fiz.

Nem por um segundo maldito.

—Eu sinto muito pela sua perda. —A esposa de um dos sócios do meu pai o consolou. —Eu só posso imaginar o que você está passando.

—Eu amava minha esposa com tudo dentro de mim. Uma parte de mim ainda não sabe como vou continuar. Ela era tudo para mim. Eu prometi a ela que eu sempre a protegeria...

—Mentiroso! — Gritou Amari, saindo do meu alcance. Indo direto para o meu pai.

Porra.

—Você fez isso! Você é a razão dela estar morta!

Papai recuou, sua acusação quase o derrubando. Um estranho silêncio imediato encheu a sala que estava cheia de convidados. Todos os olhos estavam sobre eles. Eu não vacilei. Eu fui até ela num piscar de olhos, agarrando seu braço, mas ela se afastou de mim.

—Amari, eu entendo que você está sofrendo...

—Você não entende. —Ela o interrompeu. —Você não sabe nada. Você acha que sabe. Você acha que tem tudo sob controle com esse seu discurso de falso moralista. Tudo que você faz é com que as pessoas se machuquem! Você não tem respeito por nada nem ninguém! Você faz tudo para que as pessoas tenham medo de você! Olhe para onde isso o levou. Deveríamos estar enterrando você hoje, não ela. Isto é tudo culpa sua! Você não é nada, além do diabo tentando fingir que é Deus. —Ela trincou sua mandíbula, seus punhos fechados em seus lados.

Meu pai estava lá, seu peito subindo e descendo. Tentando manter a calma na frente de todos. —Amari, agora não é hora...

—Para quê? Para falar todas suas besteiras e mentiras! É tudo com o que se preocupa!

—Amari. —Murmurei, agarrando seu braço novamente. Puxando-a para mim. —É o bastante.

Ela olhou para mim com mágoa e fúria brilhando em seus olhos. —Porra. Você. Alejandro. Você é uma parte disso, também! Um pequeno fantoche do papai. Você é tão culpado quanto, pela morte de minha mãe. Vocês trouxeram o mal em nossas vidas. Sabe o quanto me mata dizer isso para você, Alejandro? Você é meu irmão, e eu te amo mais do que tudo neste mundo, mas tudo que eu quero fazer é te odiar agora mesmo! Ele pode ser a razão que ela está morta, mas você vai ser como ele. O Diabo em formação, e isso me deixa doente! Nossa mãe perdeu a vida por causa de seu amor por ele! Ela está morta, Alejandro. Você entende isso? Ela está morta! E seu sangue está em ambas as mãos.

Engoli em seco, sabendo que tudo o que ela estava dizendo era verdade.

—Espero que, pelo amor de Sophia, você se afaste deste idiota, e mostre a ela uma vida cheia de amor. Não uma vida em que você vai estar sempre olhando por cima do seu ombro, à espera de balas voando. Esperando a morte chegar para você. Ou ela ser a próxima mulher que você estará arrastando para fora de um carro.

Sophia e eu nos olhamos. Ela foi a primeira a quebrar a nossa ligação, a verdade nas palavras de minha irmã tomando consciência em sua mente.

O olhar intenso de Amari se voltou para o nosso pai. Ele colocou a mão no ar num gesto de rendição o que só alimentou a raiva de Amari.

—Eu te amo, Amari. Eu sinto muito. Mas você me atacar assim não vai mudar nada. Eu sou seu pai e isso nunca vai mudar. Você sempre será minha filha, quer você goste ou não. Você é uma Martinez. Eu entendo que você está sofrendo, mas separar a nossa família não é a resposta, você...

Antes mesmo que ele terminasse suas palavras, ela partiu para

cima dele, gritando. Os convidados, incluindo Sophia, ficaram lá, horrorizados com a cena que Amari estava causando. Eu imediatamente entrei em ação, a puxando de volta.

—VOCÊ A MATOU, SEU FILHO DA PUTA! Não há mais família, ela era o elo que nos mantinha juntos e agora ela se foi. Isto é culpa sua! E eu te odeio por isso! Essa vida! Este inferno! Já chega. Você me entende? Acabou! Eu vou embora, e não quero nunca mais vê-lo novamente! —Ela se debatia em meus braços, querendo bater nele.

Precisando machucá-lo.

—EU TE ODEIO! EU ODEIO TUDO QUE VOCÊ REPRESENTA! VOCÊ ESTÁ MORTO PARA MIM! MEU PAI MORREU NO DIA EM QUE MINHA MÃE FOI ASSASSINADA!

Eu a puxei para fora da sala, com ela chutando e gritando. Fazendo um esforço enorme para ir atrás dele. Seu corpo se contorcia para tentar sair do meu alcance.

—Jesus Cristo, Amari! Isso é o suficiente. —Eu gritei uma vez que estávamos fora e longe de ouvidos indiscretos. Sophia e Michael não estavam muito longe atrás de nós.

Ela girou, de frente para mim. —Me solte. —Ela trincou, puxando seu braço para fora do meu alcance. Empurrando no meu peito com toda a sua força.

Eu mal vacilei.

—Você é um idiota! Como você pôde fazer isso comigo! Como você pode ficar do lado dele depois de tudo o que ele fez! Você sabe que estou certa! Ou é a sua consciência muito fodida que está com medo de admitir isso em voz alta? —Ela gritou, me empurrando uma e outra vez.

Eu a deixei soltar toda a sua agressividade em mim.

Eu merecia.

Eu merecia tudo.

—Amari, se acalme, porra. —Eu disse, apenas para irritá-la mais. Agarrando-a pelos pulsos, parando seu ataque.

—Por que não fez alguma coisa? Por que você não a salvou? Como você pode simplesmente deixá-la morrer assim? —Ela soluçou e começou a chorar, me empurrando, quanto mais eu tentava ir a sua direção.

—Amari, eu sinto muito. Eu estou tão arrependido. Fiz tudo o que podia. Você não acha que eu trocaria de lugar com ela, se pudesse?

Seus olhos estavam borrados com lágrimas, e meu corpo doeu com o desejo de desmoronar. Permitir que finalmente todas as minhas emoções que estavam causando estragos na minha alma se soltassem.

—Ela se foi! Ela se foi! Eu te odeio! Eu te odeio! —Ela gritou mais e mais para deixar isso penetrar em meus poros e se tornar uma parte de mim.

Fazendo-me realmente acreditar que, verdadeiramente, este era o fim.

—Amari, eu vou consertar isso. Eu prometo que vou. Olhe para mim. Sou eu, o seu irmão.

Ela desmoronou no chão, me levando junto com ela. Eu caí de joelhos, ignorando a dor, que era menor em comparação com a dor no meu coração. A devastação em minha alma. Eu segurei sua queda quando seu corpo curvou. Quebrando em pedaços em minhas mãos, deslizando pelos meus dedos.

—Eu estou tão arrependido... por favor... você tem que me perdoar... Eu não posso perder você também... —Murmurei, minha voz embargada.

Sophia e Michael só ficaram lá, olhando os dois amores de suas vidas, quebrados.

Ela me deixou segurá-la em meus braços, a cabeça enterrada no peito. Seu corpo encontrava-se entre as minhas pernas.

—Eu sinto que estou morrendo... Eu sinto como se uma parte de mim já estivesse morta, e que eu nunca vou recuperá-la. Eu não quero te odiar, mas eu não posso perdoá-lo. Eu não sei o que fazer, Alejandro. Nada vai trazê-la de volta. —Ela chorou copiosamente.

—Shhh... está tudo bem. —Eu sussurrei, balançando-a para frente e para trás. —Shhh... eu estou aqui. Eu estou aqui, Amari. —Eu garanti a ela, não tendo mais nada a dizer ou fazer.

Nossa vida mudaria para sempre depois daquele dia.

Especialmente a minha.

Capítulo 14

Martinez

A limusine parou na calçada logo após cinco horas da tarde. Tinha passado alguns dias desde o funeral, e eu estava tentando colocar tudo em ordem novamente. Eu não conseguia nem me lembrar da última vez em que eu tive uma boa noite de sono.

Eu estava tão esgotado.

Saí da limo, observando que o carro de Sophia estava estacionado atrás do de Michael. Aquele filho da puta estava por aqui mais e mais ultimamente, consolando minha irmã, mas eu sabia que ele tinha outras intenções. Eu não tinha visto Sophia muito desde o funeral, muito ocupado lidando com parceiros de negócios preocupados, e fugindo dos meios de comunicação que ainda permaneciam ao redor como selvagens. Os planos do casamento foram colocados em espera, a cerimônia adiada. Todos nós precisávamos de tempo para curar e lamentar. Nenhum de nós queria reviver a memória dolorosa que agora estava associada com a morte da minha mãe.

Eu entrei em casa e fui direto para o meu quarto, à procura de Sophia. Às vezes ela se enroscava na minha cama e me esperava lá dentro, ou antes da minha mãe morrer, ela ficava na cozinha com ela. Meu peito apertou com o pensamento, lembrando quantas vezes eu me inclinei contra a porta só para ver, sem elas perceberem. Amava suas brincadeiras e a forma como elas se davam bem.

Memórias que eu amaria até o dia em que morresse.

—*Cariño*. —Eu chamei, dobrando a esquina para o meu quarto, esperando que ela estivesse esperando por mim. —Sophia? —Ela estava longe de ser encontrada.

Tirei o paletó, junto com o coldre. Coloquei minhas armas na mesa de cabeceira e lancei a jaqueta sobre a cama. Eu fui para o quarto de Amari, imaginando que ela estaria lá. Talvez tivesse saído com minha

irmã a quem eu não tinha visto muito. Eu dei o espaço que ela, obviamente, precisava. Ela ficava com Michael mais frequentemente do que sozinha, evitando o meu pai, e as memórias de nossa mãe que sempre pairavam na casa.

—Sophia, você precisa me ouvir. —Eu ouvi Michael dizer do fundo do quarto. —Eu só estou tentando protegê-la.

Parei na porta, querendo ouvir o que estava acontecendo.

—Michael, eu...

—Você realmente quer esta vida? Uma vida em que guarda-costas estão constantemente ao seu redor, porque sua vida está sempre em perigo? Acordar todas as manhãs sem saber se esta foi sua última noite viva? E sobre seus filhos? Hã? Você quer arriscar suas vidas, também? Você quer passar o resto de sua vida casada com um criminoso? Porque não se engane, Sophia, sob os ternos elegantes e fachada rica, isso é o que ele sempre será. Um gangster notório. Você quer saber aonde esse seu amor por ele vai levar você? A sete palmos abaixo da terra, junto à sua mãe. Você precisa ir, você...

Eu lentamente bati palmas, andando em direção a eles. Rindo descontroladamente. —Bem, esse foi um bom discurso maldito, filho da puta. Da próxima vez que você falar assim da minha mãe, eu prometo a você, você é quem estará a sete palmos.

Ele estreitou os olhos para mim, não recuando. —Eu não tenho medo de você, Martinez.

Eu ri. —Isso está muito claro.

—Eu estou tentando protegê-la. Salvá-la dessa porra de vida, ao contrário de você, que não pôde nem mesmo salvar sua mãe.

—Seu filho da puta. — Meu punho conectou com sua mandíbula antes mesmo que ele me visse chegando.

Ele tropeçou um pouco, segurando-se na mesa de cabeceira. Levantou e segurou o queixo, massageando de um lado a outro. —Seu

filho da puta. —Ele veio para cima de mim, batendo seu ombro no meu tronco, levando-me para o chão. Sophia gritou imediatamente para nos parar. Ela recuou, assistindo dois homens adultos brigarem. Eu imediatamente revidei, lutando com ele sobre o piso de madeira por alguns minutos, cada um de nós tentando obter a vantagem. Ele foi capaz de ficar em cima de mim, e dar alguns socos em meu rosto.

—Você está apenas provando o meu ponto, Martinez. Assim é como você lida com tudo, não é? A violência é tudo o que sabe. —Ele rosnou, empurrando o lado do meu rosto no chão. —Essa é a vida que você quer para a sua menina? É isso que você vai ensinar aos seus filhos? Hã? Você é um animal. E é apenas uma questão de tempo até que lhe custe Sophia.

—E é só uma questão de tempo até que eu pegue você. —Eu bati nele no intestino, e ele caiu para frente. Virei-nos de novo, travando-o com o meu peso.

—Eu te avisei mais de uma vez. —Eu bati nele. —Ao contrário de minha irmã, eu sei o que diabos você quer e não é ela! —Eu dei um soco novamente.

—Você não vai me ferrar, ou o que é meu. —Eu bati nele duas vezes mais. —Seu fodido filho da puta. Cuspindo suas besteiras e mentiras em meu maldito rosto. Você tem sorte de eu não colocar uma bala em sua cabeça agora, porra.

—Eu amo Amari. —Ele gritou, bloqueando outro golpe.

—Alejandro, pare! — Amari apareceu gritando, tentando me puxar para longe. —Por favor, pare! Estou grávida!

Eu congelei. Nossas respirações aceleradas eram o único som na sala. Eu saí de cima dele e caí ao lado, os nossos olhares intensos e enlouquecidos nunca se afastaram um do outro. Levantei, precisando dar alguns passos para trás para me recompor. Ela imediatamente ficou de joelhos na frente dele, segurando o rosto sangrando entre as mãos. Consolando o pedaço de merda.

—Você está brincando comigo? Você vai para ele? —Eu fervi.

Ela olhou para mim. Não havia nenhum amor por mim em seus olhos. Nada.

—Jesus Cristo, Alejandro, ele está no chão, você está de pé. Seu idiota insensível.

Sophia correu para mim, tentando localizar minhas feridas. Eu afastei suas mãos, não precisando ser mimado. —Eu estou bem! —Eu gritei, a assustando.

—Quanto tempo? —Retruquei, só olhando para Amari, não tendo qualquer paciência sobrando no meu corpo.

—Você quer falar sobre isso agora? Você está falando sério?

—Quanto tempo? —Eu rosnei entre os dentes.

Ela olhou para Michael e, em seguida, de volta para mim. —Um pouco mais de três meses. É por isso que eu estava tão pálida e não comia. O enjoo matinal estava acabando comigo. Eu não podia manter qualquer coisa no estômago. Nós queríamos esperar até que eu tivesse passado pelo primeiro trimestre para contar. Eu ia...

—Mamá sabia? —Eu interrompi, precisando saber.

Ela balançou a cabeça negativamente. —Nós íamos dizer a todos no... no dia em que ela foi assassinada. —Anunciou ela, segurando as lágrimas. —Eu disse a ela que tinha uma surpresa para depois de seus compromissos de casamento. É provavelmente por isso que ela estava tão feliz quando nos viu. Você sabe, ela sabia de tudo antes mesmo que disséssemos.

Passei minhas mãos pelo meu cabelo em um gesto frustrado, querendo arrancá-lo, porra. Virei-me para longe dela, olhando para Sophia. —Você sabia sobre isso?

Ela só ficou lá olhando para mim, silenciosamente confirmando o que eu temia. Michael agarrou a mão de Amari e ela o ajudou a se levantar, colocando o braço em volta do pescoço e se inclinando sobre ela para apoiar.

Maricas fodido.

—Isso termina agora, Alejandro. Ele está apenas tentando protegê-la. Você deveria estar lhe agradecendo, não tentando lutar com ele.

—Você está cega?

—Não importa mais. —Amari fez uma pausa para deixar que suas palavras afundassem. —Estou grávida, e nós vamos nos casar. —Revelou ela, quase me batendo na bunda. —Michael me pediu para casar com ele, e eu disse que sim. Nós vamos embora, e não há nada que você possa dizer ou fazer sobre isso.

Era como golpe após golpe, depois de outro golpe duro para caralho em meu coração.

Eu quase caí no chão, atordoado, vendo enquanto ela ajudava o pedaço de merda a se sentar na cama. Voltando-se para me encarar novamente.

—Você vai ser tio. Eu acho que é uma menina. —Amari riu nervosamente, tentando diminuir a tensão que enchia o quarto. O ar estava tão espesso que eu mal podia respirar. Sufocando na verdade que nos rodeava.

—Se for, nós vamos dar o nome de Daisy.

—Jesus Cristo. —Eu sussurrei para mim mesmo, tentando absorver tudo. O quarto parecia como se fosse desabar. Respirei profundamente algumas vezes, tentando acalmar a fúria dentro de mim. Querendo nada mais do que tirar daqui o filho de uma cadela que a engravidou, e colocar a porra de uma bala em sua cabeça maldita.

—Eu não posso ficar mais aqui. Não há mais nada aqui para mim. Eu preciso seguir em frente com a minha vida, criar uma família. Ter uma casa onde meus bebês estarão seguros. Onde minha família não vai viver com medo. —Acrescentou.

—E quanto a mim? Hã?

—Você sempre será meu irmão, Alejandro. Se você quiser estar em nossas vidas, você será sempre bem-vindo. Mas você vai ter que aceitar Michael como parte da minha vida. Ele é o pai de sua sobrinha ou sobrinho. Somos todos família agora.

Eu estava sobre Michael em três passos sem lhe dar tempo para pensar. Parei diante de seu rosto. Agarrei a frente de sua camisa, puxando para cima e em direção a mim.

—Alejandro! — Amari puxou meu ombro, tentando me parar, mas eu não lhe dei qualquer atenção. Muito focado com a tarefa em mãos.

—Você cuide da minha irmã e desse bebê. Você me entende? Esta é a última vez que receberá esse aviso. Você os proteja com sua vida. Você a trate e a respeite como ela merece, porra. Tudo que eu preciso é uma razão... Dê-me uma razão, filho da puta. Eu não me importo quem diabos você é, ou o que significa para Amari. —Eu cerrei meus dentes. —Vou matá-lo, e não pensarei duas vezes sobre isso.

Eu o soltei. Ele perdeu o equilíbrio, gaguejando para sentar-se na cama para recuperar a compostura. —Eles são minha vida. Eu amo a sua irmã e a esse bebê mais do que qualquer coisa. —Michael declarou seu amor e devoção. Besteira completa e absoluta.

Eu balancei a cabeça, lentamente me afastando, precisando dar o fora de lá antes que eu fizesse algo do que eu me arrependeria. Sophia veio logo atrás enquanto eu furiosamente voltava para o meu quarto. Fechando a porta atrás dela, eu andei ao redor com os meus pés se movendo por vontade própria. Alimentado pela raiva incontrolável, queimando um buraco no chão debaixo de mim. Cada passo só aumentava a tensão que eu sentia no meu interior, pulsando em minhas veias, produzindo uma dor que perfurava minha mente.

—Alejan...

Eu levantei minha mão, silenciando-a enquanto eu continuava a andar ao redor do quarto. —Não faça isso.

—Deixe-me só...

—Eu estou avisando, Sophia. Agora. Não.

—Você está me avisando? O que, eu sou a próxima?

Eu parei, olhando para ela. Inclinando a cabeça para o lado, eu zombei.

—Vamos apenas dizer que eu não levaria meu aviso de forma leviana. Eu não queria nada mais do que descontar a minha maldita raiva em seu pequeno e doce traseiro agora. Mas ao contrário do que você parece pensar sobre mim agora, eu não sou a porra de um monstro.

Ela recuou, ferida.

Eu não vacilei. —Isso foi tudo o que precisou para você se virar contra mim? Porque eu vou te dizer agora, Michael é um em uma dúzia, querida. Haverá Michaels a nossa volta, à espreita no canto, tentando fazer com que você se volte contra mim. Especialmente depois de levar o meu nome.

Ela fez uma careta.

Eu levantei uma sobrancelha, dando um passo em direção a ela, fazendo-a se afastar até que ela bateu na parede com um baque. Eu a enjaulei com os meus braços, olhando-a de cima a baixo.

—Desde quando você quer que eu lute suas batalhas? —Ela perguntou sem vacilar.

—Você não disse uma palavra ali, Sophia. Nenhuma porra de palavra. Eu não preciso que você lute minhas batalhas. Eu preciso que você lute por nosso amor.

Vi dúvida em seus olhos pela primeira vez. Ela nem sequer tentou esconder. E esse único olhar quase me deixou de joelhos. Eu me afastei da parede, lentamente me distanciando dela. As palavras do meu pai, de não muito tempo atrás voltaram para me assombrar.

—Você acha que ela é forte o suficiente para lidar com o nosso estilo de vida? Seu futuro.

Eu balancei a cabeça, me livrando das dúvidas e memórias enquanto ela chegava perto de mim, imediatamente percebendo seu erro.

Eu empurrei para longe seu abraço, agarrando seu queixo ao invés disso e falei com convicção. —Ações sempre falam mais alto que palavras, cariño, e a sua falou muito. —Eu a soltei e fui embora, a deixando se afundar na dúvida de que eu sabia e que agora estava na sua cabeça.

Eu fui até o sótão do único lar que eu tinha conhecido, me sentindo mais sozinho do que eu já senti antes. Contemplando se esta era a vida que eu estava destinado a liderar.

Sem família.

Sem amor.

Sem Deus.

Apenas escuridão.

Eu sentei lá pelo que parecera horas, perdido nas profundezas da minha mente. Um lugar ameaçador que eu não gostava de estar muito frequentemente.

Senti sua presença antes mesmo dela se sentar ao meu lado. Amari respirou fundo, sussurrando: —Eu sabia que o encontraria aqui em cima. —Ela olhou para frente, reunindo seus pensamentos sobre o que ela queria dizer para mim. Já sabendo que isso seria uma das nossas últimas conversas por quem sabe quanto tempo. —Eu amei Michael por toda a minha vida. Ele é o único futuro que eu sempre quis. Que eu sempre precisei. Eu sempre soube que ele era a minha saída. Um bebê apenas nos selou juntos, para sempre.

Olhei para ela, estreitando meus olhos enquanto eu processava suas palavras e o que ela estava insinuando.

—Michael é um bom homem. Ao contrário do que você pensa, ele vai ser um bom marido e pai incrível. Ninguém vai tirá-lo de mim. Ele é

meu agora.

Nós nos olhamos nos olhos.

—Eu te amo, Alejandro. Você sempre será meu irmão, não importa o que aconteça. Eu sempre serei uma Martinez, e com esse nome vem o purgatório. Eu preciso que você me prometa uma coisa.

—Qualquer coisa. —Eu disse simplesmente, quebrando o meu silêncio.

—Se algo vier a acontecer com Michael e eu... Eu preciso que você prometa, me jure com sua vida que você vai criar a nossa criança como sua.

—Amari...

Ela me parou, colocando o dedo indicador na minha boca. —Prometa-me.

—Porque eu? Você está fugindo dessa vida e ainda assim você confia a mim o seu filho?

—Os pais de Michael são velhos, e ele é filho único. Você é a única família que tenho. O mal que você conhece é melhor do que o mal que você não conhece.

Eu balancei a cabeça, murmurando. —Eu prometo. —Enquanto eu me inclinava para beijar o topo da cabeça dela. Eu permiti que meus lábios ficassem lá por alguns segundos. —Nada vai acontecer com você.

Ela amorosamente sorriu. —Eu tenho que ir. Michael está esperando por mim. —Levantando-se, ela foi para as escadas sem um segundo olhar.

Fugindo de seu passado para estar com seu futuro. Desaparecendo bem diante dos meus olhos.

Eu precisava dar o fora de lá. Eu não sabia para onde eu iria, mas eu precisava limpar os pensamentos que estavam me empurrando cada vez mais fundo no buraco negro da vida. Peguei minhas chaves e

carteira no balcão da cozinha e me dirigi para frente da casa, passando pelo escritório do meu pai no caminho para fora. Sua porta estava entreaberta, e eu podia ouvir vozes do outro lado.

—Ela teve o que merecia. —Papai riu, me fazendo parar abruptamente.

Eu pensei que, no momento em que minha mãe deu seu último suspiro, isso para sempre me assombraria, uma imagem que estaria esculpida em minha mente até o dia em que eu morresse. Mas as próximas palavras que saíram da boca do meu pai me mataram completamente.

—Desculpe por ter demorado tanto para contatá-lo, eu tinha uma grande quantidade de coisa sobre os meus ombros, mas eu só quero te agradecer por cuidar dos negócios. Ambos tiveram o que mereciam. A cadela deveria ter pensado melhor antes de me trair. Ela veio do nada, só com as roupas nas costas, e eu dei tudo o que ela ansiava. E ela me devolveu fodendo com seu guarda-costas? A puta mereceu cada bala que teve. —Confessou, com nada além de diversão em sua voz.

Destruindo a última parte da minha humanidade e da minha alma.

Capítulo 15

Martinez

Muita coisa mudou nos últimos meses. Amari e Michael saíram alguns dias depois da nossa briga, deixando para trás todas as más recordações, inclusive eu. Ela saiu sem se despedir. Nem deixou uma nota para me dizer para onde estavam indo. Mas eu tinha minhas maneiras de manter o controle sobre eles. Eles estavam vivendo em Washington, brincando de casinha. Amari era uma dona de casa que dedicava suas horas de trabalho na caridade, e Michael começou um trabalho com uma empresa de importação / exportação. Meu pai nem sequer pestanejou quando eu lhe disse que eles se casaram em um cartório, enquanto ele estava lidando com negócios na Colômbia. Eu nunca falei do dia em que soube a verdade. Eu o deixei continuar fingindo ser um viúvo de luto, e eu, um filho devotado. Mesmo que eu não quisesse nada mais do que acabar com ele.

Mudei-me para o meu próprio apartamento em Manhattan, semelhante ao que meu pai possuía. Todo o andar superior era meu. Eu queria privacidade agora mais do que nunca. Era um apartamento espaçoso de duzentos metros quadrados com vista para a ponte do Brooklyn. Janelas do chão ao teto forravam a parede leste, com portas francesas que se abriam para uma varanda privada. Passava a maior parte do meu tempo sentado lá fora, respirando a cidade que nunca dormia.

Exatamente como eu.

Eles dizem que seu corpo se acostuma a tudo o que é dado. É a nossa forma natural de sobrevivência. Adaptação em sua forma mais verdadeira. Eu tinha sorte quando eu dormia duas a três horas por noite, sem nunca chegar completamente à fase de sono profundo. Os sons mais fracos me acordavam durante a noite. Eu estava sempre olhando por cima do meu ombro, incapaz de confiar em alguém nesta vida.

Incluindo o meu pai.

Eu passava horas no meu escritório trabalhando apenas para me manter em movimento, muito parecido com ele.

A ironia não passou despercebida para mim.

Distância era suposto fazer o coração ficar mais afeiçoado, e isso estava provando ser verdadeiro. Pelo menos no meu caso, eu não podia falar por Sophia. Porra, eu sentia falta dela como um louco. Ela era o meu mundo, o ar que eu precisava respirar. Ela tinha estado distante ultimamente, mas eu me recusei a deixar minha mente refletir sobre as razões por trás de seu comportamento, o pensamento era quase demais para eu suportar. No fundo, eu sabia que o que Michael disse a ela nos mudou, mas eu decidi que se eu quisesse que nós voltássemos a ficar bem, então eu teria que lutar pela minha menina.

Eu disse a ela para me encontrar na minha casa uma noite. Ela só tinha estado lá um punhado de vezes, mas nunca ficou por muito tempo, sempre com uma desculpa de que ela tinha que ir. Eu queria que ela se mudasse para lá. Eu queria que nós nos casássemos, mas eu também sabia que ela precisava de tempo. Depois de toda a perda que eu tinha experimentado nestes últimos meses, eu a queria ao meu lado. Eu precisava saber que ela me amava por quem eu era. Querendo nada mais do que segurá-la em meus braços todas as noites e acordar para ver seu belo rosto todas as manhãs.

Eu pedi o jantar de seu restaurante favorito, me certificando-me em colocar tudo o que ela amava do cardápio. Eu fui mais longe e arranjei alguém para decorar a sala de jantar e o quarto com todos os tipos de coisas românticas que as mulheres amavam. Esperando que esta noite fosse um novo ponto de partida para nós.

Um novo começo.

Quando o guarda-costas a deixou entrar, eu me deparei com seu abatimento. Ela parecia tão exausta quanto eu me sentia, mas Deus, ela ainda estava tão bonita, tão completamente de tirar o fôlego. Debrucei contra a parede, nas sombras, querendo alguns segundos para olhar para ela sem que ela soubesse. Seu cabelo castanho escuro estava solto e fluindo com a leve brisa que vinha através da sala vindo da

sacada com as portas abertas. Ela usava um vestido de cor creme que chegava um pouco acima dos joelhos, com saltos combinando. Observei-a com uma visão predatória enquanto ela olhava ao redor da sala procurando por mim.

—Hey. —Ela suspirou, visivelmente nervosa quando ela me encontrou.

Eu sorri, o que parecia ser a primeira vez em semanas. —Venha aqui.

Ela veio até mim, seu vestido fluindo a cada passo que ela chegava mais perto. Eu vi o jeito que ela se movia, a maneira como seu corpo balançava a cada passo que dava, a forma como o cheiro dela agredia meus sentidos. Eu não pude me segurar e estendi a mão a puxando instantaneamente em meus braços quando ela estava ao alcance, segurando tão forte quanto eu podia. Respirando, apreciando a sensação dela contra mim novamente.

—Deus, isso é tão bom.

Ela se derreteu em meus braços.

Ficamos perdidos um no outro por não sei quanto tempo, peito contra peito, sentindo nossos corações batendo como um só. Agarrei os lados de seu rosto, precisando beijá-la. Querendo devorá-la. Ela olhou profundamente em meus olhos, atentamente à procura de algo no meu olhar. Procurando por um traço do homem que eu costumava ser. Tentando encontrar sinais do homem por quem ela se apaixonou, os restos do que fomos uma vez. Eu nunca tinha visto seu olhar para mim assim antes.

Saudade.

Eu lentamente movi meus polegares ao longo do seu rosto, traçando suas bochechas de um lado a outro. Absorvendo a sensação de sua pele contra os meus dedos. Sempre tão suave, rocei meus lábios contra a concha de sua orelha, me lembrando de como ela costumava se sentir. Me afastei, os nossos olhos se encontraram novamente. Ela lambeu os lábios enquanto eu deslizava meu dedo do seu queixo até o

pescoço, parando para acariciar seu pulso batendo no lado de sua garganta. Sentindo o efeito que eu causava nela. Eu desci até seu peito, quebrando o contato visual, e me concentrando em seu coração, que eu esperava que ainda pertencesse a mim. Acariciei com meus dedos ela toda, provocando arrepios que abalaram seu interior.

Seu coração estava batendo agora a mil por hora, nada comparado ao meu ritmo constante. Ela olhou nos meus olhos com um olhar vidrado. Eles tinham mudado, do que eu vi apenas alguns segundos atrás. Ela olhou para os meus lábios, respirando fundo, dando um passo mais perto de mim, não deixando nenhum espaço entre nós. Sua mão se estabeleceu no lado do meu pescoço, e, de pé sobre as pontas de seus dedos, com os nossos olhos ainda conectados, ela se inclinou, colocando ternamente os lábios nos meus.

Nossas bocas se moviam juntas, como se fossem feitas uma para a outra, nossos lábios passando de famintos para afetuosos. Eu senti como se eu não a tivesse beijado a anos. Eu não vacilei, pegando pela sua bunda, envolvendo suas pernas em volta da minha cintura. Eu nos levei em direção ao meu quarto, nunca quebrando o nosso beijo intenso.

Assim que eu a deitei na minha cama, ela estendeu os braços acima de sua cabeça. Esperando meu próximo movimento.

Abaixando meu corpo no dela, agarrei suas mãos, prendendo com meus braços. Seus batimentos cardíacos drasticamente aceleraram, e eu juro que ecoou pela sala.

—*Te amo, cariño.*

Ela parou com as minhas palavras durante alguns segundos, relaxando o corpo dela debaixo do meu. Estendi a mão para a bainha de seu vestido, o puxando sobre a cabeça. Deixando com apenas sua calcinha que eu rasguei, liberando sua bunda deliciosa. Ela observou com olhos arregalados enquanto eu me despia e me arrastava até ela novamente, colocando o meu corpo onde ele pertencia.

Em cima dela.

Eu podia sentir seus pensamentos em fúria, guerreando na sua

cabeça. Ela imediatamente fechou os olhos, quando percebeu que eles estavam me dizendo tudo o que talvez ela não pudesse.

—Abra seus olhos, Sophia. —Murmurei tão baixo que ela mal podia me ouvir.

Ela engoliu em seco antes de abri-los novamente. Seus olhos estavam cheios de lágrimas não derramadas. Vê-la assim foi minha ruína, eu não aguentava mais. Segurei os lados de seu rosto.

—Eu sinto muito, baby. —Eu respirei contra seus lábios. —Eu não posso mudar o que temos sido durante os últimos meses. Eu não posso mudar tudo o que eu gostaria que você não tivesse visto. Eu nunca quero que você tenha medo de mim. Eu nunca te machucaria. Eu morreria antes que eu pudesse te machucar. —Eu beijei seus lábios, as bochechas, a ponta de seu nariz e todo o seu rosto enquanto lentamente movia minha mão pelo seu pescoço. —Você me entende? Você é a única luz que resta na minha vida. A minha salvação. —Insisti e ela concordou, firmando seus lábios nos meus, mantendo os olhos bem abertos.

Eu esfreguei a sua pele lisa, arrastando os dedos sobre seu corpo nu. Minha testa descansou sobre a dela enquanto eu lentamente movia minha mão para trás e para frente, acariciando-a da forma que costumava. Como eu sabia que ela amava. Querendo trazer de volta a paixão entre nós. Inflamar a nossa chama que começou a apagar semanas atrás.

—Você é tudo que eu sempre quis. —Eu exalei enquanto a cheirava. Era como se estivéssemos respirando um pelo outro. —Essa é a minha menina. —Eu gemi, me posicionando em sua abertura. Comecei a entrar, pensando no quanto eu senti falta de sua buceta doce, mais uma vez, afirmando que era minha.

Ela congelou, me empurrando de cima dela. —Eu não posso fazer isso. —Ela retrucou, do nada com uma voz fria e distante, me fazendo recuar, atordoado.

—Que porra é essa? —Foi tudo o que consegui dizer.

Ela continuou a tentar me empurrar para sair de cima dela. —Eu não posso, Alejandro. Por favor, eu não posso fazer isso. —Ela me empurrou com as mãos, fugindo de debaixo de mim. Deixando-me perguntando o que diabos aconteceu.

Ela pegou o vestido do chão e colocou, imediatamente correndo para fora do quarto, ficando longe de mim tão rápido quanto possível. Ignorando o meu apelo para ela não ir. Eu encontrei minha calça e rapidamente a coloquei, sem me preocupar com uma camisa. Corri atrás dela, precisando impedi-la de fugir de mim. Não havia nenhuma maneira possível que eu fosse deixá-la sair daqui sem me dizer o que diabos estava acontecendo.

Parei quando a vi de pé na sala de jantar. Um olhar de horror tomou conta de seu rosto enquanto ela observava todos os detalhes da noite que éramos suposto ter. A comida estava toda colocada perfeitamente na mesa, champanhe ainda refrigerava em um balde de gelo, velas estavam espalhadas por toda a sala, somadas ao fascínio romântico.

—O que diabos foi isso, Sophia?

Ela se encolheu, me afastando, levantando as mãos para me parar. —Eu não posso acreditar que você fez tudo isso. Merda... —Ela agarrou a parte de trás da cadeira na frente dela para se sustentar. Olhando para mim com os olhos cheios de lágrimas. —Eu não posso mais fazer isso.

—Não pode fazer mais o que exatamente? O que não pode fazer, porra?

—Nós. —Ela fez um gesto entre nós dois. —Isso.

Eu recuei como se ela tivesse me atingido. —Você não quer dizer isso. —Eu disse, dando um passo em direção a ela novamente.

—Pare! Eu não posso fingir. É muito real. Sua vida. Esta vida que você nasceu para liderar. É muito real. Eu quase fui estuprada. Pensei que você fosse meu herói, meu salvador, quando o tempo todo você era a razão. —Ela desabafou, me fazendo recuar, estreitando os olhos para

ela com o entendimento de suas palavras. —Eu vi sua mãe dar seu último suspiro enquanto ela morria em seus braços. Assassinada a sangue frio. Eu assisti sua irmã deixar a única família que ela tinha para trás. Fugindo desta vida, em vez de abraçá-la. Eu vi o sangue em suas camisas e nas juntas dos dedos, eu vi as armas que carrega com você o tempo todo. Não sou idiota, nem posso continuar a fingir que só vejo o outro Alejandro. Eu vi você mudar do menino que eu conhecia para um homem que mal conheço. Você está lentamente se transformando em seu pai e isso é uma coisa assustadora de se ver. Michael estava certo. Eu não conheço você verdadeiramente. Eu conheço aquele menino por quem me apaixonei quando era uma menina. Mas eu não conheço o homem que está em pé bem aqui na minha frente. Você é um estranho.

—Eu salvei a sua vida de merda naquela noite, então não se atreva a jogar isso na minha cara. Eu não quis te amar. Tentei ficar longe, sabendo que um dia você ia me fazer ficar de joelhos. E aqui estou implorando a você como um maricas maldito para você não sair como uma garotinha assustada. Você veio a mim, e não o contrário, querida. Eu tenho lhe dado tudo! Tudo o que você queria ou precisava. Alguma vez você me amou de verdade, Sophia? Ou era um jogo para você? Você estava sonhando com um conto de fadas e a realidade foi demais para você lidar? Eu acho que meu pai estava certo sobre você depois de tudo.

—Vá se foder! —Ela gritou, virando-se para sair.

Eu peguei-a pelo pulso, girando em torno dela para me encarar. —Nós não terminamos. Ninguém se afasta de mim. Você me entende? Ninguém!

—Me solta! —Ela lutou para ficar longe de mim, batendo os punhos no meu peito.

—EU. AMO. VOCÊ. —Eu enfatizei cada palavra, precisando que ela entendesse, precisando chegar até ela. —Eu ainda sou o mesmo homem, cariño. Eu sou o homem com quem você deveria passar o resto de sua vida.

Ela fez uma careta, como se a ferisse fisicamente me ouvir dizer

essas palavras. Desistindo de lutar, ela inclinou a cabeça de vergonha, e deixou as lágrimas escorrerem pelo seu rosto perfeito. Eu a deixei ir. Ela agarrou o anel que eu coloquei em seu dedo meses atrás.

Nosso futuro.

—Eu sinto muito, Alejandro. —Ela deslizou o anel de seu dedo.

Afastando-me dela, eu balancei a cabeça. —Não faça isso.

Ela olhou para mim através de seus cílios encharcados de lágrimas. —Você fez isso. —Pela primeira vez, foi como se eu estivesse olhando para uma estranha.

A minha Sophia tinha ido embora.

Ela não era a mulher que eu amava com cada fibra do meu ser.

Ela estendeu a mão para pegar o anel. Delicadamente colocou o anel na minha mão e fechou os dedos em torno dele. Antes de liberá-la, ela trouxe a minha mão até seus lábios e sussurrou: —Eu não posso. —Virando as costas para mim, ela se dirigiu para a porta.

Eu fui até ela em um passo, agarrando seu ombro para virá-la para me enfrentar novamente. Puxei seu cabelo para longe de seu rosto para olhar profundamente em seus olhos.

Falei com convicção. —Você não vê? Você não vê que eu não posso viver sem você? Que eu não posso respirar sem você? —Insisti, pendurado por um fio. —Eu não sou nada sem você.

Eu podia sentir a sua determinação falhando, e eu não aguentava mais. Lágrimas deslizaram pelo meu rosto, espelhando as dela. —Por favor. —Eu adicionei em uma voz que eu não reconheci.

Ela não vacilou. —Se eu lhe pedisse para me escolher. Para. Nos. Escolher. Você escolheria?

—Meu coração escolheria você. Nós. Mas isso não muda o fato de que eu sou um Martinez. Não há como mudar isso, esse sou eu.

Ela assentiu com a cabeça, soltando minhas mãos. —Eu sei. É por isso que eu nunca iria lhe pedir para fazer isso. —Estendi a mão para ela uma última vez, mas ela rapidamente se virou, balançando a cabeça e caminhando até a porta. Lutei desesperadamente com toda força que eu tinha para não ir atrás dela. Ela parecia destruída. Eu a tinha destruído, e agora não havia como voltar ao que era.

Eu tive que deixá-la ir.

Ela se virou, agarrando a maçaneta da porta, fazendo uma pausa. Por um segundo eu pensei que ela fosse voltar para mim, por um momento eu pensei que nosso amor tinha prevalecido.

Que este não era o fim da nossa história de amor.

—Por favor, cuide-se. Eu sei que é estúpido eu dizer isso, mas eu não posso me segurar. Eu sempre vou te amar. Eu só não posso morrer com você. Adeus, Alejandro. —Ela disse enquanto abria a porta e saía da minha vida apenas assim.

Deixando-me andar pela vida sem ela do meu lado, levando todo o meu mundo com ela. Foi, então, que eu finalmente entendi o que Alejandro Martinez nasceu para ser. Eu perdi tudo o que já importou para mim. Minha mãe, minha irmã, e agora a minha menina. Todo mundo com quem eu me importei, todo mundo que eu amei, tinha desaparecido.

Eles estariam todos para sempre gravados na minha alma, uma parte de mim que eu nunca seria capaz de me separar. A verdade da minha vida me engoliu por inteiro. Gritei a minha frustração, desencadeando a fúria e a ira, da qual eu já não tinha nenhum controle. Ela bateu em mim furiosamente com as últimas palavras de Sophia.

Adeus, Alejandro.

Eu me virei lentamente, olhando para a mesa da sala de jantar. Segurando a possibilidade do nosso futuro na minha mão. Eu pulei para frente, limpando todo o conteúdo da mesa, jogando tudo no chão. Os sons do vidro quebrando na madeira estavam zombando de mim... Meu coração estava se partindo exatamente da mesma maneira.

Estava em todos os lugares e em tudo ao meu redor.

Eu não podia correr.

Eu não podia escapar.

Eu não tinha ninguém.

Eu me mantive em movimento porque eu sabia que uma vez que eu parasse, eu falharia e, possivelmente, nunca mais voltaria a me erguer novamente. Corri em torno da sala de jantar, meus pés pisando forte a cada passo, deixando um rastro de destruição em seu caminho. Joguei longe as velas, louça e cadeiras. Empurrei a mesa maldita. Fui atrás de qualquer coisa que eu pudesse encontrar, demolindo a noite perfeita.

—Eu odeio você! Eu odeio você! —Gritei, socando o caralho do espelho onde via minha imagem. Nem sequer pestanejei com a dor. Eu repeti o mantra mais e mais, deixando penetrar em meus poros, e se tornar uma parte de mim. Destruí tudo em meu caminho, o futuro que eu nunca teria.

Eu puxei meu cabelo para trás, vendo a cena destruída diante de mim.

—Jesus Cristo, se recomponha, seu maldito maricas. —Eu disse asperamente, indo para o bar. Tomei quatro goles de uísque pelo gargalo, sem me preocupar com um copo, e repeti isso várias vezes até que a garrafa estava vazia, e eu não senti nada, além do fogo pelo meu corpo.

Eu não aguentava mais. Peguei outra garrafa, querendo me afogar no líquido âmbar. Inclinando todo o meu corpo contra a parede, comecei a deslizar para baixo, afundando no desespero que a minha vida tinha se tornado. Não sei quanto tempo fiquei sentado lá, bebendo pela porra da minha vida, quando ouvi a porta da frente abrir e passos vindos em minha direção.

—Sophia? —Eu disse de forma arrastada.

Uma parte de mim esperava que fosse alguém que estivesse vindo para colocar uma bala na porra da minha cabeça. Tirar-me da minha maldita miséria.

—Merda. —Eu ouvi Leo exclamar enquanto ele pairava acima de mim, pegando meu braço. —Levanta, filho da puta. Levante-se!

Eu tomei outro gole da garrafa antes dele arrancá-la das minhas mãos sangrando. —Jesus, você está tentando ir para o hospital? A garrafa inteira quase desapareceu. Eu não vou segurar o seu cabelo para trás, se você vomitar, princesa.

—Vá se foder. —Eu gemi, minha cabeça balançando.

—Vamos lá, você precisa de um banho de água fria, e então você vai dormir. —Ordenou, colocando o braço sobre seu ombro, enquanto me levantava e eu balançava para ficar em pé.

—Ela se foi... Leo... Ela se foi, porra...

—Eu sei, cara. Eu sei. Ela me ligou.

—Todo mundo se foi... — Lutei para falar enquanto nós caminhávamos em direção ao meu quarto.

—Siga em frente. Amanhã é outro dia, irmão. —Ele me deitou na minha cama.

Eu vi minha mãe morrer nos meus braços.

Eu vi minha irmã me deixar.

Eu vi Sophia se despedir.

Antes de dormir, sabia que acordaria como outro homem, porque o diabo...

Tinha vencido.

Capítulo 16

Martinez

—Alejandro. —Papai saudou quando entrei em seu escritório, sem se preocupar em se levantar.

Ele estava sentado à cabeceira da mesa retangular na extremidade da sala. Antônio, um novo associado do Panamá, que estávamos prestes a usar pela primeira vez, estava sentado em frente a ele. Passei a última semana em seu território, me certificando de que eles soubessem o que significava o negócio, e se eles estavam cientes de como lidamos entre nós mesmos.

Eu não o cumprimentei.

Havia algo sobre o maldito idiota que me atormentou imediatamente. A última coisa que eu precisava era tomar conta de outro idiota incompetente que pensava com seu pau e não com a cabeça. Meu prato já estava cheio. Eu não precisava de mais merda acumulando. Embora, eu tivesse que lhe dar algum crédito, o homem tinha algumas fodidas bolas de bronze por sentar-se ao lado do meu pai. Eu estaria mentindo se eu dissesse que não queria apertar sua mão maldita por isso. Tenho certeza de que meu pai adoraria.

A luta pelo poder no seu melhor.

Eu não era do tipo que tirava vantagem de um homem.

Eu estava no comando.

Fim da história, porra.

Eu tinha provado o pedaço de merda do meu pai, cada vez mais, com o passar dos meses. Eu desabotoei o paletó do terno quando me sentei ao lado dele. Fiquei confortável antes de me dirigir à reunião.

—Eu paguei a todos o necessário para manter suas malditas bocas fechadas, e os restantes foram silenciados... Permanentemente.

—Informei, quebrando o silêncio desde que invadi a sala.

—Antônio, este é...

—Eu sei quem ele é. —Ele interrompeu meu pai, inclinando-se sobre a mesa com as mãos colocadas na frente dele. —Sua reputação precede você, Martinez. O grande diabo, hein?

Eu sorri, batendo os dedos sobre a mesa um após o outro. —Eu já fui chamado de coisas piores por pessoas melhores.

Ele estreitou os olhos para mim, inclinando a cabeça para o lado.

Esperando.

Eu sabia o que ele estava tentando fazer. Eu aprendi desde cedo como ler as pessoas. Se estava mentindo, se estava fingindo, se estava blefando, e se estava cheio de merda. A linguagem corporal de uma pessoa sempre me contava sua história.

Um pouco disso era instintivo.

Um pouco disso era criado.

Um pouco disso era aprendido.

A maior parte era besteira.

—Seu pai estava me dizendo que você vai tomar seu lugar em breve. Você acha que pode lidar com isso?

—Lidar com isso? —Eu questionei, sorrindo. Inclinando-me para trás, me abaixei para pegar meu pau. —Eu vou lidar com isso como eu lido com a porra do meu pau. Com firmeza.

Meu pai riu, sentando-se com os braços cruzados sobre o peito, uma expressão divertida no rosto.

Antônio recuou, limpando a garganta com a minha resposta honesta, brutal. Gaguejando, ele disse. —Eu só estou dizendo... Esse é um grande feito para alguém tão jovem.

—Eu só estou dizendo... —Eu zombei num tom condescendente. —Se eu quisesse a porra da sua opinião, eu pediria.

—Eu...

Eu não lhe dei uma chance para responder, agarrei a pasta que estava na frente dele. Li a sua proposta e me inclinei para trás na minha cadeira, sacudindo os documentos em sua direção. Eu disse com escárnio. —Que porra eu vou fazer com isso? Limpar minha bunda com eles?

—Isso é o melhor que posso fazer. Nós estamos correndo um risco enorme ao transportar essa quantidade de cocaína para os EUA. Vai custar caro. Eu preciso proteger meus homens.

—Hã? Você sentiu isso? —Sentei-me para frente. —Na verdade, eu dou a mínima sobre seus homens ou seus riscos. Preciso lembrá-lo que você trabalha para mim? Não o contrário. Você não define as regras, eu faço. Quando eu digo que preciso de alguma coisa, e eu quero dizer qualquer coisa, inclusive que o preço será por quilo, então você vai buscar, cachorrinho.

Ele bateu com o punho fechado sobre a mesa, sacudindo os óculos. —Eu sou o melhor! Como você ousa?! —Fúria estava estampada em seu rosto.

—Isso foi bom, agora seja um bom menino e use a sua voz interior.

— Inclinando minha cabeça para o lado eu disse. —Eu sei que as pessoas podem facilitar a sua vida, ou elas podem torná-la mais difícil. Eu posso bater os punhos na mesa também, como um maldito maricas. Quer ver quem pode fazê-la se mover mais? —Eu ameacei. —Agora, se você puder tão gentilmente dizer a seus capangas para abaixar as armas que estão apontando para mim e meu pai debaixo da mesa, eu realmente apreciaria muito isso.

Seus olhos se estreitaram, me dando um olhar presunçoso antes de acenar para seus homens. Eles baixaram suas armas e as colocaram sobre a mesa.

—Cavalheiro. —Eu declarei, colocando os cotovelos sobre a mesa com as mãos em um gesto de oração. —Nós não estamos aqui para discutir. Estou simplesmente explicando por que estou certo. Ou você faz isso acontecer, Antônio, ou você pode ir chupar o pau de quem manda nisso. Sua escolha.

Eu podia sentir o orgulho do meu pai irradiando dele, queimando um buraco ao meu lado. Ele bateu no meu ombro e riu, acrescentando: —E é como ele lida com isso, Antônio.

Antônio instantaneamente ficou de pé, a cadeira arrastou em todo o piso de madeira.

As expressões faciais sempre revelavam muito sobre uma pessoa. Sentimentos verdadeiros eram uma cadela para se esconder. Energia de qualquer forma era comunicada através do olhar de uma pessoa. Nesta linha de negócios, era tudo sobre a procura de sinais.

Nada mais.

Nada menos.

Quanto mais tempo você estava perto de alguém, mais você aprendia sobre ele. Você nunca tinha nem mesmo que saber o seu maldito nome.

—Eu vou ter uma nova proposta elaborada. —Ele cedeu, exatamente como eu sabia que ele faria.

—Ótimo, agora vai descansar suas bolas. —Eu ridicularizei, apreciando cada porra de segundo.

Ele ficou mais alterado, inalando profundamente.

Eu não sorri ou lhe dei qualquer atenção, apontando para a porta para eles darem o fora de lá. Ele entendeu minha ordem silenciosa e saiu sem sequer dizer uma palavra.

—Bem, bom ver você também, hijo. —A voz do meu pai apareceu, chamando minha atenção para ele.

—De nada. —Eu respondi, ignorando o seu carinho. Eu estava de pé, agarrando seu copo.

Era tradição tomar uma bebida juntos depois de uma reunião de negócios, especialmente uma que foi em nosso favor. Virando as costas para ele, eu fui até seu bar, no outro extremo da sala, e servi dois copos de uísque.

—Eu estou ficando velho, Alejandro. A morte de sua mãe... isso... cobrou seu preço em mim. Eu sei que você vai me deixar orgulhoso, carregando o nome Martinez. Você fez bem, hijo. Eles já estão chamando você de El Diablo, O Diabo. Vinte anos de idade e já é temido. Eu não poderia estar mais satisfeito de te chamar de meu filho.

A simples menção de minha mãe me fez fisicamente encolher, sabendo a verdade. Eu relevei suas palavras, voltando com nossas bebidas na mão, antes de caminhar de volta para ele novamente. Eu coloquei sua bebida na frente dele, tomando o meu lugar no outro lado da mesa. Exatamente onde Antônio estava sentado há poucos minutos, fazendo-o estreitar os olhos para mim. Foi a primeira vez em todos esses anos que eu me sentei paralelo a ele.

Levantando meu copo, eu balancei o queixo em direção a ele, um brinde silencioso antes de virar o líquido de fogo em um gole. Coloquei meu copo em cima da mesa com um baque. Ele seguiu o exemplo, tomando tudo como se fosse um copo de água.

—Alguma vez você realmente a amou? —Perguntei, do nada, pegando-o de surpresa.

Ele abaixou as sobrancelhas, confuso.

Eu me levantei da cadeira novamente, precisando ficar longe dele. Desde que eu descobri a verdade, eu tinha me distanciado, passando muito pouco tempo em sua presença. Até mesmo compartilhar o ar que ele respirava me deixava doente. Eu andei ao redor da sala, esperando ele responder a minha pergunta. Sabendo que eu nunca conseguiria uma resposta honesta.

Não era assim que meu pai agia.

Parei em sua mesa, passando os dedos pela madeira de mogno. Olhando para as fotos da minha mãe e Amari no canto, empurradas para longe, como a verdade.

—Foi daqui que você fez a chamada para selar o destino da minha mãe?— Sentei-me na cadeira, colocando os pés sobre a mesa. Ele observava cada movimento meu com nada, além de um olhar cauteloso. Acendi um charuto, dando algumas tragadas profundas, soprando anéis de fumaça precisos no ar espesso. —Então me diga. Queria matá-la porque ela estava tendo um caso com Roberto? Ou porque ela estava grávida do bebê dele?

—*Hijo*...

Eu olhei para ele. —Você perdeu a porra do direito de me chamar disso no dia em que você matou minha mãe e me fez assistir, seu fodido. Não dando a mínima que Amari estava lá. Diga-me, já passou pela sua cabeça que ela poderia ter sido morta, também?

—*Mi familia lo es todo para mi*. —Ele rosnou. — Minha família é tudo para mim.

Enfiei a mão no bolso do meu paletó, tirei um pedaço de papel dobrado que passei horas, até mesmo dias, olhando. Memorizando cada maldita palavra escrita. As bordas estavam tão desgastadas.

Eu joguei em cima dele. Caindo no espaço entre nós.

—Eu pensei que você não tinha mandado fazer uma autópsia. Não foi isso que você nos disse? Que não tinha necessidade de fazer? Que ela foi vítima de retaliação por sua causa? Por nós? Ou você não se lembra mais da porra das mentiras que você falou?

Ele fez uma careta, ainda sentado, onde eu o deixei na mesa. —Eu nunca faria mal a minha esposa. A mãe de meus filhos.

—Não, você só mandou alguém fazer isso para você. Nós somos mesmos seus filhos?

—Sai do meu escritório, Alejandro! —Ele gritou, a veia pulsando

em sua testa.

—Ela te amou. Ela te deu tudo, velho. Ela traiu você, porque você é um merda miserável, que a tratou como merda. Estou surpreso que levou tanto tempo. Meio que me faz pensar se Roberto foi o único. Eu não culparia a minha mãe. A vida é cheia de decepções, e você é uma delas.

—Você me despreza, não é? É disso que se trata?

—Você sabe, eu provavelmente o faria. Se eu lhe dedicasse qualquer pensamento. Você sabe o que vem à minha mente quando eu penso em você? Minha mãe morrendo em meus braços, lutando para respirar. Ela não disse uma palavra maldita sobre você enquanto tremia em meus braços. Você não estava na sua mente nos últimos minutos de sua vida. Como se você nem sequer existisse no seu mundo. Ela sussurrou o nome dele, no entanto. —Eu menti, apenas para feri-lo.

—Alejandro. —Ele falou, sua boca se contorcendo, lutando para respirar. Suor surgia em suas têmporas, enquanto seus olhos vermelhos agora se projetavam para fora. Seu rosto bronzeado rapidamente ficou avermelhado, mudando para um tom de azul, enquanto o oxigênio estava sendo cortado mais e mais. Seu peito arfava enquanto ele estava tentando pedir ajuda.

Minha ajuda.

Ele murchou mais em sua cadeira, colocando a cabeça entre os joelhos, apertando o peito com a mão direita. Ofegando por ar que não estava disponível. Eu assisti com olhos fascinados, sem me mover uma polegada para ajudar o filho de uma cadela.

—Eu me pergunto se ela pensava nele quando estava com você?

Com os olhos arregalados, ele bateu a mão contra o peito. —*Hijo*, eu acho... Eu acho... Eu estou tendo um ataque cardíaco. —Ele gaguejou.

—Eu me pergunto se ela já quis chamar o seu nome quando estavam juntos?

—Você... não... sabe... de nada... —Ele falou, ofegante. Tendo dificuldade em soltar as suas palavras.

Eu não vacilei. —Lembrava-se do rosto dele quando ela lhe dizia que amava você. —Eu violentamente soltei essa.

—Filho... da puta. Quem você... pensa que é? —Ele perguntou engasgando.

—Eu sei de uma coisa, ela provavelmente o odiava. Tal mãe, tal filha. Amari não pode ficar longe de você rápido o suficiente. É por isso que teve a mãe assassinada? Você não pode lidar com ela encontrando alguém mais novo e mais jovem, substituindo você, seu miserável fodido. Imagine isso, as bolas de Roberto profundamente em sua esposa, em sua casa, em sua cama, enquanto você estava fora, com outras pessoas do caralho, mais e mais. —Eu ri.

—Ligue para o 911, seu ingrato... bastardo, eu não posso... *No puedo*...

Ele choramingou, suando em bicas agora. —Meu coração... —Ele agarrou o peito, tentando alcançar o receptor do telefone na frente dele. Avançando os dedos cada vez mais perto até que seu corpo o traiu.

—Tão perto, mas tão longe. — Bati palmas, em seguida, dei outra tragada no meu charuto. Soprei a fumaça em direção a ele, fazendo-o tossir.

Suas pernas cederam e seu corpo deslizou para fora da mesa e para trás, caindo no chão. O copo seguiu, quebrando em um milhão de pedaços abaixo dele. Ele caiu de costas, com a cabeça quicando no chão, convulsionando incontrolavelmente.

Apagando o charuto no cinzeiro, sentei-me para observá-lo no chão, desfrutando de cada segundo disso. Deixei-o sentir os espasmos de seu coração bombeando forte através de seu corpo. Suas veias salientes perdendo circulação. Cuspe formando perto de sua boca, com as costas arqueadas no chão, sufocando na própria saliva.

Seu corpo o traía como ele traiu minha mãe.

Eu finalmente me afastei da mesa, dando um passo em direção a ele, cada passo mais determinado do que o último.

Agachando-me perto de seu rosto, eu rosnei. —Os mortos não podem falar, velho. — Joguei suas próprias palavras de volta para ele. Querendo que ele se lembrasse do dia em que ele colocou minha vida em movimento.

O dia em que ele me condenou.

—Por favor... Ajude-me... —Ele falou tão baixo que eu mal podia ouvi-lo, colocando a mão sobre o coração.

—Como você ajudou a minha mãe? —Eu não vacilei, agarrando sua garganta, apertando levemente. Cortando mais seu suprimento de ar.

Seus olhos arregalaram-se de medo. Eu me lembraria do olhar em seu rosto pelo resto da minha vida. Outra lembrança que sempre me assombraria até o dia em que morresse. Segurei-o, prendendo-o ao chão por sua garganta, sentindo-o se contrair sob meus dedos. Eu queria que ele sentisse tudo enquanto eu tirava a vida dele, lentamente. Querendo que ele sentisse a dor quando ele desse seus últimos suspiros. Na esperança de que sua vida estivesse piscando diante de seus olhos.

Eu precisava testemunhar ele lutar como minha mãe fez, lutar por sua vida.

Eu me inclinei para frente, ficando o mais próximo que pude de sua orelha, olhando-o nos olhos. Falei com convicção. —Isso foi pela minha mãe.

Seus olhos estavam vidrados, a percepção de que esta era a minha retaliação. Minha vingança pela morte de minha mãe. Minha vingança, fazendo a coisa certa por assassiná-la.

Eu, o filho que acabou com ele.

—Olho por olho, filho da puta. — Agarrei sua garganta tão forte

quanto eu podia. Seu corpo convulsionou, pernas, braços tremendo incontrolavelmente e em todo o lugar. —Que você queime no inferno. — Foi a última coisa que eu disse antes de seus olhos revirarem nas orbitas, e então, ele estava morto.

Deixando de lado sua garganta, eu me levantei. Olhei para ele uma última vez, me certificando de que ele realmente não estivesse lá. Cutucando-o com o pé, rolando-o para que eu não tivesse que olhar para a porra de seu rosto novamente. Eu não fechei seus olhos, ou fiz o sinal da cruz, eu não queria que a sua maldita alma descansasse.

Respirei profundamente, imediatamente sentindo uma sensação de paz, desde que minha mãe morreu. Fui até onde o relatório da autópsia estava caído no chão, peguei e o coloquei em suas costas. Junto com o Pentobarbital[2] que estava dentro do meu paletó.

Condenado para sempre.

—Entrem e limpem essa bagunça do caralho. Ele está morto. — Eu pedi a um de meus homens no telefone.

E eu saí. O El Diablo nem uma vez olhou para trás.

Capítulo 17

Martinez

—Nós temos um problema. —Afirmou Esteban, se intrometendo em meu escritório sem bater, chamando minha atenção para ele.

Os dias se transformaram em semanas, semanas se tornaram meses e um ano se transformou em três. Eu tinha vinte e quatro anos de idade e eu era o próprio Lúcifer, abrindo o caminho para o inferno. Quase um ano depois que matei o meu pai, eu conheci Esteban em um dos meus clubes de strip no centro da cidade.

Vamos apenas dizer que ele não estava gostando do entretenimento.

Eu estava conversando com meus homens, quando ouvimos uma menina gritar. —Pare! Não o machuquem. — Meus homens tentaram intervir, mas eu coloquei minha mão esticada na frente do peito, impedindo-os. Tirei um cigarro em vez disso, inclinei-me contra a parede de tijolos atrás do clube de strip e assisti. Esteban estava tendo sua bunda chutada por três viciados em meu beco. Ele era um sem-teto na época, vasculhando o lixo em busca de alimento. Dormia sob viadutos ou em becos. Ele era um filho da puta desajeitado, mas ele podia cuidar das coisas sozinho.

Apanhando, tanto quanto ele estava batendo.

Com o canto do meu olho, eu vi uma figura pequena encolhida nas sombras. Eu andei em direção a ela, pegando e colocando em meus braços. Ela tinha olhos verdes brilhantes e longos cabelos escuros, ela não poderia ter mais do que quatro anos.

—De onde diabos você veio? —Eu perguntei a ela.

—Eu... Lex... a. —Ela gaguejou, inclinando a cabeça. Eu mal podia compreender o seu gaguejar de bebê. Lágrimas derramavam em sua pele de porcelana, apavorada com a cena que se desenrolava à sua

frente. Nada que uma menina devesse estar testemunhando.

—Lex, sua mãe não lhe disse sobre os monstros que se escondem no escuro?

Seus olhos arregalaram-se de medo.

—Eu sou um daqueles monstros. —Eu sussurrei em seu ouvido.

Esteban tentou assistir toda a cena se desenrolando, tornando mais difícil para ele se defender. Para encurtar a longa história, meus homens pararam a luta, Esteban foi o único que ficou para trás, preocupado com a menina.

Eu respeitei isso.

Perguntei se ele queria um trabalho, ele felizmente aceitou. Depois de falar besteira por alguns minutos, eu lhe entreguei a garota e disse a ele para encontrar seus malditos pais. Eu não tinha tempo para cuidar de crianças.

Ele esteve trabalhando para mim desde então.

Olhei para ele, estreitando os olhos. —Parabéns. Você esqueceu como bater? —A cabeça da loira que estava chupando meu pau tentou olhar para cima, mas eu empurrei-a de volta para baixo. —Eu disse que você poderia parar? —Ela voltou, levando meu pau todo até o fundo da garganta.

—Eu... Eu estava... Eu não... —Esteban gaguejou, a olhando trabalhar com sua boca, para cima e para baixo em mim, com minha mão agarrada na parte de trás de sua cabeça.

Meu celular tocou com um número desconhecido aparecendo na tela.

—Eu preciso atender isso.

—Eu preciso...

—Eu não sei por que você acha que eu me importo, Esteban.

Agora vire-se, seja homem, e cuide do seu problema.

—Alej...

—Vá lá fora brincar de esconde-esconde e vá se foder. Preciso atender esta chamada. —Eu ordenei em um tom exigente. —*Ahora*!

Paciência nunca foi parte da minha natureza, especialmente agora.

—Eu estou falando grego, porra?

Ele finalmente concordou com a cabeça, virou-se e saiu.

Empurrei a cabeça da loira para longe, fazendo-a cair em sua bunda com um baque. —Isso serve para você também, querida.

—Que porra é essa? —Ela fervia de raiva.

—Não brinca. Com uns lábios como os seus, achei que você seria uma maldita profissional.

—Quem diabos você pensa que é para falar assim comigo? Eu sou a melhor.

—A melhor coisa que um dia saiu de sua boca foi meu pau. Agora dê o fora.

—Você é um idiota!

—Se eu quisesse responder a esse insulto, eu pediria para você cuspir.

Ela saiu bufando em direção à porta, como se eu desse a mínima.

—Martinez. —Eu atendi ao telefone assim que ela bateu a porta atrás dela.

—Alejandro Martinez? —A mulher do outro lado perguntou.

—É ele. —Respondi, irritado.

—Eu estou ligando do *Hospital Sibley Memorial*. Houve um

acidente de carro. Você é o contato em caso de emergência para Michael e Amari Mitchell. Precisamos que você venha o mais rápido possível.

—O que? O que você quer dizer? Onde está Amari? Ela está bem? —Meu coração acelerou, batendo forte no meu peito. Pânico se instalando.

—Senhor, acalme-se. Tudo o que posso dizer-lhe ao telefone é que precisamos que você venha. Estamos legalmente obrigados a não divulgar qualquer informação ao telefone, senhor.

—Por favor... —Eu implorei, em uma voz que eu não reconheci. —Onde está a menina? Daisy, sua filha. O mínimo que pode fazer é me dizer isso. Onde está Daisy?

—Ela está aqui também. Eu o aconselho a vir imediatamente. As enfermeiras irão informá-lo uma vez que você chegar.

—Senhora, com todo o respeito, eu preciso falar com a porra da minha irmã. —Eu cerrei minha mandíbula, tentando não xingar a mulher.

—Sr. Martinez, é importante que você entre no próximo voo. Isso é tudo que posso dizer.

Eu terminei a chamada, discando para um dos meus homens que estava os observando. —Que porra é essa?

—Chefe. —Ele respondeu. —É ruim. É realmente muito ruim. Eu estava prestes a chamá-lo.

—Eles estão vivos?

—Chefe, eu...

—Eles estão vivos, porra?

—Daisy está. Eu sinto mui... —Eu desliguei.

A foto de Daisy deitada no peito de Amari quando ela nasceu, de pé no canto da minha mesa, zombava de mim. Ela estava olhando para

a filha recém-nascida com adoração, já era uma mãe dedicada. Daisy foi o primeiro e único bebê que eu segurei. Eu não tinha visto qualquer um deles, desde aquele dia, seis anos atrás.

Eu amei Daisy instantaneamente, o que era uma emoção tão estranha para mim. Eu não sentia amor por um tempo tão longo. Eu nem sequer pensava que fosse capaz de sentir algo mais. Eu segurei seu corpo minúsculo contra o meu peito, embalando-a em meus braços. Esfregando os dedos gordinhos, enquanto eu olhava em seus belos olhos. Memorizando a sensação de sua pele macia e perfume de bebê. A necessidade de protegê-la era tão forte para alguém que eu tinha acabado de conhecer pela primeira vez. Uma vontade primitiva de mantê-la segura se apoderou de mim, e nada me impediria de manter a minha sobrinha longe de qualquer dano.

Exatamente como eu faria com sua mãe.

Não importa a que o custo.

Foi então que eu percebi que não me encaixava na vida de Amari. Saber que poderia trazer perigo para a vida dos únicos membros da família que eu tinha, era demais para suportar.

Eu fiquei afastado para mantê-los seguros.

Meus pés moveram-se sozinhos para o bar no canto do meu escritório, e eu tomei o líquido âmbar, sem pensar duas vezes. Nenhum copo era necessário. Afastando a garrafa da minha boca, eu a atirei pela sala. Observando enquanto ela quebrava contra a parede, caindo em pedaços sobre o chão de madeira. Meu estômago se agitou e minha mente cambaleou. Meu corpo não podia se mover rápido o suficiente ao redor da sala, empurrando tudo o que estava na minha frente. Jogando e quebrando qualquer coisa que eu pudesse encontrar, gritando a plenos pulmões uma e outra vez, até que minha garganta queimava. E o meu peito arfava.

Segundos, minutos, horas mais tarde, tudo era uma bagunça só, e eu apenas fiquei lá vendo os resultados da minha destruição. Meu corpo cambaleou quando eu levantei, ofegando e arfando, e cada respiração

mais difícil de dar do que a anterior.

Como essa porra aconteceu?

Eu deveria protegê-la.

Eu me culpei por dentro.

Eu pisquei, estava sentado no meu avião, voando em direção a Washington. Contemplando minha vida.

Eu tinha matado.

Eu tinha torturado.

Vidas inocentes pagaram o preço. Meu preço. Só para provar um ponto, porra, eu estava acima de todos e de tudo. Até mesmo Deus não estava a salvo de mim. Eu era um filho da puta cruel que não aceitava um ***não*** como resposta. Ninguém me peitava e vivia para contar a história. Eu não tinha respeito ou lealdade a ninguém além de mim.

Nem uma vez eu pensei sobre a dor que eu estava causando. As consequências de minhas ações seriam os maiores arrependimentos da minha vida.

Tudo progrediu em câmera lenta, os segundos viraram minutos, e minutos viraram horas. O som do meu correio de voz quebrou o silêncio a minha volta. A tela se iluminou como ela tinha feito nos últimos dois dias. Notificando que eu tinha uma chamada não atendida e um correio de voz não ouvido, que se destacava de todo o resto.

Da minha irmã.

Eu não tinha certeza do que eu senti naquele momento, medo, talvez, pânico, confusão. Lembrei que eu ignorei a chamada telefônica de Amari há dois dias, sempre ocupado demais para tirar alguns minutos da minha vida fodida para falar com ela. Minha adrenalina estava a mil, meu corpo estava rígido, e minhas mãos tremiam. De repente, senti a bile subindo na minha garganta, e lutei contra a vontade de vomitar.

Respirando profundamente algumas vezes, eu apertei o botão de

correio de voz, excluindo mensagem após mensagem até que eu cheguei à dela.

—*Merda! Ah, merda, Daisy, não repita isso*. —A voz de Amari encheu o ar. —*Eu não tive a intenção de chamá-lo, foram os dedos gordinhos que bateram nos números errados. Eu estava tentando ligar para Michael. Daisy e eu estamos presas no lado da estrada, e parece que pode começar a chover a qualquer segundo. De qualquer forma, eu não sei por que estou lhe dizendo tudo isso, como se você se importasse*. —Seu tom amargo me mordeu como uma cobra no meio da noite.

Minha visão ficou turva, não sendo capaz de ver nada na minha frente. Eu estava chorando?

—*Seria bom apenas ouvi-lo de vez em quando. Você ainda é meu irmão, não importa o quê. Eu te amo, Alejandro. Eu ainda estou aqui. Talvez você precise ouvir isso de mim para se lembrar disso. Espero que nos falemos em breve. Fique bem.* —A linha ficou em silêncio.

As únicas palavras que registrei foram...

Eu ainda estou aqui.

Minha mão caiu longe do meu ouvido, ainda segurando o telefone. Sem me preocupar em acertar o botão ***fim***, olhando para a tela, enquanto minha mente estava presa em uma frase.

Eu ainda estou aqui.

Era uma frase sem fim que se repetia várias vezes na minha cabeça, um ciclo que eu não podia parar, uma e outra vez.

—Eu ainda estou aqui.

Eu não podia me mover. Eu não podia sentir. Eu não podia falar.

Eu estava dormente.

A escuridão se estabeleceu em volta de mim. Memórias de Amari e eu inundaram minha mente. De nossa infância até o dia em que ela

saiu da minha vida e tudo mais. Lembranças do nosso tempo juntos. Eu sentei lá até que meu corpo não aguentava mais. Eu sentei lá até que eu senti que não havia mais nada de mim.

Sabendo que eu não seria nada depois disso. A casca do homem que costumava ser. Eu era uma pintura abstrata e um caleidoscópio de dor. Eu viveria todos os dias com os lembretes constantes de erros e arrependimentos, as coisas que eu nunca poderia mudar...

O passado.

O presente.

O futuro.

Então.

Agora.

Para sempre.

A tortura implacável de amor e ódio.

A memória distante do menino que eu era, e o homem cruel que eu me tornei.

A próxima coisa que eu soube, é que eu estava andando em direção ao necrotério do hospital para identificar os corpos. Meu coração batia forte contra o meu peito, zumbindo nos meus ouvidos, enquanto eles puxavam a gaveta que continha o corpo da minha irmã. Nada poderia ter me preparado para o que eu estava prestes a ver. A mulher que estava ali, não estava mais cheia de vida, de riso, ou de amor.

Não estava mais cheia de nada.

Eu me inclinei para frente, beijando sua testa, esperando sentir seu calor. Em vez disso, tudo que eu obtive foi sua pele fria contra meus lábios. —Deixo-vos a paz; a minha paz vos dou. —Eu sussurrei o verso da Bíblia, fazendo o sinal da cruz sobre seu corpo.

Acenei confirmando para o legista, incapaz de encontrar as

palavras para dizer que esta era Amari. Segurei o desejo de cair e morrer junto com ela. Eu não podia, seu bebê precisava de alguém, e eu tinha feito uma promessa a ela há muito tempo, uma promessa que eu pretendia cumprir. Deixei o necrotério sem olhar para trás. O hospital onde Daisy saiu como uma recém-nascida, entregando-a para o mundo cruel, era agora o mesmo hospital em que eu disse adeus à sua mãe.

Minha amada irmã.

Eu entrei no quarto de Daisy no hospital, seu corpo minúsculo ligado a várias máquinas, enquanto ela continuava inconsciente em sua cama. O sinal sonoro do monitor cardíaco e o som do assobio rítmico do ventilador ecoavam em volta de mim. Enchendo-me com algum tipo de esperança. Ela parecia tão pequena e delicada segurando seu cobertor favorito, aquele que eu tinha enviado para Amari no primeiro aniversário de Daisy. Posso não ter mantido contato, mas eu nunca perdi os aniversários ou feriados da minha sobrinha.

Eu puxei uma cadeira ao lado da cama e sentei. Olhei em seu belo rosto que lembrava muito o de Amari. Alcançando a mão dela, eu a levantei e coloquei em meu alcance. Minha mão tão grande em comparação com a dela, a engolia toda. Inclinei-me, baixando a cabeça de vergonha sobre seu corpo quebrado, machucado, costurado.

—Eu sinto muito, *peladita*[3]. Eu não queria isso para você. Eu sinto tanto. —Eu soluçava, colocando minha testa em nossas mãos unidas.

Esta seria a última vez em que choraria pelo resto da minha vida.

A última vez que pediria desculpas a alguém.

Dizer adeus a minha irmã foi o último adeus do que restava do meu coração e alma. Eu estava agora vazio por dentro. Era mais fácil dessa maneira, eu precisava desligar a minha humanidade. Já não querendo sentir qualquer coisa.

Depois disto…

Não havia mais nada em mim.

PARTE 2

Capítulo 18

Lexi

—Tudo bem mocinha, Lexi esta é a sua parada. —Minha motorista de ônibus, Anna, chamou. Espiando-me através do espelho acima da cabeça.

Eu estava de pé, andando pelo corredor, passando por todas as crianças com quem ia para a escola. Ignorando os olhares de ódio que eu tinha de suportar todos os dias. Normalmente, eu sentava perto da frente no ônibus, no assento mais próximo que eu poderia encontrar de Anna, ou então as crianças pegavam no meu pé por um motivo ou outro, —Obrigada, Anna. Vejo você amanhã. —Anunciei quando ela abriu as portas para me deixar sair.

—Não tem problema, querida. Vou trazer um pouco daquele iogurte que você ama na parte da manhã.

Eu sorri, eu amava o café-da-manhã da Anna. Eles eram a melhor maneira de começar o dia. Muitas vezes não conseguimos tomar o café da manhã em casa antes de eu ter que pegar o ônibus. Mamãe estava sempre dormindo, não se preocupava em se levantar e ajudar a me preparar para o meu dia. Eu tinha sorte se eu tivesse o almoço na maioria dos dias.

Pisando fora do ônibus, eu olhei de volta para Anna uma última vez. Ela estava balançando a cabeça com decepção, e isso fez meu coração doer. Eu não gostava quando ela ficava triste, especialmente quando eu era a causa.

Eu vivia em volta de bastante tristeza.

Minha mãe não estava lá, novamente. Não fiquei surpresa. Era raro ela me pegar no ponto de ônibus. Eu fazia questão de sorrir sempre, bem abertamente enquanto eu olhava de volta, para mostrar a Anna que eu não estava perturbada pelas faltas da minha mãe. Tentando aliviar a preocupação que eu sabia que ela sentia. Anna odiava que eu tivesse de

ir para casa sozinha. Ela disse que seis anos de idade era muito jovem para estar andando sozinha. Não era tão ruim, exceto no verão, que eu ficava muito quente e suada. Anna sempre fazia questão de me trazer uma garrafa de água para que eu não ficasse desidratada.

Às vezes, se faltavam algumas crianças, ela me deixava bem na frente da minha casa. Aqueles eram os meus dias favoritos, mas eles eram poucos e distantes entre si.

Anna acenou uma última vez e eu acenei de volta. Observei algumas das crianças colocarem a língua para fora para mim enquanto o ônibus ia embora, mas eu não lhes dei qualquer atenção.

—Paus e pedras. —Eu sussurrei. Repetindo o que meu padrasto sempre dizia, uma e outra vez na minha cabeça.

Eu nunca conheci meu verdadeiro pai, mas minha mãe me mostrou algumas fotos dele. Incluindo a que está enquadrada na minha cabeceira. Ela não me disse muito sobre ele, mas me disse que ele não era um cara legal e eu estava melhor sem ele. Meu padrasto, Phil, não era tão ruim, mas ele trabalhava muito. O que o deixava irritadiço. Tanto quanto eu desejava que ele estivesse mais em casa porque ele brincava comigo, a casa ficava mais calma quando ele não estava. Ele gritava com minha mãe o tempo todo para sair da cama, tomar um banho, limpar a casa, e eu não gostava muito disso. Isso me assustava, às vezes, quando ele estava de muito mau humor. Eu sempre fiz questão de dar beijos extras em minha mãe depois que ele terminava, fazendo-a chorar.

Eles brigavam muito.

Pensei na minha mãe enquanto eu estava fazendo o meu ballet, caminhando pela calçada. Nas pontas dos dedos dos pés, com meus pés virados para fora, mas colocando meus braços do lado para praticar o equilíbrio como a minha instrutora me mostrou. Cantarolando uma melodia de *O Lago dos Cisnes* enquanto eu dançava no meu caminho para casa. Eu dançava desde que eu podia me lembrar. Era a minha vida, o único momento em que eu era realmente feliz. Não tendo que me preocupar com nada em volta de mim, além da música e o ritmo. Minha

instrutora disse que eu era natural ao dançar, apreendendo novas técnicas, sem qualquer hesitação e tão jovem.

Eu sempre corria para casa depois da aula para mostrar a minha mãe todos os novos movimentos que aprendi. Ela ficava deitada em sua cama e assistia cada um com brilho nos olhos, me dizendo que eu estava linda. Então ela me puxava para ela, me rolando em sua cama e ficávamos abraçadas por horas, assistindo filmes enquanto ela brincava com meu cabelo comprido. Eu dormia em sua cama mais do que eu dormia na minha própria, sempre com medo de monstros debaixo da minha cama. Ela entendia a minha preocupação, então ela me deixava dormir com ela quase todas as noites. Meu padrasto costumava dormir no sofá, especialmente durante o último ano ou mais, mas eu realmente não me lembro.

—Mamãe! —Gritei, entrando em minha casa, fechando a porta atrás de mim.

Silêncio.

—Mamãe! Estou em casa! —Eu fui em direção ao seu quarto, no corredor estreito, depois da sala de estar. Sabendo exatamente onde ela estaria. Ela não estava deitada em sua cama, o que só sobrava outro lugar.

—Mamãe. —Eu disse de novo enquanto abria a porta do armário em seu quarto, e espiava.

Ela estava sentada no pequeno espaço na extremidade do armário, onde ela enfiava todos seus pertences. Ela costumava sentar ali, sozinha. Ela não me viu, apenas continuou a chorar, olhando para o espaço. Afastei os objetos, colocando tudo no canto. Dei um impulso, para que eu pudesse rastejar para ela, como eu sempre fazia quando a encontrava aqui.

—Ei, Mamãe. —Eu sussurrei, passando os braços apertados em volta da sua cintura, colocando minha cabeça em sua barriga. —Estou em casa agora. Não precisa chorar mais.

Ela fungou, beijando o topo da minha cabeça e esfregando o

braço. —Eu sinto muito, Lexi. Eu vou buscá-la amanhã. Eu... eu perdi a noção do tempo.

—Ok. —Ela não iria.

—Talvez possamos ir ao parque? Tomar sorvete? Eu vou fazer isso para você. —Ela prometeu, me abraçando mais forte.

—Ok. — Nós não iríamos.

—Eu vou estar melhor amanhã. Eu prometo.

Eu olhei para o rosto manchado de lágrimas e assenti, querendo acreditar nela. Meu padrasto disse que ela me perdeu uma vez e, desde então, ela mal saia da casa.

Eu apenas a abracei e beijei como eu sempre fiz, desejando que amanhã fosse melhor.

Sabendo que não iria ser.

Martinez

—O que você ainda está fazendo acordada? Você precisa dormir. —Eu disse em um tom mais duro do que eu pretendia.

Os olhos de Daisy arregalaram-se com medo, se afastando de mim, imediatamente me lembrando de sua mãe. Amari costumava fazer exatamente a mesma expressão quando nosso pai falava com ela com o mesmo tom dominante.

Depois de todos estes anos de não querer ser parecido com ele em qualquer coisa, eu era o meu pior pesadelo, minha realidade.

Eu era o meu pai.

Nós dois éramos um e o mesmo.

Era o preço que eu paguei pelas escolhas que fiz, e pela vida que eu levava.

El Diablo.

Daisy, ou Briggs, como ela chamava a si mesma, agora, era a cara da minha irmã, exceto que ela tinha a pele clara de Michael. Durante o funeral de seus pais, ela me disse que não era Daisy mais. Seu novo nome era Briggs. Deixei que ela tivesse isso porque lhe concedia paz, embora para mim, ela seria sempre Daisy. A flor favorita da minha irmã.

Mesmo depois de dois anos de vida comigo, com oito anos de idade, minha sobrinha ainda tinha medo de mim. Não que eu lhe desse uma escolha no assunto, era mais fácil para ela me ver como um monstro. Eu nunca quis que ela me amasse. Eu não merecia isso.

Ela não merecia isso.

As duas mulheres que mais me amavam, estavam, ambas, abaixo sete palmos. Não havia nenhuma maneira no inferno que eu provocaria o destino novamente. Razão pela qual ela tinha uma babá, mas Esteban era responsável por ela. Eu atribuí a ele ser seu guarda-costas permanente. Se alguma coisa acontecesse com ela, era com sua vida que eu acabaria, e ele sabia disso.

—Eu não consigo dormir. —Ela sussurrou tão baixo que eu mal podia ouvi-la. Ela encolheu seu corpo minúsculo, inclinando-se mais profundamente no sofá como se ela desejasse que isso a fizesse desaparecer.

—Está tarde, Briggs. Você tem escola de manhã, e eu não tenho tempo para isso. Vá para a cama.

Ela inclinou a cabeça com a vergonha que eu queria que ela sentisse. Engoli em seco, sabendo que tudo o que ela precisava era que

eu a levasse em meus braços, e lhe dissesse que tudo ficaria bem.

Não ia.

Recusei-me a mentir para ela, fazendo-a pensar que iria. Os pesadelos que ela tinha todas as noites eram prova disso.

—Eu não quero ficar sozinha, tio. —Ela murmurou de novo, olhando para mim com olhos esperançosos. Os mesmos olhos que Amari usava quando ela me acordava, rastejando na minha cama tarde da noite.

Manter Daisy em rédea curta não era apenas para seu benefício. Era para o meu também.

—Você precisa se acostumar a estar sozinha. É a vida, *peladita*. —Eu falei para ela. —Menina.

Ela assentiu com a cabeça, segurando as lágrimas que estavam ameaçando vir à tona. Eu a repreendia sempre que ela chorava na minha presença, dizendo a ela que era um sinal de fraqueza. Não demorou muito para que o choro parasse, quando ela estava perto de mim, com medo das consequências que poderia provocar. Ela fugiu do sofá, tão pequena e frágil, passando por mim. Você poderia pensar que depois de dois anos eu teria construído uma resistência suficiente para não querer abraçá-la, confortá-la, dizer a ela que a amava.

Além de qualquer coisa, o desejo se tornava mais forte.

Eu a assisti ir para o quarto, fechando a porta atrás dela, enquanto eu ia para o bar improvisado.

Esperando.

Esfregando minha testa pelas constantes e malditas dores de cabeça, que nunca pareciam ir embora. Meu médico disse que era por falta de sono e me diagnosticou como um insone. Ele prescreveu pílulas para dormir, mas nunca tomei essas merdas.

Meus demônios não me deixavam.

Eu valia mais morto do que vivo neste mundo. E no segundo em que eu esquecesse isso, seria a minha morte.

Engoli o meu copo de uísque enquanto ouvia Daisy chorando à distância, colocando sobre o bar, quando ele estava vazio. Peguei a garrafa em seu lugar. Era a mesma coisa quase todas as noites. O quarto dela era o único na cobertura que não era à prova de som.

Eu precisava ouvi-la chorar.

Meus pés moviam-se por vontade própria, meu corpo era puxado por uma corda. Ou talvez fosse o meu coração, me aproximando cada vez mais de sua porta como ele fazia todas as noites. Fiquei ali, inclinando minha testa contra a madeira. A garrafa de uísque firmemente agarrada em meu alcance. Minha outra mão segurando a maçaneta da porta, lutando contra tudo dentro de mim para abrir. Sentindo cada gota de sua dor e angústia, orando silenciosamente que eu pudesse tirar tudo.

Eu não podia.

Os soluços ficavam mais e mais altos, torcendo um punhal no meu coração um pouco mais. Tudo o que eu podia imaginar era o seu pequeno corpo tremendo com seu cobertor puxado forte sob o queixo. Talvez fingindo que sua mãe estivesse lá, ou pior...

Que eu estivesse.

Virei-me, deslizando para baixo em sua porta, como eu sempre fazia. Sentado com as costas pressionadas contra ela, meus cotovelos apoiados nos joelhos na minha frente. Tomei outro gole da garrafa, inclinando a cabeça para trás e a ouvia chorar toda a noite.

Era a minha maneira de estar lá para ela.

Mesmo que eu nunca permitisse que ela soubesse disso.

Havia momentos em que ela dormia durante a noite toda, sem ser perturbada pelos pesadelos que assombravam a nós dois. Eu me esgueirava em seu quarto, e me sentava na poltrona ao lado da cama.

Observando-a dormir através da escuridão até que o sol começava a subir. Eu me permitia beijar sua testa, deixando meus lábios permanecerem enquanto eu fazia o sinal da cruz como a minha mãe tinha feito para mim, uma e outra vez.

E então eu a deixava. Desaparecia como se eu nunca tivesse estado lá.

Eu a deixava continuar pensando que estava sozinha, quando, na realidade, ela sempre me teve.

Capítulo 19

Lexi

Três anos se passaram e não tinha mudado muito. Eu estava agora com nove anos, ainda segurando a esperança de que a minha mãe milagrosamente se tornasse uma mãe atenta, não mais perdida em seu próprio mundo. Eu ansiava por uma mãe como a maioria das crianças da minha escola tinha. Ouvir as crianças da minha turma conversarem sobre como suas mães participavam de reuniões, recitais, ou até mesmo o simples gesto de fazer café da manhã para elas, sempre me encheu de inveja.

Eu odiava esse sentimento.

Minha mãe nunca participou de qualquer uma das minhas funções da escola, cerimônias de premiação, ou noites de pais e professores. A maioria das pessoas achava que eu não tinha mãe, o que era muito triste. Ela ainda mal saía do quarto, ou se vestia bem. Ela lutava dia-a-dia para manter empurrando a neblina que nublava sua mente.

Eu a queria. Não, eu precisava que ela fosse uma parte da minha vida fora da nossa casa. Que tivesse algum interesse na minha vida, desde que eu sempre tive interesse na dela.

Tentando empurrar toda a tristeza que vivia dentro dela para longe.

O recital de *O Lago dos Cisnes* da minha classe aconteceria em apenas três dias, e eu estava além de animada. Eu fiz o teste para o papel principal do cisne branco, e para minha surpresa, eu fui aprovada. Lembro-me daquele dia, em que corri para o quarto de minha mãe, saltando em sua cama para lhe dizer a minha grande notícia. Ela apenas sorriu, me puxando para um abraço. Não disse uma palavra.

Eu pratiquei todo o dia e noite, até que todos os meus passos estavam perfeitos. Eu queria deixar minha mãe orgulhosa de mim. Talvez então ela fosse para mais recitais no futuro.

Ela jurou que iria nesse. Ela não perderia por nada no mundo, e ela disse que não podia esperar para me ver no palco. Esta seria a primeira vez em que ela me veria dançar fora da nossa casa. Meu padrasto, por outro lado, nunca perdeu qualquer um dos meus shows, mas não era o mesmo. Eu não podia esperar para tê-la ali, sentada na primeira fila, assistindo todo meu trabalho duro.

Eu estava no caminho para casa do meu ensaio. Eu podia ouvi-los da entrada da garagem antes que eu subisse os degraus da frente. Eles estavam brigando de novo, chamando um ao outro de nomes feios. Nossa casa era pequena, por isso não demorou muito para seus gritos ecoarem nas paredes à noite. Ninguém veio para me pegar mais uma vez. Era uma ocorrência normal. Eu não tinha certeza se eles simplesmente se esqueciam de mim ou apenas não se importavam em como eu chegaria em casa. Eu tive sorte o suficiente de pedir a mãe de uma das meninas para me levar para casa. Era uma longa caminhada no escuro para uma menina da minha idade.

Eu escolhi acreditar que era a segunda opção.

Doía menos dessa maneira.

Fui direto para o meu quarto, sem me preocupar em dizer que eu estava em casa. Eles estavam presos na discussão que estavam tendo neste momento. Joguei minha bolsa na cama e agarrei minhas sapatilhas de ballet. Eu deslizei minha penteadeira para fora do caminho, transformando o meu quarto em um palco. Coloquei meus fones de ouvido para abafar a sua gritaria que vinha através das paredes finas.

Eu escutei *Act II, XIV de O Lago dos Cisnes*, uma das minhas peças solo. Eu me perdi na música, a intensidade dos instrumentos vibrava através do meu interior, traduzindo em movimentos através do meu corpo. Transformando cada passo em uma extensão da música. Fiz piruetas em pequenos círculos ao redor do pequeno espaço, graciosamente pisando, pulando no ar sem esforço. As pontas dos dedos batiam no chão em um padrão rápido, me preparando para o meu grande final. Sentindo como se eu e a música fossemos uma só. Salto, passo, pirueta e pose. Repeti os passos mais e mais, até que meus ossos doíam e minhas juntas estavam em carne viva.

Sem dor sem ganho.

Era a única vez em que a felicidade me cercava.

A única vez em que me sentia livre.

Eu estava prestes a dar o salto quando senti a porta da frente bater, sacudindo a casa inteira. Quebrando minha concentração, e fazendo-me perder o passo seguinte. Meu dedo escorregou no piso de madeira dura, fazendo com que meu calcanhar caísse desajeitadamente.

—Ai! —Eu choraminguei, tentando me equilibrar antes que eu torcesse o tornozelo.

Eu sentei no chão, tirando as sapatilhas e esticando meu tornozelo. Eu decidi terminar por hoje, e ir direto para o chuveiro. Esperando que a água morna soltasse os músculos doloridos de todo o ensaio. Eu fiquei lá até que a água ficasse fria, coloquei minha camisola, e fiquei pronta para a cama.

Eu ainda dormia no quarto da minha mãe, mas não porque eu estava com medo mais. Era o nosso tempo juntas, apenas ela e eu. Normalmente, essa era a maior quantidade de tempo que passávamos juntas durante todo o dia. Eu esperava por isso. Ela me segurava em seus braços toda a noite, me abraçando bem perto. Era a única vez em que me sentia verdadeiramente amada por ela.

Cuidada e segura.

—Mamãe. —Eu sussurrei enquanto entrava no quarto dela. —Mamãe, você está acordada? — Toquei em seu ombro. —Mamãe.

Ela se assustou. Virando o rosto para mim, os olhos nebulosos e confusos. —Olá bebê…

—Posso dormir com você?

Ela assentiu com a cabeça, os olhos já fechando. Ela sempre estava tão cansada, mais que tudo, o que ela fazia era dormir. Ela se afastou mais, abrindo os braços para mim. Eu sorri, rastejando em

direção a ela, aconchegando meu corpo na curva do dela. Ela imediatamente colocou os braços em volta de mim, pressionando minhas costas firmemente contra sua frente tão forte quanto podia. Como ela sempre fazia.

Ela estava tão fria, sua pele parecia gelo. Não como o calor morno, reconfortante ao qual eu estava acostumada a cada noite.

—Mamãe, por que você está tão fria? —Perguntei, tremendo. Aconchegando mais profundamente no cobertor que estava em cima de nós.

—Eu não sei, baby. Você vai me manter aquecida.

Eu, felizmente, assenti com a cabeça, sorrindo de novo, beijando a palma da sua mão.

—Você é uma boa menina, Lexi. Eu não sei o que fiz para merecer uma filha tão incrível. Eu te amo tanto. —Declarou ela, beijando minha cabeça.

Senti as lágrimas caírem sobre meu pescoço, quando ela me apertou mais forte.

—Mamãe, você está chorando? — Tentei virar para olhar para ela, mas ela não me deixou. Como se doesse eu vê-la assim.

—Eu não fui sempre assim, bebê. Lembro-me do dia em que eu tive você. Foi o dia mais feliz da minha vida, Lexi. Você era a coisa mais linda em que eu já tinha posto os olhos. Eu costumava passar horas apenas te segurando firme, olhando em seus olhos verdes brilhantes. Tão orgulhosa que você era minha. Eu acho que é por isso que você gosta de se aconchegar tanto comigo agora. —Ela soltou uma pequena risada entre as lágrimas. —Eu sinto muito, bebê. Eu sinto muito por tudo. Você merece uma mãe melhor do que eu fui para você. Eu gostaria de poder mudar as coisas. Eu queria poder ser o que você merece. —Ela chorou no meu cabelo.

—Shhh... Está tudo bem, Mamãe. Você ainda pode mudar. Eu sei que você pode. Estou aqui para ajudá-la a ficar melhor. Podemos

começar uma rotina juntas, levá-la para sair mais de casa.

—Eu amo você, Lexi. Eu preciso que você lembre-se sempre disso, minha doce menina. Por favor, lembre-se disso. Você é uma menina tão pequena e forte.

—Eu sei, Mamãe. Eu também te amo. Você estará melhor depois do meu recital. Eu sei que vai fazer você sorrir e deixar você orgulhosa. Você vai querer ir a todos eles. Eu só sei isso. Eu não posso esperar para você me ver no grande palco. Eu gostaria que fosse amanhã.

Ela chorou mais. Os soluços estavam causando estragos em seu corpo, balançando toda a cama.

—Mamãe, por favor, não chore. Eu odeio quando você chora. Dói meu coração, muito. —Eu disse, minha voz embargada. As lágrimas começaram a se formar em meus olhos. Não foi fácil ver e senti-la destruída, incapaz de fazer qualquer coisa por ela. Incapaz de parar a dor que sempre a levou para longe de mim.

—Eu sinto muito, Lexi, por toda a dor que eu causei. —Soluçou.

—Mamãe, você sabe que eu vou perdoá-la por qualquer coisa. Eu prometo. Por qualquer coisa. —Eu chorei junto com ela, incapaz de controlar as emoções que me dominavam. Eu faria qualquer coisa para acabar com sua dor.

—Eu te amo tanto, amorzinho. Nunca se esqueça disso. Nem por um dia.

—Eu sei, Mamãe, eu sei. —Eu fervorosamente assenti enquanto ela beijava todo o topo da minha cabeça. Sua pele ainda estava fria. —Eu vou pegar outro cobertor. Eu acho que você está ficando doente. —Eu tentei levantar, mas ela me segurou firme.

—Não. Não me deixe. Tudo o que eu preciso é você. Só você.

—Ok... — Algo não estava bem, mas eu fiquei, dando a ela o que ela precisava.

Eu esperaria ela cair no sono, e então eu pegaria outro cobertor

para nós. Eu sabia que meu calor não era suficiente. Ela chorou um pouco mais, mas, eventualmente, sua respiração tornou-se superficial, eu mal podia ouvi-la. Seu sono profundo me contagiou também, e antes que eu percebesse, eu tinha adormecido com ela.

Eu acordei na manhã seguinte na mesma posição que na noite anterior, com exceção apenas do braço pesado da minha mãe envolto em meu estômago.

Meus olhos se abriram, o sol brilhando no meu rosto entrando pela janela ao lado da cama.

—Mamãe. —Eu disse grogue, limpando o sono dos meus olhos. —Talvez devêssemos fazer algo divertido hoje. Poderíamos ir ao parque, pegar um pouco de ar fresco. Parece que está um dia bonito lá fora.

Sempre foi difícil para eu acordá-la de manhã. Ela dormia como uma pedra. Uma bomba poderia explodir na casa e ela ficaria dormindo. Eu ouvia meu padrasto gritar com ela o tempo todo, para parar de tomar tantos remédios. Eles não eram bons para ela.

Eu rolei, ainda meio adormecida no recanto de seu braço, e gentilmente, coloquei meu braço sobre ela. Ela estava ainda mais fria do que na noite passada, mas agora ela parecia tão rígida também. Meu braço por cima do dela estava imóvel, não subindo e descendo enquanto ela respirava.

—Mamãe? —Eu olhei para cima o lado de seu rosto, meus olhos arregalando. —Mamãe! — Sentei rapidamente e vi sua pele pálida e branca. Os lábios ligeiramente abertos com uma tonalidade de azul-púrpura neles.

—Mamãe! Mamãe! —Levantei-me de joelhos, sacudindo-a tão forte quanto eu podia. Ela não se moveu. —Mamãe! —Eu a balancei novamente. —Por que não está se movendo? Por que você não está acordando? —Eu coloquei minha cabeça sobre o coração.

Nada.

Eu coloquei minha mão sobre a boca. —Mamãe! Por que você

não está respirando?

Saltei da cama, correndo o mais rápido que pude para a sala. —Pai! Pai! Pai! —Eu gritei através da casa.

—Lexi, está muito cedo. —Ele resmungou enquanto eu o sacudia no sofá.

—Pai! Por favor! É a mamãe! Ela não está acordando! Ela não está respirando! Eu não sei o que está acontecendo!

Ele saiu correndo do sofá em direção ao quarto. —Merda! —Gritou ele, logo que ele chegou a ela. —O que você fez, baby? Que porra é essa que você fez? —Ele a balançou, tomando-a em seus braços. Olhando para todas as pílulas na mesa de cabeceira, em seguida, de volta para ela. —Merda, o que você fez? Baby, o que você fez?

Eu estava na porta e vi tudo se mover em câmera lenta. Lágrimas escorriam pelo meu rosto, enquanto eu passava meus braços em volta de mim. Ainda capaz de sentir sua pele fria, sem vida, na minha. Um sentimento que nunca me deixaria. Eu me afundei no chão, balançando para frente e para trás, observando meu padrasto tentar trazer a vida de volta para ela.

Bombeando no peito...

Um, dois, três.

Gritando para eu ligar para o 911. Eu não podia me mover, eu não podia falar, eu mal conseguia respirar. Meu corpo estava em estado de choque, minha mente estava girando, meu coração estava acelerado.

Minha vida estava terminando...

Meu padrasto caiu de joelhos e colocou o rosto entre as mãos. Sirenes soaram na distância. Pessoas falavam ao meu redor. Caos em todos os cantos da casa.

Fiquei lá.

Sabendo então que eu teria que quebrar minha promessa a ela.

Eu teria perdoado minha mãe por qualquer coisa...

Mas eu nunca a perdoaria por isso.

Martinez

—Vejam e chorem, cavalheiros. —Eu sorri para os grandes apostadores sentados na minha mesa.

Eu coletei minhas fichas, acenei para o crupiê, e saí. Eu voei para Vegas naquela manhã para lidar com alguns negócios e queimar algumas calorias ao mesmo tempo. Quem disse que você não poderia misturar negócios e prazer, obviamente, não tinha ideia do que estava perdendo.

Briggs foi para casa com sua babá e Esteban, como sempre. Eu tinha uma menina adolescente de treze anos de idade, cheia de hormônios fodidos em casa que me fazia querer puxar a porra do meu cabelo. Nosso relacionamento ainda era estranho, no mínimo, mas pelo menos ela parou de esperar e buscar uma ligação comigo.

—Sr. Martinez, espera. Aqui estão os documentos para o contingente que você pediu. —James, meu gerente financeiro dos casinos, anunciou, juntando-se a mim enquanto eu ia em direção ao elevador.

Eu digitei meu código de acesso para o andar da cobertura. Entrei com ele ao meu lado, deixando que as portas fechassem atrás de nós.

—Estes números ainda estão errados, James. —Eu disse, balançando a cabeça, esfregando os dedos contra meus lábios.

—Eu sei... Eu pensei...

—Eu não lhe pago para pensar. Eu lhe pago para lidar com meu dinheiro.

—Enfiei os documentos em seu peito, com força.

Ele xingou com o golpe inesperado.

Voltei minha atenção para a garota que estava no elevador com a gente, observando-a ficar de joelhos na minha frente. Ela abriu o zíper da minha calça e puxou meu pau. Imediatamente me levou em sua garganta como se tivesse algo a provar.

Eu sorri. Nossos olhos se encontraram enquanto eu observava ela chupar meu pau por alguns segundos. Apreciando a sensação de seus lábios carnudos envolvidos em torno do meu pau. Olhei para James, que estava olhando em todos os lugares, exceto na cena que acontecia abaixo e na frente dele. Eu me estiquei mais e apertei o botão para o próximo andar, esperando até que chegamos a uma parada e as portas do elevador se abriram.

—Sai fora. —Eu pedi a ele, agarrando a parte de trás do cabelo da garota, inclinando a cabeça para trás contra a parede antes mesmo que ele saísse. Uma vez que as portas se fecharam, e o elevador começou a mover-se novamente, eu pressionei o botão de emergência, fazendo-o parar entre os andares.

Ela soltou meu pau com um pop, com falta de ar. —Você não quer ir até seu apartamento? —Ela ofegava, batendo os cílios para mim.

—Você quer chupar o meu pau, ou você quer um passeio pelo meu apartamento? Porque só o primeiro soa meio atraente para mim.

Um pequeno sorriso surgiu em torno de sua boca. —Quero que o

infame El Diablo me foda.

Eu não estava surpreso que ela soubesse quem eu era. Havia poucas pessoas que não sabiam, especialmente as mulheres. Fofoca sempre viajava rápido, especialmente na elite corrupta. Eu era o solteiro mais cobiçado que tinha tanto dinheiro que nem sabia o que fazer com ele. Sem falar que eu tinha um pau como a porra de um cavalo. Eu me acostumei a mulheres jogando-se em mim, caindo de joelhos com suas bocas abertas e suas pernas ainda mais.

Isso nunca mudava.

Eu ri. —É mesmo? — Deslizando os dedos em direção à parte de trás do seu pescoço, eu lentamente e intencionalmente, massageei a área macia. Sua cabeça inconscientemente se inclinou para trás em meu toque, e ela fechou os olhos. Eu agarrei seu cabelo, fazendo com que um gemido escapasse de seus lábios inchados de chupar pau. Puxei-a até ficar na minha frente, olhando-a de cima a baixo. Os seios dela me fizeram imediatamente querer enfiar meu pau entre eles, e gozar em todo seu rosto.

Com a outra mão, comecei a desabotoar a frente de seu vestido, descendo pelos ombros, deixando-a nua diante de mim. Eu já podia ver a sua buceta nua brilhando com umidade. Meus dedos acariciaram seus seios enquanto seus mamilos endureciam ao meu toque. Em todos os lugares que os meus dedos foram, eles deixavam para trás um desejo de mais.

O jeito que ela respirava.

O jeito que ela sutilmente se inclinava para o meu abraço.

A forma como a boca se separava e sua língua se movia para molhar os lábios secos.

Seu maldito corpo tremia a cada movimento de minha mão.

Eu me inclinei para frente, tocando levemente meus lábios contra sua orelha. —Eu vou fazer você implorar. —Eu murmurei, não sendo capaz de controlar o desejo insaciável.

Ela respirou contra os meus lábios, assim que meus dedos encontraram suas dobras molhadas. Eu empurrei meu dedo em sua buceta, fazendo-a ofegar com a intrusão, mas ela se recuperou rapidamente. Derretendo-se na minha mão.

—Se você for uma boa menina, eu posso deixá-la gozar. É isso que você quer? —Provoquei, sabendo muito bem o que ela queria.

—Sim. —Ela gemeu.

—Diga.

—Eu quero gozar.

Eu a fodi com o dedo até que seus olhos fecharam, seus joelhos dobraram, e o aroma de sua excitação nos rodeou como se fosse uma parte do maldito ar. Quando eu senti que ela estava perto de gozar, eu puxei meus dedos para fora de sua buceta pulsante.

Seus olhos imediatamente se abriram, peito arfando, antecipando o meu próximo passo.

—O que você disse? —Tentei segurar minha impaciência ao fazer a porra da pergunta novamente.

Ela seduziu os meus lábios a tocar os dela. —Eu quero gozar. —Ela sussurrou contra eles.

Eu bati em sua buceta, forte. Ela estremeceu, choramingando.

—O que. Você. Disse? —Eu repeti.

Seus olhos estavam dilatados. Ela tentou se afastar, mas eu agarrei sua garganta e empurrei-a contra a parede, segurando-a no lugar com meu aperto forte. Suas mãos instantaneamente foram direto para as minhas. Erguendo os meus dedos para deixá-la gozar.

—Eu disse que você podia gozar? —Eu zombei, tentando esconder o meu prazer com a dor que estava causando a ela.

Seus olhos escureceram.

—Você queria que El Diablo transasse com você, certo? Não é isso que você disse? Não é por isso que você ficou de joelhos e chupou meu pau em um elevador fodido?

—Vá se foder! —Ela gritou, recuando.

Meu pau se contraiu.

—O que você disse? —Eu repeti, pressionando-a com mais força contra a parede.

Ela olhou para mim. —Deixe-me ir ou eu vou gritar.

Eu sorri, apertando ainda mais seu pescoço. —Grite. —Fiz uma pausa.

—Porra, eu te desafio.

Sua boca se abriu quando eu intensifiquei meu aperto, levantando-a do chão um pouco, de modo que ela não pudesse fazer um som. Inclinei a cabeça e fiz beicinho, querendo provocá-la ainda mais. Sua buceta estava mais úmida, traindo visualmente seu olhar exagerado.

—Não bata na porta do diabo, querida, e espere que ele não responda.

—Eu trouxe meus dedos até minha boca, lambendo-os. Colocando-os de volta em seu clitóris, esfregando o cerne vermelho brilhante mais rápido e sem misericórdia.

Se havia uma lição fundamental que eu aprendi sobre uma mulher, era que ela gostava de ser estimulada, lentamente. Eu as deixava molhada com a mão ou boca. Muito estímulo não era totalmente ruim, não era inteiramente bom.

Finalmente aliviei meus movimentos tortuosos contra seu clitóris, acariciando-o de um lado a outro com a palma da minha mão. Não demorou muito para os olhos dela revirarem e sua respiração acelerar.

Meu olhar captou os olhos dilatados e escuros. Lutando contra o

desejo de me dar o que eu queria, mas sabendo que eu a faria gozar, se ela o fizesse. A batalha interna era evidente por todo o rosto.

Seus olhos reviraram nas órbitas. —Por favor... —Ela ofegava.

—Por favor, o que?

—Por favor... me faça gozar... —Ela respirava com esforço.

Eu sorri, os olhos escuros espelhando os dela. Eu a soltei empurrando-a para baixo de joelhos. Não a deixei gozar.

Ela, obviamente, não sabia com quem diabos ela estava lidando, e minha paciência já estava pouca.

Ela olhou para mim com os olhos entreabertos, completamente confusa. Ela pegou meu pau, mas eu a empurrei, e me virei. Enfiando meu pau de volta em minha calça, eu apertei o botão do elevador. Fazendo nos mover novamente.

—Que porra é essa? —Ela suspirou.

—Meu pau merece coisa melhor, querida. Eu queria uma buceta, mas você obviamente não tem a profundidade e o calor.

—Vá para o inferno. —Ela cuspiu, recolhendo suas coisas.

—Eu vivo lá.

Saí sem olhar para trás.

Capítulo 20

Lexi

Eu gostaria de poder dizer que as coisas ficaram mais fáceis para mim.

Eu gostaria de poder dizer que eu nunca mais senti nenhuma tristeza.

Eu gostaria de poder dizer que eu não chorei.

Que a minha história ficou ainda melhor.

Ela não ficou...

Se alguma coisa mudou, foi para pior.

Quatro anos se passaram desde que minha mãe acidentalmente cometeu suicídio comigo em seus braços. O legista concluiu que foi uma overdose acidental. Ela misturou muitas pílulas diferentes, e isso a levou a ter uma parada cardíaca. Meu padrasto nunca me deixou esquecer que ela acidentalmente tirou a própria vida.

Eu fui punida diariamente por seus pecados.

Estando acordada ou dormindo.

Ele se transformou em um homem diferente depois de seu funeral. Ele quase nunca estava em casa e quando estava, ele era metade do homem que costumava ser. Ele estava bêbado mais frequentemente do que não, garrafas de uísque vazias enchiam a casa, substituindo os frascos de comprimidos vazios que minha mãe sempre deixava por aí.

Exceto que, para o mundo exterior, ele ainda era o perfeito padrasto coruja.

Eu tinha apenas 12 anos de idade, mas me sentia muito mais velha. Acho que talvez toda a minha vida tinha sido assim. Eu passei por

mais do que qualquer garota da minha idade devia passar.

Mas eu nunca deixei isso me definir.

Graças a Deus pela minha instrutora de ballet, Susan, pois eu não poderia sobreviver sem a minha dança. Era a minha fuga do inferno que eu vinha vivendo desde aquela manhã.

Minha única forma de terapia.

Todos os pais e as crianças sabiam o que minha mãe fez. Nós vivíamos em uma pequena cidade em Rhode Island, e nada ficava atrás de portas fechadas. Se eu achava que as crianças me provocavam antes de minha mãe decidir acabar com sua vida, eu estava errada. Agora eu praticamente vivia em meu próprio mundo, onde eu vivia e respirava ballet.

—Você está bem, Lexi? —Perguntou Susan, me puxando para longe de meus pensamentos.

—Sim, senhora. —Eu balancei a cabeça, esticando a minha perna para cima no topo da barra.

—Está tudo bem em casa? —Ela veio para ajustar minha postura.

Dei de ombros, não querendo dizer a ela a verdade. Eu nunca disse a ninguém o que acontecia em casa. Com muito medo de ser julgada, muito aterrorizada do que aconteceria, com muito medo da verdade em si. Então, eu mantive minha boca fechada, era mais fácil dessa maneira.

—Você sabe que sempre pode falar comigo, certo? —Ela me assegurou, travando os olhos comigo através do espelho de corpo inteiro.

Eu balancei a cabeça novamente, sorrindo. Desesperadamente querendo aceitar a sua oferta, mas novamente assustada com as repercussões.

—Você quer passar por essa nova rotina de novo?

—Eu adoraria isso. — Dei um suspiro de alívio que o interrogatório havia terminado.

Por enquanto, pelo menos.

Passei o resto da tarde perdida na beleza tranquila da música, repetindo minha rotina até que minhas pernas estavam tremendo. Susan me deu carona como sempre fazia quando eu ficava até tarde. Nunca me deixou ir para minha casa de bicicleta quando estava escuro, sabendo que não era seguro.

Mal ela sabia que minha casa também não era.

Eu entrei na casa como um breu, acenando adeus a Susan. Parecia que meu padrasto não esteve em casa durante todo o dia, o que só significava que ele estava bebendo fora esta noite. Fui direto para o chuveiro, deixando escoar água morna em meus músculos doloridos, me esticando novamente antes de eu ir para a cama.

Tentei dormir, mas eu não podia. Não importava o quão duro eu tentasse. O quanto eu forçasse cada músculo do meu corpo, ou quão esgotadas e drenadas minhas articulações estavam. Eu não me permitiria cair no sono.

Eu sempre esperava.

Era melhor assim.

Não levou muito tempo até que eu o senti.

Isto. Nunca. Falhava.

—Baby... —Eu o ouvi sussurrar acima de mim, o cheiro de bebida forte imediatamente agrediu os meus sentidos. —Baby, eu sinto tanto sua falta...

Fingi que não estava lá. Eu cantarolei *O Lago dos Cisnes* na minha cabeça, me perdendo na simetria e ritmo da calmaria suave de meus movimentos. Recitando cada passo na minha mente. Imaginando que eu era a primeira bailarina de alguma grande companhia de balé.

Eu não o ouvi me chamar do nome da minha mãe.

Eu não o ouvi me dizer que a amava.

Eu não dava qualquer atenção ao fato de que ele pensava que eu era ela.

Minha mãe.

Eu só me perdia em meus próprios pensamentos, onde era seguro, onde eu era amada, onde ninguém poderia me machucar.

Foi quando ele me tocou. Quando senti suas mãos em toda a minha pele, arranhando, invadindo, molestando. Quando eu cheirei sua respiração em todo o meu rosto. Atacando cada fibra do meu ser.

Eu caía.

Uma e outra vez.

Eu entrava em um lugar escuro dentro de mim, escondendo nos cantos negros da minha mente.

Esperando.

Eu podia me sentir à deriva, desaparecendo no nada. Partida em dois. Um frio remanescente da menina que eu fui uma vez. Um restinho da inocência que costumava ter, transformando-se em pó. Eu não existia mais e eu não era nada.

Eu queria gritar.

Eu queria chorar.

Eu queria lutar com ele.

Eu não fiz nenhuma dessas coisas. Nada. Eu fiquei lá, e aguentei. Deixei-me acostumar, jogando comigo como se eu fosse nada além de seu brinquedo. Porque no final isso não importa, o estrago já tinha sido feito. Uma e outra vez desde o ano passado. A primeira vez que ele fez isso, ele me disse, me prometeu que nunca aconteceria novamente. Então, lá estava ele, na minha cama, alguns meses depois. Dias

tornaram semanas, e semanas tornaram-se meses.

Agora estava sozinha com o monstro quase diariamente.

Que um dia eu costumava chamá-lo de...

Meu padrasto.

Martinez

—*Ve por ella, Esteban.* —Eu pedi. —Vá pegá-la, Esteban.

O som da minha voz ecoou no grande porão, úmido, de concreto do edifício em que eu vivia. Esteban e eu estávamos no centro do espaço aberto, com os meus homens esperando nos cantos circundantes.

Seu brilho intenso, aquecido passou de mim, ao homem que estava abatido na nossa frente. Ele estava mostrando todo o meu trabalho prático, a uma polegada de perder sua vida. Fita adesiva prata selava sua boca e olhos, o sangue escorria de um machucado no rosto mutilado. Seus braços estavam amarrados atrás das costas, e as pernas amarradas à cadeira de aço em que estava sentado. Um plástico forrava a área debaixo dele. Sua cabeça estava caída para frente como se ele estivesse morto, mas o filho da puta ainda estava vivo.

—Você tem certeza de que quer fazer isso? Ela está dormindo em sua cama. —Ele respondeu, sem mover uma polegada.

Levantei uma sobrancelha. —Você está questionando minha autoridade? Porque eu sugiro fortemente que você me ouça, e vá buscar a minha sobrinha. A menos que queira acabar como este filho da puta. —Eu chutei a cadeira, fazendo com que o homem se mexesse.

Era o aniversário de quinze anos de Briggs à meia-noite, e eu tinha lhe trazido algo para comemorar. Ela era a convidada de honra, e o show não poderia começar sem ela.

Depois de anos, eu finalmente consegui o filho da puta.

Algumas noites anteriores aos eventos de hoje, cheguei em casa tarde de uma viagem de negócios, sem me preocupar em deixar Daisy saber que eu tinha voltado, eu nunca fiz isso. Fui direto para o meu escritório para amarrar algumas pontas soltas, já que eu tinha ficado afastado alguns dias. Eu fechei a porta atrás de mim e acendi o sinal de vídeo das câmeras que tinha em todo o apartamento. Querendo garantir que as coisas continuassem a correr tão bem como sempre durante a minha ausência. Não foi uma surpresa ver Esteban e Daisy no sofá, assistindo a um filme juntos. Ele foi condenado a nunca deixá-la fora de sua vista, então ele estava perto dela o tempo todo como seu guarda-costas.

Apenas seu maldito guarda-costas.

Eu não era um idiota. Eu sabia que Daisy tinha uma queda por ele, mas eu não podia controlar isso. O que eu podia controlar era o que Esteban faria sobre isso. A minha sobrinha era linda. Ela tinha longos cabelos castanhos e olhos verdes brilhantes, exatamente como sua mãe. Parecia e agia, mais e mais como Amari com o passar dos anos. Houve vezes em que eu não conseguia dizer a diferença, ela tinha a boca teimosa também. Eu me encontrei quase a chamando pelo nome de sua mãe, em várias ocasiões, mas parei antes que saísse da minha boca. Esteban era jovem, mas ele ainda era mais velho que Daisy. Eu sabia que se ele a tocasse ou lhe desse um fio de esperança, a queda se transformaria em amor.

Então eu não teria outra escolha, além de cortar seu pênis e colocar a porra de uma bala em sua cabeça.

Sem pensar duas vezes sobre isso.

Daisy estava comigo a quase nove anos. Eu sabia que atravessava um tempo difícil na escola e com a vida em geral. Todo mundo sabia quem eu era, e o que eu fazia. Crianças a tratavam como merda porque seus pais me temiam e odiavam o que eu representava, me deixando sem escolha, além de ter que mudá-la de escola várias vezes.

Eu possuía a cidade de New York.

Todos a detestavam por causa disso, me lembrando da minha infância. Ela odiava tanto quanto eu. Eu via muito da minha juventude nela, era difícil não ver. Exceto, que ela não tinha nenhuma amiga. Os pais diziam aos seus filhos para ficarem longe da garota Mitchell. Eu, por outro lado, tinha mais amigos do que eu gostava, mas não pelas razões certas.

Leo era o único amigo verdadeiro que eu tive enquanto crescia. Até hoje, ele era a única pessoa em quem eu podia confiar.

Meu confidente.

Então, dei a ele um emprego como meu gerente financeiro. Responsável por garantir que eu fique podre de rico. Assim, os chamados amigos de Daisy consistiam nos personagens dos livros que ela estava constantemente lendo. Ela sempre tinha o nariz enfiado na droga de um livro, enquanto que a maioria das crianças estava brincando e se divertindo juntos. Eu sempre me certifiquei de que ela tivesse os livros que queria. Quem era eu para reclamar, isso a mantinha ocupada e longe de mim, pelo menos por um tempo.

Eu posso não ter me envolvido em sua vida diretamente, mas nunca houve nada que Briggs quis, que eu não dei a ela.

Incluindo vingança.

Ela admitiu a Esteban como se sentia responsável pela morte de seu pai, mas não entrou em muitos detalhes sobre por que se sentia dessa forma, para começar.

Ele suspirou. —Isso não vai mudar...

—*Dime*, Esteban. —Eu exigi. —Diga-me. — Inclinando minha cabeça para o lado, estreitei os olhos para ele. —Você está ciente de que ela é uma criança, certo? *Esto puede cambiar todo*. —Eu acrescentei. —Isso pode mudar tudo.

—Com a violência? —Ele questionou, tendo a coragem de dar um passo em direção a mim.

—Com a justiça. —Retruquei, empurrando-o para longe. —Agora você vai buscá-la, porra? Ou eu terei que fazê-lo?

Ele relutantemente concordou com a cabeça, indo até o elevador e apertando o botão.

—Esteban. —Gritei, o fazendo olhar por cima do ombro para mim. —Ela tem quinze anos. Mantenha o seu pau em sua calça, a menos que você queira que eu o corte fora.

Ele girou, de frente para mim, levantando suas mãos. —*Señor, eso*... (Senhor, isso...)

—Isso não foi uma pergunta. — As portas do elevador se abriram e eu acenei para elas, o dispensando.

Ele finalmente foi, mas levou mais tempo do que eu esperava para que ele voltasse com Daisy. Assim que as portas se abriram novamente, ela apareceu. Esteban recuou para o canto do porão, querendo se esconder da cena diante dele. Seus olhos estavam fechados, e ela sabia que esta noite a sua vida mudaria mais uma vez, afastando qualquer sensação de conforto.

Golpeada com o cheiro acobreado de sangue que permanecia no espaço úmido, ela ficou ali, imóvel. Ela lentamente, cautelosamente, abriu os olhos, segurando a coragem durante o tempo que pudesse. Eu podia sentir seu medo à um distância, não havia dúvidas.

—*Por fin*. —Eu disse, quebrando o silêncio. —Finalmente.

Seus olhos se arregalaram quando ela viu a cena na frente dela,

foi então que ela entendeu.

Ela estava lá, mas não estava. Eu estava bem com isso, o resultado final lhe concederia a paz, e era tudo que eu queria para ela.

—*Venga*. —Eu pedi. —Vem.

Ela olhou para Esteban, que estava no canto da sala, a vergonha e remorso o comendo vivo.

—Eu lhe trouxe um presente, e é assim que você reage? — Eu rosnei, trazendo sua atenção para mim.

Debrucei-me contra a parede atrás do filho da puta na cadeira. Meus braços estavam cruzados sobre o peito, uma perna estendida sobre a outra. As mangas da minha camisa estavam arregaçadas, e as extremidades cobertas de sangue.

—Um presente? —Ela sussurrou alto o suficiente para eu ouvir.

—Briggs, eu não vou dizer mais uma vez. Venha aqui.

Ela saiu do elevador, as portas se fecharam atrás dela, fazendo-a saltar. Ela estremeceu, envolvendo os braços ao redor do peito em um gesto reconfortante. De repente com frio.

Eu sorri. —Você está com medo?

Ela não sabia como responder, então ela não disse nada. Não percebendo que eu notei quando ela cravou as unhas nas palmas das suas mãos, para não desmaiar.

Eu observei tudo, especialmente o quanto ela me lembrou de mim mesmo, naquela noite no escritório do meu pai.

Falei com convicção: —Você é minha sobrinha. Você é a filha de minha única irmã, que eu amei muito, muito. Eu nunca a machucaria fisicamente. Você nunca me ofenda assim novamente, deixando esse pensamento atravessar a sua cabeça. Você me entende?

Ela olhou para baixo, para o filho da puta na cadeira, observando

todo o sangue, ignorando a minha pergunta. Deixei que ela me ignorasse apenas uma vez. Eu não podia culpá-la, porra, eu não confiaria em mim também, o diabo.

Segui seu olhar. —Foi um atropelamento e fuga. —Eu respondi a pergunta que tinha estado cambaleando em sua mente desde o minuto em que ela abriu os olhos.

Sua cabeça levantou e nossos olhares se encontraram.

—É esse. —Eu balancei a cabeça para a cadeira. —É o homem que os atingiu. —Eu declarei, necessitando que ela entendesse a razão disso, essa noite.

A paz que eu estava dando a ela.

A nós...

Seus olhos percorreram seu corpo, confuso e oprimido pelo rumo dos acontecimentos. Ela não conseguia desviar o olhar da aparência horrível do filho da puta. Especialmente o nome “Amari” que eu tinha esculpido em seu peito.

Ela respirou fundo.

Eu virei meu pescoço em direção a Esteban, que compreendeu o meu comando silencioso. Ele foi até o filho da puta, seus olhos suplicando a Daisy para perdoá-lo pelo que estava prestes a acontecer.

Era a hora em que ela o veria pelo que ele realmente era. Qualquer um que trabalhava para mim fazia o trabalho sujo do Diabo.

Ele arrancou a fita de seus olhos, em seguida de sua boca, antes de jogar um balde de água gelada no rosto dele, fazendo-lhe voltar à consciência. Ofegando por ar que não estava disponível.

Esteban rapidamente recuou de volta para o canto do porão, me mostrando que estava apaixonado pela minha sobrinha.

O filho da puta amarrado à cadeira, imediatamente começou a gritar e se debater como o maricas que ele era. Eu não lhe dei qualquer

atenção. Ele merecia tudo o que ele estava prestes a ter. Na verdade, ele deveria ter se considerado um homem de sorte por não ter sido pior. Confie em mim, teria sido se não tivesse Daisy ali, testemunhando.

Isto não era sobre mim, e levou tudo em mim para me lembrar disso. Era sobre ela. Pela primeira vez em sua vida, eu podia ver a sua luta interna entre o certo e o errado. Querendo retribuição pela vida de seus pais. Pelo purgatório o qual ela foi forçada a viver diariamente.

Comigo.

—Você não matou seus pais, Briggs. Ele o fez. —Eu a lembrei, alimentando sua batalha do bem contra o mal.

—MENTIROSO! —Ele gritou, e eu resisti à vontade de derrubá-lo, ferrá-lo novamente. Ele a estava assustando. Eu quis colocar minhas mãos sobre os ouvidos e os olhos dela.

Para escondê-la.

Dele.

De mim.

De si mesma.

O mal sempre ganhava. Eu me certificava disso.

—VOCÊ É UM MENTIROSO, PORRA! —Ele gritou, se contorcendo ainda mais forte, mais rápido, quase fazendo a cadeira tombar. Era o seu teatro.

Ninguém lhe deu qualquer atenção enquanto ela visivelmente lutava com suas emoções conflitantes. Uma após a outra.

—É meia-noite. —Eu disse, pronto para começar essa porra de show e acabar logo com isso. Eu levantei minha arma, apontando-a diretamente na parte de trás de sua cabeça. De repente, ele parou de se mover, aproveitando todo o movimento, até a sua respiração. Ele sabia.

Eles sempre sabiam.

Ela gritou, tremendo. —Não! Não! Não! Você não tem que fazer isso!

—Feliz décimo quinto aniversário, Daisy.

E com isso...

Eu puxei o gatilho, explodindo sua maldita cabeça.

Capítulo 21

Lexi

Esta noite era o meu recital de balé. Eu tinha treze anos e era uma das melhores meninas da minha turma. A cortina de veludo se abriu e os holofotes caíram em mim, prontos para seguirem cada movimento meu no palco. A casa estava cheia naquela noite, mas eu não estava nervosa. Eu faria um solo de George Gershwin “Rhapsody in Blue”. Uma peça muito intensa, difícil em que eu trabalhei meses me aperfeiçoando. A música veio dos alto-falantes, e eu fui imediatamente transportada para o meu lugar feliz.

O ritmo de jazz instrumental atingiu meus sentidos, tomando conta do meu corpo, o manipulando como um mestre das marionetes. Carregando-me passo a passo. O ritmo ia de rápido para lento e vice-versa. Saltar levemente para a direita do palco, *Attitude, Piqué*, corrida na ponta dos pés para o centro do palco. Respirei fundo para a parte mais difícil do desempenho, *rond de jambe* para a quarta posição, *plié* preparando-me para dez *fouettés* os quais eu ainda estava conseguindo fazer sem um tropeço.

Girando e girando, as luzes eram um borrão na distância enquanto minha perna me virava. Pousando na combinação de voltas sem vacilar nem um pouco. Sorri feliz enquanto eu saltava pelo ar, terminando minha rotina com uma pirueta e um arco. Os holofotes desligaram e o palco ficou escuro. O público explodiu em aplausos. Esta era a segunda parte favorita da dança, a admiração e o amor, mesmo que apenas por alguns segundos, eu era importante para alguém.

Quando eu fiz meu agradecimento no final da minha performance, meus olhos vagaram sobre a multidão, tentando encontrá-lo. As luzes ofuscantes obscureceram minha visão, e uma sensação de alívio tomou conta de mim. Não ver seu rosto presunçoso entre os convidados era uma bênção. Ele nunca perdeu uma performance, não importa como, ele estava sempre sentado em algum lugar geralmente à espreita nas sombras, se escondendo de mim.

Eu o odiava.

Só de pensar nele me deixava mal do estômago, e minha pele arrepiava. Eu imediatamente esperei que algo de ruim tivesse acontecido com ele, fazendo com que ele não estivesse aqui esta noite. Também, eu o odiava ainda mais por me fazer desejar coisas ruins. Eu nunca quis que ele soubesse que me mudou em todos os sentidos. Pensasse que ele ganhou, ou que eu estava destruída.

Ele pode ter possuído o meu corpo, mas eu preservei minha alma. No segundo em que fizesse dezoito anos, eu iria embora e para fora de seu alcance. Ele nunca mais seria capaz de rastejar na minha cama e me tocar com as suas mãos sujas. Ele nunca me veria novamente. Ele estaria morto aos meus olhos, juntamente com o meu passado e toda a merda que eu passei.

Eu ganharia.

Minha vida seria minha.

Só minha.

Eu fiquei pra trás após o recital para ajudar Susan a limpar. Era tarde quando deixamos o auditório. Eu silenciosamente esperava que ele estivesse desmaiado de bêbado quando eu chegasse em casa. Mas eu sabia que não tinha essa sorte. Mesmo bêbado como a merda, ele conseguia me encontrar.

Eu disse boa noite a Susan, acenando para ela antes de pisar dentro de casa. Toda ela estava escura, uma ocorrência rara. Ele sempre mantinha uma luz acesa, certificando-se de que ele pudesse ver através da névoa de sua embriaguez. Sacudi essa sensação estranha, indo direto para o chuveiro. Temendo o resto da noite que ainda não tinha começado.

A maioria das crianças adorava ir para a cama, terminando o seu dia. Odiando que amanhã fosse outro dia de escola. Eu, eu não. Eu fiquei no chuveiro até que a água ficasse fria, como eu sempre fiz. Esfregando todos os meus músculos doloridos, lavando meu cabelo algumas vezes, deixando meu condicionador atuar por mais tempo do

que o necessário.

Prolongando o inevitável da maneira que eu podia.

Eu vesti um moletom e uma calça de pijama, apesar de estar mais quente do que o inferno. Eu ainda estava sempre fria, pelo menos, era isso o que eu dizia a mim mesma. Às vezes, se eu estivesse com camadas de roupa, ele estaria bêbado demais para encontrar o seu caminho. Não sendo capaz de alcançar sob toda a armadura com a qual blindei meu corpo. Eu pensei que, com o passar dos anos, ele fosse começar a fazer mais do que apenas me molestar, esperando que eu fizesse coisas de volta para ele. Ou pior, me estuprasse.

Ele não o fez.

Graças a Deus por pequenos milagres, só que agora eu detestava ser tocada, mesmo quando dançava, eu não podia suportar a sensação das mãos das pessoas em mim. Devido a minha mãe ter morrido com os braços em volta de mim, e do pedaço de merda do meu padrasto me tocando, fingindo que eu era ela.

Não importava. Eu não precisava de ninguém. Tudo o que eu precisava era do ballet e eu.

Eu dei uma última olhada no espelho, tentando ver o que ele falava. Procurando minha mãe através do reflexo, olhando para mim. Eu nunca a vi. A imagem de seu corpo estava enraizada na minha mente, também envolvido em minha alma, muito ligada no meu coração.

Sacudi os pensamentos, desliguei a luz antes de entrar no meu quarto. Foi então que eu vi. Um pedaço de papel arrancado do meu caderno, colocado no meu travesseiro.

Sentei-me na beira da minha cama, passando os dedos sobre a caligrafia do meu padrasto. Hesitando em ler o que ele tinha a dizer.

Lexi,

Eu quero que você saiba que eu sinto muito. Eu não posso começar a dizer o quanto estou triste por tudo o que já fiz para você. Eu nunca quis te machucar. Eu nunca quis te causar qualquer dor ou sofrimento. Estou doente, Lexi. Eu sou um homem fodido, muito doente, e eu não consigo parar de te magoar. Não importa quantas vezes eu diga à

minha consciência que é errado, ela não escuta. É como um vício. E porque eu não posso parar, eu decidi ir embora. Eu posso me sentir prestes a cruzar uma linha que mesmo alguém como eu sabe que é doentia. Eu não mereço o seu perdão. Eu não espero por ele. Deixei algum dinheiro no balcão da cozinha, que deverá ajuda-la por um pouco de tempo. Por favor, tenha a paz de espírito. Você nunca me verá novamente.

Eu prometo.

Eu li a carta até que eu tinha memorizado palavra por palavra. Olhando para ela por não sei quanto tempo, pensando que fosse uma piada. Esperando ele entrar pela porta da frente. Voltando para casa. Me machucar. Isso não aconteceria verdadeiramente mais.

Por alguma razão, eu comecei a chorar. Lágrimas escorriam pelo meu rosto e para o papel que segurava com seu último adeus. Pela primeira vez desde que minha mãe me deixou com este monstro...

Eu pude finalmente respirar novamente.

Fiquei aliviada.

Apesar de que…

Eu estava sozinha.

Martinez

Ela correu. Correu como se sua vida dependesse disso, não sendo capaz de fugir rápido o suficiente. Reagindo exatamente como eu esperava que ela reagisse. Eu a deixei ir, dando o espaço que eu tenho certeza que ela precisava para ordenar em sua cabeça, com o que ela acabou de ver. Pelo menos agora, eu sentia que ela teria paz em sua alma. Sabendo que ela não era responsável pela morte de seus pais. Eu queria ser o seu salvador, e não o monstro que assombrava seus sonhos todas as noites desde que ela tinha seis anos.

—Limpem essa bagunça do caralho. —Eu pedi, deixando os meus homens com isso. Meu guarda-costas me seguia de perto. —Fique. —

Eu pedi quando entrei no elevador.

—Chefe... — Apertei o botão para o telhado, deixando as portas se fecharem em seu rosto.

Assim que elas estavam fechadas, deixei escapar um longo suspiro de dentro de minha alma. Inclinando a cabeça contra a parede, subi para o céu.

A ironia não foi perdida em mim.

Eu fui em direção ao telhado, com vista para Manhattan. Minhas mãos estavam colocadas nos bolsos da minha calça, não dando a mínima que ainda estavam cobertas de sangue. Apreciando o que era ficar sozinho, sem proteção em volta de mim. De pé no topo do edifício.

Vulnerável.

Exposto.

Sozinho.

Observei os edifícios altos, o ar da noite, o céu escuro, as luzes iluminando as ruas, os carros no tráfego a distância. Eu absorvi cada detalhe, tentando descer da adrenalina que matar alguém sempre me deu. Tentando ignorar a minha consciência atormentada, que estava tentando me repreender pelo que eu fiz na frente da minha sobrinha.

A filha de Amari.

Eu sabia que ela provavelmente estava rolando em sua sepultura agora, tão decepcionada comigo e com as minhas ações.

Minhas decisões.

Minhas escolhas.

Minhas indiscrições.

Eu não pude deixar de pensar em quantas vezes minha irmã deve ter ficado triste desde que eu ganhei a custódia de Daisy.

Será que ela se arrependeu de deixá-la aos meus cuidados?

Eu podia ver Amari de pé na minha frente, balançando a cabeça, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Olhando para o monstro, a cara de nosso pai olhando de volta para ela.

Eu não sabia a diferença entre o bem e o mal mais. Estava tudo misturado, formando uma bagunça que só Deus saberia. Pela primeira vez em muito tempo, tanto quanto eu conseguia lembrar, questionei a minha decisão. Não sabendo se eu tinha feito a coisa certa nessa situação. Ou se eu apenas condenei Daisy ainda mais. O arrependimento veio rastejando lentamente.

Por que eu não a deixei dormindo?

Deixando que ela mantivesse o pequeno pedaço de inocência que eu grosseiramente tinha acabado de arrancar dela? Viver como um ser humano normal, e lhe dizer a verdade, dando a ela paz de espírito dessa forma. As perguntas eram intermináveis e implacáveis. Havia uma linha tênue entre o certo e o errado. Eu tinha feito tanta coisa errada que eu estava agora arranjando uma desculpa, para fazer parecer que eu estava fazendo algo certo para Daisy. Quando tudo o que eu fiz foi contaminar a pobre moça.

Deixando ela mais parecida comigo.

—Sinto muito, Amari. —Eu sussurrei na escuridão. Eu não havia pedido desculpas a ninguém desde o dia em que eu estive no quarto de hospital de Daisy anos atrás. Por nove malditos anos, essas duas palavras não tinham deixado meus lábios. —Merda... —Eu xinguei, passando minhas mãos pelo meu cabelo, muita besteira pesando em minha mente. —Eu perdi meu rumo, irmã. Eu não sei mais quem eu sou. Há dias em que não posso nem me olhar no espelho. Desgostoso com o que está lá olhando para mim... nosso pai. Queria que você estivesse aqui. Eu queria que você estivesse aqui todos os dias, porra. —Confessei. —Eu sei que estou fodendo com tudo. Daisy, sua filha. A minha sobrinha. É a única coisa que me mantém vivo. Estou cansado, Amari... Eu estou tão cansado. —Disse esfregando as mãos pelo meu rosto.

O cheiro de sangue imediatamente agrediu meus sentidos, até a última fibra do meu ser.

—Eu vejo muito de você nela, é assustador. E eu não posso... eu não vou permitir que ela saiba ou veja o quanto eu a amo. Vou dar o mundo para ela, Amari. Ela nunca vai precisar de nada. Mas eu não posso dar o meu amor. Eu não posso deixar que entre em meu coração oco, porra. —Era como se eu estivesse olhando nos olhos de minha irmã. —Mamá deve estar tão decepcionada comigo. Por favor, diga a ela que eu sinto muito, pra caralho. Eu não posso voltar atrás. Eu não posso mudar as coisas que fiz. Eu sou quem sou. É tarde demais, a escuridão já tomou conta de mim. Eu a possuo agora. Ela é dona de mim. Por favor, me perdoe, eu sei que não mereço isso, mas eu estou te pedindo de qualquer maneira.

—Eu olhei para o céu, e ela se foi. Desaparecendo no ar espesso que me rodeava.

—Eu te amo, Amari.

Eu fiquei lá em cima por não sei quanto tempo, me arrependendo dos meus pecados. Tentando encontrar o homem que um dia eu fui, já sabendo que ele morreu há muito tempo. Eu dei uma última olhada no mundo que eu criei, e saí. Peguei o elevador de volta para o meu andar na cobertura. Querendo ir direto para o meu escritório, como eu sempre fiz, para me afogar no trabalho. Esperando que ele fosse mascarar as vozes de Amari e de minha mãe que enchiam minha mente. Querendo se transformar em gritos.

Eu não tive que ir ao meu escritório para parar o meu subconsciente de girar fora de controle. Os gemidos vindos do quarto de Daisy colocaram um fim a tudo. Quanto mais perto chegava de seu quarto, mais profundos seus sons de êxtase ecoavam pelos corredores. Eu não tinha que saber com quem diabos ela estava.

Ou o que diabos eu faria com ele. Seu destino foi decidido há muito tempo. Agora, ele me deu outra razão para colocar a porra de uma bala em sua cabeça.

Seu primeiro erro foi me trair na minha própria casa. Seu segundo erro foi não trancar a maldita porta. Não que isso tivesse me parado. Querendo usar o elemento surpresa, eu lentamente empurrei a maçaneta, deslizando para o quarto, despercebidamente. Ele estava deitado em cima dela, o lençol mal cobrindo seus corpos.

Raiva rapidamente assumiu toda fibra do meu ser. Não importava que eu tivesse acabado de matar um homem. Eu queria matar outro.

Este filho da puta.

—Ah! —Eu não vacilei, interrompendo Daisy e sua transa feliz.

Eu entrei em ação com nada além de fúria correndo em mim. —SEU FILHO DA PUTA! —Gritei.

Daisy gritou, arranhando a pele dele enquanto eu arrancava Esteban de cima dela. Jogando seu corpo do outro lado da sala, suas costas bateram na parede com um baque alto, forte, quebrando o drywall. Eu fui até ele em dois passos, pegando e batendo contra o batente da porta. Deixando um estalo em seu rastro.

—Seu pedaço de merda! Depois de tudo que fiz por você! —Eu rosnei, levantando do chão novamente e golpeando na cara repetidamente.

Seu corpo caiu frouxo contra o meu aperto forte. Eu não desisti, socando-o no estômago, o fazendo cair para frente, se desintegrando no chão aos meus pés. Eu imediatamente me abaixei, o virando de costas e montando em sua cintura, a uma polegada de tirar sua vida.

—NÃO! — Daisy gritou de onde ela estava ajoelhada na cama. Ela não se moveu, apenas fazia um som, toda a vez que eu batia dele. —POR FAVOR! PARE! POR FAVOR, EU ESTOU IMPLORANDO! EU FAREI QUALQUER COISA! QUALQUER COISA!

Ignorei seus apelos patéticos, continuando meu ataque no rosto e corpo de Esteban. Eu bati nele até que meus dedos estavam em carne viva, e não havia mais nada de bonito em seu rosto fodido. Parei sobre o seu corpo quase inconsciente, ouvindo Daisy lançar um suspiro de alívio.

Pensando que ela tinha ganho. Que ela conseguiu chegar ao meu coração.

Sem chance.

Cheguei à parte de trás da minha calça e tirei minha arma, apontando-a direito na cabeça de Esteban.

—NÃO! —Ela gritou.

Ela saltou da cama, pulando direto na frente dele, jogando seu corpo seminu na frente da arma. Ela estava agora colocada diretamente em sua testa. Seu corpo protegendo o que restava de Esteban, uma vida de merda.

—Sai minha frente. —Eu cerrei a mandíbula.

—Não! Por favor! Por favor! Por favor! Eu estou te implorando. Não foi culpa dele. —Ela ficou de joelhos, colocando o lençol branco fino debaixo dos braços, levantando as mãos em um gesto de oração em frente a ela. —Eu estou te implorando, suplicando-lhe de joelhos, por favor, não faça isso! Por favor, tio! Você não tem que fazer isso! —Ela gritou em meio a lágrimas.

Eu zombei. —Você acha que o seu desempenho lamentável vai funcionar comigo? Você não me conhece, *peladita*. Cai fora do chão antes que eu faça isso por você, e confie em mim, você não quer que isso chegue a esse ponto.

Ela balançou a cabeça. —Não.

Inclinei a cabeça para o lado, nunca ninguém tinha me dito não antes. Eu estaria mentindo se eu dissesse que não estava apenas um pouco orgulhoso dela naquele momento, ela não recuaria.

—Você parece uma puta de merda de joelhos. AGORA, LEVANTE-SE!

Ela balançou a cabeça novamente. —Não.

—O que? Você o ama? Você ama esse pedaço de merda? —Eu

apontei para o corpo sem vida de Esteban.

Ela engoliu em seco. —Não, tio. Eu não o amo. —Ela respondeu honestamente.

A verdade da sua revelação me fez sacudir a cabeça, atordoado.

—Então, você é uma puta. —Eu soltei, mais chateado comigo mesmo por permitir que isso acontecesse sob o meu maldito nariz. —Sua mãe ficaria muito orgulhosa.

Ela não franziu a testa ou vacilou. —Por favor. Por favor, não faça isso. Não por mim, ok? Você não tem que fazer nada por mim. Faça isso pela minha mãe. A única irmã que teve. A que você amava pra caralho. —Ela me lembrou, jogando as palavras que pronunciei horas atrás para mim mesmo.

Meus olhos estavam vidrados, estreitados para ela. Pela primeira vez eu não escondi o fato de que a simples menção de sua mãe poderia me deixar de joelhos.

Eu abaixei minha arma, agarrando meu telefone no bolso, e caminhei em direção à janela grande de seu quarto, chamando um dos meus homens. —*Venga a recoger a este hijo de puta antes de que yo lo mate.* —Eu rugi ao telefone. —Venha pegar esse filho da puta antes que eu o mate. —Eu desliguei.

Suas perguntas sobre quem eu realmente era, o que eu estava sentindo, o que eu tinha passado na minha vida, o que aconteceu para mim que me fez ser do jeito que eu era, estavam queimando um buraco em minhas costas. Ela queria saber o que eu estava pensando.

Se ela soubesse...

Se ao menos alguém soubesse.

Eu afastei os pensamentos quando ouvi passos vindo pelo corredor. Dei uma olhada em meus homens, e acenei com a cabeça em direção ao pedaço de merda deitado nos braços da minha sobrinha. Virei-me para a janela, mais uma vez, lutando internamente com meus

demônios. Não sendo capaz de olhar para ela por mais tempo, sentindo como se isso tivesse mudado tudo.

Eles rapidamente o pegaram, arrastando-o para longe dela. Os ouvi pegar o cobertor da cama e envolvê-lo nele. Eu sabia que ele estava semi-consciente quando os homens o levaram, provavelmente, curvado, cambaleando de dor. Colocando os braços em volta de seus pescoços para o apoio.

Se não fosse por Daisy, eles estariam arrastando-o para fora em um saco de corpo.

Mesmo que não me desse satisfação.

Esta foi a última vez em que vi minha sobrinha como Daisy, e foi quando Briggs nasceu para mim. Foi quando tudo mudou na nossa dinâmica, o nosso relacionamento futuro.

Nossa família.

Ela queria ser uma menina grande, brincar com os meninos grandes, então eu daria a ela exatamente o que ela queria, porra.

Eles carregaram Esteban em direção à porta, me tirando dessa linha de pensamento.

—Você sabe o que? —Eu disse, do nada, trazendo toda a sua atenção de volta para mim. Virei-me, estreitando o meu olhar sombrio, assustador, sem alma diretamente para Esteban. —Eu mudei de ideia. —Eu simplesmente declarei.

E antes de registrar o que eu disse, eu levantei minha arma e atirei nele.

—NÃO! — Briggs gritou, colocando a mão sobre sua boca.

Ao ouvi-lo gemer de dor, foi quando ela percebeu que eu atirei na perna, polegadas longe de seu maldito pau.

—A próxima vez que você brincar com o que é meu, Esteban, a bala vai entrar na sua cabeça do caralho.

Com isso, os homens se viraram e saíram, deixando um rastro de seu sangue no chão.

—Briggs. —Eu anunciei, perdido em meus pensamentos de novo, olhando para seu pingo de inocência que manchava os lençóis sobre a cama.

Eu andei até ela, cada passo preciso e calculado com a mesma expressão dura no meu rosto. Não havia nada, além de ódio brilhando nos olhos dela. Segurei-lhe o queixo duramente, forçando-a a olhar para cima, fazendo-a olhar-me nos olhos.

Usando as mesmas palavras que meu pai me disse na noite que minha inocência foi tomada.

Falei com convicção: —Você é uma Martinez agora.

E ela era.

Capítulo 22

Martinez

—Lá está ele. —Eu balancei a cabeça em direção ao carro preto parando ao lado do meu clube de strip. —De a ele o de costume. —Acrescentei, me virando para entrar. Eu não tinha necessidade de ficar por aqui, Rick era um dos meus homens de confiança, ele lidava com as trocas.

Eu precisava voltar para o meu escritório, para fazer um telefonema para Briggs. Eu a enviaria para Miami no próximo mês, para lidar com alguns negócios que apareceram. Ela estava trabalhando para mim durante os últimos dois anos, traficando drogas. Ela saiu da escola poucos dias depois de seu aniversário de quinze anos. Um aniversário que eu optei por esquecer. Eu tomei a decisão de trazê-la para o negócio da família naquela noite, depois que eu a encontrei com aquele filho da puta, Esteban. Ele tinha sorte de ainda estar vivo, fazendo alguns trabalhos internos corporativos.

Pelo menos, assim eu sabia o que Briggs estava fazendo, e com quem ela estava fazendo. Eu poderia manter um olho sobre ela, e com isso quero dizer...

Eu ainda podia controlá-la.

No final do dia, eu a mantinha segura, e não dava a mínima se era a coisa certa a fazer ou não. Era a minha maneira de fazer as coisas certas para ela.

Eu nunca lhe enviei para entregas perigosas. Era principalmente festas de faculdade e reuniões que ela só participava na minha presença. Merdas sem importância. Todo mundo sabia que ela era minha sobrinha. Se alguém fodesse com ela, eles fodiam comigo. E ninguém queria foder comigo.

—Quanto ele deve? —Perguntou Rick.

—Treze mil.

—Você o deixou ficar com a metade? —Ele perguntou, agarrando o meu braço para me deter. Olhei do meu braço para ele, e ele o soltou, recuando. Mais uma vez, espiando na frente dele.

—Ele vende drogas para mim na NYU. Fornece para todos os punks fodidos, pega todo o dinheiro de mamãe e papai. Você quer fazer isso?

Ele balançou a cabeça, sorrindo. —Eu faria por uma buceta. Quero dizer, olhe para aquela menina, ela é um arraso.

Girei, olhando na direção de seu olhar. —Que porra é essa? —Eu rosnei, observando-a sair do banco de trás do carro de merda que acabou de parar.

—Não gosto desses jovens, chefe? — Rick cutucou meu ombro, o que lhe valeu outro olhar de “não me toque de novo, filho da puta”.

—Eu não gosto de ser pego de surpresa. —Eu cerrei a mandíbula, ajustando o meu paletó enquanto eu me virava totalmente para ele. —Que porra é essa que ela está fazendo aqui? —Eu gritei logo que se aproximou de mim.

—Oh... isso é, humm... merda... Lexi, eu lhe disse para ficar no carro, porra. —Luís, meu negociante de NYU, gritou para ela. Espiando de um lado a outro entre nós, nervosa como a merda. Ansiosamente esfregando a parte de trás do seu pescoço. —Está tudo bem, ela é legal. —Ele contestou, arrastando seus pés no chão abaixo dele. Olhando para todos os lugares, mas não nos meus olhos.

—Quem diabos você pensa que é, trazendo uma menina aqui? —Dei um passo em direção a ele, fazendo sombra sobre seu corpo esquelético. Ele cambaleou para trás, parando antes que ele caísse de bunda no chão.

—Eu não sou uma menina. —Lexi interrompeu, dando um passo para a frente, trazendo imediatamente a minha atenção para ela.

Ela ficou na frente de Luís com o quadril inclinado e sua mão se apoiando nele. Sem recuar, com um olhar desafiador em seus olhos. Ela era definitivamente um pouco mal-humorada, seu comportamento pronto para contra-atacar em qualquer coisa que eu tivesse que dizer a ela.

Não importa o que.

—Luís, eu nunca teria imaginado que você era um maricas. Esta menina tem bolas maiores do que você. Você deve ter se esquecido de avisá-la com quem diabos ela está lidando. Oh, espere... Ela não deveria nem estar aqui em primeiro lugar.

Todos eles estavam no meio do estacionamento, enquanto eu andava para trás e para frente, sem tirar os olhos de Lexi. Ela moveu seu peso de um quadril para o outro, jogando os cabelos por cima do ombro com nada, além de intriga escrita por todo o rosto. Estudando minha postura predatória, querendo saber o que eu estava pensando, o que eu estava sentindo.

—Eu não gosto de ser desrespeitado, Luís. E este pequeno truque não cai bem comigo, porra. Rick, o que você acha que devemos fazer? Uma bala na perna? Ou talvez alguma coisa para esta menina aqui. —Provoquei, parando na frente de Lexi.

Ela ainda não tinha tirado os olhos de mim. Inclinei a cabeça para o lado, vendo que, na verdade, ela não tinha medo de mim. Eu não conseguia me lembrar da última vez em que isso aconteceu.

—Não, senhor... Lexi, volte para o maldito carro. Agora! —Luís ordenou, agarrando seu braço e puxando-a para o lado, mais forte do que ele precisava.

—Ai! Devagar, idiota. —Ela gritou.

Eu não hesitei. Dei um passo em direção a eles, puxando-a para longe de seu alcance, e o empurrando com força no peito. Ele perdeu o equilíbrio, tropeçando no chão. Algumas mulheres que estavam na fila de espera para entrar no clube engasgaram. Agachando-me na frente de seu rosto, eu o agarrei pelo colarinho da camisa.

Ignorando o nosso público, eu disse entre dentes. —Será que sua mãe nunca te ensinou a não colocar as mãos em uma mulher? Preciso lhe ensinar algumas maneiras de merda, rapaz?

Ele balançou a cabeça fervorosamente em negativa.

Eu zombei com desgosto, o libertando da minha mão, e empurrando de volta para o chão. Levantei-me e me virei, estreitando os olhos para Lexi. Finalmente dando uma boa olhada nela. Desconsiderando a forma como ela ainda estava olhando para mim.

Sem dizer uma palavra, eu coloquei minhas mãos nos bolsos da calça, olhando gradualmente seus 1,60 de altura de cima a baixo, fascinado. Ela tinha longos cabelos castanhos escuro que caíam em cascata em volta do rosto e pernas muito longas. Ela usava uma camiseta branca esfarrapada, dois tamanhos maiores, amarrada em seu quadril, expondo seu estômago, e um short jeans com bolsos pendurados para fora.

Ela era jovem.

Uma criança.

Uma menina maldita.

Ela. Era. Problema.

Analisei-a, palmo a palmo, até eu conseguir o efeito que eu queria dela. Era fácil para eu intimidar as pessoas, ela não era diferente. Exceto que havia um rubor súbito em seu rosto que foi sutil o suficiente para que ninguém notasse, além de mim.

Eu observei tudo.

Especialmente ela.

Eu a deixava nervosa, mas não porque ela estava com medo de mim como eu pretendia...

Mesmo naquela tenra idade, esta menina sabia o que queria.

Eu.

A atração estava saindo dela em ondas. Sua mente cambaleava com uma mistura de emoções, pensando que eu poderia ser seu salvador, ou seu possível fim. Todas as meninas queriam um príncipe encantado. Um cavaleiro em armadura brilhante do caralho.

Mal ela sabia, eu era o vilão nesta história.

Nós travamos nossos olhares, e por uma fração de segundo, eu vi algo familiar em seu olhar verde brilhante. Algo que eu sempre tinha visto nos meus, e só agora, ele estava sendo refletido de volta para mim.

Solidão.

A queima agonizante em seu olhar. Uma dor que ninguém mais conseguia entender, ou mesmo reconhecer, a menos que tenha passado por isso. Uma conexão não dita, provocada pela escuridão.

Inferno.

Um grupo de clientes desordeiros saiu do clube, interrompendo o momento que estávamos tendo. Ela sacudiu o sentimento, limpando a garganta. Eu fiquei desconfortável, porque ela sabia que eu podia ver e sentir isso também.

Ela sabia que eu podia ver e sentir tudo.

—Tire uma foto, velho, vai durar mais tempo. —Ela rosnou, querendo quebrar o efeito que eu estava causando nela.

Eu sorri, arqueando uma sobrancelha. —Não há necessidade de xingar, menina. Rick não é assim tão velho. —Eu ri, apontando para ele.

Ela queria sorrir, mas ela escondeu olhando na direção da rua movimentada em vez disso. Não querendo que eu visse mais do que eu já tinha. Ela estava tentando tomar o controle da situação em que nos encontrávamos. Sua vulnerabilidade irradiava dela, fazendo que se sentisse fraca e fora de controle. Por mais que ela odiasse, ela não conseguia se controlar.

Percebi naquele momento, essa menina precisava ficar longe de mim, e ela não parecia alguém que obedecesse a ordens.

Eu olhei para Luís, que estava limpando a sujeira da roupa. —Não traga a menina com você novamente. Eu não vou avisá-lo da próxima vez.

—Se você tem algo a dizer, diga para mim. Eu estou bem aqui. Para sua informação, ele não me trouxe. Eu vim com ele, e se eu quiser vir com ele de novo, eu vou. Você não pode me dizer o que fazer, só porque você tem idade suficiente para ser meu pai, velho.

Sem vacilar, eu voltei minha atenção para ela. Pisando direto em seu espaço pessoal, com meus 1,90 de altura pairando sobre sua pequena estrutura. Ela não se acovardou, pelo contrário, ela ficou ainda mais alta. Inclinei a cabeça para o lado, pegando uma mecha de seu cabelo, enroscando em volta do meu dedo.

—Velho, é? Seus lábios estão dizendo uma coisa, mas o seu corpo... seu corpo está traindo você, menina. Ele não acha que eu sou velho. Ele gosta muito de, bem... —Só para provar meu ponto, eu passei meus dedos ao longo de sua bochecha, apreciando a sensação suave de sua pele.

Sua respiração travou e os olhos dilataram.

—Meu corpo e minhas ações não são da sua conta e pare de me chamar de menina. —Ela respondeu com uma voz abafada.

—Você se tornou da minha conta assim que pisou na minha propriedade, e você estar aqui é muito fodido. Você é uma criança. Não pode ser mais velha do que o que? Quinze?

Ela fez uma careta, embaraçada. Olhando ao redor do estacionamento, me evitando a todo o custo.

—Eu posso sentir o cheiro em você. Você me quer. Isso está excitando você, *menina*? —Eu zombei, tirando a minha mão de seu rosto.

A perda do meu toque claramente a afetou.

—Você, me olhe nos olhos quando eu estiver falando com você. —Eu agarrei seu queixo, trazendo seu olhar de volta para mim.

Seus olhos se arregalaram e seus lábios se separaram quando eu agarrei seu queixo mais forte. —Este é um estabelecimento adulto, o melhor em New York. Mulheres tiram a roupa por muito dinheiro, nele. Você quer voltar? Eu sugiro que você venha para uma audição quando você tiver um par de mamas e uma bunda. Até lá então, você não é útil para mim. Agora seja uma boa menina, vire-se e vá sentar sua bunda na porra do carro. Se você não escutar, eu não hesitarei em colocá-la por cima do meu joelho e lhe ensinar a ter algum respeito maldito, como seu pai deveria ter ensinado.

Eu finalmente cheguei a ela. Ela imediatamente virou a cara, longe do meu alcance. A mágoa evidente em toda a sua expressão séria.

Tudo o que eu queria fazer era pôr fim a essa conversa, ou qualquer porra de ilusões que ela tivesse na sua cabeça. Eu não tinha tempo para essa besteira, e a última coisa que eu precisava era da porra de um bebê.

Falei com convicção. —Vá brincar com suas bonecas Barbie, querida. Deixe os homens tratarem de negócios. —E com isso eu abruptamente me virei, voltando para a entrada dos fundos do clube.

—Cuide dela, Rick. —Eu gritei por cima do meu ombro, sem nenhuma vez olhar para trás.

Lexi

Eu o vi antes mesmo de parar dentro do estacionamento do clube de strip, na *23 Street*. Esse era conhecido por ser um dos

estabelecimentos mais intocados em New York. Pelo menos para um clube de strip de qualquer maneira.

Não era difícil não vê-lo. O homem era construído como uma casa de tijolos, musculoso, sólido e alto. De pé, ele tinha pelo menos 20 centímetros a mais do que o cara ao lado dele. Eles estavam, obviamente, tendo uma conversa aquecida. Eu nunca quis ser uma mosca na parede, mais do que naquele momento.

Eu não conseguia parar de olhar para ele, o homem exalava dominação. Ele estava vestido com um terno caro, o que provavelmente custava mais do que o pedaço de merda chamado carro no qual eu estava sentada. Seu cabelo preto estava penteado para trás de seu rosto. Imaginei-o caindo no final do dia, enquadrando seu rosto perfeitamente. Ele era diabolicamente belo. Pele bronzeada que só pode ter conseguido por passar horas sob o sol, um rosto masculino e nariz que destacava suas fortes maçãs do rosto e queixo. Sua barba era escura, o que somente aumentava seu apelo. Ele era um belo exemplar. Seus olhos verdes brilhantes foram o que me chamou a atenção, no entanto. Parecia que eles poderiam chegar a sua alma e possuí-la.

Ele não estava olhando para mim, e eu podia senti-lo inteiro.

Eu fiquei atraída por um homem que provavelmente tinha o dobro da minha idade, como um ímã. Senti sua força em mim. Mas, eu não podia me segurar. Eu tinha quinze anos, e foi a primeira vez na minha vida que eu senti atração por alguém. Eu odiava caras. Eu os evitava na escola, até mesmo o meu pobre pai adotivo que nunca fez nada para mim.

No entanto, lá estava eu, fisicamente atraída por um homem que eu nunca tinha visto antes. Havia algo sobre ele, e eu pude ver isso a uma quadra de distância. Eu senti como se eu já tivesse o visto antes, conhecido em algum lugar, mas eu sabia que era impossível.

Onde é que eu conheceria um homem como este?

Sua presença era reconfortante e isso me afligia. A maneira como ele ficou ali, me consumia de uma forma que eu nunca pensei ser

possível. Havia um olhar predador, mas cativante em seus olhos, como se ele tivesse a resposta para cada duvida que eu um dia já tive. Eu não conseguia desviar meu olhar do dele, e eu não queria.

Eu poderia olhar para este homem o dia todo, e ainda não seria suficiente.

Meu coração batia forte no meu peito enquanto nós parávamos dentro do estacionamento lotado logo após a meia-noite. Olhei pela janela do passageiro, ignorando todas as pessoas ricas e, provavelmente, famosos, vestidos com esmero. Uma fila contornava o enorme edifício com clientes ansiosos para entrarem e sentirem o gosto das dançarinas eróticas.

Luís desligou o carro e olhou para mim. —Lexi, fique no carro. Eu só vou demorar alguns minutos. Tranque as portas, ok?

—Eu sei por que estamos aqui, Luís. Você se lembra de que fumou maconha comigo, certo? Você costumava viver no meu bairro. Seus pais ainda vivem. Eu sei que você vende drogas na NYU. Eu não sou idiota.

—Fique no carro, Lexi. Você não sabe do que este homem é capaz. Eu não lhe disse que eu traria alguém.

—Então, por que você me trouxe?

—Você sabe por que... Seus pais adotivos estão dando outra de suas festas. Você não precisa estar lá.

—Estive lá desde que você saiu da faculdade. —Eu sussurrei alto o suficiente para ele ouvir.

Luís sempre foi bom para mim. Ele tinha quase vinte anos de idade e sempre tinha olhado por mim nos últimos dois anos. Desde que fui morar com meus pais adotivos.

—Lexi, apenas me ouça. Por que é tão difícil para você fazer isso?

Dei de ombros, balançando a cabeça, irritada enquanto o observava abrir a porta do carro. Eu não podia culpá-lo por querer

ganhar um dinheiro extra. Seus pais não tinham nenhum, muitas vezes o deixando sozinho para cuidar de si mesmo, exatamente como eu tinha que fazer. Eu nunca tinha percebido como a faculdade poderia ser cara até que minha orientadora na escola me disse. Ela disse que eu teria que conseguir todos os tipos de empréstimos e subvenções, se eu um dia quisesse ser admitida em uma boa escola. A única que eu estava interessada era Julliard, e eu não tinha ideia de como eu realizaria o meu sonho.

Depois que meu padrasto fugiu, levou apenas três dias para o diretor me chamar em seu escritório para me dizer que recebeu um telefonema anônimo, informando a eles que eu estava em casa sem a supervisão dos meus pais. Poucas horas depois, eu estava sentada no Serviço de Proteção à Criança, à espera de conhecer o meu assistente. Eles procuraram por ele em todos os lugares e eu secretamente rezava todas as noites que nunca o encontrassem.

Eles não o encontraram.

Eu vinha agradecendo a Deus desde então. Não demorou muito para que eles me arrumassem uma família. Eu só estive na pensão por algumas semanas, o que foi surpreendente porque eu não era tecnicamente uma candidata ideal para à adoção. Ou seja, eu não era um bebê ou uma criança. O único problema foi que eu tive que me mudar do único lugar que eu conhecia para Manhattan. Deixando para trás Susan e meu estúdio de dança. Muitas vezes eu desejei que ela tivesse me adotado, me deixando ficar na minha cidade natal.

Nós escrevemos e-mails uma para a outra de vez em quando, mas eu nunca tive coragem de perguntar por que ela não pode ficar comigo. Muito apreensiva sobre qual seria a sua resposta. A última coisa que eu queria era ficar em um lugar que eu não era bem-vinda. Meus pais adotivos não eram tão ruins, no entanto. Eu vivia com eles em um pequeno apartamento em Nova York, perto da ponte de Manhattan, durante os últimos dois anos. Eles colocaram um teto sobre minha cabeça e comida para comer, mas fora isso, eu estava praticamente sozinha.

Graças a Deus havia um estúdio de ballet não muito longe de

casa. Eu ia de bicicleta para lá todos os dias depois da escola, apenas para assistir das janelas. Desejando que eu pudesse estar dançando como elas estavam. Ansiando pela música, que me varria para longe da realidade, para me levar embora novamente. Um dia eu fui pega pela melodia, dançando em frente ao estúdio junto com as meninas, enquanto elas estavam praticando uma rotina lá dentro. Nunca passou pela minha cabeça que eu poderia ser vista, então o sino sobre a porta da entrada do estúdio tocou, me assustando. Eu quase caí no chão.

—Querida, você esteve aqui durante semanas. O que você está fazendo aqui?

Baixei a cabeça, envergonhada por ter sido apanhada. —Sinto muito, senhora. Eu dançava em Rhode Island. Assistir vocês me dá paz. Peço desculpas por interromper a sua aula, eu vou embora agora. —Eu disse, passando por ela para pegar minha bicicleta.

—Não seja boba. Entre. Você provavelmente conhece a rotina melhor do que a maioria das minhas meninas. —A instrutora apontou para o edifício.

Ela me acompanhou e me apresentou às outras dançarinas. Todas elas foram muito educadas, me convidando a dançar com elas naquele dia. Eu não tinha que ser mandada duas vezes. Quando a aula acabou, a instrutora me disse que eu tinha um talento como ela nunca tinha visto antes, e eu tinha permissão para vir para as aulas, enquanto eu ajudasse no estúdio. Eu estava lá desde então.

O som do fechamento da porta do carro me trouxe de volta ao presente, me puxando para longe de meus pensamentos. Rolando para baixo minha janela, vi Luís caminhar em direção aos dois homens de ternos. Sentei-me lá como me foi dito, por um segundo, lutando contra o desejo de abrir a porta. Eu odiava que me dissessem o que fazer. Eu não era uma criança, eu nunca fui.

Especialmente agora.

Eu tinha visto muito.

Eu era experiente, mais do que alguém da minha idade deveria

ser.

Fez-me agir e sentir mais velha do que eu realmente era.

O vento sem esforço entrou no carro, trazendo um forte perfume masculino com ele, agredindo os meus sentidos e cada fibra do meu ser. Tinha que ser ele. Antes mesmo que eu soubesse o que estava fazendo, eu saí do carro e segui Luís em frente ao estacionamento. Não recebi a recepção calorosa que eu esperava. Para ser honesta, eu não esperava nada do que tinha acontecido.

Tudo que eu sabia era que meus nervos foram incendiados durante todo o tempo em que eu estive ali com eles.

Observando.

Inalando.

Sentindo.

Um incêndio atingiu meu corpo, como nada que eu já tinha experimentado antes. Ele tinha me perguntado se eu sabia quem ele era, e como ele tinha esse poder sobre mim. Eu odiava e amava o novo sentimento que produziu dentro do meu interior.

Era esmagador.

Era assustador.

Era tudo o que consome.

Isto. Era. Tudo.

Eu queria saber tudo sobre ele, incluindo o homem sob o bastardo cruel...

Por trás do poder.

Por trás do terno.

Por trás do domínio.

Debaixo dos olhos verdes claros, sem alma, que não demonstravam emoção alguma. Nenhuma.

—Lexi. —Luís anunciou, estacionando o seu carro na frente da minha casa.

—Humm... —Eu respondi, ainda perdida em meus pensamentos sobre hoje à noite.

—Martinez não dá valor a qualquer coisa ou pessoa. Nada é sagrado para ele. Ele não respeita nada. É por isso que ninguém aperta sua maldita mão. Ele é um filho da puta sujo, cruel, Lexi. Você precisa ficar longe desse filho da puta. Ele não vai pensar duas vezes antes de te ferrar ou te foder. Você não terá quinze para sempre. Eu sei o que você está pensando, eu posso ver isso nos seus olhos. E se eu posso ver, eu sei que ele pode também.

Eu me lembrei de suas palavras exatas, durante os próximos três anos. Até quando eu o veria novamente.

—É por isso que eles o chamam de... El Diablo.

Sabendo de tudo isso, eu queria era conhecer O Diabo.

Capítulo 23

Martinez

Austin “Fodido” Taylor, o bom e velho garoto que estava se revelando uma grande dor na minha bunda. Ele era sortudo e fazia a minha sobrinha feliz. A última coisa que eu precisava ou queria, era que Briggs se apaixonasse por um menino fodido do sul de Oak Island, Carolina do Norte. Mas porra, o destino me deu um maldito tapa na cara novamente. Você pode pensar que eu estava acostumado com isso agora. Ela estava com ele durante os últimos três anos, brincando de casinha no apartamento que eu dei a ela.

Não a ele.

Eles se conheceram em Miami em uma das festas em que a mandei para abastecer. As coisas não se tornaram oficiais até que eu os vi correndo um para o outro um ano depois, em uma das minhas câmeras do clube de dança que eu tinha.

Fiz uma verificação de antecedentes imediatamente, descobrindo que ele era inofensivo. Ele começou a viajar com ela nas minhas costas, e quando eu liguei para confrontá-la, ela me enganou dizendo que o contratou como seu guarda-costas. Eu não era um maldito idiota. Eu sabia que eles estavam transando. Briggs parecia ter uma coisa com guarda-costas. Todos esses livros de romance que leu, ela queria um herói.

Não que ela precisasse se defender, até recentemente, de Hector. Ele era um velho conhecido meu, que queria foder a minha sobrinha desde que nela cresceu peitos e bunda. No segundo em que ele solicitou uma reunião a sós com ela, foi o momento em que eu soube que eu deveria testar Austin. Eu só não sabia que ele apareceria na reunião, chapado com minhas drogas. Ambos tentavam se recuperar dos três dias sem pausa, festejando com os clientes. As coisas deram errado rapidamente. Austin teve sorte de eu não colocar a porra de uma bala na sua cabeça. Hector, por outro lado, não teve tanta sorte.

Não preciso dizer que, Austin passou com distinção, defendendo Briggs com sua vida. Exatamente o que eu estava pagando para ele fazer. Mas, não era sobre o dinheiro. Ele amava Briggs, até um cego poderia ver, e o homem tinha orgulho disso.

Um homem como eu poderia sentir o cheiro disso num homem como ele. Ele não foi feito para esta vida, e nem Briggs, mas isso não me impediu de levá-la para ela de qualquer maneira.

Eu ouvi a chave girar na porta do apartamento de Briggs. Ela vivia lá, mas eu o possuía. A porta abriu, revelando Austin e ela praticamente fodendo um ao outro no corredor. Sua mão imediatamente saiu de dentro de sua calcinha.

—Jesus Cristo, você não pode sequer manter os dedos fora da buceta da minha sobrinha tempo suficiente para abrir a maldita porta! — Gritei, vendo a libertinagem na minha frente.

—Tio! —Briggs gritou, empurrando Austin longe para puxar para baixo seu vestido.

—Você tem sorte que eram meus dedos e não a minha língua. Da próxima vez, bata na porta antes de entrar em nosso apartamento. — Austin rosnou, chateado que eu estivesse lá sem aviso prévio e sem ser convidado.

Inclinei a cabeça para o lado, arqueando uma sobrancelha. — Nosso?

—Eu falei grego?

—Austin... — Briggs falou, delicadamente colocando a mão sobre seu peito, tentando fazê-lo recuar.

Ele não faria isso.

E eu o respeitava por isso também.

—Este não é o seu apartamento. É meu. Eu pago por isso. Briggs, da próxima vez que você pedir a alguém para se mudar para cá, deixe ele ciente de quem é a porra do dono desse lugar primeiro.

—Não haverá uma próxima vez. Eu vou começar a pagar por isso. Apenas me diga o que fazer. —Austin disse, não recuando.

Ele me odiava. Eu acho que eu também odiaria, se a mulher que eu amava estivesse relacionada com um homem como eu. Tenho certeza que Briggs contou-lhe tudo sobre sua infância, me pintando como o vilão que eu sempre quis que ela pensasse que eu era. O monstro que não lhe mostrou qualquer afeto, quando ela estava crescendo. Mostrando a crueldade e a realidade do mundo em vez disso.

Eu sorri, estreitando os olhos para ele. Contemplando se eu realmente queria ir em frente com o que eu estava pensando, desde que Briggs tinha fodido a reunião com Hector. Austin pode ser um usuário de drogas, mas ela permitiu que isso acontecesse. Quando era para ela estar no comando e no controle da situação, ela me provou que estava sendo cega pelo amor.

Olhei para trás e para frente entre eles, antes de meu olhar cair em Briggs. Ela me olhou com cautela, sabendo que eu não estava lá para bate-papo.

—Eu decidi fazer algumas mudanças. Você o quer envolvido em cada aspecto de sua vida, peladita? Eu não posso impedir... Mas eu pessoalmente não posso passar por cima do fato de que você está abrindo as malditas pernas novamente.

Austin deu um passo em minha direção, e Briggs o deteve.

Eu zombei, de pé. Colocando as mãos nos bolsos da minha calça, eu contornei a ilha da cozinha, imperturbável. Parando a um pé longe deles. Briggs estava bem no meio, esperando para intervir se necessário.

Mesmo depois de todos esses anos, ela ainda me temia. E eu estaria mentindo se eu dissesse que não odeio isso.

—Uma vez que você está tão envolvido no meu negócio e no que é meu...—Fiz uma pausa, olhando para Briggs. —Incluindo este apartamento, eu decidi promovê-lo.

—Não! — Gritou Briggs, dando um passo em direção a mim. Sabendo o que eu estava prestes a fazer.

Minha sobrinha me conhecia tão bem quanto eu a conhecia. Eu poderia controlar Briggs. Agora, uma vez que eu sabia que Austin não iria a qualquer lugar, eu precisava controlá-lo também. E nada fazia um homem achar que ele estava no controle mais do que o poder. Eu sabia que Austin estava se roendo de curiosidade.

Eu estava prestes a fazer uma oferta que ele não podia recusar.

—Você não pode fazer isso, tio! Eu não vou deixar. Ele não é....

—Baby, eu não preciso que você responda por mim. —Austin zombou, puxando-a de lado para ficar na minha frente.

De homem para homem, porra.

—O que você fez na Colômbia precisou de algumas bolas do caralho. Eu posso apreciar um homem que protege o que ele pensa que é dele. Você teria atirado em Hector na porra do seu rosto, se Briggs não tivesse parado você. Sem sequer pestanejar, eu sei que você teria puxado a porra do gatilho. Eu tinha quatorze anos quando tive meu primeiro gosto de sangue. Eu matei um homem, protegendo o que eu achava que era meu também. —Informei, dando a Briggs um pedaço do quebra-cabeça da minha vida. Um vislumbre de quem eu era.

Mesmo que ela nunca fosse saber a verdade sobre a minha vida. Eu não permitiria isso.

—Tio, por favor... não faça isso. —Briggs sussurrou, a cabeça inclinada, com uma expressão que eu não podia ver.

—Eu não preciso de nenhum de vocês. O Austin aqui... —Eu balancei a cabeça em direção a ele. —... é agora o responsável.

—O quê? —Ele respondeu, confuso.

—Você quer ser chefe? Pois bem, aqui está a porra da sua oportunidade.

—Você quer que eu assuma o trabalho de Briggs? Eu não posso fazer isso com ela. —Austin disse com um tom sincero, balançando a cabeça. —Eu nunca poderia tirar isso dela. Isso...

—Ela vai estar lá com você. Não vai, Briggs?

Ela olhou para mim com uma expressão que eu nunca tinha visto antes. Ela adorava Austin demais para deixar o seu lado, especialmente quando se tratava desta vida. Ela não diria que não. Eu a tinha exatamente onde eu queria.

Na linha de fundo.

Isso os manteria seguros. Eu me certificaria disso.

—Ele não sabe o que...

—E é por isso que você vai ensiná-lo. Eu vou arranjar alguém para assumir as viagens no momento. Ele cuidará de New York com você. Olhe isto deste modo, ele terá tempo de sobra para transar com você em sua própria cama. —Eu escarneci, repetindo o que eu o ouvi dizer a ela quando abriu a porta.

Foi a primeira vez em mais de 15 anos, depois de tudo o que eu a fiz passar, ver, experimentar, que ela queria me dizer que me odiava. Eu podia ver isso em seus olhos.

E levou tudo dentro de mim para não contar a ela que a amava mais do que tudo neste mundo, neste exato momento.

Meu telefone tocou, rompendo meus pensamentos. Agarrei-o no meu bolso do terno, colocando um dedo na frente da minha boca antes de me virar para atender.

—*Habla*. —Eu pedi. —Fale. —Saindo para a varanda, fechando a porta atrás de mim.

—Chefe, há uma menina no clube de strip. Ela diz que precisa falar com você. Ela não vai sair. Ela é inflexível sobre vê-lo, e só você.

—Livre-se dela.

—Eu tentei, ela...

—Eu não dou a mínima, livre-se dela, ou eu vou me livrar de você.

—O nome dela é....

Eu desliguei, colocando meu telefone vibrando de volta no bolso. Voltei para dentro, ignorando as chamadas. Esperando não tão pacientemente para ouvir as duas palavras que mudariam para sempre a vida da minha sobrinha, de maneira que eu nunca esperei, e passaria o resto da minha vida tentando compensar.

—Estou dentro.

Eu balancei a cabeça e saí.

Entrando na minha limo, enchi para mim um copo de uísque para brindar o que eu tinha acabado de fazer. Nós ainda tivemos que fazer mais algumas paradas no meu caminho de volta para o clube de strip, alinhando tudo pelas próximas semanas. Precisava me reunir com alguns parceiros, para que eles soubessem que Austin estava tomando o lugar no território de Briggs.

Com efeito imediato.

Minha cabeça estava latejando no momento em que entrei pela entrada dos fundos do clube e para o meu escritório. Afundei na minha poltrona de couro, colocando os cotovelos sobre a mesa, descansando instantaneamente minha cabeça nas palmas das minhas mãos. Pensando se eu estava fazendo a coisa certa ao colocar Austin no comando. Meus pensamentos atormentavam minha mente dia e noite, um dia após o outro. Tão implacáveis e maliciosos, me punindo por intervir na vida da minha sobrinha mais uma vez.

O poder mudava as pessoas, mas eu percebi que poderia ter sido melhor para Briggs se ela visse a verdade atrás da ficção. Ou pelo menos era isso que eu dizia a mim mesmo.

A comoção do lado de fora do corredor da minha porta quebrou minha concentração, dissolvendo meus pensamentos conflitantes. Eu

me inclinei na minha cadeira, esfregando os dedos para trás e para frente na minha boca. Tentando ouvir as vozes cada vez mais perto da minha porta.

—Eu sei que ele está aqui! Eu o vi sair de sua limusine e esgueirar-se através da parte traseira! Isso é besteira! Eu vou falar com ele, quer ele goste ou não. Passei o dia todo aqui, e eu não tenho mais tempo a perder.

O tumulto chegou mais e mais perto.

—Senhora! — Rick gritou atrás dela.

—Eu lhe disse para parar de me chamar assim! Meu nome é Lexi! Lexi!

Eu sorri, divertido. Balançando a cabeça, a porra da menina ainda tinha bolas de bronze. Eu não pude deixar de me perguntar se ela estava aqui, porque tinha crescido nela um par de mamas e bunda. Fazia três anos desde a última vez que vi a pequena cabeça quente, e meu pau estava mais do que ansioso para ver o que me esperava por trás da porta fechada.

Meu comportamento mudou rapidamente assim que eu a observei invadir meu escritório, sem se preocupar com o mundo, especialmente com o homem irritado sentado atrás da mesa.

—Bem, bem, bem, olhe o que nós temos aqui. Você já ouviu falar de um maldito telefone? —Perguntei, inclinando a cabeça para o lado. Observando Lexi.

Rick correu atrás dela, sem fôlego. —Sinto muito, chefe. Eu...

—Deixem-nos. —Eu pedi em um tom duro, exigente. Acenando com a mão para que saísse.

Ele assentiu apreensivo, levando um tempo olhando em seu doce traseiro antes de sair. Eu resisti à vontade de dizer a ele para se mover mais rápido. Fechando a porta atrás de si, e sem demora.

Lexi engoliu em seco, logo que ele saiu, entrando ainda mais no

meu escritório. Olhando de mim até a cadeira entre nós, silenciosamente pedindo permissão para se sentar. Eu não lhe concedi qualquer clemência. Ela com certeza não merecia isso. Ela deveria ter pensado melhor antes de invadir meu escritório como um animal fugindo da jaula. Ela deve ter esquecido com quem ela estava lidando, e eu estava totalmente preparado para lembrá-la.

Mas, principalmente, eu só queria transar com ela. Ela fazia isso ser tão fácil.

Eu olhei para ela com um olhar predatório, colocando os pés sobre a minha mesa, e me inclinando mais para trás em minha cadeira, lentamente, sensualmente esfregando o polegar sobre meus lábios. Visualmente a deixando extremamente desconfortável, enquanto os meus olhos vagavam sobre seu corpo. Seria preciso ser um idiota para não perceber que Lexi não gostava de ser admirada, como a maioria das meninas com sua aparência faria.

Eu não dava a mínima. Eu queria olhar para ela, então eu olhei. Ela não era mais uma menininha, com maldita certeza. Seu cabelo castanho escuro estava mais longo, formando cascata nos lados de seu rosto e ombros. Cachos suaves ficavam cada vez menores nas extremidades, acentuando o fascínio sedoso que ainda tinha nele. Ela estava usando um espesso delineador preto nos olhos, enfatizando seus intensos olhos verdes que estavam tentando olhar diretamente para a minha alma.

Não demoraria muito até que ela percebesse que eu não tinha uma. E por alguma razão que eu não podia compreender, isso me incomodava mais do que incomodou nos últimos anos.

Eu nunca parei de esfregar os dedos calejados na minha boca, enquanto seu olhar seguia o movimento da minha mão, fazendo um beicinho com seus lábios, enquanto observava cada movimento meu. Fazendo com que os meus dedos quisessem limpar o batom vermelho brilhante de sua boca.

Meu pensamento viajou pelo pescoço até as mamas dela, que estavam em plena exibição, apenas esperando para serem libertadas de

seu sutiã rosa, até a sua cintura estreita e pequena. Eu imediatamente me imaginei agarrando-a, guiando-a para baixo no meu pau.

Um pensamento que nunca deveria ter passado pela minha maldita cabeça, mas eu ainda era um homem.

E ela era como o fruto proibido com quem eu queria transar.

Seu top curto exibia seu estômago bronzeado e sua porra de umbigo perfurado. Estreitando os olhos, eu continuei meu ataque visual até as coxas finas, querendo aninhar meu rosto entre elas. Meu pau se contraiu com o pensamento dela montando no meu rosto. Ela ainda tinha pernas que se prolongavam por milhas, mal cobertas por uma pequena saia, mais como um pedaço de tecido que escondia o que eu sabia ser a sua perfeita buceta do caralho.

No topo de tudo isso, ela usava saltos foda-me. Esta menina estava apenas pedindo para ser fodida de doze maneiras diferentes, invadindo aqui vestida do jeito que ela estava.

—Para o que você está olhando? —Ela perguntou, precisando quebrar o silêncio entre nós.

—Para o que eu quiser, porra. Ou você se esqueceu de que este é meu escritório, o qual você tão rudemente invadiu? —Arqueando uma sobrancelha, eu inclinei a cabeça para o lado. Acrescentando: —Então me diga... você se vestiu como uma prostituta para mim, menina?

Lexi

Eu recuei como se ele tivesse me batido, atordoada. —Eu não...

—Isso não foi uma pergunta, querida. Permita-me dar-lhe uma pequena dica. Eu estou cercado por malditas prostitutas, por vinte e quatro horas, sete dias por semana. Se eu quisesse uma, tudo o que eu

teria que fazer era sair por aquela porta. —Ele apontou diretamente atrás de mim. —Elas são muitas, caindo de joelhos, ansiosas para ter um gosto do meu pau. É isso que você quer?

Sentei-me na cadeira em frente de sua mesa, cruzando lentamente as pernas. Inclinei-me sobre a mesa, lhe dando uma visão ampla do meu decote. Eu sabia que ele gostou do que viu, seus olhos pareciam fixos ali.

Eu tinha passado os últimos meses, pensando se eu realmente faria isso. Toda vez que eu olhava para a minha carta de aceitação para Julliard, eu sabia que essa era minha única esperança de poder frequentar a escola. Ele era o meu último recurso. Acredite em mim, eu não queria ter que vender minha alma ao diabo.

Mas que outra escolha eu tinha?

Levei uma eternidade para aplicar o quilo de maquiagem que eu tinha no meu rosto, para não mencionar tentar encontrar as roupas vulgares nos brechós locais. Comecei a ajudar muito mais no estúdio de dança nestes últimos anos, e Maria, a minha instrutora, foi inflexível em me pagar, agora que eu estava mais velha. Ela não me dava muito, mas era algo. Eu tinha poupado quase tudo, e eu tinha o suficiente para pagar meu primeiro e último mês em um apartamento de merda, a milhas de distância da escola. Eu teria que encontrar uma brecha na política rigorosa de Julliard para os estudantes nos primeiros anos. Não havia nenhuma maneira que eu pudesse ter recursos para viver no campus ou perto dele.

Embora nada disso importasse para mim. Todo o meu trabalho árduo finalmente valeu a pena, e eu fui aceita na escola dos meus sonhos.

Julliard.

Este trabalho poderia definir minha vida. Por mais que eu não quisesse estar sentada aqui em seu escritório, vestida assim, era a minha única escolha. Percebi depois do nosso primeiro e curto encontro que ninguém ia contra Martinez. Por mais que ele pareceu apreciar

minha aparência, ele também gostou da minha língua sarcástica. Não é como se eu pudesse me conter, eu não demonstraria medo a ninguém.

Especialmente a ele.

—Bem, aqui está uma pequena dica para você. —Repliquei, trazendo sua atenção de volta para o meu rosto. —Talvez você devesse aceitar uma daquelas putas e suas ofertas, poderia ajudar você a se livrar dessa sua atitude de merda. Ou elas poderiam ajudar a remover a vara que parece estar permanentemente enfiada na sua bunda. —Eu orgulhosamente afirmei, sorrindo.

Seus olhos estavam vidrados. Foi rápido, mas eu vi. Ele não vacilou, não que eu esperasse isso dele. —Eu concordo com você, mas então, nós dois estaríamos errados.

Eu gargalhei para ele. Eu não pude me segurar. Eu gostava de seu comportamento idiota. Eu o tinha exatamente onde eu queria. Antes de perder a coragem, eu soltei. —Eu preciso de um emprego, Martinez.

Ele não vacilou. Sua expressão não foi afetada. Em branco. Eu não poderia dizer o que ele estava pensando, ou se ele estava pensando realmente. Eu não poderia ler, e isso me deixou mais nervosa do que qualquer coisa. Ele tirou suas pernas da mesa, empurrando a cadeira para trás. O movimento repentino me fez saltar.

Ele nunca tirou seu olhar frio de cima mim. Lentamente, de pé, ele desabotoou o paletó e afrouxou a gravata. Eu nunca conheci alguém que não parecesse ter quaisquer emoções ou sentimentos, quaisquer reações a alguma coisa. Como se ele fosse apenas insensível e separado do mundo.

Ou talvez ele só soubesse como fingir quem ele era. Eu sabia tudo sobre fingir e, por alguma razão, isso me fez sentir melhor. Senti como se pudesse haver alguém aqui fora, como eu, mas não apenas alguém...

Ele.

Limpei a garganta. —Não é agora, geralmente, onde você responde? Você dá a todas as suas putas o tratamento do silêncio? —

Eu ri nervosamente.

Nada.

Eu tirei a carta de aceitação da minha bolsa, colocando-a sobre a mesa na frente dele. Seus olhos foram de mim para o papel por apenas um segundo, como se ele já soubesse o que eu ia lhe mostrar.

—Veja, aqui está a coisa. Eu sou uma bailarina. Eu sou bailarina por toda a minha vida. Eu não me lembro de não dançar. É quem eu sou, está no meu sangue. Para encurtar uma história muito longa, minha mãe está... Quero dizer, ela está... —Eu gaguejei, não querendo compartilhar minha dor com ninguém. Muito menos um completo estranho. Quebrando a nossa ligação, eu olhei ao redor da sala como se as paredes mostrassem o que eu estava tentando dizer. —Eu não tenho ninguém. Ok? —Eu simplesmente disse, esfregando a parte de trás do meu pescoço, em busca de conforto.

—Porque isso é problema meu?

Minha cabeça virou para olhar para ele mais uma vez. Eu fiz uma careta, a minha decepção evidente pela sua resposta. —Eu fui aceita na Julliard. Eu não tenho nenhum dinheiro. Eu não tenho definitivamente o suficiente para pagar os estudos, moradia, alimentação e tudo o que eu vou precisar. Eu só preciso de um emprego. Eu vim para você hoje, porque esse lugar é o melhor clube de strip da cidade. Porra... provavelmente do Estado. Jesus, talvez até do mundo.

—Beijar a minha bunda não vai te dar um emprego. —Ele me olhou de cima a baixo. Seus olhos dilatados. —Você quer ser uma stripper, querida? —Ele desafiou, indo até o sofá de couro do outro lado da sala. Sentou-se, inclinou-se e colocou os cotovelos sobre os joelhos. Seus olhos perfuraram os meus como se ele estivesse vendo meu blefe sem ter que dizer uma palavra.

Havia algo de animalesco sobre a maneira como ele olhava para mim. Quase como um leão antes de atacar a sua presa, me atraindo com seus olhos e seu comportamento cativante. Deixando-me mais nervosa.

E úmida.

—Você pensa que tem isso em você? Hã? Então, tire suas roupas de merda.

Eu balancei minha cabeça. —O que?

—Será que eu falei grego, porra? Tire suas roupas de merda, Lexi. Vamos ver se você tem o que é preciso para ser minha puta. Coloque os seios pequenos para fora, deixe-me ver com que eu estarei trabalhando.

—Eu... Eu... Eu... Eu...

—O que está errado? Não é tão arrogante agora, não é? Isso é o que eu pensava, nada além de uma buceta fodida com um par de mamas agradável. —Ele estreitou os olhos para mim com uma expressão sexy, arrogante que eu queria tirar de seu rosto. —Você sabe onde fica a porta. Não a deixe bater no seu rabo ao sair.

—Eu sei o que você está fazendo. —Eu não me movi uma polegada. Eu não tinha terminado com ele, ainda.

Ele lentamente, propositadamente, assentiu. —É mesmo? —Ele ronronou.

—Você está tentando me intimidar. Você não me assusta, Martinez. —Eu disse, tentando manter minha compostura da melhor maneira que pude.

Eu sabia que ele estava testando meus limites. Provocando-me de propósito, mas esta era uma luta de poder que eu não estava disposta a perder. Havia muito em jogo.

Meu futuro.

Ele deslizou mais no sofá. Suas pernas estavam abertas, preenchendo o espaço que agora parecia menor com ele sentado. Ele estendeu os braços ao lado, apoiando-os no encosto do sofá, inclinando a cabeça para o lado.

Assistindo.

—O piso é todo seu. —Ele fez sinal para eu chegar mais perto. —Por todos os meios, eu pago para ver. Tira para mim, Lexi.

Ele me olhou por alguns segundos ou talvez fossem minutos, o tempo parecia ter parado. Meu coração estava na minha garganta, e meu pulso acelerou a cada respiração. Martinez não piscou um olho. Ele estava calmo, fresco e tranquilo, não mostrando nenhuma emoção. Tão no controle de seu ambiente, de seus atos.

De mim.

Manipulando-me para fazer o que ele queria, sem sequer tentar muito. Eu queria agradá-lo. Eu queria fazê-lo comer suas palavras. Eu queria que ele gostasse de mim.

Este homem era realmente o Diabo.

Quanto mais grave e intensa a situação, melhor ele era em permanecer no controle. Ele prosperava assim, e lá estava eu de bom grado o alimentando. Eu tinha acabado de conhecer o homem, e eu faria qualquer coisa para ele continuar olhando para mim com aqueles olhos verdes pecadores.

Ele olhou através de mim.

Engoli em seco enquanto eu estava apoiada na parte de trás da cadeira. O ar frio fez a minha pele já aquecida despertar. Nossos olhos ficaram conectados o tempo todo, enquanto ele observava cada movimento meu, como se estivesse tentando gravar em sua memória. Agarrando o meu CD de ballet da minha bolsa, eu caminhei de forma constante em direção ao seu som, mesmo que minhas pernas estivessem tremendo. Com as minhas costas agora viradas para ele, eu fechei os olhos por alguns segundos, precisando equilibrar as minhas emoções que estavam querendo assumir o controle. Antes que eu pudesse lhe dar tempo para pensar, coloquei o CD no leitor e apertei o botão de play.

A melodia suave do piano vibrou através dos alto-falantes,

preenchendo o espaço entre nós.

—Isso deve ser interessante. —Ele sarcasticamente afirmou.

Ignorei seu sarcasmo, deixando a música acalmar meu corpo como ela sempre fez. Eu nunca seria capaz de ouvir esta música novamente e não pensar nele. Uma parte de mim pensava que ele queria isso.

Eu pensando nele.

—Eu não tenho todo o dia, porra. Tic Tac, querida.

Eu dei um último suspiro profundo e me virei para ele. Nada tinha mudado nele, e eu não entendia por que esperava que tivesse. Eu afastei meus pensamentos. Eu era uma performer, porra. Eu tinha feito isso toda a minha vida. Isso não era diferente. Apenas menos roupa, mas não muito.

Lentamente, eu avancei a minha perna para o lado, estendendo-me, apertando os dedos no meu salto alto. Acentuando meus músculos tonificados dos anos de formação de ballet. Eu gradualmente me inclinei para frente, sensualmente esfregando as mãos pela minha coxa, para o meu joelho, então para baixo da minha perna, agarrando meu tornozelo. Eu alinhei meu tronco ao longo da minha perna, fazendo o caminho de volta. Sem tirar os olhos libidinosos dele. Minha mão continuou seu ataque até a lateral do meu corpo enquanto eu girava para fugir de seus olhos assustadores.

Olhando por cima do meu ombro, eu trabalhei lentamente meus quadris enquanto minhas mãos foram para minha camisa. Puxei-a pelo meu tronco e sobre a minha cabeça sem esforço. Trazendo o pequeno pedaço de tecido em meu peito, e para o lado, eu o deixei cair aos meus pés.

Eu provocativamente sorri enquanto levantava minha perna ao lado, quase atingindo meu ouvido. Mostrando a ele o quão flexível eu era. Minha saia subiu, encolhendo em meus quadris, revelando a minha ínfima calcinha. Mantendo a minha perna acima, eu girei meu corpo para encará-lo mais uma vez. Lentamente, eu trouxe a minha perna para

baixo, enganchando os polegares na cintura da minha saia, graciosamente baixando-a pelos meus quadris e para os meus pés. Com meu dedo do pé, eu joguei a roupa descartada em direção a ele.

Ele estreitou os olhos escuros e dilatados para mim. Reconheci uma intensidade que eu nunca tinha visto antes. Um brilho nos olhos dele que eu precisava para acabar com toda a tristeza e desespero, todas as coisas que me comiam por dentro. Sua expressão séria me cativou de uma forma que eu nunca tinha experimentado antes. Isso apenas acrescentou tormento às emoções que estavam colocadas no meio de nós.

Fiquei ali exposta ao diabo, em nada, além da minha calcinha e sutiã. Ele se sentou no sofá mais exposto para mim, e ele estava completamente vestido.

A ironia não foi perdida por mim.

Fechei os olhos, precisando me perder na música. Esperando como o inferno que eu fosse sair daqui viva, e eu não estava falando fisicamente. Eu escutei “Any Other Name”, com a intensidade dos instrumentos vibrando através do meu interior, os traduzi em movimentos sexuais Eu incorporei meu ballet. Eu não podia abrir os olhos, com muito medo do que eu veria.

O homem que eu encontraria olhando para mim.

Eu não tive que esperar por muito tempo. Eu o senti antes mesmo que ele me tocasse, sua presença dominante atacando os meus sentidos. O cheiro dele ao meu redor, me oprimindo de maneira que eu nem mesmo poderia começar a descrever. Senti seus dedos fortes, calejados acariciando ao longo de toda a minha coluna, como se ele estivesse tentando me certificar de que era real. Eu odiava ser tocada. Mesmo depois de todos esses anos, eu desprezava.

Embora naquele momento preciso.

Nesse segundo.

Com ele…

Eu queria que ele me tocasse em todos os lugares.

Meu peito subia e descia com cada toque de seus dedos contra a minha pele. Ele estava atrás de mim, movendo o meu cabelo para o lado. Levemente roçando os lábios em minha carne exposta, causando arrepios por todo o meu corpo. Do lado do meu pescoço, meus ombros, despertando um desejo profundo dentro de mim, pela primeira vez na minha vida.

—Você tem alguma ideia do que eu posso fazer com você, Lexi? Como eu poderia fazer você se sentir? Quanto eu poderia fazê-la gozar. —Ele gemeu em meu ouvido, sua voz rouca me deixando saber que eu estava causando um efeito sobre ele.

Por mais que ele estivesse causando em mim.

Puxei o ar enquanto seus dedos acariciavam os lados do meu tronco, e, novamente, ao longo das minhas costas.

—Diga-me. —Ele insistiu, nunca parando o tormento de seus dedos. —Alguma vez você já foi tocada?

Eu gemi em resposta, minhas bochechas ficando um tom claro de vermelho. Eu o senti se mover na minha frente, nunca parando de acariciar a minha pele. Seu polegar roçou em meus lábios, limpando meu batom como se ele quisesse fazer isso desde que eu entrei.

—Onde, Lexi? Onde você quer que eu te toque? —Ele passou os dedos até o meu estômago, deslizando para a borda do meu sutiã. Eu praticamente me desfiz, e ele mal tinha me tocado, ainda. Não do jeito que eu queria que ele me tocasse. Isso era uma tortura agonizante e pura. Outro gemido escapou dos meus lábios apenas pela antecipação do que ele faria a seguir.

—Aqui? —Ele provocou, acariciando meu decote com as pontas dos dedos.

Eu não disse uma palavra. Eu mal podia respirar. Ele puxou para baixo as alças do meu sutiã, e em um movimento rápido, mas súbito, ele estava fora. Meus mamilos endureceram com o ar frio, mas meu corpo

estava queimando por ele. Eu podia sentir seu olhar em cima de mim. O anseio de me tocar tanto quanto eu desejava que ele sentisse cada polegada do meu corpo.

Minha alma.

—Jesus Cristo. —Ele sussurrou.

Eu imediatamente abri os olhos. Nunca imaginando que o homem que olhava para mim ficaria tão destruído. Tão conflituoso, tão triste. Eu fiquei mais encantada com o fato de que eu cheguei a presenciar algum tipo de emoção e sentimento nele.

—Alej...

—Você é tão bonita, cariño. —Ele congelou, seus olhos se arregalaram, totalmente pego de surpresa com o que ele acabou de me chamar.

Cariño.

Ele nem sequer tentou esconder o choque. Estava claro como o dia, consumindo seu rosto. Seu corpo o traiu. A dor e vergonha o engolindo vivo na frente dos meus próprios olhos.

—O que isso significa? O que você...

Ele fez uma careta, seu comportamento mudando rapidamente para o homem que sempre tinha sido. —Sai do meu escritório. —Ele rugiu do nada. —Agora! —Ele agarrou minhas roupas do chão e as jogou para mim.

Estremeci. —Espere, o que? Por quê? —Eu perguntei, confusa com o rumo dos acontecimentos. —O que acabou de acontecer?

—Se vista logo, porra! Você parece uma prostituta maldita!

Eu não pude colocar minhas roupas rápido o suficiente, mal tendo tempo para colocar minha camisa sobre a minha cabeça antes que ele estivesse se aproximando de mim em dois passos, agarrando minha carta de aceitação e o meu braço. Puxando-me para a porta.

—Solte-me! Você está me machucando. Que porra, Martinez?

—Se eu quisesse alguma coisa de você, eu abriria minha maldita calça.

Ele trincou os dentes, me empurrando para fora de seu escritório. Jogando minha carta aos meus pés.

—Por quê? Nós não terminamos de conversar. Por favor! O que acabou de acontecer? Não estou entendendo. Eu pensei... Eu pensei que houvesse alguma coisa aqui. Você sentiu isso, certo? Eu sei que você sentiu isso!

—Eu não contrato meninas que fingem ser mulheres. Eu não transo com elas também. Não perca a porra do meu tempo novamente. Você me entende?

Eu recuei, o golpe de suas palavras quase tão eficaz quanto o seu punho teria sido. Eu podia sentir as lágrimas enchendo meus olhos. Ameaçando vir à tona. Inclinei-me agarrando meus papéis. Eles eram a coisa mais valiosa que eu tinha e ele não dava a mínima por eles.

—Preciso da sua ajuda! Por que você está sendo um babaca comigo? Por que está sendo tão cruel? O que aconteceu com você?

Ele deu uma última olhada para mim com seus olhos mais uma vez sombrios, frios e sem alma, e murmurou. —O Diabo aconteceu.

E com isso, ele bateu a porta na minha cara.

Capítulo 24

Lexi

Saí para o palco escuro, respirando fundo, como eu fazia antes de cada performance. Esse show era diferente, era pessoal, isso era eu.

A dança do *Dying Swan* era o ponto alto na carreira de qualquer bailarina, mas para mim era um sentimento diferente. Seis anos atrás, eu era para ser o cisne branco, mas eu nunca tive a minha chance. Desta vez, eu era ambos. O preto e o branco. Eu estava finalmente em um lugar em minha vida onde eu estava dançando...

Para mim.

Neste momento, eu não estava ansiando para dançar para a minha mãe, querendo fazê-la orgulhosa. Fazê-la ver que havia mais luz em sua vida do que a escuridão. Nada mais disso importava.

Este era o meu encerramento.

Eu era a primeira bailarina de *O Lago dos Cisnes* no Teatro Americano de Ballet em Nova York. Pessoas de todo o mundo pagaram para me ver dançar. Eu tinha vinte e quatro anos de idade, vivendo meu sonho.

O que eu tinha trabalhado tão duro para finalmente realizar.

As luzes do palco acenderam, e a música triste, melodramática começou. Imediatamente me levando para um lugar profundo, escuro e deprimente. Um lugar que eu precisava estar para fazer essa rotina.

O desempenho de uma vida era o que eles chamavam, e eles estavam certos. Não são muitas as bailarinas que tinham essa chance, e por isso, eu seria eternamente grata.

Eu tinha ensaiado dia e noite durante os últimos seis meses, mal parando para comer ou dormir. E mesmo assim, eu ainda estava passando todas as rotinas na minha cabeça. Este ato era a cena final.

Se eu fizesse isso direito, não haveria um olho seco no Metropolitan Opera House lotado. Quase quatro mil pessoas sentiriam as emoções que eu projetaria através dos meus movimentos.

Eu comecei a me mover, flutuando sobre o palco enorme de costas para o público. Meus braços como asas de um cisne, que deslizavam para cima e para baixo enquanto eu ia para o centro do palco. Virando-me ligeiramente para enfrentar a orquestra. Arqueando as costas, meus sapatos de ponta continuaram seu ataque no chão abaixo de mim. A melodia dos instrumentos de corda puxava meu coração, imitando minha própria tristeza, me carregando sem esforço, passo a passo.

Piqué, *arabesque* em um belo *bourrée*. Meu tronco inclinou-se para frente, enquanto meus braços flutuavam nas minhas costas. Repetindo os movimentos uma e outra vez, cada um se tornando mais e mais intenso enquanto a música progredia. Girando em círculos fechados, batendo minhas asas, deixando as luzes fazerem um borrão diante de mim. Os movimentos naturais do meu corpo instintivamente me levando para longe, no único lugar em que eu já tinha sentido conforto.

A música e a dança eram a minha paz.

Elas me faziam sentir inteira.

Eu dancei como se fosse o último show, como se a minha vida, a minha felicidade, o meu mundo dependesse disso. Deslizando fluentemente em torno do palco de um canto ao outro. Girando e girando, saltando através do ar como se eu tivesse sido um cisne em cativeiro durante toda a minha vida.

Finalmente livre.

A rotina era breve demais. Para o grande final, e o desaparecimento do belo cisne, eu me posicionei em uma pirueta com um pouso dramático. Abaixei para ficar de joelhos. Sentando no meu calcanhar com a perna esquerda esticada na minha frente. Baixei a parte superior do corpo para o meu joelho, trazendo minhas asas acima da

minha cabeça.

Caindo lentamente.

A música começou a desvanecer-se enquanto o meu corpo enrolava uma última vez antes de graciosamente morrer.

O palco ficou escuro. Tudo à minha volta era negro. Tudo ficou em silêncio.

Silêncio total.

A cortina caiu, me separando da multidão. Levantei-me, respirando profundamente, me preparando para a minha grande reverência. De pé na quinta posição com os braços em *demi-seconde*.

Esperando.

A cortina levantou. As luzes acenderam. Um efeito dominó irrompeu das fileiras de pessoas, todos se levantando. Aplaudindo, assobiando, torcendo. Olhei para o público, e ver todos os belos rostos manchados de lágrimas quase tirou meu ar.

Pela primeira vez na minha vida.

Eu me senti em casa.

Depois de alguns minutos, eu andei para frente do centro do palco, e fiz um *rond de jambe* em uma reverência. Coloquei minha mão sobre meu coração, e curvei minha cabeça enquanto a cortina descia novamente. O resto dos artistas subiu ao palco atrás de mim. A cortina se levantou uma última vez. A multidão foi à loucura, mais uma vez, e eu amei cada segundo disso. Mesmo que não houvesse mais performances, nada poderia comparar com a minha primeira. Eu não queria que a noite terminasse.

Nós saímos do palco, e eu fui bombardeada pelo pessoal da nossa companhia e os coreógrafos. Seria questão de minutos antes que os convidados felizes fossem para o meu camarim querendo fotos, autógrafos, tudo da estrela, e eu felizmente dava a eles. Eu estava exausta, mas eu não mudaria nada. Meu corpo doía, meus pés

latejavam de dor. Eu não podia esperar para tirar minhas sapatilhas de ponta. Coloquei todos os buquês de rosas sobre a mesa, fechando a porta atrás de mim, precisando de um pouco de privacidade. Um momento para eu respirar.

Sentei-me na minha cadeira estilo diretor, e desamarrei os sapatos. Chutando-os, um por um, os dedos dos pés saborearam a liberdade. Flexionei e girei meus tornozelos duros. De pé, eu tirei o meu tutu, e o coloquei sobre o balcão. Apenas deixando meu collant e meias de dança para ir para casa. Eu olhei no espelho, me preparando para retirar a minha maquiagem endurecida.

—Nikolai. —Eu gritei, alarmada. Colocando minha mão sobre o peito. Olhando para o homem que apareceu no espelho. —Jesus, você me assustou pra caralho.

Ele sorriu, se afastando da parede. —Isso são modos de uma bailarina falar? —Ele beijou meus lábios, me entregando outro enorme buquê de rosas vermelhas.

Eu ri.

Eu estava saindo com Nikolai durante o último ano ou algo assim. Eu realmente não sabia, muito consumida com o trabalho no teatro. Não que isso importasse de qualquer maneira, a relação não ia a lugar nenhum, e nós não estávamos sérios. Ele estava sempre viajando, algo a ver com seu trabalho ou não sei o quê. Pelo menos foi o que ele me disse. Eu não o via por semanas e, em seguida, do nada, ele aparecia. Hoje à noite, era o exemplo perfeito. Ele era um cavalheiro, doce, atencioso e carinhoso. Comprava-me coisas que eu nunca pedi, me levava a lugares extravagantes que eu não pisaria sem ele.

Ele era como meu próprio príncipe encantado.

—Que tal voltarmos para o seu apartamento? E você, me deixar esfregar seus músculos doloridos. —Ele beijou ao longo do meu pescoço, para baixo e para o topo dos meus ombros expostos. Olhando para mim através do espelho.

Eu sorri. —Oh, sim?

Nós não tínhamos feito nada mais que beijar. Ele era muito paciente comigo. Eu ainda detestava ser tocada. Beijar era até mesmo muito para mim, às vezes. O único homem que eu já...

Não importava.

Eu não tinha visto Martinez desde que ele me expulsou de seu escritório todos esses anos atrás. Eu gostaria de poder dizer que eu parei de pensar nele. Eu gostaria de poder dizer que eu o odiava. Eu gostaria de poder dizer um monte de coisas. Era como se ele tivesse colocado um feitiço em mim. Gravado a si mesmo na minha cabeça, me fazendo pensar sobre ele frequentemente. Especialmente quando eu estava sozinha. Era difícil não deixar minha mente vagar, mas sempre que isso acontecia ia para ele. Quando um homem tinha um efeito sobre você como ele tinha sobre mim, você não pode deixar de se perguntar...

Por quê?

Nikolai sempre respeitou meus limites. Eu sabia que ele queria mais, é claro que ele queria, mas eu não estava pronta. Para ser honesta, eu não sei se alguma vez estaria. Pensei algumas vezes em ver um terapeuta, embora apenas o pensamento de falar com um completo estranho me deixava desconfortável. Talvez tenha sido porque eu não tinha encontrado outro homem como Martinez, outro homem que tenha me incendiado como ele. Talvez eu tivesse problemas com pais ou problemas de abandono... o que quer que fosse, eu acho que eu não me importava. Eu não estava procurando por respostas, porque no fundo eu sabia que outro homem como ele não existia.

—Vamos, boneca, me deixe levá-la para casa. —Ele pegou minha bolsa e mão antes que eu pudesse responder, abrindo o caminho para a porta.

Ele passou a maior parte do trajeto de volta para a minha casa ao telefone na sua limusine. Falando em russo para alguém na outra extremidade, me ignorando completamente. Eu não me importava, no entanto, eu só olhava pela janela matizada enquanto as luzes de Manhattan passavam em um borrão. Sentar em sua limusine sempre me fez lembrar de Martinez. Eu quase esperava vê-lo se eu virasse minha

cabeça.

Enquanto crescia, eu não achava que ter um motorista ou uma limusine seria tão comum quanto parecia ser. Eu nunca tinha estado em uma limusine até Nikolai aparecer. Eu o conheci no Café perto do meu apartamento. Eu não tinha dinheiro suficiente para o meu café, e ele veio e pagou ao atendente.

Nós tínhamos conversado desde então.

Eu continuei a assistir as luzes da cidade passarem, à espera de Nikolai encerrar a conversa enquanto estávamos a poucos quarteirões do meu apartamento. Era perto da NYU, em um dos edifícios mais caros e elegantes de toda a Manhattan. Fui morar depois que eu aceitei a oferta para participar da Juilliard no segundo semestre. A administração da escola não se importou com o fato de que eu estava violando a política de habitação, por viver fora do campus. Eu achei estranho, mas eu não iria questionar isso. Eu tinha vivido lá desde então. Olhando para trás, eu ainda me lembrava de como eu entrei em pânico, correndo pela cidade naquela semana, tentando que qualquer clube de strip me contratasse, depois que Martinez praticamente me disse para ir me foder. Nenhum deles me deu uma chance. Comecei a ficar paranoica, achando que sabiam quem eu era antes mesmo que entrasse pela porta.

Sorri para o pensamento.

Lembrei-me de sair do último estabelecimento, depois de ser rejeitada novamente. Sentei-me no meio-fio da calçada e me desfiz, não tendo ideia do que eu faria. Depois de alguns segundos me humilhando em público, e de receber olhares estranhos, me levantei, limpei a parte de trás das minhas pernas, e comecei a caminhar em direção a um caixa eletrônico mais próximo para tirar dinheiro da minha conta. Eu precisava tomar o ônibus das seis horas de volta para a casa dos meus pais adotivos. Naquela manhã, eles me informaram que eu precisava encontrar meu próprio lugar já que eu tinha feito dezoito anos, e eu tinha completado o ensino médio.

O que significa que eles não teriam ajuda do Estado por mais tempo para cuidar de mim, então eles me queriam fora. Eu não servia

mais para eles. Eu balancei minha cabeça enquanto digitava meu código, verificando meu saldo antes de fazer uma retirada. O saldo piscou na tela, quase batendo na minha bunda com o que vi. Eu juro que eu estava prestes a desmaiar.

—Isso não pode estar certo. —Eu disse a mim mesma, olhando para o quarto de milhão de dólares na tela. Eu imediatamente olhei ao meu redor, pensando que alguém estava me pregando uma peça. —Isso não é meu. Tem que haver algum engano.

Cancelei a transação, peguei meu cartão, deslizei no meu bolso de trás, e entrei no banco. Sentei-me, esperando no sofá de couro branco pela senhora mais velha, sentada atrás da mesa terminar o que estava fazendo. Minhas pernas tremiam, prevendo o que eles me diriam.

—No que posso ajudá-la, senhorita...

—Lexi.

Ela assentiu com a cabeça. —Lexi, no que posso ajudá-la?

—Eu acho que... não, eu sei que houve algum tipo de erro. Eu fui tirar dinheiro da minha conta, e há muito dinheiro lá.

—Eu não estou entendendo.

Eu ri nervosamente. —Eu tinha apenas dois mil em minha conta ontem. Eu acabei de olhar, e há muito mais que isso.

—Humm... vamos dar uma olhada. — Colocando os óculos no rosto, ela olhou para o papel onde escrevi o número da conta. Ela começou a digitar um monte de números em seu teclado na frente dela. —O dinheiro foi depositado nesta manhã, querida. Parece que veio de uma conta no exterior.

—Uma conta no exterior? Eu não conheço ninguém no exterior. Ouça, tem que ter algum tipo de erro aqui. Eu não quero esse carma, eu já tenho uma nuvem negra me seguindo hoje, minha senhora. Tenho certeza que alguém está em pânico agora, perguntando onde diabos seu dinheiro está.

—A conta não pode ser rastreada, Lexi. Mas é definitivamente seu dinheiro. Eu tenho toda a prova bem aqui. —Ela virou a tela para que eu pudesse ver o que ela estava falando.

—Oh meu Deus. —Eu suspirei, percebendo que ela estava certa.

Ela riu. —Parece que você tem um anjo da guarda, querida. —Eu fiz uma retirada, agradeci a ajuda e saí.

Eu chamei um táxi e fui direto para a minha escola. Eu entrei no escritório de apoio financeiro e imediatamente paguei toda a minha taxa de matrícula. Dentro dos próximos dois dias, eu paguei todos os meus empréstimos também. A busca de um apartamento quando você tem dinheiro é muito mais fácil e divertido. Um corretor de imóveis agendou algumas visitas, e eu encontrei um dos apartamentos mais luxuosos totalmente equipados que o dinheiro podia comprar. A mudança foi tranquila, eu só tinha uma mala de roupas e mais algumas coisas. Eu não tinha falado com meus pais adotivos desde o dia em que saí. Eu podia finalmente respirar, e eu nem sabia a quem agradecer pela fortuna. Eles dizem que o dinheiro não compra felicidade, mas com certeza como a merda, compra conforto.

—No que você está pensando? — Nikolai questionou enquanto fechava a porta do apartamento atrás dele e se inclinava contra ela.

—Hã? —Eu perguntei enquanto colocava minhas chaves e telefone na mesa do hall de entrada.

—Você parecia perdida em seus pensamentos durante toda a noite. —Ele tirou o paletó, jogando-o sobre o encosto do sofá. Tirando a gravata, ele desfilou para mim com um olhar predatório. Um olhar que eu nunca tinha visto nele.

—Oh. —Eu sussurrei, sem saber o que dizer.

Ele agarrou meu queixo, inclinando meu rosto para onde ele queria.

—Você tem alguma ideia do que você faz comigo? Quanto eu penso em você?

Eu timidamente sorri, olhando em seus olhos.

—Está malha colante acentua todas as suas sutis curvas. — A outra mão dele afastou as abas do meu casaco, deslizando os dedos até a frente do meu corpo.

Meu estômago instantaneamente caiu, em vez de vibrar. Uma inquietante sensação percorreu todo o meu núcleo, mas eu o deixei continuar. Precisando me fazer passar pelo desconforto. Eu só queria ser normal com um homem, que tinha sido nada, além de bom para mim.

Ele soltou meu queixo. Andando em volta de mim, olhando para o meu corpo com o mesmo olhar predatório. Só parando quando ele estava atrás de mim. Ele tirou meu casaco, o jogando ao lado do seu no sofá. Seus olhos me olharam de cima a baixo, inclinando a cabeça para obter uma visão melhor.

Trazendo os lábios na minha orelha, ele sussurrou. —Seu corpo é pecaminoso. Foi tudo no que eu fiquei pensando quando vi você dançar esta noite, Lexi. Custou toda a minha força de vontade para não enfiar as mãos em minha calça e massagear meu pau ali mesmo.

Meus olhos se arregalaram, minha respiração sumiu. Ele nunca falou comigo desse jeito antes. Tudo sobre ele neste momento era tão estranho para mim. Era como se eu estivesse com outro homem, não o mesmo com o qual eu tinha passado um tempo no ano passado.

—Eu não conseguia tirar os olhos de você. Ninguém podia. Meu pau está duro agora apenas de olhar para você.

—Nikolai, eu...

—Shhh... Deixe-me cuidar de você. —Ele murmurou contra os meus lábios. Empurrando-me para baixo no sofá, prontamente colocou seu corpo musculoso em cima do meu. Beijando-me.

No início, foi suave, como se ele estivesse testando meus limites, deixando meus lábios entreabertos como um convite para ele deslizar lentamente a língua na minha boca. Ele tinha gosto de uísque e outra coisa que eu não conseguia dizer. Eu estava tão confusa e oprimida,

tudo de uma vez, mas eu não lhe disse para parar. Ele aprofundou o nosso beijo, segurando firmemente a parte de trás do meu pescoço. Enroscando sua língua com a minha em uma urgência que eu nunca tinha experimentado antes. Mostrando-me que ele estava esperando por esse momento por um longo tempo.

Quando ele separou minhas pernas com as suas, ele colocou seu pau duro bem em cima do meu calor. Estremeci. Sua mão deslizou para baixo do meu pescoço para o lado do meu peito, deixando um rastro de desgosto em seu caminho. Ele gemeu alto e forte de dentro de seu peito, interpretando o meu tremor como algo que não era. Fechei os olhos, tentando desesperadamente bloquear as memórias do meu padrasto.

Seu toque.

Seu perfume.

Seus sons.

Eu coloquei minhas mãos em seu peito, mas novamente não o impedi. Pensando que talvez se eu o sentisse, eu perceberia que não era meu padrasto, que eu não estava com ele. E sim com o homem no qual eu deveria estar interessada, com o qual eu deveria querer fazer essas coisas. Intimidade sempre foi difícil para mim. Foi por isso que eu nunca namorei.

Eu não podia.

Puxando para baixo a frente do meu collant, ele amassou meu peito. Eu fui com ele, mesmo que minha mente estivesse gritando para ele parar. Gritando para que ele desse o fora de cima de mim.

—Jesus, Lexi, você é incrível. —Ele murmurou perto da minha orelha, fazendo meu estômago embrulhar. Lutei contra a bile que começou a subir até a parte de trás da minha garganta.

Deixei que ele achasse que isso aconteceria.

Deixei que ele me tocasse como ele nunca fez antes.

Eu o deixei sentir como se eu fosse sua.

Quando, na realidade, eu estava sufocando para empurrá-lo de cima de mim. Outro pequeno pedaço de mim morrendo por dentro. Parecia que quanto mais tempo passava, mais eu o deixava ter sua chance comigo, não dizendo nada sobre isso.

Eu tentei.

Ele se tornou mais agressivo, mais exigente, mais consumidor. Moendo seu pau duro contra mim. Quando sua mão moveu-se em direção a minha buceta, e sua boca retirou-se em direção ao meu mamilo, eu não podia mais fazer isso.

Era demais.

Memórias inundaram minha mente, uma após a outra. Passando como num projetor de filme antigo acima de mim. Eu não poderia impedir que elas aparecessem, uma cena e então a próxima. Elas eram cruéis e implacáveis —Merda. —Eu choraminguei, inclinando meu rosto para longe do seu. Com força o empurrei de cima de mim. Eu não poderia ficar longe dele rápido o suficiente.

Ele cambaleou para trás, apoiando-se na mesa de café.

—Sinto muito, Nikolai. Eu realmente sinto muito, mas não posso fazer isso. —Eu levantei minha malha de volta, enfiando meus seios de forma segura por trás do material de algodão fino.

Ele olhou para mim, com o peito arfando, suas narinas dilatadas. —Você quer transar com ele? É disso que se trata? Ou você já trepou com ele? Porque, você com certeza não quer foder comigo. —Ele rosnou.

—Do que você está falando? Que... o que... —Eu perguntei, chocada. Não sendo capaz de conectar meus pensamentos.

—Eu vejo a maneira como ele olha para você. Eu vejo a maneira como você olha para ele, também. Você não esconde isso muito bem.

Eu balancei a cabeça, confusa. —De quem diabos você está falando?

—O seu parceiro de dança. O maricas maldito em quem você toca como se você fosse dele. — Ele andou para trás e para frente na minha frente, puxando seu cabelo.

—Está falando sério? Nós estávamos atuando. Nós dançamos juntos, é parte do nosso trabalho.

—Você é MINHA! —Ele rugiu, as veias pulsando em seu pescoço. Fazendo-me encolher para longe dele. —Você acha que eu sou um idiota, não é? Depois de tudo que eu fiz para você. Esperando como um cachorrinho perdido. Você não passa de uma provocadora de pau, porra, Lexi.

—Eu não sou de ninguém, especialmente sua. Agora dê o fora do meu apartamento! —Eu gritei, apontando para a porta. As lágrimas começaram a vir à tona, e meu corpo começou a tremer. Minha adrenalina estava em alta velocidade.

—Oh não, boneca. Eu não vou a lugar nenhum e nem você. —Ele avançou para mim, me pegando completamente desprevenida. Empurrando-me contra a parede adjacente, minhas costas e cabeça bateram com um baque forte enquanto ele me enjaulava com os braços. Minha visão instantaneamente ficou nublada, não vendo nada, além de pontos.

Por uma fração de segundo, eu pensei que isso era uma piada. Deus não poderia ser tão cruel. Ele nunca me faria passar por isso novamente. Meu coração doeu imediatamente, e eu instintivamente gritei, tentando lutar contra ele. Batendo meus punhos contra seu peito duro. Ele riu contra o meu rosto, pressionando seu corpo e pau mais perto de mim.

—Grite! Você só está me deixando mais duro.

—Alguém me ajude! Alguém me ajude! —Gritei, lutando mais contra ele.

—As paredes são a prova de som, Lexi. —Ele murmurou em um tom ameaçador que fez o meu corpo estremecer.

—O quê? —Eu zombei, batendo pateticamente em seu corpo, tentando empurrá-lo para longe de mim.

Ele me segurou mais perto. Perto o suficiente para eu poder dar uma joelhada em suas bolas. Minha perna surgiu entre as dele, e conectou com seu pau. Ele curvou-se e eu pensei que poderia correr, mas o tiro saiu pela culatra, em mim. Ele foi capaz de me envolver ainda mais.

Ele riu.

O filho da mãe riu.

Ele se levantou, limpando a garganta. Encarando-me nos olhos. —Você vai pagar por isso, puta. — Antes mesmo de que visse acontecer, ele levantou a mão e me bateu no rosto tão forte que eu senti o gosto de sangue instantaneamente.

Ele não desistiu, bateu-me na cara mais algumas vezes. Eu mal conseguia segurar meu próprio peso. A sala ficou fora de foco quando ele me deu um soco no estômago repetidamente, até que eu caí no chão. Hiperventilei pelo ar que não estava disponível para tomar. Ele me chutou nas costelas, me fazendo cair de costas. Encolhendo-me, tentei me enrolar em posição fetal para me proteger. Tudo o que eu podia ver era vermelho escorrendo nos meus olhos.

Ele caiu de joelhos diante de mim, e me agarrou pelos cabelos. Vigorosamente me fazendo olhar para ele. Uma dor excruciante irradiou por todo meu corpo.

—Esta é a forma como isso vai acontecer. —Ele puxou uma faca do bolso. Eu não tive tempo para contemplar o que tinha acontecido antes que ele me arrastasse pelos cabelos até o sofá. —Eu vou arrancar suas roupas. —Ele zombou, deslizando a faca sem esforço para baixo na frente do meu collant e o elástico da minha meia de dança. Ele rasgou minhas roupas, me deixando apenas com meu sutiã e calcinha. Liberando o meu cabelo, ele me empurrou de volta ao chão, como se eu não pesasse nada.

—E então... Eu vou retirar meu pau. —Ele soltou o cinto, retirando

seu pau da calça. —Agora, eu vou te foder com ele. Com ou sem o seu consentimento, porra, sua provocadora de pau fodida.

Ele me abordou no chão, agarrando o cabelo do topo da minha cabeça desta vez, batendo no chão de madeira. Dor irradiava por todo meu corpo enquanto eu engasgava com a perda súbita do ar, tirado de mim com todo o seu peso descansando em meu corpo abatido. Minha visão ficou preta de novo, me forçando a piscar a visão das manchas brancas.

—Não desmaie. Não vai ser tão divertido se você desmaiar. Mas confie em mim, isso não vai me parar.

Eu o senti arrancar minha calcinha, me expondo. Respirando ao lado do meu pescoço, ele disse. —Eu nunca estive com uma virgem. Obrigado por isso. —Seu pau cutucou em minha entrada.

Antes que eu pudesse gritar, ou lutar, a porta do meu apartamento se abriu. Quebrando o drywall por trás dela.

—Que porra é essa? —Nikolai rugiu, imediatamente girando e bloqueando minha visão.

Fechei os olhos, deslizando na escuridão. Um som de estalo ricocheteou nas paredes, me fazendo assustar. Um calor repentino pulverizou meu rosto, meu pescoço, meu peito, e o corpo de Nikolai desabou sobre mim. Todos os noventa quilos dele caíram frouxos em cima da minha pequena estrutura. Se eu achasse que eu não conseguia respirar antes, isto provou que estava errada.

O peso repentino de seu corpo foi tirado de cima de mim como se ele não pesasse nada.

—Pare de gritar, porra. —Alguém rosnou perto do meu ouvido. Eu mal podia ouvir.

Eu estava gritando?

Limparam meu rosto, limpando o sangue dos meus olhos para que eu pudesse ver.

—Pare de lutar contra mim, porra. —O homem misterioso zombou novamente.

Eu estava lutando?

Agarraram meu braço, me puxando para cima para ficar de pernas bambas. Eu imediatamente caí em uma estrutura musculosa sólida. Seus braços estavam em volta de mim, me segurando perto, certificando-se de que eu não fosse cair. Seu perfume imediatamente agrediu meus sentidos.

Eu conheceria esse cheiro em qualquer lugar.

Para sempre enraizado na minha mente.

—Se você sabe o que é bom para você, pare de gritar e pare de lutar contra mim.

O que?

Meus olhos se abriram, ainda mal capazes de ver através da névoa de sangue e Deus sabe mais o quê. Olhei para cima através dos meus cílios, para os olhos verdes escuros, frios, sem alma me encarando.

Por alguma razão, eu me ouvi gritar mais ainda. Tudo aconteceu tão rápido que eu não tive tempo para registrar o que ocorreu em seguida. Tudo o que vi foi sua arma levantada acima de sua cabeça.

—Eu avisei, *cariño*.

Com força bruta pura, a arma veio abaixo, me batendo na parte de trás do pescoço.

E então tudo ficou escuro.

PARTE 3

Capítulo 25

Lexi

Senti os lençóis macios e quentes debaixo de mim antes mesmo de abrir meus olhos. Meu corpo sentia estar sobre um colchão. A sensação de flutuar corria através de mim. Minha mente estava tão leve como uma pena, mesmo que meu corpo se sentisse tão pesado como um tijolo, afundando mais e mais nos lençóis de linho. Meus olhos se abriram, ou talvez eles ainda estivessem fechados, e o quarto em que eu estive aparentemente desmaiada, estava escuro como breu. Eu não podia ver uma polegada na minha frente.

Isso realmente me trouxe conforto.

Eu estava acostumada com a escuridão. Eu vivi nela toda a minha vida.

—Você acordou. —Uma voz masculina profunda me assustou.

Quanto tempo ele esteve lá?

Eu não disse uma palavra ou fiz um som, eu não tinha sequer me movido. Eu não conseguia entender como ele sabia que eu estava acordada. Eu mal percebi que eu estava acordada. Meus olhos se fecharam novamente.

Por que eu estava tão extremamente cansada?

Antes que eu pudesse terminar esse pensamento, eventos perturbadores da noite desabaram sobre mim. O que era para ser uma das noites mais memoráveis da minha vida se transformou em um dos encontros mais traumáticos. Somando-se à pilha interminável de besteiras que deram errado na minha vida.

Eu tentei sentar, mas meu corpo se recusou a cooperar. Eu afundei de volta no colchão, choramingando de dor, incapaz de me mover do lugar em que fui posta. Antes que eu pudesse piscar, eu senti

um aperto sólido e forte agarrar meu braço, me ajudando a sentar. Eu não tinha sequer ouvido ele se mover, era como se ele tivesse flutuado pelo ar ou algo assim. Seu toque inesperado me fez estremecer. Eu sempre temia a sensação das pessoas me tocando, mas neste momento, parecia ainda pior.

Ele não falou comigo, mas também não removeu suas mãos. Em vez disso, ele me apoiou contra a cabeceira da cama. A mistura de seu aroma almiscarado e colônia masculina me cercaram, penetrando meus poros. Consumindo-me enquanto ele pairava sobre o meu corpo maltratado. Descansando minha cabeça para trás, eu respirei fundo, inalando o cheiro doloroso que me perseguiu durante anos. Martinez. Isso me fez sentir tonta, mas completa simultaneamente. Eu relaxei em seus braços, ignorando a dor aguda que acompanhou o meu movimento. Sua presença trouxe uma sensação de calma e segurança em cima de mim. Ninguém jamais teve esse efeito em mim antes. Meu corpo em sincronia com as minhas emoções, derreteram em seu toque ainda mais.

De repente, ele ficou tenso por um segundo, surpreso com a mudança inesperada na minha compostura.

—Feche os olhos. —Ele ordenou em um tom que não reconheci, me fazendo pensar que eu tinha algum efeito sobre ele também.

Eu estava prestes a perguntar por que, quando as mãos dele desapareceram. Tudo que eu ouvi foi o som de um interruptor de luz clicando sobre a mesa de cabeceira. A luz imediatamente me cegou iluminando o quarto, emitindo uma dor aguda na minha cabeça, que irradiava na parte de trás dos meus olhos. De repente, eu entendi por que ele me disse para fechar os olhos. Pisquei para longe a nuvem de desconforto, o encontrando sentado na poltrona a alguns pés de distância. Ele apenas ficou lá, como se ele nunca tivesse se movido.

Acabei de imaginá-lo tão perto de mim?

Eu o vi olhando para mim da mesma maneira que ele sempre fez. Era como se o tempo não tivesse passado entre nós. Ele estava sentado na poltrona com uma perna colocada sobre seu joelho, e seus dedos roçando seus lábios. Ele parecia exatamente o mesmo, como se ele não

tivesse envelhecido um dia nos últimos cinco anos. Só que agora, ele parecia cansado, exausto mesmo. Parecendo que ele não dormia há dias. Eu não pude deixar de me perguntar se era por ficar comigo, olhando por mim, me protegendo...

Ou se era apenas por causa da vida que levava.

Eu escolhi acreditar no primeiro.

O cabelo preto tinha caído em volta do seu rosto, o enquadrando perfeitamente como uma vez eu imaginei que seria. Eu imediatamente o imaginei passando as mãos por ele durante toda a noite, inquieto, preocupado, esperando eu acordar. Ele estava tão bonito como sempre. Melhor do que eu me lembrava dele.

Ele estava usando uma barba mais espessa do que na última vez em que o vi, o fazendo parecer mais distinto, resistente e perigoso. Não que ele precisasse de ajuda para ser o último. Seus olhos verdes brilhantes pareciam serenos, mas ainda vazios de qualquer emoção. Eles estavam ocos, sem nenhum sentimento derramando deles. Sua expressão era vaga e implacável. Eu nunca quis tanto saber o que ele estava pensando, mais do que eu quis naquele segundo. O homem era uma tela em branco, como sempre, de forma calma e serena, naturalmente em sintonia com tudo a sua volta.

Tão. Ele.

Ele usava calça preta com uma camisa preta de botão. Os primeiros botões estavam abertos, mostrando seu grande peito musculoso, e o que parecia ser uma corrente de prata pendurada em seu pescoço. Parecia que ele estava tentando esconder debaixo do colarinho de sua camisa, tornando quase impossível ver o que era. Eu me encontrei querendo desesperadamente saber. Meus olhos instintivamente foram para o braço, admirando o quão bronzeada sua pele era. As mangas arregaçadas expunham uma pulseira de contas pretas em torno de seu pulso direito.

Outra peça do quebra-cabeça deste homem.

Meu coração batia forte contra o meu peito, minha mente

cambaleando com pensamentos do por que eu estava aqui, e o que ele faria comigo.

Ele era um dos mocinhos, certo?

Eu queria olhar ao redor da sala, mas eu não conseguia olhar para longe dele. Nossos olhares se encontraram, as emoções correndo selvagemente. Nem um de nós querendo quebrar à conexão intensa que compartilhávamos. Toda fibra do meu ser gritava para eu perguntar a ele o que eu queria saber. Eu sabia que não receberia nenhuma resposta, mas não me impediu de querer perguntar.

Eu abri minha boca para dizer algo, qualquer coisa, quando fui interceptada. Lendo minha mente, ele afirmou. —Você quer respostas.

Hesitante, assenti com a cabeça, não sendo capaz de encontrar a minha voz. As emoções mexendo dentro de mim estavam me aleijando, de maneira que eu nunca pensei ser possível. A angústia consumia meu corpo e mente. Uma dor que ressoava na minha alma, produzindo apenas uma possível ilusão fabricada do que eu ainda sentia que ocorria entre nós. Ele ainda parecia tão real para mim.

Como se ele me quisesse lá.

Como se ele me quisesse lá por um longo tempo.

—Como você sabia o que estava acontecendo no meu apartamento? —Eu soltei, empurrando os sentimentos que estavam tomando controle de mim. Precisando compreender o que ele estava prestes a divulgar. Esperando que ele realmente falasse.

Ele estreitou os olhos, mais uma vez olhando para mim com um desejo familiar. O desejo com o qual eu tinha sonhado desde a última vez em que ele me tocou. Eu sonhei com ele quase todas as noites durante os últimos cinco anos. Sentado na poltrona ao lado da cama, me observando dormir. Houve momentos em que eu acordei no meio da noite, e eu juro que o senti ali comigo. Guardando-me, como um anjo negro tentando manter os pesadelos longe.

—Por favor, Martinez... —Eu implorei indo contra tudo o que eu

acreditava.

Ele limpou a garganta, e se sentou em sua cadeira, procurando em meu rosto pelo que eu não sei. Olhando-me de cima a baixo, contemplando se ele me diria a verdade ou não. Nunca em meus sonhos mais loucos eu esperava que ele fosse responder.

Ele deixou escapar. —Você mora no meu prédio. Os meus homens sempre mantiveram um olho em você.

Martinez

Lexi não estava com medo da minha presença, e isso me incomodou de uma maneira que eu não podia começar a descrever. Foi uma sensação tão estranha, que eu me recusei a aceitar.

Ela recuou. Chocada com a verdade que eu acabei de revelar, a vigiei, sem ela saber, durante quatro anos. —Por quê? —Ela deixou escapar, antes que perdesse a coragem de me questionar ainda mais.

Eu continuei a esfregar meu polegar ao longo dos meus lábios, a observando sem ela perceber que eu estava fazendo isso. Seu cabelo castanho escuro estava ainda maior, fluindo em todo o rosto e para baixo nos lados de seu corpo. Ela estava mais magra do que a última vez em que a vi, o que me desagradou. Fazendo-me pensar que ela não estava se cuidando corretamente. Sua pele estava pálida, os lábios carnudos secos de desidratação. Seus geralmente brilhantes olhos verdes estavam solenes. Querendo saber a verdade.

Querendo saber tudo.

Especialmente sobre mim.

Mesmo com um rosto desfigurado, ela ainda parecia bonita. Sua aparência era de tirar o fôlego sob as luzes ofuscantes da sala. Eu passei as últimas vinte horas, sentado nesta cadeira maldita, esperando ela acordar. Resistindo ao impulso de me deitar com ela, puxá-la em meus braços, e mantê-la segura. Eu odiava afagos. Mas com ela seria diferente.

Eu sabia que tudo seria diferente.

Eu também gostaria de poder reviver o filho da puta do Nikolai, apenas para matá-lo novamente. Lentamente torturar o pedaço de merda desta vez, até que ele me implorasse por misericórdia.

O pensamento me acalmou.

Eu tinha levado seu corpo machucado para a minha limusine, imediatamente chamado o médico que tinha na minha folha de pagamento. Certifiquei-me de que ele estivesse esperando por nós no segundo em que entrássemos pela porta do meu apartamento. Deitei sua cabeça no meu colo na limusine, ordenando ao meu motorista para comprar lenços umedecidos no posto de gasolina perto do meu prédio. Estava impaciente, esperando ele trazê-los de volta. Porra, eu odiava ver os restos de sangue e do cérebro de Nikolai em sua pele cremosa. Manchando sua carne perfeita.

Fechei a repartição para nos dar um pouco de privacidade, ninguém tinha permissão para vê-la nua, além de mim e o médico. Gentilmente limpei o sangue seco de seu rosto e corpo, verificando as contusões e feridas no seu rosto bonito. Eu cuidadosamente cortei seu sutiã esportivo com a minha faca, expondo seus seios, precisando ver o dano que o filho da puta tinha causado nas suas costelas. Suavemente, limpei os lados de seu estômago e o topo da sua cintura. Limpei-a o melhor que pude, dadas às circunstâncias de merda em que estávamos.

Eu nunca quis machucá-la fisicamente. Doeu-me ter que atingi-la, mas eu não tinha escolha. Ela não parava de gritar e lutar contra mim, e

estávamos a segundos longe dos homens de Nikolai. Sua histeria podia ser ouvida por todo o edifício, facilmente dando a nossa localização. Nós não teríamos saído dessa vivos. Então eu fiz o que tinha que fazer, salvando ambos os nossos traseiros.

Sem pensar duas vezes sobre isso, tirei meu paletó, desabotoei a camisa, e coloquei em cima dela. Ela se afogou na mesma. Eu peguei o meu paletó, e coloquei-o sobre ela, para fornecer calor extra. Ignorando o fato de que eu gostava de vê-la em minhas roupas.

Pensamentos sombrios apareceram na parte de trás da minha mente.

Trinta minutos mais tarde estávamos de volta ao meu apartamento. Levei-a ao elevador, e ela não se mexeu nenhuma vez. Eu tentei não deixar que a minha preocupação por me dominasse, dizendo a mim mesmo que ela ficaria bem. Ela estava apenas exausta e sobrecarregada pelos acontecimentos traumáticos da noite. Dr. Valdez a verificou completamente, certificando-se de que ela não tivesse nenhum osso quebrado ou quaisquer lesões internas graves.

Ela não tinha.

Ela estaria dolorida pelos próximos dias, mas tudo desapareceria com o tempo e descanso.

Exceto, suas memórias. Aquelas eram agora uma parte dela para sempre.

Dr. Valdez injetou nela um analgésico forte e um sedativo para mantê-la confortável. Deixou um frasco de remédio para dor na mesa de cabeceira, para que ela tomasse se necessário. Ele me informou que ela dormiria durante as próximas horas ou mais, e acordaria quando ela estivesse pronta. Eu não saí do seu lado nem uma porra de segundo.

Uma vez que ele se foi, eu a lavei na banheira, me certificando de segurar a cabeça para cima o tempo todo. Passei água morna e sabão sobre cada polegada de seu corpo maltratado. Tentei limpar os restos do crânio do filho da puta de seu cabelo. Quando terminei, eu levantei-a em meus braços, gentilmente secando-a, e a coloquei de volta na cama.

Vesti-a com algumas roupas que eu pedi a um dos meus homens para recolher de seu apartamento, junto com outros itens essenciais que ela poderia querer ou precisar, enquanto ela se recuperava.

—Você só vai se sentar aí e não me dizer nada? —Ela apontou a mão para mim.

Ela ainda não tinha percebido que ela estava limpa e com sua própria roupa. Tudo feito pelo homem sentado à sua frente.

Eu.

—Eu lhe fiz uma pergunta, Alejandro, eu esperava uma resposta. —Ela ordenou, me tirando dos meus pensamentos. Apreciando a forma como o meu nome saiu de sua língua.

Ela nunca me chamou assim antes.

Eu sorri de lado, não permitindo que ela visse o quão divertido eu realmente estava por sua boca atrevida.

—Como é que eu não sabia que era seu prédio? E por que seus homens estavam me vigiando? —Ela repetiu, elaborando a mesma pergunta. Sacudindo a cabeça, à espera de ouvir a minha explicação. Ela era uma coisinha pequena e resoluta quando ela não conseguia o que queria, isso estava claro.

—Você precisa descansar um pouco. —Eu simplesmente declarei, tentando firmemente abafar meu riso.

Ela suspirou, irritada. —Isso é besteira. Você entra em meu apartamento, bate em mim e me deixa inconsciente. Agora, eu estou em um quarto com você, com.... —Seus braços se abrem enquanto ela olha para seu corpo, percebendo que o sangue tinha ido embora, e ela estava limpa. Ela inclinou a cabeça para o lado, olhando para mim. Passando os dedos pelos cabelos lavados. —Você me despiu? Como você fez isso? De onde é que as minhas roupas vieram? Oh meu Deus, você me viu nua, não é? —Ela não podia fazer as perguntas saírem rápido o suficiente. —Que diabos? —Ela rosnou frustrada.

Eu não vacilei. —Sim. Meus homens recolheram alguns dos seus pertences em seu apartamento, junto com outras coisas que você pode precisar. —Eu me inclinei para trás na minha cadeira, movendo minha mão para que ela pudesse ver a minha expressão. —E não é nada que eu não tenha visto antes, querida. —Eu sorri.

Ela arregalou os olhos em descrença, sua mente girando fora de controle. Não sabendo o que ela queria me perguntar primeiro. Não fiquei surpreso quando ela deixou escapar. —Você vai me machucar? —A menina não tinha filtro, porra.

Eu balancei a cabeça, tentando esconder a diversão que ela sempre me proporcionou.

—Quanto tempo você esteve lá? Você deixou Nikolai me machucar?

—*Você*... —Eu declarei num tom rouco. —Deixou aquele pedaço de merda te machucar. Eu atirei na cabeça do caralho... por você.

A compreensão da minha declaração causou mais tumulto nela. Ela olhou ao redor da sala, evitando meus olhos. Suas emoções vencendo, e pela segunda vez em não sei quanto tempo, eu resisti à vontade de abraçar e confortar alguém.

A ela.

—Eu quero ir para casa. —Ela sussurrou tão baixo, e eu sabia que ela não queria dizer isso.

—Você não estará segura lá. Você precisa estar aqui.

Ela franziu a testa, as lágrimas reunindo em seus olhos. Eu não conseguia me lembrar da última vez em que vi uma mulher chorar. E isso tinha sido há muito tempo também. Eu nunca fiquei perto de uma mulher tempo suficiente para me importar.

Ela inclinou a cabeça, derrotada. E eu odiava vê-la tão resignada. Isso não estava em sua natureza. O que só me provou que ela precisava estar aqui.

Comigo.

—Promete que não vai me machucar?

—Olhe-me nos olhos quando eu estiver falando com você. —Eu instintivamente ordenei.

Ela olhou para mim através de seus cílios longos e escuros. Algumas lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ela instantaneamente as enxugou com as costas da mão não querendo que eu a visse tão fraca.

—Você está segura aqui, por enquanto. —Eu respondi a sua pergunta o melhor que pude. —Nikolai não era quem você pensava que ele era. Você não pode ir para casa porque seus homens vão te matar. Eles já estão lá fora, procurando por você enquanto nós falamos. Seus gritos não ajudaram a situação. Eu mal consegui nos tirar de lá rápido o suficiente para sairmos ilesos.

—E você? —Ela me deu um olhar interrogativo.

—E quanto a mim?

—Você está em perigo, também?

—Cariño, estou sempre na porra do perigo. Todo mundo quer me matar.

—Por minha causa?

—Por causa de tudo.

Ela fez uma careta. Doía nela ouvir a verdade saindo da minha boca. Não lhe concedendo a paz que tão urgentemente ansiava. Ela se sentiu mal por mim, e eu estaria mentindo se eu dissesse que não me perturbou que alguém se preocupasse com o meu bem-estar. Tinha sido a muito tempo quando alguém deu à mínima importância se eu estava vivo ou morto.

—Você conhecia Nikolai? —Ela perguntou.

—Eu sugiro que da próxima vez que você arranjar um namorado...

—Ele não era meu namorado. —Ela interrompeu. —Eu mal o conhecia. Eu nunca... Eu nunca tive um namorado.

Eu ignorei sua resposta, me recusando a deixar que penetrasse em mim. Sabendo exatamente por que ela sentiu a necessidade de compartilhar isso comigo. Eu me levantei abruptamente em vez disso, não lhe dando qualquer atenção. Caminhei em direção à cama, a deixando chocada. Com os olhos arregalados e os lábios entreabertos, seu peito subia e descia a cada passo que eu dava, me levando para mais perto dela. Esperando ansiosamente pelo que eu faria a seguir.

Eu balancei a cabeça em direção ao frasco de comprimidos na mesa de cabeceira, quebrando sua linha de raciocínio antes de pairar sobre ela. Seus olhos seguiram os meus, rapidamente voltando para mim.

Eu não pude deixar de notar quão pequena e vulnerável ela parecia. Quão exposta ela estava comigo naquele segundo. Fazendo meu pau se contorcer ao vê-la.

Ela lentamente lambeu os lábios, tentando nivelar sua respiração instável. Esperando que eu não tivesse percebido o quanto ela queria que eu a tocasse, abraçasse, confortasse.

—Então... Eu estou segura aqui? Com você? —Ela fez a mesma maldita pergunta de uma maneira diferente.

Dei um passo para trás, e ela imediatamente odiou a perda do meu domínio sobre ela. Eu balancei a cabeça em direção aos comprimidos novamente.

—Não tome mais do que dois deles, a menos que você queira entrar em uma porra de um coma. Se você precisar de alguma coisa, pegue o telefone e disque zero, a empregada vai lhe trazer tudo o que você precisar.

Sua respiração travou quando estendi a mão para o interruptor do abajur, pensando que eu fosse nela. Eu desliguei a luz, sentindo instantaneamente seu desapontamento que o nosso tempo tinha acabado.

—Descanse um pouco, Lexi. Você vai precisar disso. —Eu me virei, e caminhei até a saída do seu quarto.

—Você não tinha que responder a minha pergunta. —Ela sussurrou alto o suficiente para eu ouvir, me fazendo parar. —Você salvou minha vida. Isso é prova suficiente para eu saber.

Sua resposta me deixou inútil. Meus pés colaram no maldito chão abaixo de mim, minha mente gritando para voltar para ela enquanto eu lutava com os meus próprios demônios, até que finalmente eu disse: —*De más Formas de las que tu Nunca sabras, cariño*. —Murmurei. —Em mais formas que você jamais saberá, cariño.

E eu saí.

Capítulo 26

Martinez

Filho da puta.

Isso não era para acontecer. Ela não deveria estar em minha casa, em um dos meus quartos. Deitada em uma das minhas malditas camas, como se estivéssemos brincando de companheiros de quarto fodidos. Eu não consegui ficar longe do quarto rápido o suficiente.

Isso era ruim.

O fogo em seus olhos.

A sensação de sua pele.

O cheiro de seu perfume ao meu redor.

Eu. Estava. Fodido.

Mas isso não importava. Eu já ia direto para a porra do inferno. Eu só não queria arrastá-la para o inferno comigo.

Levei minha bunda para a limusine, dizendo ao motorista para me levar para o bar mais próximo. Puxei meu cabelo para longe do meu rosto, querendo arrancá-lo durante toda a viagem para o buraco de merda. O trajeto parecia durar para sempre, porra.

—Fique. —Eu pedi ao meu guarda-costas como um cão fodido, saindo da limusine.

—Chefe... —Eu fechei a porta na cara dele.

Eu não era meu fodido pai. Eu nunca saí com mais do que um guarda-costas, a menos que eu tivesse que ter mais. Muitas vezes, eu ia a lugares sozinho, não dando a mínima se eu estava ou não protegido. Leo sempre disse que eu estava pedindo uma bala na minha cabeça. Que eu tinha um desejo de morte que ia se tornar realidade um dia.

Talvez eu estivesse.

Tão cansado de ser a porra do maldito Anjo da Morte.

—Bourbon. —Eu pedi para a garçonete com as mamas em plena exibição. Tomei um assento no canto do bar mais distante dos outros clientes. —Continue servindo.

—Foi o que eu pensei. —Ela riu, pensando que era inteligente.

Chamando a minha atenção para ela, eu olhei para cima.

—Meu nome é Julie. —Ela estendeu a mão.

—Eu pedi uma bebida, não o seu nome, porra.

Seus olhos dilataram. Veja, aqui estava à coisa fodida sobre as mulheres. Elas amavam homens como eu. Não importa o quão idiota eu era para elas, ainda queriam ficar de joelhos e engolir a porra do meu pau.

E o pior, era que eu fodia com elas.

Lexi provou ser diferente.

Eu fodi tantas vezes, mas quando ela apareceu, fiquei surpreso que eu ainda pudesse enxergar. Eu perdi toda a razão com ela. Eu a estava protegendo por anos. Eu não pude fazer diferente. Logo ela perceberá o quão perigosa minha proteção era. Eu precisava tirá-la da minha cabeça, o que era engraçado considerando que ela estava na minha cobertura.

Ela me queria, talvez tanto quanto eu a queria. Não havia nenhuma maneira no inferno que eu um dia permitiria que isso acontecesse. Eu tinha que provar a ela que essa ilusão que ela tinha sobre mim, sobre nós...

Era só isso.

A porra de uma fantasia.

A criação de um conto de fadas em sua mente.

Eu não faço “felizes para sempre”, e quanto mais cedo ela percebesse quem eu realmente era, melhor.

Meu telefone tocou, me puxando para longe de meus pensamentos.

—Habla. —Eu respondi. — Fala. —Dispensando a garota para ir buscar a minha bebida. Ela revirou os olhos, e se afastou, propositadamente balançando o rabo a cada passo.

—Chefe, a menina está chorando, porra.

—Ela tem um nome, imbecil. É Lexi. Aprenda.

—Entendi, chefe. Lexi está chorando.

—O que você espera que eu faça sobre isso? Leia uma história para ela antes de dormir, porra?

—Eu apenas pensei que você gostaria de saber. Você nos disse para mantê-lo informado.

Falei com os dentes cerrados. —Sobre sua segurança, não essa besteira hormonal. Eu quero que você se certifique de que ela esteja segura. É para isso que estou lhe pagando, porra. Não para me chamar e desperdiçar a porra do meu tempo, porque a menina está tendo a porra de um colapso.

—Devo... ir para lá? Talvez tentar acalmá-la...

—Você toque nela, e eu vou arrancar a porra do seu pau, e fazer você se sentar sobre ele, *mierda*. —Eu rosnei. —Merda. —E desliguei, jogando meu telefone no bar. —As bolas de quem eu tenho que arrancar para obter uma maldita bebida por aqui? —Eu rugi, olhando tudo ao meu redor. Inclinando meu cotovelo na superfície dura, puxei meu cabelo novamente. Fazendo uma nota mental para atirar no filho de uma cadela.

—Tudo bem? —A mesma voz familiar perguntou timidamente, colocando a minha bebida na minha frente. —Eu não estava tentando escutar. Acabei de ouvir... quero dizer... parecia... realmente ruim. —Ela

suspirou.

Tomei um gole do meu Bourbon. —Meu, meu, qualquer merda que seja seu nome, que orelhas grandes você tem.

Eu podia sentir sua ansiedade irradiando dela, através do bar improvisado entre nós. —Sinto muito. —Acrescentou ela, limpando a superfície com um pano molhado.

—O que exatamente você sente muito? —Perguntei, finalmente olhando por cima da minha bebida. —O fato de que você não pode cuidar da sua maldita vida, ou o fato de que você está se jogando para cima de mim quando você sabe muito bem que não deve. —Fiz uma pausa para permitir que as minhas palavras afundassem. —Eu sou o lobo, aquele que sua mãe a advertiu para ficar longe. —Bebi o resto da minha bebida, e deslizei o copo vazio em sua direção. Sinalizando para outra.

—Eu só... Eu queria ter certeza de que tudo estava bem. Conversa amigável. Lembre-se, eu sou Julie. Aquele telefonema parecia intenso, isso é tudo. —Ela flertou, rodeando o bar, parando de pé ao meu lado. Coloquei a minha bebida na minha frente.

Eu olhei para o copo, ignorando seus avanços enquanto eu levava o Bourbon até minha boca. —Ah. —Eu coloquei o copo em meus lábios, saboreando o líquido de fogo descendo pela minha garganta. Olhei para cima sorrindo, observando seu corpo cheio de curvas, enquanto ela se inclinava contra o bar. Observei-a engolir em seco. Vendo meu olhar penetrante, lambendo os lábios perfeitos para chupar um pau.

Atraindo-me.

—Vamos cortar o papo furado.

—Desculpe-me? —Ela respondeu surpresa.

—Diga.

Ela levantou as sobrancelhas. —Dizer o quê?

—Você quer que eu te foda?

Ela engasgou. —Como você se atreve?

Sorri novamente, inclinando a cabeça para o lado. —Como eu me atrevo a quê? Falar a verdade? Vamos, querida, não estamos um pouco velhos para fazer joguinhos?

Ela corou, e parecia muito revelador em sua pele clara.

—Não se faça de tímida... Julie. —Eu disse, acentuando o seu nome. Passando meu dedo na placa com seu nome que estava colocada em seu seio esquerdo. —Isso só me excita mais. Eu amo a perseguição. É o lobo em mim. —Eu me levantei do assento, colocando meu copo de lado.

Ela deu três passos para trás quando eu fui para cima dela, a parede parando a sua fuga. Eu sorri, prendendo-a com meus braços. Ela deu outra respiração forte, seu aroma mentolado agredindo meus sentidos.

Inclinei-me perto de seu cabelo e inalei seu cheiro de baunilha e mel.

—Você cheira comestível. —Eu gemi, passando a ponta do meu nariz contra seu rosto e sorrindo.

Seus olhos estavam dilatados com a luxúria, como se ninguém nunca tivesse falado com ela dessa forma antes. Essa descoberta deixou o meu pau duro. —Quero transar com você. —Eu soprei em seu ouvido, continuando meu ataque ao lado de seu pescoço. —Portanto, a questão realmente é... você pode sair comigo agora?

Ela apertou sua mão delicada no meu peito, não me empurrando para trás, mas não me puxando também. Eu não dava à mínima se estávamos em público, ou que este era o seu local de trabalho. Eles não a demitiriam. Eu me certificaria disso.

—Eu não gosto de esperar. — Olhei em seus olhos, removendo a minha boca de seu pescoço. Decepção passou por seus olhos.

—Sim. —Ela praticamente gemeu, porra.

Passei a ponta do meu dedo ao longo de seu decote, e seu peito, de repente, levantou, fazendo com que seus seios parecessem maiores. Ela teria me deixado fodê-la contra a parede, mas eu tinha segundas intenções. Aquelas que envolviam levá-la de volta para o meu apartamento.

Eu não dava a mínima para ela. Ela era um meio para um fim. O quarto de Lexi era o mais próximo ao meu. Tudo o que eu tinha a fazer era deixar a minha porta aberta. Eu nunca trouxe mulheres ao meu apartamento, ninguém sabia onde eu morava. Eu abri uma exceção, não tendo outra escolha.

Isto provaria de uma vez por todas que eu não era o homem que ela pensava que eu era. Eu a faria acreditar que eu estava saboreando cada impulso. Os sons de tapas das minhas bolas contra sua bunda. Cada impulso e cada recuada.

Ela gritando meu nome, me implorando para deixá-la gozar.

Era o que era.

Fim da história.

—Você não vai ficar para dormir lá. Eu não vou abraçar. Eu não vou sussurrar palavras doces em seu ouvido. Eu não faço amor. Eu fodo. E então eu fodo um pouco mais. —Eu disse, enfatizando as palavras. —Eu fodo, Julie. Eu vou foder você até que você não possa gozar mais.

Ela absorveu cada palavra como se eu recitasse uma poesia.

—Depois que eu terminar, eu vou lhe dizer para dar o fora da minha cama. —Eu grosseiramente acrescentei.

Suas sobrancelhas arquearam, fazendo com que sua testa franzisse. Pelo menos eu não era um mentiroso.

—Me ame ou me odeie querida, mas lidere o caminho do caralho.

Ela hesitou por um segundo, e então se afastou da parede. Ela gritou para o chefe dela que ela tinha terminado seu turno e saiu. Segui-a, apontando para a minha limo que estava estacionada ao lado. Ao

observá-la de perto, seu comportamento dizia que era uma mulher que nunca tinha feito isso antes. Quase como se estivesse quebrando todas as regras dela, sabendo que ela estava colocando seu emprego em risco. Se lixando para sua moral e dando tudo ao desejo que prometi a ela.

Por um segundo eu me senti mal.

Eu quase queria dizer a ela para ficar. Que não era uma boa ideia.

Quase…

—Gozar ou ficar? —Perguntei, andando na frente dela. —Confie em mim... Estou pensando em fazer você gozar, muito.

Ela mordeu o lábio inferior, e eu silenciosamente ri.

Eu a levei de volta para o meu apartamento, sabendo que Lexi ouviria tudo como eu queria que ela ouvisse. Eu a fodi exatamente como eu prometi, e até um pouco mais. Era tarde da noite no momento em que terminei com ela e a chutei para fora de lá.

Nem sequer me despedi.

Eu pulei no chuveiro, precisando lavar os meus pecados. O fato de que eu causei dor a Lexi, quando na realidade, tudo o que eu queria fazer era lhe dar conforto.

Eu esperei até que eu sabia que ela tinha apagado, provavelmente pela medicação para a dor que ela tomou por mais de uma razão esta noite. A porta estava fechada agora, sabendo que estava aberta quando eu voltei mais cedo com a minha amiga. Ela tinha batido a porta, diminuindo assim o ruído. Realmente desejando me calar.

Ou pelo menos tentando.

Eu lentamente abri a porta, com cuidado para não acordá-la. Entrando no quarto dela, eu pairei sobre sua estrutura pequena, que parecia menor desde a última vez que a deixei, e isso foi apenas há algumas horas. Ela estava enrolada em seu travesseiro, o cobertor quase cobrindo sua cabeça como se ela estivesse tentando abafar os

ruídos provenientes do meu quarto ou possivelmente de sua própria mente. Mesmo na fraca iluminação do corredor, eu podia dizer que ela esteve chorando. O rosto corado, os lábios inchados.

Eu gentilmente afastei o cabelo do rosto, querendo sentir à pele suave contra meus dedos calejados. Ela suavemente gemeu de contentamento, mesmo em um sono profundo, ela gostou do meu toque. Embora, ela provavelmente me odiasse agora, porque a fiz me ouvir fodendo outra mulher.

Exatamente como eu precisava que ela ouvisse.

Eu me afastei dela, mesmo que fosse a última coisa que eu quisesse fazer, e sentei na poltrona ao lado da cama.

Ela precisava ficar longe de mim. Eu queria que ela ficasse longe de mim. Eu deveria tê-la feito ir embora, mas isso não importava, porque eu não podia ficar longe dela por mais tempo.

E no final…

Eu não queria, porra.

Então, ao invés disso, eu a assisti dormir. Protegendo-a da única maneira que eu sabia. Exceto que não havia como protegê-la...

De mim.

Lexi

—Deus, você é enorme. —Eu pensei ter ouvido uma mulher em voz alta gemer.

Eu gemia, movendo a cabeça de um lado a outro no meu travesseiro, aninhando meu corpo dolorido no colchão. Não compreendendo se eu estava acordada ou dormindo naquele ponto. Pensando que eu estava apenas ouvindo coisas no meu sonho. Levei uma eternidade para adormecer depois que Martinez abruptamente me deixou sem se importar, porra, me deixando sozinha. As lágrimas não paravam de fluir, uma após a outra, molhando meu travesseiro, até que

eu não tinha mais nenhuma para derramar. Elas foram implacáveis e cruéis, assim como ele. Se eu estivesse dormindo, eu não queria acordar, eu estava emocionalmente, fisicamente e mentalmente esgotada.

—Sim, bem aí! Foda-me aí mesmo! Assim... Por favor... Por favor, me faça gozar! —Eu ouvi. Desta vez, foi alto e claro.

Assustando-me e me acordando. Eu imediatamente sentei, esquecendo que eu tinha sido espancada na noite anterior. Agarrei minhas costelas, tentando aliviar a dor enquanto eu olhava ao redor do quarto vazio.

—Que porra é essa? —Eu sussurrei para mim mesma, sorvendo algumas respirações calmantes. Limpando o sono dos olhos, eu pisquei algumas vezes, tentando me ajustar à escuridão em volta de mim.

Foi quando eu ouvi. —Monte meu pau, querida. Foda-me! —Reconheci o tom dominante imediatamente. Os sons de seus corpos golpeando ecoavam pelo corredor até o meu quarto.

Meu estômago caiu, minha mão foi para meu peito, tentando segurar o meu coração que quebrava em um milhão de pedaços. Era tarde demais, peça por peça, gemido por gemido, ele quebrou, sangrando por todo lençol branco de linho. Eu não pude deixar de ouvir a merda suja que saía da boca de Martinez de longe. Junto com os gritos de felicidade da prostituta, com quem ele estava intimamente compartilhando sua cama. Eu sabia que, com certeza, pela forma como eles estavam falando um com o outro, provava que não se conheciam.

Eles estavam saboreando o prazer que os corpos insaciáveis estavam dando um ao outro, enquanto eu estava lutando contra a bile que subia na parte de trás da minha garganta. Depois de tudo o que eu tinha passado nas últimas vinte e quatro horas, eu fui forçada a sentar e ouvir Martinez foder outra mulher. Eu não podia impedir a decepção do caralho. O destino era uma vadia. Antes que eu soubesse o que estava fazendo, meus pés tocaram o piso de mármore frio, e corri para o banheiro. Caindo de joelhos na frente do vaso sanitário, eu ignorei a dor aguda que irradiava através do meu corpo enquanto eu esvaziava o

conteúdo do meu estômago, enquanto eu continuava a ouvir os sons sexuais martelando na minha cabeça.

Ele não deu a mínima que eu pudesse ouvir o que eles estavam fazendo, o que ele estava dizendo a ela, o quanto ele a estava fazendo gozar. O êxtase que ele estava dando à sua buceta uma e outra vez.

—Assim... Pegue meu pau. —Ele rosnou.

Ela pegou.

Eu zombei em desgosto. Meus olhos se encheram de lágrimas novamente, meus lábios tremeram, e qualquer pequeno pedaço de sua alma que eu pensei que vi quando ele olhou para mim, foi desintegrado abaixo de mim no chão de ladrilhos frio. Porra, eu o odiava.

Até a última parte dele.

Ele me deixou aqui sozinha em sua casa, sabendo que eu ficaria com medo, ansiosa, oprimida por toda a merda que me aconteceu. Eu nem sequer sei quanto tempo passou enquanto eu fiquei ali, enrolada em posição fetal lá no chão do banheiro, escutando. Certificando-me de absorver cada gemido, cada impulso, cada golpe, até que eu não aguentava mais. Enraizados tão profundamente no meu coração, onde todos os meus pensamentos e sentimentos agora seriam empurrados também.

Ele não era quem eu pensava que era.

Nem perto.

Parecia que eles ficaram ali durante horas. Eu tive o suficiente, alcancei o meu limite, então me levantei do chão do banheiro, ignorando os apelos de meu corpo para ir devagar. Eu alcancei a porta do meu quarto, contemplando meu próximo passo.

—Eu espero que você morra! —Eu gritei e fechei a porta de repente. Não me importando se ele me ouviu ou não. Eu imediatamente abri o frasco de comprimidos, e tomei dois sem água, querendo me tirar da dor que consumia meu corpo, especialmente meu coração.

Eu voltei para cama, olhando para o teto, desejando que a medicação fizesse efeito. Pensando em como eu entrei nessa situação em primeiro lugar.

Como isso aconteceu?

Eu não entendia por que ele me trouxe até aqui se ele não se importava comigo.

Por que ele estava me protegendo?

Nada fazia sentido.

Nenhuma maldita coisa.

Meus olhos começaram a pesar, o sono finalmente reinando novamente. Meu corpo afundou no colchão embaixo de mim, um peso correndo através de mim, e o quarto ficou escuro. Mesmo no meu sono, eu não pude escapar dele. Eu o senti, seu odor característico ao redor de mim, me tocando, olhando por mim. Em um ponto durante a noite, eu podia jurar que o vi sentado na poltrona ao lado da minha cama. Mas eu não podia ter certeza, a neblina induzida por drogas me manteve sonolenta, produzindo provavelmente falsas ilusões, as mesmas que eu criei ao longo dos anos.

Quando eu acordei na manhã seguinte, eu estava sozinha, odiando o fato de que eu sonhei com ele, novamente. Eu estava de mau humor, odiando a vida, o odiando, e odiando que eu ainda estivesse lá, e que eu não podia ir para casa.

Eu estava sem casa mais uma vez.

E eu odiava isso mais que tudo.

A nuvem escura que eu carreguei durante anos estava de volta como uma vingança. Assim, quando a minha vida estava começando a melhorar, uma má decisão levou tudo de mim, me afastando da vida pela qual eu trabalhei tão duro, para finalmente chegar onde eu estava, depois de todas as dificuldades pelas quais eu passei. Eu não sabia o que Deus tinha na manga para mim, tudo o que eu sabia era que eu

queria dar o fora de lá. Eu queria voltar a viver minha vida na minha pequena bolha.

Acima de tudo, eu queria ser capaz de dançar novamente.

Tomei banho da melhor forma que pude. Meu corpo doendo ainda mais do que doeu na noite anterior. Permitindo que a água quente relaxasse meus músculos doloridos como eu vinha fazendo desde que eu era pequena. Mas desta vez, isso não me concederia a paz, como tinha feito há anos. Quando a água esfriou, eu saí e me sequei no banheiro. Limpei o vapor do meu banho quente do espelho com a minha mão, olhando para a pia, pois não estava pronta para enfrentar a mulher que estaria olhando para mim. Eu precisava inspecionar os danos que Nikolai tinha infligido sobre o meu rosto e corpo. Respirando fundo, eu abri meus olhos e quase engasguei quando eu vi meu reflexo.

—Oh meu Deus. —Eu sussurrei, não reconhecendo a mulher através do espelho.

Meus olhos estavam vermelhos, ocos, e inchados de passar a maior parte da noite chorando. Contusões escuras, arroxeadas e verdes circulavam meu olho esquerdo, descendo para minha bochecha, desaparecendo no meu cabelo. Outra contusão subia da minha bochecha direita sobre a ponta do meu nariz. Voltando para o lado da minha cabeça, examinei o trabalho de Nikolai. Levantando minha mão, acariciei delicadamente com meus dedos sobre a minha pele uma vez impecável. Sibilando de dor logo que fiz contato. Meus lábios secos estavam rachando, um corte acentuado no meu lábio inferior tornando isso mais doloroso. Meus olhos seguiram a minha mão enquanto eu deslizava para baixo em direção ao meu peito, costelas, e estômago. Manchas roxas, azuis e pretas cobriam toda a área.

Meu olhar nunca deixou o espelho enquanto eu observava cada polegada do meu corpo quebrado. Zombando com decepção de como eu pude deixar isso acontecer comigo. Lágrimas ameaçaram sair dos meus olhos. Eu cresci com um predador, eu deveria ter visto os sinais, eu deveria ter pensado melhor antes de deixar qualquer um entrar na minha vida. Eu acabei namorando um homem que só esperava o momento certo para atacar. Deixando-me mais danificada agora do que

já tinha sido antes. Eu rapidamente limpei as lágrimas que tinham escapado dos meus olhos inchados, me encolhendo sob meu próprio toque novamente. Peguei outra toalha da prateleira, a envolvi firmemente em torno do meu corpo, incapaz de olhar para mim por mais tempo. Olhar minha aparência estava me deixando doente.

Abri a porta, fechei os olhos e acolhi o ar frio no meu rosto. Gritando logo que abri os olhos, ao encontrá-lo sentado no canto da minha cama. Colocando minha mão sobre minhas costelas, eu abaixei a cabeça, prontamente choramingando de dor.

—Merda. —Eu murmurei por entre os dentes.

Eu ouvi o rangido da cama, e imediatamente olhei para ele, mas era muito tarde. Ele tinha chegado a mim em três passos, ficando no meu espaço pessoal sem eu lhe pedir para fazê-lo.

—Não me toque. —Eu rebati, esperando que ele se afastasse.

Ele não me tocou. Nem mesmo ficou abalado por minha explosão. Ele apenas se abaixou, e diligentemente, me levantou do chão como se eu não pesasse nada, me levando para a cama, me colocando no colchão macio. Eu imediatamente virei meu rosto para longe dele, não querendo olhar em seus olhos tentadores. Fingindo com tudo o que sobrou mim, que o seu toque, sua bondade, seu cheiro não me perturbava.

Ele finalmente deu um passo atrás, mas eu ainda podia sentir sua respiração quente no meu pescoço. Eu lutava para liberar a respiração nervosa que eu estava segurando desde que eu abri a porta do banheiro.

—Você não sabe como bater? —Perguntei, e hiperventilando pela ansiedade ameaçando me atacar a qualquer momento. Esperando que ele não notasse, mas sabendo que ele percebia tudo.

—Eu me recuso a bater em uma porta que é minha. —Ele simplesmente declarou, falando na parte de trás da minha cabeça.

Revirei os olhos ainda sem olhar para ele. Porra, eu me recusava

a dar essa satisfação a ele.—Bem, eu vou ficar aqui agora. —Sem o meu consentimento e contra a minha vontade. —Acrescentei para fazer um ponto. —Então, bata na porta fodida se você quiser entrar, e eu vou pensar se vou deixa-lo entrar. —Eu disse, toda orgulhosa de mim mesma.

Ele inclinou-se, pegando meu queixo, virando o rosto para olhar para ele. Eu olhei em seus olhos verdes brilhantes, serenos, mais uma vez.

—Essa é a segunda vez que você olha para longe de mim, em vez de me olhar na porra dos olhos quando eu estiver falando com você, querida. Não haverá uma terceira.

Eu puxei meu rosto para longe de seu alcance, e ele me deixou ir. —Eu poderia estar nua. Mas isso não importa, não é? Meninas não deixam você duro de qualquer maneira, mas a mulher na noite passada com certeza deixou. —Eu soltei, não sendo capaz de me segurar por mais tempo. Mentalmente me castigando por deixá-lo saber que isso me machucou.

Ele me machucou.

Seu rosto estava impassível, neutro. Eu não podia ler uma coisa maldita, e isso alimentou ainda mais o meu mal humor. Eu, de repente, me levantei, me afastando dele. Não dando a ele a chance de responder. Eu não queria ouvir a resposta idiota que eu sabia que ele me daria. Fechei os olhos, mordendo meu lábio com a dor súbita que o movimento rápido causou.

—Você precisa descansar. Você nunca vai se curar, se você não me ouvir.

—Não! —Gritei, me virando para encará-lo. Meu temperamento, tomando conta. —Pare de me dizer o que fazer! Só porque você está acostumado a dar ordens a todos ao seu redor, não significa que tem que mandar em mim. Agora, saia! Não deixe a porta bater na sua bunda na saída! —Joguei suas palavras exatas de volta para ele, no dia em que ele me chutou para fora de seu escritório anos atrás.

—Sente-se na cama. —Ele calmamente ordenou com uma voz monótona. Apontando seu longo dedo indicador em direção ao colchão.

—Não. —Eu rosnei, pisando em direção a ele.

Seus olhos estavam vidrados, e eu secretamente amei finalmente receber algum tipo de emoção dele.

—Sente na porra da cama, Lexi... — Suas mãos estavam em punhos ao seu lado.

Dei um passo em direção a ele novamente, ficando bem no seu rosto neste momento. Olhando-o nos olhos, eu rosnei. —Não!

—Filha da puta! —Ele fervia por dentro de seu peito, inclinando a cabeça para o lado com uma compostura estranha.

Tudo aconteceu tão rápido. Eu nem sequer o vi chegando. A próxima coisa que eu sabia foi que ele me pegou de novo, me levando para a cama em três passos, me colocando para baixo no meio do colchão.

Segurando-me no lugar, ele ficou perto do meu rosto, nossas bocas a polegadas de distância. Ele não vacilou, falando com firmeza. — Eu não tenho tempo para as suas birras se você acha que eu dou à mínima! Quando eu lhe disser para fazer algo, você faça, porra! Eu não gosto de repetir. E eu não vou. Teste-me de novo, menina. E verá o que acontece com você, porra. Eu vou fazer você gritar, e confie em mim, não vai ser de prazer como a mulher que eu comi ontem à noite.

Meu peito arfava enquanto eu recebia suas ameaças. Empurrando-me de volta para os travesseiros, ele me soltou. Ele virou, me deixando sem um segundo olhar. Passei o resto do dia na cama.

Exatamente como ele mandou.

Capítulo 27

Martinez

Eu entrei na limusine, indo para o clube de strip, em silêncio. Precisando reunir todos os meus pensamentos. Tanta coisa havia acontecido em questão de quarenta e oito horas. Incluindo ela.

Porra, Lexi.

Aquela mulher seria o meu fim, e a parte triste sobre isso era, ela nem sequer percebia. Minha cabeça latejava, e eram apenas oito horas da manhã nesse caralho. Não conseguia me lembrar da última vez em que dormi por mais de uma ou duas horas. Sempre dormia com um olho aberto, esperando pelo que poderia vir em minha direção.

Entrei no meu escritório, vendo claramente todas as besteiras que meus homens estavam tentando fazer para chamar a minha atenção. Me sentei na minha cadeira de couro, colocando os cotovelos sobre a mesa, e minha cabeça latejante entre as minhas mãos. Permitindo que o silêncio me engolisse por inteiro, saboreando a sensação estranha, mesmo que fosse apenas por alguns minutos. Eu o deixei assumir minha mente, corpo e alma sombria. Indo de sentir muito, durante os últimos dias, para não sentir nada. Minha mente não estava acostumada a isso, e não teve nenhum problema em me deixar saber que não apreciava o sentimento.

—Martinez. —Leo interrompeu, abrindo a porta do escritório, e fechando-a atrás dele.

—Merda. —Eu o cumprimentei, sem me preocupar em olhar para cima.

—Bem, você está parecendo um saco “delicioso” de merda nesta manhã. —Ele riu, sentando em uma das cadeiras de frente para minha mesa.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu não teria nenhum problema

em colocar uma maldita bala em suas bolas se falasse comigo desse jeito. Leo era diferente.

—A menina? —Perguntou ele, sem hesitação.

—A dor na porra da minha bunda. —Eu simplesmente declarei.

—Você está brincando com fogo. —Declarou ele do nada, trazendo a minha atenção para ele.

Sentei-me na cadeira estreitando os olhos para o meu amigo. —Ela é uma criança, uma criança do caralho. Eu preciso de uma mulher, Leo. Ela poderia ser a porra da minha filha, pelo amor de Deus.

—Que assim seja. Mas ela é uma...

—Garotinha. —Eu entrei na conversa, irritado. Sabendo aonde ele ia com isso.

—Adulta. E no meu livro esse é a porra de um jogo justo.

Eu balancei minha cabeça. —Você não sabe o que está falando.

—Eu não sei? Você não me fez vigiar Lexi durante anos?

Leo era o único homem em quem eu confiava com ela. O único homem que eu sabia que faria o trabalho direito.

—Humm... Ela não está dormindo em seu apartamento agora? —Ele se inclinou para frente, colocando os braços na minha mesa. —Você não matou um de seus associados de longa data por ela também, certo? Nikolai achava que você era seu amigo.

—Amigo é um termo que eu uso vagamente. Ele ia estuprá-la. Eu não tive escolha. O filho da puta tinha que morrer.

—Desde quando o desvio sexual de outro homem o incomoda? Você lidou com homens muito piores do que ele todos os dias da sua vida, e você continuará fazendo.

—Qual é o seu ponto, Leo? Eu não tenho o dia todo para sentar aqui e bater papo como algum estudante no cio.

—Eu pensei que eu estivesse fazendo isso, talvez eu devesse apenas desenhar para você, seu estúpido.

Eu estava precisando sair de perto dele também. —Sua esposa faz você usar um preservativo, não é?

—Jogue seus insultos em mim o quanto quiser, amigo. Eu não sou o único que dorme sozinho todas as noites. Oh espere... eu esqueci, não. El Diablo não dorme, certo? Agora, por que você acha que isso acontece?

Eu olhei para ele.

Ele riu, jogando a cabeça para trás. —Oh cara, Martinez. Você entendeu errado. Tão errado, meu amigo. Eu nunca pensei que veria esse dia acontecer novamente. É melhor você preparar seus esquis, porque o seu maldito mundo acaba de ser congelado.

—Sai fora. —Eu rosnei, não querendo ouvir a merda que ele estava pensando.

—O que você vai fazer em relação aos homens de Nikolai? —Ele perguntou, ignorando a minha ordem, ficando sentado em sua cadeira. —Você sabe que eles não estão felizes. Eles estão furiosos. Eles querem a menina. Você sabe disso, tanto quanto eu sei. Você pode ter puxado o gatilho, mas foi por ela. Ela é sua fraqueza, e você deixou isso alto e claro. É apenas uma questão de tempo até que eles descubram isso.

—Por que você não deixa eu me preocupar com os homens de Nikolai.

—E Lexi?

—Ela o que? Ela não é preocupação de ninguém, só minha. Estamos entendidos? Ninguém deve colocar um dedo fodido sobre ela.

Ele se levantou, contornando minha mesa. —Isso é o que eu tenho medo.

— Me deu tapinhas nas costas e saiu.

Assim que ele saiu, eu puxei meu celular do paletó, digitei o número e me recostei na cadeira.

—Chefe. —Rick respondeu após um toque.

—Está tudo bem? —Eu questionei, rapidamente tocando minha caneta na minha mesa.

—Tudo bem. A menina... —Eu desliguei, o interrompendo.

Passei a maior parte do dia pensando em Lexi.

Era tarde quando eu voltei para casa. Indo direto para o meu escritório, precisando terminar algumas probabilidades e relatórios, antes de ir para o quarto de Lexi. Pensando que ela estaria dormindo, eu cuidadosamente abri a porta como eu fiz na noite anterior. Pronto para assumir o meu lugar habitual na poltrona ao lado da cama. Me sentei, a observando por alguns segundos.

—Eu não estou dormindo. —Sua voz ressoou na escuridão.

—Eu sei. —Eu soube no momento em que entrei no quarto. Eu podia senti-la em qualquer lugar, especialmente quando ela estava perto de mim. A atração, o controle, o fascínio que só ela possuía sobre mim.

—Claro que você sabe. Você sabe de tudo, oh sábio. Você sabe o que? Você é como um *Yoda* fodido dos tempos modernos. Parece injusto se você pensar sobre isso. Você parece saber tudo sobre mim. No entanto, eu não sei absolutamente nada sobre você, além de você andar por aqui com um pau na sua bunda. Você espera que eu fique aqui, em sua casa, com você. E tudo que você parece querer é que eu ouça todos os seus comandos, como se eu fosse seu maldito cão.

—Se eu tivesse um cachorro, ele me obedeceria. Você, por outro lado, não.

Ela queria rir, mas virou a cabeça para sorrir em seu lugar. Pensando que eu não podia vê-la. Respirando fundo, ela perguntou: —Quando eu posso sair?

—Quando eu lhe disser que pode.

—E o meu trabalho? Eu trabalhei tanto...

—Eu cuidei disso.

—O quê? —Ela perguntou, se sentando. Sibilando com a dor imediata em suas costelas.

Eu não hesitei. Caminhei até o criado-mudo, abri o frasco, e lhe entreguei dois comprimidos com seu copo de água.

Ela olhou para mim, mesmo que ela não pudesse ver nada, além da minha sombra fraca olhando para ela. —Eu não gosto deles. Eles me fazem dormir.

—Não brinca. Você precisa descansar.

Ela relutantemente concordou com a cabeça, tomando, lutando uma luta interna para não discutir comigo. Sentei-me na poltrona, afundando nela. Esfregando os dedos sobre a minha boca enquanto eu a observava contemplar o que mais ela queria dizer para mim.

—Você vai fazer isso todas as noites? Sentar aí? Olhar-me? —Ela perguntou o que a estava incomodando desde o minuto em que ela acordou neste quarto.

—Não importa.

—Importa para mim.

—Eu não sou quem você pensa que eu sou, Lexi. E quanto mais cedo você perceber isso, melhor.

—Talvez você não seja quem você pensa que é. Você já pensou nisso?

Suas palavras ressoaram em algum lugar dentro de mim.

—O que você acha que vai acontecer aqui, cariño? Você quer ser minha puta? —Eu grosseiramente perguntei, querendo deixá-la desconfortável. Sabendo que tudo o que eu tinha a fazer era forçar esse limite nela.

Sexo.

Lexi

Meu estômago tremulou dominando o meu corpo completamente. Eu inadvertidamente me contorcia em torno dos lençóis. Aquecendo-me na sensação de frio contra a minha pele aquecida.

—Não. —Eu respondi com uma voz que eu não reconheci. —Você tem abundância disso. Que tal começar como amigos? Eu não tenho muitos. E por algum motivo que eu não posso entender... —Eu sarcasticamente declarei. —Eu não acho que você tenha também.

—Amigos? —Ele tripudiou, como se a palavra parecesse estranha vindo de seus lábios.

—Sim... Eu quis dizer isso. Nós meio que somos isso, eu acho. Amigo ajuda amigo. Você me salvou então...

—E o que você vai fazer por mim?

—Oh... Bem, o que você quer?

—Algo que eu não deveria.

—Que é?

—Você. Na minha cama. Agora.

Eu não sabia o que dizer, então eu não disse nada. Meu coração acelerou, batendo a mil por hora. Juro que ele podia ouvi-lo. O suor começou a se reunir nas minhas têmporas. —Pare de tentar me fazer sentir desconfortável, eu sei o que você está tentando fazer. —Eu expressei em um tom constante, embora o meu corpo estivesse tudo menos isso.

—Isso está certo?

—Sim. Está certo. Você quer fingir que você não sente o que está acontecendo entre nós. Você quer fazer parecer como se fosse tudo sexo. Suas palavras podem dizer isso, mas suas ações contradizem tudo o que sai da sua boca suja. Você vem me observando há anos, me mantendo segura. Então você me salvou. Agora estou aqui onde eu estou segura novamente. Você quer que eu descanse, você está preocupado comigo. Você está me protegendo. Você...

—Eu fodi aquela mulher na noite passada por você também?

Isso foi como tomar um tiro no coração do caralho. Ele teria se quebrado se já não tivesse na noite anterior.

—Não me entenda mal, Lexi. É assim que vai ser. Você vai ficar aqui até que eu diga que é seguro para você ir. Então você vai sair. Não há nada aqui para você, especialmente eu. Porque confie em mim, querida. Eu vou fazer você ir.

—Mas eu estou aqui agora. —Eu sussurrei, mexendo com os dedos sob os lençóis. —Porque você me quer aqui. Eu não preciso estar aqui. Eu venho me protegendo por toda a minha vida. Você não sabe o que eu passei, então as pessoas que vivem em casas de vidro não deveriam atirar pedras. Eu cometi um erro, e eu confiei em alguém em

quem eu não deveria. É por isso que eu não deixo as pessoas se aproximarem de mim. Eu deveria saber. E mesmo que eu não devesse confiar em você, eu confio. —Fiz uma pausa, deixando minhas palavras penetrarem. —Eu sei que em algum lugar profundo dentro de você, encontra-se um homem que teve um bom coração uma vez. Ou eu não estaria deitada aqui. Eu acho que você perdeu o seu caminho, e agora você está apenas tentando colocar seus pés no chão.

Silêncio.

Cada segundo de silêncio que passou entre nós me fez perceber que eu estava certa, e ele sabia disso.

—Você vai me deixar sozinha, porque você não quer ficar perto de mim. Mas é um tiro pela culatra para você, porque tudo que eu tenho feito é pensar. Você não confia em ninguém, incluindo você. Por que você traria uma mulher qualquer até aqui? Não fazia qualquer sentido, até que eu comecei a pensar hoje. Você transou com ela ontem à noite para me machucar, para me provar que você não se importa comigo. Bem, você conseguiu, eu passei a noite inteira sofrendo, exatamente do jeito que você queria que eu sofresse. Você queria que eu te odiasse. Tornando isso mais fácil para você. Estou ficando mais quente, Alejandro?

Virei-me, saindo da cama com cuidado, antes de perder a coragem. Caminhei até ele na escuridão, me agachando na frente dele, colocando os braços nas coxas para me apoiar.

Ele não se moveu.

Ele não ficou tenso.

Ele não fez um som.

Sabendo que ele podia me ver, mesmo que eu não pudesse vê-lo. Olhei à sombra fraca do rosto bonito e olhos verdes pecaminosos, sabendo no meu coração que havia mais evidencia de emoção em sua expressão do que houve nos últimos anos.

Tomando-o de surpresa.

—Bem, adivinhe? Eu não vou tornar isso fácil para você.

Ele imediatamente se levantou, empurrando para trás a poltrona. Com o impacto da sua posição abrupta, ela deslizou pelo chão. Eu teria caído na minha bunda se eu não esperasse essa reação dele.

—Vá dormir, porra. —Ele retrucou, caminhando para fora do quarto e batendo a porta atrás de si.

Eu sorri.

Pela primeira vez desde que eu estava lá, eu realmente sorri. Me deitando na minha cama, eu me aconcheguei no travesseiro e edredom, me sentindo feliz e satisfeita comigo mesma. Sorvi uma respiração profunda e libertadora. Permitindo que as pílulas me acalmassem, e eu pudesse sucumbir a uma boa noite de sono. Finalmente. Sonhando com o homem de olhos verdes que tinha capturado meu coração.

Sabendo que logo que eu dormisse ele voltaria, eu puxei a cadeira para o lado da minha cama.

Para cuidar de mim.

Meu anjo sombrio.

Capítulo 28

Lexi

Três meses passaram em um ritmo lento e constante. Eu senti cada segundo, cada minuto, cada hora, contando os dias até que ele dissesse que eu poderia sair. Eu queria ser capaz de sair de casa e aproveitar o sol sem ter que me preocupar em ser morta. Acima de tudo, eu não podia esperar para dançar novamente. Este foi o período mais longo que eu tinha ficado sem dançar.

Viver neste apartamento estava começando a me enlouquecer. Eu posso ter me curado fisicamente, mas mentalmente e emocionalmente, eu estava muito mais confusa do que estava antes. Eu nunca percebi o quanto eu realmente odiava estar sozinha. Talvez eu estivesse distraída demais com o ballet para notar a ausência das pessoas ao meu redor antes, mas eu me encontrei desejando conversar e ter alguma interação humana. Dança era a minha vida, minha fuga da realidade, meu lugar feliz. Onde não havia nenhuma negatividade, sem violência, sem memórias... Mas também era um lugar solitário.

Minha vida inteira foi.

Depois que eu me recuperei totalmente, comecei a deixar meu quarto. A me aventurar na cobertura, desde que eu não tinha permissão para ir lá fora. Martinez disse que não era seguro ainda. Ele estava lidando com isso o mais rápido que podia, mas levaria um tempo. O único problema era que ele não sabia quanto tempo, e eu estava lentamente enlouquecendo.

Às vezes, eu vagava sem rumo pela sua cobertura na esperança de que talvez eu fosse encontrá-lo. Que talvez pudéssemos conversar de novo, embora tudo que nós parecíamos fazer era brigar. Eu estava sozinha, e poderia ter realmente apreciado alguma companhia.

Eu mal o via, porém. Ele ficava lá cada vez menos com o passar dos dias, nunca me dizendo para onde ia, ou quando ele estaria de volta.

Nós nunca conversamos sobre o que tinha acontecido naquela noite, ambos em negação, ambos fingindo. Nós mal trocávamos mais do que algumas palavras quando nossos caminhos se cruzavam, e isso era principalmente, ele me dizendo que eu ainda não podia sair, ainda não era seguro, e os homens que procuravam por mim não tinham desistido ainda. Eu não tinha visto ou ouvido mais suas atividades sexuais desde aquela segunda noite em que eu cheguei. Graças a Deus por esses pequenos milagres.

Uma mulher um dia apareceu tarde da noite, batendo em sua porta enquanto eu caminhava em direção à cozinha para pegar um pouco de água. Abri sem pensar, muito para a sua desaprovação. Ela parecia jovem, talvez um pouco mais velha do que eu. Eu não tive que questionar se ela era uma de suas prostitutas aleatórias, pois ela tinha seus olhos. No começo, eu pensei que poderia ser sua filha, mas ele me dispensou antes que eu pudesse lhe perguntar quem ela era. Minha curiosidade ganhou, e eu decidi que já que ele não me daria nenhuma resposta, eu deveria descobrir por conta própria. Em vez de ir para o meu quarto, eu fiquei no corredor. A conversa parecia tensa, e me deixou um pouco desconfortável, mas meu instinto estava certo, eles eram parentes. Ela era sua sobrinha, Briggs. Eles não pareciam ter um relacionamento amoroso, o que não me surpreendeu, no mínimo. Ela permaneceu em seu apartamento por alguns dias, nunca deixando seu quarto. Eu não a vi novamente, e ele nunca mencionou nada depois disso.

Qualquer coisa que eu precisava ou queria, era entregue no meu quarto a qualquer hora. Mesmo que ele fizesse com que eu fosse bem cuidada, eu nunca tive o meu único desejo atendido, o que não lhe custaria nada.

Companhia.

Tudo o que eu realmente queria ou precisava era que ele me fizesse companhia, mesmo que as palavras não fossem ditas. Eu ainda o sentia à noite, me observando dormir. Toda vez que eu abria meus olhos, eu o pegava sentado lá...

Ele não estava.

Eu acho que a solidão pode fazer você imaginar o que você realmente quer, e eu ainda o queria. Pra caralho. A parte triste era, pela primeira vez na minha vida, me senti segura. Com ele. E isso me confundiu mais do que qualquer coisa.

Naquela manhã eu decidi me aventurar mais na sua cobertura. Até agora eu tinha encontrado uma biblioteca e uma sala de cinema, onde passei em ambos alguns dias, mas não foi uma boa distração. Hoje, eu tirei a sorte grande. Um enorme ginásio estava escondido nos corredores intermináveis. Assim que entrei, ele se tornou o único cômodo que me proporcionou algum tipo de conforto. Seu aroma potente permanecia em cada fenda do espaço aberto. Eu secretamente esperava que um dia eu fosse entrar, e ele estaria lá, trabalhando suas frustrações, de preferência sem camisa, o suor escorrendo pelo peito e abdômen. Eu tive que afastar a imagem.

Havia cada peça possível de equipamentos de exercício conhecido pelo homem, no espaço abundante. Espelhos estavam alinhados em todas as paredes, preenchendo do chão até o teto. O espaço era forrado com pisos de madeira escura, e algumas esteiras de exercício ao longo dele. Um sistema de som caro tinha sido instalado no canto da sala, com alto-falantes distribuídos uniformemente no espaço. Ele também abrigava uma sauna e um banheiro privativo, equipado com chuveiros e tudo mais.

Eu não sei o que deu em mim, mas eu comecei a dançar, a música tocando na minha cabeça. Passei o dia inteiro na sala, me perdendo nos movimentos e ritmo que estavam profundamente enraizados na minha alma. Até o final do dia, eu estava exausta por ter forçado meu corpo mais do que eu deveria depois de tantas semanas sem dançar. Tomei um banho, deixando a água quente relaxar meus membros doloridos. Pouco tempo depois, fui direto para a cama. Eu estava apagada antes da minha cabeça até mesmo bater no travesseiro. Sonhei com ele como eu fiz todas as noites durante os últimos três meses. Pela primeira vez, eu estava ansiosa para acordar no dia seguinte. Sabendo que eu poderia dançar. Meus olhos abriram, recebendo a luz brilhante que entrava através das cortinas. Estiquei meus membros doloridos, meu corpo fisicamente gasto do dia anterior.

Me sentei e olhei para o relógio ao lado da cama, já eram onze da manhã. Eu tinha dormido até tarde pela primeira vez desde que eu conseguia me lembrar.

Depois de colocar um top e um short de algodão, eu prendi meu cabelo em um coque alto no topo da minha cabeça, e escovei os dentes, passando pela minha rotina matinal. Sua empregada, Maria, era boa o suficiente para me fazer comida sempre que eu estava com fome. Ela ficava por aqui e me fazia companhia enquanto eu comia todas as manhãs. Às vezes, durante o almoço e jantar também. Se não fosse por ela, eu não teria ninguém para conversar, exceto talvez comigo mesma. Excitação não poderia começar a descrever o que senti quando fui em direção ao seu ginásio depois que eu terminei o meu café da manhã.

Eu dobrei a esquina no corredor longo e estreito. Há segundos de distância de uma caminhada para o que recentemente se tornou meu céu. Sorria de orelha a orelha quando eu abri a porta grande de madeira para o ginásio. Nada poderia ter me preparado para o que estava na minha frente.

Todo o seu equipamento de ginástica tinha desaparecido, como se nunca tivesse estado lá para começar. Nem uma peça de arte foi deixada no espaço aberto. Tudo isso substituído, por peças e equipamento de ballet que eu poderia precisar, e até mais. Ele tinha transformado o espaço em meu próprio estúdio de ballet pessoal.

Só para mim.

Eu respirei fundo, colocando a mão sobre o meu coração enquanto eu caminhava ao redor da sala com nada além de espanto e admiração. Lágrimas ameaçavam cair dos meus olhos enquanto eu admirava cada detalhe do lugar especial que ele tinha feito para mim.

Um sofá de couro preto bonito estava contra o centro da parede traseira, acentuado com confortáveis almofadas cinza. A barra de ballet estendia-se por todo o comprimento das paredes espelhadas paralela ao sofá. Uma caixa quadrada de madeira com resina estava colocada ao lado dele. Eu delicadamente passei os dedos ao longo da barra, agarrando nela para me apoiar. Isso tudo era tão esmagador. O armário

negro maciço no canto de trás me chamou a atenção. Eu praticamente saltei sobre ele, animada para ver o que ele guardava. Abri cada gaveta, uma por uma, vendo todos os conteúdos. Diferentes tipos de collant brilhantes, cores neutras, modelados, exibidos em uma gaveta. Vários pares de meias de ballet forravam à segunda. Saias de todos os estilos diferentes, cores e padrões assumiam a próxima. No topo de tudo havia uma fonte infinita de sutiãs esportivos no fundo da gaveta.

As escolhas eram infinitas.

Meus sapatos e sapatilhas de ponta estavam sobre o piso de madeira escura, e ao lado deles estava um saco de dança preto, cheio de novos pares de ambos. Limpei as lágrimas que começaram a escorrer pelo meu rosto. Eu estive nesta sala a menos de vinte e quatro horas atrás. Eu não podia acreditar na transformação da academia masculina para este espaço bonito, feminino. As surpresas eram intermináveis. Fui até o sistema de som, e encontrei uma abundante quantidade de CDs de ballet, tudo de *Mozart* a *Gershwin*. Incluindo a trilha sonora de O Lago dos Cisnes.

Meus pés moveram-se por vontade própria, arrancando etiquetas de preços do vestuário chique, ignorando quanto custaram. De pé, atrás da divisória portátil no canto, eu me troquei, para o mais belo traje, macio, elegante que eu já tinha usado. Agarrei as minhas sapatilhas de ponta desgastadas atando-as em meus tornozelos. Fui direto ao trabalho, não desperdiçando mais um minuto. Dancei ao redor da sala como eu nunca tinha dançado antes. Me regozijando nas emoções de finalmente sentir como se eu estivesse em casa. Cada pirueta, cada passo, cada pose era uma extensão da única felicidade que eu já tinha conhecido. Dancei até que eu não podia dançar mais.

Era tarde da noite, e eu estava tão exausta que não podia dançar por mais tempo. O suor brilhava sobre cada polegada minha, e eu mal conseguia ficar de pé. Mas isso não importava, porque eu sabia que quando eu acordasse na manhã seguinte, eu poderia fazer isso novamente. Mas isso só me deu um pouco de paz de espírito. Tirei meus sapatos de ponta, vendo o dano que eu tinha infligido sobre os dedos dos pés, me congratulando com a dor e bolhas. Coloquei os sapatos

exatamente onde eu os encontrei. Estiquei minhas pernas sobre a barra uma última vez, amando a forma como os meus músculos doloridos doíam de um trabalho bem feito.

Eu dei uma última olhada na sala, antes de desligar as luzes e fechar a porta atrás de mim. Inclinei-me de costas contra a superfície de mogno maciço, sorrindo, pensando em Martinez, e o que tinha feito em seu espaço. O quanto o apreciei naquele momento, por absolutamente tudo o que ele tinha feito para mim nos últimos meses. Atrás de seu comportamento sombrio, frio, eu poderia dizer que o homem tinha um coração. Mesmo que ele negasse. Eu tive a súbita vontade de falar com ele, abraçá-lo e dizer-lhe obrigada um milhão de vezes.

Eu me afastei da porta, andando de volta para o meu quarto, quando ouvi a porta da frente fechar. O barulho ecoou pelo corredor extenso. Eu não pensei duas vezes, corri através da cobertura para ver se ele estava em casa. Senti antes que eu o visse, seu perfume masculino persistente ao meu redor.

—Hey. —Eu disse asperamente, sem fôlego, logo que cheguei a ele, curvando, colocando minhas mãos em meus joelhos para apoio. Meu corpo tremia de emoção que ele estava ali, na minha frente.

Poderíamos finalmente conversar.

Eu poderia expressar o quanto a transformação da sala significou para mim. O quanto ele significava para mim.

Ele parou, surpreendido pelo meu comportamento. Imediatamente me olhando com cautela sem dizer uma palavra. Algo sobre o jeito que ele estava olhando para mim revelou dor em seus habituais olhos frios, sombrios e sem alma. Eu nunca tinha o visto parecer em conflito internamente, nem eu entendo o porquê. Ele estava lutando algum tipo de batalha interna quando se referia a mim. Evitando-me a todo o custo, não querendo admitir que tivesse um efeito sobre ele também. Ele ficou lá com as mãos em sua calça, apenas olhando sem expressão. Eu queria me perder em seus olhos naquele momento, saboreando a maneira como ele estava olhando para mim. A maneira como ele puxava todos os sentimentos do meu corpo, como se pertencesse a ele.

Especialmente a forma como eu o estava fazendo se sentir.

Eu nunca queria que isso acabasse.

Era como se fôssemos as únicas duas pessoas no mundo.

—Alejandro. —Eu ainda falei sem fôlego, oprimida por minhas emoções. —Eu não posso acreditar...

—Não. —Ele me interrompeu em um tom cansado.

Eu fiquei de pé, dando um passo em direção a ele. —Eu só queria... —Ele colocou a mão na frente, gesticulando para eu parar.

—Não. —Ele repetiu com voz severa. Vigorosamente acentuando a palavra.

Eu estendi a mão, colocando-a tremendo em seu peito e ele deixou.

—Tudo que eu quero é.... —Ele me empurrou para longe, me fazendo tropeçar para trás. Mas ele me apanhou antes de eu cair, enquanto passava por mim, se afastando. Não me permitindo terminar o que eu queria desesperadamente dizer a ele. Eu fiz uma careta, ferida. —Que diabos? —Sussurrei para mim mesma. Vacilei por alguns minutos enquanto eu o observava sair a passos largos em direção ao seu escritório, como ele fazia toda vez que ele chegava em casa.

Dispensando-me. Mais uma vez.

Sorvei uma respiração profunda, calmante, antes de seguir atrás dele. O homem era como Jekyll e Hyde, fazendo algo tão significativo e amoroso para mim, em seguida, me empurrando para longe, quando tudo que eu queria fazer era lhe agradecer. A porta do escritório se fechou antes que eu pudesse alcançá-lo. Eu fiquei na frente do espaço de madeira por alguns segundos, flexionando os punhos ao meu lado, fumegando. Ele precisava tirar essa vara da sua maldita bunda, e me tratar com algum respeito. Eu sabia, no fundo da minha mente, que isso não acabaria bem. Mas eu não dava à mínima. Nada me impediria de invadir seu escritório, uma repetição de uma tentativa fracassada de

todos esses anos atrás.

Eu abri a porta, até bater na parede com um baque forte. Ele estava sentado em sua cadeira, os cotovelos colocados sobre a mesa com a cabeça apoiada entre as mãos fortes. Ele nem sequer se assustou, como se ele estivesse me esperando vir atrás dele. Ele olhou para cima com um olhar ameaçador, eu sabia que entrar em seu escritório sem ser convidada para entrar o irritaria ainda mais. Eu estava pisando sobre a linha imaginária de seus limites, e eu não me importava.

Nem por um segundo.

—Qual é a porra do seu problema? —Eu rosnei frustrada que estivesse agindo desta forma comigo mais uma vez. Ele estava arruinando tudo o que ele tinha feito para mim naquele dia, e isso me irritava mais do que qualquer coisa.

—Você está me dando o pior caso de chicotada conhecido pelo homem, Martinez.

—Lexi, não. —Ele rosnou em um tom frio e distante.

—Não o quê? Hã? Não falar com você? Não olhar para você? Não tocar em você? O que não posso fazer, porra? Tudo que você faz é me dar ordens! Eu estou cansada disso! Eu não sou seu cão! Eu só queria agradecer...

Sua cadeira deslizou para trás enquanto os punhos colidiam na sua mesa debaixo dele. —Não brinque comigo! Eu não estou no humor para suas merdas! Esta é a sua última advertência, querida. Saia agora. Não me provoque! Cuide da sua maldita vida. Vire-se e vá colocar um dos tutus que comprei para você, e tire o seu traseiro da porra do meu escritório. Agora! —Ele rugiu. As veias do pescoço salientes.

Eu recuei como se ele tivesse me atingido. —Você é um babaca! —Eu gritei, agarrando a porta atrás de mim e batendo. Fechando-me em seu espaço pessoal. O deixando saber que eu não iria a lugar nenhum. —Você me deixa aqui sozinha, todos os dias de merda, sem ninguém para conversar, exceto sua maldita empregada doméstica! No entanto, aqui estou. Confiando em você, pensando em você, e querendo que

você reconheça a conexão que temos, porra! Eu sei que você sente isso também! Tente negar o quanto quiser, mas você nunca teria feito o que fez por mim hoje, se você não se importasse!

Ele apenas ficou lá, com seu corpo curvado sobre a mesa. Raiva rolando dele enquanto seu peito arfava. Eu passei as mãos pelo meu cabelo, tentando me recompor, mas não adiantou muito. Eu estava muito chateada, muito ferida, e também cansada de todas as besteiras que ele se manteve jogando em mim.

—Eu só queria agradecer! O que você fez por mim hoje... essa sala... o meu próprio espaço... —Eu fervorosamente balancei minha cabeça, minhas emoções obtendo o melhor de mim. Eu podia sentir elas assumindo. Empurrei para longe não querendo que ele me visse chorar. —Ninguém nunca fez nada assim para mim antes. Ninguém nunca se importou! Hoje foi um dos melhores dias da minha vida, e você está ferrando tudo nele! Você o está arruinando, seu bastardo! Você está quente! Você está frio! Eu não posso continuar mais! Eu quero sair, mas, novamente, eu não posso... porque eu estou com medo de que eu nunca vá vê-lo novamente. Eu odeio isso! Confiar em você. Você entende como isso é difícil para mim? —Eu gritei com minhas emoções à flor da pele, batendo o pé no chão, precisando esclarecer o meu ponto de vista. Precisando que ele entendesse.

Ele não se moveu.

Ele não disse uma palavra.

Ele nem sequer piscou.

Nada.

Isso era tudo que eu precisava para dar um basta.

—Oh meu Deus! —Eu estava em sua mesa em três passos, empurrando tudo com tanta força quanto eu poderia. As pilhas de papéis, documentos e pastas foram atiradas para o chão em um instante. Não deixando nada no meu rastro. Sabendo que ele passou horas e horas organizando e lidando com qualquer merda que fosse importante para ele.

Ele não vacilou, olhando para mim como se eu não passasse de um pedaço de merda que estava na frente dele.

—O que preciso fazer? Hã? Para conseguir algum tipo de reação sua! —Bati meus punhos sobre a mesa, rangendo meus dentes com a dor que isso causou.

—O que eu tenho que fazer para você me mostrar o homem por trás desses ternos caros malditos?

Ele ficou feroz, levando a mesa com ele. Virando-a, me fazendo saltar para trás antes que ela pousasse em mim. Sua cadeira bateu nas prateleiras atrás dele, sacudindo as vigas, enviando alguns livros ao chão. Caos entrou em erupção em torno de mim. Eu me virei para correr, para fugir dele, mas era tarde demais. Ele já estava na minha frente, ficando na minha cara, e invadindo meu espaço pessoal. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, minhas costas estavam contra a parede adjacente, perto de sua mesa virada. A força do meu próprio impulso tirou meu ar. Meus olhos se arregalaram enquanto eu ofegava por ar. Fiquei atordoada pela guinada drástica de eventos com sua presença dominante, exigente, arrogante, pesando sobre mim como se eu não passasse de um gatinho pequeno assustado.

Eu nunca esperava o que aconteceu em seguida.

Nunca.

Martinez

—Eu não disse para você não se meter comigo? —Eu fervi, a polegadas de distância de sua boca.

—Eu... Eu... Eu...

Lexi gaguejou, seu comportamento mudando rapidamente de uma leoa a um rato assustado.

—Eu não avisei que não estava no clima para suas besteiras esta noite, porra?

—Eu sinto...

—Eu não disse para não me provocar, porra? Você se mistura com o diabo, querida, você leva chifrada.

Eu odiava que ela estivesse pedindo desculpas a mim. Eu odiava que ela nunca ouvia uma palavra maldita que saía da minha boca. Mas acima de tudo, eu odiava que não dava à mínima se eu estava a assustando pra caralho. Eu nunca a machucaria fisicamente, mas ela não tinha que saber disso.

Talvez da próxima vez ela fosse me ouvir.

Ela balançou a cabeça, com seus lábios trêmulos. Fazendo meu pau se contorcer ao vê-la. Imagens de mim a agarrando pelos quadris pecaminosos e transando com ela contra a parede, dançaram pela minha mente. Dei um passo para trás antes que eu fizesse algo que eu fosse me arrepender. Eu passei a maior parte da noite anterior a observando na câmera de segurança que eu tinha instalado no ginásio. Eu não conseguia tirar os olhos da gravação. Seguindo a maneira como ela se movia perfeitamente por horas em todo o piso de madeira, com nada além da música em sua cabeça.

O sorriso em seu rosto foi o suficiente para eu fazer a chamada para ter o ginásio esvaziado. Substituindo-o por tudo o que ela precisa para seu próprio estúdio.

Um estúdio de ballet na porra da minha cobertura.

Eu afastei as imagens, o efeito que causou em mim, o cabo que eu não podia cortar da minha vida. Tirando minhas abotoaduras, eu enrolei as mangas da minha camisa. Desafivelei meu cinto, puxando-o para fora das alças da minha calça com um estalo.

—Você quer conhecer o homem por trás da porra dos ternos caros? —Eu zombei em tom ameaçador, inclinando a cabeça para o

lado.

—O que você está...

Não permiti que ela terminasse sua maldita pergunta. Eu levantei minha mão e bati o cinto no canto da mesa, junto à sua perna. Ela engasgou quando ele chicoteou pelo ar. Seus olhos se arregalaram de medo, instantaneamente se encolhendo para trás e longe de mim. Eu só queria que ela calasse a boca, e fizesse o que lhe foi dito. Eu só queria tirá-la da minha mente. Ela não pertencia àquele lugar, ninguém pertencia.

Eu não vacilei.

—Não se atreva. Você não pode...

Agarrando meu cinto mais forte, eu dei uma chicotada novamente no chão de madeira na minha frente. Isso ecoou pelas paredes. Ela imediatamente estremeceu, ofegando grandemente. Os seios dela subindo e descendo a cada passo que me levava para mais perto dela. Inclinei-me não sendo capaz de me controlar mais. Sua vulnerabilidade estava se tornando demais para eu suportar. Deixei cair o cinto no chão, fechando a distância entre nós.

Pegando-a desprevenida, meu corpo tomou conta de sua pequena estrutura, e eu beijei ao longo de seu pescoço, em seguida, para baixo em sua clavícula, enquanto eu dizia. —O que, *cariño*? O que não posso fazer?

Ela não disse nada, mas ela não precisava. Seu corpo já estava traindo sua mente, sua respiração estava acelerada, o rosto corado, os lábios entreabertos. O desejo em seus olhos estava gritando para eu levá-la em meus braços. Dar a ela o que ela ansiava.

Ela queria que eu a beijasse.

Ela queria que eu a tocasse.

Ela me queria em cima dela.

Em vez disso, eu levantei suas pernas em volta da minha cintura,

e empurrei meu corpo contra o dela, roçando meu pau duro contra sua buceta ansiosa, para que ela pudesse sentir a minha necessidade por ela. Passei a mão por sua coxa até a cintura, segurando em seus quadris. Imaginando o quão molhada eu a estava a deixando, o quanto eu poderia fazê-la gritar o meu maldito nome. Meus lábios pairaram sobre os dela, a ponto de me conectar enquanto ela ofegava.

Eu queria dar para ela.

Mas eu a deixei ir, fazendo-a assobiar com a súbita perda de meus lábios contra sua pele quente. Eu não poderia fazer isso. Tudo sobre nós era errado, então ao invés disso, eu disse. —É isso que eu pensava, porra. —E fui embora.

Deixando-a com nada além da necessidade insaciável pelo meu pau.

Capítulo 29

Lexi

Eu não podia acreditar que eu estava com ele por seis meses agora. Num minuto eu estava furiosa com ele, no próximo eu estava aterrorizada por ele, e então eu o queria mais do que quis qualquer coisa em toda a minha vida. Eu não conseguia entender como as minhas emoções poderiam ir de um extremo ao outro dentro de segundos.

Especialmente quando se tratava dele.

A noite em seu escritório há três meses, foi um ponto de virada no nosso relacionamento. Algumas coisas se alteraram, enquanto outras permaneceram as mesmas. Ele ainda estava frio e distante, tentando me ignorar com o passar dos dias. Mal sabia ele que eu podia ver os olhares sutis que ele me dava mais frequentemente agora do que antes, com indecisão em seus olhos. Então, uma noite, ele chegou em casa mais cedo do que de costume, de qualquer que seja o inferno que ele fez durante seu dia.

Quando entrei na sala de jantar para comer o meu jantar, eu parei. Ele já estava lá, sentado à cabeceira da mesa, esperando por mim. Por um segundo, eu contemplei me virar e sair. Mas eu fiquei, lhe dando o benefício da dúvida. Eu estaria mentindo se eu dissesse que não me excitou a forma como eu me sentia por vê-lo, especialmente em circunstâncias menos extremas. Seus olhos estavam serenos, cheios de silêncio de novo, enquanto um sorriso brincava em seus lábios, um sorriso que eu não podia ignorar.

Ele não estava vestido diferente, ainda estava escondido atrás do terno caro. Só que desta vez estava faltando o paletó, à gravata estava solta, pendurada em seu pescoço. Os primeiros botões de sua camisa colorida estavam desfeitos, exibindo aquele colar de corrente de prata que vi na primeira noite em que ele me trouxe aqui. E exatamente como naquela noite, eu estava ansiosa para saber o que era.

Ele acenou para eu me sentar ao lado dele, quebrando minha linha de pensamento, mas eu não obedeci. Sentei-me no outro extremo da mesa longa e estreita, o desafiando mais uma vez. Um sorriso apareceu em seu rosto enquanto eu tomava meu assento e agarrava meu guardanapo. Eu o coloquei estrategicamente no meu colo. Eu o ignorei e ao seu belo rosto estúpido, fingindo como se eu não me importasse que ele estivesse lá comigo.

Quando, na realidade, eu me importava muito.

Ele limpou a garganta. —Como foi seu dia, Lexi? —Ele perguntou, quebrando o silêncio desconfortável entre nós.

Eu me animei. Praticamente caí da cadeira, chocada com a sua pergunta trivial. Ele nunca teve nenhum interesse por qualquer coisa que eu fiz durante o dia. Eu era deixada sozinha. Dei de ombros como uma resposta, não estando pronta para dar o resumo. Eu pensei que o vi sorrir novamente, mas não lhe dei qualquer atenção. Ele passou a maior parte do jantar me fazendo perguntas aleatórias, e eu casualmente respondi com uma palavra ou um aceno de cabeça.

Quem era este homem, e o que ele fez com Martinez?

Eu estava feliz de vê-lo puxar a vara de sua bunda pomposa, por pouco tempo, pelo menos. Uma vez que terminei minha refeição, eu joguei meu guardanapo na mesa e, de repente, me levantei, saindo sem sequer um adeus. Fui para o meu quarto, tentando entender nosso encontro. Forçando-me a acreditar que era uma coisa única. Eu não deixei espaço para a esperança, eu não aguentava mais decepções.

Mas no dia seguinte, lá estava ele novamente.

Esperando por mim.

Nos meses seguintes, foi a mesma rotina. Comemos juntos quase todas as noites, às vezes ele até ficava por aqui para a sobremesa. Pouco a pouco, comecei a falar mais com ele, o perdoando por ser quem ele era.

O diabo.

Ele nunca respondeu a nenhuma das minhas perguntas, ignorando, ou mudando de assunto. Sempre virava a pergunta para mim. Eu não tinha escolha a não ser responder. Elas nunca eram pessoais, apenas conversa aleatória que você teria com um amigo. Nós não éramos amigos, no entanto.

Para ser honesta, eu não sabia o que éramos.

Uma noite, algumas semanas depois, ele disse que queria discutir algo comigo. Ele me permitiria voltar a trabalhar. Mas eu tinha que manter um arsenal de guarda-costas comigo em todos os momentos, uma vez que ainda não era seguro para eu estar sozinha. Uma de suas limusines e motoristas me levariam na ida e na volta ao trabalho. Naquele momento, eu teria concordado com qualquer coisa apenas para sair de casa. Eu não tinha ideia de como ele conseguiu manter o meu trabalho, considerando quantas bailarinas estavam tentando entrar para o *American Ballet* diariamente. Tenho certeza de que lhe custou uma grande quantidade de dinheiro, ou algumas ameaças.

De qualquer maneira, eu apreciei mesmo assim.

Eu caí de cara no trabalho como se eu nunca tivesse me afastado. Foi tão libertador estar de volta ao mundo real, e não estar na cobertura durante todo o dia e noite. Eu me senti como uma nova pessoa, e eu tinha que agradecer a Martinez por isso. Na maioria dos dias eu chegava em casa do trabalho às cinco horas da tarde, eu sempre tentava fazer mais algumas horas de dança em meu estúdio e, em seguida, ia para a sala de jantar na hora do jantar.

Com ele.

—Eu estarei de volta. —Eu anunciei, espreitando minha cabeça na sala de jantar depois do trabalho. —Eu vou trocar minha roupa de dança bem rápido. —Eu fui me virar para ir embora, mas uma voz forte, masculina, me parou.

—Não. —Martinez ordenou.

Eu comecei a notar quando eu voltava para a cobertura depois do trabalho, que ele gostava de me ver no meu traje de ballet. Ele me

olhava de cima a baixo com um olhar perverso nos olhos. O mesmo com o que ele estava olhando para mim naquele momento.

—Só vai levar alguns minutos. Eu estou uma bagunça.

—Eu gosto de você bagunçada. —Ele simplesmente respondeu.

Aparentemente, eu era uma masoquista, pois eu fiquei no meu uniforme, mesmo que eu estivesse suada e não quisesse nada mais do que um chuveiro e roupas limpas. Só para ver o olhar no seu rosto enquanto eu me dirigia para o meu lugar habitual enquanto conversávamos durante o jantar. Às vezes, nos fins de semana, eu o pegava se inclinando contra a porta do meu estúdio, me observando com uma expressão gananciosa. Foi então que eu percebi por que ele tinha um sofá colocado na sala. Não era para mim. Era para ele. Mesmo que ele não tivesse usado, ainda. Talvez com medo do que poderia acontecer se ele realmente se sentasse e me visse ensaiar.

Como tudo na minha vida, não demorou muito para eu ficar corajosa. Uma vez que o jantar acabou, eu odiava ver que o nosso tempo tinha chegado ao fim. Assim, ao longo das últimas semanas, comecei a bater na porta de seu escritório depois que eu tomava banho. No começo, ele parecia chocado com o meu atrevimento, mas com o passar do tempo, eu senti como se ele ansiosamente esperasse e contasse com isso. Deixando a porta entreaberta para mim, quando ele nunca fez isso antes.

O fato de que eu estava confiando cada vez mais em Martinez, não era algo que eu ignorava, além disso...

Eu desfrutava.

Bati na porta de seu escritório, esperando ele dizer que eu podia entrar. Não era desconfortável me sentar lá com ele, dada à circunstância do que aconteceu meses atrás. Era como se nunca tivesse ocorrido, seu escritório estava tão imaculado como era antes, de que nós o virássemos do avesso. As pilhas de documentos, papéis e pastas, que ele parecia sempre ter em sua mesa, agora estavam organizados em suas prateleiras e em armários.

Eu ri quando eu percebi que ele tinha mudado.

—Entre. —Eu o ouvi gritar através da porta de madeira.

Eu abri a porta, colocando a cabeça dentro, sorrindo quando o vi. Ele estreitou os olhos, acenando para o assento na frente de sua mesa. Eu entrei, fechando a porta atrás de mim. Tomando um assento no meu lugar habitual, enfiei minhas pernas debaixo de mim. Olhei sobre a nova pilha de documentos que não estavam lá na noite anterior.

—Então... Sr. Martinez, essa é a quantidade de trabalho que você tem que fazer hoje à noite? —Eu provoquei, para sua diversão. Enrolei uma mecha do meu cabelo em volta do meu dedo enquanto mordia o lábio inferior.

—Sr. Martinez? Eu poderia me acostumar com você me chamando assim, cariño. —Disse ele, sem olhar para cima de seu trabalho.

Revirei os olhos, sorrindo. Fazendo uma nota mental para chamá-lo assim novamente. —O que você faz aqui toda a noite de qualquer maneira? —Perguntei, pegando uma de suas pastas. O olhar de aviso que ele atirou em mim foi o suficiente para eu colocar minha mão de volta em meu colo.

—Eu trabalho, Lexi. Como você acha que eu pago pelo seu estilo de vida confortável?

Foi a minha vez de estreitar os olhos para ele. Ele zombou, jogando a caneta sobre a mesa, e se inclinando para trás na cadeira, parecendo mais relaxado.

—Mas o que você faz? —Acrescentei. —Você sabe, além de toda a merda ilegal.

Ele inclinou a cabeça para o lado. —Há mais do que isso? — Um sorriso apareceu em seus lábios.

Espertinho.

—Humm... —Eu trouxe o meu dedo indicador até meus lábios

franzidos.

—Eu posso ver as rodas girando nessa sua cabecinha. Basta dizer. —Ordenou ele, lendo minha mente como sempre fazia. O homem tinha um dom fodido de ler as pessoas.

—Você sabe que eles te chamam de “El Diablo”?

Ele sorriu, apoiando o queixo em suas mãos. Ele apenas ficou lá e me mostrou seu sorriso diabólico. Seus olhos tentadores rapidamente mudaram para o olhar predador, o que eu sempre ansiava.

—Você gosta disso, não é? Ser conhecido como “O Diabo”? —Eu questionei, lambendo meus lábios repentinamente secos.

Seu silêncio era ensurdecedor. Seu olhar intenso, como uma série de pequenas lâminas de barbear na minha pele. Penetrando profundamente dentro do meu núcleo. Fazendo-me sentir quente e nervosa ao mesmo tempo. Eu não conseguia entender como ele sempre tinha esse efeito sobre mim com apenas um simples olhar.

—Você nem sabe por que eles o chamam disso? —Eu soltei, precisando conversar e quebrar o transe que ele tinha sobre mim.

Desesperadamente querendo que ele respondesse às minhas perguntas. Ele inclinou-se para frente, apoiando os cotovelos sobre a mesa. Seu polegar correu para trás e para frente sobre o lábio inferior, me despindo com seus olhos dilatados, misteriosos. Meu coração acelerou. Calor correu por minhas veias com sua expressão não tão sutil. Quando ele me pegou olhando para o movimento de sua boca, ele inclinou-se para trás e sorriu novamente.

Rosnando, ele disse. —Se eu transasse com você, cariño, você saberia o porquê também.

Martinez

Seus olhos se intensificaram, esperando pelo meu próximo movimento.

—Meu nome não é cariño.

Olhei fundo nos seus olhos e, sem pensar, eu soltei. —Quando você possui alguma coisa, cariño, você pode chamá-la do que quiser.

Ela sorriu com um brilho nos olhos. Olhando para mim com um olhar que era novo e desconhecido. —O único problema é, você não me possui, Sr. Martinez. —Ela murmurou tão baixo que eu mal podia ouvi-la.

Eu ri. —Eu não tenho certeza se você percebeu, mas eu possuo tudo. — Mais uma vez me inclinei para trás em minha cadeira, lhe dando o espaço que ela não queria.

—O que cariño quer dizer? —Ela perguntou, mudando de assunto, precisando controlar o efeito que eu tinha sobre ela, desdobrando suas pernas debaixo dela, contorcendo-se um pouco na cadeira.

—É um termo carinhoso em espanhol, como dizer “querida”, ou “baby”.

—Oh... —Ela ronronou.

—Não leve isso muito a sério, é um termo que eu uso vagamente. —Eu menti.

—Oh...

—Eu realmente gosto da maneira como você diz isso. —Fiz uma pausa. —Cariño.

Ela corou, inclinando a cabeça para que eu não notasse. Eu estava prestes a dizer para me olhar nos olhos quando eu estava

falando com ela, mas meu telefone tocou, interrompendo a nossa ligação, arruinando o momento. Isso estava começando a tomar conta de mim. Minha força de vontade para ficar longe dela, desaparecendo cada vez mais como o passar dos dias. Na verdade, eu estava ansioso para voltar para casa, para ela. Querendo fazê-la rir, para ver seu sorriso, para falar com ela, para vê-la dançar.

Para tê-la em minha cama todas as noites... E todas as manhãs. Eu estava me apaixonando por ela, e eu não tinha sequer a tocado, ainda. Porra, eu já tinha me apaixonado por ela.

Essa era uma combinação mortal para um homem como eu.

—Habla. —Eu respondi. — Fale. —Ao meu telefone.

—Chefe, temos alguns problemas no clube de dança.

—Porque este é o meu problema?

—Confie em mim, chefe. Eu não teria chamado se eu não achasse que você o tornaria seu problema.

Eu desliguei, jogando o meu telefone na mesa. Respirei fundo, puxando o cabelo para trás do meu rosto. A última coisa que eu queria fazer era sair a esta hora da noite. Eu estava esgotado, ou pelo menos foi o que disse a mim mesmo, sabendo que tinha a ver com a bela bailarina sentada na minha frente.

—Está tudo bem? —Perguntou ela, com a preocupação.

—Eu tenho que ir. —Eu me levantei, agarrando o meu paletó de trás da minha cadeira.

—Posso ir com você? —Ela cautelosamente questionou, trazendo a minha atenção de volta para ela. Batendo os malditos olhos para mim.

—Lexi, eu...

—Eu prometo que vou ouvi-lo. —Ela persuadiu com sua doce voz do caralho, o que tornava quase impossível para eu dizer não para ela.

—Seu nariz está realmente crescendo no momento. Você está ciente disso não é?

Ela inclinou a cabeça, decepcionada.

—Você tem cinco minutos para me encontrar na porta da frente.

Ela imediatamente olhou de volta para mim com os olhos arregalados. Um sorriso espalhou-se em seu rosto.

—Se você não estiver lá, eu vou embora.

Ela entusiasticamente concordou. Pulando da cadeira, ela saiu correndo da sala. Tropeçando em seus próprios pés, se segurando no último segundo. Eu ri, não deixando que isso a detivesse.

Eu balancei a cabeça, censurando a mim mesmo. —Que porra você está fazendo, Alejandro? —Murmurei, esfregando a parte de trás do meu pescoço. Tentando aliviar a dor de cabeça súbita que eu senti iminente.

Eu coloquei minhas armas no coldre, e guardei as balas extras no meu paletó. Agarrei meu telefone no caminho. Lexi já estava esperando na porta quando eu apareci. Seu cabelo longo e escuro fluía livremente em torno de seu rosto lindo. Ela estava usando um jeans baixo, apertado, que acentuava sua bunda deliciosa, e uma camisa curta que deixava muito pouco para a imaginação. Um piercing de umbigo cravejado estava pendurado tentadoramente em exibição. Um par de saltos foda-me mal finalizava seu traje.

—Eu não estava tentando bisbilhotar, mas eu ouvi seu homem dizer que precisava de você em seu clube de dança. Eu nunca fui a um clube, então eu não sabia o que vestir. Espero que isso... —Eu limpei o batom vermelho de seus malditos lábios carnudos.

—Seu nariz está crescendo novamente, cariño. Promete que vai me ouvir.

Ela jogou a cabeça para trás, rindo, e eu resisti à vontade de rir com ela. Em vez disso, agarrei a mão dela e a levei para fora da porta.

—Você não saia do meu lado, a menos que eu diga. Você me entende?

Ela assentiu com a cabeça, me seguindo para a limusine com quatro guarda-costas que eu tinha para nos escoltar. Normalmente eu levaria apenas um, mas desde que Lexi estava comigo, eu escolhi ser excessivamente cauteloso. Passei a maior parte do passeio ao telefone, enquanto Lexi se sentou ao meu lado, mexendo com os dedos. Sua perna saltando para cima e para baixo, antecipando o que a noite traria. Em um ponto, eu inconscientemente estendi a mão, colocando na coxa dela para acalmá-la. Ela ficou tensa pelo gesto inesperado, mas eu apertei sua coxa passando segurança. Ela relaxou, aceitando meu toque. Passei o resto da nossa viagem tentando como o inferno não mover minha mão mais para cima em sua coxa.

Quando chegamos ao clube, eu pedi aos guarda-costas para fazerem uma varredura antes de deixar Lexi sair. O clube de dança estava cheio como se fosse sexta à noite. Todos vestidos com esmero, minhas drogas e bebida fluindo como água fodida. Aconteceu de ser noite Latina, e o ritmo da salsa soava através dos alto-falantes. Nós entramos pela porta dos fundos, evitando as multidões que eu odiava. Bêbados estranhos, moendo contra você, enquanto você tentava passar, não era o meu tipo de noite. Eu já tinha tido a minha parte em festas. Eu estava muito velho para essa merda. Deixei Lexi com os guarda-costas em minha mesa VIP, lhes ordenando para não deixar ninguém chegar perto dela. Eu precisava fazer sala para alguns dos grandes apostadores regulares, que passavam uma carga mínima de dinheiro em tudo o que eu tinha para oferecer.

Quando eu terminei, me virei para encontrar Lexi dançando, provocativamente balançando os quadris com a música sem perder uma batida. Não dando qualquer atenção aos pares de olhos masculinos que estavam exclusivamente voltados para ela. Eu vi isso acontecer antes que realmente acontecesse, um dos homens olhando para ela, passando pelos guardas. O filho da puta enjaulou Lexi, com os seus braços, a prendendo contra a parede. O medo em seus olhos foi o suficiente para me fazer passar pela multidão, gritando com os meus homens para avançarem. Eu a alcancei, assim que eles estavam prestes a intervir.

Agarrei o filho da puta qualquer pela parte de trás de sua camisa com colarinho, arrastando-o para longe dela. Jogando-o contra a parede adjacente. Foi a minha vez de enjaulá-lo.

—Você não toque no que pertence a mim, porra. —Rosnei, deixando o filho da puta de joelhos. Recuando, eu acenei para os meus homens levarem este pedaço de merda para fora do meu clube. Eles teriam que lidar com minha ira mais tarde por não fazer a porra do trabalho direito.

Voltei minha atenção de volta para Lexi, que estava balançando no canto que o filho da puta a enjaulou. Assim que ela sentiu o meu toque na bochecha dela, meus dedos acariciando o lado de seu rosto, ela relaxou.

—Você está bem? —Perguntei, puxando para o meu corpo.

Ela assentiu incapaz de formar palavras ainda. Eu odiava vê-la fraca. Doía-me fisicamente vê-la desligada. Eu agi por impulso puro, sem pensar duas vezes sobre isso. Peguei suas mãos, colocando em torno do meu pescoço. Trazendo tão perto do meu corpo quanto possível. Passando os braços ao redor da parte baixa de suas costas, eu saboreei a sensação de sua pele exposta, agarrando-se às minhas costas. Eu lentamente nos girei em círculos lentos. Tomando o meu tempo até que ela sorriu, ficando confortável e relaxada novamente.

Eu descansei minha testa na dela, olhando profundamente em seus brilhantes olhos verdes, enquanto eu oscilava ao redor com ela, nos movendo sem esforço em torno do nosso espaço privado, e bloqueando as pessoas perto de nós.

Os movimentos.

A música.

Tudo isso trouxe de volta memórias dolorosas do meu passado. Vendo flashes de minha mãe e Sophia dançando e rindo na nossa sala de estar. Eu não tinha dançado desde então, outra vida, outro mundo, outro homem. Sacudi as memórias tão rápido quanto elas vieram. Empurrei Lexi para longe do meu corpo, girando-a em um círculo,

terminando com um mergulho. Ela riu, e eu juro que era o som mais contagiante. Olhei para ela, nós dois nos perdendo na ligação inegável que sempre compartilhávamos.

Ela se levantou nas pontas dos pés para sussurrar no meu ouvido.

—Obrigada, Alejandro. Por tudo.

A sensação dela em meus braços.

O cheiro dela contra mim.

O olhar em seus olhos.

Eu não conseguia lutar mais contra ela. Eu sorri. Rindo com ela, apreciando o fato de que, pela primeira vez em um longo tempo, eu estava feliz.

Com ela.

O ritmo otimista mudou para uma melodia Latina mais lenta. Lexi olhou para mim através de seus cílios com olhos cheios de luxúria, me pedindo para inclinar e beijar seus lábios carnudos. Meu sorriso desapareceu, a realidade me chutou novamente.

Como diabos eu estava permitindo que acontecesse?

Eu assumi completamente a minha guarda. —Caralho. —Eu xinguei, dando um passo para trás e para longe dela.

Ela deu um passo em minha direção, colocando as mãos no meu peito.

—O que acabou de acontecer? Por que você me afastou?

—Porque você me fez sorrir e rir com você em um período de cinco minutos? Porque eu mudei? Porque você me mudou? Eu vou destruí-la, menina. Você me faz perder de vista quem eu sou, eu admito isso. Me encontro pensando em você em momentos que eu não deveria. Eu não posso ter isso, e... —Fiz um gesto entre nós. —Nós não podemos acontecer. —Eu rebati, voltando a ser o homem frio, calejado

que eu precisava ser.

Ela fez uma careta, seus olhos instantaneamente se fechando. A dor era clara como o dia em seu rosto. Ela não tentou escondê-la. Suas mãos deslizaram pelo meu peito para os lados, derrotada. Levou tudo dentro de mim não colocá-las novamente em mim.

—Vocês cuidem dela. Eu vou acabar com vocês se algo acontecer com ela, desta vez. —Eu pedi aos meus homens, então me virei e saí sem olhar para trás. Eu não poderia lidar com ver a decepção no seu rosto.

Eu passei através da multidão, indo para o meu escritório, para descobrir o que diabos era tão importante que eu precisava estar aqui. Eu honestamente não achei que a noite pudesse piorar ainda mais.

—Puta merda. —Eu xinguei, logo que eu vi o drogado do Austin Taylor, sentado na cadeira no meu escritório.

Briggs o havia deixado há alguns meses por razões que eu não queria saber. Ela simplesmente apareceu na minha maldita porta, tarde da noite, dizendo que precisava de um lugar para dormir por alguns dias. Lexi foi a pessoa que atendeu a porta, e eu quase arranquei a porra da minha cabeça por ser tão descuidado. Tenho certeza que ela estava morrendo para conhecer Briggs, mas me certifiquei de que isso não acontecesse.

Passei a porra da próxima hora lidando com Austin, quando tudo que eu queria fazer era ficar com Lexi. Na verdade, eu queria me desculpar, e dizer a ela que eu não quis dizer isso. Perguntar a ela o que eu precisava fazer, para que as coisas ficassem bem novamente. Eu não pude sair de lá logo. Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, eu fui capaz de voltar e encontrá-la. Deixei Austin no meu escritório para sair um pouco de sua névoa induzida por drogas, querendo saber onde diabos Briggs estava.

Eu não pude deixar de me sentir responsável por ele, pensando no quanto eu tinha a ver com seu vício. Eu ignorei isso como eu fiz com tudo essa noite.

—Chefe, nós não... —Eu o empurrei para fora do caminho quando vi Lexi completamente bêbada.

—Quem diabos deu bebida a ela? —Eu fervi, tentando manter a calma, mas os meus limites estavam sendo empurrados ao máximo.

—Bem, você disse para cuidar dela. —Ele explicou, apontando para ela dançando sobre a mesa.

—Eu quis dizer para você ter certeza de que ela estivesse protegida, não para deixá-la embriagada! Agora dê o fora da minha frente. —Eu gritei, balançando a cabeça, pronto para colocar algumas balas malditas nestes filhos da puta. Eu estava sobre ela em dois passos, pegando suas mãos, puxando-a para baixo e por cima do meu ombro. Tirando para fora da mesa.

—Heeeeeyyyyyy... Eu estava dançando... Eu nem sequer gosto de você mais... —Ela falou de forma arrastada, cheirando a uísque, vodca, e Deus sabe o que diabos mais, protestando, golpeando minhas costas e chutando as pernas.

Sentei-nos no sofá de couro, colocando seu corpo balançando ao meu lado, com a cabeça girando e um olhar vidrado em seus olhos. Ela mal conseguia segurar a cabeça em pé. Só mais uma coisa a acrescentar à confusão que eu estava tendo esta noite.

—Chefe, ela está bem. Ela está apenas um pouco bêbada. —Rick assegurou, tentando salvar sua bunda.

Do nada, Lexi se inclinou para mim, se jogou no meu colo. Eu segurei seu cabelo para trás, virando seu rosto para o chão enquanto ela continuava a vomitar líquidos, até que ela não podia mais.

Eu atirei-lhe um olhar ameaçador. —Obviamente, ela não está bem, porra.

—Eu sinnnntooooo muuuiiiito... — Lexi riu bêbada. —Eu me sinto bemmmm, embora...

Eu a inclinei contra o sofá, limpando sua boca com um

guardanapo. Arrancando o copo de água de uma das mãos dos meus homens.

—Lexi, beba isso. —Eu coloquei o copo perto de seus lábios.

—Não... não... chega... não quero... mais beber. —Ela balançou a cabeça ao copo. Empurrando-o para longe, fazendo cair. Ele quebrou no momento do impacto com o chão, perto dos nossos pés.

—Merda. —Murmurei frustrado.

Ela olhou para mim através de seus cílios, sorrindo. —Você... não vai me deixar...

Eu balancei a cabeça, tentando como o diabo não rir. Mesmo bêbada como a merda, ela ainda estava adorável. Eu limpei minha calça da melhor forma que podia, antes de me levantar e pegá-la em meus braços, embalando como um bebê. Ela se inclinou, aninhada em meu peito, suspirando de contentamento quando seu corpo foi relaxando, e quase imediatamente desmaiou. Ela ficou assim toda a viagem de volta para o meu apartamento. Aconchegada nos braços, roncando suavemente. Eu a levei direto para seu quarto e tirei a roupa de seu corpo, que cheirava a vômito.

Ela inalou meu cheiro e meio que gemeu. —Alejandro. —Enquanto eu gentilmente a deitava na cama. Ela se esticou como um gato, se estendendo, em seguida, se enrolou em uma bola. Eu rapidamente fui até o meu quarto, troquei minha calça suja, entrei no banheiro e peguei três Ibuprofenos do meu armário de remédios. Depois, voltei para seu quarto, correndo pelo corredor, precisando voltar para ela. Ela não se moveu.

Estendi a mão para ela e me sentei. —Cariño, você tem que tomar isso.

Ela meio que abriu seus belos olhos e sorriu para mim. —Eu realmente amo isso... quando vocêeeee... me chama assimmm... parece muuuito sexy... me deixaaaaa toda quente e úmida... você é o único homem queeee foi capaz de fazer isso...—Sua cabeça entortou, lutando para permanecer na posição vertical.

—Lexi...

—Eu sei... você vai ser todoooo... vocêeee... mas você não é um homem mau... mmm humm... Eu conheço você... —Ela assentiu com a cabeça. —Mais do que você... se conhece. Um dia você vai... me amaaaarrr... porque... eu já acho... que estou apaixonada porrr você... Por você. Apaixonada. —Sua cabeça parou de se mover, e ela olhou para mim, nos olhos, por uma fração de segundo.

Engoli em seco.

Ela lentamente sorriu. —Boaaa... noite... Sr. Martinez. —Ela se deitou para trás, fechando os olhos, e dormiu dentro de segundos.

Fiquei com ela por alguns minutos, afastando seu cabelo para longe de seu rosto. Acariciando sua bochecha, observando todas as suas feições delicadas. Ela era tão incrivelmente bela.

Eu estava fodido.

Sentei-me na poltrona e esfreguei as têmporas, em um esforço para acalmar a minha enxaqueca sem sucesso. A observei dormir como eu tinha feito todas as noites durante os últimos seis meses, pensando em cada palavra que ela, mesmo bêbada, compartilhou comigo. Sabendo no fundo da minha mente... Que. Ela. Estava. Certa.

Capítulo 30

Lexi

—Oh Deus. —Eu gemi de dor, imediatamente agarrando o travesseiro, o envolvendo em volta da minha cabeça que latejava. Tentando lembrar o que aconteceu na noite passada.

—Com dor de cabeça? Você realmente não deveria ser tão descuidada com álcool. —Martinez entrou na conversa, sentado em seu lugar habitual na poltrona perto da minha cama.

—Hummm... —Eu gemi enquanto rolei para enfrenta-lo, piscando para longe a nuvem da ressaca. —Talvez você não devesse ter sido um idiota com sua convidada. Deixando-me sozinha para beber em primeiro lugar.

—Oh, é minha culpa que você decidiu tomar o dobro do seu peso em bebida? —Ele se levantou, caminhando até a janela.

—Eu não achei que estivesse bebendo muito no momento. Eu não costumo beber, agora eu sei por quê. —Retruquei, apertando os olhos fechados, orando a Deus para ter misericórdia de mim.

—Você precisa se vestir. —Ele simplesmente declarou, abrindo as cortinas. A luz do sol entrou através da janela, me fazendo estremecer de dor.

—Que diabos, Martinez! Um pequeno aviso antes seria bom. —Gritei, me virando, então eu estava de bruços sobre a cama.

Ele riu. —Feche os olhos.

—Idiota. —Eu sussurrei. —Eu pediria para você sair do quarto, mas você já me viu nua. —Eu respondi, sentindo os lençóis na minha pele sem roupa.

—E em ambas as vezes você estava inconsciente. Embora, eu tenha que lhe dar algum crédito. Você não vomitou em cima de mim na

primeira vez. Sorte minha. Não se preocupe querida, eu olhei, mas não toquei.

Eu afundei no colchão, mortificada. Ignorando a sua declaração sobre me olhar. —Eu vomitei em você? — Balançando a cabeça, o constrangimento se estabeleceu em mim. Fazendo-me corar.

—E em si mesma. —Acrescentou.

Eu não conseguia nem olhar para ele, tudo o que eu queria era desaparecer. Desaparecer em baixo do edredom, e fingir que eu não me envergonhei na frente dele. Na frente de seus homens e milhares de frequentadores do clube. Eu fiz merda. Tudo o que eu queria fazer era esquecer a noite passada. Num minuto ele estava me irritando, e então nós estávamos dançando e rindo, e no próximo ele estava me afastando novamente. Agindo como a porra de um idiota completo. Eu não deveria estar surpresa, mas tinha passado meses desde que ele me tratou daquela maneira.

Uma pequena parte de mim pensou que eu tinha finalmente quebrado sua atitude gelada, apenas para perceber que era mais uma ilusão na minha cabeça delirante. Eu não tinha intenção de me fazer de tola. E isso foi exatamente o que eu fiz. Eu bebi três, talvez quatro... ou foi cinco copos? Eu perdi a conta.

Atingindo-me como um jato de água fria, um após o outro, eu não percebi o quão forte as doses eram. Eu não conseguia me lembrar de nada depois da última. O resto da noite eu passei apagada.

Espero que eu não tenha dito nada estúpido...

Eu abri minha boca para dizer algo, fechando-a rapidamente, sem saber o que dizer. Eu o ouvi mexer-se por todo o quarto, e abri um olho para espreitar, pensando que ele tinha saído para que eu pudesse voltar a dormir. Esquecer que isso aconteceu.

Eu não tive tanta sorte.

—Aqui. —Ele falou acima de mim.

—Vá embora, Martinez. Deixe-me aproveitar minha humilhação por um pouco mais de tempo. —Eu lentamente me virei, abrindo meus olhos um de cada vez. Mal capaz de distinguir sua forma, por causa da luz que era tão brilhante atrás dele. Pisquei rapidamente, me amaldiçoando mais uma vez por ser tão descuidada, como ele costumava dizer. Ele estava segurando um copo de água gelada e uma torrada com manteiga. Eu lentamente me sentei, puxando o lençol comigo enquanto eu inclinava minhas costas nuas contra a cabeceira fria, tremendo. Agarrei o copo de água e a tomei. Congratulando-me com a sensação fria que deixou em seu rastro.

—Oh meu Deus, a vida está mudando. —Eu praticamente gemi, dando uma mordida na minha torrada.

—Você precisa se vestir. —Ele repetiu com um tom agitado, me fazendo olhar para ele.

Seus olhos mostravam algo que eu não conseguia entender, muito chocada que ele estivesse me mostrando qualquer emoção, quando ele foi tão reservado todo esse tempo. Compartilhando o que ele queria, nunca o que ele não queria.

—Nós vamos para algum lugar? —Perguntei, precisando saber.

—Sim. —Ele simplesmente declarou. Nossos olhos nunca vacilaram um do outro, completamente cativados pelo olhar do outro.

—Está tudo bem?

—Nada está sempre bem.

—Nós vamos...

—Meu negócio baseia-se em coisas erradas. Eu não sou seu príncipe encantado, e uma vez que você perceber isso, tornará as coisas muito mais fáceis.

—Para você?

—Não. Você. Eu sei quem eu sou. É você que não sabe. —Ele fez uma pausa para deixar suas palavras afundarem. — Agora vista-se. Eu

estarei em meu escritório. —Ele se virou e saiu.

Eu fiquei lá por não sei quanto tempo, pensando no que ele tinha acabado de dizer. Tentando descobrir o que aconteceu ontem à noite, quebrando a cabeça para me lembrar de algo que havia dito a ele. Algo que eu não deveria ter dito.

Uma vez que tomei um banho e escovei os dentes, eu me senti muito melhor. Quase como uma pessoa totalmente nova. Eu me vesti casualmente com uma saia longa, regata e sandálias, deixando meu cabelo solto, com apenas um pouco de rímel, blush e brilho labial. Minha maquiagem de costume. Eu sabia que levei mais tempo do que ele provavelmente esperava, mas ele não disse nada quando entrei em seu escritório, pronta para ir. Nós fomos para a parte de trás da limusine, em um silêncio constrangedor, ouvindo a chuva cair no teto do carro, almejando que ele colocasse a mão na minha coxa como ele tinha feito na noite anterior. Ansiando por ele, me confortar com um simples toque de sua mão.

Ele não o fez.

Ele estava olhando para fora da janela escura, inclinando-se com o braço na porta. Esfregando os dedos pelos lábios, perdido em seus próprios pensamentos, em seus próprios demônios. Em seu próprio mundo como eu nunca havia testemunhado antes.

O passeio de limo poderia ter durado um minuto, uma hora, ou algumas horas. O tempo parecia ter parado. Era como se cada segundo que passava entre nós, fosse outro momento no tempo para ele. Outro lugar que ele revisitava muitas vezes, ou ainda pior, ele nunca o deixava.

Ele estava lá…

Mas ele não estava.

Sem pensar, estendi a mão e coloquei em cima da sua. Entrelaçando os dedos, dando um aperto tranquilizador. Querendo proporcionar algum tipo de conforto, se pudesse. Seus olhos rapidamente focaram nossas mãos, como se ele estivesse esperando por algo que eu não entendia muito bem. Sua mão permaneceu frouxa, e

ele não devolveu o meu sentimento. Depois de alguns segundos, ele olhou para fora da janela, não dando ao meu carinho qualquer consideração. Muito consumido por seus próprios pensamentos atormentados.

Nós passamos por um conjunto de enormes portões de ferro fundido, até uma estrada longa e estreita cercada por árvores, que eu assumi ser para a privacidade. Meu coração acelerou um pouco mais, quanto mais perto chegávamos ao nosso destino final, sem saber onde diabos ele estava me levando. Árvore após árvore passava pelos vidros escuros, lançando sombras em nosso caminho. Sumindo à distância. As árvores, de repente, clarearam, e fomos confrontados com um campo que pareciam ser de margaridas. Uma casa enorme apareceu do nada com acres de vegetação deslumbrante que rodeavam a propriedade. Foi então que eu percebi...

Nós estávamos em um cemitério.

Martinez

Assim que o motorista pisou no freio, eu abri a porta e saí da limo. Eu precisava sair antes que ela tivesse a oportunidade de falar. Eu sabia que ela tinha toneladas de perguntas que vinham atacando sua mente, uma vez que eu disse a ela para se vestir naquela manhã. Ontem à noite provou uma coisa, e apenas uma coisa. Eu estava baixando minha guarda, permitindo que a fraqueza infiltrasse através das rachaduras. Eu a estava deixando entrar. Eu não podia me conter. Ela estava me transformando em um maldito maricas. Eu era sempre o homem que exalava nada além de controle e poder. Eu prosperava sobre isso.

Era a única razão pela qual eu ainda estava andando.

Ainda respirando.

Ainda vivo.

Eu não podia confiar em mim com ela. Eu tinha provado isso muitas vezes ao longo dos anos. Ela estava se apaixonando por “El Diablo”, e agora eu precisava que ela fugisse do meu inferno.

—Fiquem. —Eu pedi aos guarda-costas. Saindo da limo, puxei Lexi comigo. Nossas mãos ainda estavam entrelaçadas desde o começo do passeio. O motorista me entregou o guarda-chuva grande, preto, me dando a desculpa para soltar sua mão.

Ignorei o olhar magoado que passou sobre seu rosto. Ela olhou para mim, procurando em meus olhos as respostas que ela queria desesperadamente. Ela abriu a boca para me enfrentar novamente, mas rapidamente a fechou quando teve um vislumbre do meu olhar ameaçador. Eu não queria fornecer a ela qualquer alívio ou segurança. Não era disso que se tratava, era exatamente o oposto, e ela precisava compreender o que a realidade de viver na minha vida traria.

—Vamos. —Eu balancei a cabeça, segurando o guarda-chuva sobre nós. Liderando o caminho para que ela finalmente conhecesse o homem por trás do terno caro fodido.

Quanto mais perto chegávamos da minha realidade, mais eu percebia que eu estava fazendo a coisa certa. Até não haver mais passos a dar, não haver mais pensamentos para duvidar, não haver mais emoções para forçar. Até que não houvesse nada além da verdade, olhando para nós. Entreguei a Lexi o guarda-chuva, e saí para a chuva, não me importando que cada polegada do meu corpo estivesse coberta com a chuva que caía do céu. Olhei para cima, enquanto as lágrimas do céu escorriam pelo meu rosto, e caía aos meus pés. Eu vagamente observei o clarão diante de mim, inconscientemente contando os segundos até que o trovão fosse atacar.

A tempestade estava se aproximando...

Eu queria que ela me purificasse e me salvasse dos meus impulsos, das minhas decisões, das minhas escolhas. A dor e o sofrimento eram tão reais quanto às mulheres enterradas na nossa frente. Por mais que eu quisesse que isso fosse embora, isso nunca aconteceria. Era um lembrete diário de quem eu perdi.

De quem eu sou.

Eu assisti Lexi pelo canto dos meus olhos, segurando o guarda-chuva na mão, a outra sobre sua boca enquanto ela lia as duas lápides. Olhando as margaridas frescas que eu mandava entregar todas as manhãs, chamando sua atenção.

—Alejandro, isso é...

Eu não vacilei, pondo fim à fantasia em sua cabeça. Falei com convicção.

—Isto é o que acontece com as mulheres que me amam.

Nossos olhos se encontraram.

—Bem-vinda ao meu inferno.

Um estrondo de um trovão rugiu acima de nós. Ela estremeceu, sugando uma respiração, arregalando os olhos. Envolvi meus braços em torno de seu pequeno corpo para dar calor e conforto, enquanto ela ouvia minhas palavras.

—Esta é a minha vida, Lexi. Pessoas morrem em torno de mim diariamente, pelas minhas próprias mãos e pelas dos outros. Eu matei pessoas apenas para provar que tinha razão, abati homens sem pensar duas vezes sobre isso. Eu sou um filho da puta cruel, que prefere a tortura como uma forma de vingança. Minhas mãos ainda estão cobertas de sangue da minha mãe. E da minha irmã...

—Você as matou...

—Sim. Posso não ter puxado o gatilho, mas isso não as salvou de morrer também. —Eu me afastei, virando as costas para ela. Eu precisava de algum espaço. Eu nunca tinha admitido essas palavras a

ninguém.

—Eu sei que o que você faz é perigoso. Eu sei que há uma razão por que você é assim. Oh meu Deus... Isso explica muito. Mas eu conheço você... Eu vejo através de você. Sob os ternos caros, há um homem com um coração enorme. Eu sou a prova viva disso. Você não é mau. Você apenas pensa que é.

Ela deu um passo para frente, deixando cair o guarda-chuva no chão. Eu podia ouvi-la vindo atrás de mim. Esticando seus braços. —Está tudo bem, Alejandro, eu sinto muito, eu sei o que é perder um pai.

Virei-me para encará-la, a chuva em cima de nós agora.

—Eu sei o que é ser sozinho, sentir como se você não tivesse ninguém do seu lado. Mas você tem a mim. Eu estou aqui por você, não importa o que aconteça. —Ela chorou, sua voz falhando.

Eu não pude aguentar isso por muito mais tempo. Eu não queria sua simpatia, a sua preocupação, ou seu amor, porra.

—Não me toque, Lexi. Você precisa ficar longe de mim. —Adverti, movendo suas mãos para longe do meu corpo.

—Alejandro, por favor... por favor... me deixe... —Ela implorou em voz de puro desespero e tristeza.

—Não me toque. Estou te avisando. O que preciso fazer para você perceber que eu não sou bom para você? —Eu gritei, passando minhas mãos pelo meu cabelo molhado.

Ela não me ouviu, continuando seu ataque, tentando tocar meu rosto, meus braços, e meu peito. Suas mãos queimavam como se ela estivesse me tocando com água benta. Afundando ainda mais no inferno, junto comigo. Queimava em todos os lugares em que ela as colocava, onde quer que ela me tocasse, deixando para trás, cicatrizes mais profundas do que as que eu já tinha.

—Por que você não me deixa entrar? Eu posso ajudar... Nós podemos ajudar um ao outro. Por que você insiste em lutar contra isso?

—Ela implorou, gesticulando entre nós. —Eu entendo que você não quer que eu acabe como as outras mulheres que você amou, mas essa não é uma escolha sua. É minha. —Ela teimosamente declarou, sem deixar suas mãos longe de mim.

—Você não tem nenhuma ideia de onde você está se metendo. —Eu apontei o dedo em direção às sepulturas. —Minha vida não foi feita para você, ela não foi feita para ninguém além de mim, é o preço que eu pago por tirar vidas que não pertenciam a mim. —Eu cerrei minha mandíbula. Esperando que ela se afastasse de mim.

—Eu sinto muito, Alejandro, mas eu não vou a lugar nenhum. —Ela lamentou, se inclinando para me envolver com seus braços.

Eu agarrei os pulsos dela mais forte do que eu pretendia, segurando-a no lugar. Eu rosnei perto de seu rosto. —Então eu posso muito bem começar a cavar sua sepultura ao lado da minha mãe e irmã. Você pode finalmente me odiar quando eu colocar você para descansar.

Eu a soltei com um empurrão, deixando-a ali. Tentando como o inferno descobrir o que eu precisava fazer para me livrar desta menina.

Antes que eu a matasse também.

Capítulo 31

Lexi

Sentei-me assustada, olhando ao redor do meu quarto escuro, procurando o homem que normalmente se escondia nas sombras. Infelizmente, tive apenas o vislumbre da poltrona vazia cada vez que um raio atingia o céu, iluminando todo o quarto. Luz e escuridão se revezavam, uma e outra vez, mas nada de Martinez. A tempestade não me deixou durante todo o dia, a chuva era constante, e os trovões eram altos. Memórias da minha infância vieram à tona. Aconchegando com a minha mãe quando as tempestades eram ruins. Eu gostaria de ter esse conforto agora.

Eu não conseguia dormir.

Eu tinha revirado na cama pelas últimas horas, incapaz de esquecer o que aconteceu naquela manhã. Fechando os olhos, só para ver duas lápides atrás das minhas pálpebras. Eu nunca esperei que ele compartilhasse isso comigo, nem por um segundo. Tanto quanto eu estava aliviada que ele estava finalmente me dando um pedaço de seu quebra-cabeça, eu também estava devastada que ele estivesse usando isso para me afastar. Como se ele achasse que não era digno de ter alguém para cuidar dele, ou que quisesse ficar com ele através do bom e do mau.

Doeu meu coração só de pensar nele.

Lembrando-me de que tínhamos mais em comum do que eu jamais poderia ter imaginado. Quando voltei para a limusine, ele não estava lá esperando por mim. Estavam apenas os guarda-costas de pé, observando cada movimento meu. Todos os quatro homens ainda estavam lá.

Ele me deixou sozinha.

Ele não deveria ter saído por conta própria. Desprotegido em um

mundo onde ele valia mais morto do que vivo. Durante todo o trajeto para casa eu não conseguia afastar a sensação de que algo ruim aconteceria. Ansiedade tinha tomado conta, e os minutos pareceram horas.

Ele não voltou para a cobertura naquela noite. Nós não jantamos juntos. Eu não o vi desde que ele me deixou de pé no cemitério com a realidade de suas duras verdades. Passei o dia todo enrolada no sofá mais próximo da porta da frente. Com medo de que eu o perdesse se ele inesperadamente aparecesse.

Esperando ele voltar para casa.

Para mim.

Foi por volta da meia-noite quando eu levantei e fui para a cama, esperando que talvez, apenas talvez, ele fosse acabar no meu quarto.

Ele não foi.

Eu rolei, olhando para o relógio na minha mesa de cabeceira. Ele marcava 3:30 AM e eu gemi, cruzando os braços sobre o rosto. Não havia nenhuma maneira de conseguir dormir, não até que eu soubesse que ele estava em casa. Eu me estiquei, não percebendo que eu tinha ficado enrolada em uma bola a maior parte da noite. Abrigando-me da tempestade. Os lençóis estavam colados à minha pele ansiosa, superaquecida, me fazendo queimar, mesmo que eu estivesse vestindo um top e calcinha. Respirando fundo, eu afastei meu corpo dos lençóis. Girei minhas pernas sobre a borda da cama, e coloquei meus pés no chão de madeira frio, abafando um bocejo.

Antes que eu percebesse, eu estava na minha porta, girando a maçaneta. Saí do meu quarto, olhando para o corredor escuro em direção ao seu quarto. O silêncio era ensurdecedor em torno de mim, flashes fantasmagóricos de trovão faziam o meu coração bater a mil por hora. Meus pés tocavam contra o chão de mármore, uma força me puxando para ele como uma corrente.

Uma corrente que só ele já possuiu.

Eu estava a poucos passos de seu quarto, quando notei que a porta estava entreaberta. Ele nunca a deixava aberta. Eu nunca tinha visto o que estava além dessa porta, e este era o único quarto em sua cobertura no qual eu nunca estive. Meu estômago se agitou e meu coração batia forte a cada passo que me levava mais perto de seu quarto, em silêncio, rezando para que ele estivesse lá.

Seguro.

Eu lentamente, calmamente empurrei a madeira pesada, cautelosamente entrando no interior. Tomando cuidado para não fazer qualquer barulho no caso dele estar lá dentro. A sala estava em silêncio, nem mesmo o som de um relógio para quebrar a monotonia. Eu sabia que uma coisa era certa, o homem nunca dormia. Os acontecimentos do dia o esgotaram, se ele estivesse dormindo. Seu corpo fisicamente ganhando dele, quando sua mente estava, provavelmente, ainda se recuperando em seu sono. Por alguma razão egoísta, o pensamento me proporcionou algum conforto, que talvez ele tivesse tido a merda de um dia como eu tive. Que tivesse se preocupado comigo, tanto quanto eu estive preocupada com ele.

Senti sua presença antes mesmo de eu realmente o ver, seu cheiro imediatamente agredindo os meus sentidos, logo que eu estava dentro do quarto. Eu parei quando a lua cheia iluminou seu corpo latente. Ele estava dormindo no lado esquerdo do grande colchão king size, em uma cama de dossel de madeira maciça, centrada na parede distante. Cada pilar tinha sido esculpido, elevando-se em direção ao teto. Quatro vigas vastas uniam um quadrado em cima, coberto com cortinas pretas que caíam no chão perto da cabeceira da cama. As esculturas continuavam na cabeceira da cama que se estendia na altura dos postes, e para baixo no chão. Lembrou-me da cama de um rei nos tempos medievais.

Ele estava deitado sem camisa sob o dossel escuro, de costas, com um braço debaixo do travesseiro atrás da cabeça. Acentuando o seu abdômen malhado e peito nu. O outro braço estava colocado ao seu lado, puxando o lençol que estava descansando em seu abdômen duro. Deixando muito pouco para a imaginação.

Fiquei ali por alguns minutos, apenas o admirando, absorvendo cada polegada do corpo musculoso deste homem. Ele era uma obra de arte. Ser tão bonito assim tinha que ser pecado. Enquanto o peito se movia, meus olhos tiveram um vislumbre de algo brilhante em seu torso. Aproximando-me, notei uma cruz de prata pendurada na corrente que ele sempre usava. O enorme relógio caro, volumoso, de prata que ele normalmente usava também se foi, mas a pulseira preta de contas permanecia segura em torno de seu pulso direito. Meus olhos continuaram a descer pelo seu comprimento.

Mesmo em seu sono, ele exalava domínio.

Eu não conseguia tirar o meu olhar hipnotizado dele.

Agora que eu sabia que ele estava em casa, dormindo com segurança em sua cama, eu poderia voltar para o meu quarto e dormir um pouco. Eu nunca deveria ter entrado ali em primeiro lugar. Mas eu não queria ir. O espaço vazio ao lado dele chamava meu nome, meus desejos estavam vencendo a batalha sobre a sensibilidade.

Eu queria me deitar ao lado dele, eu queria que ele me puxasse em seus braços e me protegesse de toda a feiura do nosso mundo. Eu sabia que a sua decisão de me levar para o cemitério e me dar uma espiada de seu passado, um vislumbre da vida que levava, era para me assustar, mas a verdade era que só me fez querer me aproximar mais dele, e eu queria estar com ele agora mais do que nunca. Era como se seu lado negro estivesse me atraindo, a força que ele tinha sobre mim era palpável, e eu já não podia resistir. Quanto mais perto chegava do colchão, mais eu percebia que era onde eu pertencia. Em sua cama, caindo no sono ao lado dele toda noite, e acordando com ele todas as manhãs...

Com ele.

Eu não queria mais ficar sozinha.

Meus dedos deslizaram pelos lençóis de seda, sentindo o tecido macio sob o meu toque. Gentilmente me sentei na cama, cuidando para não acordá-lo. Subi meu corpo para ficar ao lado dele. Olhar para o lado

de seu rosto diabolicamente belo, o observando dormir, exatamente do jeito que eu imaginava que ele me observou por meses. Nunca entendendo por que, até aquele momento.

Paz.

Meu olhar paralisado voltou para a cruz, pendurada em seu peito. Sua respiração calma a fazendo subir e descer, me pedindo para estender a mão e tocá-la.

Tudo aconteceu tão rápido, exatamente do jeito que tudo tinha acontecido desde o primeiro momento em que o vi.

Num minuto minha mão estava no ar, chegando a tocá-la. Em seguida, os meus dedos roçaram sua cruz enquanto eu estava sendo virada de costas, tremendo, ofegante enquanto ele sadicamente agarrava em torno da minha garganta. Sufoquei na dor do aperto brutal em torno da minha traqueia.

Eu não conseguia respirar.

Minhas pernas chutaram. Meus pés deslizaram sobre o lençol de seda enquanto eu lutava pela minha vida. Eu agarrei suas mãos. Abri a boca ofegante, silenciosamente lhe suplicando para me liberar. Eu continuei a lutar, me tornando fraca e perdendo a luta. Ele montou na minha cintura, seu peso pesado esmagando o meu corpo pequeno, pairando acima de mim. Uma das mãos em volta do meu pescoço, e a outra segurando uma arma apontando diretamente para o centro da minha testa. Seu rosto a polegadas de distância do meu, ele abriu os olhos escuros e dilatados, eles estavam vagos, sem qualquer vida. Piscinas negras olharam para mim, e foi quando eu finalmente percebi, eu tinha acabado de conhecer...

El Diablo.

Martinez

Eu a assisti do mausoléu, no alto do morro. A expressão

preocupada em seu rosto era tão transparente, quanto às emoções que derramavam de mim. Foi por isso que eu tive que ir embora, deixando-a sozinha com o seu destino. Estando ao lado das lápides da única família que eu já tive. Eu pensei em trazê-la aqui, lhe mostrar que não havia vida para nós dois, e as razões por trás disso, que isso a faria fugir de mim. Deixando a escuridão para trás, para nunca olhar para trás. Eu pensei que este seria o nosso fim, fechando o círculo. Vendo o meu passado e presente colidirem com tal força, provocado apenas por mim. Nada do que eu pensei que aconteceria, aconteceu.

Nem uma coisa do caralho.

A não ser, que eu dei exatamente o que ela queria. A verdade que cobriria a ficção que ela criou em sua mente. Os pedaços do meu quebra-cabeça fodido que tinha tantas perguntas sem resposta, ainda apareciam na distância entre nós. A observei caminhar de volta para a limo com a cabeça baixa, com os braços em volta dela. Rick correu até ela com um guarda-chuva, guiando-a para o carro. Ela olhou em volta mais uma vez, como se ela soubesse que eu não estaria sentado na limusine à sua espera. Sem sentir minha presença. Eu a vi olhando, sem entender para o morro, enquanto a limo desaparecia à distância.

Com o coração quebrado por mim.

Eu assisti a limo sair, levando o que eu queria desesperadamente que fosse meu. Fiquei lá com as mãos nos bolsos da minha calça, por não sei quanto tempo. Assistindo a chuva cair do céu, me inundando pelo meu comportamento. Silhuetas da minha mãe e irmã apareceram através das nuvens de tempestade, sem nenhum remorso. Tão rápido quanto elas apareceram, elas foram embora. Passei a noite inteira lá, esperando por um sinal de que eu estava fazendo a coisa certa, uma iluminação para nos tirar desta situação fodida. Nada aconteceu. Eu deixei a chuva lavar a minha dor, o rosto de Lexi assombrando meus pensamentos.

Queimando por dentro.

A sensação a qual eu estava acostumado.

Só que desta vez, eu senti como se eu não aguentasse mais. Meus demônios me puxando para baixo, me arrastando mais e mais para o chão. Queimando-me vivo, quando eu já tinha estado morto todo esse tempo. Esse era o problema com toda a situação. Lexi me reanimou.

Ela estava tentando me salvar quando tudo que eu poderia fazer era destruí-la.

A escuridão caiu sobre o cemitério na hora que eu disse adeus a minha mãe e irmã. Desculpando-me por não ter vindo para vê-las antes, eu não conseguia me lembrar da última vez em que estive aqui. Doía-me pensar sobre isso. Já era tarde quando a limo veio e me pegou, e era ainda mais tarde, no momento em que voltei ao meu apartamento. Entrei, lutando uma batalha interna para corrigir a situação. Resistindo à vontade de entrar no quarto de Lexi, sabendo que ela estaria acordada.

Esperando por mim.

Tomei um banho, inclinando minha testa contra o azulejo. Deixando a água quente correr pelas minhas costas, apagando o fogo. Meu corpo fisicamente dolorido queria descansar um pouco, um pouco de sono, algo, qualquer coisa que fosse fazer minha mente parar de correr, como um hamster girando sobre a porra de uma roda. Eu fiquei lá até que a que a água ficou fria, saí e coloquei uma cueca boxer, e imediatamente caí de costas na minha cama. Instintivamente levando minha arma comigo. Coloquei-a debaixo do meu travesseiro com meu forte aperto em torno dela. Eu ia fechar os olhos por alguns segundos, deixar a chuva acalmar a minha dor de cabeça.

Em vez disso, eu desmaiei.

Não conseguia me lembrar da última vez em que dormi tão bem, tão em paz. Eu estava acostumado com qualquer barulhinho me acordando. Nunca sendo capaz de relaxar o suficiente para permitir que me acalmasse. Não havia descanso para os maus, os demônios que me assombravam nunca dormiam. Não importa o quão exausto eu estava, eles estavam ali esperando.

Eu não tive que abrir meus olhos para atacar violentamente a minha presa. Eu estava esperando que alguém me matasse dormindo por toda a minha vida. Era apenas uma questão de tempo até que me encontrasse em um momento de fraqueza. Sem pensar, eu agi por impulso puro, selvagemente agarrando a garganta da sombra ao meu lado, entrando em contato com o filho da puta na minha cama. Antes mesmo de totalmente abrir meus olhos, eu imediatamente o virei, montando em seu corpo, o prendendo no lugar por sua garganta. Meu primeiro pensamento inicial não foi a minha segurança.

Foi a dela.

Ninguém nunca entrou no meu quarto, nem mesmo Lexi. Eu rezei em silêncio pela primeira vez desde que amaldiçoei a Deus, que ele tivesse entrado no meu quarto primeiro, sem ter ideia de que ela estava no apartamento comigo. Meu aperto intensificou com o simples pensamento de que algo pudesse ter acontecido com ela. Precisando matar o filho da puta ao meu alcance com minhas próprias mãos, enquanto ele lutava contra mim. Ele estava lutando enquanto eu tirava a vida desse bastardo o sufocando. Foi quando pairei acima dele, apontando a arma diretamente para a sua merda de testa, que eu abri meus olhos escuros, dilatados.

Pronto para matar.

Percebendo muito rapidamente que era Lexi debaixo do meu aperto, lutando por sua vida. Seu corpo minúsculo lutando com tudo o que tinha dentro dela, medo e pânico, como eu nunca tinha visto antes.

Medo de mim.

Meus olhos se arregalaram, grosseiramente recuando para trás com horror da cena que se desenrolava debaixo de mim. Ainda abrangendo a mulher sufocando sob minhas mãos, eu imediatamente aliviei meu aperto implacável em torno de sua garganta. Deslizei minha mão até sua clavícula, imobilizando-a na cama. Aliviei meu peso, ainda pairando acima dela. Ela imediatamente engasgou por ar, agarrando seu pescoço, tossindo a cada poucos segundos. Seus olhos estavam molhados, seu corpo tremendo, tentando desesperadamente respirar o

ar que eu tão violentamente tirei dela.

O terror em seu rosto foi o suficiente para me deixar de joelhos e implorar por perdão. Exatamente do jeito que ela tinha acabado de implorar por sua vida, momentos atrás. Ela endureceu abaixo de mim, arqueando ligeiramente as costas, fixando os olhos no cano da minha arma. Sua boca se abriu, ofegando desesperadamente. Seus olhos grandes brilharam com medo, as lágrimas ameaçando transbordar. Um brilho aquecido, o qual eu estava mais do que familiarizado, olhou para mim ao mesmo tempo. Seus pensamentos estavam acelerados enquanto ela tentava se recuperar, juntando os lençóis de seda em suas mãos trêmulas. Sua tosse diminuiu quando o ar finalmente voltou aos seus pulmões. Ela queria dizer alguma coisa, abrindo a boca e fechando várias vezes sem saber o que dizer.

Onde começar.

Onde estávamos.

Seus lábios estavam inchados, franzidos e um tom claro de vermelho. O rosto estava corado, e suor brilhava dos lados das suas têmporas. Ela estava aterrorizada. Com medo de que eu fosse machucá-la mais do que já tinha. Seu cabelo estava espalhado ao redor dela. A alça esquerda de seu top estava rasgada, expondo a parte superior de seu seio. O mamilo duro ligeiramente espreitava através do tecido fino de algodão.

Eu nunca a tinha visto parecer tão bonita antes.

Eu tirei a minha mão de sua clavícula, colocando estrategicamente ao lado dela na cama. Movi meu peso para frente. Ela suspirou quanto mais próximo o meu rosto e corpo estavam do dela. Nunca quebrando o nosso olhar intenso, eu lentamente movi a arma de sua testa, deslizando para baixo de seu corpo. O metal frio deixando um rastro de desejo em seu caminho.

Eu delicadamente beijei o canto dos seus lábios, murmurando: — Você tem um desejo de morrer, cariño?

Sua respiração travou contra os meus lábios.

—O que você achou que aconteceria se você entrasse no meu quarto sem ser convidada?

A boca fechou, engolindo em seco. Lambendo os lábios.

—Depois de tudo o que eu mostrei hoje. Por que você acha que eu seria um homem que você poderia pegar de surpresa? Você quer que eu te machuque?—Perguntei, bicando seus lábios. Correndo meu nariz levemente até o lado de seu rosto, fazendo-a tremer.

—Você está sempre me machucando. —Disse ela um pouco acima de um sussurro. —Esta é apenas a primeira vez que você fez isso fisicamente. Eu já fui machucada muito pior, Martinez. Você não é o único vilão que já cruzou meu caminho.

Eu zombei. —O que você quer de mim?

—Tudo.

Nada sobre a sua confissão me surpreendeu. Nada sobre os sentimentos que eu tinha por ela também. Eu nunca a quis mais do que eu a queria naquele momento, finalmente, segurando-a em meus braços, sentindo sua pele contra a minha, amando o jeito que ela estava olhando para mim. Querendo que eu fizesse tudo certo. Minha mente estava fora de controle durante todo o dia, gritando para eu deixá-la ir, para afastá-la.

Eu a queria mais do que a razão manda, mais do que era certo ou o que era errado. Eu a queria mais do que qualquer coisa. E eu sabia disso desde o primeiro dia. Não havia como voltar atrás, só avançar. Puxá-la para o meu inferno comigo.

—Te gusta estar a mi merced? —Eu questionei. — Você gosta de estar a minha mercê? — Rocei meu pau duro direto contra sua buceta. Nunca desistindo, batendo em todos os lugares que a deixariam louca.

Ela estremeceu debaixo de mim, gemendo a cada estocada de meus quadris. Resistindo à vontade de fechar os olhos. Sua umidade escoava através da seda de sua calcinha. Eu levei a minha arma para baixo de suas coxas trêmulas, colocando-a de lado. Roçando meus

dedos ao longo do mesmo caminho, até onde ela me queria mais.

—Quiero hacerte mía. —Eu gemi. —Eu quero fazer você ser minha. —Deslizei meus dedos ao longo da borda do top, em seguida, do lado da calcinha. —Seu corpo está pulsando por mim, me implorando para tocá-lo.

Ela gemeu em resposta, enquanto eu a deslizava de lado. Tremendo quando o ar frio entrou em contato com suas dobras nuas.

—Diga-me o que você quer. —Eu pedi contra seus lábios, beijando-a de leve. Precisando que ela me dissesse que estava tudo bem, já sabendo que o corpo dela estava desejando meu toque. Mas eu precisava de sua mente, ansiando desesperadamente ouvir as palavras que eu sabia que nos destruiria. Tudo sobre esta situação era nova para nós dois.

Eu não tinha beijado uma mulher em anos. Nunca me importei com isso. Tudo o que eu sempre quis foi foder. Mas com Lexi, eu queria tudo. Especialmente reivindicar sua maldita boca, beliscando, chupando e lambendo. Deleitando-me com a sensação de seus lábios carnudos contra os meus. Imaginá-los em volta do meu pau. Tudo nela era viciante, exatamente como as drogas que eu vendia.

—Você... —Ela suspirou.

Uma vez que ouvi a palavra deixar seus lábios, todo o resto se tornou a porra de um jogo justo. —O que você disse? —Provoquei, deslizando minha língua ao longo de seu lábio inferior.

—Por favor…

—Por favor, o que?

—Por favor, me toque.

Eu sorri, falhando miseravelmente em esconder o prazer que só ela podia causar. Acariciando seu rosto com as pontas dos meus dedos, eu coloquei uma mecha caída de seu cabelo atrás da orelha. O simples gesto fez seus lábios se abrirem, os olhos arregalarem, enquanto eu

levemente passava meus dedos contra suas dobras nuas macias.

Nossos olhos ficaram conectados, e por um momento eu vi certa passagem de inocência através dela, sabendo que ela era a porra de uma virgem. Ela não tinha que me dizer, seu olhar cheio de desejo me mostrou tudo o que eu precisava saber. Eles falaram muito. Ela mordeu o lábio inferior, me seduzindo, usando sua sexualidade, mesmo sem saber o que estava fazendo.

Inclinei a cabeça para o lado, a puxando para perto de mim pelo canto de seu pescoço. Acariciando entre suas dobras, circulando seu clitóris, esfregando de um lado ao outro, e de frente para trás. Abrindo-a mais. Alisando a umidade. Deixando-a pronta. Guiei suas mãos para cima da sua cabeça, prendendo-as à cama. Ela não conseguia se segurar ainda, arqueando as costas, seus seios perfeitos chegando perto do meu rosto.

—Você está tão molhada.

Ela ronronou, girando seus quadris contra minha mão. Atraindo-me a dar o que só eu poderia fazer para seu corpo.

—Eu quero sentir você gozar nos meus dedos, cariño, eu quero ver o seu rosto ficar corado, sua respiração falhar. Eu quero sentir sua buceta pulsar forte, enquanto ela empurra meus dedos para fora de seu pequeno buraco doce.

—Mordi seu lábio inferior, beijando-a suavemente. —Eu quero saber qual o seu sabor, aqui. —Enfiei minha língua em sua boca. —E aqui. —Empurrei o meu dedo em sua abertura apertada. Eu continuei com a minha tortura por alguns segundos, amando a sensação de sua buceta molhada contra meus dedos calejados.

Ela inclinou a cabeça para trás, me tentando mais uma vez. —Por favor... —Me puxando para beijá-la.

Eu não tinha que ser mandado duas vezes. Beijei-a com tudo que eu tinha para oferecer. Eu a violei. Empurrando os dedos médio e anelar em sua abertura molhada, ela gemeu em minha boca, empurrando sua língua exatamente ao mesmo tempo. Eu saboreei o sabor e a sensação

dela, enquanto seu corpo inclinava perfeitamente sob o meu, enquanto ela estava derretendo contra mim. Recebendo tudo o que eu estava dando a ela e querendo mais. Eu soltei suas mãos, e elas instantaneamente emaranharam no meu cabelo.

—Porra. —Eu gemi entre beijos. Querendo a mesma coisa que ela. —Você sente isso? —Soltei, batendo em seu ponto G mais forte e mais exigente. Tornando quase impossível para ela responder. Eu nunca parei de beijá-la, atacando seus lábios.

Eu não poderia, mesmo que quisesse.

—Oh, Deus... —Ela ofegava, sua buceta apertando meus dedos com força pra caralho, tornando difícil entrar e sair.

Eu relutantemente soltei seus lábios, retirando os dedos encharcados de sua buceta, fazendo-a choramingar com a perda. O top e calcinha foram arrancados dentro de segundos, beijando seu pescoço, seus seios, chupando um mamilo em minha boca, mordendo um pouco. O suficiente para fazê-la se contorcer e girar os quadris contra meu pau duro. Eu queria admirar seu corpo, saborear cada polegada de sua pele.

Mas, primeiro, eu queria transar com ela com a minha língua.

Fui direto para isso, não permitindo que ela esfriasse já muito estimulada pelo meu toque. Eu chupei seu clitóris, movendo meu rosto de um lado a outro, me banqueteando com ela, até que suas pernas começaram a tremer. Seu corpo tremia, as mãos puxavam o meu cabelo, arranhando para escapar, tentando mover-se mais longe do meu rosto.

Rosnei de dentro do meu peito, fechando meus braços ao redor de seus pés, ancorando seus quadris firmemente contra a minha boca, não a deixando se afastar da minha língua hábil e dos meus lábios. Segurei mais forte e girei seus quadris na direção oposta, mudando o movimento da língua.

As sensações intensificavam enquanto eu a fodia com meu rosto.

Ela gritou. —Alejandro! — Gozando forte. Eu nunca tinha visto ou

sentido algo tão intenso antes. Eu não vacilei, empurrando minha língua em sua abertura, tanto quanto ela, querendo saborear cada gota de seu gozo. Lambendo como um homem faminto.

Eu me arrastei até o seu corpo sexualmente exausto, indo em direção ao seu rosto. Seu corpo se derreteu no colchão, tão pesado, tão saciado. Seus olhos estavam serenos, enquanto eu me inclinava, alegando seus lábios novamente. De leve primeiro, a deixando saborear a doçura salgada, se provando pela primeira vez. Até que eu não aguentava mais, e devorei sua boca exatamente da maneira que fiz com sua buceta momentos atrás. Seus dedos pequenos e delicados começaram a viajar pelo meu peito, roçando o elástico da minha cueca boxer, querendo retribuir. Por mais que eu quisesse a mão dela e os lábios em volta do meu pau duro, isso não era sobre mim. Eu rapidamente agarrei seus pulsos, prendendo-os ao lado.

—Não, cariño. —Eu afirmei, olhando profundamente em seus olhos.

Ela estreitou as sobrancelhas, confusa.

Um sinal de dor brilhou em seu rosto. Liberando o meu controle, eu segurei suas bochechas, facilitando o golpe, e falei com sinceridade:
— Eu nunca a machucaria fisicamente. Não importa em que circunstâncias, eu preciso que você saiba que eu não sou capaz de causar-lhe dor física. Eu não sabia o que era isso antes... Você me entende?

Ela assentiu com uma expressão genuína, sabendo que era a minha maneira de pedir desculpas a ela. Dizer isso não era um sinal de fraqueza, mas eu não poderia me obrigar a dizer aquelas duas palavras. Para mostrar a ela que eu tinha um lado fraco, enterrado sob todas as besteiras. Eu realmente queria implorar por seu perdão, uma e outra vez pelo que eu tinha feito. Não apenas por esta noite, mas por todas as outras vezes que ela mencionou. Mas no final, eu era quem eu era, nem mesmo Lexi poderia mudar isso.

Eu só não fui feito dessa forma.

—Você parece tão bonita agora. Você é bonita o tempo todo. Eu não disse isso porque me faz querer estar com você. —Acrescentei, precisando falar um pouco de verdade. Para mostrar a ela que não era um bastardo completo quando se tratava dela.

Beijei-a uma última vez, memorizando tudo sobre ela naquele momento. Seus olhos, as bochechas coradas, seus lábios carnudos e cabelo bagunçado. Eu deitei, rapidamente a trazendo junto. Ela se enrolou em mim, se aninhando em meu torso. Um braço envolto em meu peito.

—Vá dormir. —Eu sussurrei, beijando o topo de sua cabeça. Inalando seu aroma de baunilha, tentando não me lembrar da última vez em que uma garota ficou em meus braços.

Sacudi as memórias, puxando Lexi para mais perto. Sentindo suas emoções mexendo em torno de nós. Consumindo-me. Eu preguiçosamente esfreguei as costas dela não querendo parar de tocar sua pele macia e sedosa. Não demorou muito para que sua respiração acalmasse. Fechei os olhos, amando o fato de que ela estava lá comigo.

—Eu te amo, Alejandro. —Ela suspirou em seu sono. Seu corpo caiu pesado no meu abraço.

Eu gostaria de poder dizer que eu não esperava isso. Que eu não estava preparado, ou que eu não sabia que ela diria isso.

Eu sabia.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu não teria hesitado em dizer para dar o fora. Ela era diferente. Ela era minha. Eu fiquei lá com os meus braços em torno dela, nunca querendo que se fosse. Beijei o topo de sua cabeça, deixando meus lábios descansar ali. Eu sabia o que tinha que fazer agora, mesmo que isso me matasse. Sem pensar duas vezes, a movi delicadamente para fora do meu corpo.

Murmurei. —Eu estou tão arrependido. —E saí.

Capítulo 32

Lexi

Eu sorri, afundando cada vez mais nos lençóis de seda de sua cama. Lembrando tudo o que aconteceu ontem à noite. Seu perfume masculino me engolindo, me cercando, e eu não poderia estar mais feliz. Feliz por estar em sua cama. Pela primeira vez na minha vida, algo me deu esperança e felicidade, além do ballet.

Ele.

Era final da manhã quando eu acordei, o sol brilhando através das cortinas, e a tempestade de ontem muito longe de ser vista. A ironia não foi perdida por mim. O dia sombrio transformou em uma noite bonita, cheia de prazer e amor. Preenchida com tudo que eu sempre quis. Eu imediatamente estendi a mão para ele. Seu lado da cama estava frio e vazio, como se ele não estivesse estado lá por horas. Sentei, levando o lençol comigo. Procurando no vasto espaço por qualquer sinal dele. Procurando por ele.

Eu estava sozinha.

—Alejandro! —Gritei, pensando que talvez ele estivesse nas proximidades, tomando banho ou me observando dormir.

Silêncio.

Meus olhos foram para a mesa de cabeceira, na esperança de encontrar uma nota. Ele não deixou uma. Respirei profundamente, caindo de volta no colchão, desejando senti-lo de qualquer maneira que pudesse. Precisando de seu toque. Eu não queria que essa sensação de suas mãos em cima de mim, e tudo o que aconteceu entre nós na noite anterior, fosse embora. Finalmente fui capaz de me colocar em seus braços. Eu instintivamente estendi a mão para o meu pescoço, suavemente tocando a carne macia que encontrei sob meus dedos.

Deixei minha mente vagar para as imagens eróticas de ontem à

noite. Cada toque, cada gemido estava enraizado em minha alma. Eu nunca deixei ninguém chegar perto de mim, não como eu fiz com ele. Nada que Alejandro fez para mim na cama, trouxe de volta as memórias do monstro com quem eu tinha vivido todos aqueles anos.

Eu sorri.

Meu estômago vibrou, minha buceta palpitou apenas com o simples pensamento de suas mãos e boca em mim. Estendi a mão para os meus lábios, suavemente roçando meus dedos sobre eles, lembrando a maneira como ele reivindicou minha boca. Fazendo provar minha excitação. Essa foi a experiência mais surreal e erótica de toda a minha vida. Eu não podia esperar para fazer isso novamente.

Com ele.

Eu sabia que ele provavelmente precisava de um pouco de espaço com todas as emoções conflitantes que o atingiram. Isso era tudo novo para ele também. Eu não me importava que ele tivesse me deixado aqui sozinha, eu tinha feito o meu caminho para o seu coração frio e alma sombria. Eu estava incorporada lá, ele querendo ou não.

Eu era sua.

Por mais que eu não quisesse deixar o conforto de sua cama, do quarto, do seu espaço, sabia que não tinha escolha. A diretora da ABT[4] queria falar comigo. Eu estava com tanta pressa para chegar em casa com ele na sexta-feira, que acabei prometendo que iria domingo para uma reunião. Eu relutantemente me levantei, indo direto para o meu quarto para ficar pronta. Não era mais um espaço no qual me sentia confortável, já querendo voltar para o seu quarto, onde eu sentia a sua energia ao meu redor. Não demorei muito tempo para ficar pronta, colocando algumas roupas, que precederam um banho.

Eu não queria lavar seu cheiro, ainda.

A limusine me levou para a academia com a minha brigada habitual de guarda-costas que me cercavam. Eu não me importava, era outra maneira de Martinez mostrar sentimentos, me manter segura a

todo custo. Passei toda a viagem olhando para fora das janelas escuras, pensando nele.

O que ele estava fazendo? O que ele estava pensando? Como se sentia depois da noite passada? O que mudaria entre nós agora? Eu tinha mais perguntas do que já tive antes, com menos respostas.

Isso não mudou apenas uma coisa.

Isso mudou tudo.

Exatamente como eu esperava que fosse.

—Entre. —Eu ouvi a diretora chamar de seu escritório, me afastando dos meus pensamentos.

Sua assistente me acompanhou, fechando a porta atrás de mim.

—Lexi, eu estava me perguntando quando você viria. —Michelle cumprimentou, acenando para eu me sentar na frente de sua mesa.

—Sinto muito, eu acordei tarde esta manhã. —Eu me desculpei, tentando como o inferno controlar o rubor da minha pele. Pensando na razão pela qual eu estava atrasada. A língua de Martinez trabalhando a sua magia, o beijo, o beliscar... Eu balancei a cabeça, limpando a garganta. Fazendo as visões pararem de brincar na minha cabeça. Agora não era hora de estar fantasiando sobre ele.

—Não se preocupe. Você está aqui agora.

Eu sorri, tomando um assento, cruzando uma perna sobre a outra.

—Então, eu vou direto ao ponto.

—OK.

—Há uma oportunidade de trabalho na *The Royal Ballet* na Inglaterra. E é praticamente sua, se você quiser.

Baixei a sobrancelhas, atordoada. —O quê? —Eu ri nervosamente.

—Como?

—Lexi, eu nunca vi um talento como o seu. Você nasceu para dançar. Está em seu sangue. É quem você é. Eu não quero te segurar, você precisa subir, querida. Esta é uma oportunidade única na vida. Uma que eu acho que você se arrependeria de não aceitar.

Eu não disse nada. Eu honestamente não sabia o que dizer. Ou mesmo por onde começar. Fiquei lá olhando para ela, estupefata, ainda absorvendo a notícia. Eu nunca esperei isso, nem em um milhão de anos. Eu nunca pensei que estudar ou trabalhar no estrangeiro fosse uma opção para mim.

—Você me disse que não tem ninguém. Você não tem nenhuma razão para ficar aqui, nada para impedi-la de aceitar esta oportunidade extraordinária. Você pode imaginar como seria viver na Inglaterra, Lexi? Dançar? Viver o sonho que outras bailarinas matariam por ele. De todos os dançarinos dos EUA... eles querem você, Lexi.

—Certo... —Minha voz falhou. Eu estava em choque, incapaz de formar um pensamento coerente.

Ela franziu a testa, inclinando a cabeça para o lado. —Eu estava esperando uma resposta muito mais feliz. Eu quero dizer...

—Não, eu só estou... É que... uau... —Eu gaguejei, incapaz de encontrar as palavras. —Eu acho que eu fui pega de surpresa. Eles querem a mim?

—Querida, você trabalha muito. Houve noites em que eu achei que você não tinha voltado para casa para dormir. Você vive e respira ballet. Essa é a dedicação que esses lugares procuram. Você está no seu auge, querida. Isso não deve ser uma surpresa. Deve ser uma honra.

—Ah não! Eu sei. Eu estou feliz. Eu não posso nem começar a agradecer. Tem sido um fim de semana esmagador. Isso é tudo.

—Com o Sr. Alto, Moreno e Bonito? —Ela perguntou, movendo as sobrancelhas. Eu sorri e soltei uma risadinha.

Eu nunca perguntei a Michelle porque eu fui autorizada a estar tanto tempo fora. O que a academia disse sobre isso. Não quis tocar no assunto, apenas no caso deles mudarem de ideia se eu tocasse.

—Ele é definitivamente um colírio para os olhos. —Acrescentou.

—Você não tem ideia. —Zombei, inclinando a cabeça, sentindo o calor espalhando por todo meu rosto.

—Quando ele veio me ver sobre o seu trabalho...

—Espere, ele veio ver você? Pessoalmente, falou com você? —Interrompi.

—Sim, eu achei que você soubesse. Na manhã após o seu grande desempenho, eu recebi um telefonema do Sr. Martinez, querendo um encontro no que dizia respeito a você. Parecia urgente, assim eu me encontrei com ele naquela noite. Ele me deixou saber que você tinha sido ferida e precisava de algum tempo para se recuperar. Ele estava muito preocupado com você, Lexi. Eu não pensei duas vezes sobre isso, eu disse a ele que poderia levar tanto tempo quanto fosse necessário. Eu nunca vi você com ele, então eu assumi que tudo entre vocês tivesse acabado...

Minha mão instintivamente foi para a minha garganta. —Sim... Eu quero dizer, é complicado. —Eu disse. Minha mente tentando processar o que Michelle tinha acabado de me informar.

—Será que isso vai a algum lugar? Sua relação com ele?

—Não tenho certeza, como eu disse, é complicado. — Dei de ombros em resposta.

Ela se inclinou sobre a mesa com as mãos na frente dela. —Bem, então, querida. Gostaria de dizer, com maldita certeza, que uma oportunidade como esta... —Ela fez uma pausa, olhando-me. —... não acontece duas vezes.

—Muito obrigada por tudo, Michelle. Você pode me dar alguns dias?

—Eu posso dar-lhe até o final da semana. Eles precisam de alguém ali de imediato.

—Ok. —Eu me levantei, abrindo a porta para sair.

—E, Lexi?

Eu me virei.

—Às vezes o seu coração pode estar errado.

Eu balancei a cabeça. Sussurrando para mim mesma: — Espero que não.

Era como uma coisa depois da outra. Eu fui de não ter nada, a possibilidade de ter tudo o que eu sempre quis, em questão de poucos dias. Se ela tivesse me perguntado isso há meses, antes de Martinez... eu não teria pensado duas vezes antes de aceitar a oferta, eu teria pulado no próximo avião. Era pelo que eu tinha trabalhado tão duro por toda a minha vida. Forçando o meu corpo ao limite, sacrificando muito.

—Eu queria isso, certo? —Sussurrei para mim mesma. Meus pensamentos entraram em guerra com o meu coração. Em menos de vinte e quatro horas, este homem me fez questionar tudo.

Meus pensamentos não me deixaram no caminho de volta para casa.

Casa...

Na verdade, eu pensei nela como minha casa.

Ele estaria em casa para mim.

Esperei por ele durante todo o dia no sofá, ansiosa para ver seu rosto bonito. Sentir seu cheiro ao entrar, sentir seus braços em volta de mim. Ele não apareceu. Eu acordei no meio da noite ainda no sofá, sentindo sua presença olhando por mim. Quando meus olhos se abriram, eu estava sozinha. Nada além da escuridão na cobertura me cercava. Minha agitação interna me fez acreditar em uma ilusão, uma invenção da minha imaginação. O que não estava lá e talvez nunca

tivesse existido.

Recusei a pensar nisso.

Eu fiquei no sofá, esperando. Caindo dentro e fora do sono, secretamente rezando para que ele viesse, me acolhesse em seus braços fortes, e me levasse para a cama. Sua cama. Não tive essa sorte. O sono finalmente me levou, me recompensando com sonhos de suas mãos e língua qualificados. De seu corpo em cima de mim. Na manhã seguinte, ainda não havia sinal dele. Nenhum vestígio que ele tivesse voltado para casa. Eu me vesti e fui trabalhar, mais uma vez distraída por pensamentos sobre ele durante todo o dia. Foi assim durante quatro dias.

Quatro dias e eu não o vi.

Eu não falei com ele.

Eu não o senti.

Era como se ele tivesse desaparecido.

Ninguém me disse onde ele estava quando eu perguntei, e eu tentei ligar para seu celular várias vezes sem sucesso. No quinto dia, eu estava além de inquieta, pensando que talvez eu nunca fosse vê-lo novamente. Sensação de devastação tomou conta de mim, com o pensamento dele desaparecendo de minha vida como se ele nunca tivesse estado lá para começar. Quebrando a cabeça, eu tentei pensar naquela noite.

Eu tinha feito ou dito algo de errado?

Eu estava enlouquecendo, sentada no sofá toda noite apenas para acordar decepcionada pela manhã. Naquela noite, depois de jantar sozinha de novo, eu fui para o seu quarto. Meu corpo e mente ansiava por uma parte dele. Uma dose, como se ele fosse meu tipo favorito de droga que eu não podia viver sem. Caminhando ao redor do enorme espaço, eu dei uma boa olhada realmente ao redor pela primeira vez. O quarto dele escorria masculinidade e dominância, acrescentando à sua sensação intimidante. Um enorme armário preto estava posicionado na

parede esquerda, quase ocupando todo o espaço. As vastas portas de vidro deslizantes à minha direita levavam para a varanda, com vista para as luzes da cidade de Manhattan.

Uma matriz de cores borradas a distância.

Sua suíte era quatro vezes maior do que a minha, e a minha já era muito grande. As paredes foram pintadas em um tom escuro de cinza, preto e branco, como uma arte cara espalhada uniformemente em volta das paredes. Duas mesas pretas de cada lado da sua cama eram trabalhadas com detalhes ao longo das bordas, que combinava com sua cama de dossel. Meus dedos imediatamente enrolaram no tapete macio negro que ficava diretamente debaixo de sua cama, enquanto eu corria meus dedos ao longo da madeira polida. Tudo sobre o quarto era escuro, e imenso.

Assim como ele.

Eu não pude me segurar e caminhei em direção ao seu armário. Ele era impecável. Centenas de camisas de colarinho enchiam vários racks. De um lado, calças e paletós em outro, gravatas de todas as cores e padrões penduradas na parede oposta. Sapatos sociais de todo tipo alinhados no chão. O homem não possui uma peça de vestuário casual. Nenhuma camiseta, jeans, tênis ou até mesmo sandálias.

Meus dedos deslizaram sobre as camisas de colarinho, correndo as pontas ao longo dos tecidos. Eu não sei o que deu em mim, mas eu me encontrei puxando uma camisa branca de colarinho do cabide. Trazendo até meu nariz, segurando forte contra o meu peito. Inalei profundamente. Antes que eu percebesse, eu estava tirando minhas roupas. Apenas deixando minha calcinha, e coloquei a camisa como um vestido. Eu estava me afogando nela, mas eu não me importava. Me fez sentir perto dele, e naquele momento, isso era tudo que importava para mim.

Eu fui até sua cama, passando minha mão para cima e para baixo no colchão, me lembrando da nossa noite juntos. Que agora parecia como a anos atrás. Eu puxei para trás as cobertas, me afundando profundamente em seus lençóis. Deitada no ponto exato que ele me

deitou, noites atrás. Doendo para senti-lo de qualquer maneira que eu pudesse. Suspirando de contentamento quando minha pele atingiu os lençóis de seda, o aroma de nossos corpos vorazes ainda permanecia no espaço. Eu arranquei as cobertas, me xingando por ser tão fraca.

Ele me deixou.

E lá estava eu ainda esperando por ele.

Mais agora do que nunca.

Sentei, trazendo meus joelhos no peito, me debatendo se eu deveria sair. Voltar para o meu quarto, e afogar minhas mágoas. Mas o espelho na parede em frente de sua cama chamou a atenção. Era paralelo ao espelho atrás de mim que eu tinha acabado de notar, também. Olhei ao redor do quarto, percebendo que eles eram os únicos espelhos, os dois virados em direção à cama.

Eu vi meu reflexo me olhando, senti como se tivesse mudado nos últimos dias. Como se eu parecesse mais velha ou algo que eu não podia dizer. Poderia ter sido sua camisa, mas eu me senti...

Sexy.

Sedutora.

Bonita.

Isso foi o que ele viu quando olhou para mim?

Meus dedos se moveram por conta própria, desabotoando a camisa de colarinho branco, querendo desesperadamente ver o que ele viu. Meus mamilos estavam duros, gritando para eu tocá-los. Rolei-os entre os dedos, como ele tinha feito. Sacudi e belisquei a pontinha, apenas o suficiente para deixar o meu corpo em chamas. Eu tinha brincado comigo antes, mas a sensação não era nada como eu sentia nesse momento. O desejo de sentir, a maneira como ele me fez sentir era tão grande, tão desgastante, e tão real....

Meus dedos engancharam na renda da minha calcinha, deslizando pelas minhas pernas. Joguei ao meu lado no chão, e deixei a

camisa desabotoada ao lado. Observei a imagem do meu corpo através do reflexo, tentando imaginar o que ele viu quando olhou para mim com os olhos hipnóticos.

Os olhos que eu não conseguia obter o suficiente.

Olhei para o meu corpo nu, puxando meu cabelo para longe do meu rosto. Meus dedos começaram a traçar o contorno dos meus lábios carnudos, lembrando a maneira como ele olhou para a minha boca quando eu falei, com tanta fome. A ponta da minha língua deslizou contra meus dedos, traçando com eles do meu pescoço à minha clavícula, deixando um rastro da minha saliva em seu caminho. Eu repeti o mesmo processo com a outra mão, só que desta vez, eu toquei meu mamilo duro, levemente no início. Então, eu puxei forte, lembrando a maneira como seus dentes me fizeram sentir quando levemente me mordeu. Eu esfreguei meu peito, enquanto a outra mão lentamente descia para o meu umbigo. Usando as pontas dos meus dedos, eu o circulei. Puxei o pino do piercing de diamante, me lembrando do quanto ele ficou cativado com ele, na primeira vez que o viu. Minha mão se moveu em direção ao topo da minha buceta, acariciando as minhas pregas suaves e nuas.

Eu estava molhada.

Por ele.

—**Você está tão molhada**. — Sua voz ecoou na minha cabeça.

Toquei meu clitóris, circulando, assim como ele tinha feito. Manipulando o feixe de nervos, mais forte, mais rápido, com mais urgência. Eu gemi, me inclinando para trás, apoiando meu peso com uma das mãos, ainda sentada. Minha cabeça caiu para trás, e eu fechei os olhos imaginando que era ele a me tocar. Eu movi meus dedos do meu clitóris para a abertura da minha buceta, e empurrei para dentro meu dedo médio, adicionando meu dedo indicador. Saindo e entrando do meu buraco apertado, comecei a respirar mais pesado quanto mais perto eu chegava do meu clímax. Eu deslizei meus dedos de volta para o meu clitóris, montando na minha mão com a influência dos meus quadris. Imaginando que eu estivesse montando seu pênis.

—Oh, Deus. —Eu ofeguei, imaginando seu rosto entre as minhas pernas.

—Alejandro... —Eu gemi, prestes a me desfazer. Abri os olhos, querendo me ver no espelho.

Dando de cara com Martinez.

Através do reflexo.

Capítulo 33

Lexi

Engoli em seco, saltando de susto. Agarrei os cobertores, tentando me cobrir.

—Não. —Ele ordenou em um tom autoritário. O mesmo que ele usou na noite em que vim correndo para ele, depois que ele me surpreendeu com o meu estúdio de dança.

—Eu sinto...

—Não. —Ele repetiu com a mesma voz dominante, apoiando-se no batente da porta, com as mãos nos bolsos de sua calça. Completamente vestido em um terno. Nem um fio de cabelo fora do lugar.

Quanto tempo ele tinha estado lá? Assistindo?

Eu saí da cama, querendo fechar a distância entre nós. —Você não estava aqui. Eu... só... Eu não sei... Eu sinto...

—Não. —Ele falou uma última vez, se afastando do batente da porta. Seus olhos escuros, frios e sem alma nunca vacilaram do meu rosto. Eu recuei de volta para a cama. Eu não conseguia me lembrar da última vez em que ele olhou para mim assim.

Meu estômago agitou-se.

Meu coração caiu, quanto mais ele aproximava-se de mim.

Ele ficou ao pé da cama, na minha frente. Inclinando a cabeça para o lado, ele estreitou os olhos para mim. —Por todos os meios, continue, Lexi. —Ele falou com convicção.

—Eu...

Ele inclinou-se para frente, colocando o seu controle forte contra a

haste da cama. —Isso foi uma ordem. Foda sua pequena buceta apertada para mim. —Lentamente, me olhando de cima a baixo com um olhar que eu nunca tinha visto antes. —Abra suas pernas. Agora! —Ele gritou, em tom primitivo.

Eu pulei, oprimida pelo rumo dos acontecimentos. Vendo esse lado dele emergir, mais uma vez, era inquietante. Olhei em seus olhos vazios, silenciosamente pedindo ao homem com quem eu estive dias antes, que voltasse para mim.

—Porque você não pode me ouvir uma vez na sua vida, porra? Você entrou no meu quarto, vasculhou meu armário e começou a se foder. Agora termine. —Ele olhou para a minha buceta antes de rapidamente mover seu olhar calculado de volta para os meus olhos. —Toque sua pequena buceta bonita. Eu quero ver você gozar, cariño.

—Você pode...

—Não. —Ele não vacilou. Os olhos verde-claro tentadores esperando ansiosamente pelo show.

Engoli em seco e respirei fundo. Querendo lhe agradar, inclinei de volta para minha mão. Abri as minhas pernas lentamente, esperando que ele baixasse a guarda comigo novamente. Movi minha mão nervosa, onde ele me ordenou que me tocasse, e eu assobiei quando fiz contato com meu clitóris. O cerne ainda estava sensível do meu toque, antes dele interromper.

Ele arqueou uma sobrancelha exigente, esperando. —Eu não sou um homem paciente. —Ele rosnou.

Eu relutantemente voltei para o que eu estava fazendo. Só que desta vez, eu não tinha que fantasiar sobre ele. Ele estava bem na minha frente, olhando para mim com uma expressão que eu não sabia ler, mais uma vez, uma tela em branco, um mistério.

—É isso mesmo, Lexi. Assim mesmo. —Sua voz sensual deixou os meus nervos em chamas. Não demorou muito para o meu corpo responder, trabalhando meu clitóris mais forte e mais exigente.

Meus olhos estavam meio fechados, minhas pernas tremendo quanto mais perto eu chegava de dar o que ele queria. Eu não consegui me segurar por mais tempo. Por mais que eu quisesse olhar em seus olhos, meu corpo me traiu. Minhas costas caíram contra o colchão, os meus lábios gemendo seu nome.

—Alejandro... —Disse enquanto me despedaçava em meu orgasmo.

Eu respirei forte, tentando recuperar o rumo do que acabara de acontecer entre nós. Esperando ansiosamente pela sua próxima jogada. Senti antes que eu o visse. O rosto enterrado entre as minhas pernas. Não me dando uma chance para me recuperar do meu orgasmo. Sua língua era implacável, lambendo da minha abertura para o meu clitóris, trabalhando em mim com os lábios mais do que qualificados. Os lábios com os quais eu estive sonhando desde a última vez que o vi. Eu o deixei abrir seu caminho comigo, até que a última parte de mim pertencesse a ele.

—Ah... —Eu gemi, minhas costas arquearam para fora da cama, quando ele deslizou seus dedos em minha buceta enquanto chupava forte meu clitóris.

Seu corpo assumiu toda uma atitude diferente. O bastardo frio, calejado se foi, e o homem quente, apaixonado de noites atrás, estava de volta. Ele estava sendo gentil comigo, como se ele estivesse com medo de que eu fosse quebrar. A boca e os dedos tomaram seu tempo fazendo amor comigo, excitando e me deixando apreciar a doce tortura de sua língua. Meu corpo começou a tremer, um sentimento que só ele podia gerar em mim. Havia algo diferente sobre ele naquele segundo. Ele estava vivendo o momento, deleitando-se em mim como se ele precisasse provar que possuía o meu corpo, mente e alma. Ele queria que eu me sentisse adorada, meu corpo queimando por ele em todos os sentidos possíveis.

Meu coração rapidamente acelerou no meu peito, tornando difícil respirar. Minha respiração se tornou descontrolada, urgente e inebriante. Levando-me ao limite.

—Oh, Deus. —Eu gritei com uma voz que eu não reconheci, culminando tão forte que eu vi estrelas.

Eu comecei a me recuperar, descendo do prazer, me sentindo amada e adorada. Eu não tinha percebido que ele tinha soltado seu aperto sobre as minhas coxas, e estava em cima de mim dentro de segundos. Seu grande corpo me fez sentir tão pequena, tão segura. Eu não podia esperar para olhar em seus olhos serenos, sentir como se ele fosse meu, mais uma vez. Saborear a sensação de seus braços seguros e seu pau duro contra mim. Respirar seu perfume.

Senti sua respiração ao longo dos meus lábios. —Você acha que eu sou seu para me provocar? —Ele murmurou em um tom condescendente.

Meus olhos se abriram, sem nunca imaginar que veriam o homem olhando de volta para mim. Recuei, confusa. —O que? Não, eu...

—Eu disse que você poderia falar? —Ele zombou.

Meus olhos se arregalaram, não mais tranquilos e em paz. Imediatamente querendo sair de sua montanha-russa de emoções, começando a andar uma linha reta entre o amor e o ódio.

—Menina, eu não sou o homem com quem você faz isso. Eu não sou seu para foder, nem agora... Nem nunca. —Ele rugiu, chegando mais perto do meu rosto. —Você quer ser minha puta? É isso que você quer?

Ele estava tentando me assustar, me afastar, querendo que eu achasse que ele não se importava comigo. Eu não ia deixá-lo fugir com a besteira que ele estava tentando retratar.

Espelhando o olhar ameaçador, eu disse. —Sim. — Desafiando-o com os meus olhos.

Ele não vacilou, sentando-se entre as minhas pernas, deslizando o zíper de sua calça para baixo com um sorriso diabólico no rosto. Ele puxou minhas coxas para ele sem esforço, deslizando meu corpo aquecido para baixo nos lençóis de seda. Colocando-me onde ele

queria, a algumas polegadas de distância de seu pau.

—Você quer que eu te foda como uma prostituta, cariño. —Ele zombou, pegando seu pau duro, masturbando na palma da sua mão.

Meus olhos se arregalaram quando eu vi seu comprimento, meu peito subindo e descendo. Observando o homem atormentado na minha frente, me fazendo querê-lo ainda mais. Ele pegou um preservativo em sua carteira, nem mesmo se preocupando em ficar sem roupa. Eu sabia o que ele estava prestes a fazer.

As ações falam mais alto do que palavras.

Fechando os olhos imediatamente, eu agarrei minhas mãos nos lençóis, pressionando minhas unhas forte em minha pele. Preparando-me para a tonelada da porra de tijolos que estava prestes a desmoronar em cima de mim.

—Você me olhe nos olhos de merda quando eu estiver falando com você. —Ele ordenou, grosseiramente agarrando meu queixo, inclinando o rosto para ele.

Com olhos lacrimejantes, vidrados, eu os abri. Lágrimas derramavam dos cantos enquanto eu o assistia colocar o preservativo. Seu olhar não tinha vacilado do meu.

Eu respondi. —Sim. — Não querendo que ele sentisse o prazer de ver a minha dor.

Eu não recuaria. Eu sabia no que estava me metendo, o provocando. Eu havia testemunhado os dois lados deste homem bonito.

O bom e o mau.

Céu e inferno.

O amor…

Agora, ele me mostraria o seu ódio.

O diabo não estava sedado mais. Ele se inclinou, seus lábios

chegando perto do meu rosto, o seu pau na minha abertura.

De um modo doente, torcido, eu queria isso. O seu domínio sempre foi um afrodisíaco para mim. Eu sabia que se eu pronunciasse as palavras, ele iria parar. Não havia medo, apenas uma luta de poder que eu me recusei a perder.

Ele zombou. —Vestir a porra da minha camisa, tentando fingir que você pertence a mim. Bem, eu estou prestes a mostrar que você não pertence. —Gentilmente, ele empurrou seu pau no caminho da minha virtude. Não querendo me machucar... Ainda. Deixando-me ajustar ao tamanho de seu pênis, a dureza de suas ações que ele estava prestes a provar. Suas palavras eram um furacão de emoções, forte, em seguida, suave e hipnotizante de uma só vez. Seu toque não pareceu intrusivo, sem provocar medo, mas eu não me senti amada também.

Isso era o que ele realmente queria.

Segurei o lençol mais forte, mordendo meu lábio inferior, até que eu senti o gosto de sangue, me preparando para a dor que eu sabia que estava por vir. Não seriam seus movimentos que me causariam dor, era meu coração se quebrando que me mataria por dentro.

Foi o fato de que ele sequer olhou para mim. Provando de uma vez por todas que ele não se importava comigo, que ele não queria isso, não queria esse nós. Ele estava apenas tomando o caminho mais fácil.

Me fodendo para eu entender.

Sabendo que eu não seria capaz de perdoá-lo depois disso.

Sabendo que uma parte de mim sempre iria odiá-lo. Levando a única coisa que eu guardei de forma tão sagrada para longe de mim.

Meu coração.

Depois de tudo que eu tinha passado, e que sempre foi meu. Eu nunca deixei qualquer uma dessas coisas de merda que aconteceram me derrubar, me fazer fraca. Nunca. Eu não teria sido capaz de sobreviver se eu deixasse.

Este era o nosso fim, quando deveria ter sido o nosso princípio.

Suavemente, ele empurrou para dentro e para fora. Diminuindo o desconforto com o prazer em vez disso. Ele parou por alguns momentos, quando ele estava dentro de mim. Como se suas ações fossem matá-lo também. A expressão de dor atravessou seu rosto, mas ela tinha ido embora tão rápido quanto veio. Minhas mãos instintivamente se estenderam a ele por conforto, por suporte, para algo diferente do que ele estava me dando. Ele as prendeu sobre a minha cabeça, não me permitindo tocá-lo, nem mesmo por um segundo, para sentir seu calor, sua agitação, ou a porra de seu amor. Sabendo que era tudo o que seria necessário para ele parar o que ele estava prestes a fazer. Seu ritmo mudou, indo embora qualquer ternura que ele mostrou até agora. Ele começou a empurrar dentro e fora de mim, me fazendo sentir como se eu fosse nada além de seu brinquedo.

Sua puta.

Não me mostrando qualquer conexão, qualquer amor, nada do homem que eu sabia que ainda vivia dentro dele. Fazendo-me sentir como se eu não fosse nada, como se o que nós compartilhávamos fosse nada. As lágrimas rolaram pelo meu rosto, e eu não consegui segurar o soluço que escapou do meu peito. Ele imediatamente parou, pairando acima de mim, seus olhos finalmente olhando nos meus. Outro soluço escapou dos meus lábios, tremendo debaixo dele. Desejando que ele voltasse para mim.

Ele inclinou a testa em cima da minha por uma fração de segundo, por um momento. Eu vi o que ele tentou desesperadamente esconder.

Seu amor.

—Alejan...

Ele virou-me, colocando-me de quatro. Levando-me por trás, incapaz de controlar seu desejo de olhar nos meus olhos. Para me levar como ele realmente queria, para me fazer sentir como se eu fosse sua puta. Empurrando dentro e fora de mim com tanta urgência, tal anseio, lutando uma batalha de certo e errado, pela primeira vez em sua vida.

Eu peguei seu reflexo atormentado no espelho. Lágrimas deslizaram pelo meu rosto enquanto meus lábios tremiam com a dor em volta de mim. Não fisicamente, mas emocionalmente. Eu estava de luto por aquilo que eu perdi, pelo que ele estava levando para longe de mim. Dei-lhe o meu corpo por vontade própria, mas tudo que ele queria era destruir meu coração, me deixando abalada em sua cama, finalmente, atingindo seu objetivo.

Nossos olhos se encontraram no espelho e ele me mostrou tudo o que eu queria desesperadamente ver. Um grunhido escapou de dentro de seu peito, permitindo que os seus demónios prevalecessem. Seu corpo desabou sobre o meu, empurrando minha cabeça para baixo na cama. Não me permitindo ver a verdade por baixo da ficção.

Ele me fodeu mais forte, mais exigente, até que finalmente o ouvi gemer e o senti estremecer, sacudindo o corpo de seu próprio orgasmo. Este era para ser o seu modo de me libertar de seu inferno, exceto que foi o oposto. Ele tinha acabado de me arrastar mais profundo junto com ele, me queimando viva.

Eu assobiei quando ele saiu de mim, sentindo a perda de seu toque, meu corpo quase em colapso sobre os lençóis de seda. Ele imediatamente saiu da cama, me deixando em uma piscina dos pedaços do meu coração partido. Sem dizer nada enquanto ele caminhava ao redor do quarto, e desaparecia no banheiro. Fechei os olhos, deixando mais lágrimas escorrerem pelo meu rosto e em sua cama, onde uma parte de mim sempre permaneceria. Eu me lembraria do som dele baixando o seu zíper enquanto ele pairava sobre mim.

—Eu te avisei. Eu disse que não sabia como amar. Eu pedi para ficar longe de mim, uma e outra vez. Eu não sou o homem que você pensa que eu sou. Eu nunca fui... Você queria um pedaço de mim, um pedaço do El Diablo. Eu te dei o que você queria, agora dê o fora do meu quarto.

Eu coloquei minha mão sobre o espaço vazio onde o meu coração costumava ficar, tentando respirar através da dor de suas palavras. Fechando os olhos tão forte quanto eu poderia. Não fui forte o suficiente para olhar nos olhos dele, fraca demais para lidar com o que eu veria, ou

o que eu não veria. Eu lentamente saí de sua cama para o mais longe possível dele. Meu corpo gritando para eu não me mover, pois eu estava tão ferida, tão destruída, de toda forma possível.

Caminhei em direção à porta, e parei. Sussurrando, eu disse. —O homem por trás da porra do terno caro... —Minha voz saiu embargada, meu corpo tremendo. —... não é nada além de um covarde.

E eu saí.

Martinez

Eu era um homem mau, mas eu nunca disse ser qualquer outra coisa. Eu fiz o que tinha que fazer para salvar sua vida de merda, mesmo que isso significasse destruir a minha no processo. Esforcei-me muito para não pegar a minha arma e colocar uma bala na porra da minha cabeça, acabar com a minha miséria.

Minha desculpa para uma vida de merda.

A morte seria muito fácil, porém. Eu não merecia descansar em paz. Viver era o preço que eu pagaria pelas vidas que eu tinha ceifado. Brincando em ser a porra de Deus quando eu era realmente o Diabo. Eu pensei se eu realmente faria isso, por dias, por noites, o tempo todo em que eu estive longe dela. Orando que eu fosse encontrar a coragem que eu precisava para fazer isso com ela.

Eu a vi nas câmeras de segurança do condomínio que eu tinha no edifício. Lutando contra a vida que eu queria e o que eu merecia. Minha decisão foi tomada, logo que ela se deitou na minha cama. Vestindo a mesma camisa de colarinho branco, que trouxe de volta memórias da

garota que eu passei anos tentando esquecer. Percebendo muito rapidamente, o que eu tinha que fazer. Meus pés se moveram por vontade própria, enquanto eu ia para a cobertura, subindo a porra das escadas dois degraus de cada vez, não querendo perder um minuto esperando o elevador. Meus sapatos bateram nos degraus, ecoando pela escada. A porra de uma corda me puxando para ela. Tranquilizando-me uma e outra vez que eu estava fazendo a coisa certa.

Eu precisava ser o herói desta vez.

Chega de ser o vilão fodido.

Lexi não merecia uma vida cheia de violência, sempre olhando por cima do ombro, à espera de sua hora chegar. Eu queria que ela vivesse uma vida de felicidade, uma vida que eu nunca seria capaz de fornecer a ela.

Segurança.

Abri a porta, e vi Lexi esparramada na minha cama. Dei um passo para dentro do quarto sem aviso prévio, e apreciei o show por um minuto. Meu pau empurrava contra minha calça pela visão de sua buceta cor de rosa perfeita, e brilhante com sua própria excitação. Gemidos suaves enchiam o quarto, fazendo-me pensar duas vezes sobre o meu plano. Eu nunca esqueceria o olhar no seu rosto quando ela me viu pelo reflexo do espelho.

Mesmo não devendo, dei-lhe prazer antes de lhe dar a dor. Eu não pude me conter, porra, eu precisava dar-lhe algo, sabendo que eu estava prestes a quebrar seu maldito coração. Eu não poderia ter me odiado mais do que naquele momento. Sabendo o que eu estava prestes a fazer. Fodê-la, fazendo-a pensar que ela era apenas outra prostituta na minha cama.

Quando ela era tudo, menos isso.

Minha alma sombria gritou comigo para fazer tudo certo, fazer amor com ela como eu profundamente desejava. Toda vez que meus olhos encontraram os dela, eu pensei que eu fosse me quebrar e não ser capaz de continuar. No fundo eu sabia que ela sentia e via cada

momento de fraqueza. Isso era quão profunda a nossa ligação era, mais uma razão para deixá-la ir. Para afastá-la. Para fazê-la me odiar. Eu morreria antes de deixar algo acontecer com ela.

Cada diabo precisa de um anjo.

E ela era o meu.

Deitei na cama por horas depois de brutalmente chutá-la para fora do meu quarto, pensando na minha vida. Chegando a um acordo com o fato de que Lexi foi a primeira mulher que eu desde sempre, verdadeiramente, sinceramente amei. Eu era um menino que tentava ser um homem no passado, tentando salvar um relacionamento com uma mulher que não era certa para mim. Que nunca tinha lutado por mim. Que não acreditava em nós. Que tinha me deixado quebrado por anos.

Lexi foi feita para mim, e essa descoberta sozinha quase me deixou de joelhos.

Porra, eu a amava.

Eu a amava com cada respiração do meu corpo, cada pedaço do meu coração fodido, cada parte de mim pertencia a ela.

—Que porra é essa que eu acabei de fazer? —Eu zombei de mim mesmo. Sentando-me na beira da cama, quase arranquei o cabelo que caía no meu rosto.

Eu não pensei duas vezes sobre isso, eu corri. Porra, eu corri pela minha vida que estava no quarto ao lado. Não dando atenção ao que era certo e o que era errado mais. Pronto para ficar de joelhos e implorar por perdão se eu precisasse. O que fosse preciso para fazê-la olhar para mim de novo, do jeito que ela sempre fez.

Sempre vendo o homem que eu já não pensava que existia.

—Lexi! —Gritei em desespero puro enquanto eu corria pelo corredor, precisando que ela soubesse que eu estava finalmente a caminho.

Para ela.

—Cariño! Eu sinto muito. —Eu me desculpei, logo que eu corri para o quarto dela. Ela não estava lá. —Lexi! —Gritei, indo para o seu banheiro. Nada. O pânico começou a tomar conta enquanto eu corria ao seu estúdio de ballet.

—Lexi! —Ela não estava lá também. O quarto estava escuro e intocado.

Eu corri ao redor da cobertura amaldiçoando pra caralho. Buscando a cada canto só para encontrar tudo vazio.

Memórias de quando eu tinha quatorze anos vieram à tona, tentando encontrar Amari e Sophia. Medo tomou conta, o quarto começou a girar, meu estômago caiu para a porra do chão. Agachando-me, incapaz de suportar por mais tempo, eu enterrei minha cabeça em minhas mãos.

Todo o meu maldito mundo estava caindo em cima de mim.

—Que porra é essa. —Eu gritei, me levantando abruptamente, e discando no meu telefone.

—Ei, chefe...

—Onde ela está? —Eu rosnei, não dando a Rick chance de terminar.

—Lexi está na cobertura.

—Não, filho da puta, ela não está. Agora, onde diabos ela está?

—Chefe, eu... eu... não... ela...

—Você tem cinco minutos para encontrá-la ou você não vai viver para ver outro dia. —Eu desliguei, discando rapidamente outro número.

—E aí cara.

—Lexi se foi, Leo. Eu não posso encontrá-la.

—O que quer dizer com você não pode encontrá-la?

—Exatamente o que eu acabei de dizer, porra!

—Jesus, acalme-se. Eu estou a caminho.

Eu desliguei, andando pela sala de estar pelo que parecia ser anos. À espera que alguém me desse algo para seguir em frente. Chamando cada recurso no meu telefone. Leo apareceu, e passamos as próximas quarenta e oito horas fodidas, ameaçando, ofendendo, fazendo com que todos soubessem o que isso significava.

Sentei na minha cadeira de escritório, meus cotovelos sobre os joelhos, com a cabeça entre as mãos. Sentindo-me como um fracassado do caralho. Se algo acontecesse com ela por minha causa, seria a minha morte.

Eu colocaria uma bala na porra da minha cabeça.

Leo voltou para o escritório, suspirando, jogando o telefone na minha mesa. —Eu a encontrei.

Eu levantei da cadeira. —Onde?

—Ela está na Inglaterra, homem. Acabei de falar ao telefone com Michelle, a diretora do teatro de dança de Lexi. Ela aceitou um emprego em alguma academia exclusiva ou algo assim.

—O que? Desde quando? — Perguntei fumegante. Andei pelo meu escritório novamente. —Como é que eu não soube sobre isso? — Eu parei, a descoberta me atingindo. Eu a tinha deixado sozinha por cinco dias, porra. Ela não teria ido se eu não a tivesse deixado.

—Eu acho que desde que ela saiu daqui. O que aconteceu? O que você fez agora? —Leo perguntou, me puxando de volta à realidade.

Eu peguei minha arma, indo em direção à porta. Fazendo imediatamente outra chamada. —Certifique-se de que meu avião esteja pronto. Eu estarei lá em trinta minutos. —Eu desliguei.

—Porra, cara. Espere, eu vou com você. —Disse Leo, correndo atrás de mim.

O voo para Londres era de sete horas. Sete horas malditas comigo me xingando, me punindo por ter deixado a única luz na minha vida sair pela minha porta. Nós não poderíamos chegar lá rápido o suficiente. Eu tinha um motorista esperando no momento em que desembarquei naquela manhã. Eu não tinha que saber onde ela estaria, ela vivia e respirava dança, usando como sua única saída. Fomos direto para o teatro, finalmente passando através das portas uma hora mais tarde, sentindo algum tipo de paz assim que senti a presença dela perto de mim.

Encontrei-a.

A doce melodia da canção que ela interpretou ao dançar para mim no meu escritório todos esses anos atrás, tocava pelos alto-falantes. Enchendo o espaço enorme, quebrando a porra do meu coração um pouco mais. Ela estava dançando no palco sozinha, as pessoas, o que eu assumi serem outros artistas e instrutores, enchiam as primeiras filas.

Eu fiquei na porta incapaz de me mover, me escondendo nas sombras como eu vinha fazendo há anos, sem que ela soubesse. Eu não conseguia tirar os olhos dela, hipnotizado por sua graciosidade, a forma como ela derramava seu coração e alma quando dançava. Eu nunca a tinha visto tão incrivelmente bonita antes, seu corpo tão em sintonia com seus movimentos, sem falhas.

Como se ela estivesse dançando só para mim.

Como se fôssemos as únicas duas pessoas no mundo. Senti cada movimento que ela estava sem esforço tentando retratar. Uma pintura que veio a vida. Eu tinha visto sua dança antes, mas nada como isto. Ela era tão cheia de vida, tão feliz em seu elemento, ignorando seus arredores. A nuvem sombria sobre ela tinha sido levantada, ficando livre da apreensão que eu tinha sobre ela todos estes anos. Encostei-me a porta, precisando de apoio. Derrotado, enquanto eu a assistia dançar como se sua vida dependesse disso.

Ela estava se despedindo de mim.

Baixei a cabeça, meu coração em guerra, e minha mente furiosa

comigo. Eu queria atacar o palco e agarrá-la. Levá-la de volta para casa comigo e estimá-la, mostrar-lhe como eu me sentia, e nunca deixá-la ir novamente. A canção desapareceu, eu olhei para ela uma última vez. Memorizando cada coisa sobre ela. Tudo o que eu amava.

Acenei para Leo, que se virou e saiu.

—Martinez! — Leo gritou, agarrando o meu braço. Parando-me quando estávamos do lado de fora do edifício. —Que porra você está fazendo, cara? Vá buscá-la.

—Não. —Eu simplesmente declarei, de frente para ele. Ela já não era minha para começar.

—O que você quer dizer? Ela está em perigo, é por isso que estamos aqui. Você ainda não... —Eu olhei de volta para o teatro, a minha expressão solene fazendo Leo parar abruptamente de falar.

Nunca tirando os olhos do edifício, eu perguntei. —O que você sabe sobre mim, Leo? Ninguém fode comigo. Eu passei toda a minha vida tendo certeza disso. —Fiz uma pausa para deixar minhas palavras penetrarem.

Eu revelei. —Ela nunca esteve em perigo, porra. Cuidei disso no dia seguinte.

E saí…

PARTE 4

Capítulo 34

Lexi

Durante as férias, o Teatro de Ballet Royale na Inglaterra, realizava *O Quebra-Nozes* de *Tchaikovsky*. Era o nosso último show da temporada, e eu não podia esperar pelo intervalo. Meu parceiro, Matthew e eu, estávamos realizando o *Pas de Deux*. A música logo se tornou a minha favorita. Tão romântica, tão poderosa, tão consumidora. Dancei ao que era a sensação mais intensa que eu já senti na minha carreira. As mãos fortes de Matthew estavam em volta da minha cintura, levantando-me em um grande *pas de chat*.

Flutuei no ar como se eu não pesasse nada. A música tornou-se mais intensa quanto mais perto chegávamos ao fim. Virei-me para encará-lo para o nosso último levantamento da noite. *Développé, passé, pirueta, plié*. Usando a última gota de energia, ele me pegou, me colocando em seu ombro. A música desapareceu, e os aplausos soaram. Colocando-me para baixo, ele esticou o seu braço para mim enquanto eu fazia uma reverência. Rapidamente me seguindo e inclinando a cabeça.

—Excelente desempenho esta noite, Lexi! — Sabrina, a diretora elogiou no meu camarim depois do show.

—Obrigada. —Eu sorri, beijando suas bochechas e puxando-a para um abraço apertado.

—Minha linda menina. —Ela amorosamente declarou, cobrindo meu rosto com as palmas das suas mãos. —Eu não posso acreditar que já faz dez anos que você está aqui conosco. Uma década de memórias bonitas feitas de dança. Eu não poderia estar mais orgulhosa de você, como se você fosse minha filha.

Sabrina era como a mãe que eu nunca tive. A partir do momento em que desci do avião, ela estava esperando por mim na coleta de bagagem, me recebendo de braços abertos. Intrigada quando eu não

peguei uma mala, sem saber que tudo o que eu levei comigo, estava em minha bolsa de dança que pairava sobre o meu ombro. Ela me levou para o teatro para conhecer minha nova família de dança e começar a praticar. Era uma programação incondicional, que deixou pouco tempo para pensar em quem e do que eu fugia. Os primeiros dias... Inferno, os primeiros meses, foram exatamente isso.

Um inferno.

Os dias e noites passavam e, a palavra sono não era mais uma parte do meu vocabulário. Tudo o que eu estava tentando fazer era sobreviver a esta nova vida. Meu novo começo. Eu não tinha visto ou ouvido falar de Martinez desde que o deixei naquela noite.

Tentando juntar os pedaços do meu coração partido.

Falhando miseravelmente em fazê-lo.

Sabrina tinha sido nada além de boa para mim. Eu tinha meu próprio lugar para viver, totalmente equipado com tudo o que eu poderia possivelmente precisar quando eu cheguei. Eu odiei isso. Eu não queria mais ficar sozinha. Ela notou isso imediatamente, eu não tive que dizer a ela. Ela me levou para sua casa em vez disso, me deu uma cama para dormir e comida para comer. Abrigando uma completa estranha com a bondade de seu coração. Fazendo me sentir como se fosse amada pela primeira vez na minha vida. Ela me amou instantaneamente, e a sensação era mútua. Nos primeiros anos, eu me afoguei no trabalho novamente, dançando todas as horas do dia e da noite. Era a única vida que eu conhecia, onde eu estava feliz e contente, exceto que algo tinha mudado dentro de mim. Algo que eu não teria de volta.

Eu não sabia dizer o que era, mas eu mudei, era alguém que eu não reconhecia mais. Minhas emoções começaram a combinar com o que eu sentia por dentro. Como se um pedaço da minha alma tivesse sido levada. A escuridão e a realidade da minha vida começaram a me levar para baixo. Mesmo depois de tudo o que ele tinha feito para mim, me fez passar, me fez ver.... Eu ainda o amava.

Durante anos, eu o amei muito. Eu ainda o amo.

Eu nunca perdi a sensação de que estava sendo observada. Às vezes, eu sentia como se eu olhasse o suficiente, eu o veria. Possivelmente até o encontraria olhando para mim.

Eu não podia mais fazer isso.

Doía demais.

Um ano se tornou três e três chegaram a seis anos, e antes que eu percebesse, faltava poucos meses para eu estar na Inglaterra há sete anos. Foi quando o conheci. Seu nome era Will. Ele era encantador e bonito de uma forma juvenil. Um americano, como eu, do Colorado, trabalhando lá com um visto. Ele tinha o sorriso mais doce, e a risada mais contagiosa. Foi tão bom rir de novo, sorrir, sentir como se eu não estivesse morta por dentro. Eu o conheci em um café, bebendo café, lendo um jornal americano. Ele era um paquerador implacável, me pedindo para sair, apenas algumas horas depois de nós conversarmos sobre futilidades.

Nós casualmente começamos a namorar não muito tempo depois do encontro. A vida era tão simples com ele, de um modo positivo e puro. Ele foi paciente, carinhoso e atencioso, o sonho de cada menina. Levei um tempo para deixá-lo chegar perto, especialmente de uma maneira íntima. Ele não tinha o efeito que Martinez tinha sobre mim e, no fundo da minha mente, eu sabia que ninguém nunca teria. Sabrina era a única pessoa para quem contei sobre a minha vida, sobre ele. Ela me disse que se eu um dia realmente quisesse ser feliz, que eu precisava tentar deixar de lado o meu passado e dar um passo para o meu futuro.

Então eu fiz isso.

Uma noite, estávamos bebendo. Riso se transformou em beijo, beijo se transformou em toque e toque se transformou em estar intimamente com alguém que não consumia o meu corpo, mente ou alma.

Chorei, chorei tão forte depois que terminamos. Ele não fez nenhuma pergunta, ele só me segurou em seus braços. A maneira que eu ansiei que Martinez fizesse, pois Deus sabe a quanto tempo, mesmo

naquele momento nos braços de outro homem, eu pensava nele. Ainda almejava sua presença, seu cheiro, seu amor.

Will e eu nunca falamos sobre o que aconteceu, nós simplesmente continuamos. Pouco a pouco, as coisas ficaram mais fáceis, eu comecei a viver a vida novamente. Deixando-me encontrar a menina que ficou na cama de Martinez.

Com ele.

Fazia três anos que estávamos juntos. Nós estávamos em um restaurante chique comemorando nosso aniversário, quando Will confessou o seu amor eterno e devoção a mim.

—Lexi, eu te amo. Eu quero que você seja minha esposa. —Ele simplesmente declarou, como se estivesse me dizendo como foi o seu dia.

Olhei para ele com os olhos arregalados, nunca em um milhão de anos pensei que eu seria a esposa de alguém. —Eu... Eu não... —Eu gaguejei.

—Você não tem que responder agora. Eu pretendo leva-la para comprar o anel, e propor formalmente. Eu só queria que você soubesse como eu me sinto. —Ele levou seu vinho até seus lábios.

Algo chamou minha atenção na janela de vidro atrás dele. Martinez. Eu juro que pensei que vi seus olhos sombrios, frios e sem alma me olhando de fora. Eu pisquei e ele se foi, o momento destruído pelo homem no qual eu não deveria estar pensando.

Eu saí do teatro depois da minha performance sorrindo, logo que eu vi Will em sua motocicleta, estacionado no meio-fio. Ele quase nunca participou de qualquer das minhas performances, ele disse que eu tinha um talento incrível, mas o ballet o aborrecia. Eu não podia reclamar muito. Ele sempre me pegou quando meus shows acabavam tentando compensar o fato de não estar sentado no meio da multidão.

—Ei, linda. —Ele cumprimentou, tirando o capacete e o entregando para mim.

—Will, o que eu te disse sobre me pegar nessa coisa? E não trazer um capacete para você.

—Você mora ao virar da esquina, baby. Por mais que eu queira que você viva comigo, você se recusa. Por razões que eu não entendo você ainda vive com Sabrina.

—Escolha suas batalhas com sabedoria esta noite, Will. —Eu o beijei, fixando a minha mochila nas costas.

Era verdade. Eu tinha trinta e quatro anos de idade, vivendo com a minha figura materna. Depois de dez anos de vida na Inglaterra, eu nunca encontrei uma razão para deixar Sabrina depois que ela me acolheu. Ou talvez, eu apenas nunca quisesse plantar raiz em uma cidade que nunca me fez sentir em casa. Era mais fácil dessa maneira, me escondendo atrás da minha agenda de dança rígida, como uma desculpa, para não ter tempo de procurar um lugar. Eu estava ficando mais velha, e os meus anos de dança logo acabariam, o que me assustava mais do que qualquer coisa. Eu não podia imaginar a vida sem a única coisa que tinha sido constante ao longo dela.

—Eu fico com você mais vezes do que eu fico com ela. —Eu respondi, sorrindo, não querendo causar outra briga. Eu estava exausta, e só queria chegar em casa, rastejar na minha cama e desmaiar.

—Vem primeira bailarina, sua carruagem a aguarda.

Eu agarrei o capacete de suas mãos, beijando seus lábios antes de colocá-lo sobre a minha cabeça, ocupando a moto atrás dele, o abraçando bem perto. Nós entramos na rodovia, o tráfego pesado vinha em todas as direções, e ele pisou no acelerador, me empurrando para trás. Eu devo ter me assustado porque ele se virou, me olhando para ver se eu estava bem.

No segundo em que eu percebi isso, era tarde demais.

—Will! —Eu gritei.

Ele bruscamente virou, e o caminhão na frente de nós parou do nada. Will reagiu imediatamente, freando a moto, com os freios

guinchando, desviando, derrapando em toda a estrada. Meus braços apertaram ao redor de sua cintura como um vício, escondendo o rosto, preparando para o impacto de sua moto se chocar com a traseira do caminhão, de cabeça. Trituração de metal, braços de repente vazios, vidro, e meu corpo voando pelo ar, gritos ecoando em meus ouvidos.

Escuridão.

Eles dizem que logo antes de você morrer, você vê o flash de toda sua vida diante de seus olhos.

Tudo o que eu vi foram os olhos verdes brilhantes e tentadores.

Pelo homem que ainda assombrava os meus sonhos.

Martinez

Sentei-me na cadeira de hospital ao lado da cama, assim como eu fiz há dez anos na poltrona de seu quarto. Me inclinei com as mãos na minha frente em gesto de oração, esperando. Eu não tinha saído daqui nos últimos cinco dias. Lutando com o maldito hospital para obter os melhores médicos que o dinheiro pudesse comprar. Não importa a que custo, eu pagaria por ele em dinheiro, certo então, de que isso a traria de volta para mim. Eles disseram que era apenas uma questão de tempo até que ela acordasse.

Dia após dia ouvi a mesma coisa, para ser paciente, para falar com ela, para segurar sua mão. Eles a mantiveram em coma induzido para parar o inchaço em seu cérebro. Dois dias atrás, eles começaram a tirá-la dele, já que todos os seus sinais vitais, exames, e exames de sangue foram voltando ao normal. Mas aqui eu me sentei, ainda esperando. Ela ainda tinha que abrir os olhos. Minha paciência estava

sendo esticada ao limite. Minhas orações eram inéditas, não importa quantas vezes por dia eu implorava. Eu mesmo removi a cruz do meu pescoço e coloquei sobre ela, tendo fé que isso a traria de volta para mim.

Era tarde da noite quando eu pensei ter ouvido sua agitação. Os sinais sonoros constantes das máquinas tinham me embalado para dormir. Eu estava tão esgotado, que não pude ver direito. Eu abri meus olhos, e a encontrei olhando para mim com os olhos arregalados, como se estivesse vendo um fantasma. Ela piscou algumas vezes, tentando se concentrar. Estreitando as sobrancelhas, pensando que sua mente estava brincando com ela.

—Eu estou aqui, cariño. —Eu sussurrei em tom suave, pegando sua mão.

Ela estremeceu com a minha expressão de carinho, fechando os olhos com força. Movendo a mão para longe de mim. Eu, de repente, me levantei, a fazendo recuar. Eu queria ir até ela, eu queria acariciar suas bochechas e mostrar que era eu.

Seu Alejandro.

—Merda... —Eu xinguei, saindo do seu quarto de hospital, indo atrás dos médicos. Eles precisavam saber que ela estava acordada.

Eu fiquei para trás no canto, enquanto eles a verificavam pelo que pareceram horas, certificando-se de que ela estava bem. Luzes brilhando em seus olhos, tirando sinais vitais, fazendo pergunta após pergunta. O que ela se lembrava? O que ela não se lembrava? Como se sentia? Isso era fodido sem fim.

No momento em que todos os especialistas terminaram, ela tinha caído no sono, cansada. Sentei na cadeira, esperando ela acordar novamente. Recusando-me a sair do seu lado, mesmo por um minuto.

A próxima vez que ela acordou, eu estava bem acordado. Seus olhos vagamente me encontraram sentado no mesmo exato lugar que ela tinha me visto antes. Mesmo com todas as contusões e cortes no rosto, ela ainda estava linda. Eu queria me aproximar e colocar uma

mecha de cabelo atrás da sua orelha, beijar cada imperfeição que marcava sua pele impecável. Mas eu não podia. Eu tive que sentar e admirar de longe. Ela parecia mais velha, seus olhos já não cheios de vida. Olhando para mim como se não soubesse quem eu era, quando ela era a única pessoa que já me conheceu.

Sua mão instintivamente foi para a cruz pendurada no meu colar, trazendo até o rosto para ver o que era. Ela olhou entre a cruz e eu, silenciosamente me perguntando se era o que ela achava que era.

—Era da minha mãe. Para proteção. —Eu falei, quebrando o silêncio entre nós. —Ela nunca a tirou. Pelo menos, não até que eu o tirei dela. No dia em que foi assassinada, dando seu último suspiro em meus braços.

Ela estreitou os olhos para mim, ouvindo o que eu nunca tinha compartilhado com ninguém. Outra peça do meu quebra-cabeça.

—Eu nunca a tirei até poucos dias atrás. Você precisava de proteção mais do que eu, Lexi.

Ela começou a tirar.

—É seu agora, cariño.

Relutantemente, ela parou, colocando de volta em seu peito. Seu olhar em branco percorreu a sala, evitando a mim. Olhando em volta, os vasos de flores em sua mesa de cabeceira do Ballet Royale, incluindo as margaridas que eu tinha mandado entregar todos os dias para iluminar a sua estadia.

—Will. —Ela simplesmente afirmou, um pouco acima de um sussurro.

Ouvi-la falar o nome de outro homem, era como dar um tiro no coração, caralho, mas o que eu poderia esperar. Eu merecia isso e muito mais.

—Eu sinto muito, Lexi. —Eu falei. Curvando a cabeça, não querendo ver seu desespero. Eu sabia, em primeira mão, o que era

perder alguém que você amava, várias vezes na minha vida.

Ela imediatamente fechou os olhos novamente, entendendo minha resposta sutil. A dor causou estragos em sua mente. Lágrimas deslizaram pelo seu rosto, e seu pequeno corpo, frágil tremia incontrolavelmente. Eu resisti à vontade de limpar tudo isso. Em vez disso, eu me inclinei na cadeira, os cotovelos colocados nas minhas pernas com as mãos cruzadas na minha frente.

Esperando.

—Como você sabia que eu estava aqui? —Perguntou ela, enxugando as lágrimas que não a deixariam tão cedo. A questão a esteve perturbando desde que ela acordou pela primeira vez, me encontrando inesperadamente sentado ao lado dela.

Eu respirei fundo, afirmando: — Cariño...

—Pare de me chamar assim, porra. —Disse ela com a mandíbula travada. Seus olhos ainda fechados.

Eu levantei minhas mãos em sinal de rendição, embora ela não pudesse me ver. —Lexi, pare de fingir que você não sabe quem eu sou. Você sabe a resposta para essa pergunta. Mas se você precisar que eu diga as palavras, então eu vou lhe dizer. Eu sempre mantive o controle sobre você. É quem eu sou. Eu precisava ter certeza de que estava a salvo em todos os momentos.

—Por que você está aqui, Martinez? Você não precisava, nem queria. —Ela respondeu, ignorando a minha resposta.

—Olhe nos meus olhos, Lexi.

Ela imediatamente abriu os dela, a raiva rapidamente tomando conta. Trazendo de volta memórias do tempo em sua vida que ela queria esquecer.

—Saia. Agora!

—Não.

Ela zombou, sacudindo a cabeça. —Você tem algumas bolas de bronze, amigo. Acha que pode vir aqui, dizer alguma besteira doce, e eu deveria apenas esquecer tudo o que você fez para mim. Tudo o que você me fez passar. Bem, eu vou fazer desta visita muito curta para você, já que você é um homem tão ocupado. Vai acontecer um dia frio no inferno, antes que eu esqueça o que você fez. E eu não vou.

—Eu não esperava que você esquecesse, Lexi. Mas eu estou rezando para que você possa me perdoar.

—Eu nunca pensei em você como um homem religioso, Martinez. Como rezar funcionou para você no passado? —Ela violentamente falou, me pegando desprevenido. —Isso é o que vai precisar para você sair? OK. Eu perdoo você. Sua consciência, ou seja, lá o que você tem, é claro. Você pode ir agora.

—Eu não vou embora sem você. Você está ferida.

—Não me diga. —Ela rosnou.

—Não, cariño. Os médicos... —Eu suspirei, temendo dar a notícia que eu sabia que só lhe causaria mais dor. Matá-la um pouco mais por dentro. Ela já me odiava, eu poderia muito bem ser o único que a destruiria. —Você não pode mais dançar profissionalmente. Os médicos fizeram tudo o que podiam fazer, Lexi. Mandei-a para o melhor cirurgião. Você tem múltiplas fraturas e rupturas em sua tíbia esquerda. O impacto do seu pouso quebrou seu tornozelo. Juntamente com vários tendões rompidos nesse joelho.

—Você não sabe o que está falando, e eu quero falar com a porra de um médico. Você está errado! Saia! Basta ir, eu não preciso de você! Você está errado! —Ela repetiu, em histeria. Furiosamente sacudindo a cabeça. Punhos cerrados ao lado do corpo. —Por que você está tentando me machucar? Você está errado. —Ela continuou a sussurrar uma e outra vez.

—Você voou pelo ar, Lexi! Seu corpo estava na parte de trás do caminhão. Se você não estivesse usando um capacete, você teria morrido também. Metade de suas costelas está quebrada, o braço

fraturado. O quadril deslocado. Você tem sorte de ainda estar viva com as lesões que você teve em sua coluna. Ainda mais sorte se você for capaz de andar novamente. Você tem um longo caminho para a recuperação que você não pode fazer sozinha. Você precisará de mais cirurgias nos próximos meses, para não mencionar a fisioterapia.

Eu não vacilei. Levantei-me e arranquei os cobertores de seu corpo quebrado, fazendo-a ver a verdade em minhas palavras. Tudo o que ela fez foi olhar para baixo em sua perna, como se fosse a única coisa que era importante para ela. Olhando para o gesso que corria ao longo de toda a perna. A alta dose de medicação para a dor, não permitia que ela sentisse muito desconforto.

—Que porra é essa? —Ela gritou, sugando o ar. O peito arfando enquanto ela levava as mãos à boca. —Minha perna dominante. Isso aconteceu com a minha perna dominante?!

—Cariño...

—Pare de me chamar assim, porra! —Ela ferveu, batendo os punhos na cama. —Eu não sou nada sua! Meu nome é Lexi!

Havia tanta coisa que eu podia aceitar. Inclinando a cabeça para o lado, eu olhei para ela, desejando que meu temperamento ficasse escondido. —Não há nenhuma razão para você ficar aqui por mais tempo. Você não precisa nem ter o seu próprio lugar para viver. Sabrina trabalha o tempo todo, você sabe disso mais do que eu. Não há ninguém aqui para você, ninguém para cuidar de você. Deixe-me ser o homem que vai fazer isso. Posso conseguir os melhores médicos. Qualquer coisa que você precise. Volte para casa comigo até que você esteja melhor. Se você quiser sair, uma vez que você estiver curada, eu vou deixar você ir livremente.

Ela virou o rosto para longe de mim, sabendo que eu estava certo. Eu gentilmente agarrei seu queixo, olhando profundamente em seus olhos. Eu a persuadi. —Eu prometo, mas, por favor, me dê uma chance para ajudá-la, Lexi.

Ela hesitou, pesando suas opções por alguns segundos. Puxando

o queixo do meu alcance, ela retrucou. —Eu não vou porque você me quer, eu vou porque eu preciso. Nada mais nada menos.

Isso estava longe de ser o que eu queria ouvir.

Mas era um começo.

Capítulo 35

Lexi

Fiquei arrasada quando Martinez me disse que eu não poderia assistir ao funeral, ainda presa no hospital, mal o suficiente para viajar. Embora, ele tenha me levado de avião para o túmulo de Will, me permitindo dizer adeus antes de viajar para Nova York. Ele ficou ali, me deixando chorar, dando alguns golpes no peito, enquanto eu jogava toda a minha frustração e tristeza nele. Will não era próximo de sua família, razão pela qual ele estava trabalhando na Inglaterra. Eu nunca os conheci, então eu não podia esperar que sua família adiasse o funeral por mim. Eles não me deviam nada.

Martinez não me deu qualquer tempo para chorar na frente dele, quando eu estava sentada na cadeira de rodas na frente de sua lápide, sabendo que era por outro homem. Agradeci Will uma e outra vez. A única razão que eu ainda estava viva era porque ele me deu seu capacete, e isso lhe custou à vida. Martinez, na verdade, tentou me dar o ombro para chorar, tentando me consolar. Eu o empurrei, provando para ele que eu não precisava mais. Ignorando o olhar magoado no rosto bonito.

Sabrina estava devastada quando descobriu a extensão dos meus ferimentos, mas mais ainda, com a minha decisão de voltar para casa. Uma noite, enquanto ela estava me visitando no hospital, mais uma vez, ela tentou me fazer mudar de ideia. Ela me disse que compreendia as minhas escolhas. Ela podia ver que eu ainda estava muito apaixonada por Martinez. Ela queria que eu fosse feliz, que encontrasse minha paz. Esta era a minha chance para isso. O acidente de moto terminou um capítulo da minha vida, para permitir que outro começasse. Com ele. Não importava quantas vezes eu dissesse que estava deixando a Inglaterra, porque eu não queria ser um fardo para ela. Ela nunca acreditaria em mim.

Não importava.

Nada mais importava.

Eu estava tão deprimida, lutando diariamente para continuar. Perdi meu desejo por tudo. Eu perdi minha carreira, meu namorado, toda a minha vida, em questão de segundos. Tudo o que eu guardei tão bem em meu coração, foi arrancado de mim. Dançar era tudo o que eu já tive, e agora, isso se foi também. Eu não tinha nenhuma razão para seguir, nenhuma.

Cada cirurgia que eu tinha sofrido nos últimos seis meses me fazia sentir como se fosse apenas mais um revés para seguir em frente com o resto da minha vida. Ou seja, o que restava dela. Pelo menos eu poderia finalmente caminhar um pouco. As muletas feriam meus braços, mas eu não precisava da ajuda de Martinez quando eu as usava. O que me deu espaço para ficar sozinha, sem ele sempre pairando sobre mim. Eu tinha uma cadeira de rodas para me locomover, mas me obrigava a pedir ajuda para entrar e sair dela, de onde eu estava deitada ou sentada. Apesar de todas as vezes eu dizer a ele para me ajudar e sair, ele simplesmente me ignorava. Levando-me por todo seu apartamento, deixando a cadeira de lado. Eu tinha que tentar como o inferno ignorar como seu perfume masculino ainda tinha um efeito sobre mim.

O filho de uma cadela estava mais bonito do que nunca. Muitas vezes, me peguei olhando para a sua forte mandíbula enquanto ele me levava de sala em sala. Eu não podia acreditar como ele ficou ainda melhor de olhar com a idade. Como se ele fosse um vinho fino. Um dia, eu consegui subir na cadeira para passear pela cobertura, precisando sair do meu quarto. Nunca indo em direção ao meu estúdio de ballet, com medo de que não estivesse mais lá, mas ainda mais aterrorizada se estivesse.

Passei pela sala que Martinez transformou em seu ginásio. Ele estava trabalhando todas as suas frustrações sem camisa. Seu short de ginástica estava pendurado baixo em torno de sua cintura fina, mostrando os músculos orgulhosamente em exposição. Ele estava ainda mais amplo, musculoso e bem construído do que eu me lembrava. Suor pingava do seu peito, acentuando todos os músculos tonificados de seu corpo definido, esculpido. Eu assisti por alguns minutos, em seguida, me

movi para a direita, precisando voltar para o meu quarto. Segurando a cruz pendurada de seu colar que eu ainda tinha que tirar. A última coisa que eu queria era ser pega o admirando.

Enquanto eu passava pelo seu quarto, eu não pude deixar de rir ao me lembrar de quando voamos para casa, poucas semanas depois de ter sido liberada do hospital. Lembrando-me de como ele realmente tentou me levar para o seu quarto, dizendo que seria mais fácil se eu dormisse lá. Como ele podia me ouvir e me alcançar mais rápido se eu precisasse de alguma coisa. Eu ri ironicamente, e simplesmente lembrei a ele de que eu não precisava ser sua prostituta mais. Tenho certeza que ele ainda tinha muitas delas em sua vida. Ele não disse uma palavra depois disso, rapidamente me levando para meu antigo quarto.

—Lexi, dê o fora da cama. Se vista. —Ele ordenou, entrando no meu quarto. Sem ser convidado, como sempre. Vigorosamente abrindo as minhas cortinas, me queimando com a luz.

Oh... E eu tinha Martinez na minha bunda vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Tentando me devolver a vida. Confie em mim, eu já tinha rido muito com esse pensamento.

—Estou cansada. —Eu simplesmente declarei. —E abra seus olhos, homem velho, eu já estou vestida. —Eu agarrei meu travesseiro e coloquei sobre o meu rosto, acolhendo a escuridão mais uma vez.

—É meio dia. Você fez isso ontem e no dia anterior, e no dia anterior. Devo continuar, princesa?

—Não, mas eu sei que você vai. —Murmurei através do travesseiro.

—Realmente bonito. Você tem feito isso durante os últimos seis malditos meses. —Ele lembrou.

—E aí está. —Eu joguei o cobertor sobre minha cabeça. —Quem se importa? Por que eu tenho que levantar? Por nada! Eu não posso dançar, eu não posso me virar para sobreviver, eu mal posso andar, porra!

—Você tem muletas. Você precisa.

—Não me diga o que eu preciso! Eu vou te dizer. Eu preciso que você dê o fora do meu quarto! Saia! Você não é meu salvador, Martinez! Eu nem mesmo gosto de você! Agora saia porque você não vai gostar de mim, se eu ficar realmente zangada!

Puxando o cobertor e travesseiro de cima de mim, ele zombou. —Não se preocupe querida, eu realmente não gosto de você agora.

—Bom! Então, o sentimento é mútuo!

Ele se inclinou, de repente, para me pegar. Ele não foi perturbado por minha fraca tentativa de combatê-lo. —Pare de me empurrar!

Ele me jogou por cima do ombro como se eu não pesasse nada. —Pare de fingir que você não me quer. —Ele zombou, andando pelo corredor, batendo na minha bunda.

—Seu bastardo arrogante! — Bati em suas costas quando ele me levou para fora da cobertura, entrando no elevador.

—Este bastardo arrogante vai levá-la a um lugar, quer você goste ou não. Eu não posso aguentar mais essas besteiras. —Afirmou, apertando o botão para descer.

—Onde você está me levando? —Eu exigi, desistindo da minha luta, não valia a pena, ele era uma parede de tijolos do caralho.

Ele gentilmente me pôs na limusine minutos depois, arrumando cuidadosamente as minhas pernas e, finalmente, respondeu. —Para o seu passado.

Quando a limusine parou em seu hangar privado, eu estaria mentindo se dissesse que não estava intrigada quanto ao local onde ele estava me levando. Seu avião particular estava pronto para partir, esperando nossa chegada. Ele me tirou da limusine, carregada em seus braços fortes, até dentro do avião. Ele me colocou na cadeira de couro bege, tomando seu assento ao meu lado. Recusei a mostrar algum interesse, assistindo a um filme durante todo o voo. Sentindo os seus

olhos no meu rosto o tempo todo. Uma hora mais tarde pousamos. Um motorista já esperava por nós. Ele mais uma vez me levou para fora do avião, pegando minhas muletas no caminho. Seus guarda-costas fecharam a porta atrás de nós. Assim que começamos a dirigir em direção ao nosso destino, eu percebi onde estávamos.

Eu virei minha cabeça em sua direção, olhando para ele. Perguntando:

—Por que diabos estamos em Rhode Island? —Em pânico, enquanto esperava sua resposta.

—É hora de você encarar seus malditos demônios. Então, aqui estamos, querida... Bem-vinda a Rhode Island.

Abri a boca, mas fechei rapidamente, incapaz de formar as palavras. Minha mente girou com perguntas que eu sabia que ele nunca responderia. Virei o rosto para a janela escura, tentando acalmar meus nervos instáveis. Tentando pensar em outra coisa que não nos demônios que ainda viviam na minha cidade natal. Mexi com os meus dedos que foram colocados no meu colo, lutando contra as memórias da casa que eu conhecia como o inferno. Ele colocou a mão na minha coxa em um gesto reconfortante, assumindo que iria fornecer a segurança que um dia elas me deram.

Que ele me deu.

Meu batimento cardíaco estabilizou, meu estômago acalmou, minhas memórias diminuíram. Somente me concentrei na sensação de seus dedos calejados, enquanto suavemente ele esfregava ao longo da minha coxa. Ele continuou a espreitar pela janela, não dando qualquer importância à maneira como seu simples toque ainda me fazia sentir. Dirigimos-nos em silêncio durante o que pareceu uma eternidade, passando pela minha antiga escola primária, a loja de sorvetes que eu costumava ir de bicicleta. A sensação de mal estar rastejando de volta, mas Martinez nunca parou de acariciar minha coxa.

A limusine parou na velha estrada de terra, que conduzia em direção ao meu passado. Fechei os olhos, respirei profundamente

algumas vezes, desejando que as memórias ficassem trancadas na parte de trás da minha mente. A motorista do ônibus me deixando no lado da estrada, e eu tendo que ir a pé para casa sozinha todos os malditos dias. A imagem da garotinha indefesa sempre ansiosa para chegar em casa, sempre pensando que ela encontraria sua mãe lá esperando por ela de braços abertos. Perguntando como foi seu dia, dizendo que a amava, saindo da maldita casa para se certificar de que ela chegou em segurança. Meus lábios começaram a tremer, meu peito começou a arfar, lágrimas rolaram nos lados do meu rosto. Lembrando cada decepção, cada promessa quebrada, até a última mentira que saíra da sua boca.

Instantaneamente afastei a imagem de seu corpo morto deitado ao meu lado. Tão frio, tão azul, ainda sentindo os braços em volta de mim. Guardei esses sentimentos. De repente, tremi quando senti os dedos de Martinez enxugarem minhas lágrimas. A memória mórbida afundando de volta nos cantos profundos escuros do meu subconsciente. Não adiantava, a minha dor não parava.

A ambulância.

O funeral.

Meu padrasto entrando no meu quarto a cada noite, porra.

A primeira vez que ele me tocou.

A segunda…

A terceira…

E cada vez depois disso.

Seu cheiro.

Seu toque.

Dizendo que me amava, pensando que eu era a minha mãe.

Eu respirei fundo, me segurando quando o carro parou. Eu não tive que abrir meus olhos para saber onde estávamos. Eu podia sentir

toda a energia negativa. Inclinando a cabeça para trás contra o encosto, eu lambi meus lábios. Degustando minhas memórias, derramando em forma de lágrimas pelos meus olhos.

—Por que você está tentando me machucar? —Eu falei um pouco acima de um sussurro.

Ele limpou outra lágrima, acariciando o lado do meu rosto. —Cariño, eu estou tentando ajudá-la.

E com isso ele abriu a porta.

Martinez

Eu a peguei, levando para fora da limo. Rick já estava esperando por nós com suas muletas no outro lado. Seus olhos ainda estavam bem fechados enquanto eu andava até a calçada vazia da frente da merda da casa. Parecia que ninguém tinha vivido lá em anos. Não havia outras casas por milhas de distância. Assim que cheguei perto da porta da frente, do nada, ela começou a lutar contra mim. Batendo, arranhando, gritando para deixá-la ir. Eu deixei. Tentei colocá-la suavemente no chão antes que ela causasse mais dor a si mesma.

—Lexi, pare, você vai se machucar. —Eu expressei, lutando contra ela.

Ela se apoiou em sua perna boa, e abriu os olhos atormentados, agarrando as muletas imediatamente de mim. —Tudo que você faz é me machucar! Por que você me trouxe aqui! Você não tinha o direito de

fazer isso comigo! Quem diabos você pensa que é? —Ela gritou, seu corpo tremendo.

—Cariño, deixe-me explicar. Eu não... —Ela me deu um tapa na cara, fazendo minha cabeça balançar com o golpe inesperado no rosto. Eu agarrei meu queixo, massageando, enquanto ela balançava a mão latejante.

Eu não conseguia me lembrar da última vez em que alguém me bateu.

—Eu te odeio. Você me está me ouvindo? Eu odeio você. —Ela disse entre dentes. Batendo no meu peito, me empurrando tão forte quanto podia, ficando mais irritada porque eu não vacilei.

—Você é mau! Eu odeio você, Martinez! Que porra doentia faria isso com alguém! Você não está tentando me ajudar, você está me machucando. Assim como você sempre fez!

Eu peguei seus pulsos no ar. Olhando profundamente nos olhos, mostrando que isto não foi mal-intencionado, que eu estava realmente tentando acabar com o que a assombrou até este dia. Golpe após golpe, a mulher que eu conhecia tinha ido embora. Uma estranha estava diante de mim. Ela abruptamente se virou, puxando seus pulsos das minhas mãos. Olhando para a casa em frente a ela. O peito arfando, ofegando vigorosamente. Eu podia ver todas e cada memória que torturavam sua mente, causando o caos ao seu redor.

Ela não vacilou e jogou as muletas no chão. Grosseiramente saiu mancando em direção ao lado da calçada, ignorando a dor latejante em sua perna. Cada passo mais determinado do que o último. Tropeçando, quase caindo de joelhos. Tive que me controlar muito para não correr atrás dela, para não carrega-la em meus braços e levá-la embora. Mas ela precisava enfrentar seus medos, sua escuridão, seu passado. Ela se inclinou para frente agarrando algumas pedras que ladeavam a entrada de automóveis e recuou, oscilando.

—Cariño...

Ela ferozmente começou a jogar as pedras na casa. Uma após a

outra, perdendo o equilíbrio a cada arremesso forte, que entrava em contato com sua frágil estrutura. Soluços infindáveis escapavam de sua boca, seu corpo tremendo com fúria. As janelas quebravam fazendo os pedaços de vidro voarem em todos os lugares. Vários atingiram a porta da frente, e o tapume se soltou, caindo dos lados da casa. Inclinando novamente, ela agarrou mais pedras, atirando, com um objetivo, e lançando um punhado em todas as direções. Freneticamente tentando derrubar a casa que lhe causou tanta dor.

—Você nunca esteve aí por mim! — Outra pedra ricocheteou. —Você me deixou com um monstro! A porra de um predador! —Outra. —Você deveria ser minha mãe! Você não fez nada por mim! —Mais três pedras. —Não tenho ninguém neste mundo! Eu estou sozinha! Eu sempre fui sozinha! —Pedra após pedra após pedra, a casa foi sendo atingida enquanto ela chorava sua dor. —Eu odeio você! Você foi uma porra de mãe inútil!

Eu nunca tinha visto alguém se quebrar assim antes. No entanto, eu fiquei ali, olhando em silêncio, nem mesmo o meu toque aliviaria sua dor agora. Sua mente estava correndo selvagem, ela não podia fazer parar. As memórias e imagens estavam sendo jogadas na frente dela, sem fim, na sua cara. Lembrando-me da última vez em que ela viu a desilusão. Foi machucada e rejeitada.

—Espero que ele esteja queimando no inferno do caralho! Espero que quem o matou, o fez sentir muita dor! A dor que ele me fez passar por anos! —Ela jogou até a última pedra que podia na casa. Frustrada que seu esforço não a derrubaria.

Perdendo o equilíbrio, ela caiu no chão. Gritando de dor. Instantaneamente ela colocou as mãos sobre os ouvidos, tentando abafar as vozes que a cercavam por todos os lugares. Desesperadamente tentando calar o passado. Entrei em ação, incapaz de me segurar por mais tempo, caindo de joelhos ao lado dela. Puxando seu corpo convulsionando em meus braços. Ela não lutou comigo. A mulher forte, sem medo, tinha desaparecido. Substituída por uma medrosa, a menina perdida que ainda permanecia dentro dela. Eu a embalei, tentando acalmá-la, sussurrando coisas tranquilizadoras em

seu ouvido.

Ela se agarrou a mim com sua vida, me deixando segurá-la, me deixando tirar essa carga dela. Beijei o topo da sua cabeça enquanto ela fisicamente desintegrava em meus braços, —Por que você me trouxe aqui? Por que você fez isso comigo? Como você sabia? —Ela tremia incontrolavelmente, sua voz rompendo a cada palavra que escapava de sua boca.

Eu agarrei seu rosto entre as mãos, fazendo-a olhar para mim. Falei com convicção. —Você. Tem. A mim.

Ela franziu a testa, sugando o ar enquanto ela absorvia minhas palavras. Encarando-me profundamente nos olhos. Relaxando ao meu toque, acalmando-se um pouco.

—Você não está sozinha, Lexi. Não mais.

—Eu não sei nada sobre você. Como...

—Eu não fui levado a esta vida. Eu nasci nela. O homem que você vê, é o homem que eu sou. É o que eu sempre deveria ser. Eu não tenho ninguém nesta vida também. Mas você é minha, Lexi. Você sempre foi minha. —Fiz uma pausa para permitir que as minhas palavras afundassem. —Eu escolhi você. Depois... —Balancei a cabeça, profundamente envergonhado por minhas ações.

—Eu nunca tive tanto medo na minha vida, como eu tive naqueles dois dias que você se foi sem deixar vestígios. Precisando encontrá-la, para me certificar de que estava tudo bem. Quando você foi embora, você me levou com você, cariño. Eu passei os últimos dez anos da minha vida, apenas andando sem rumo, fazendo o que era esperado de mim. Todos os dias eram a mesma coisa, sombrios. Eu estou tão exausto deste inferno, há dias em que eu contemplo acabar com tudo.

Seus olhos mostravam tantas emoções, me aleijando de maneira que eu nunca pensei ser possível.

—Eu preciso de você para me lembrar de tudo isso, quando você olha para mim. Você entende?

Ela fervorosamente assentiu, incapaz de formar palavras. Lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto eu dizia minhas verdades. Limpei tudo, tão rápido quanto elas vinham.

—Quando Leo me ligou na manhã de seu acidente e me disse que estava gravemente ferida, pendurada por um fio, eu pensei que tinha perdido você para sempre. A última lembrança que eu segurei estes últimos dez anos, foi a noite em que eu deixei você dormir na minha cama. Seu cabelo espalhado, o seu corpo minúsculo sob meus lençóis, tão em paz. Eu ainda via aquela mulher nesses últimos seis meses. Era tudo o que eu pensava dia e noite. Eu te trouxe aqui para ajudá-la a encontrar sua paz de novo, Lexi. —Murmurei, suavemente bicando seus lábios, saboreando suas lágrimas salgadas.

Surpreso por ela não me afastar. Controlei a vontade de devorar a porra da sua boca, mas não era o momento certo, ou o lugar certo. Mas eu tive que beijá-la, apesar de tudo. Para sentir seus lábios contra os meus.

Eu não podia não beijá-la.

Recuando, sinalizei para Rick. Ele abriu o porta-malas da limusine, trazendo o que eu precisava, para acabar com isso de uma vez por todas. Eu fiquei de pé, levando-a comigo, agarrando suas muletas, colocando debaixo dos seus braços. Beijei-a uma última vez, olhando profundamente em seus olhos. Finalmente, vendo um vislumbre do homem que ela sempre soube que vivia dentro de mim.

Rick entregou o que eu precisava, e eu a soltei. Caminhei para a casa sem vida. Ela ficou lá com os olhos arregalados, sua boca aberta, vendo o que eu estava prestes a fazer. Ela viu quando eu enchi a casa inteira com gasolina. Joguei a lata vermelha para Rick antes de olhar de volta para ela. Abri o isqueiro.

—Eu posso afastar seus demônios, mas eles nunca vão parar de persegui-la. Você quer fazer isso?

Ela engoliu em seco, respirando fundo antes de caminhar em direção a mim com suas muletas. Ela conscientemente olhou da casa e

para o isqueiro que eu segurava. Contemplando os fantasmas sombrios de seu passado e o brilho de seu futuro. Com a mão trêmula, ela a estendeu, tirando o isqueiro de mim, afirmando. —Obrigada.

Eu balancei a cabeça, enquanto ela acendia o isqueiro, e encostava a chama no rastro de gasolina que levava à sua varanda. Observando as chamas engolirem o buraco de merda que resumia sua infância.

Fazendo o seu passado queimar no inferno.

Capítulo 36

Lexi

Na noite em que voei de volta de Rhode Island há seis meses, ele me levou para o seu quarto e eu fui de bom grado. Ele me colocou em seus lençóis frescos de seda, apoiando meus pés para cima, entregando a minha medicação. Sabendo que precisava aliviar a minha dor em mais de um sentido. Ele estava tão gentil, tão carinhoso e compreensivo.

Passei o resto da noite em seus braços, em paz, feliz, pela primeira vez desde que eu conseguia me lembrar.

—Descanse um pouco, cariño. Você está segura, eu estou aqui. —Ele sussurrou em meu cabelo.

Eu balancei a cabeça, aninhando mais profundamente em seu peito. Incapaz de estar perto o suficiente. Exausta emocionalmente, mentalmente e fisicamente, adormeci em algum momento antes do amanhecer. Seu toque suave deslizando pelas minhas costas me acalmou. Eu me assustei quando acordei, procurando por ele, me encontrando sozinha. Por alguma razão, eu não entrei em pânico, eu não precisava. Eu o senti lá comigo, embora eu estivesse sozinha em seu quarto. Seu lado da cama ainda estava quente, fazendo um sorriso esticar meus lábios. Ele veio minutos depois que eu acordei com uma bandeja cheia de todo o tipo de comida que um homem conhece.

—Por que você está sorrindo, cariño? — Um sorriso se espalhou pelo seu rosto bonito. Sabendo muito bem por que.

—Você não gostaria de saber. —Eu sorri de novo, me sentando.

Ele riu. —Vejo que você não perdeu essa boca impertinente.

Tomamos café da manhã na cama juntos, não trazendo à tona os acontecimentos do dia anterior. Gastamos todo o domingo lá, falando sobre nada importante, mas ainda parecia tudo. Nós terminamos passando todos os domingos desta forma. Às vezes a gente assistia a

um filme. Às vezes ele me deixava assistir reality shows na TV, enquanto trabalhava em seu laptop na cama. Não importava o que estávamos fazendo, desde que estivéssemos juntos. Adormecia em seus braços todas as noites, apenas para acordar sozinha todas as manhãs. Eu estava convencida de que o homem nunca dormia.

Eu fui para o meu quarto para me vestir como eu fazia todas as manhãs, pronta para começar o meu dia, poucas semanas depois que voltamos. Abri meu armário só para encontrar cabides vazios, caminhei por todo meu armário, abrindo cada gaveta, nada. Meu banheiro estava vazio também. Eu invadi o corredor até seu escritório, entrando sem bater.

Ele não ficou perturbado, como se estivesse me esperando.

—Que diabos, Martinez? Para onde todas as minhas coisas foram? —Perguntei, inclinando meu quadril para o lado, as mãos colocadas na minha cintura.

—Bom dia para você, Lexi. —Ele sorriu.

—Esse sorriso não vai funcionar comigo, amigo. Responda a minha pergunta.

—Elas estão aonde pertencem, cariño. Onde você pertence, no meu quarto. Na minha vida.

Eu não tinha deixado seu quarto desde que voltei.

Fazia mais de um ano desde que ele me trouxe de volta para viver com ele, vendo um lado diferente do homem que eu ainda amava com todo meu coração. Ele me trazia o café da manhã na cama quase todas as manhãs, e voltava para casa para jantar comigo todas as noites. Gastando mais e mais do seu tempo juntos, compensando nosso tempo separados. Ele me levava a tudo em New York City. Compras, visitar galerias de arte, ir para restaurantes de luxo que eu nunca tinha frequentado antes. Fizemos quase tudo juntos.

Ele me beijou, me tocou, e me segurou sem reservas. Em público e por trás de portas fechadas, independentemente de seu humor, ele

controlava isso.

Nós nos comportávamos como um casal.

Ele e eu.

O olhar frio, sombrio, sem alma foi substituído por um olhar calmo, sereno. Eu me encontrava pensando nele o tempo todo. Eu acreditei nele de todo o coração, quando ele disse que houve dias em que ele pensou em acabar com tudo. Às vezes eu o olhava de longe, e podia ver a sua luta. Suas decisões não importavam mais. Entendam, meus demônios foram colocados para descansar no fogo. Os seus... estavam vivos e prosperando em torno dele todos os dias. Mas, ao mesmo tempo, era um novo começo para nós. Iniciando um novo capítulo de nossas vidas, juntos. Muitas vezes me perguntei se eles um dia realmente iriam embora. Percebendo rapidamente que El Diablo sempre seria uma parte dele, de quem ele foi, de quem ele é. Chame-me de louca, mas eu amava tanto esse homem. Cada lado dele me consumia. Cada parte dele me envolvia.

Ele era meu.

Não importa o que aconteça.

A vida estava finalmente compensando, depois de anos e anos de desgosto e decepção. Ele tinha estado lá pronto para tudo, cuidando de mim, me apoiando, me fazendo sentir querida pela primeira vez, com ele. Ele segurou minha mão através das inúmeras cirurgias na minha perna, e participou das minhas sessões de fisioterapia comigo. Motivando-me a continuar, quando o meu corpo queria desistir. Eu apenas brincava com ele, dizendo que ele gostava da vista quando eu era esticada. Eu sempre me certifiquei de usar calças legging apertadas, que abraçavam minha bunda perfeitamente.

Martinez até mesmo recrutou um dos melhores cirurgiões ortopédicos da Costa Leste para pegar o meu caso. Eu podia finalmente andar sozinha sem qualquer dor. Até mesmo me deram OK para começar a dançar novamente. Todas as minhas lesões diminuíram, mas eu ainda tinha que colocar minhas sapatilhas. Depois de meses evitando

o corredor que abrigava o meu estúdio de dança, eu finalmente tive a coragem de ir, e ver se ele ainda estava lá. Fechando os olhos, eu lentamente entrei, apenas para abri-lo e encontrar o quarto exatamente como eu o havia deixado. Corri em seu escritório, o abordando em sua cadeira.

—Obrigada, obrigada, obrigada! — Beijei-o por todo o rosto. Capaz de dizer, finalmente, obrigada. Assim como eu queria da primeira vez que eu o encontrei.

—A que devo este prazer, cariño? —Ele acariciou minha bochecha com um sorriso em seus lábios.

—Você o manteve. Depois de todos esses anos, você manteve meu estúdio. Por quê?

—Eu queria manter isso de você aqui, esperando que você encontrasse o seu caminho de casa novamente. E aqui está você. —Ele beijou minha testa, enxugando as lágrimas que eu não sabia que estavam caindo.

—Obrigada. Eu não posso nem começar a dizer o que isso significa para mim.

—Mostre-me. —Ele gemeu.

—Olha quem decidiu acordar. —Ele provocou, me puxando para longe de meus pensamentos quando ele entrou no nosso quarto.

Eu rolei, me sentando. Trazendo o lençol de seda comigo, cobrindo meus seios nus. Martinez inventou uma história elaborada para o fato de que meu pijama nunca apareceu no seu quarto. Dizendo que ele não tinha ideia do por que eles não foram transferidos para cá, e ele cuidaria do homem no comando. Eu não era estúpida, eu sabia que ele tinha jogado tudo fora. Eu ainda tinha que substituí-los, até ficar confortável o suficiente para ficar nua perto dele.

Embora nós estivéssemos mais próximos do que nunca, não tínhamos sido íntimos. Quero dizer, ele me dava orgasmos alucinantes o tempo todo, mas ele nunca me permitia tocá-lo. Sabendo que era tudo o que seria necessário para ele perder o controle. Eu acho que uma parte

dele ainda estava fechada quando tratava-se de fazermos sexo, com medo de que ele não fosse capaz de me possuir como eu ansiava, tendo uma repetição do que aconteceu anos atrás. Eu sabia que ele nunca faria isso para mim novamente. Ele mal sobreviveu a isso na primeira vez.

Eu não o forcei.

Eu não precisava.

Pela primeira vez, suas palavras falaram mais alto do que suas ações.

—Você precisa se vestir. —Ordenou, puxando o meu pé em direção a ele ao lado da cama.

Eu gritei, rindo. —Você quer roupas em mim? Isso é novo.

Ele se inclinou para frente, pairando acima de mim. Enjaulando-me com os seus fortes braços definidos. —Você está à minha mercê. —Ele respirou contra meus lábios, causando arrepios pelo meu corpo. —Agora, se vista. —Ele falou, se afastando, para minha grande decepção.

—Para onde vamos? —Perguntei, sem me levantar, observando enquanto ele se movia, pelo seu quarto.

A forma como as costas flexionavam, o modo como sua calça preta abraçava todos os lugares certos, e em como ele era alto. Toda a sua parte traseira era deliciosa. Sacudi a imagem antes que isso me trouxesse problemas, e nós nunca deixaríamos a cobertura.

—Se eu quisesse que você soubesse, eu teria lhe dito. Eu não vou dizer a você novamente. Vista-se.

Viu... Ainda um imbecil.

A limusine estava esperando por nós, juntamente com os guarda-costas habituais. Não demorou muito para chegar onde ele estava me levando. Nós paramos em um edifício de tijolos, não muito longe de seu apartamento no centro de Manhattan. Seus homens saíram primeiro e fizeram uma varredura em torno da propriedade, antes que eu tivesse

permissão para sair. Algumas coisas nunca mudavam. Ele pegou minha mão, me ajudando a sair da limo, me levando até um conjunto de escadas para a entrada dos fundos. Ele abriu a porta fosca de vidro, deixando a luz desligada quando entrei atrás dele.

—Alejandro, por que nós... —Ele acendeu a luz, me silenciando.

Martinez

Vi quando ela entrou no imenso espaço aberto. Eu estava ao lado dela com as mãos nos bolsos da minha calça, dando um momento para absorver todas as coisas ao seu redor. Sorrindo enquanto eu observava como seus olhos dançavam ao redor da sala. Sem saber para onde olhar primeiro. O olhar vidrado em seus olhos era todo o agradecimento que eu precisava.

—Isto é...

—É seu. —Eu simplesmente declarei, trazendo sua atenção para mim.

Minha voz ecoou de onde eu estava. Um sorriso espalhou por seu rosto enquanto ela tentava conter suas lágrimas. Peguei os documentos do balcão da frente, dando um passo no piso de madeira, em sua direção. Sem dizer outra palavra, eu lhe entreguei a escritura do edifício. Ela pegou os papéis com suas mãos trêmulas, olhando para o que era. Piscando rapidamente, tentando se concentrar nas letras grandes que tinham o seu nome na frente.

—Oh meu Deus. —Ela murmurou, colocando a mão sobre sua boca enquanto ela lia o documento.

—Só porque você não pode mais dançar profissionalmente, Lexi, não significa que você não pode ensinar e continuar a fazer o que você ama, querida.

Ela olhou para mim, a boca abrindo e fechando, os olhos arregalados. Sacudindo a cabeça em descrença.

—Isso é muito... —Eu coloquei meu dedo indicador contra seus lábios, silenciando-a.

—Eu comprei este estúdio para você. Você tem tudo que precisa, como pode ver, para iniciar a sua própria empresa. O edifício é seu, Lexi. Meu nome não está ligado a ele de qualquer maneira. Livre e legal. Não importa o que aconteça... é seu.

Seus olhos estavam borrados com mais lágrimas, atordoados e oprimidos pelo meu presente para ela. Eu acariciei o lado de sua bochecha com as costas dos meus dedos, tentando acalmar suas emoções. Ela se inclinou para o meu toque, fechando os olhos por um segundo, me dizendo o que suas palavras não podiam.

—Como é que eu vou te agradecer por tudo que você fez por mim?

—Dance para mim.

Ela recuou, abrindo os olhos. —O que?

—Você me ouviu.

—Eu não posso...

—Você pode. E você vai. —Eu me afastei pegando sua mão, e caminhei em direção ao fundo do estúdio. Parando em frente da porta que dizia “**Cariño**”, com caligrafia elegante, em uma placa de prata. Ela sorriu para mim enquanto eu abria a porta, revelando um camarim privado, abastecido com tudo que uma bailarina poderia querer. Ela

entrou lentamente, dando um giro completo, absorvendo o espaço. Passando as mãos ao longo do armário que continha cada peça de roupa para dança, tudo do melhor para ela. Agarrando sua bolsa de dança, que eu tinha substituído depois do acidente, eu entreguei a ela.

—Ela tem tudo que você precisa. —Eu beijei seus lábios macios e flexíveis.

—Vá. —Dei uma palmada em seu traseiro. —Agora.

Eu fui embora, indo para a cabine do sistema de som. Ela ainda não tinha se movido, como se seus pés estivessem presos ao chão debaixo dela.

—Eu não gosto de ficar esperando, cariño.

Ela respirou fundo, se tranquilizando, colocando um pé na frente do outro como se ela estivesse dizendo a si mesma para fazer isso. Fui para o fundo do estúdio, e puxei uma cadeira. Sentei-me, inclinando para frente, colocando os cotovelos nas minhas pernas com as mãos unidas. Esperando ela aparecer minutos depois.

Ela tirou meu maldito fôlego. Ela estava vestida com um collant rosa de decote baixo que acentuava os seios. Seus mamilos duros cutucavam através do tecido apertado, enquanto sua bunda deliciosa espiava no fundo. Ela preferiu o sutiã e calça justa, em vez de meias.

Meu pau contraiu-se ao vê-la.

Ela se alongou por um tempo na barra, enquanto eu observava a maneira como seu corpo dobrava, curvava e torcia em todas as direções, como se não tivesse ficado tanto tempo afastado. Sua malha subia, expondo mais de sua pele nua. Eu não lhe dei tempo para contemplar o seu próximo pensamento, batendo no play do som. Ela riu para si, olhando para mim através do espelho, quando a melodia foi captada pela sua mente.

Nossos olhares se cruzaram.

A canção tocada no meu escritório, na primeira vez em que ela

veio me ver, a mesma canção que ela dançou no dia em que fui procurá-la na Europa, tocava pelos alto-falantes. De certa forma, estávamos fechando um círculo completo. Não havia palavras necessárias para serem ditas entre nós para termos o mesmo pensamento.

Ela andou até a barra, estendendo com perfeição a perna direita para o lado, colocando delicadamente o tornozelo na madeira polida. Esticando o braço esquerdo no ar e trazendo seu torso até o joelho, ela manteve o alongamento. Repetindo o mesmo movimento com a perna esquerda. Nunca quebrando o contato visual comigo através do espelho. Ela segurou a barra com a mão esquerda, agarrando seu tornozelo com a direita sem esforço, puxando-o para seu peito enquanto a perna estendia para frente. Perfeitamente de pé sobre uma perna. Ela tinha as pernas mais longas que eu já vi.

Após o alongamento, ela começou a dançar para mim. O corpo dela girou, seus braços subiram, e seus pés deslizaram em todas as direções da sala em questão de segundos. De um lado para o outro, não havia uma mancha no chão de madeira que suas sapatilhas não tocaram. Ela estava tão em sincronia com a música, a dança, o coração e a alma, toda a sua vida. Esquecendo que eu estava olhando para ela, perdendo-se em seu elemento, forçando mais e mais. Se você não soubesse sobre seu acidente, você acharia que ela nunca parou de dançar.

A canção estava quase no fim quando ela tropeçou, mas perfeitamente se recuperou, puxando seu tornozelo atrás dela, esticando os músculos do joelho e da coxa, trabalhando suas articulações paradas ao longo do último ano. Eu podia ver a enorme decepção que passava através de seus olhos, tanto quanto ela tentou esconder, continuando seus passos. Frustrada que sua perna já tinha dado sinais de problemas.

Fiz uma pausa na música que eu tinha colocado na repetição.

—Vá se alongar novamente, cariño. —Eu pedi em um tom dominante. Acenando com a cabeça para a barra.

—Eu estou bem. —Ela teimosamente respondeu. Sacudindo as pernas e braços. Voltando para a posição, olhando para mim através do

espelho.

Inclinei a cabeça para o lado, arqueando uma sobrancelha. Ela estreitou os olhos para mim, mas a contragosto ouviu. Eu apertei o play, permitindo que a melodia tocasse uma vez mais. Ela colocou a perna na barra menor, fazendo com que sua bunda ficasse empinada na minha direção.

Tentando-me.

Ela fechou os olhos, precisando se perder na música, querendo afastar todos os pensamentos negativos, já se sentindo desanimada. Eu estava de pé, tirando o meu paletó. Arregaçando as mangas da minha camisa de colarinho que eu joguei no chão de madeira. Eu lentamente vim por trás dela, pegando-a desprevenida.

Ela congelou, se virando, abrindo os olhos. Espiando para mim através de seus cílios. —O que você está fazendo?

Inclinei-me contra seu ouvido, sorrindo. —Eu estou ajudando você a se esticar. — Caí de joelhos na frente dela.

Seus olhos estavam dilatados. O sentimento de decepção foi substituído por nada além de luxúria. Ela colocou os braços ao lado, descansando contra a barra, apoiando seu peso. Eu agarrei seu tornozelo, levantando no ar, esfregando ao longo de sua perna enquanto ela era completamente esticada, antes de colocá-la na barra menor. Passei minha outra mão na lateral dela, a instigando a ir em direção da perna estendida. Ela entendeu o que eu estava fazendo, tentando alcançar seu tornozelo, alongando. Ela voltou à posição inicial, trazendo os braços acima da cabeça, e eu acariciei ao longo de sua perna de novo, casualmente virando o tronco, de modo que a perna ainda estivesse colocada na barra atrás dela. Tendo a certeza de que eu esfregasse sua buceta enquanto eu pressionava contra suas costas. Inclinando para frente, ela se esticou até o tornozelo levantado.

Sua respiração travou quando eu toquei nela, em todo o seu corpo mais abaixo. Sua bunda, pernas, mas especialmente na sua buceta. Ela voltou à posição de pé, segurando a barra de apoio mais uma vez, a

perna ainda atrás dela. Meus lábios suavemente beijaram o interior de sua coxa até onde ela queria minha boca. Deslizando sobre seu collant, eu lambi sua abertura até o clitóris. Chupei o broto em minha boca, uma mão a segurando no lugar, a outra empurrando em seu calor quente e úmido.

—Oh Deus. —Ela ofegava, os olhos cheios de luxúria olhando para mim enquanto eu olhava para ela.

Eu estava fodendo sua buceta com o dedo enquanto ela estava montando em meu maldito rosto. Ela mordeu seu lábio inferior, com a cabeça querendo cair para trás, mas eu não permitiria isso. Puxei a frente de sua malha, segurando-a firmemente no lugar para que eu pudesse vê-la gozar. Ela gozou dentro de minutos, tremendo e gritando meu nome. Ela nunca levou muito tempo para gozar quando eu estava de joelhos na frente dela.

Lexi gostava de ver.

Eu fiquei de pé, trazendo sua perna para baixo, devorando sua boca. Amando como seu corpo respondia a cada toque das minhas mãos. Derretendo contra mim, levantando-se nas pontas dos dedos dos pés, gemendo enquanto ela se saboreava, na doçura salgada dos meus lábios e língua. Eu me afastei primeiro, e ela choramingou com a perda, pensando que este era o fim do nosso tempo íntimo juntos.

Sem saber que era só o começo. Eu estava longe de ter terminado.

Agarrei seus pulsos, os colocando acima da cabeça. Recuando, eu a fiz rodopiar em círculos para mim como a bailarina em uma caixa de joias de música. Querendo ouvi-la rir. Vê-la sorrir. Aliviar sua preocupação de que ela não era mais tão grande dançarina como ela costumava ser. Puxando-a de volta para mim, nossos peitos colidiram. Minhas mãos foram para seu rosto, puxando-a para outro beijo. Tirei sua malha, deixando-a apenas com suas sapatilhas.

—As janelas são matizadas. A porta está trancada. Meus homens estão guardando o edifício. Somos eu e você, baby. —Eu respirei contra

sua boca, respondendo às perguntas em sua mente.

Querendo que ela ficasse ali, no momento, comigo.

Eu a girei uma última vez para enfrentar a barra, pressionando a frente de seu corpo contra ela, travando os meus olhos com os seus no reflexo novamente. Suas sobrancelhas arquearam confusa com o que aconteceria a seguir. Com uma encarada, eu olhei para seu corpo nu, sem falhas no espelho. Vendo quão minúscula ela parecia em comparação a mim. Inclinado para frente, eu rocei meu nariz no lado de seu pescoço, nunca quebrando o contato dos nossos olhares.

Eu sussurrei perto de seu ouvido. —Quando chegarmos em casa, Lexi, vou tomar o meu tempo com você na minha cama. Sentir sua pele nua contra a minha. Vou beijar, tocar, lamber até a última parte do seu corpo pecaminoso. Fazer você gozar até que você não possa mais. Mas agora. —Fiz uma pausa.

—Vou possuí-la nesta barra. Fodê-la neste estúdio. Combinando as duas coisas que você ama, ballet e eu.

Ela arregalou os olhos quando ouviu meu zíper, puxando meu pau duro. Segurando na palma da minha mão. Esfregando para cima e para baixo em suas nádegas.

—Sim. —Ela ronronou, empurrando sua bunda para o meu pau. Colocando para descansar qualquer hesitação que eu possa ter tido.

Eu não precisava de um preservativo. Eu sabia que ela estava tomando pílula, mesmo se ela não estivesse, eu a teria fodido sem um, independente de qualquer coisa. Eu queria senti-la de todas as maneiras possíveis. Coloquei a perna de volta na barra menor. Eu coloquei meu pau em sua abertura por trás, a esticando lentamente, delicadamente, deixando-a se ajustar ao meu tamanho. Esfregando os seios, estimulando seu clitóris ao mesmo tempo. Brincando com seu corpo como se ele fosse feito apenas para mim.

—Alejandro. —Ela ofegou quando eu estava profundamente dentro dela.

—Porra, você é tão gostosa. —Eu rosnei, empurrando dentro e fora de sua buceta. Havia algo de animalesco na minha voz que eu nunca tinha ouvido antes.

Agarrando sua bochecha, eu virei seu rosto para reivindicar sua maldita boca novamente. Meus dedos nunca deixaram seu clitóris. Eu não poderia obter o suficiente dela. Isso começou lento, mas meus movimentos tornaram-se urgentes e mais exigentes. A boca dela se abriu, seu peito arfava, sentindo sua umidade escorrendo em minhas bolas. Eu alternava entre a palma da mão e os dedos para manipular seu clitóris, seus quadris movendo-se na direção oposta que eu estimulava. Seu clitóris extremamente exposto por este ângulo.

—Eu vou... Deus... Eu vou... —Ela gemeu entre beijos.

—Goze no meu pau, baby. Deixe-me sentir a porra da sua buceta apertada e doce.

Ela arregalou os olhos de prazer. Sua buceta apertando, espremendo a porra do meu eixo. Senti seu gozo escorrer pelas minhas bolas. Eu não vacilei, não lhe permitindo qualquer tempo para se recuperar. Eu puxei meu pau para fora, a pegando e colocando de lado, paralela a barra. Ela gemeu de desejo quando minhas unhas passaram por seu torso. Agarrei seus quadris para estabilizá-la enquanto ela agarrava a barra. Em um impulso eu estava profundamente dentro dela, deslizando em sua buceta molhada. Suas costas esfregavam ao longo da barra enquanto eu martelava nela, impulso após impulso. Gemido após gemido. Sua boca se abriu, sua respiração acelerou, e quando seus olhos começaram a rolar, eu puxei seu pescoço para que eles pudessem ficar abertos.

Foi a sensação mais intensa de toda a minha vida. Nada se comparava a ter relações sexuais com Lexi.

Nada.

E ninguém.

Ela estava louca. Gemendo. Gritando. Culminando uma e outra vez. Seu corpo tremia. Segurei seu quadril mais forte, sabendo que

haveria marcas quando eu terminasse com ela. Seus ruídos ficavam mais altos quanto mais perto eu chegava de gozar.

—Eu nunca vou me cansar de sua maldita buceta. Ela pertence a mim. Você é minha, porra. —Rosnei de dentro do meu peito. Empurrando uma última vez, liberando minha semente profundamente dentro dela.

Direto onde a porra pertencia.

Eu oscilei com a minha libertação, e a beijei apaixonadamente, nós dois ofegando fortemente. Eu a ajudei a se afastar da barra, e a colocar suas roupas.

Levei-a para casa.

Para minha cama.

Onde eu continuei com ela pelo resto da maldita noite.

Capítulo 37

Lexi

—Para onde vamos? —Eu gemia de novo, sentada ao lado dele em seu avião privado.

Falhando miseravelmente em assistir ao filme passando na nossa frente. Ontem, durante o jantar, ele mencionou casualmente que tiraríamos umas férias. Eu nunca tinha tirado férias em toda a minha vida, e quando ele me disse, eu praticamente pulei em seu colo. O beijei por todo o rosto, expressando a minha alegria. Que, naturalmente, o levou a me foder na mesa da sala de jantar, jogando nossos pratos cheios de comida no chão. Eu não acho que havia um lugar em sua cobertura onde não tivéssemos feito sexo dentro ou sobre, desde que começamos a ficar íntimos a um ano atrás.

Era como se ele quisesse compensar todos os anos em que ele poderia ter estado dentro de mim. O homem era insaciável, me acordando no meio da noite com seu pênis dentro de mim, vindo atrás de mim no chuveiro e, especialmente, no meu estúdio de ballet. Meu local de trabalho na cobertura. Finalmente, usando o sofá de couro preto, na sala. Observando-me dançar só para ele.

Ele disse que eu tinha sempre que dançar para ele. Não importava se ele estivesse na sala ou não. A maneira como eu me movia era dele. Tudo em mim era dele.

Ele era dono do meu corpo, coração e alma.

—Cariño, se você perguntar a cada dez minutos, vai fazer essas cinco horas e meia de voo parecer mais do que já é. —Ele sarcasticamente afirmou não tirando os olhos do laptop na frente dele.

O que lhe valeu um olhar meu. —Eu pensei que estávamos de férias. Por que você ainda está trabalhando, velho?

Foi a sua vez de me encarar. —Velho? Você não estava gritando

isso ontem à noite ou nesta manhã.

Fiz uma careta. —Isso. — Apontei o meu dedo para ele. —Não vai fazer você voltar aqui novamente. —Eu apontei para a minha buceta.

Ele inclinou a cabeça para o lado com um sorriso travesso, colocando seu computador na cadeira de couro bege ao lado dele. Ele me pegou pela cintura, envolvendo minhas pernas em volta dele, me colocando em seu colo na sua poltrona.

—Cariño, você e eu sabemos que, se eu quiser isso... Eu terei. — Ele bicou meus lábios, puxando meu lábio inferior entre os dentes.

—Eu vou deixar você agora. Se você me disser para onde vamos? —Retruquei, moendo minha buceta em seu pênis para fazer um ponto.

—Isso está certo?

Eu balancei a cabeça, sorrindo toda orgulhosa de mim mesma.

Nosso relacionamento mudou ainda mais no último ano. Ele era um homem diferente quando estava comigo. Ele começou a trabalhar menos, passar mais tempo comigo. Levando-me para sair em encontros como um casal de verdade, me estragando sempre que podia. Mas nada disso realmente importava para mim, eu estava feliz em apenas deitar em seus braços durante a noite, me sentir amada, mesmo que ele nunca tenha dito isso. Ele não tinha que dizer, apesar de tudo. Eu sentia. Eu não trabalhava o tempo inteiro, eu só ensinava algumas aulas durante a semana, para todas as faixas etárias. Ele parava o que diabos estivesse fazendo quando eu estava ensinando, vindo me pegar na limusine mais frequentemente do que não. Eu cozinhava o jantar para nós quase todas as noites, a menos que ele me levasse para comer em algum lugar.

Eu tinha vários livros de receitas colombianas, na cobertura, querendo aprender os seus pratos favoritos. A primeira vez que eu cozinhei para ele, eu o surpreendi com *Bandeja Paisa*, um prato tradicional colombiano. A expressão atormentada em seu rosto quando ele viu a comida era uma que eu tinha que esquecer. Eu pensei que ele fosse ficar feliz, mas foi exatamente o oposto, ele desapareceu em seu escritório depois que terminou de comer sem dizer uma palavra. Dei

espaço para ele me perguntando o que o deixou de mal humor. Silenciosamente rezando para que ele fosse me dizer o que estava errado quando ele viesse deitar comigo.

Ele não disse.

Eu ainda acordava sozinha, todas as manhãs, geralmente para encontrá-lo em seu escritório. Eu sabia que seus demônios ainda estavam lá. Vivos e presentes. Eles não tinham ido embora, mas eles não me importavam de qualquer maneira. Quando eu estava com ele, ele se acalmava, seus olhos escuros e sem alma, eram substituídos pelo olhar sereno que eu tinha aprendido a esperar.

E isso era bom o suficiente para mim.

—Por mais tentador que sua oferta soe... é chamado de surpresa, Lexi. Você vai saber quando chegarmos lá. Agora sente-se e seja uma boa menina enquanto eu termino meu trabalho.

Beijei-o, esfregando os dedos pelo seu peito sólido, musculoso, através de sua camisa de colarinho cinza. Inclinando para frente, me certifiquei de colocar os meus seios bem no seu rosto quando eu sussurrei em seu ouvido.

—Você tem certeza que sabe como usar esse laptop? Eu sei que é avançado para você e outras coisas. Você sabe... vocês velhos têm dificuldade com a tecnologia e tal. Eu não quero que você se machuque antes mesmo de chegar lá.

Chupei no ar quando uma de suas mãos agarrou meu cabelo, grosseiramente puxando minha cabeça para trás. Cutucando meu tronco, me fazendo balançar os quadris em seu pênis.

—Por que você me provoca? —Ele murmurou, agarrando o meu cabelo mais forte.

—Porque eu posso. —Eu disse. Ele puxou minha cabeça para trás ainda mais pelo meu cabelo.

Não para doer. Mas em submissão.

—Meninas que são más, Lexi, não gozam. Agora, você não quer isso, não é?

—Espere, o quê? —Eu tentei me sentar em linha reta, mas ele me segurou no lugar.

—E nós dois sabemos o quanto você gosta de gozar, porra. —Ele agarrou minha boca com a mão livre. —Eu não quero nada mais do que enfiar meu pau nessa sua boca espertinha. Que parece nunca saber quando calar. Mas eu tenho trabalho a fazer.

Ele rapidamente me deixou ir, me colocando no assento ao lado dele. Agarrando seu computador e indo direto de volta ao trabalho. Esse era Martinez, quente num minuto e frio no próximo. Eu sabia que batalhas escolher, esta não era uma delas. Havia uma razão para ele estar tentando ocupar sua mente. Tinha sido assim durante toda a manhã. Perdido em seus próprios pensamentos, não importa o que eu fizesse ou dissesse, isso não o tirou deles. Então eu o deixei assim pelo resto do voo, tentando manter meus olhos no filme, e não no que ele estava fazendo. Esperando que talvez ele me dissesse quando chegasse lá.

Eu devo ter caído no sono em algum momento durante o filme. Quando acordei, tínhamos desembarcado. Martinez estava ao telefone, falando em espanhol com alguém na outra extremidade. Seu tom de voz era neutro, mas seu comportamento gritava tensão. Terminando a sua chamada, ele agarrou minha mão, me levando para fora do avião e descendo as escadas. Como sempre, ele tinha uma limusine à espera. A primeira coisa que notei foi um arsenal de guarda-costas, mais do que aquilo que normalmente tínhamos quando íamos a qualquer lugar. Eu não reconheci nenhum dos seus rostos, além de Rick que estava latindo ordens. Tentei ignorar a sensação desconfortável que se estabeleceu em meu estômago, prestando atenção ao meu redor em seu lugar. Segurando firme a mão de Martinez.

Sentei no banco ao lado dele na limusine. Ele imediatamente levantou minhas pernas para descansar em seu colo, com as mãos em minhas coxas como se ele soubesse que eu precisava de seu toque. Quando, na realidade parecia que ele precisava de mim mais do que eu

dele. O silêncio era ensurdecedor em torno de nós, ninguém falou uma palavra durante todo o trajeto. Ele apenas olhou para fora da janela matizada, deixando seus pensamentos vagarem. Este era para ser um período de férias, mas até agora não parecia assim.

Nós passamos pelo que parecia ser favelas, com suas casas brilhantes coloridas, edifícios sobre edifícios, e os nativos andando em todas as direções. Olhando para a limusine e os carros da segurança que formavam uma fila na frente e atrás de nós, como se nós não pertencêssemos àquele lugar. As estradas de terra não sinalizadas fizeram a viagem desconfortável. Viramos por um caminho isolado, com palmeiras em ambos os lados, e dirigimos por cerca de dez minutos. Comecei a ver uma quantidade infinita de água em torno de nós antes de fazermos uma curva acentuada à esquerda, para uma estrada pavimentada surpreendentemente boa. Que até aquele momento, tinha sido desigual, irregular e grosseira.

Uma quantidade infinita de belas árvores tropicais misturadas com vegetação exuberante assumiam os lados da estrada. Definitivamente algo que havia sido plantado lá para um propósito, elas não eram naturais. Você não conseguia ver nada por trás da parede paisagística enquanto nós acelerávamos para mais perto do nosso destino. Onde quer que estivéssemos indo, eles queriam fornecer privacidade, e cobravam uma pequena fortuna para isso.

Meus olhos se arregalaram quando chegamos aos portões de ferro maciço. Forrado com uma dúzia ou mais de homens, segurando firmemente rifles em suas mãos. Eles estavam vestidos como soldados, carregando mais armas em seus corpos. Os portões se abriram imediatamente, nos permitindo passar, obviamente, esperando a nossa chegada. Martinez olhou para mim, sentindo o meu medo, me tranquilizou, apertando minha coxa. A entrada ficava a cerca de vinte metros, e isso levava a uma rotatória onde o motorista estacionou a limo.

Ele agarrou minha mão, antes de abrir a porta para sair para a pavimentação de pedra calcária que levava à enorme propriedade. Ainda sem dizer uma palavra. Meus olhos se arregalaram quando olhei para cima. Esta não era uma casa. Esta era uma mansão. Eu nunca tinha

visto nada como isso antes. A propriedade à beira mar com um telhado em terracota era semelhante a uma vila. Havia um caminho de pedras entre os dez arcos, como uma catedral, cinco de cada lado, que abrigava um veículo em cada porta. A parte da entrada era ainda mais para trás na propriedade.

Eu podia sentir o cheiro da brisa salgada saindo da água enquanto ele nos conduzia para a casa. As portas do pátio estavam abertas para nós, revelando quatro mulheres mais velhas vestidas em uniformes de empregadas lá de pé, nos saudando quando entramos. É claro que Martinez as dispensou instantaneamente com um aceno de sua mão. Grandes escadas inclinadas levavam até um conjunto de portas de ferro de três metros de altura, feitas sob encomenda, e com treliça intrincada cobrindo todas as janelas, abrindo para um grande hall de entrada com piso em mármore brilhante. Paredes, tantas quantas eu podia ver. Ele soltou a minha mão, sabendo que eu queria olhar em volta e passear.

Meu queixo caiu quando me virei em um círculo completo, olhando ao meu redor. Parando para olhar para ele. Ele balançou a cabeça com um pequeno sorriso em seus lábios, dando o ok para ir explorar. Em primeiro lugar, eu fui para a elegante sala de estar principal. O sol estava brilhando através de todas as janelas do espaço aberto, iluminando o retrato grande da família sobre a lareira.

Ouvi seus passos vindo em minha direção, abruptamente parando quando ele estava perto. Virei-me, olhando quando ele se inclinou contra o poste de madeira. Seus braços fortes estavam cruzados sobre o peito. Ele estava olhando para o retrato, com seus olhos sem alma, frios e sombrios.

—Alejandro. —Murmurei, minha voz ecoando através da mansão. Seu olhar intenso relutantemente vacilou ao meu. —Esta é a casa de férias da sua família, não é?

Ele estreitou os olhos para mim. Cada segundo que passava entre nós pareciam como minutos, horas, dias. Meu coração batia rapidamente no meu peito, esperando por sua resposta. Ele olhou para trás até o retrato, incapaz de resistir ao impulso por mais tempo.

—Este costumava ser um dos meus lugares favoritos para vir enquanto eu crescia. Minha mãe trazia minha irmã, Amari e eu aqui a cada verão.

Minha boca se abriu, eu nunca esperava que isso fosse sair de sua boca.

Olhando para trás, para mim, ele declarou. —Eu não voltei aqui desde que ela foi assassinada sob as ordens do meu pai.

Martinez

Tudo parecia exatamente da mesma forma. Paguei uma pequena fortuna para ter certeza de que ela estaria bem cuidada diariamente. De todas as casas que meu pai era dono, está sempre foi a favorita da minha mãe. Eu não poderia deixar de fazer parte dela. Esta casa era a única lembrança que eu mantive viva do meu passado, vendi todas as outras posses que estavam em seu nome. Eu não conseguia vir aqui, tantas boas lembranças agora misturadas com as ruins.

Eu me afastei do poste, precisando de um momento para mim. Caminhando para a varanda, descansei os cotovelos sobre o corrimão. Respirando fundo enquanto eu olhava para o sol refletindo na água. Lembrando-me de todos os momentos felizes com as duas mulheres que foram tiradas de mim tão cedo. Memórias interrompidas por violência desnecessária. Meus olhos foram para a piscina de tamanho olímpico, onde eu aprendi a nadar. Eu ainda podia ver Amari me provocando porque eu não conseguia prender a respiração enquanto ela podia. Minha mãe assistindo enquanto seus dois filhos se divertiam.

Rindo, correndo, brincando, tudo aquilo que estávamos habituados a fazer aqui.

Estávamos todos em paz, sem o meu pai em volta gritando ordens. Graças a Deus ele quase nunca vinha conosco. Era a única vez em que me sentia livre do nome Martinez.

Baixei a cabeça, afastando as imagens passando na minha frente como um rolo de um maldito filme, sentindo falta delas ainda mais agora. Senti Lexi vindo por trás de mim, querendo confortar o homem quebrado na frente dela, mas sabendo que não devia fazer.

—Por que você me trouxe aqui se esta casa lhe traz tanta dor? —Ela perguntou, caminhando ao meu lado.

—Eu queria que você visse a parte boa da minha vida enquanto crescia, Lexi. —Eu simplesmente disse a verdade, olhando para trás, para a água.

—Este lugar é lindo. Eu nunca vi uma propriedade tão incrivelmente bela como essa em toda a minha vida. —Ela gentilmente colocou a mão sobre a minha no corrimão. Eu deixei, relaxando sob o toque dela.

—Minha mãe passou anos se certificando de que fosse um pequeno pedaço do céu. Um lugar seguro para minha irmã e eu, para sermos crianças.

—Onde estamos?

—Colômbia.

—Oh... —Eu podia sentir sua inquietação ao meu lado, sua ansiedade queimando um buraco em mim.

—Eu não vou adoçar isso para você. Sou procurado morto aqui mais do que sou nos Estados Unidos. Eu mando na Colômbia, o que é mais uma razão para eles me quererem morto. Para sua segurança, não posso levá-la para fora da casa. Eu gostaria de poder, mas não vou arriscar sua vida. Sinto muito, cariño.

—Você está falando sério? —Ela perguntou, me virando para encará-la. —Eu não me importo com nada disso. Tudo o que eu quero é estar com você. —Eu virei minha cabeça. —Olhe para mim. —Eu olhei, vendo sua expressão sincera. —Nós poderíamos estar em um barraco agora e eu ficaria feliz. Nada disso importa para mim. Eu venho do nada, eu posso apreciar a beleza em tudo isso, mas não importa para mim. —Colocando as mãos no meu peito, ela olhou no fundo dos meus olhos. —Você é importante para mim. Eu te amo, Alejandro.

—Lexi...

—Eu sei. Você não tem que dizer isso de volta. Eu sei que você me ama, porque eu conheço você. Aqui. —Ela colocou a mão sobre o meu coração.

—Vamos fazer algumas novas memórias felizes aqui. Sua mãe gostaria disso.

—Sim... —Eu assenti. —Ela gostaria.

Durante as próximas duas semanas, fizemos exatamente isso. Gastamos os nossos dias relaxando, falando e nadando na piscina. Vê-la em um pequeno pedaço de pano, que ela alegou ser um maiô, instantaneamente me deixou duro como a porra. Vamos apenas dizer que não nadamos muito, eu devia a ela algumas novas memórias. Nossas noites foram gastas deitados juntos na espreguiçadeira, e no pátio depois do jantar. Lexi envolta em meus braços, nós dois olhando para o céu, vendo o sol mergulhar na água. Às vezes nós conversávamos, mas muitas vezes não. Não havia necessidade de palavras.

Nós gostávamos da companhia um do outro. Então eu a levava para a cama e passava horas consumindo seu corpo. Não havia uma polegada de sua pele que eu não toquei, lambi, ou beijei. Quando eu terminava com ela, ela ficava em meus braços, e dormia enquanto eu esfregava suas costas. Ficava com ela por algumas horas, observando-a dormir, a forma como o peito subia e descia a cada respiração, como seus lábios carnudos se abriam, como os cabelos caíam em cascata em todo o rosto. Ela estava tão contente e feliz. Trouxe-me grande alegria

saber que eu era a causa.

Tarde da noite eu saía do quarto, a deixando para descansar. Eu sentava na frente do retrato de família sobre a lareira, esfregando os dedos sobre os lábios, olhando para ele, por não sei quanto tempo. Contemplando mais e mais, se eu era o mesmo homem que meu pai? O que eu odiava pra caralho. Observando os fantasmas da minha mãe e irmã dançarem em volta de mim, me perguntando quando meu tempo chegaria também. Orando para que suas almas estivessem descansando em paz. Todas as manhãs quando o sol nascia, Lexi acordava sabendo onde eu estava. Ela se sentava comigo, colocando a cabeça no meu colo, enquanto eu passava meus dedos pelo cabelo castanho suave.

O único anjo no local.

Era a nossa última noite na Colômbia e Lexi esteve com os olhos marejados duas vezes naquele dia, dizendo que ela não queria voltar para nossas vidas em Nova Iorque. Ela queria ficar no seu pequeno pedaço do céu comigo, para sempre. Eu prometi que a traria novamente em breve. Nós deitamos na espreguiçadeira, pela última vez, nós dois perdidos em nossos próprios pensamentos. Sua cabeça repousava no meu peito enquanto eu acariciava o lado de seu braço.

—Você quer ter filhos? —Eu me encontrei perguntando do nada.

Ela zombou. —Eu não sei. — Nervosa, rindo. —Eu nunca realmente dei muita atenção a isso.

—Sim, você deu.

Ela deu de ombros, sabendo que eu estava certo. —Eu não acho que seria uma boa mãe para ser honesta. Eu provavelmente não sou maternal. Não há necessidade de trazer uma criança para a minha bagunça. Eu não tive exatamente a melhor educação, nenhum exemplo para copiar.

Eu acariciei sua bochecha. —Você seria uma mãe incrível. Qualquer criança teria sorte em tê-la como mãe.

Ela sorriu, sua mente viajando. Eu não tinha que perguntar o que ela estava pensando. Estava evidente demais. Então, eu não fiquei surpreso quando ela perguntou. —E você?

Olhei de volta para o céu. —Se você pudesse viver em qualquer lugar do mundo, onde seria? —Eu questionei, ignorando.

Ela suspirou, desapontada. —Isso é fácil. Itália. Na costa de Amalfi. Viver em uma dessas casas em um penhasco. As pessoas devem ser muito acolhedoras. Seria uma boa mudança do ritmo de Nova York.

—Eu vou te levar lá um dia. —Eu simplesmente declarei, sorrindo para ela.

—Estou ansiosa para isso. —Ela esfregou seu corpo perto do meu. —E quanto a você? Onde você gostaria de morar?

—Cariño, eu estive em todos os lugares. Há muito pouco que eu não vi. Eu sou um homem velho, lembra? —Eu ri.

—Isso você é. —Ela assentiu com a cabeça.

—Pergunte. —Eu podia sentir sua mente trabalhando, querendo me perguntar mais, mas com medo.

—Você já se arrependeu das coisas que você viu? As coisas que você fez?

—Não.

Ela assentiu com a cabeça de novo, olhando para trás, para as estrelas. Não sabendo mais o que dizer.

—Isso não teria me trazido até você.

Ela imediatamente olhou para mim, atordoada com a minha resposta.

—Eu estou esgotado, Lexi. Você é a única coisa que me mantém de pé. Eu estou ficando mais velho como você gosta de me lembrar. Só

há muito mais coisas que eu posso aguentar.

Ela se sentou. montando em meu colo. Deitada contra o meu peito, escutando a batida do meu coração. —Você está sempre com medo de morrer? —Ela disse apenas acima de um sussurro. Brincando com a cruz da minha mãe que ainda estava pendurada em seu pescoço.

Ela nunca a tirou.

—Não, cariño. Eu não estou. Quando é a sua vez, é a sua hora. Mas ninguém fode comigo. Eu passei toda a minha vida tendo certeza disso.

Minha resposta deu a paz que ela precisava. Por agora.

—Há coisas que eu lamento, que ainda não aconteceram

Ela sentou-se, olhando nos meus olhos. —O que...

—Se algo acontecer a mim, basta lembrar que eu sempre estarei com você. Não importa o que. Bem aqui. —Eu coloquei minha mão sobre o seu coração.

—Alejan...

—Veja! Uma estrela cadente. Faça um desejo, baby.

Ela olhou para o céu enquanto eu olhava para o lado, em seu rosto bonito. Fazendo meu desejo e orando a Deus, que se tornasse realidade.

Capítulo 38

Lexi

Nós nos sentamos na parte de trás da limusine a caminho da igreja, para o batismo do filho de sua sobrinha. Eu não tinha encontrado Briggs ainda, pelo menos não oficialmente. Eu não contei o nosso breve encontro no apartamento da cobertura. Ela vivia com o marido Austin e seus dois filhos em Oak Island, Carolina do Norte. Amari, que tinha quase três anos, e Michael, que acabara de completar quatro meses. Ambos nomeados com os nomes dos pais de Briggs, sua mãe sendo a irmã de Martinez.

—Pare de ficar se remexendo, Lexi. —Ordenou em um tom exigente. Uma mão forte caiu sobre minhas pernas saltitantes, mantendo-as quietas. Sem olhar para cima de seu laptop. Foi mínimo. Juro que ele estava naquela coisa mais e mais a cada dia. Ignorando-me no processo.

—Eu não posso. Estou nervosa! —Eu expressei, tentando libertar as pernas de seu alcance.

—Cariño, ela é minha sobrinha, não a porra da minha mãe. Eu não preciso de sua aprovação para qualquer coisa. Especialmente com quem eu fodo. Eu sou um homem crescido. Agora relaxe.

Fiz uma careta. —Isso importa para mim! E eu não sou apenas alguém que você fode. —Tentei mover o meu corpo para longe dele.

Ele respirou fundo, fechando seu laptop, colocando ao lado dele. Agarrando minha mão, me puxando para o seu colo. Eu envolvi minhas pernas em volta dele.

Ele puxou meu cabelo para trás, longe do meu rosto, esfregando o polegar ao longo do meu lábio. —O que você precisa de mim? Hã?

—Eu pensei que eu tivesse dito.

—Não... Você estava choramingando. Eu não gosto de jogos infantis.

Tentei sair de seu colo, mas ele me segurou firme no lugar.

—Briggs e eu não temos uma relação estreita. Não para os padrões tradicionais de família, pelo menos. Ela estará mais chocada por eu estar lá do que conhecê-la.

—Mas eu ainda quero que ela goste de mim. —Eu sussurrei.

—Eu gosto de você. bastante. —Ele sorriu, levantando meu queixo.

Eu sorri, corando com o sentimento simples. Compensando a porra da observação anterior. Foi a primeira vez que ele disse algo parecido com isso para mim. Não foram as três palavras que eu queria, mas eu ainda o amo.

—Cariño, você chupou meu pau muitas malditas vezes para corar assim.

Engoli em seco, batendo no peito dele. —Está tudo arruinado. —Tentei dar um tapa nele novamente, mas ele pegou meu pulso no ar. Empurrando meu rosto a só algumas polegadas de sua boca.

—Bem, agora estamos empatados. Você me arruinou. Isso. —Ele passou seu polegar contra o meu calor. —E essa. —Ele bicou minha boca, mordendo meu lábio inferior. —Tudo isso me arruinou. Eu quero arruinar essa buceta da maneira mais agradável possível agora, aqui mesmo. Mas eu não vou mentir, cariño, esse tipo de tapa dói. —Ele mentiu. —Então, que tal eu deixar você compensar isso para mim?

—Nós estamos a caminho de uma igreja e você está falando sobre sexo, Martinez. Isso não pode estar certo.

—Isso fez você parar de choramingar. Não é?

Eu sorri. Eu não pude me conter. Ele poderia ser um bastardo insensível, mas pelo menos ele sempre me fazia sentir melhor depois.

—Eu nem mesmo gosto de você agora. Você deve pelo menos fingir que sente muito, ou pelo menos tentar conseguir o meu lado bom de novo. —Argumentei, sorrindo.

Ele inclinou a cabeça para o lado, estreitando os olhos para mim pelo que pareceu uma eternidade, mas foram realmente apenas alguns segundos. Ele não vacilou. Com um sorriso travesso, ele estendeu a mão e segurou minha buceta, movendo os dedos ásperos, calejados, sobre a minha calcinha de seda.

Engoli em seco.

—Humm... —Ele gemeu, imediatamente me fazendo lembrar da sensação dele em mim por toda parte e tudo de uma vez. —A porra da sua buceta gosta de mim. —Ele murmurou, inclinando para perto do meu ouvido, nunca parando de roçar seus dedos contra o meu calor. —E isso é tudo o que importa para mim.

Nós nos sentamos na parte de trás da igreja. Eu estava grata que não desabei sobre ele quando nós passamos através das portas. Assistir Michael ser batizado foi uma vista tão bonita. Eu amei cada segundo disso. Briggs era linda. Eu nunca vi ninguém usar o cabelo roxo vibrante do jeito que ela usava. Ela também tinha tatuagens intrincadas, brilhantes correndo por seus braços. E mais, espalhadas por todo seu corpo. Eu nunca teria imaginado que ela fosse mãe de dois filhos, sua figura era impecável. Ela parecia uma pessoa sensível, totalmente o oposto de seu tio. Seu marido Austin, olhava para ela com amor enquanto ela segurava seu bebê em seus braços. Ele era coberto de tatuagens também. Definitivamente tinha toda aquela coisa de bad boy nele.

Pelo que eu vi, eles tiveram uma relação difícil desde o início, mas o amor prevaleceu, e aqui estavam eles como uma família feliz. O que completamente me pegou de surpresa, foi que Martinez conhecia cada verso da bíblia, cada passo a seguir, como se ele fosse à igreja todos os dias de sua vida.

O homem era um paradoxo ambulante de contradições.

—Unkey[5]! — Uma menina com olhos azuis brilhantes e tranças veio correndo até ele após o batismo. Suas pernas gordinhas movendo-se mais rápido do que deveriam.

—*Mi niña bonita*. —Ele respondeu em espanhol, imediatamente pegando-a no colo.

Eu recuei, surpresa. Quem era esse homem? E o que ele fez com Alejandro?

Ela colocou os bracinhos pequenos em volta do pescoço dele, colocando a cabeça no peito dele. Abraçando-o com força com os olhos fechados. Ele beijou o topo da cabeça dela. E eu juro que quase caí atordoada com o que estava acontecendo na minha frente.

—Eu sinto sua falta, Unkey. Por que você não veio me ver mais? Mama diz que está ocupado. Eu não estou ocupada. Eu venho vê-lo, okie? —Ela falou com sinceridade na voz de bebê mais bonita que eu já ouvi. Ela segurou seu rosto entre as mãos, olhando com adoração em seus olhos.

E... Meus ovários simplesmente explodiram com a visão.

—Nós nos falamos pelo Skype na semana passada, menina boba.

Eles falaram? Como é que eu não sei disso?

—Isso não é o mesmo, Unkey. —Ela riu.

—Amari! O que eu te disse sobre correr assim? —Briggs a repreendeu, vindo atrás dela.

—Uh oh... — Amari virou-se, colocando a cabeça no seu ombro. —Eu sinto muito, mamãe. Mas o meu Unkey tá aqui.

Ela sorriu, revirando os olhos. —Oi, tio. —Briggs falou, uma recepção tão diferente do que a de sua filha. Ela olhou para mim com olhos curiosos.

—Briggs esta é Lexi. —Ele gesticulou para mim. —Lexi esta é a minha sobrinha, Briggs. —Ele simplesmente declarou, abraçando mais

Amari, fazendo cócegas nela.

Briggs inclinou a cabeça para o lado. —Te conheço de algum lugar. Certo? Você parece tão familiar.

—Sim. Nós nos encontramos brevemente, há muito tempo. Você veio à cobertura de seu tio uma noite. Mas não fomos devidamente apresentadas. —Olhei para Martinez, que ainda estava entretendo sua sobrinha-neta.

Seus olhos procuravam tudo ao seu redor, até que a lembrança atingiu seu rosto. —Oh...

—Ela é sua menina, Unkey? — Amari entrou na conversa, pendurada nele como um macaco.

—Você é a minha menina.

Ela assentiu com a cabeça, em êxtase com a sua resposta. —Eu sou boa compartilhadora. Eu o divido com você. —Ela me tranquilizou.

Todos nós rimos.

—Vem, menina. Vamos voltar para a casa. As pessoas provavelmente já estão lá. —Briggs olhou para seu tio. —Austin já saiu com Michael, ele precisava tirar uma sesta. Você vai lá para casa, certo?

—Por favor, Unkey. Nós podemos ter uma festa de chá no meu quarto. —Ela bateu palmas, animada.

—Claro. Este macaco pequeno e eu temos algum tempo para recuperar, e aparentemente um pouco de chá para beber.

Briggs assentiu, alcançando Amari, que se inclinou ainda mais em seu peito.

—Não. Eu fico com Unkey.

—Amari...

—Está tudo bem. —Ele a interrompeu.

Briggs mordeu o lábio, com ceticismo. Olhando dele para a limusine, sabendo que havia guarda-costas lá dentro. Sabendo que ela poderia estar colocando a vida de sua filha em perigo. Ela não se sentia confortável deixando Amari com ele, eu não poderia culpá-la. Um olhar magoado voou pelo rosto de Martinez. Foi rápido, mas eu vi. Meu coração imediatamente ficou ferido por ambos. Eu sabia que havia tanta coisa que ele queria dizer, mas por alguma razão...

Ele não podia.

—Eu vou estar lá com eles. —Eu soltei, precisando dizer alguma coisa. Esperando que isso ajudasse.

Briggs olhou para mim e depois de volta para seu tio, suspirando. Finalmente sorrindo carinhosamente para a filha, que estava tão feliz e contente em seus braços. Não dando qualquer importância para a cena desconfortável acontecendo na frente dela.

—Ok. —Briggs concordou. —Eu vou segui-lo para minha casa. Você se lembra de onde eu moro?

Ele assentiu.

Amari sentou ao lado de Martinez na limusine, agarrando seu braço enquanto ela lhe contava tudo sobre seu irmão bebê. Sentei-me em frente a eles, admirando o vínculo que compartilhavam. Ela mostrou que sabia como contar até dez, e recitou todas as cores. Deixando-o saber de todas as coisas que eram importantes para ela. Ele deu muita atenção a cada palavra que saía de sua boca. E pela primeira vez desde que eu o conheci, eu pensei em ter uma família um dia.

Com ele.

Olhei para fora da janela, tentando afastar os pensamentos. Sentindo seu olhar intenso no meu rosto como se ele soubesse o que eu estava pensando, sem me dizer nada. Ele voltou sua atenção para a menina entusiasmada, agarrando seu queixo. Precisando de sua atenção.

A casa de Briggs e Austin era linda. Ela ficava à direita de um

lago, e tinha uma doca que se estendia em direção a ele. Inúmeras fotos compunham suas paredes. Seus filhos eram o centro das atenções, mas também tinha uma quantidade dos dois sozinhos, assim como uma abundância com seus amigos e familiares. Todas as suas memórias estavam penduradas orgulhosamente em exposição. Sua casa era tão convidativa. Você podia sentir tanto amor em todos os lugares.

Eu não pude deixar de pensar em nosso futuro. Será que algum dia teria o que eles tinham? Perguntei se isso estava destinado a nós, se ele queria mais coisas comigo. Ele não teria me trazido de volta com ele se ele não quisesse, certo?

Eu não tive muito tempo para me debruçar sobre os meus pensamentos, de repente, me assolando. Briggs puxou-me para longe, apresentando-me a todos os seus amigos, que eram mais como família, disse ela. Ela os chamava de *Good Ol´ Boys*[6], que incluía Austin. Lucas era casado com Alex, Bo e Pinguinho, era como eles a chamavam. Eu acho que Alex era uma moleca que fazia parte do grupo enquanto cresciam. Nenhum dos rapazes queria vê-los juntos, e fizeram questão de tornar suas vidas um inferno. Jacob era casado com Lily, que era a irmã mais nova de Lucas. E essa relação era praticamente autoexplicativa, sobre o porquê eles tiveram que guardar segredo de todos. Especialmente Lucas, que nunca imaginou que eles se encontravam. Dylan era um detetive de narcóticos que era casado com Aubrey, uma garota da Califórnia. Eu acho que eles tinham passado anos afastados antes de encontrarem um ao outro novamente.

Todos eles tiveram filhos, a maioria deles adolescentes já. Do que eu percebi, todos tiveram relacionamentos tumultuados desde o início, mas o amor prevaleceu no final, e eu estaria mentindo se dissesse que não me deu esperança.

—Então, diga-nos Lexi, como é como estar com o Sr. Sombrio, Alto e Bonito? —Perguntou Lily, movendo as sobrancelhas.

Estávamos todos sentados no pátio, enquanto as crianças mais jovens corriam brincando pelo quintal. Os homens estavam passando o tempo em algum lugar. A única adolescente que estava na festa era Mia,

que era a filha de quinze anos de Lucas e Alex. Eu não pude deixar de manter um olho sobre ela. Ela parecia estar perdida em sua própria cabeça.

—Eca, Lily. —Briggs respondeu, tirando minha atenção de Mia.

—Oh, vamos lá, Briggs. Você já viu seu tio? O homem é lindo. Acho que ele está parecendo melhor agora do que quando eu o conheci. Quero dizer, olhe para Lexi. Ela é o quê? Vinte anos mais jovem do que ele? —Aubrey acrescentou, fazendo Alex dar risada. —Obviamente, o homem tem alguma influência.

Eu ri. Eu não pude me segurar. Não era apenas uma influência, era uma pegada forte. —Ele é humm... intenso. —Eu respondi, limpando a garganta.

—Amari não parece pensar assim. Ela o adora. —acrescentou.

—Sim... Ela o amou desde o primeiro dia. Austin e eu ficamos chocados quando ele apareceu no meu quarto de hospital logo depois que eu tinha dado à luz. Nós ainda não tínhamos lhe dito que estava em trabalho de parto, mas é claro, ele já sabia. Ele foi a primeira pessoa a segurá-la depois de Austin e eu. Na verdade, foi sua a ideia de chamá-la de Amari. Ele disse que ela parecia com a minha mãe. —Ela sorriu. —Ele está aqui em cada evento importante desde então. Ele envia às crianças presentes o tempo todo, eles se falam no Skype, pelo menos uma vez por semana. Ninguém mais importa quando *Unkey* está ao redor. Ele definitivamente não é o mesmo homem que me criou. Nem um pouco. Quer dizer, inferno... Meu guarda-costas, Esteban, cuidou de mim mais do que ele.

Ele a criou? Comecei a me sentir como se eu não conhecesse esse homem. O que mais ele tem escondido de mim?

Vendo minha expressão de surpresa, Briggs perguntou: — Você não sabia?

—Eu apenas assumi que fossem coisas de trabalho quando ele saía da cidade, ou voltava mais tarde do que o habitual. —Eu francamente falei.

—Com meu tio, nunca assuma nada. Esse é o melhor conselho que posso dar-lhe. Mas ele está possuído por você. Eu posso ver quando ele te olha. Eu nunca o vi olhar para alguém assim antes. Meu tio é uma pessoa difícil de conviver e difícil de amar, mas você tem que entender que, quando ele ama, ama sério. É a única maneira que ele sabe.

Eu não sabia o que dizer, então eu não disse nada. Eu fiquei lá e mexi com o meu guardanapo.

—Você o ama? —Perguntou Aubrey, pegando-me de surpresa.

Eu simplesmente assenti, incapaz de formar as palavras.

—Então, isso é tudo que importa. O resto vai se encaixar. —Alex entrou na conversa.

—Eu vou pegar algo para beber. Eu já volto. —Eu me desculpei, precisando de um minuto.

Tudo isso foi um pouco excessivo, eu nunca tive amigas para sentar e conversar. E a última coisa que eu queria era responder a perguntas que eu nem sequer tinha as respostas. Passei o resto da tarde vendo como realmente era ter amigos, e ser parte de uma família. Eram todos tão próximos uns com os outros, o amor que estes homens tinham para com suas mulheres era indescritível. Eu nunca tinha visto nada parecido antes. Eu os amei instantaneamente. As meninas me acolheram de braços abertos, incluindo sua sobrinha. Eu mesmo peguei Martinez tendo o que parecia ser uma conversa séria com Briggs sobre alguma coisa.

Eles estavam falando de mim? Talvez tudo isso estivesse pesando nele também?

Eu fui para o banheiro, olhando para mim no espelho por alguns minutos, tentando controlar as emoções. Eu respirei fundo, e saí à procura de Martinez. Eu não o tinha visto a algum tempo. Pensando sobre isso, eu não tinha visto Austin ou Dylan também.

—Eu só não acho que possa fazer isso. —Ouvi Martinez dizer no

corredor, do nada.

Meus pés moveram-se por vontade própria, do lado de fora da porta ao lado.

—É sua única opção. —Comentou Dylan.

—É o que é, Martinez. —Austin afirmou. —Ela vai...

A porta da frente se abriu.

—Onde ela está? Mia, onde diabos você está? Eu sei que você está aqui!

Um homem com um sotaque do sul profundo invadiu a casa, gritando.

Corri passando pela porta do escritório onde Martinez e os rapazes estavam discutindo algo que não parecia certo, em direção à comoção na sala de estar. Um homem grande, musculoso, alto coberto de tatuagens, vestindo um colete de couro, estava caminhando em direção de Mia. Tudo aconteceu tão rapidamente. Ninguém teve tempo para intervir. Meus olhos não podiam mover rápido o suficiente enquanto o homem procurava nos convidados, tentando encontrar o rosto de Mia. Seus olhos castanhos escuros estavam arregalados e ansiosos.

—Creed! — Mia gritou, tentando se afastar.

O homem não vacilou, agarrando seu braço, segurando-a no lugar. Nós todos ficamos lá em choque, olhando com horror enquanto a cena se desenrolava. Creed apontou algo no rosto de Mia, pairando sobre ela com um olhar ameaçador. Ela se encolheu.

—Achei isso no lixo. —Ele trincou os dentes e jogou algo para ela.

Meu queixo caiu. Era um teste de gravidez.

—Você fez isso de propósito, não é? Você quis isso! —Ele gritou, puxando-a para mais perto dele com seu braço.

—Eu... não... Eu não sabia! Eu juro! —Mia gaguejou,

fervorosamente sacudindo a cabeça.

Engoli em seco.

—Olha nos meus malditos olhos e diga que não planejou isso.

—Não! Claro que n....

Lucas, seu pai, foi até eles, em três passos, ao ouvir o barulho do lado de fora. Austin, Dylan, Jacob e Martinez não muito atrás dele. Meu coração batia forte no meu peito, eu juro que parei de respirar.

Lucas se enfiou entre eles sem dar um segundo para pensar. —Cale essa boca se você sabe o que é bom para você. E dê o fora dessa casa. —Lucas rosnou, olhando-o de cima a baixo.

Creed zombou, combinando com seu olhar. —Vá se foder! Agora você quer ser todo protetor? Você está muito atrasado. Sua filha de quinze anos está grávida. Parabéns, vovô. —Ele empurrou. Lucas quase vacilou, pronto para atacar.

—Creed! Chega! —Todos os olhos voaram para Martinez, que estava casualmente caminhando até eles. Os olhos de Creed estreitaram em reconhecimento, recuando atordoado por ele estar lá.

Eles se conheciam?

—Este não é o momento nem o lugar. Há mulheres e crianças presentes.

Creed fez uma careta. —Desde quando você se preocupa com isso?

—Uma vez que esta é a casa da minha sobrinha. E seus filhos são o meu sangue. Eu e seu clube nunca tivemos quaisquer problemas, se você quiser manter isso desta forma, eu sugiro que você dê o fora daqui.

Creed deu uma olhada ao redor, finalmente percebendo que Martinez estava certo. Aparentemente irritado que seu temperamento tinha superado qualquer outra coisa. Creed recuou, olhando para Mia

novamente.

—Isso ainda não acabou. —Ele acenou para ela.

Ele se virou e saiu pela porta. O rugido de uma motocicleta encheu a sala momentos depois.

—Mia. —A mãe dela, Alex, falou na frente dela. —Meu Deus! É verdade? Você está grávida? —Mia estava ali congelada no lugar. —Eu nem sabia que você tinha um namorado? E agora isso? O que você estava pensando? Você se envolveu com um MC? Quantos anos tem esse cara? Ele tem que estar em seus vinte e tantos anos. —Os olhos de Alex encheram-se de lágrimas enquanto ela levava a mão à boca. Lucas ficou lá, com raiva em seus olhos, mãos em punhos ao seu lado. Seus amigos prontos para segurá-lo.

Os olhos brilhantes de Mia vagavam ao redor da sala, mortificada, sobrecarregada sem saber o que dizer. —Não é dele. É do seu irmão mais novo. Eu sinto muito, mamãe. —Ela sussurrou, correndo pela porta dos fundos.

Fiquei ali sem fala, meu coração quebrado por todos eles. Sabendo que isto não era o fim de seus problemas.

Era apenas o começo.

Capítulo 39

Lexi

Houve uma mudança em nosso relacionamento após o batismo, e não de forma boa. Nos últimos três meses, Martinez começou a trabalhar mais e mais, voltando para casa menos. Às vezes, ele ficava fora por dias, não me dizendo para onde ia, ou quando ele estaria de volta. Me deixando sozinha no apartamento, preocupada se ele estava vivo ou morto. Ele sempre me ligava, mas ainda não era o mesmo. O homem amoroso com o qual eu tinha passado os últimos três anos, lentamente desapareceu. Deixando para trás o homem do qual eu fugi todos aqueles anos atrás. Ele não me tocava tão frequentemente, na verdade, mal me tocava. Eu senti falta das suas mãos por todo o meu corpo. Da maneira que só ele poderia me fazer sentir.

Eu sentia falta dele.

Acima de tudo, eu sentia falta de seus braços em volta de mim quando eu dormia. Ele nunca me segurou mais, dizendo que ele estava muito ocupado e precisava trabalhar. Nós não rimos mais juntos. Eu não conseguia me lembrar da última vez em que ele sorriu. Seus olhos estavam mais uma vez frios, sombrios e sem alma. O mesmo brilho assombroso que ele usava nos meus pesadelos. Eu não sabia o que estava acontecendo, a cada dia era algo diferente. Eu não podia mais me manter nessa montanha-russa de emoções. Era como se ele estivesse tentando me afastar de novo, deliberadamente me excluindo de sua vida. Eu pensei que tudo isso estivesse no passado, não tinha força para reviver isso novamente.

Foi muito me apresentar à sua família?

Isso tornou muito real para ele?

Ele estava tendo segundos pensamentos agora? Sobre mim? Sobre nós?

À medida que os dias passavam, mais inseguranças apareciam.

Rastejando em todas as horas do dia e da noite. Não me permitindo descansar por um maldito segundo. A dança nem sequer me acalmava como costumava, não era minha fuga. Eu nem sequer reconhecia a mulher olhando para mim no espelho. Eu estava me perdendo na dúvida e incertezas.

Será que ele não me amava mais? Havia outra pessoa?

Pergunta após pergunta me enviou em uma espiral descendente. Recusei-me a acreditar que algo disso era verdade, tentando acalmar minha mente excessivamente ativa da única maneira que podia. Arranjar razões e desculpas para o seu comportamento distante, às vezes funcionava, mas na maioria das vezes isso não acontecia.

Eu acordei no meio da noite, sentindo sua presença, seu perfume ao meu redor. Enfiei minha mão ao longo do lençol, procurando por ele. Assumindo que ele estava deitado ao meu lado. Seu lado da cama estava frio, como tinha estado por meses. Abri os olhos, ficando cara a cara com ele, sentado na poltrona do quarto. Uma garrafa de uísque na mão.

Sentei, levando o lençol de seda comigo. Cobrindo os meus seios nus. —Ei, o que está fazendo aí? —Eu perguntei, eu não o tinha visto a dois dias.

—Cuidando de você. —Ele simplesmente declarou em um tom frio e distante. Não me olhando nos olhos.

Eu carinhosamente sorri, tentando romper seu comportamento gelado.

—Alejandro, venha para a cama. —Eu persuadi, batendo no local perto de mim.

—Não. —Ele tomou um gole da garrafa. Eu não pude deixar de notar que já estava meio vazia.

Eu fiz uma careta. —O que está acontecendo? Você está me assustando.

—Eu nunca deveria ter ido atrás de você. Você era feliz. Eu estava no passado, esquecido. Eu deveria ter ficado longe.

—O que? — Sua declaração me deu um tapa na cara. —Eu não estava feliz. Eu nunca fui feliz sem você. Olhe para mim, por que você está dizendo isso?

—Você estava segura.

—Eu estou...

—De mim. —Acrescentou.

Dei um passo para fora da cama. —Alej...

—Não faça isso.

Parando, eu estremeci. —Eu te amo. —Eu disse, precisando que ele me ouvisse. —Minha vida pertence a você.

—Será que ela pertencia a mim quando você estava abrindo as pernas para Will? Ela não pertencia a mim quando estava transando com ele. Ficando de joelhos como uma puta. Alguma vez você pensou em mim quando ele estava devorando sua buceta? Desejando que um homem de verdade estivesse dando o que você desejava?

Engoli em seco, recuando.

—Às vezes a verdade dói, baby. —Ele comentou maliciosamente, tomando outro gole da garrafa.

—Você está bêbado.

—Ainda não. Mas chego lá. —Mais dois goles. —O que está errado, cariño? Eu estou aqui, não estou? Você não quer que eu te toque? Beije você? Foder você como a minha putinha? É tudo o que queria desde que você me conheceu, eu não era estúpido. Você estava desesperada para se sentir amada, porque a mamãe não estava lá. Então, aqui estou... O que meu pau pode fazer você esquecer esta noite?

As lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto, ferida por seu abuso verbal.

—Ahhh, aí vem à água descendo. Será que eu feri seus sentimentos, baby?—Ele zombou.

—Por que você está sendo tão cruel? O que diabos está acontecendo?

—Eu nunca fui seu salvador, menina. Eu sou a porra da sua morte. Tenho sido desde o primeiro dia.

—Você está tentando me afastar novamente! Eu não vou deixar! Isso é besteira! Chega! Apenas me diga o que diabos está acontecendo! Eu posso ajudar...

Ele furiosamente ficou de pé, batendo na cadeira. Lançando a garrafa de uísque em toda a sala. —Quando você vai perceber que eu não sou bom para você, porra? —Ele gritou.

Eu estremeci quando ele deu um murro contra a parede. —Saia! Agora! Vá afogar seus malditos demônios em outra garrafa! Eu não tenho medo de você, Martinez! —Eu gritei de volta.

Ele chegou a mim em dois passos, me apoiando na cama. Seu rosto a polegadas de distância do meu, seu corpo pairando sobre mim. O cheiro de uísque e charutos agrediu meus sentidos.

—Gostaria de fechar sua boca. Mas o meu maldito zíper está preso.

—Seu filho da puta! —Eu fui afastá-lo, mas ele agarrou os meus pulsos. Fixando-os em cima da minha cabeça.

—É isso que você quer? —Ele violentamente riu, respirando contra os meus lábios. —Aposto que se eu tocasse sua buceta agora, você estaria molhada. Para mim. Isso é o que é fodido sobre nós, Lexi. Eu tenho feito você amar cada lado de mim. Você ama o insensível El Diablo tanto quanto você ama seu precioso Alejandro. —Ele grosseiramente ridicularizou, me deixando ir. Libertando-me em mais de

uma maneira.

Ele recuou, dando uma última olhada em mim deitada ali. E saiu.

Eu revirei toda a noite, inquieta e atordoada. O furacão de emoções permaneceu no quarto, no ar, na porra da minha alma.

Muito tempo depois que ele saiu, suas palavras ainda martelavam na minha cabeça, uma e outra vez. Não me deixaram até que o sono finalmente assumiu. Quando eu acordei na manhã seguinte, a garrafa quebrada havia sido limpa, como se nunca tivesse existido. Outra invenção da minha imaginação, uma ilusão que eu sabia que não criei. Meu travesseiro encharcado de lágrimas era a minha prova. Levantei-me e fiz minha rotina normal. Comi o café da manhã sozinha, como tinha feito nos últimos meses. Ansiosamente esperando seu próximo passo, sabendo que ontem à noite foi apenas o começo de tudo o que ele estava planejando.

Mas por quê?

Não importava quantas vezes eu quebrasse a cabeça por respostas. Nada fazia sentido. Nada estava certo. Durante os próximos dias, segui com a minha vida em um borrão, apenas passando os dias. As horas e os dias eram um só. Ainda nenhuma palavra dele. Sem desculpas, sem remorso.

Nada além de silêncio.

Fui para a cama sozinha novamente, contemplando dormir no meu quarto antigo, assim eu não teria que sentir o cheiro dele. Senti-lo ao meu redor. Mas não fui, sabendo que era inútil. O homem já estava enraizado no meu coração. O cheiro dele me ajudava a dormir na sua ausência. Sonhei com a forma como seus braços fortes ficavam em torno de mim. Engolindo-me em seu corpo quente, o peso dele em cima de mim. As palavras tranquilizadoras que ele sempre falou no meu ouvido.

—Cariño. —Eu o ouvi sussurrar. Juro que parecia tão real, tão verdadeiro, tão desgastante, como se ele estivesse ali comigo. Eu não queria acordar. Eu senti seus lábios no meu pescoço, beijando

suavemente, fazendo o seu caminho até a minha boca. —*Mi amor, lo siento, perdóname por todo. Eres mi vida. Siempre recuerdalo. No importa lo qué pase. Eres mía, cariño*. —Ele murmurou contra a minha orelha em espanhol.

Quando eu aprendi o espanhol?

—Acorde, Lexi. Abra seus belos olhos para mim.

Eu abri meus olhos. Piscando para longe a nuvem do sono, tentando me concentrar. Meus olhos se ajustaram à cascata de luz da lua vinda pelas portas de vidro deslizantes.

—Alejandro? —Eu sonolenta perguntei.

—Você é tão bonita. Você tem alguma ideia do quanto você é linda? —Ele olhou para mim com um olhar que eu não conseguia ler.

—Eu estava sonhando com você.

—Isso não foi um sonho. Estou aqui. Eu estive aqui.

Seus olhos tinham tanta emoção. Sua expressão sincera era quase difícil de seguir. Eu sempre tinha estado tão em sintonia com o que seus olhos compartilhavam comigo, e naquele momento, tudo que eu podia ver era dor. Meu coração doía por vê-lo sofrendo. Eu senti falta do seu sorriso, sua risada, seu amor. Era como se ele tivesse sido rasgado pelo que ele estava sentindo, sua mente causando estragos de uma maneira que eu nunca vi antes. Eu podia sentir fisicamente seu olhar de dor no meu rosto, enquanto ele estava deitado em cima de mim. O sentindo muito mais do que eu jamais poderia ter imaginado. Quase como se eu pudesse tocá-lo.

—Cariño, pare de pensar. Apenas sinta-me. —Ele colocou a mão sobre o coração. —Esteja aqui comigo, só eu e você. —Ele sussurrou, sentindo minha apreensão.

Ele observou enquanto eu comecei a traçar o esboço de seu coração que estava batendo a mil por hora, só para mim. Acariciando o lado do meu rosto com as costas de seus dedos enquanto olhávamos na

alma um do outro, vendo a nossa verdade, nosso amor. Ele suavemente bicou meus lábios, beijando-me pela primeira vez no que pareceu uma eternidade. Provocando-me com a ponta da língua, delineando minha boca. Minha língua procurou a dele, e nosso beijo rapidamente transformou-se em apaixonado, movendo por sua própria vontade, tomando o que o outro precisava. Havia algo angustiante sobre a maneira como nós devorávamos a boca um do outro.

Era urgente.

Exigente.

Ardendo em chamas.

Não conseguíamos obter o suficiente um do outro, querendo mais. Querendo tudo. Tentando nos tornar uma pessoa, beijando como se nossas vidas dependessem disso. Seus dedos deslizaram para baixo, acariciando levemente, passando ao redor dos meus mamilos, segurando e amassando-os na palma mão.

—Alejandro. —Eu gemi, em uma voz que eu não reconheci.

Nossos corpos moviam-se como se eles fossem feitos um para o outro. Ele ternamente beijou todo o meu rosto, ao longo do meu queixo, a testa, e na ponta do meu nariz. Colocou seu pênis na minha entrada, me olhando nos olhos, esperando por mim, para dizer que estava tudo bem.

Eles disseram.

Ele apoiou os cotovelos nas laterais do meu rosto com todo o meu corpo deitado debaixo dele. Lentamente, entrou em mim, me agarrando pelo queixo para reivindicar mais uma vez minha boca. Ele começou lento, mas seus movimentos tornaram-se urgentes e mais exigentes. Meus olhos se arregalaram de prazer, minhas costas arquearam para fora da cama, deixando voltar ao meu pescoço e seios, beliscando, chupando, lambendo. Deixando pequenas marcas em seu rastro. Eu não queria me mover, eu queria aproveitar a sensação de seu pênis dentro de mim.

—Você me sente dentro de você? —Ele gemeu, lendo minha mente. Seguindo seu caminho de volta até a minha boca.

—Sim... —Eu sussurrei.

Meus braços o cercaram, apertando-o com força contra o meu corpo, querendo sentir todo o seu peso em cima de mim. Seu calor me consumia enquanto ele tomava o seu tempo me atingindo em todos os lugares certos. Seus músculos das costas flexionavam com cada impulso. Cada empurrar e puxar. Eu não poderia obter o suficiente dele.

Eu precisava dele.

Eu o queria.

Eu o amava.

Ele encostou a testa na minha, olhando profundamente em meu interior. Nossas bocas se separaram, ainda nos tocando, nós dois ofegantes, tentando sentir cada sensação de nossa pele em contato com a pele do outro. Uma mão sua foi para a minha bunda, guiando meus quadris, fazendo-me tomar cada polegada de seu pênis. Ele empurrou dentro e fora de mim, indo devagar, me acariciando, me fazendo sentir segura, protegida e amada. Tudo o que eu queria dele, ele estava de bom grado dando para mim.

Ele não estava me fodendo.

Ele estava fazendo amor comigo. Tomando seu tempo para sentir cada polegada minha. Memorizando meu corpo. A minha necessidade. Meu amor. Seus movimentos inebriantes eram quase tão dolorosos quanto o brilho em seus olhos. Eu queria lutar com ele. Eu queria gritar com ele e dizer para parar. Eu queria tudo menos isso.

Eu não podia.

Tudo o que eu sentia era seu coração sobre o meu. Seus beijos profundos dentro das profundezas da minha alma, suas mãos fortes e corpo musculoso me consumindo da maneira que eu nunca tinha experimentado antes. Que eu nunca pensei ser possível. Seu

comportamento, uma vez frio e gelado foi substituído por nada além de calor. Irradiava dele, consumindo minha pele. Senti em toda parte e tudo de uma vez. Pela primeira vez...

Ele era meu.

Eu o senti em cada suspiro de seus lábios, até a última batida do seu coração, cada fibra do seu ser. O bem e o mal. Céu e inferno. Cada parte dele. Eu peguei o que eu poderia receber. Cada gota dele. Mesmo que eu soubesse no meu coração...

Que ele só estava se despedindo.

Meu corpo traiu minhas emoções. Comecei a ficar agitada, arranhando, segurando, gemendo, ofegante. —Por favor, por favor, por favor. —Pedindo por não sei o que. Gozando em todo o seu pau.

Levantando minha perna, ele colocou todo o seu peso sobre o joelho direito, usando a outra para mais impulso, para empurrar dentro e fora de mim. Mais rápido, mais forte, mais profundo. Eu não queria que ele parasse, apavorada com o que aconteceria quando ele terminasse. Haveria um preço a pagar, sabendo que meu prazer só encontraria dor no final. Ele estava certo sobre uma coisa. Ele não era meu salvador. Hoje à noite, levaria ao desaparecimento do meu coração, quando isto acabasse, quando ele terminasse de me mostrar seu amor. Seu tormento. Seus demônios.

—Lexi. —Ele rosnou de dentro de seu peito, lançando seu gozo dentro de mim. Tremendo, me beijando apaixonadamente. Até que o senti ficar duro, novamente, fazendo amor comigo a noite toda.

Eu o deixei me tomar. Ter o seu tempo comigo. Fazendo amor comigo. Sabendo que ele estava tentando me tirar de seu coração, mas teve o efeito oposto.

Ele me deixou cair no sono em seus braços.

Mas eu acordei sozinha na parte da manhã.

Eu fiquei lá bem acordada durante horas, ouvindo a calmaria

suave da chuva caindo lá fora. Desenhando círculos no lençol de seda, me concentrando na forma como o tecido de cetim parecia contra minha pele. Minha mente não podia pensar mais, não havia mais nada que eu pudesse contemplar, racionalizar, compreender, ou mesmo tentar explicar.

Eu estava dormente.

Exatamente como ele queria que eu estivesse.

Eu coloquei meu robe de seda, andando pelo corredor como se estivesse caminhando em direção a minha execução. E de certa forma, eu estava. Eu respirei fundo, me tranquilizando, antes de abrir a porta de seu escritório. Martinez não estava em seu lugar habitual, sentado em sua cadeira de couro atrás de sua mesa. Ocupando-se com a papelada. Ele estava de pé junto a janela da sacada, olhando para a chuva como eu vinha fazendo durante horas. Ele estava de costas para mim, com as mãos nos bolsos de sua calça.

Esperando.

Sem se virar, ele declarou guerra. —Eu não te amo.

Eu zombei, sacudindo a cabeça. —Diga isso na minha cara. Olhe-me nos olhos e me diga que você não me ama.

Ele casualmente virou-se, olhando-me de cima a baixo. Seu rosto estava vazio de qualquer emoção.

—Eu sei que você me ama! —Gritei, lutando por ele. Por nós.

—Não, cariño. Eu não amo.

—Mentiroso! Seu mentiroso! Pare de mentir para mim! Por favor! Pare de me magoar com essas mentiras! Seja um homem, porra, não um covarde. —Berrei, segurando na maçaneta da porta. Esperando como o inferno que fosse me segurar quando tudo que eu queria era desmoronar. Meu corpo tremia incontrolavelmente. Curvei minha cabeça, não tendo mais como lutar. Eu estava exausta de anos lutando uma batalha perdida. Um meio para um fim.

Ele deu um passo em minha direção, vindo bem na frente do meu rosto. Minhas lágrimas caíram no chão entre nós. Estremeci quando senti seus dedos acariciarem o lado do meu rosto, sua pele queimando contra a minha. Eu levantei minha cabeça, eu poderia aceitar seu ódio, mas sua bondade era quase demais para suportar. Ele queria se lembrar de mim exatamente assim. Caindo aos pedaços na frente dele. Punindo-se por tirar outra vida que não lhe pertencia.

A minha.

Ele estava certo sobre uma coisa. Todas as mulheres que o amaram, morreram por amá-lo. Emocionalmente ele estava me matando, dirigindo um punhal direto no meu coração.

Ele falou com convicção. —Eu sou um monte de coisas, Lexi, mas um mentiroso eu não sou. A noite passada foi o meu adeus a você. Nada mais, nada menos. —Ele tirou a mão, e eu senti falta imediatamente de seu toque.

—Por que você está me excluindo? Eu sei que você me ama. Seus olhos mantem suas verdades. Toda vez que olho neles vejo o homem que você é, e não o homem que afirma ser. —Eu sussurrei, tentando ser forte quando eu não era nada além de fraca.

Ele me ignorou, colocando a mão no bolso do paletó, puxando alguma coisa. Ele entregou-me um envelope pardo com “Lexi” escrito na frente, em sua caligrafia.

—Eu tenho um apartamento na *4th Street*. Você pode ficar lá o tempo que você precisar. Está totalmente mobilado. As chaves estão aí. —Ele apontou para o envelope. —Há dinheiro aí também. Se você precisar de mais, ligue para Leo. Ele vai te dar o que você quiser ou precisar, não importa o que seja.

—Uau... —Eu sussurrei, ainda sem olhar para ele. —Eu realmente sou como uma de suas prostitutas agora, hein?

—Um dia, tudo isso vai fazer sentido para você. Eu prometo. —Ele se inclinou e beijou o topo da minha cabeça antes de sair pela porta.

Sem olhar para trás.

No segundo em que ouvi a porta da frente se fechar, rasguei o envelope ao meio. Jogando-o no chão, eu não precisava de sua maldita caridade. Minhas costas deslizaram pela porta de madeira, eu sentei lá balançando para frente e para trás, abraçando os joelhos, soluçando incontrolavelmente. Eu não podia acreditar que ele estava fazendo isso comigo novamente. Olhei ao redor da sala com os olhos vidrados, vendo todas as memórias que tínhamos compartilhado ao longo dos anos.

—Que diabos está acontecendo? —Perguntei a mim mesma, sabendo que eu nunca obteria uma resposta.

Capítulo 40

Lexi

Saí naquele dia, eu tinha ido embora antes que ele chegasse à noite. Eu não poderia ficar mais um maldito minuto naquela cobertura. Ele estava em toda parte, me segurando, seu cheiro que costumava me confortar, me deixava enjoada agora. A visão de sua cama, onde ele fez amor comigo na noite anterior me deixava doente. Tudo o que levei foram minhas roupas. Nada mais me pertencia. Eu deixei para trás tudo o que ele me comprou, as joias, as roupas, as merdas do ballet, todos os malditos livros de receitas. Por mais que me matasse fazer isso, tirei o colar com a cruz de sua mãe pela primeira vez desde que acordei com ele pendurado no meu pescoço no meu quarto de hospital. Deixei-o em seu travesseiro. Eu considerei esse meu presente de despedida. Peguei minhas coisas e saí.

Deixei o seu dinheiro e a chave do seu apartamento no chão de seu escritório. Eu não precisava disso. Eu tinha muito para viver. Eu fiz uma boa poupança na Inglaterra, e com Sabrina se recusando a aceitar meu dinheiro, eu fui capaz de investir em algumas ações gratificantes. Martinez nunca me permitiu pagar por qualquer coisa, ele era inflexível sobre isso. Recusei-me a ficar no apartamento que ele ofereceu, optando por ficar em um hotel no centro por alguns dias até que eu encontrasse um lugar para viver. Eu terminei alugando um pequeno apartamento no outro lado da cidade, querendo estar o mais longe possível dele. Não era nada de especial, mas era só meu. Eu não precisava de muito. Eu comprei um sofá, uma cama, e os elementos essenciais para torná-lo habitável. Nada muito extravagante, apenas algo que eu pudesse sentar e dormir.

Eu sabia que agora mais do que nunca, que talvez eu não fosse ter um final feliz, um feliz para sempre. Talvez houvesse apenas algumas pessoas no mundo, que nasceram sozinhas e morreriam sozinhas. Era chamado sorte de merda. Eu estava exausta. Eu nunca estive mais desgastada em toda a minha vida. Eu acho que dormi durante as

primeiras semanas, mal deixando minha cama para comer comida que eu pedia para entregar e para usar o banheiro. Voltando direto a dormir. Eu estava em coma emocional. Eu não conseguia me tirar do desespero, nada podia ajudar a me sentir melhor, nem mesmo a dança me fornecia qualquer tipo de alívio. Cancelei todas as minhas aulas de ballet, até novo aviso, e entreguei as rédeas para os outros instrutores indefinidamente. Eu não poderia pisar naquele estúdio.

Tudo o que fazia era me lembrar dele.

Arruinando-me.

Eu encontrei a minha fuga no sono. Era a única vez que eu parava de pensar, parava de me importar, parava de viver. Eu queria odiá-lo, mas eu não podia. De um modo doente, torcido, ele me salvou. Eu não tinha mais o meu passado, apenas o meu futuro, me assombrando e eu devia isso a ele. Em ambas as proporções.

Eu finalmente me arrastei para fora da cama uma manhã, sabendo que eu não podia continuar assim. Eu precisava voltar para a terra dos vivos. Tinha passado um mês desde que coloquei os pés fora do meu apartamento, cinco semanas desde que eu o tinha deixado. Eu estava contando os dias como se fosse trazê-lo de volta para mim. Eu decidi tomar banho e realmente fazer alguma coisa comigo mesma. Foi uma mudança de vida, me sentindo quase humana novamente. Arrumei meu cabelo, fiz uma maquiagem e coloquei roupas normais que não consistissem em calças de moletom e um top.

Tomei um táxi para o centro, querendo me perder, vagando ao redor de Manhattan. Respirar um pouco de ar fresco tão necessário. Eu até mesmo parei no meu estúdio para responder os e-mails que estavam se acumulando. Principalmente lixo eletrônico e cartas de estudantes, querendo saber se eu estava bem e quando eu estaria de volta. Eu também tinha um cartão postal do *Ballet Royale Theatre*. Eu imediatamente o virei ao pensar o que Sabrina havia me escrito. Mas estava em branco. Olhei para ele, sentindo sua presença ao meu redor.

Martinez.

Mesmo depois de tudo que passei com ele, eu ainda o sentia. Um forte sentimento de que ele estava me observando. Mais agora do que nunca. Sacudi a emoção, continuando com o meu dia. O táxi me deixou na frente de uma banca de jornal no Central Park. Saí, paguei ao taxista, mas os olhos verdes tentadores me chamaram a atenção imediata com o canto do meu olho. Eu não poderia ficar longe dele, mesmo se eu tentasse. Martinez estava na primeira página de todos os jornais, tabloides e revistas. Não era só ele. Uma mulher linda estava em seus braços em todas as diferentes imagens.

—Que porra é essa? —Me perguntei, atordoada e não sendo capaz de me afastar de todos os artigos na minha frente. Ele sempre foi tão particular sobre sua vida. Todo mundo sabia quem ele era, mas ele nunca divulgava nada. Ele se recusava. Peguei todos eles, abrindo-os um por um.

O maior solteirão Alejandro Martinez fora do mercado.

O chefe do crime Martinez aparece com uma mulher secreta.

Martinez flagrado com mulher misteriosa deixando o clube sábado à noite.

As coisas estão ficando quentes e pesadas para este novo casal? Ela é a escolhida?

O último que eu virei trouxe lágrimas aos meus olhos.

Martinez doa três milhões de dólares para os artistas do espetáculo em honra ao ballet com mulher misteriosa em seus braços.

Eu comprei uma cópia de todos os jornais, chamando um táxi de volta para o meu apartamento.

É por isso que ele me deixou? Será que ele se apaixonou por essa mulher? Quando isto aconteceu?

Voei pelas escadas, não querendo perder tempo esperando o elevador, subindo dois degraus de cada vez. A raiva dominando todos os

meus sentidos, me cegando. Eu mal podia ver porra, e muito menos pensar direito. Tentei racionalizar o que estava acontecendo. Hiperventilando enquanto eu me arrastava em meu apartamento, batendo a porta atrás de mim. Jogando todos os papéis no chão da sala de estar, caindo de joelhos, à procura de respostas, explicações. Fervendo a cada frase que eu lia. Nada além de fofocas da mídia e especulações.

Sentei, puxando o cabelo para longe do meu rosto, prendendo em cima da minha cabeça. Meus olhos correndo ao redor da sala. Minha mente girando sem fim. Levantei, correndo para o meu quarto, agarrando o meu laptop. Digitei no Google o seu nome. Eu sentei lá na minha cama assistindo artigo após artigo explodir na minha cara. Datas anteriores ao dia em que saí.

Mais fotos.

Mais mentiras.

Mais verdades.

Eles dançando, abraçados. Ele sussurrando em seu ouvido. Sorridente. Rindo. Olhos calmos, serenos olhando para ela. Segurando a mão dela, a beijando.

Fato ou ficção.

Eles caminhando juntos em sua cobertura. Ele levando-a para sair em sua limusine. Todos os restaurantes para o qual ele me levou. Todos os lugares que estivemos juntos. Terno diferente. Dia diferente. Ainda a mesma mulher. As imagens eram infinitas.

Eles entrando no teatro depois do desempenho de *O Lago dos Cisnes*. Imagens no seu jato particular.

—Oh meu Deus... É isso? — Minha mão voou para a minha boca quando vi algo brilhante pendurado em seu pescoço.

Ele não faria isso...

Dei um zoom na tela e ficou claro como o dia. Como uma bomba-

relógio em meu coração. Foi alto. Foi desastroso. Foi caótico. A cruz de prata de sua mãe, a que ele nunca tirou até que ele deu para mim, a mesma que eu usei por três malditos anos estava orgulhosamente pendurada no pescoço dela.

Fato.

Verdade.

Eu estava sufocando nela. Meu coração, minha mente, minha sanidade não aguentava mais. Eu imediatamente me levantei, fechando meu laptop. Empurrando para longe antes que eu tivesse a chance de jogar contra a parede. Minhas mãos tremiam tanto, que eu tive que coloca-las debaixo dos meus braços. Segurando-me para não ruir em pedaços. Todo o meu corpo parecia que estava me sufocando. Havia muitas emoções acontecendo tudo ao mesmo tempo. Eu não conseguia controlar nada disso.

—Um dia, tudo isso vai fazer sentido para você. Eu prometo. — Sua voz ressoou na minha cabeça.

Corri, pegando minhas chaves. Correndo escada abaixo, para a rua, chamando outro táxi.

—Encoste aqui. —Eu pedi uma vez que chegamos. Ele pisou no freio, e eu joguei o dinheiro para ele antes de o carro chegar a parar completamente, derrapando no meio-fio. Corri para o edifício de Martinez, saltando para dentro do elevador, inserindo o código para a cobertura. Meu coração acelerava enquanto os segundos passavam, observando os números vermelhos contarem até a letra P. Ele apitou e abriu, a certeza agora substituída com a dúvida.

O que diabos eu estava fazendo? O que eu ia dizer?

Respirei profundamente, me equilibrando. Lentamente, caminhando para seu apartamento. Minha mão no ar, prestes a bater à porta de madeira, mas eu senti algo e fui direto para a maçaneta em vez disso.

Estava aberta.

Ele nunca a deixava aberta.

Entrei e suavemente fechei atrás de mim. Imediatamente sendo consolada pela vida que eu ainda queria com todo meu coração. Seu perfume estava em torno de mim novamente. Minha casa. Isso acalmou os meus nervos, mas a ansiedade pelo que estava por vir ainda vivia e respirava no meu sangue. Isso bombeava em minhas veias, liberando uma vibração em minhas têmporas. Eu ignorei a sensação iminente que eu sentia nas profundezas do meu núcleo.

A cobertura estava estranha e silenciosa. A única luz vinha do sol, que brilhava pelas janelas do chão ao teto na sala de estar. Virei para sair, de repente sentindo náuseas. Algo não estava certo. Minha mão estava na maçaneta quando ouvi um barulho vindo do fundo do corredor principal. Como se estivesse sendo puxada por uma corda, eu fui em direção ao som.

Um passo.

Quatro passos.

Oito passos.

Dez.

—Assim, baby. Tome meu pau. —Eu o ouvi gemer de seu quarto. Ecoava pelas paredes. Engoli em seco, colocando minha mão sobre minha boca. Não querendo ser ouvida.

Eu deveria ter parado.

Eu deveria ter me virado e saído.

A verdade estava descaradamente me batendo na cara novamente. Ele tinha seguido em frente. Com alguém que não era eu.

Eu não conseguia parar os movimentos dos meus pés.

Quinze passos.

Vinte e seis passos.

Quarenta.

Para a porta do quarto, aberta.

Nada poderia ter me preparado para o que eu estava prestes a ver, a ponto de sentir. Foi como tomar um tiro no coração do caralho. Eu só não imaginava que Martinez estaria segurando a arma carregada. Ele estava encostado à cabeceira do meu lado da cama, agarrando no longo cabelo loiro que estava posicionado no colo. Sacudindo a cabeça para cima e para baixo enquanto ela chupava seu pênis. Ela estava completamente nua deitada de bruços. Apoiando-se em sua coxa enquanto a outra mão acariciava seu eixo. Prendi a respiração enquanto meus olhos absorviam a visão de seus corpos.

Travei os olhos com ele.

Eu estava lá, mas eu não estava.

Os olhos frios, sombrios e sem alma olharam para mim com um olhar sinistro que eu não poderia começar a explicar. Sugando todo o ar dos meus pulmões, quebrando meu coração, o coração que ele possuía, quebrando em um milhão de pedaços de merda. Dor como essa nunca deve ser experimentada. Era uma tortura excruciante. Por mais que eu me pedisse para não assistir, desviar o olhar, para fugir, eu me obriguei a ficar no lugar. Meus pés estavam colados ao maldito chão abaixo de mim, a ponto de suportar e testemunhar a verdade sob a maldita ficção.

Fui levada até lá por uma razão. Eu precisava ver isso, tanto quanto me doía. Quase me matando...

Eu precisava me manter forte. Imperturbável. Não mostrar fraqueza.

Seus olhos nunca se afastaram dos meus enquanto ele recebia o que ela estava lhe dando. Guiando-a para cima e para baixo com uma mão, esfregando os braços, as costas, os seios com a outra. Assim como ele sempre fez comigo. Atencioso, carinhoso, não era apenas um ato sem sentido. Uma rapidinha. Eles estavam familiarizados um com o outro, seus movimentos e seus corpos. Seus quadris começaram a se mover contra sua mão e a boca, empurrando seu pênis mais profundo

em sua garganta. Ela queria que ele a maltratasse, sentir seu domínio enquanto ela tinha seu pênis em sua boca. Ela chupou mais forte, e o acariciava mais rápido.

Sua boca se abriu, gemendo em voz alta.

Ela gemeu, satisfeita consigo mesma. Seus movimentos se tornaram mais agressivos quanto mais se aproximava de gozar. Agarrando-a pelos cabelos, puxando sua cabeça para trás ligeiramente. Empurrando-a de volta até seu pau tocar sua garganta a cada chupada de seus lábios.

Ele sorriu. —Isso está a deixando molhada? Eu sei que você quer se juntar a nós, Lexi. —Seus olhos, deliberadamente, olharam para baixo, focados nos olhos dela. Acariciando o lado de seu rosto. Ela nunca deixou de chupar seu pênis. Ele rosnou a ela. —Você gostaria disso? Não é, cariño?

A corrente que me levou a ele se rompeu. —Seu pedaço de merda! —Eu gritei e fui para cima dele.

Ela gritou, saltando para fora da cama. Levando os lençóis com ela, tentando cobrir seu corpo nu. Martinez nem sequer moveu ou piscou um olho. Ele nem sequer se preocupou em cobrir-se.

Ele agarrou meus pulsos, me levantando sobre seu corpo, me jogando de costas sobre a cama em um movimento rápido. Colocando meu corpo onde ele queria, montando minha cintura, pairando acima de mim. Eu tive que virar minha cabeça para longe dele. Seu perfume, que uma vez eu amei foi substituído por seu perfume e sexo.

—Deixe-me ir! —Eu gritei, tentando lutar contra ele. Falhando miseravelmente.

—Dá o fora daqui! Agora! —Ele ordenou em um tom forte, dominante.

Eu olhei de volta para ele, percebendo que ele não estava falando para mim. Ele estava ordenando a ela, a loira que eu reconheci das revistas. Sua mulher misteriosa.

—Você não pode me tratar assim! A Madam...

—AGORA, Clarissa!

Eu tremi com sua voz vibrando por todo o meu corpo. Ela correu ao redor do quarto, recolhendo suas coisas. Batendo a porta quando ela saiu.

—Deixe. Me. Ir. —Eu disse entre dentes.

Ele olhou de volta para mim. —Eu pensei que já tivesse feito isso. Esta é a minha cobertura. Você é a única que veio como um ladrão na noite, caralho, rudemente interrompendo a porra do meu final feliz. Meu pau não vai se chupar sozinho. Então, por que diabos você está aqui, Lexi?

—Seu filho da puta! Você não achou que eu fosse ver os jornais? —Ignorei a sua declaração. Lutando contra o seu poder sobre mim.

—Não, você não deixou seu apartamento pela porra de merda de um mês.

—De quem é a porra da culpa? —Eu fervi. Não perturbada pelo fato de que ele estava me observando.

Ele inclinou a cabeça para o lado, chegando perto de minha boca. Ele suspirou. —Sua. Agora, pare de lutar contra mim, ou eu vou fazer você terminar o que ela começou.

Eu gritei em frustração. Freneticamente me debatendo, mas foi inútil. Eu não ia a lugar nenhum, a menos que ele quisesse. Meu peito arfava, ofegando por ar. Seu rosto ainda a polegadas longe do meu.

Olhando em seus olhos, eu respondi. —Minha? Que merda eu fiz a você para merecer isso?

—Você nasceu.

—O que? Isso não faz sentido, porra! Então, ela é a razão? A razão porque você me deixou? Você a ama? —Eu não poderia jogar minhas perguntas com rapidez suficiente.

—Quer calar a boca durante cinco malditos minutos! —Ele rosnou. —Você acabou de invadir o local e atrapalhar minha foda. Você me diz, Lexi... Eu já deixei mulheres na minha casa? Na minha cama? Você tem as suas respostas. Eu não preciso dizer isso para você saber. Você é uma mulher inteligente, eu acho que você pode descobrir isso, se você abrisse seus malditos olhos. Você veria a verdade, o que eu tenho tentado tão desesperadamente esconder.

Eu balancei a cabeça, derrotada. —Tudo o que fiz foi por amor a você. Depois de tudo o que você me fez passar. Tudo o que fiz foi porque te amo... Como você pôde fazer isso comigo? Jogar seu relacionamento na frente do meu rosto assim? Como se eu não significasse nada para você. Jesus Cristo, eu acho que você trata todas as mulheres como merda. E elas apenas se mantem voltando para mais. Maldito! Você realmente é o diabo, não é? —Eu berrei, tentando manter minha voz firme.

—Eu nunca disse ser qualquer outra coisa.

—Você me traiu? Você ficou com ela o tempo todo? Você estava transando com ela e voltando para casa para mim?

—Não, você tem que estar em um relacionamento para contar como traição. Nós nunca estivemos juntos, Lexi. Nós não podíamos estar. Fomos condenados a partir do início porra. Tudo sobre nós é errado. Tentei ficar longe de você. Durante anos, eu tentei. Observando você de longe, protegendo-a da única maneira que eu sabia. Você nunca deveria estar na minha vida. Eu nunca deveria estar na sua. Mas o destino nos uniu e foi apenas uma questão de tempo antes que o destino nos destruísse. Você quer saber a verdade. Vou, finalmente, mostrar-lhe a maldita prova.

Ele se inclinou para trás, me liberando de seu alcance. Saiu da cama, colocando sua calça preta que estava no chão. Sem se incomodar com uma camisa. Ele rapidamente saiu do quarto, me levando ao seu escritório. Eu o segui de perto, nunca em um milhão de anos esperando o que eu estava prestes a saber.

Capítulo 41

Lexi

Assim que entrei, ele acenou para os arquivos que estavam embaixo de sua arma. Os mesmos arquivos que nunca foram embora de sua mesa.

—A verdade escondida estava à vista de todos, o tempo todo. —Afirmou, olhando de mim para os arquivos. —Vai, cariño. Você quer as peças para o meu quebra-cabeça? Bem, eu acabei de colocar todas na sua frente. Resolva o mistério. É hora de você descobrir quem diabos eu realmente sou.

Eu andei em torno da mesa, puxando a cadeira para trás, tomando um assento. Meu estômago tremulou e meu coração batia forte, tornando difícil para eu respirar.

—O que isto vai mudar? —Eu me encontrei perguntando, olhando para ele. Com medo de descobrir a verdade.

—Tudo, cariño. —Ele simplesmente declarou, fechando a porta, sentando na cadeira em frente à sua mesa. Inclinando-se para trás para colocar o tornozelo sobre o joelho. Os nossos papéis invertidos. Ele acenou para as pastas novamente.

Engoli em seco, abrindo lentamente o primeiro arquivo. Ofegando na primeira foto. Olhei para ele, chocada, de volta para a foto, e a peguei. —Essa... — Fiz uma pausa, segurando as lágrimas. —Eu não via esta foto desde que eu era criança. Por que você tem uma foto da minha mãe? —Passei meus dedos trêmulos sobre o rosto bonito.

—Continue. —Ele respondeu em um tom neutro.

Fiz, olhando para todas e cada uma delas, empilhadas uma em cima da outra. Uma por uma, colocando todas em sua mesa. Seu rosto me consumia, ela estava viva nestas fotos, sorrindo, feliz. Nada como a mulher que me criou.

—Como é que você tem essas fotos? Meus recitais de dança, eu no meu ponto de ônibus, no meu primeiro dia de escola... O que diabos está acontecendo? Como você conseguiu isso? Foi assim que você soube onde eu cresci? Eu conhecia você? Quando eu era criança, eu o conheci?

Ele estreitou os olhos para mim, esfregando os dedos sobre os lábios. Contemplando a forma de abordar o assunto.

—Me responda! Onde você conseguiu isso? —Eu bati meu punho na sua mesa. Congratulando-me com a dor. Tentando como o inferno manter minhas emoções sob controle.

—Eu te conheço desde o dia em que você nasceu, Lexi. Desde a sua primeira respiração, eu sabia quem você era.

Meus olhos arregalaram-se. —Como? Eu não entendo.

—Abra a pasta seguinte.

—Não até que você responda às minhas perguntas.

—Uma imagem vale mais que mil palavras, menina. Agora. Abra. A. Próxima. Porra de pasta. —Ordenou ele.

Eu abri a pasta. —Oh meu Deus. —Eu choraminguei, deixando a pasta cair na mesa como se tivesse me queimado.

A verdade era demais para eu suportar, fotos voaram por toda parte na sua mesa. Meus olhos colados a cada foto, eu não poderia decidir em qual delas me concentrar mais. Vendo todas as fotos deles juntos, beijando, sorrindo, rindo juntos. Vendo o homem que eu sempre soube que ainda vivia dentro de Martinez. Percebendo o homem atrás da porra do terno caro...

Que uma vez pertenceu à minha mãe.

—Ela era sua namorada. —Eu disse como uma pergunta. Deixando escapar algumas lágrimas, mas rapidamente as limpando.

—Não. —Ele disse, trazendo a minha atenção para ele.

Nós encontramos nossos olhares. Ele se inclinou para frente, colocando os cotovelos sobre os joelhos. Olhando-me nos olhos, acrescentou. —Ela era minha noiva.

—Não... —Eu balancei a cabeça fervorosamente. —Não... Você está mentindo. Você é um mentiroso. Isso é algum tipo de piada de mau gosto? Você acha isso é engraçado? Não... —Eu soltei, minha voz quebrando. Incapaz de formar pensamentos coerentes. Tropeçando em todas as palavras que saiam da minha boca.

—Sophia não foi sempre a mulher deprimida que você conheceu, Lexi. Eu fiz isso com ela. Transformei-a em alguém que não podia sair da cama, que odiava a porra da vida. —Sadicamente ele falou, não se importando que eu estivesse fisicamente destruída na frente dele. —Eu acho que é o preço que ela pagou por me amar. —Ele sorriu. —Levei sua virtude, assim como eu tomei a sua. Eu acho que vocês duas têm mais em comum do que vc pensa.

Eu recuei. Suas verdades me cortando toda. Eu não seria nada depois que ele terminasse. —Por que você está fazendo isto comigo? Eu não acredito em você! Você está mentindo! —Eu gritei alto o suficiente para quebrar o vidro.

Ele insensivelmente riu. —Sabe quantas vezes ao longo dos anos eu tive que me segurar para não chamá-la de Sophia? Impedir-me de gemer o nome dela, em vez do seu quando estávamos fodendo. Todos esses anos que você está me perguntando o que significa cariño. Era sempre sua mãe, Lexi. Ela era minha cariño.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto. A barragem foi quebrada. Eu não me importava se ele visse mais. Eu não me importava com nada. Eu estava morrendo por dentro. Palavras poderiam cortar mais profundo do que facas, e as suas estavam me mutilando. —Por favor... Por favor, pare... Alejandro, eu não posso... —Eu não conseguia recuperar o fôlego, o quarto começou a girar. Girar, girar e girar.

—Oh, vamos lá, cariño. —Ele zombou, levantando-se.

Levando-me a dar um passo para trás, entrando em contato com a

sua estante atrás de mim. Saudei a dor, precisando de alguma coisa, qualquer coisa para tirar a dor do sal que ele continuava a derramar sobre minhas feridas abertas.

—Eu pensei que você quisesse saber quem eu era, Lexi? —Ele inclinou a cabeça para o lado, arqueando uma sobrancelha. —Não é isso o que você estava pedindo? Querendo que eu a deixasse entrar na minha vida? Para que você soubesse tudo sobre mim? Meus demônios…

Mais lágrimas deslizaram pelo meu rosto, e coloquei minha mão sobre meu coração. Tentando impedi-lo de quebrar. —Você a machucou também? —Eu chorei.

Ele zombou, sacudindo a cabeça. —Não, ela me destruiu. Ela me deixou. Não o contrário. E ela passou o resto de sua vida de merda miserável lamentando isso. Mas não se preocupe, querida, seu pai fez questão de colocar o último prego em seu caixão, porra.

—Meu pai? Você conheceu o meu pai? —Eu tentei respirar profundamente, mas não havia ar para que eu tomasse. Tudo tinha sido tirado de mim.

Por ele.

—Oh, eu mais do que o conhecia. Porra, eu o odiava. Seu pai sempre teve uma coisa para sua mãe. Minha menina. Mesmo quando estávamos juntos, ele a observava de longe. Ele é parte da razão pela qual ela me deixou. Mas eu não o odeio por nada disso.

Eu balancei a cabeça para trás e para frente. —Não, não, não, não, não. —Eu repeti, colocando as mãos sobre os ouvidos como uma criança, não querendo ouvir mais. Eu tive o suficiente, eu alcancei meu ponto de ruptura.

Por que ele estava fazendo isso comigo? O que ele queria?

—Michael, o pedaço de merda traiu a minha irmã, depois que eles estavam casados. Seu pai fodeu sua mãe atrás das costas da minha irmã.

A verdade me atingiu como um balde de água gelada. —Por favor... Por favor... Pare... —Eu implorei não sendo capaz de ouvir mais, a sala se fechando em minha volta, entrando e saindo de foco. Meu corpo tremia profusamente, sentindo-me afastar. Sua voz ecoava na distância. Eu deslizei para baixo da estante, minhas pernas falhando miseravelmente.

Eu não conseguia respirar.

Eu não podia respirar.

—Sophia e Amari eram melhores amigas. Seu pai viu um momento de fraqueza, de solidão, e ele produziu você. Michael traiu Amari quando Briggs mal estava começando a andar.

—Cale-se! Cale a boca! —Eu gritei, de forma incontrolável. Minhas mãos indo para o meu cabelo, querendo tira-los da minha porra de cabeça. —Por favor! Pare com isso! —Eu ofegava. —Eu não quero ouvir... —Exigi. —Outra... porra... Oh, meu Deus... —Ofeguei. —Palavra! —Eu consegui gritar. Mal sendo capaz de ver sua silhueta através da raiva.

—Está fazendo sentido agora, cariño? São as peças se encaixando? Por que sua mãe se odiava? Por que ela se tornou tão deprimida? Por que não podia sair de sua maldita casa? Detestava-se pelas decisões de merda que ela tomou. Suas opções arruinaram sua vida, porra.

—Por favor... Alejandro... Por favor... Eu não posso... Eu não posso ouvir mais... —Eu implorei, olhando para ele com os olhos borrados.

Ele inclinou-se sobre a mesa. Empurrando todas as fotos em minha direção. Elas voaram por toda parte, caindo em torno de mim. Eu estava finalmente cercada por nada além da verdade, exatamente como ele queria.

—Ele estava lá, no dia em que te conheci. Eu estava escondido nas sombras, no escuro. Onde eu tenho vivido toda a minha vida de merda. Observando-o segurá-la pela primeira vez. Vendo o rosto

quebrado de Sophia, quando ele lhe disse que não seria uma parte de sua vida. Que você era um erro, um acidente. Seu pai nunca quis você. E sua mãe passou o resto de sua vida lutando contra seus demônios cada vez que ela olhava em seus olhos.

Fechei os olhos, eu tinha que fechar. A dor estava me matando.

—Você me olha nos olhos de merda quando eu estiver falando com você. —Ele zombou.

Eu lentamente os abri, percebendo que eu estava realmente cara a cara com El Diablo pela primeira vez.

—Foi ruim o suficiente ele ter traído a minha irmã, mas o filho da puta nem sequer teve a coragem de ficar e ajudar a criar sua filha bastarda, nem admitir seus erros e esclarecer tudo. Dei-lhe tempo, eu estava esperando que ele próprio viesse me contar, mas nunca o fez. Ainda fingindo ser tudo o que minha irmã sempre quis. —Respondeu asperamente. —Então eu tomei a decisão, eu dei a ordem... para que Michael, seu pai... fosse assassinado.

Meu queixo caiu, sugando o ar.

Ele maliciosamente sorriu. —Eu o matei, Lexi. Ninguém mais, além de mim.

—O que? Mas Briggs disse que eles estavam em um acidente de carro. Você matou sua irmã, também? Não, não!

Seus olhos estavam vidrados, a dor rompendo seu olhar apenas por um segundo. Mas ele se recuperou. Ele afirmou. —Por que não? eu matei o meu próprio pai... Agora, permita me apresentar, aqui está o homem por trás dos ternos caros malditos. Ele é tudo o que você pensou que seria?

Dizem que os crimes de paixão podem acontecer em um instante. Se você piscasse, você perderia isso. Uma pessoa pode ser forçada à beira da loucura. Oscilando à beira, eu só queria que ele parasse de falar. Eu não queria ouvir mais nada do que ele estava violentamente rosnando. Pedi-lhe, implorei-lhe para parar. Nunca tive a intenção de

machucá-lo.

Ou talvez…

Eu tivesse.

Antes que eu soubesse o que estava fazendo, eu mergulhei para a arma sobre a mesa. Apontei-a diretamente para ele. Tentando ainda com minhas mãos trêmulas.

Ele não se moveu.

Ele não se surpreendeu.

Era como se esperasse que eu fizesse isso, como se isso fosse o que ele queria no final.

Ele se inclinou para trás, colocando despreocupadamente as mãos nos bolsos. De pé, mais alto, mais orgulhoso, pronto para qualquer coisa. Olhando-me de cima a baixo com um olhar ameaçador. —Você já segurou uma arma antes?

—Por favor... Martinez... Por favor... Simplesmente pare... —Eu o persuadi, pendurada por um fio.

—Suas mãos estão tremendo. Primeira regra ao segurar uma arma. Nunca deixe seus inimigos verem o seu medo. Isso só faz de você um maldito maricas. Então, qual é o seu próximo passo? Estou bem aqui. —Ele abriu os braços ao lado do corpo. —Esta é a sua chance de se livrar de mim. Faça! Puxe a porra do gatilho! Faça! —Ele violentamente jogou a isca.

—Pare! Por favor! Porra, pare! —Eu gritei, soluços balançando meu corpo.

—Eu sou um homem mau! Eu fiz coisas imperdoáveis. Aqui está sua chance! Porra, pegue a chance! Envie-me direto para o inferno do caralho! Agora!

Eu recuei, quase caindo no chão não percebendo o que eu tinha acabado de fazer. Meus olhos arregalaram, meu coração caiu. Um som

de estalo ricocheteou nas paredes, seguido por seu corpo caindo no chão com um baque.

—Oh meu Deus. —Eu sussurrei.

Eu não tive tempo para ir ajudá-lo. A porta de seu escritório se abriu. Sua sobrinha, minha meia-irmã, Briggs ficou cara a cara com seu tio, deitado em uma poça de seu próprio sangue.

—NÃO! —Ela se lançou em ação, caindo de joelhos. —NÃO! NÃO! NÃO! Por favor, não! —Ela gritou, colocando as mãos sobre a ferida. O sangue jorrou por entre os dedos enquanto aplicava pressão.

—Briggs! — Austin gritou, entrando atrás dela. Parando, observando a ela, ele e a mim.

O resto passou em câmera lenta.

Ela olhou para cima, nunca esperando me ver por trás da arma.

—Lexi? —Ela disse com um olhar de horror em seu rosto.

Eu imediatamente soltei a arma. Ela caiu no chão com um estrondo.

—Eu... Oh meu Deus... O que aconteceu... Oh meu Deus, oh meu Deus, o que eu fiz? —Eu estava em choque, meus olhos nunca o deixando. Havia muito sangue.

—Merda! — Austin gritou, agarrando instantaneamente a arma. Colocando-a na parte de trás de sua calça jeans. —Vá! —Ele ordenou, olhando para mim. —AGORA!

—O quê? —Eu respondi, confusa.

—Austin, o que está fazendo? —Perguntou Briggs, trazendo a minha atenção para ela.

—Não era para acontecer assim. Porra! Vá, Lexi! Agora! Este lugar estará repleto de policiais em alguns minutos! VÁ!

Eu balancei minha cabeça. —O que...

—Daisy. —Martinez falou, tossindo sangue. Ela olhou para ele com nada além de amor em seus olhos. —A deixe ir. Eu mereci. A deixe ir... —Acrescentou ele, com os olhos vibrando. Entrando e saindo da consciência.

—Saia daqui! AGORA! —Austin gritou.

Olhei ao redor da sala uma última vez. Oprimida, confusa, arrependida, e porra, apavorada.

Por que eles estão me deixando ir?

Eu não pensei duas vezes.

Eu corri.

Tentando como o inferno não olhar para trás.

Capítulo 42

Lexi

Seis dias, seis horas, seis minutos, desde que eu puxei o gatilho. O número da besta, a ironia não foi perdida por mim. Entrei no meu apartamento, chutando a porta atrás de mim. Colocando todos os jornais, revistas e fotos no chão da sala. Liguei a televisão na minha frente.

—Alejandro Martinez, chefe do crime, notório em Nova York está sendo colocado para descansar hoje, depois de ser morto a tiros no centro de Manhattan em sua cobertura há uma semana. A investigação ainda está em aberto, e não há indícios, nesse momento, de quem é responsável por tirar a vida do homem mais comumente conhecido como El Diablo. Nós estaremos ao vivo de seu funeral em poucos minutos. As pessoas estão se reunindo de todo o mundo para este momento significativo na história. Onde a justiça foi feita. Provando que os mocinhos podem ganhar, no final. Eu sou Maria Castello, transmitindo ao vivo. Por favor, aguardem.

Eu agarrei meu estômago imediatamente sentindo náuseas novamente. Essa coisa toda me deixou doente, à beira de vomitar. Minha consciência. Meu coração. Minha alma. Me corroendo. Eu não acho que dormi durante toda a semana, mal deixando meu apartamento até hoje. Eu fiz, só porque eu tinha que fazer. Eu estava lutando contra o desejo de me entregar, dizendo a mim mesma que hoje era o dia em que eu confessaria. Mas eu não podia. Eu precisava pagar por tirar uma vida que não me pertencia. Eu não era melhor do que ele.

Por que eles me deixaram ir?

Mesmo Martinez deixou a morte o levar.

Por que Austin e Briggs estavam lá?

Eles nunca vieram me visitar. Não fazia qualquer sentido. Nada fazia. Eu estava mais confusa agora do que jamais estive antes. Eu não

sabia como isso era mesmo possível. Fiquei esperando a polícia bater na minha porta, a qualquer momento. Constantemente observando por cima do ombro, ainda sentindo sua presença forte em volta de mim.

Seu fantasma.

Será que ele nunca iria embora? Era isso que ele sentia? Todos esses anos sentindo as vida que ele ceifou ao seu redor? É por isso que ele nunca dormia? Suas almas o assombrando? Como posso ainda o amar? Pensar nele depois de tudo o que ele me disse? Ele estava com a minha mãe. Ele foi a sua morte. Como posso seguir em frente com isso?

Olhei para os jornais. Todas as manchetes eram as mesmas.

Ataque do FBI à mansão de Jimmy "O chefão" Sanchez. Preso pelo FBI.

Barões da droga notórios de todo o mundo levados à justiça.

Maior apreensão do crime organizado na história do mundo na sequência da morte de Alejandro Martinez.

Chefões do crime em todos os EUA sendo questionados. Entre os nomes, Benjamin "Chefão" Robinson foi levado em custódia.

O que a maioria da Colômbia queria, Franco "Franquinho" Vasquez baleado pelo FBI.

Desde a morte de Martinez, as famílias do crime organizado foram sendo presas em todo o mundo. E foi a única paz de espírito que eu tive em todo o calvário. Pelo menos ele não apodreceria na prisão.

Eu fiz a coisa certa?

Então por que parecia tão errado?

Eu honestamente não sabia como me sentia. Eu ia de chorar para anestesiar, só para voltar a soluçar novamente. Eu estava em uma montanha-russa emocional indo para cima e para baixo, girando ao redor a ponto de me deixar doente. Eu não podia continuar mais assim.

Eu sabia que uma coisa era certa. Eu não podia ficar em Nova York mais. Muitas memórias que me assombravam se escondiam nas sombras.

—Estamos de volta, transmitindo ao vivo o funeral de Alejandro Martinez.—A voz do locutor trouxe a minha atenção de volta para a televisão.

—Eles acabaram de descer o caixão... — Me levantei, correndo para o banheiro, atirando todo o conteúdo do meu estômago no vaso sanitário. Não foi possível manter nada.

—Ugh! — Deixei escapar, vomitando um pouco mais. Eu cuspi, limpando a boca com as costas da minha mão, enquanto eu dava descarga.

Eu sentei lá por alguns minutos, resistindo à vontade de vomitar novamente. Esfregando meu estômago, respirando através da náusea, as emoções, os sentimentos, o tsunami que a minha vida havia se transformado. Eu fui até a pia. Enchi de água a minha boca, e cuspi. Olhando-me no espelho.

—O que você fez, Lexi? O que você fez, porra?

Fui para a cozinha, pegando uma garrafa de água. Tentando não vomitar novamente. Por mais que eu não quisesse ver a transmissão, meus olhos estavam grudados na tela. Briggs apareceu diante das câmeras, chorando, Austin a segurando. De luto pela perda do homem que a criou. A única família que ela pensou ter. Seguida pelos rapazes *Good Ol´ Boys* e suas esposas, andando logo atrás deles. Eu me encontrei perguntando se eles contaram à sua filha, Amari, que seu “unkey” já não estaria lá para abraçá-la, brincar com ela ou falar no Skype nunca mais. As lágrimas começaram a cair.

Minha meia-irmã...

E ela nunca sequer soube disso.

—Eu sinto muito, Briggs. —Eu chorei, desligando a televisão. Sabendo que eu nunca seria capaz de afastar a imagem dela caindo aos

pedaços.

Liguei o chuveiro, colocando na temperatura mais quente possível, entrando embaixo, acolhendo o calor. Deixando a água quente queimar minha pele, esperando que ela lavasse os meus pecados. Eu não sabia mais nada. Eu era um buraco negro de nada. Tudo o que eu podia sentir eram seus dedos fortes, calejados, por todo o meu corpo, seu corpo em cima do meu, suas palavras tranquilizadoras. O bloqueio que ele colocou em meu coração, eu sabia que nunca desapareceria. Não importa o quanto eu tentasse, o quanto eu quisesse. Ele seria sempre uma parte de mim.

Minha mente correu selvagem. Eu não podia fazê-la parar, imagem após imagem do dia em seu escritório, jogadas na minha frente. Eu pressionei minhas mãos contra a parede do chuveiro, inclinando minha testa no azulejo rústico. Fechando os olhos, ainda ouvia suas palavras cruéis.

—Esta é a sua chance de se livrar de mim. Para vingar a morte de sua mãe. Faça! Puxe a porra do gatilho, faça! — Suas palavras estavam se repetindo, tanto quanto as imagens. Cena após cena, o som da detonação da arma, e tudo o que aconteceu depois.

—Eu o matei, Lexi. Ninguém mais, além de mim.

—Sempre foi sua mãe, Lexi. Ela era minha cariño.

—Eu matei o meu próprio pai.

Eu caí de joelhos no chuveiro, colocando instantaneamente as mãos sobre os ouvidos, ajustando a sua voz. Eu balancei a cabeça para trás e para frente. Soluçando, rogando a Deus, a ele, a mim mesma para me perdoar. Eu nunca quis machucar ninguém. Eu precisava encontrar um pouco de paz, algum silêncio. A culpa era demais.

Como eu poderia continuar assim?

Eu fiquei no chuveiro até que a água ficou fria sobre o meu corpo, chorando até que eu não tinha mais lágrimas. Eu saí colocando uma camisola e uma calcinha, envolvendo o meu cabelo em uma toalha.

Peguei a foto que deixei no chão da sala de estar. Era a única coisa que me restava dele.

De nós.

Passei o resto do dia na cama, de luto pela perda do homem que matei. Chorando até dormir. Esgotada. Sozinha.

—*Há coisas que eu lamento que ainda não aconteceram. Se algo acontecer a mim, basta lembrar que eu sempre estarei com você. Não importa o que. Bem aqui.* — Minha mão inconscientemente foi sobre o meu coração.

Sentindo.

Meus olhos se abriram. Com falta de ar. Escuridão ao redor de mim, a única luz era da lua cheia entrando pela minha janela. Sua presença, seu cheiro, seu domínio estava ao meu redor. Respirei profundamente, me afundando em meus lençóis. Fechando os olhos novamente, deixei o sono tomar conta mais uma vez. Deslizando de volta para os mesmos sonhos.

Eu me agitei, ouvindo uma voz familiar, fraca, no meu sono.

—Você é tão bonita. —Olhos verdes serenos e tentadores estavam olhando para mim no meu sonho. Ele estava tão perto. Tão real.

—Humm... —Eu rolei para o outro lado da minha cama. —Sinto muito. —Eu me vi dizendo em meu sono.

—Eu tive o que eu merecia, cariño. Você fez o que eu queria que você fizesse o tempo todo.

—Eu estou tão sozinha... —Eu vagamente falei.

—Não, você não está. Você tem a mim... Abra seus olhos, Lexi.

—Você não é real... Eu matei você. Por favor…

—Abra seus olhos, baby. Estou aqui.

Eu firmei minha respiração, minha mente desejando que eu abrisse meus olhos, para acordar. O sentindo em cada grama do meu ser enquanto fiz isso.

Eu realmente o encontrei sentado lá.

Olhando por mim.

Meu anjo sombrio.

Martinez

Seus lábios estavam inchados, seu rosto estava inchado, os olhos injetados de sangue de passar incontáveis minutos, horas, dias, chorando. De luto pela perda de um homem que não merecia suas lágrimas.

Eu.

Ela ainda assim tirou meu maldito fôlego. Eu estive sentado aqui na poltrona ao lado da cama durante horas, observando-a dormir. Mesmo em seus sonhos, ela não podia fugir de mim. Choramingando meu nome, desculpando-se por um crime que não cometeu. Por mais que eu não quisesse acordá-la, eu não poderia suportar vê-la sentir mais agitação, mais dor, especialmente em meu nome. Mais uma vez. Ela arregalou os olhos ao me ver pela primeira vez.

Respirando.

Vivo.

Ela voou em cima da cama, para longe de mim. O retrato que ela estava segurando em seu sono flutuou para o chão entre a cama e mesa de cabeceira. Sua boca se abriu, com falta de ar, com a mão sobre o coração. Olhando para mim como se ela estivesse olhando para a porra de um fantasma.

—Que porra, Martinez? —Ela gritou, batendo as costas contra a cabeceira com um baque. Ela fez uma careta.

—Shhh... Pare de gritar. —Estendi a mão para ela, mas ela recuou ainda mais para longe de mim. Coloquei minhas mãos na minha frente em um gesto de rendição, e me sentei na cadeira. —Você sabe que eu adoro quando você grita meu nome, mas agora não é o momento nem lugar. A porra do seu apartamento de merda tem paredes finas da porra.

—Seu funeral foi hoje... Eu vi... Na TV... Briggs estava chorando... Austin... segurando-a... Eu atirei ... o sangue... muito... em todos os lugares... você... morreu... eu... matei... você... —Ela gaguejou, não movendo uma polegada de seu lugar contra a cabeceira.

—Você viu o que eu queria que você visse.

—Que tipo de resposta é essa? —Gritou ela. Eu poderia dizer que ela queria desmaiar, mas estava tentando permanecer imperturbável.

—A única que eu tenho. Agora, pare de gritar e sente sua bunda de volta na cama. Apesar de eu amar olhar fixamente em seus peitos, nós precisamos conversar.

Ela engoliu em seco, deslizando lentamente para baixo da cabeceira da cama. Puxando as pernas contra o peito, abraçando-as perto de seu corpo em um gesto reconfortante. Cobrindo os seios que estavam em plena exibição através de sua camisola apertada, branca. Ela inclinou a cabeça para o lado, estreitando os olhos para mim. Tentando descobrir se eu realmente estava sentado em frente a ela, ou se eu era outra ilusão em sua mente. Ela olhou de mim para o chão, em silêncio, me dizendo que ela sairia da cama. Lentamente, ela colocou um pé no chão, em seguida, o outro. Gradualmente pisando em minha

direção, ela estendeu a mão, uma vez que ela estava perto o suficiente, querendo se certificar de que eu era real. Ela gentilmente tocou meu ombro, os olhos arregalados, movendo a mão ao longo do meu peito.

—Mas eu atirei em você. —Ela falou.

Por mais que eu quisesse pegar sua mão, eu não queria assustá-la. Eu precisava ser cauteloso. —Aqui. —Eu disse, colocando minha mão sobre a ferida.

—Você não pode acertar meu coração.

Ela recuou para longe de mim, tentando manter a calma, recolhendo seus pensamentos. —Como isso é possível? Como você está aqui? O que está acontecendo?

—Deixe-me...

—Chega de mentiras, Alejandro.

Eu balancei a cabeça para ela se sentar. Ela o fez, retomando sua posição contra a cabeceira.

Eu me inclinei para frente, colocando os cotovelos sobre os joelhos, colocando minhas mãos na minha frente em um gesto de oração. Olhando profundamente em seus olhos, eu murmurei. —Eu sinto muito, Lexi. Eu sinto tanto.

Ela franziu a testa, vendo a sinceridade na minha voz. Eu nunca pedi desculpas a ela por qualquer coisa que eu fiz, durante esses anos em que estivemos juntos e separados. Nem uma vez disse-lhe que estava arrependido por arrancar o coração dela, uma e outra vez. Lamentei todos os dias da minha existência fodida. Eu queria dizer isso a ela. Eu só não fui feito dessa forma. Ela sabia como era difícil para mim mostrar fraqueza. Para qualquer um. Especialmente a ela. Ela tinha o poder de me fazer ficar de joelhos, e ela nunca sequer percebeu isso. Ainda havia tanto que ela precisava saber. Tanto que eu precisava explicar com pouco tempo para fazer.

—Eu dei a Michael, o seu pai, quatro anos para esclarecer. Quatro

malditos anos foi dado a ele para contar à Amari a verdade. Ela merecia saber o pedaço de merda que ele realmente era. Ele nunca a amou. Eu sabia disso desde o primeiro dia. Amari era cega, mas o amor faz isso com você. Ela ficou grávida de Briggs e o prendeu, foi a forma que ela viu em seu desespero para mantê-lo ao seu lado. Isso é o quanto ela amava o filho da puta. Eu amei a minha irmã mais do que tudo neste mundo, Lexi. Não teve um dia que passou que eu não tenha pensado nela. Todo dia eu encontro uma maneira de me bater por tirar sua vida. Eu a vejo, a sinto a cada segundo maldito, me julgando com tanta decepção em seus olhos. Amari foi minha luz, assim como você é. Eu nunca tive qualquer intenção de machucá-la. E se eu pudesse trocar de lugar com ela, eu não pensaria duas vezes sobre isso. Amari foi pega no fogo cruzado. Esteban...

—Esteban? O guarda-costas de Briggs?

—Sim, ele fodeu tudo e custou à minha irmã sua vida. Michael era para estar sozinho. Mas o carro de Amari quebrou no lado da estrada e Michael teve que ir resgatá-la e a Briggs... —Fechei os olhos, inclinando a cabeça em minhas mãos. A memória daquele dia passando na minha frente. Fazendo reviver isso de novo, como se o tempo não tivesse passado. Ouvi sua voz na mensagem que ela me deixou no dia em que ela morreu, a cada dia maldito desde então. Se eu tivesse respondido a sua chamada, eu teria sido capaz de parar tudo. Ela ainda estaria viva. Eu não teria arruinado a vida de Briggs.

—Estava chovendo muito. Esteban não viu que Amari e Briggs estavam no carro com Michael. Ele fez o que eu pedi a ele para fazer. Então, em vez de quebrar a porra do seu pescoço, eu o atribuí a Briggs. Fazendo-o ver a menina destruída todos os dias. A vingança por tirar sua família. Foi também a minha maneira de empurrá-la para longe. Eu não poderia lidar com vê-la triste, assustada e sozinha. Eu nunca deixei Briggs chegar perto de mim. Eu nunca a abracei enquanto ela chorava. Eu nunca disse a ela que a amava, muito consumido pela culpa e vergonha de tirar a vida de sua mãe. Tem sido um dos maiores arrependimentos da minha vida inteira. Eu amo Briggs mais do que qualquer coisa. É muito tarde para mostrar a ela, o dano já foi feito. Eu tentei fazer as pazes com ela sendo o tio que sempre quis ser, com seus

filhos, Amari e Michael.

Eu nunca tinha compartilhado isso com ninguém. Ninguém sabia a verdade. Eu puxei meu cabelo para trás do meu rosto. Espiando-a com olhos brilhantes. Não me importando se ela visse a minha dor crua, minha devastação na frente dela. Era hora de ela saber a verdade enterrada sob as mentiras.

—Eu precisava sair do meu apartamento. Ouvir Briggs desmoronar toda noite, sabendo que eu era a causa de sua miséria, estava me comendo vivo. Eu teria colocado uma bala na minha cabeça se não fosse por ela. Eu não posso te dizer quantas vezes eu olhei para a arma carregada na minha frente. Lutando uma batalha comigo mesmo para não pegá-la, aponta-la na minha cabeça e acabar com tudo. Mas eu não podia, eu fiquei vivo por Briggs. Eu não poderia ser egoísta. A minha irmã me fez prometer cria-la se alguma coisa acontecesse com ela. Briggs precisava de mim. Eu era a única família que lhe restava. Meu castigo era me manter respirando. Eu terminei em Rhode Island, vendo você sair do seu ônibus escolar. Você já era a porra de uma garota tão bonita. Eu sabia que Sophia estava em má situação, eu sabia que era só uma questão de tempo até que... —Eu afastei o pensamento da minha cabeça. —Você tinha seus braços abertos em seus lados, praticando seus passos de ballet. Cantarolando uma melodia todo o caminho de casa. Andando a pé sozinha em uma porra de um bairro de merda como se você fosse uma adulta. Ninguém para cuidar de você, mas porra... Lexi, isso não a impediu de ir sorrindo. E iluminar todo o seu rosto.

Seus olhos lacrimejavam enquanto ela tomava cada palavra que saía da minha boca.

—Eu não pude deixar de ser atraído por você. Eu a segui para casa, e você nem sequer percebeu isso, o que me fez odiar a porra da sua mãe um pouco mais. Qualquer um poderia tê-la seguido para casa. Você entrou na sua casa, gritando por sua mãe. Eu fui para o lado da casa e vi da janela. Você a encontrou chorando no armário, chorando pela vida de Michael e Amari que eu levei.

Lágrimas deslizaram pelo seu rosto, sabendo exatamente o

momento a qual eu estava me referindo. Tudo o que eu queria fazer era chegar a ela e enxugar todas as lágrimas.

—Daquele dia em diante, cariño. Eu cuidei de você. Não sua mãe, não Sophia. Você. Só você.

—Por quê? —Ela sussurrou tão baixo que eu mal podia ouvi-la.

Eu ignorei a pergunta. —Eu paguei pelo funeral de Sophia. Sentindo-me responsável por sua morte. Eu fiz parecer que o dinheiro veio de algum fundo fiduciário de seus avós. Seu pedaço de merda de padrasto nem sequer questionou. Na verdade, o filho da puta levou uma parte do dinheiro que deixei para você, e se afogou no uísque. Eu nunca pensei que ele fosse capaz de feri-la. Eu sinto muito, Lexi. —Eu disse, limpando a garganta. Tentando me segurar. —Eu tentei chegar a ele o mais rápido que pude. Eu não sabia que ele a estava tocando, ferindo até que fosse tarde demais. Mas eu o fiz pagar. Porra, eu juro a você, eu fiz aquele filho da puta pagar por cada vez que ele entrou em seu quarto.

Ela suspirou. —Você?

—Eu esperei até que eu soubesse que você sairia. Você tinha seu grande recital de dança. Eu fiz ao seu padrasto uma pequena visita com os meus homens. Fiz-lhe escrever-lhe um pedido de desculpas rapidamente. Então eu fiz um dos meus homens lhe mostrar qual era a sensação de estar no lugar de receber o que ele estava fazendo com você por anos. Ele não durou cinco malditos minutos antes de desmaiar de dor. Eu matei dois coelhos com uma cajadada só naquela noite. Briggs pensou que ela era responsável pela morte de seus pais. Era seu aniversário de quinze anos, então eu dei-lhe paz de espírito e eu a libertei. Matando o homem que tinha ferido você.

—Oh meu Deus... —Ela chorou, os lábios trêmulos.

—Fui eu quem fez ligação anônima para a sua escola. Mas eu me certifiquei que fosse colocada em um lar adotivo decente. Eles não eram ideais, mas eles tinham com certeza a merda melhor, do que a que você estava vivendo. É por isso que você foi colocada com uma família tão rápido.

A mão trêmula subiu para a boca. A verdade quase demais para ela suportar.

—Eu nunca esperei que você aparecesse no meu clube de strip, quando você tinha quinze anos. Mas o destino tem um jeito engraçado de foder com a gente, quando você menos espera. Eu sabia quem era você no segundo em que você saiu do carro. Eu sempre soube que era você, Lexi. Quando você apareceu três anos mais tarde, não mais uma menina, mas uma mulher bonita da porra, de pé na minha frente, eu não pude me conter. Eu escorreguei naquele dia e te chamei de cariño. Eu nunca tinha chamado alguém assim, exceto Sophia. Então, você obviamente sabe agora porque eu lhe chutei da porra do meu escritório. Mesmo que eu tenha altamente apreciado o pequeno show que você fez, não havia nenhuma maneira no inferno que eu deixaria você tirar a roupa por dinheiro. Foi a razão para ninguém na cidade contratá-la. Lexi, eu me certifiquei disso. Eu nunca achei que você viria a mim, de todas as pessoas para te ajudar.

—Você? Foi você?

—Depois que eu soube que você tinha a carta de aceitação para Julliard, eu depositei o dinheiro em sua conta, mas você chegou antes de mim invadindo meu escritório sem ser convidada. Eu sabia que ballet era tudo o que você já teve. Sua felicidade. Eu queria que você tivesse algo para se agarrar. O corretor de imóveis que mostrou seu apartamento a você, trabalhava para mim, foi como você acabou no meu prédio. Isso tornou mais fácil para os meus homens se manterem vigiando você.

—Então foi assim que você me salvou de Nikolai. Alguma vez você cuidou de seus homens? Os que estavam procurando por mim?

Eu zombei. —Nunca houve qualquer um procurando por você, cariño.

Ela recuou, confusa. —Mas você disse...

—Eu sei o que disse. Foi tudo uma mentira.

—Por quê? Eu não entendo? Por que você fez tudo isso?

—Pela mesma razão que eu a empurrei para longe, fiz você me odiar, te tratei como merda. A mantive no comprimento do braço, nunca deixando você ver o homem que você conheceu, e que ainda vivia dentro de mim... o homem que protegeu você, vigiou você, garantiu que estivesse segura. A razão que eu fui à procura de você depois que você partiu para a Europa... Olhar você dançar no palco, percebendo que eu precisava deixar você ir... A mesma porra de razão pela qual eu voltei para você, trouxe você para casa comigo, cuidei de você, te fiz ver o que eu queria que você visse... —Fiz uma pausa, deixando minhas palavras penetrarem. —... tem sido a mesma razão desde o primeiro momento que pus os olhos em você. Eu estou perdidamente apaixonado por você. Eu te amo. Eu te amo, Lexi. Com tudo preso dentro de mim, eu te amo, porra. Sou seu. Eu tenho sido seu desde que me lembro.

Novas lágrimas escorriam pelo seu rosto, era a primeira vez que eu disse aquelas três palavras para ela. Mesmo que eu estivesse morrendo de vontade de dizer isso desde o segundo em que ela invadiu meu escritório, quando ela tinha dezoito anos de idade.

—Você me ama porque sou filha de Sophia? Porque eu o lembro dela? Porque você não poderia tê-la, por isso voltou para mim? Eu sou a menina reboque, a segunda melhor, certo? É por isso que você me ama? —Ela gritou, com a voz embargada.

—Não. —Eu simplesmente declarei. —Eu te amo, apesar disso.

Ela tremeu, surpresa com a minha revelação. Sua fachada de gelo estava se dissolvendo camada por camada. Eu estava conseguindo passar para ela. Pela primeira vez, a verdade poderia me salvar.

—Mas, acredite em mim, cariño. Você não poderia ser mais diferente do que Sophia se você tentasse. Você não é nada como ela. Sophia era fraca, com medo de tudo, nunca lutou por qualquer coisa em sua vida. Incluindo eu. Sempre à espera de alguém para resgatá-la, cuidar dela. Ela não era a mulher para mim. Eu pensei que a amava, eu pensei que ela era a única. Eu não poderia ter estado mais errado sobre isso. Passei anos de luto pela perda de uma mulher que nunca pertenceu a mim.

Seus olhos mostravam tantas emoções diferentes, era quase difícil me segurar.

—Você é forte, você é resistente, você luta por tudo em que acredita, especialmente por mim. Não importava quantas vezes eu tentasse empurrá-la para longe, sabendo que tudo sobre nós era errado. Você não ia. Você nunca teve medo de mim, Lexi. Por mais que eu tentasse mostrar o meu inferno, você estava mais do que disposta a queimar junto comigo. Eu nunca conheci ninguém como você antes. Você já passou por tanta coisa, e nunca deixou isso definir quem você era. Essa é uma das coisas que eu mais amo sobre você. Você foi feita para mim, cariño. E eu juro pela vida da minha sobrinha, que eu nunca olhei para você e pensei que fosse Sophia. Eu nunca quis chamar o nome dela. Tem sido sempre só você, Lexi.

Ela respirou fundo, limpando todas as suas lágrimas.

—Você não me deve nada. Estou plenamente consciente disso, baby. Mas você precisa saber a verdade. Devo-lhe isso e muito mais. —Foi a minha vez de respirar profundamente. —Nos dez anos em que você esteve na Europa, eu vivi uma vida fodida. Eu estava atravessando os dias. Esperando aquele em que alguém finalmente acabaria com tudo. Eu estava exausto. Eu estou exausto. Estou muito velho para esta merda. Eu era uma bússola quebrada apontando para lugar nenhum. Senti sua falta. Eu quis você. Sonhei com você. Cada segundo de cada dia passei a pensar em nada além de você. Eu só queria acabar com tudo. Viver uma vida onde ninguém se importasse se eu estava vivo ou morto, finalmente pagar o preço. Porra, eu precisava de você. Pela primeira vez na minha vida, eu precisava de alguém. Você.

—Jesus... Alejandro. —Ela murmurou, os lábios trêmulos.

—Eu sei que é uma responsabilidade muito grande, de uma só vez. Se eu tivesse mais tempo para falar com você, seria diferente, mas eu não tenho. E eu não vou deixar este quarto até que você saiba de tudo. Sem mais segredos, sem mais mentiras. Sem mais demônios.

Ela assentiu com a cabeça, querendo ouvir o resto do que eu tinha a dizer.

—O FBI tem estado atrás de mim por anos. Décadas do caralho. Austin ficou tão grato por eu ajudar Briggs e ele voltarem a ficar juntos. Ele me deu a informação que o seu amigo, Dylan, estava chegando perto de me expor. Me prender. Ele é um detetive da narcóticos, e estava trabalhando em meu caso por Deus sabe quanto tempo. Foi quando eu percebi que esta era a minha chance de ir embora. Com você. Para acabar com tudo. Esta era a minha morte.

Ela balançou a cabeça. —Eu não entendo.

—Eu queria ir atrás de você antes de seu acidente de carro, mas eu pensei que estivesse fazendo a coisa certa ficando longe. Quando Leo me disse que estava gravemente ferida, isso só solidificou a minha decisão. O que eu estava pensando. Eu pensei que tivesse perdido você. Para sempre. Quando você acordou e me viu no seu quarto de hospital, tudo foi colocado em movimento.

—O que?

—Minha morte.

Ela estreitou os olhos para mim, ainda sem entender.

—Fiz um acordo com o governo. Eu dei os nomes, informações sobre todos os homens que eles passaram décadas tentando apanhar, e em troca eu sairia com uma nova identidade. Eu sabia que levaria tempo, mas eu nunca pensei que levaria três anos. Eu passei esses anos sendo quem eu sempre quis ser com você. Precisando que você finalmente conhecesse o homem que você sempre quis. Deixei-me realmente estar com você, pela primeira vez. Eu não dava mais a mínima. Certo ou errado. Você era minha. Fim da história. —Eu revelei, colocando todas as minhas cartas sobre a mesa. —Cariño, tentei lhe dar pistas da única maneira que eu podia. Esperando que talvez você fosse pegar. Você nunca o fez. Dylan, Austin e Leo sabiam desde o início. Eles me ajudaram com tudo. Briggs sabia que algo aconteceria, mas ela não sabia os detalhes. É por isso que eles a deixaram ir.

—Eu vi você... com a mulher, ela estava em sua cama. Ela estava com você o tempo todo. Os Jornais...

—Você viu o que eu queria que você visse. A mulher nos meus braços é uma VIP. Ela é uma porra de uma acompanhante. Eu precisava ter meus inimigos me vendo com outra pessoa. Para sua segurança, eu precisava tirar a atenção de cima de você. Era a única maneira que eu poderia protegê-la. O dia em que você entrou na minha casa foi planejado. Eu precisava que você me odiasse. Eu precisava atrair você. Eu precisava seduzi-la para puxar esse maldito gatilho. Isso foi tudo encenado. Eu queria que você atirasse em mim. É por isso que eu fui tão cruel, dizendo coisas que eu não queria dizer. Eu nunca...

—A cruz de sua mãe. Ela estava usando-a. Eu vi...

Puxei-a para fora da minha camisa de colarinho. —Esta?

Ela arregalou os olhos em descrença.

—Ela nunca usou essa cruz. Eu fiz uma cópia. Eu nunca quis te machucar novamente. Matou-me por dentro ter que fazer isso para você. O dia do batismo de Michael, Dylan me disse que eu tinha três meses para conseguir isso. E eu estava dizendo a ele e Austin que eu não achava que poderia fazer isso mais.

—Meu Deus. Antes de Creed invadir o local. Isso é o que você estava falando? Eu ouvi você. E quando eu vi você ter uma conversa profunda com Briggs, você estava dizendo a ela?

Eu balancei a cabeça.

—É por isso que você me ligou? Você mudou durante a noite... Achei que você estava tendo dúvidas sobre nós. Eu pensei...

—A única coisa que me manteve foi o resultado final.

—Alejandro, eu poderia tê-lo matado.

—Era um risco que eu estava disposto a correr.

—Por quê?

Eu fiquei de pé, caminhando até ela. Ela me olhou com cautela, mas não recuou. Eu não podia culpá-la por me olhar desse jeito. Eu

merecia isso e muito mais. Fiquei surpreso que ela ainda me deixou dizer tudo o que eu precisava. Não que eu tivesse lhe dado uma escolha. Sentei-me na beira da cama, com pouca distância entre nós.

Ela engoliu em seco, esperando pela minha resposta. Eu não vacilei, tirando a cruz do colar da minha mãe. —Porque isso me daria você. Eu poderia queimar meu passado. E ter um futuro fresco com você. Eu não podia trazê-la para esta vida, Lexi, mas eu podia fazer você me levar para longe dela. Eu tive que fingir minha própria morte. Eu mantive o seu perfume como meu talismã. —Eu murmurei, acariciando o lado de seu rosto. Tentando aliviar sua ansiedade com o meu toque. —Eu dei a minha vida e alma para estar com você. Eu quero você, tem sido só você. Eu não ligo para onde iremos, ou o que vamos fazer. Você é o meu começo e meu fim.

Ela fechou os olhos, lágrimas caindo de seu belo rosto. Eu coloquei o colar em volta do seu pescoço. Sussurrando em seu ouvido.

—Isso irá protegê-la. Mesmo quando eu não puder.

—O que acontece agora? —Ela perguntou com a voz trêmula, colocando a cruz em sua mão. Seus olhos ainda fechados.

—Agora. Eu vou embora.

Ela instantaneamente os abriu. Enfiei a mão no bolso do meu paletó, lhe entregando um envelope. Ela o olhou antes de tirá-lo da minha mão, abriu e leu.

—Itália? —Ela declarou como uma pergunta.

—É uma passagem só de ida, você pode usá-la quando estiver pronta. Eu quero que você venha em seus próprios termos. É onde eu vou começar minha nova vida, rezando para que você esteja ao meu lado no lugar que você sempre sonhou em viver. Tudo o que você precisa saber está nesse envelope. Incluindo onde me encontrar. Meu destino está literalmente em suas mãos. Sempre esteve em suas mãos. Eu vou esperar por você pelo resto da minha vida se isso é o que for preciso. Eu sinto tanto, cariño. Se você puder me dar uma chance, se você puder me perdoar, eu vou passar o resto da minha vida

compensando isso para você. Eu prometo.

—Alejandro...

Ela chorou, sobrecarregada com suas emoções.

—Eu preciso de algum tempo para pensar em todas essas informações. É tudo tão esmagador. Eu pensei que tinha te matado, eu estava prestes a me entregar. Minha vida tem sido nada além de dor de cabeça com pitada de felicidade. E não é só eu.... —Ela começou a soluçar mais forte. —Eu não sei se posso te perdoar, Alejandro. Você quebrou meu coração mais do que uma vez. Tem sido demais. Eu não acho que possa passar por isso. Eu não acho que eu posso perdoá-lo neste momento.

Eu a puxei para os meus braços, segurando forte. Precisando senti-la, abraçá-la, confortá-la.

Porra, precisando amá-la.

— Eu te amo, Lexi. Eu te amo a cada respiração que dou. Com cada batida do meu coração, o meu futuro pertence a você. *Para siempre*. —Eu sussurrei em seu ouvido. —Por favor, encontre em seu coração razão para me perdoar. Eu preciso de você. Eu não posso viver sem você. Eu tentei... —Eu sussurrei, tentando me segurar. —Leve o tempo que você precisar, mas, por favor, venha para mim. —Eu a segurei enquanto pude, mas não foi o suficiente. —Eu tenho que ir. Eu só tinha um pouco de tempo, e eu já passei da cota. —Eu beijei a testa dela, desejando beijar seus malditos lábios. Segurando o meu futuro em meus braços.

Nós nos olhamos.

Não havia muito mais que eu quisesse dizer. Fiz tudo o que pude para não jogá-la sobre meu ombro e arrastá-la para o avião comigo. Isso precisava ser sua escolha, eu não poderia tomar decisões por ela. Eu dei uma última olhada para ela.

Silenciosamente esperando...

Este não era o fim da nossa história de amor.

E eu saí.

Capítulo 43

Martinez

Três meses se passaram e eu não tinha visto ou ouvido falar de Lexi. Quando cheguei à Itália, me certifiquei de ter tudo pronto para ela. Tudo o que ela poderia querer ou precisar, esperando por ela como um homem desesperado. Ela não veio. Velhos hábitos custam a morrer, porém, e eu ainda tinha Leo olhando por ela. Na esteira da minha morte, eu não sabia o que poderia acontecer. Eu sempre mantive Lexi longe da imprensa, sem qualquer associação comigo, exceto Leo. Só porque a maioria dos meus inimigos estava apodrecendo atrás das grades, graças a mim, não significava que ela não poderia ser pega no fogo cruzado.

Ele nunca soube de muitos detalhes, nossas conversas tinham que ser curtas. Ele só me garantiu que ela estava segura. Ainda vivendo naquela porra de apartamento de merda em Manhattan, em vez de estar no paraíso comigo. Durante os três anos que o FBI estava coletando informações, disfarçado, deixando tudo em ordem para os mandados de busca para as prisões, tive a certeza de colocar todas as minhas finanças em ordem antes que eu tivesse que desaparecer. Foi por isso que eu passei tanto tempo trabalhando.

Leo tinha acesso a todos os meus fundos, fazendo o que sempre fez por mim. Ter a certeza de que eu ficaria rico pra porra. Ele abriu várias contas bancárias não rastreáveis, levando meu dinheiro para as Ilhas Cayman e Suíça. Onde o governo dos Estados Unidos nunca poderia tocá-lo. Ele abriu fundos fiduciários para a minha sobrinha e sobrinho, Amari e Michael. Suas faculdades, casamentos e qualquer merda que possam precisar seriam fornecidos e cuidados. Briggs não estava feliz quando eu lhe disse que tinha aberto um fundo fiduciário para ela também, mas ela sabia que era melhor não discutir comigo sobre isso. Eu ainda não tinha dito a verdade sobre seu pai, eu não queria estragar a ilusão do pai perfeito que ela tinha em sua memória. Eu já tinha criado muita negatividade em sua vida. Eu estava à espera de Lexi, para ver se ela queria continuar, e dizer a Briggs que elas eram

meias-irmãs. Se ela ainda quisesse dizer realmente.

Leo abriu outra conta para Lexi, no caso dela um dia precisar de qualquer coisa, estaria à sua disposição. Eu comprei uma casa na costa de Amalfi, a direita de um penhasco como Lexi queria. Eu passei cada noite na varanda olhando para as estrelas, esperando que ela viesse para mim. Eu não podia esperar para mostrar a vista para ela, segurá-la em meus braços e assistir as estrelas cadentes. Como as noites que passamos na Colômbia anos atrás. Achava que depois que eu deixasse o meu passado para trás, eu finalmente ficaria em paz. Possivelmente até mesmo ser capaz de dormir. Não tinha acontecido. E quanto mais o tempo passava, comecei a pensar que nunca o faria. Eu me encontrei desistindo de toda a esperança de que ela me perdoaria. Deus sabe que eu não a merecia.

Apenas algumas das minhas conexões mais próximas sabiam que eu estava vivo, homens que eu sabia que podia confiar. Se eles precisassem de qualquer coisa, eles sabiam que tinham que chamar Leo, e ele me passaria o recado. Ninguém sabia onde eu estava ou como me alcançar, exceto Leo, Briggs, e Austin. Eu acho que Amari já estava implorando a seus pais para virem me ver, e eu estaria mentindo se eu dissesse que não sentia falta deles. Não havia mais nada para fazer com os meus dias além de pensar neles.

Nela.

—*Signore*, você aqui de novo? — Rosa, a proprietária disse com um sotaque italiano.

Ela era uma mulher pequena, italiana, em seus meados dos setenta anos, que de pé chegava talvez na minha cintura. Havia algo sobre esse lugar que me fazia voltar todos os dias. Era um pequeno restaurante em uma rua de paralelepípedos da cidade. Isso me lembrava de uma pizzaria em Manhattan, com suas mesas forradas com toalhas xadrez de vermelho e branco, e uma rosa em um vaso vermelho.

—Como é que você está sozinho? Toda noite você vem. Você bebe. Você come. Você bebe mais. *Si fuma una cigaretta*. Você não dá nenhum sorriso. Você não sorri. Você não conversa. Mas novamente

você vem. Mesma coisa. Onde está a *signora*?

—Não há *signora*, Rosa. —Eu respondi, dando mais um sopro em meu charuto.

—Não há *signora*? Você é tão bonito. Eu tenho uma sobrinha. Bonita. Bellissima. —Ela beijou os dedos. —Eu a apresento.

—Não, Rosa. Eu tenho uma mulher. Uma que... —Eu respirei fundo. —Me consome.

—Ah, *signore,* você está apaixonado. *L'amore*! —Ela mexeu as sobrancelhas, me fazendo rir. —Onde está essa mulher? Ela nunca veio aqui.

Eu tomei um gole do meu vinho. —Eu gostaria de saber, Rosa.

—Você não se preocupe. Você está na Italia. *Paradiso di amore*! Ela virá até você. Quando ela estiver pronta.

Eu balancei a cabeça. —Isso é o que eu estou esperando.

—Você janta. Você bebe. Você come. Nenhum pagamento.

—Rosa, você não...

—*Signore*, eu tenho idade suficiente para ser sua mãe. Nós *famiglia* agora.

Eu sorri. Eu não pude me conter. Imediatamente pensei no porque Lexi queria viver aqui, porque as pessoas eram acolhedoras e amorosas.

—Aqui está. —Ela pegou meu rosto entre as mãos. —O sorriso. Um homem tão bonito. Quanto *è bello*. Você confie no amor. Ela virá. Eu sei. —Ela beijou minha cabeça e saiu.

Eu matei duas garrafas de vinho e abri outra quando cheguei em casa. Fui para a varanda apenas quando o sol estava prestes a se por. Sem me preocupar em pegar um copo. Eu deitei na espreguiçadeira, ouvindo a música italiana tocar a distância. Havia sempre algum tipo de festa ou festival acontecendo na área. Meus pensamentos vagaram,

imaginando Lexi e eu dançando em volta da varanda, despreocupados. Desejando que eu tivesse dançado com ela mais quando estávamos juntos. A noite assumiu, a música mudou para uma melodia romântica e tudo que eu podia imaginar era deitá-la na espreguiçadeira, e passar horas compensando nosso tempo separados. Sacudi o sentimento, tomando outro gole da garrafa de vinho. Me entorpecendo com álcool, olhando para as estrelas. Querendo saber se ela já olhou para o mesmo céu de noite pensando em mim.

A brisa do ar fresco, o vinho, a comida, a exaustão, finalmente ganharam e eu caí em um sono profundo. Sonhando com seu rosto, ouvindo a voz dela, seu cheiro em tudo ao meu redor.

—Lexi... eu te amo...—Eu gemi em meu sono.

—Eu também te amo.

Meus olhos abriram, piscando algumas vezes. Pensando que minha mente estava pregando peças em mim, ou o vinho foi direto para a minha maldita cabeça.

—Eu estou aqui, Alejandro. —Lexi anunciou.

Ela estava sentada na cadeira ao meu lado. Parecendo uma deusa do caralho. Sua pele estava brilhando. Seus olhos verdes estavam brilhando tanto. Seu cabelo macio, sedoso, estava solto, soprando ao vento. Ela estava usando um vestido largo amarelo.

Meu pau, porra, contraiu-se ao vê-la.

—Jesus Cristo, você está ainda mais impressionante do que eu me lembro.

—Eu fui até ela, estendendo a mão para sua cintura. Não querendo desperdiçar mais um segundo sem tocá-la. Ela colocou as mãos para cima, me parando.

—Lexi, eu não vi ou a senti faz tanto tempo, porra. Por favor, pelo menos, venha para os meus braços. —Eu estreitei os olhos para ela.

Ela sorriu timidamente, dizendo. —Nós precisamos conversar.

—As primeiras palavras que cada homem quer ouvir, cariño.

—Ok... Então eu preciso falar com você e você precisa ouvir. Eu sei como isso é difícil para você, mas...

Eu não vacilei, afirmando. —Feito. —E eu a puxei para mim.

Lexi

Ele foi implacável. Quando Martinez queria algo, não havia como parar o homem. Ele era insaciável. Ele me puxou para frente, me fazendo escarranchar em sua cintura. Suas mãos imediatamente viajando até minhas coxas.

Eu o parei novamente.

Ele sorriu, me devorando com os olhos. —Você disse que eu precisava ouvi-la, não que eu não poderia tocar em você.

—Alejandro... —Eu avisei com voz severa.

Ele relutantemente colocou os braços atrás da cabeça, o que só o fez parecer mais apetitoso. Quebrando minha decisão. Ele arqueou uma sobrancelha quando percebeu que eu estava pensando.

—Está tudo bem, querida. Eu quero que você me toque.

Eu balancei a cabeça, tentando segurar uma risada. —Isso não

está acontecendo como eu planejei.

—Eu...

—Sem falar. —Eu coloquei minha mão sobre sua boca. —Só ouça. Há muita coisa que eu preciso dizer a você antes que você venha com essa fala doce de volta para a minha vida novamente. —Ele beijou minha mão, beliscando enquanto ele piscava para mim.

Eu dei uma distância. —Em primeiro lugar, você precisa saber que estou aqui sob certas condições. Sendo que uma delas, que o nosso relacionamento vai permanecer estritamente platônico.

Sua mandíbula apertou.

—Eu passei os últimos três meses indo e voltando com o que devo fazer sobre você. Sobre nós. Pesando os prós e os contras de vir aqui. Antes de eu saber o que eu estava fazendo, eu me encontrei no aeroporto. Embarcando em um avião para a Itália. Os prós superaram os contras em um sentido.

Ele sorriu, estendendo a mão para mim novamente.

—Espere, deixe-me terminar. —Eu interrompi, parando suas mãos. —O que eu vou dizer em seguida pode feri-lo, mas neste momento... Eu realmente não me importo. Eu não confio em você o suficiente para não me machucar novamente. Você quebrou meu coração mais vezes do que eu gostaria de contar. Na verdade, outras mulheres, provavelmente, me diriam que eu sou louca por ainda estar aqui. E elas provavelmente estariam certas.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas rapidamente a fechou quando eu lhe dei outro olhar de advertência.

—Você é um idiota, Martinez. Um desgraçado. Você me tratou como merda e quando tudo que eu fiz foi amar você. Eu entendo por que você fez isso, agora. Eu entendo que você precisava me afastar. Mas isso não muda o fato de que você me machucou. Isso não tira a dor que infligiu, as memórias que vou sempre lembrar, e as noites que eu chorei até dormir. Sozinha.

Ele não fez uma careta tentando esconder como ele normalmente faria.

—Com isso dito, você também salvou a minha vida mais vezes do que eu, provavelmente saberei. Você me protegeu, me guardou, cuidou de mim. De um modo torcido, você era como meu anjo da guarda. Eu não posso ignorar isso, e eu não vou. O que você fez para mim quando eu era criança... —Meus olhos começaram a lacrimejar. —A primeira vez que o monstro entrou no meu quarto, eu estava dormindo. Acordei com o cheiro forte de uísque pairando sobre mim. Ele me chamou de Sophia uma e outra vez enquanto eu sentia suas mãos percorrendo todo o meu corpo. —Eu tremi, um calafrio correndo por mim. Sacudindo as imagens, eu continuei. —Eu queria que ele sofresse. Eu queria que ele morresse. Foi a primeira vez que eu experimentei o verdadeiro mal neste mundo. Me fazendo perceber que o tempo todo em que estive com você, Alejandro, em seu mundo, eu nunca me senti tão segura.

A expressão séria no seu rosto me cativou de uma forma que eu nunca tinha experimentado antes. Isso apenas aumentou as emoções que corriam entre nós.

—Você fez com que eu acabasse em um lar adotivo decente, pagando pela minha faculdade, me dando dinheiro extra para viver, me salvando de Nikolai, o meu estúdio de ballet em sua cobertura, cuidando de mim depois do meu acidente, gastando Deus sabe quanto dinheiro com os melhores médicos, os melhores cuidados médicos, o meu estúdio de ballet, e tudo mais no meio disso. Suas ações falaram mais do que palavras. Você pode ter me machucado emocionalmente, mas você sempre cuidou de mim fisicamente. Não importando o que, sem perguntas. —Eu expressei, precisando colocar tudo para fora.

Seus olhos serenos, calmos encontraram os meus, acendendo um fogo dentro de mim. Ele não estava olhando para mim. Ele estava olhando através de mim. Exatamente do jeito que ele sempre fez.

Eu olhei profundamente em seus olhos. —Você foi o vilão em sua própria história, Martinez. Na minha, você sempre foi meu herói. —Lágrimas deslizaram pelo meu rosto e ele as enxugou todas. Passando os dedos calejados em todo meu rosto. Empurrando o cabelo para longe

dele.

Eu queria ficar perdida em seus olhos naquele momento. Saborear a maneira como ele estava olhando para mim, a maneira como ele puxava todos os sentimentos do meu corpo, como se pertencesse a ele. Eu me afastei de seu alcance, sentindo falta instantaneamente de seu calor. Seu toque. Seu amor. Eu precisava terminar o que eu estava tentando dizer a ele.

—Todo o bem que você fez por mim, ultrapassou o mau. Essa é uma das razões porque eu estou aqui. Eu devo isso a nós para ver onde isso pode ir sem quaisquer demônios sobre nossos ombros. Não há passado nos assombrando. Novo começo. Novos começos.

Respirei profundamente, nervosa para o que eu ia dizer em seguida. O que eu já divulguei foi a parte fácil. Eu não tinha chegado ao mais importante ainda.

—A próxima e mais importante razão... é porque eu devo isso a nossa filha.

Ele ficou em silêncio pela primeira vez na história. Seu rosto estava completamente vazio de qualquer emoção.

Eu deixei. —Ela merece conhecer seu pai. Ela merece uma família. A que eu nunca tive. A que eu realmente quero tentar dar a ela, com você, é claro.

Mais silêncio.

—Você me ouviu, Alejandro?

Seu olhar caiu para a minha barriga mal inchada, deixando os olhos permanecerem ali por alguns segundos, olhando de volta para o meu rosto. Ele murmurou. —Você está grávida?

Eu balancei a cabeça.

—Você está grávida? Certeza? Isso...

Virei, pegando minha bolsa da mesa. Retirando a imagem de

ultrassom, eu a coloquei entre nós.

—Eu estou de dezoito semanas. Ela é saudável. Eu não tive nenhuma complicação, apenas um pouco de enjoo matinal durante o primeiro trimestre. Mas estou bem agora. Comecei a sentir seu chute na semana passada. Eu queria que você pudesse ter estado... —Eu não terminei o que eu estava prestes a dizer, sem pensar a quem eu estava dizendo isso.

Ele não parou de olhar a imagem em seu peito. Como se ele não estivesse ouvindo uma palavra do que eu estava dizendo. —Então, você estava grávida da última vez em que te vi?

—Sim. Descobri naquele dia. Eu estava realmente dormindo com aquela foto. Ela caiu no meio da cama e mesa de cabeceira.

Ele olhou para mim. —Você esteve grávida esse tempo todo, porra? E não achou que eu tinha o direito de saber? —Ele questionou com tanta dor em seus olhos.

—Claro que você tinha. Eu estava apenas... —Engoli em seco, ele abruptamente nos virou.

Ele se inclinou perto do meu rosto, todo o seu corpo pairando acima de mim. Olhando para baixo com uma expressão que eu não poderia entender.

—Você está carregando meu filho, uma vida que criamos, e você esperou até agora para me dizer? O que é essa besteira sobre ela merecer conhecer seu pai?

—Eu...

—Ela deveria ter me conhecido a partir do dia um, Lexi. Você tem sorte que você está grávida, ou eu a colocaria sobre o meu maldito joelho, e bateria em sua bunda até minha mão arder e suas nádegas estarem brilhantes e vermelhas.

Meus olhos arregalaram-se. —Ale...

Ele inclinou a cabeça para o lado, me silenciando. —Eu vou te

dizer como isso vai acontecer. Eu vou perdoá-la por esconder o fato de que você estava grávida. Colocando a vida do meu bebê, da menina, em perigo.

—Ela nunca esteve... — Seu dedo desceu em meus lábios, me silenciando novamente.

—E você vai me perdoar. Nós vamos começar de novo. Nada dessa besteira de platônico e ver onde isto vai dar... —Ele fez um gesto entre nós. —Porque o único lugar para o qual você vai, agora, é pro quarto para que você possa sentar-se no meu rosto e eu possa foder você com a minha língua. Se você for uma boa menina, eu vou deixar você gozar.

Minha boca se abriu, liberando o ar que eu não sabia que estava segurando.

—E eu vou ganhar de volta sua confiança. Eu nunca vou te machucar novamente, cariño. Eu prometo a você pela vida da nossa filha, você sempre foi meu mundo. Agora ela vai ser também. —Ele colocou a mão na minha barriga sentindo pela primeira vez. —Mas se você esconder algo assim de mim novamente, eu não hesitarei em lembrá-la do que é ter a palma da minha mão contra sua maldita bunda.

Ele não me deu chance de responder antes de sua boca estar na minha. Colando nossos lábios, beijando suavemente, com adoração, com fervor. Saboreando cada toque, cada empurrar e puxar, cada movimento dos meus lábios trabalhando contra os seus. Foi um acúmulo gigantesco de meses dele querendo sentir a minha boca na dele. Beijando-me mais profundo, mais forte, e com mais determinação.

A paixão e o desejo que irradiavam dele enviaram espasmos pelo meu corpo. Imediatamente me deixando molhada. Eu não conseguia segurar por mais tempo. Coloquei meus braços ao redor de seu pescoço quando ele me empurrou ainda mais para a espreguiçadeira, instantaneamente me pegando como se eu não pesasse nada. Agarrando minha bunda enquanto eu envolvia minhas pernas em volta de sua cintura, ele me levou para o quarto. Nossas bocas nunca deixando de se devorar.

Ele resmungou, deslizando sua língua pelos meus lábios novamente. Mexendo de forma que roçasse minha buceta contra seu pênis. Tinha passado muito tempo desde que eu senti esse atrito com ele. Ele segurou na parte de trás do meu pescoço, trazendo mais perto, mas ainda não perto o suficiente. Não havia espaço ou distância entre nós, apenas a pequena barriga de grávida entre nossos corpos vorazes, enquanto ele me deitava na cama.

—Eu te amo. —Ele sussurrou entre beijos.

—Eu também te amo. —Eu murmurei, sem romper nossa conexão. —Eu quero você.

—Você me tem. —Ele gemeu. —Você sempre me teve, caralho.

Meu vestido, sutiã e calcinha estavam fora em segundos. Ele beijou meu corpo, lentamente, saboreando a sensação da minha pele quente contra os lábios frescos, parando quando ele estava no meu estômago. Olhei para ele, vendo enquanto ele carinhosamente esfregava ao longo de toda a minha barriga, beijando cada polegada.

—Sinto muito por tudo o que eu fiz a sua mãe passar. Eu prometo que vou fazer as pazes com ela sendo o melhor pai que eu posso ser. Eu já te amo tanto, mi niña bonita.

Meus olhos lacrimejaram novamente, ouvindo-o falar com a nossa menina.

—Você vai ser uma Martinez, porque sua mãe vai se casar comigo. —Ele murmurou do nada.

—Ale... — Sua boca chocou-se com a minha novamente, tendo tudo o que eu estava dando a ele.

Ele murmurou. —Isso não foi uma pergunta.

Ele passou o resto da noite fazendo amor comigo. O início do nosso futuro.

Finalmente, oficialmente juntos.

Epílogo

Lexi

—Alejandro. —Eu gritei, entrando na sala de estar. Apenas chamando pelo seu nome real na privacidade de nossa própria casa. Um novo nome veio com sua nova identidade, mas ele seria sempre Alejandro Martinez para mim.

Eu passei a manhã toda no meu estúdio de ballet, que ele tinha construído sob encomenda em nossa casa, tentando perder o peso do bebê. O estúdio já estava aqui antes que eu voasse para a Itália para estar com ele. Ele disse que foi uma das primeiras coisas que ele tinha feito quando ele comprou a casa. Querendo me surpreender, se e quando eu viesse. Tínhamos mais espaço do que nós precisávamos. A casa era enorme, linda, estilo mediterrâneo, situada em um penhasco com vista para a água.

Adriana Daisy Martinez nasceu há três meses, às três da manhã, no conforto da nossa própria casa. Não importava seu sobrenome, ela não estava ligada a “Alejandro Martinez” o chefe do crime falecido. Ele não aceitaria outra coisa, sua filha seria uma Martinez. Demos a ela o nome da mãe de Alejandro e de Briggs, duas das mulheres mais importantes na sua vida, além de Adriana e eu. Ela pesava três quilos e oitocentas gramas quando nasceu, e tinha uma cabeça cheia de cabelo preto escuro e brilhante, com olhos verdes tentadores como os de seu pai. Eu fiquei em trabalho de parto durante doze horas e Martinez nunca deixou meu lado por um segundo. Segurando minha mão durante a dor, respirando junto comigo. Ajudando a parteira a fazer o parto de nossa menina. E, assim como seu pai, ela nunca dormia à noite, mas não tinha problema em dormir durante o dia. Austin, Briggs, e as crianças voaram para o nascimento de Adriana, e Amari não poderia ter ficado mais feliz de ter uma menina como prima.

Martinez me deixou decidir o que eu queria fazer. Se eu diria a Briggs a verdade sobre o nosso pai. Depois de pensar e considerar, decidi que queria que ela soubesse que eu era sua meia-irmã. Mesmo

sabendo que uma parte dela estaria de coração partido ao saber que seu pai não era o homem ao qual ela se lembrava. Martinez e eu sentamos com ela e Austin, quando eles vieram nos visitar alguns meses depois que me mudei para a Itália. Ela recebeu a notícia mais forte do que eu imaginava, mas ela também estava feliz em saber que tinha outro membro da família neste mundo que não só seu tio.

Eu nunca disse a ela a verdade por trás da morte de seus pais. Não havia nenhum ponto em quebrar seu coração novamente. Não traria seus pais de volta, e isso só tiraria a única família que Martinez tinha deixado no mundo. Ela nunca o perdoaria se ela soubesse a verdade. Eu não podia fazer isso com ele. Era um segredo que eu levaria para o túmulo.

—Aqui está você... —Eu parei.

Ele estava desmaiado no sofá com uma Adriana sonolenta em seu peito. Ela parecia tão pequena contra ele. Ele tinha os braços firmemente em volta dela, segurando-a perto de seu coração. Seu bebê tinha me substituído, e eu não teria feito de outra maneira. Ambos pareciam tão calmos juntos, eu não pude deixar de ficar lá e ver os meus belos adormecidos.

Ele se mexeu, abrindo os olhos serenos, calmos. Olhando com adoração para mim com um sorriso travesso. Ele ainda amava me ver no meu traje de ballet, e se ele não estivesse segurando a outra menina de sua vida, ele teria aproveitado.

—Bem. Olá, Sra. Martinez.

Eu sorri, inclinando contra a parede. Amando que ele ainda me chamasse assim. Eu preferia isso ao nosso novo nome.

Nós nos casamos algumas semanas antes de eu dar à luz. Tivemos um casamento íntimo na praia perto da nossa casa. Apenas ele e eu. Ele foi inflexível sobre Adriana ser nascida em uma família conjugal. Dizendo que tipo de exemplo estaríamos dando, se seus pais não fossem casados quando ela nascesse. Não que isso importasse. Ele não permitiria que ela namorasse, muito menos se casasse. Eu já me

sentia mal pelo pobre menino que se apaixonaria por ela. Ele teria de responder a Martinez. O pensamento era assustador.

Adriana o tinha preso pelo seu dedo mindinho, e ela sabia disso. Depois de todos esses anos, eu acordava todas as manhãs com ele deitado ao meu lado. Nunca sozinha. E uma vez que Adriana nasceu, ele tinha seus braços cheios. Na maioria das vezes eu ficava envolta em um lado de seu corpo e ela no outro.

Ele finalmente dormiu.

Claro que, tanto quanto um recém-nascido permitia. E isso não era muito.

—Há quanto tempo ela dormiu? —Perguntei, ficando ao lado dele no recanto de seu braço. Ele me puxou mais forte.

—Eu a fiz dormir há pouco tempo. —Ele respondeu, grogue, beijando o topo da minha cabeça.

—Parece que ela fez você dormir também, homem velho. —Eu ri, amando que o homem que nunca dormiu antes já não tinha esse problema.

—Este velho acabou de trabalhar duro com você esta manhã. Vou me lembrar disso hoje à noite quando você estiver implorando pelo meu pau.

—Martinez. —Eu rosnei, inclinando para olhar nos olhos dele. —É esse o jeito que você fala com nossa filha em seus braços? Ela vai crescer e amar um cara com a boca suja, espere pra ver.

—Não que eu tenha algo a ver com isso. Ela não vai namorar nunca. E se ela namorar, eu vou colocar uma bala nele.

Meu queixo caiu.

—Estou brincando. Relaxe. Venha aqui.

Eu me derreti contra ele mais uma vez.

—Eu só vou mandar alguém fazer isso.

Eu tentei olhar de volta para ele, mas ele riu, me segurando para baixo. Passamos o resto da tarde, dormindo no sofá.

Todos juntos.

Martinez

Minha vida tinha feito uma volta completa de trezentos e sessenta graus. Eu tinha tudo que eu sempre quis, nunca em um milhão de anos, imaginei que eu poderia realmente merecer. Com a minha nova identidade, veio a minha nova vida.

Meu futuro.

—Como é que algo tão grande saiu de algo tão pequeno? —Perguntei para Adriana enquanto eu trocava sua fralda.

Ela balbuciou, chutando as pernas gordinhas. Ouvindo tudo o que eu estava dizendo, como se fosse a coisa mais importante no mundo. Sua mãe ainda me olhava assim também. Eu não podia deixar de sorrir para a vida que criamos juntos. Ela era tão perfeita. Com seu cabelo negro como a noite e cílios longos.

—Eu não fui sempre este gatinho... —Eu me peguei dizendo. —...

este bobalhão que você vê na sua frente, *mamita*. Seu pai costumava ser temido, ninguém mexia com ele e vivia para contar a história. Eu entrava em uma sala e todos se curvavam. Especialmente as mulheres, mas elas se curvavam de outras maneiras. Maneiras que você nunca vai fazer, ou eu vou cortar as bolas do homem sem hesitação. Você lembre-se disso, mi niña bonita, Adriana.

Ela sorriu e isso iluminou todo o seu belo rosto.

—Mas nenhuma delas importava, porque elas não eram sua mãe. Ela é a única mulher que já me teve pelas bolas, mas não diga isso a ela. Ela vai deixar isso subir para a cabeça, bem rápido. —Eu sussurrei, fechando seu macacão.

—Um dia, quando você for mais velha, vou lhe contar tudo sobre como nos conhecemos. O quanto eu a protegi e a amei imediatamente. Exatamente do jeito que eu fiz com você. —Eu a peguei, colocando no meu peito, beijando sua pele macia de bebê. Virei para encontrar Lexi de pé na porta, balançando o monitor do bebê em sua mão.

—Eu possuo as suas bolas, hein? —Ela sorriu. —Vou ter que me lembrar disso na próxima vez que você vier com qualquer merda.

—À direita e a esquerda. Desde que você as coloque em sua boca, eu acho que conta para alguma coisa, certo?

Seus olhos arregalaram-se. —Meu Deus! Você arruinou tudo! Você é um merda!

Eu beijei seus lábios. —Você engole. —Ela tentou bater no meu braço, mas eu peguei seu pulso.

—Você beija sua filha com essa boca suja?

—Eu a beijo com ela. —Eu aprofundei o nosso beijo. —Eu te amo, cariño. Te amo.

Ela sorriu, agarrando Adriana dos meus braços. Ela deu uma mamadeira, embalou-a e, em seguida, colocou-a na cama. Depois do banho, eu joguei uma toalha em volta da minha cintura e entrei no quarto

de Adriana. Dando ao meu anjo um último beijo antes de dormir. Fazendo o sinal da cruz sobre seu corpo como minha mãe costumava fazer em mim todas as noites quando era criança. Eu sussurrei. —Eu te amo. —Antes de calmamente fechar a porta. Ansioso para ir me perder dentro da minha esposa, como eu fazia quase todas as noites.

Eu entrei em nosso quarto para encontrar Lexi deitada na nossa cama esperando por mim.

Vestida com uma camisola transparente, e um sorriso brilhante do caralho.

Eu sorri, inclinando contra o batente da porta, cruzando os braços sobre o peito. Dei à minha esposa sexy a porra de um olhar predatório. Larguei minha toalha, agarrando meu pau em uma das mãos para acariciá-lo.

—Eu vou deixar você possui-lo esta noite. Eu sei o quão feliz ele pode fazê-la.

Ela lambeu os lábios, chupando o inferior entre os dentes. De olho no meu pau.

Eu fui até ela, cada passo preciso e calculado. Parando para rastrear um caminho em seu corpo. Beijando cada polegada de sua pele. Seu peito subia e descia quanto mais perto eu chegava, de onde ela mais me queria. Sua buceta. Lambendo ao longo das costuras de sua calcinha, enganchei os dedos nos lados, deslizando lentamente para baixo de suas pernas. Voltei para devorar sua buceta doce, até que ela estava gritando meu nome.

—Cariño... — O telefone tocou, me cortando.

Lexi sentou-se, olhando para mim com cautela. Segurando seu peito, e a cruz que ela nunca tirou até hoje. Ninguém chamava nesse telefone, nunca. Ela estendeu a mão agarrando da mesa de cabeceira, me entregando.

Eu atendi, não lhe dando um segundo pensamento. —É melhor que seja uma maldita emergência. —Eu cerrei os dentes ao telefone.

—E aí cara. Sinto mu...

—Leo? É melhor que seja importante, porra. Estou passando algum tempo feliz com a minha esposa. —Eu avisei, acariciando a coxa de Lexi. Olhando para seu belo rosto, deslizando minha mão para baixo em sua buceta mais uma vez. Ela bateu na minha mão, e eu fiz beicinho para ela.

—Não brinca. Eu não estaria ligando para você se não fosse. — Ele respirou fundo. —Eu não sei como dizer isso a você, cara...

—Pare de merda. Porra, fale logo.

—Eu tenho certeza que você vai receber uma chamada de Briggs...

—Jesus Cristo, Leo. Corta o papo furado.

Ele respirou fundo outra vez, falando com convicção. — Creed acabou de ligar. É Mia. Ela desapareceu.

FIM

Notas

[←1]
Very Important Pussy – Buceta muito importante

[←2]
O Pentobarbital é um barbitúrico sintético comumente empregado como sedativo, hipnótico e antiespasmódico na forma de seus sais de sódio ou cálcio. Um dos nomes comerciais para esta droga é o Nembutal.

[←3]
Peladita é um termo carinhoso que significa menina doce, baixinha em espanhol, usado em alguns países da América Latina.

[←4]
American Ballet Theatre – Teatro Americano de Ballet

[←5]
Na verdade, a menina Amari quis dizer Uncle (tio), mas ainda não falava direito.

[←6]
Bom e velhos amigos. Deixei em inglês para enfatizar os personagens da série Good Ol´ Boys.

